REFUTAÇÃO DAS CRÍTICAS CONTRA O ESPIRITISMO;

do ponto de vista do Materialismo, da Ciência e da Religião.

Por Allan Kardec

Paulo Neto (Org.)

Copyright 2014 *by*

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

Tela do artista plástico cearense Thales Oliveira
http://1.bp.blogspot.com/-rWTz8FXBbu0/UHQp2JMOnVI/AAAAAAAAAs0/e1FOBhXtPqQ/s1600/Auto+de+F%25C3%25A9+100.jpg

Revisão:

João Frazão de Medeiros Lima

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, julho/2014.

REFUTAÇÃO DAS CRÍTICAS CONTRA O ESPIRITISMO;

do ponto de vista do Materialismo, da Ciência e da Religião.

POR ALLAN KARDEC

Se a pobreza dos argumentos contra o Espiritismo é manifesta nas obras sérias, sua nulidade é absoluta nas diatribes e artigos difamatórios onde a raiva impotente se trai pela grosseria, pela injúria e pela calúnia. (Kardec).

Revista Espírita

"A coragem das opiniões sempre mereceu a consideração dos homens, porque é prova de dignidade enfrentar os perigos, as perseguições, as discussões, e até mesmo os simples sarcasmos, aos quais sempre se expõe aquele que não teme confessar abertamente ideias que não são admitidas por todos. Nisto, como em tudo, o mérito está na razão das circunstâncias e dos resultados que podem advir. Há sempre fraqueza em recuar diante das consequências da sustentação das opiniões, mas há casos em que isso equivale a uma covardia tão grande como a de fugir no momento do combate." (Allan Kardec)

Índice

Prefácio....11
Introdução....13
Jesus ficava calado?....25
Revista Espírita de janeiro 1858....49
Os médiuns julgados....49
Revista Espírita de fevereiro 1858....54
As Manifestações dos espíritos....54
Resposta ao Senhor Vinnet, por Paul Auguez....54
Revista Espírita de abril 1858....56
Variedades....56
Revista Espírita de maio 1858....58
O falso Home....58
Revista Espírita de março 1859....61
Diatribes....61
Revista Espírita de abril 1859....65
Fraudes Espíritas....65
Revista Espírita de maio 1859....69
Refutações de um artigo de *L'Univers*....69
Revista Espírita de junho 1859....86
O músculo fanfarrão....86
Revista Espírita de julho 1859....102
Resposta à réplica do Senhor Abade Chesnel, em *L'Univers*....102
Revista Espírita de dezembro 1859....106
Resposta ao Senhor Oscar Comettant....106
Revista Espírita de janeiro 1860....116
O Espiritismo em 1860....116
Correspondência....124
Revista Espírita de setembro 1860....131
História do Maravilhoso e do Sobrenatural....131
Revista Espírita de outubro 1860....147
Resposta do Sr. Allan Kardec....147
Revista Espírita de novembro 1860....163
Carta de um católico sobre o Espiritismo....163
Revista Espírita de dezembro 1860....165
História do Maravilhoso....165
Revista Espírita de janeiro 1861....180

A bibliografia católica contra o Espiritismo.....180
Revista Espírita de fevereiro 1861.....195
Sr. Squire.....195
Penúria dos médiuns.....205
Revista Espírita de março 1861.....212
O homenzinho ainda vive.....212
Revista Espírita de abril 1861.....231
Ainda uma palavra sobre o Sr. Deschane.....231
Sr. Louis Jourdan e o Livro dos Espíritos.....235
Apreciação da História do Maravilhoso.....251
O mar, pelo Sr. Michelet.....267
Revista Espírita de julho 1861.....269
Os espíritos e a gramática.....269
Revista Espírita de novembro 1861.....272
O resto da Idade Média.....272
Opinião de um jornalista.....279
Revista Espírita de janeiro 1862.....283
Do sobrenatural.....283
Revista Espírita de fevereiro 1862.....292
O Espiritismo é provado por milagres?.....292
Revista Espírita de abril 1862.....307
Os ataques contra a ideia nova.....307
Revista Espírita de maio 1862.....311
Resposta de uma senhora a um eclesiástico sobre o Espiritismo.....311
Revista Espírita de junho 1862.....316
Eis como se escreve a história!.....316
Revista Espírita de agosto 1862.....323
Conferências do Sr. Trousseau, Professor da Faculdade de Medicina. .324
Carta do Sr. Jean Reynaud ao *Journal Des Débats*.....335
Carta ao *Jornal de Saint-Jean-D'Angely*.....338
Revista Espírita de setembro 1862.....342
Carta a um pregador, pelo Sr. Dombre.....342
O Espiritismo numa distribuição de prêmio.....349
Perseguições.....354
Revista Espírita de outubro 1862.....363
Resposta ao *Abeille Agénaise*, pelo Sr. Dombre.....363
O Espiritismo e o Espírito maligno.....369
Revista Espírita de dezembro 1862.....376
O Espiritismo em Rochefort.....376
O Espiritismo é possível?.....390

Resposta a um senhor de Bordeaux.....395
Revista Espírita de janeiro 1863.....395
Carta sobre o Espiritismo.....395
Algumas palavras sobre o Espiritismo.....398
Revista Espírita de fevereiro 1863.....401
Sermões contra o Espiritismo.....402
Sobre a loucura espírita.....418
Revista Espírita de março 1863.....431
A luta entre o passado e o futuro.....431
Os falsos irmãos e os amigos desajeitados.....439
Morte do Sr. Guillaume Renaud, de Lyon.....452
Revista Espírita de abril 1863.....458
Os sermões continuam e não se assemelham.....458
Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo.....460
Revista Espírita de maio 1863.....467
Algumas refutações.....467
Um argumento terrível contra o Espiritismo.....477
Algumas palavras sérias a propósito dos golpes de Bengala.....479
Revista Espírita de Junho 1863.....485
Algumas refutações.....485
Orçamento do Espiritismo ou exploração da credulidade humana.....497
Revista Espírita de julho 1863.....508
As aparições simuladas no teatro.....508
Primeira carta ao cura Marouzeau.....516
Revista Espírita de agosto 1863.....521
Ainda uma palavra sobre os espectros artificiais e ao Sr. Oscar Comettant.....521
Revista Espírita de setembro 1863.....527
Segunda carta ao Sr. Cura Marouzeau.....527
Sermões sobre o Espiritismo.....536
Revista Espírita de outubro 1863.....537
Da proibição de evocar os mortos.....537
Tendo Moisés proibido de se evocarem os mortos, é permitido fazê-lo? 542
Sermões sobre o Espiritismo.....546
Revista Espírita de novembro 1863.....549
Ordem do Monsenhor Bispo de Argel contra o Espiritismo.....549
Revista Espírita de dezembro 1863.....566
O Espiritismo na Argélia.....566
Elias e João Batista.....577

Revista Espírita de março 1864.....583
A jovem obsidiada de Marmande.....583
Extrato da ordem do Mons. bispo de Strasbourg.....587
Uma rainha médium.....591
Revista Espírita de maio 1864.....596
Curso público de Espiritismo em Lyon e em Bordeaux.....596
Revista Espírita de junho 1864.....603
Conspirações contra a fé.....603
Uma instrução de catecismo.....606
Revista Espírita de julho 1864.....615
Reclamação do Sr. Abade Barricand.....615
O Espiritismo em Constantinopla.....624
Extrato do Progrès Colonial, Jornal Da Ilha Maurício.....635
Extrato da *Revista Espírita D'Anvers*, sobre a cruzada contra o Espiritismo.....638
Revista Espírita de agosto 1864.....643
Resposta do redator de *La Vérité* à reclamação do Sr. Abade Barricand 643
L'Avenir.....644
Cartas sobre o Espiritismo.....646
Revista Espírita de setembro 1864.....648
Influência da música sobre os criminosos, os loucos e os idiotas.....648
O novo bispo de Barcelona.....660
Um suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo.....681
Revista Espírita de novembro 1864.....684
Um suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo.....684
Revista Espírita de março 1865.....686
Processo Hillarie.....686
Revista Espírita de abril 1865.....699
Desordem do império de Satã.....699
Revista Espírita de maio 1865.....700
Cartas do Sr. Salgues, d'Angers.....700
Revista Espírita de junho 1865.....704
Os dois espiões.....704
Nova tática dos adversários do Espiritismo.....717
Revista Espírita de outubro 1865.....726
Partida de um adversário do Espiritismo para o mundo dos Espíritos. 726
Os irmãos Davenport.....749
Revista Espírita de novembro 1865.....767
Da crítica a propósito dos irmãos Davenport.....767

Revista Espírita de dezembro 1865.....771
Modo de protesto de um espírita contra os ataques de certos jornais.771
Revista Espírita de fevereiro 1866.....777
Antropofagia.....777
Novo e definitivo enterro do Espiritismo.....783
Os quiproquós.....788
Revista Espírita de março 1866.....794
O Espiritismo e a magistratura.....794
Revista Espírita de abril 1866.....810
A Saint-Charlemagne no colégio de Chartres.....810
Carta do Sr. F. Blanchard ao Jornal *La Liberté*.....815
Revista Espírita de julho 1866.....816
Estatística da loucura.....816
Revista Espírita de setembro 1866.....829
Os irmãos Davenport em Bruxelas.....829
O Espiritismo não pede mais do que ser conhecido.....850
Os fenômenos apócrifos.....857
Revista Espírita de dezembro 1866.....872
Revista dos artigos publicados pela imprensa com relação ao Espiritismo 872
Santo Agostinho acusado de cretinismo.....884
Revista Espírita de janeiro 1867.....887
Golpe de vista retrospectivo sobre o movimento do Espiritismo.....887
Revista Espírita de fevereiro 1867.....901
O livre pensamento e a livre consciência.....901
O abade Lacordaire e as mesas girantes.....915
Refutação da intervenção do demônio.....918
Revista Espírita de março 1867.....921
Exploração das ideias Espíritas.....922
Revista Espírita de julho 1867.....928
Illiers e os espíritas.....928
Revista Espírita de outubro 1867.....941
O Espiritismo por toda a parte.....941
Revista Espírita de dezembro 1867.....952
Algumas palavras à Revista Espírita.....952
Revista Espírita de janeiro 1868.....962
O Espiritismo diante da história e diante da Igreja, sua origem, sua natureza, sua certeza, seus perigos.....962
Revista Espírita de fevereiro 1868.....984
Resumo da Doutrina Espírita.....984

Revista Espírita de abril 1868.....995
A intolerância e a perseguição em relação ao Espiritismo.....995
Revista Espírita de agosto 1868.....1003
O jornal *La Solidarité*.....1003
Perseguições.....1016
Carta do Sr. Monico.....1023
Revista Espírita de janeiro 1869.....1028
Do Espiritismo do ponto de vista católico.....1028
Processo das envenenadoras de Marseille.....1036
Revista Espírita de fevereiro 1869.....1045
Estatística do Espiritismo.....1045
O poder do ridículo.....1056
Revista Espírita de março 1869.....1064
Conferência sobre o Espiritismo.....1064
Revista Espírita de abril 1869.....1070
As conferências do Sr. Chevillard.....1070
Obras Póstumas.....1075
Curta resposta aos detratores do Espiritismo.....1075
Conclusão.....1083
Referências bibliográficas.....1084

Prefácio

Paulo da Silva Neto Sobrinho, mineiro de Guanhães, pesquisador de robusta inteligência, infatigável divulgador do Espiritismo, autor de vários livros, elencou na obra "Refutação das Críticas contra o Espiritismo" os apontamentos do Codificador, contidos na coleção da Revista Espírita. Listou ainda, reforçadas narrativas dos evangelistas, mirando comprovar que Jesus jamais contemporizou com os agressivos opositores. Evidencia com rara precisão que as lideranças religiosas da época (escribas, fariseus, saduceus, sacerdotes e anciãos do povo) não deram tréguas a Jesus e o Mestre jamais ficou silencioso, rebatendo amorosa e energicamente os adversários da Boa Nova.

Destaca que o mestre lionês desejou publicar uma obra sobre o assunto, todavia, não logrou levar avante o projeto. Deste modo, Paulo Neto examinou nos exemplares da Revista Espírita todas as "falas" de Kardec e as de outros autores que refutam as críticas contra o Espiritismo, o que inspirou a confecção de "Refutação das Críticas…" a cujo prefácio nos confiou.

Como disse, o autor é um dos intelectuais espíritas que mais apreciamos, pela capacidade de reunir e divulgar

pujantes mananciais doutrinárias, tendo em mira o oportuno debate sobre diversas questões controversas. Nesse caso e por não se conformar com a inércia da liderança do movimento espírita atual, em relação aos ataques ao Espiritismo, propõe responder aos adversários com inteligência, altivez e decoro.

Por muitos anos manteve silêncio sobre a questão da defesa doutrinária, lembra Paulo Neto no transcurso da obra, porém, agora, deliberou advogar os princípios da Terceira Revelação ante os contumazes contendores, assegurando que nem Jesus e nem Kardec emudeceram diante dos inimigos da Verdade.

Sentindo-nos intensamente honrado ao anotar este desvalido introito, confessamos que nos deparamos diante de admirável conteúdo provindo de corajosa escavação doutrinária, certamente um dos mais extraordinários documentos espíritas que lemos sobre matéria tão infrequente.

Brasília, 13 de junho de 2014.

Jorge Hessen

Introdução

Desde há muito tempo temos observado a inércia do movimento espírita em relação aos ataques de detratores, uma vez que não víamos ninguém se preocupando em respondê-los à altura; evidentemente, isso feito dentro de princípios éticos e com urbanidade.

Ao comentar isso com os amigos duas respostas se apresentavam: com a primeira justificavam dizendo que Jesus ficava calado, enquanto que, pela segunda, diziam que era Kardec que não rebatia as críticas. Ouvíamos essas respostas, mas nós continuávamos indignados com essa situação. Para resolver esse impasse é que fizemos esse trabalho, e esperamos que, apesar de modesto, possa sensibilizar o maior número possível de Espíritas, inclusive aqueles que comandam os destinos das instituições representativas do nosso movimento.

O que mostraremos nada tem de novidade para os que já leram todos os volumes da *Revista Espírita,* editadas por Kardec durante o período de 1858 a 1869, nas quais se poderá ver todo o material que apresentaremos.

O título desse trabalho não é nosso, mas sim de Kardec, conforme pode ser comprovado na *Revista Espírita*,

da qual transcrevemos este aviso feito em dezembro de 1861:

> **Aviso**
>
> […]
>
> Novas obras do Sr. ALLAN KARDEC devendo aparecer proximamente.
>
> **O ESPIRITISMO EM SUA MAIS SIMPLES EXPRESSÃO**; brochura destinada a popularizar os elementos da Doutrina Espírita. Ela será vendida a 25 c.
>
> **REFUTAÇÃO DAS CRÍTICAS CONTRA O ESPIRITISMO**; do ponto de vista do Materialismo, da Ciência e da Religião. Esta última parte terá todos os desenvolvimentos necessários. Ela conterá a resposta à brochura do Sr. cura Marouzeau.
>
> (KARDEC, A, Revista Espírita 1861, vol. IV, Araras, SP: IDE, 1993, p. 369, grifo do original).

Infelizmente o codificador não publicou essa última obra, apesar de não ter deixado de dar uma resposta à altura ao cura citado. Em a *Viagem Espírita em 1862*, Kardec explica o porque não levou adiante esse projeto:

> **Anunciamos a edição de um pequeno volume intitulado "*Refutações*". Não o publicamos até hoje porque não nos pareceu que ninguém se revelava especialmente interessado nele**. E essa impressão se justificou. Antes de responder a certas brochuras que deveriam, conforme as afirmativas de seus autores, fazer ruir os fundamentos do Espiritismo, preferimos esperar e verificar o efeito que teriam. Pois muito bem! Nossa viagem nos convenceu de uma coisa: elas nada fizeram ruir! É fácil supor que, nos círculos aos quais eram endereçadas e em cujas portas não batemos, são tidas como irrefutáveis. E com certeza, diz-se que

> nosso silêncio é a prova de nossa impossibilidade de respondê-las. Daí concluem que fomos duramente batidos, fulminados e arrasados. Que nos importa isso desde que não fomos atingidos? Esses escritos fizeram diminuir o número dos espíritas? Não! Nossa resposta teria convertido essas pessoas? Não! Onde, pois, a utilidade de refutá-las? Havia, pelo contrário, vantagem em deixar que os nossos adversários disparassem o primeiro tiro. (KARDEC, 2000d, p. 37-38, grifo nosso).
>
> Se bem que **a utilidade da refutação a que mencionamos linhas acima não nos tenha sido, até hoje, claramente demonstrada, já que os ataques se refutam por si mesmos, pela insignificância de seus resultados**, enquanto os adeptos do Espiritismo crescem em número, ainda assim estaríamos dispostos a levá-la a efeito. Todavia, as observações que fizemos em viagem modificaram o nosso plano, pois que muitas coisas se nos revelam inúteis, ao mesmo tempo em que novas ideias nos são sugeridas. Disporemos para que essa tarefa retarde o menos possível os trabalhos bem mais importantes que nos restam a fazer para completar a obrar pela qual nos responsabilizamos. (KARDEC, 2000d, p. 40, grifo nosso).

A impressão que se tem dessas falas é que Kardec, nada refutou, porém, não foi isso que aconteceu, pois na Revista Espírita temos em todos os volumes artigos refutando os ataques. Foi exatamente o que, em *Viagem Espírita em 1862*, ele disse que faria:

> **Quanto aos críticos honestos, de boa-fé, que comprovam sua arte de viver pela urbanidade das expressões, estes colocam a ciência acima de questões pessoais. A eles muitas vezes respondemos, quando não diretamente, pelo menos no ensejo de nossos artigos, em que são**

> **abordadas questões em controvérsia**. E isso de tal forma que – julgamos –, para quem quer que não esteja sem refutação. Para responder a cada um, individualmente, fora preciso repetir, incessantemente, a mesma coisa e, com serventia para uma única pessoa. O tempo, ademais, não nos permitiria essa façanha, enquanto que, aproveitando um assunto que se nos apresenta para refutá-lo ou dar a seu respeito uma explicação, conseguimos, a mais das vezes, colocar o exemplo ao lado da teoria, e isso é de proveito geral. (KARDEC, 2000d, p. 37, grifo nosso).

Então, percebemos que Kardec só gastou seu tempo em responder aos "críticos honestos", aos outros deixou-os entregues a si mesmo:

> Quando as coisas caminham por si sós, por que, então, disputar e combater em lutas infrutíferas? Quando um exército verifica que as balas do inimigo não o atingem, ele o deixa atirar ao seu bel prazer e desperdiçar suas munições, certo de obter uma vantagem depois. Em semelhantes circunstâncias, o silêncio é, muitas vezes, um recurso astucioso. O adversário, ao qual não se responde, acredita não haver ferido bastante profundamente ou não ter encontrado o ponto vulnerável. Então, confiando no êxito que supõe fácil, ele se descobre e cai por si mesmo. Uma resposta imediata o teria posto em guarda. O melhor general não é o que se atira, de peito aberto, na confusão da batalha, mas o que sabe esperar e estudar as aproximações. **Foi o que sucedeu a alguns dos nossos antagonistas: observando o caminho por que se enveredavam, era fácil ver que se comprometiam cada vez mais. Apenas os deixamos à vontade. E eles, mais cedo do que se esperava, desacreditaram o que defendiam à força de seus próprios exageros, resultados esses que não teríamos alcançado através de nossa argumentação**.

> “Entretanto – dizem os que pretendem críticos de boa-fé –, nossa única preocupação é a de esclarecer e, se atacamos, não é absolutamente por hostilidade, partidarismo ou malquerença, mas para que, da discussão, jorre a luz”.
>
> Entre esses críticos há, certamente, os que são sinceros. Mas, é preciso notar que os que têm em vista apenas questões de princípios discutem com calma e mantêm sempre o decoro. Ora, quantos deste tipo podemos encontrar? **O que contém a maior parte dos artigos que a grande ou pequena impressa tem dirigido contra o Espiritismo? Diatribes, facécias geralmente pouco espirituosas, tolices e ironias chãs, muitas vezes injúrias que se caracterizam pela grosseria e banalidade. Serão estes críticos sérios, dignos de uma resposta?** Há-os que se põem a descoberto com tanta inabilidade que se torna inútil desmascará-los, pois que toda a gente percebe-lhe as intenções. Seria, em realidade, dar-lhes demasiada importância, e vale mais, pois, deixar que se deem as mãos, em seu pequeno círculo, do que pô-los em evidência através de polêmicas sem objetivo, já que não os convenceriam. Se a moderação não estivesse em nossos princípios – pois que constitui uma consequência mesma da doutrina espírita, que prescreve o esquecimento e o perdão às ofensas –, seríamos encorajados a empregá-la pela simples verificação do efeito produzido por esses ataques, constatando que a opinião pública melhor nos vinga do que jamais nossas palavras tê-lo-iam podido fazer. (KARDEC, 2000d, p.36-37, grifo nosso).

E, finalizando as transcrições de *Viagem Espírita em 1862*, vejam o que Kardec confessa, por ser algo bem interessante:

> **Os ataques pessoais nunca nos abalaram. Coisa diversa entretanto ocorreu relativamente àqueles que são dirigidos contra a Doutrina.**

> **Algumas vezes respondemos diretamente a certas críticas, quando isso nos pareceu necessário e a fim de provar que, se preciso, sabemos também lutar**. E isso teríamos feito, sem dúvida, muitas vezes, se constatássemos que esses ataques traziam prejuízo real ao Espiritismo. Mas, quando ficou provado pelos fatos que, longe de enodoá-lo, prestavam-se à causa que defendia, louvamos a sabedoria dos Espíritos que empregavam seus próprios inimigos para propagar o Espiritismo, fazendo a ideia combatida penetrar em círculos onde *jamais teria penetrado pelo elogio*. Este é um fato que nossa viagem nos demonstrou de maneira peremptória, uma vez que, nesses mesmos círculos, o Espiritismo veio a recrutar vários partidários. (KARDEC, 2000d, p. 36, grifo nosso).

Sabiamente conseguiu separar os ataques pessoas dos que se dirigiam à Doutrina, quanto aos primeiros, simplesmente calou-se; já quanto aos últimos comprovar-se-á que, na *Revista Espírita*, Kardec respondeu diretamente várias críticas, conforme disse que faria.

Especificamente em relação às instituições representativas do movimento espírita, Kardec também não deixou de traçar algumas considerações sobre a sua constituição e finalidade, no que ele denominou de Projeto 1868. Por esse projeto ele recomendou a criação de uma Comissão Central para coordenar o movimento espírita, que a certa altura, no item VII da Constituição Transitória do Espiritismo, foi colocado:

> ***CONSTITUIÇÃO TRANSITÓRIA DO ESPIRITISMO***
>
> [...].

VII

Atribuições da comissão

As principais atribuições da comissão central serão:

1° O cuidado dos interesses da Doutrina e a sua propagação; a manutenção de sua unidade pela conservação da integridade dos princípios reconhecidos; o desenvolvimento de suas consequências;

2° O estudo dos princípios novos, suscetíveis de entrarem no corpo da Doutrina;

3° A concentração de todos os documentos e informações que podem interessar ao Espiritismo;

4° A correspondência;

5° A manutenção, a consolidação e a extensão dos laços de fraternidade entre os adeptos e as sociedades particulares dos diferentes países;

6° A direção da *Revista,* que será o jornal oficial do Espiritismo, e à qual poderá ser juntada uma outra publicação periódica;

7° **O exame e a interpretação das obras, artigos de jornais, e todo escrito interessando à Doutrina. A refutação dos ataques, se tiverem lugar**;

8° A publicação de obras fundamentais da Doutrina, nas condições mais próprias à sua vulgarização. A confecção e a publicação daquelas das quais daremos o plano, e que não teríamos o tempo de fazer quando vivo. Os encorajamentos dados às publicações que poderão ser úteis à causa;

[…].

(KARDEC, Revista Espírita 1868, p. 369-387, grifo nosso).

Grifamos o artigo 7º para evidenciar que, entre as atribuições que Kardec propõe à Comissão Central, há a de

refutar os ataques dos detratores, quando for necessário. Entretanto, pelo que estamos vendo, parece que as lideranças dessas instituições julgam que, até agora, de tudo quanto se fala por aí, ainda não apareceu nada digno de refutar. É o que disso presumimos, mas pode ser que talvez nem saibam o que anda acontecendo em relação aos ataques à Doutrina.

A coisa é tão grave que nem mesmo Kardec escapou da insana língua de alguns detratores, pois, acreditem, dizem que ele se suicidou; certamente pensam que por ação dos espíritos. Há um que merece ser mencionado, pois o consideramos mais grave de todos os que difamam o codificador; seu título é *"Allan Kardec, um racista brutal e grosseiro"* ([1]). Embora o tenhamos refutado ([2]), recentemente foi colocado mais alguma coisa no mesmo site em relação ao texto original, que oportunamente deveremos comentar. Felizmente já conseguimos realizar isso: "Racismo em Kardec?"[3];

Um parêntese: Nossos aplausos aos Umbandistas da Bahia que foram à justiça contra a venda de um livro, de teor abusivo contra o direito de cada cidadão em ter a religião que achar melhor para si; veja:

---

[1] http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=religiao&artigo=kardec&lang=bra

[2] http://www.paulosnetos.net/attachments/053_Allan_Kardec,_um_racista_brutal_e_grosseiro.pdf

[3] http://www.paulosnetos.net/attachments/061_Racismo_em_Kardec.pdf

> A juíza Nair Cristina de Castro, da 4ª Vara da Justiça Federal da Bahia, determinou na noite de quarta-feira (9/11/2005) a suspensão da venda do livro "Orixás, Caboclos e Guias Deuses ou Demônios?", escrito pelo bispo Edir Macedo, um dos fundadores da Igreja Universal do Reino de Deus ([4]).

Esse é um exemplo que deveria ser seguido por nós, os espíritas.

Então fica claro que Kardec não era contra a refutação dos ataques; ao contrário até o recomenda, conforme já o dissemos. Mas há um texto específico dele sobre essa questão. Vejamo-lo:

> **POLÊMICA ESPÍRITA**
>
> Várias vezes perguntaram-nos por que não respondemos, em nosso jornal, aos ataques de certas folhas dirigidos contra o Espiritismo em geral, contra seus partidários, e, algumas vezes mesmo, contra nós. Cremos que, em certos casos, o silêncio é a melhor resposta. Aliás, há um gênero de polêmica do qual fizemos uma lei nos abstermos, e é aquela que pode degenerar em personalismo; não somente ela nos repugna, mas nos toma um tempo que podemos empregar mais utilmente, e seria muito mais interessante para nossos leitores, que assinam para se instruírem, e não para ouvirem diatribes, mais ou menos espirituais; ora, uma vez iniciados nesse caminho, seria difícil dele sair, por isso preferimos não entrar e pensamos que o Espiritismo, com isso, não pode senão ganhar em dignidade. Não temos, até o presente, senão que nos aplaudir por nossa moderação; dela não nos desviaremos, e não daremos jamais satisfação aos amadores de escândalo.

[4] http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u115122.shtml, consulta realizada dia 14/07/2006 às 14:32 hs.

Mas, há polêmica e polêmica; e há uma diante da qual não recuaremos jamais, que é a discussão séria dos princípios que professamos. Entretanto, aqui mesmo há uma distinção a fazer; se não se trata senão de ataques gerais, dirigidos contra a Doutrina, sem outro fim determinado que o de criticar, e da parte de pessoas que têm um propósito de rejeitar tudo o que não compreendem, isso não merece que deles se ocupe; o terreno que o Espiritismo ganha, cada dia, é uma resposta suficientemente peremptória, e que deve provar-lhes que seus sarcasmos não produziram grande efeito; também notamos que a sequência ininterrupta de gracejos, dos quais os partidários da Doutrina eram objeto recentemente, se apaga pouco a pouco; pergunta-se, quando se veem tantas pessoas eminentes adotarem essas ideias novas, se há do que se rir; alguns não riem senão com desprezo e por hábito, muitos outros não riem mais de tudo e esperam.

Notamos ainda que, entre os críticos, há muitas pessoas que falam sem conhecer a coisa, sem terem se dado ao trabalho de aprofundá-la; para responder-lhes seria preciso, sem cessar, recomeçar as explicações mais elementares, e repetir o que escrevemos, coisa que cremos inútil. Não ocorre o mesmo com aqueles que estudaram, e que não compreenderam tudo, aqueles que querem seriamente se esclarecer, que levantam as objeções com conhecimento de causa e de boa fé; sobre esse terreno aceitamos a controvérsia, sem nos gabar de resolvermos todas as dificuldades, o que seria muita presunção. A ciência espírita está no seu início, e ainda não nos disse todos os seus segredos, por maravilhas que nos haja revelado. Qual é a ciência que não tem ainda fatos misteriosos e inexplicados? Confessaremos, pois, sem nos envergonharmos, nossa insuficiência sobre todos os pontos aos quais não nos for possível responder. Assim, longe de repelir as objeções e as perguntas, nós as solicitamos, contanto que não sejam ociosas e nos

> façam perder nosso tempo em futilidades, porque é um meio de se esclarecer.
>
> Aí está o que chamamos uma polêmica útil, e o será sempre quando ocorrer entre duas pessoas sérias, que se respeitarem bastante para não se afastarem das conveniências. Pode-se pensar diferentemente, e, com isso, não se estimar menos. Que procuramos nós todos, em definitivo, nessa questão tão palpitante e tão fecunda do Espiritismo? Esclarecer-nos; nós, primeiramente, procuramos a luz, de qualquer parte que ela venha, e, se emitimos a nossa maneira de ver, isso não é senão uma opinião individual que não pretendemos impor a ninguém; nós a entregamos à discussão, e estamos prontos para renunciá-la, se nos for espírita demonstrado que estamos em erro. Essa polêmica, nós a fazemos todos os dias em nossa *Revista,* pelas respostas ou refutações coletivas que tivemos ocasião de fazer a propósito de tal ou tal artigo, e aqueles que nos dão a honra de nos escreverem, ali encontram sempre a resposta ao que nos perguntam, quando não nos é possível dá-la individualmente por escrito, o que o tempo material nem sempre nos permite. Suas perguntas e suas objeções são igualmente assuntos de estudos, que aproveitamos para nós mesmos, e os quais ficamos felizes em fazer nossos leitores aproveitarem, tratando-os à medida que as circunstâncias trazem os fatos que possam ter relação com eles. Igualmente nos alegramos em dar verbalmente explicações que podem nos ser pedidas pelas pessoas que nos honram com a sua visita, e nessas conferências, marcadas por uma benevolência recíproca, nos esclarecemos mutuamente. (KARDEC, Revista Espírita 1868, p. 293-294, grifo nosso).

Apesar dessas considerações Kardec não deixou passar batido; para provar isso é que fizemos este trabalho. Nele colocamos todos os textos que encontramos na Revista Espírita onde Kardec rebate alguma crítica, como também

todos os que tratam do assunto, quer sejam de terceiros ou de espíritos, uma vez que, se foram colocados na Revista Espírita, é porque Kardec os assinava embaixo.

Quanto ao argumento de que Jesus ficava calado, isso nos preocupou tanto que resolvemos tirar essa questão a limpo; para isso pesquisamos no Evangelho, cujo resultado colocamos no texto que se segue.

Jesus ficava calado?

Introdução

Vez por outra, ouvimos a afirmativa de que não devemos responder a isso ou quilo, pois Jesus não respondeu a ninguém, sempre permanecia calado. Interessante como certas coisas facilmente são transformadas em mito. O mito, como sabemos, é algo que prolifera e mesmo que seja o maior erro, torna-se uma verdade para muitos. Isso acontece, pois, normalmente, não somos dados a questionamentos, preferindo seguir pela "trilha do bezerro" que abrir novo caminho pela mata.

Recebemos recentemente um e-mail em que uma leitora nos propunha uma reflexão sobre nossa atitude de sempre defender a Doutrina Espírita dos ataques gratuitos feitos pelos detratores de plantão, nos sugerindo que, talvez, fosse melhor que ficássemos calados seguindo o exemplo do Mestre.

Sinceramente, até então não tínhamos pensado mais seriamente sobre isso mas dessa vez, não sabemos o porquê, resolvemos ir à fonte para conhecer como exatamente as coisas se deram. Assim, caro leitor, apresentamos agora o fruto de nosso estudo sobre esse assunto.

Como realmente Jesus agia

Iremos analisar várias passagens bíblicas a fim de podermos saber como era realmente o comportamento de Jesus: ficava mesmo calado? Não! Quem tiver curiosidade de ler mais detidamente o Evangelho verá que a liderança religiosa da época – escribas, fariseus, saduceus, sacerdotes e anciãos do povo – não deram tréguas a Jesus. Entretanto, as narrativas nos dão conta de que o Mestre jamais ficou calado, sempre os respondeu à altura e nem mesmo os poupou de, por várias vezes, chamá-los de hipócritas e em uma oportunidade os comparou a sepulcros caiados, brancos por fora e podres por dentro. Isso a nosso ver não é ficar calado.

Ao reler essas passagens foi que nos demos conta disso. Veja, se temos ou não razão:

> Mt 5,20: "*Com efeito, eu lhes garanto: se a justiça de vocês não superar a dos doutores da Lei e dos fariseus, vocês não entrarão no Reino do Céu".*

Percebe-se por aqui que Jesus, em relação aos escribas e fariseus, já os tomava a conta de pessoas às quais não devíamos seguir o exemplo, cuja justiça não deveria ser imitada.

> Mt 12,1-8: "*Naquele tempo, Jesus passou por uns campos de trigo, num dia de sábado. Seus discípulos ficaram com fome, e começaram a apanhar espigas para comer. Vendo isso, os fariseus disseram: 'Eis que os teus discípulos estão fazendo o que não é permitido fazer em dia de sábado!' Jesus perguntou aos fariseus: 'Vocês nunca leram o que Davi e seus companheiros*

> *fizeram, quando estavam sentindo fome? Como ele entrou na casa de Deus, e eles comeram os pães oferecidos a Deus? Ora, nem para Davi, nem para os que estavam com ele, era permitido comer os pães reservados apenas aos sacerdotes. Ou vocês não leram também, na Lei, que em dia de sábado, no Templo, os sacerdotes violam o sábado, sem cometer falta? Pois eu digo a vocês: aqui está quem é maior do que o Templo. Se vocês tivessem compreendido o que significa: 'Quero a misericórdia e não o sacrifício', vocês não teriam condenado estes homens que não estão em falta. Portanto, o Filho do Homem é senhor do sábado'".*

Essa questão de fazer algo no sábado era para eles um ponto de honra daí não perdiam oportunidade de importunar Jesus, quando ele fazia algo nesse dia. Ao ser questionado, sobre a atitude de seus discípulos em providenciar alimentação num dia de sábado, Jesus respondeu-lhes à altura não deixando passar batido, como se diria popularmente.

> Mt 12,9-14: *"Jesus saiu desse lugar, e foi para a sinagoga deles. Aí havia um homem com uma das mãos paralisada. E, para poderem acusar Jesus, os fariseus perguntaram: 'É permitido fazer cura em dia de sábado?' Jesus respondeu: 'Suponham que um de vocês tem uma só ovelha, e ela cai num buraco em dia de sábado. Será que ele não a pegaria e não a tiraria de lá? Ora, um homem vale muito mais do que uma ovelha! Logo, é permitido fazer uma boa ação em dia de sábado'. Então Jesus disse ao homem: 'Estenda a mão'. O homem estendeu a mão, e ela ficou boa e sadia como a outra. Logo depois, os fariseus saíram e fizeram um plano para matar Jesus".*

Na continuação da narrativa anterior vemos Jesus curando num dia de sábado mas, nem numa situação de se praticar o bem, os intolerantes de sua época achavam certa essa atitude. Vemos, hoje em dia, os fundamentalistas agindo quase que da mesma forma. Os tempos mudam, mas, para muitos, é como se isso não ocorresse, já que ficam apegados ao passado.

> Mt 12,22-37: "*Então levaram a Jesus um endemoninhado cego e mudo. Jesus o curou, de modo que ele falava e enxergava. E todas as multidões ficaram admiradas, e perguntavam: 'Será que ele não é o filho de Davi?' Os fariseus ouviram isso, e disseram: 'Ele expulsa os demônios através de Belzebu, o príncipe dos demônios!' Sabendo o que eles estavam pensando, Jesus disse: 'Todo reino dividido em grupos que lutam entre si, será arruinado. E toda cidade ou família dividida em grupos que brigam entre si, não poderá durar. E se Satanás expulsa Satanás, ele está dividido contra si mesmo. Como, então, o seu reino poderá sobreviver? Se é através de Belzebu que eu expulso os demônios, através de quem os filhos de vocês expulsam os demônios? Por isso, serão eles mesmos que julgarão vocês. Mas se é através do Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus chegou para vocês. Ainda: como alguém pode entrar na casa de um homem forte, e se apoderar de suas coisas, se antes não amarrar o homem forte? Só depois poderá roubar a sua casa. Quem não está comigo, está contra mim. E quem não recolhe comigo, espalha. É por isso que eu digo a vocês: todo pecado e blasfêmia será perdoado aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Quem disser alguma coisa contra o Filho do*

> *Homem, será perdoado. Mas quem disser algo contra o Espírito Santo, nunca será perdoado, nem neste mundo, nem no mundo que há de vir. Se vocês plantarem uma árvore boa, o fruto dela será bom; mas se vocês plantarem uma árvore má, também o fruto dela será mau, porque é pelo fruto que se conhece a árvore. Raça de cobras venenosas! Se vocês são maus, como podem dizer coisas boas? Pois a boca fala aquilo de que o coração está cheio. O homem bom tira coisas boas do seu bom tesouro, e o homem mau tira coisas más do seu mau tesouro. Eu digo a vocês: no dia do julgamento, todos devem prestar contas de cada palavra inútil que tiverem falado. Porque você será justificado por suas próprias palavras, e será condenado por suas próprias palavras'".*

Nem ainda saímos do capítulo doze e já encontramos mais uma outra situação em que a liderança religiosa, cega no seu saber, questiona a Jesus, quando o Mestre liberta uma criatura endemoninhada. Para seus adversários ele fazia isso porque era o príncipe dos demônios ao que Jesus lhes responde com maestria. E, destacamos, ao final ainda os chama de raça de cobras venenosas, atiçando a ira deles. Daqui percebemos que também a liderança religiosa nos dias atuais faz exatamente a mesma coisa em relação ao Espiritismo, que, apesar de libertar muitas pessoas das influências espirituais inferiores, é tachado de "obra do demônio". Deveríamos repetir Jesus dizendo-lhes: raça de víboras?

> Mt 12,38-42: "*Então alguns doutores da Lei e fariseus disseram a Jesus: 'Mestre, queremos ver um sinal realizado por ti'. Jesus respondeu: 'Uma geração má e*

> *adúltera busca um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, a não ser o sinal do profeta Jonas. De fato, assim como Jonas passou três dias e três noites no ventre da baleia, assim também o Filho do Homem passará três dias e três noites no seio da terra. No dia do julgamento, os homens da cidade de Nínive ficarão de pé contra esta geração, e a condenarão. Porque eles fizeram penitência quando ouviram Jonas pregar. E aqui está quem é maior do que Jonas. No dia do julgamento, a rainha do Sul se levantará contra esta geração, e a condenará. Porque ela veio de uma terra distante para ouvir a sabedoria de Salomão. E aqui está quem é maior do que Salomão'"*

Aos doutores da Lei e fariseus que queriam um sinal como prova de que Jesus era mesmo o Messias resposta de Jesus não se fez esperar; tanto que, nessa ocasião, os chama de geração má e adúltera.

> Mt 15,1-14: "*Alguns fariseus e diversos doutores da Lei, de Jerusalém, se aproximaram de Jesus, e perguntaram: 'Por que os teus discípulos desobedecem à tradição dos antigos? De fato, comem pão sem lavar as mãos!' Jesus respondeu: 'Por que é que vocês também desobedecem ao mandamento de Deus em nome da tradição de vocês? Pois Deus disse: 'Honre seu pai e sua mãe'. E ainda: 'Quem amaldiçoa o pai ou a mãe, deve morrer'. E no entanto vocês ensinam que alguém pode dizer ao seu pai e à sua mãe: 'O sustento que vocês poderiam receber de mim é consagrado a Deus'. E essa pessoa fica dispensada de honrar seu pai ou sua mãe. Assim vocês esvaziaram a palavra de Deus com a tradição de vocês. Hipócritas! Isaías profetizou muito bem sobre vocês, quando disse: 'Esse povo me honra com os lábios, mas o coração deles está longe de mim. Não adianta nada eles me*

> *prestarem culto, porque ensinam preceitos humanos.' Em seguida, Jesus chamou a multidão para perto dele, e disse: 'Escutem e compreendam. Não é o que entra na boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isso torna o homem impuro'. Então os discípulos se aproximaram, e disseram a Jesus: 'Sabes que os fariseus ficaram escandalizados com o que disseste?' Jesus respondeu: 'Toda planta que não foi plantada pelo meu Pai celeste será arrancada. Não se preocupem com eles. São cegos guiando cegos. Ora, se um cego guia outro cego, os dois cairão num buraco'".*

A liderança religiosa tinha um apego exagerado à tradição, fazia dela uma questão religiosa daí se espantarem quando os discípulos não lavaram as mãos antes de comerem. Novamente recebem de Jesus uma resposta à altura, que os chama de hipócritas e guias cegos.

> Mt 16,5-12: "*Quando atravessaram para o outro lado do mar, os discípulos se esqueceram de levar pães. Então Jesus disse: 'Prestem atenção, e tomem cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus'. Os discípulos pensavam consigo mesmos: 'É porque não trouxemos pães'. Mas Jesus percebeu, e perguntou: 'Por que vocês estão pensando na falta de pães, homens de pouca fé? Vocês ainda não compreendem, nem mesmo se lembram dos cinco pães para cinco mil homens, e de quantos cestos vocês recolheram? Nem dos sete pães para quatro mil homens, e quantos cestos vocês recolheram? Como é que não compreendem que eu não estava falando de pão com vocês? Tomem cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus'. Então eles perceberam que Jesus não tinha*

falado para tomar cuidado com o fermento de pão, mas com o ensinamento dos fariseus e saduceus".

Aqui Jesus recomenda aos discípulos para não seguirem o ensinamento dos fariseus e saduceus. Ficamos a pensar se Jesus não manteria esse discurso à liderança religiosa atual! Assim, com essa atitude, Jesus deixa claro que os ensinamentos deles não são de cunho divino, mas apenas fruto de seus próprios interesses, tal e qual está acontecendo nos dias atuais.

Mt 19,1-12: "*Quando Jesus acabou de dizer essas palavras, ele partiu da Galileia, e foi para o território da Judeia, no outro lado do rio Jordão. Numerosas multidões o seguiram, e Jesus aí as curou. Alguns fariseus se aproximaram de Jesus, e perguntaram, para o tentar: 'É permitido ao homem divorciar-se de sua mulher por qualquer motivo?' Jesus respondeu: 'Vocês nunca leram que o Criador, desde o início, os fez homem e mulher? E que ele disse: 'Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe, e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne'? Portanto, eles já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, o homem não deve separar'. Os fariseus perguntaram: 'Então, como é que Moisés mandou dar certidão de divórcio ao despedir a mulher?' Jesus respondeu: 'Moisés permitiu o divórcio, porque vocês são duros de coração. Mas não foi assim desde o início. Eu, por isso, digo a vocês: quem se divorciar de sua mulher, a não ser em caso de fornicação, e casar-se com outra, comete adultério'. Os discípulos disseram a Jesus: 'Se a situação do homem com a mulher é assim, então é melhor não se casar'. Jesus respondeu: 'Nem todos entendem isso, a não ser aqueles a quem é concedido. De fato, há homens*

> *castrados, porque nasceram assim; outros, porque os homens os fizeram assim; outros, ainda, se castraram por causa do Reino do Céu. Quem puder entender, entenda'".*

Obviamente, que nesse episódio, os fariseus não estavam querendo se instruir, mas queriam colocar Jesus em situação difícil, ou seja, tudo que dissesse seria usado contra ele. Esse episódio é semelhante ao que nos acontece agora, quando algum fundamentalista emite perguntas capciosas, intentando colocar-nos contra a "palavra de Deus".

> Mt 21,23-27: "*Jesus voltou ao Templo. Enquanto ensinava, os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo se aproximaram, e perguntaram: 'Com que autoridade fazes tais coisas? Quem foi que te deu essa autoridade?' Jesus respondeu: 'Eu também vou fazer uma pergunta para vocês. Se responderem, eu também direi a vocês com que autoridade faço isso. De onde era o batismo de João? Do céu ou dos homens?' Mas eles raciocinavam, pensando: 'Se respondemos que vinha do céu, ele vai dizer: 'Então, por que vocês não acreditaram em João?' Se respondemos que vinha dos homens, temos medo da multidão, pois todos consideram João como um profeta'. Eles então responderam a Jesus: 'Não sabemos'. E Jesus disse a eles: 'Pois eu também não vou dizer a vocês com que autoridade faço essas coisas'".*

A todo momento Jesus era questionado quanto à sua autoridade, ao que sempre respondia altura dos seus interlocutores, de forma que os deixava acuados perante suas

próprias colocações. Diríamos, popularmente: “perderam uma ótima ocasião de ficar calados”.

> Mt 21,33-46: *"Escutem essa outra parábola: Certo proprietário plantou uma vinha, cercou-a, fez um tanque para pisar a uva, e construiu uma torre de guarda. Depois arrendou a vinha para alguns agricultores, e viajou para o estrangeiro. Quando chegou o tempo da colheita, o proprietário mandou seus empregados aos agricultores para receber os frutos. Os agricultores, porém, agarraram os empregados, bateram num, mataram outro, e apedrejaram o terceiro. O proprietário mandou de novo outros empregados, em maior número que os primeiros. Mas eles os trataram da mesma forma. Finalmente, o proprietário enviou-lhes o seu próprio filho, pensando: 'Eles vão respeitar o meu filho'. Os agricultores, porém, ao verem o filho, pensaram: 'Esse é o herdeiro. Venham, vamos matá-lo, e tomar posse da sua herança'. Então agarraram o filho, o jogaram para fora da vinha, e o mataram. Pois bem: quando o dono da vinha voltar, o que irá fazer com esses agricultores?' Os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo responderam: 'É claro que mandará matar de modo violento esses perversos, e arrendará a vinha a outros agricultores, que lhe entregarão os frutos no tempo certo'. Então Jesus disse a eles: 'Vocês nunca leram na Escritura: 'A pedra que os construtores deixaram de lado tornou-se a pedra mais importante; isso foi feito pelo Senhor, e é admirável aos nossos olhos'? Por isso eu lhes afirmo: o Reino de Deus será tirado de vocês, e será entregue a uma nação que produzirá seus frutos. Quem cair sobre essa pedra, ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair, será esmagado'. Os chefes dos sacerdotes e os fariseus ouviram as parábolas de Jesus, e compreenderam que*

> *estava falando deles. Procuraram prender Jesus, mas ficaram com medo das multidões, pois elas consideravam Jesus um profeta".*

Constata-se, também, que Jesus não deixava por menos quando se defrontava com essa "raça de cobras venenosas". Aqui, percebe-se, claramente, que a parábola é dirigida a eles tal fato, nitidamente percebido por todos, lhes aumentava a raiva que nutriam por Jesus. Aguardavam, assim, o momento propício para lhe darem o venenoso bote.

> Mt 22,15-22: "*Então os fariseus se retiraram, e fizeram um plano para apanhar Jesus em alguma palavra. Mandaram os seus discípulos, junto com alguns partidários de Herodes, para dizerem a Jesus: 'Mestre, sabemos que tu és verdadeiro, e que ensinas de fato o caminho de Deus. Tu não dás preferência a ninguém, porque não levas em conta as aparências. Dize-nos, então, o que pensas: É lícito ou não é, pagar imposto a César?' Jesus percebeu a maldade deles, e disse: 'Hipócritas! Por que vocês me tentam? Mostrem-me a moeda do imposto'. Levaram então a ele a moeda. E Jesus perguntou: 'De quem é a figura e inscrição nesta moeda?' Eles responderam: 'É de César'. Então Jesus disse: 'Pois deem a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus'. Ouvindo isso, eles ficaram admirados. Deixaram Jesus, e foram embora".*

Nunca perderam uma oportunidade de colocar Jesus numa situação difícil, sendo isso cabalmente denotado nessa situação. Percebendo a segunda intenção deles, Jesus, sem meias palavras, disse-lhes: "hipócritas!" Não poucas vezes os chamou desse modo, apontando-lhes a falsidade.

> Mt 22,23-33: "*Os saduceus afirmam que não existe ressurreição. Alguns deles se aproximaram de Jesus, e lhe propuseram este caso: 'Mestre, Moisés disse: 'Se alguém morrer sem ter filhos, o irmão desse homem deve casar-se com a viúva, a fim de que possam ter filhos em nome do irmão que morreu'. Pois bem, havia entre nós sete irmãos. O primeiro casou-se, e morreu sem ter filhos, deixando a mulher para seu irmão. Do mesmo modo aconteceu com o segundo e o terceiro, e assim com os sete. Depois de todos eles, morreu também a mulher. Na ressurreição, de qual dos sete ela será mulher? De fato, todos a tiveram'. Jesus respondeu: 'Vocês estão enganados, porque não conhecem as Escrituras, nem o poder de Deus. De fato, na ressurreição, os homens e as mulheres não se casarão, pois serão como os anjos do céu. E, quanto à ressurreição, será que não leram o que Deus disse a vocês: 'Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó'. Ora, ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos'. Ouvindo isso, as multidões ficaram impressionadas com o ensinamento de Jesus".*

A pergunta dos saduceus não tinha por objetivo esclarecerem-se sobre o assunto, mas, tão somente, constatar se Jesus possuía a capacidade de se explicar, já que, intimamente, acreditavam que não por conseguinte, adveio o desejo de pegá-lo com suas próprias palavras.

> Mt 22,34-40: "*Os fariseus ouviram dizer que Jesus tinha feito os saduceus se calarem. Então eles se reuniram em grupo, e um deles perguntou a Jesus para o tentar: 'Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?' Jesus respondeu: 'Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, e com todo o seu entendimento. Esse é o maior e o primeiro*

> *mandamento. O segundo é semelhante a esse: Ame ao seu próximo como a si mesmo. Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos'".*

Nem bem deixou os saduceus acuados, aparecem-lhe os fariseus, que, no íntimo, pensavam serem mais capazes que os primeiros. Assim, fizeram um novo questionamento a Jesus. Orgulhosos que eram, com certeza, pensavam, intimamente, conduzirem Jesus àquilo que obstinadamente queriam: usar as palavras do Mestre para obterem um bom motivo de o matarem ou, na pior das hipóteses, confrontá-lo com o político.

> Mt 22,41-46: "*Os fariseus estavam reunidos, e Jesus lhes perguntou: 'O que é que vocês acham do Messias? Ele é filho de quem?' Os fariseus responderam: 'De Davi'. Então Jesus disse: 'Como é que Davi, pelo Espírito, o chama Senhor, quando afirma: 'O Senhor disse ao meu Senhor: sente-se à minha direita, até que eu ponha os seus inimigos debaixo dos seus pés'? Se o próprio Davi o chama de Senhor, como ele pode ser seu filho?' E ninguém podia responder a Jesus uma só palavra. Desse dia em diante, ninguém mais se arriscou a fazer perguntas a Jesus".*

Nessa passagem, verifica-se que Jesus é quem os indaga. Agindo sabiamente, os coloca em uma situação embaraçosa. O feitiço virou contra o feiticeiro, diríamos. Enfrenta-os destemido, mesmo conhecendo suas reais intenções mas não os deixava sem respostas às suas indagações, por mais difíceis que fossem.

> Mt 23,1-12: *"Jesus falou às multidões e aos seus discípulos: 'Os doutores da Lei e os fariseus têm autoridade para interpretar a Lei de Moisés. Por isso, vocês devem fazer e observar tudo o que eles dizem. Mas não imitem suas ações, pois eles falam e não praticam. Amarram pesados fardos e os colocam no ombro dos outros, mas eles mesmos não estão dispostos a movê-los, nem sequer com um dedo. Fazem todas as suas ações só para serem vistos pelos outros. Vejam como eles usam faixas largas na testa e nos braços, e como põem na roupa longas franjas, com trechos da Escritura. Gostam dos lugares de honra nos banquetes e dos primeiros lugares nas sinagogas; gostam de ser cumprimentados nas praças públicas, e de que as pessoas os chamem mestre. Quanto a vocês, nunca se deixem chamar mestre, pois um só é o Mestre de vocês, e todos vocês são irmãos. Na terra, não chamem a ninguém Pai, pois um só é o Pai de vocês, aquele que está no céu. Não deixem que os outros chamem vocês líderes, pois um só é o Líder de vocês: o Messias. Pelo contrário, o maior de vocês deve ser aquele que serve a vocês. Quem se eleva será humilhado, e quem se humilha será elevado'".*

Ao recomendar a todos que não agissem como os doutores da lei e fariseus, implicitamente, estava chamando-os, indubitavelmente, de hipócritas. Jesus vai mais longe quando menciona que gostavam de serem vistos, dos primeiros lugares, de serem destacados na multidão, deixando a descoberto todo orgulho que acalentavam em seus corações. Podemos acrescentar que usavam a religião para esse fim, fato comum, também, nos dias de hoje, quando essa liderança religiosa, que se vê por aí, busca na religião um veículo de satisfação de seu próprio interesse, ao

invés de se preocupar, efetivamente, com a salvação dos fiéis.

> Mt 23,13-36: *"Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês fecham o Reino do Céu para os homens. Nem vocês entram, nem deixam entrar aqueles que desejam. Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês exploram as viúvas, e roubam suas casas e, para disfarçar, fazem longas orações! Por isso, vocês vão receber uma condenação mais severa. Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês percorrem o mar e a terra para converter alguém, e quando conseguem, o tornam merecedor do inferno duas vezes mais do que vocês. Ai de vocês, guias cegos! Vocês dizem: 'Se alguém jura pelo Templo, não fica obrigado, mas se alguém jura pelo ouro do Templo, fica obrigado'. Irresponsáveis e cegos! O que vale mais: o ouro ou o Templo que santifica o ouro? Vocês dizem também: 'Se alguém jura pelo altar, não fica obrigado, mas se alguém jura pela oferta que está sobre o altar, esse fica obrigado'. Cegos! O que vale mais: a oferta ou o altar que santifica a oferta? De fato, quem jura pelo altar, jura por ele e por tudo o que está sobre ele. E quem jura pelo Templo, jura por ele e por Deus que habita no Templo. E quem jura pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que nele está sentado. Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês pagam o dízimo da hortelã, da erva-doce e do cominho, e deixam de lado os ensinamentos mais importantes da Lei, como a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Vocês deveriam praticar isso, sem deixar aquilo. Guias cegos! Vocês coam um mosquito, mas engolem um camelo. Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês limpam o copo e o prato por fora, mas por dentro vocês estão cheios de desejos de*

roubo e cobiça. Fariseu cego! Limpe primeiro o copo por dentro, e assim o lado de fora também ficará limpo. Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês são como sepulcros caiados: por fora parecem bonitos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e podridão! Assim também vocês: por fora, parecem justos diante dos outros, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e injustiça. Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês constroem sepulcros para os profetas, e enfeitam os túmulos dos justos, e dizem: 'Se tivéssemos vivido no tempo de nossos pais, não teríamos sido cúmplices na morte dos profetas'. Com isso, vocês confessam que são filhos daqueles que mataram os profetas. Pois bem: acabem de encher a medida dos pais de vocês! Serpentes, raça de cobras venenosas! Como é que vocês poderiam escapar da condenação do inferno? É por isso que eu envio a vocês profetas, sábios e doutores: a uns vocês matarão e crucificarão, a outros torturarão nas sinagogas de vocês, e os perseguirão de cidade em cidade. Desse modo, virá sobre vocês todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que vocês assassinaram entre o santuário e o altar. Eu garanto a vocês: tudo isso acontecerá a essa geração".

Essa é, talvez, a passagem em que mais Jesus chamou a liderança religiosa de hipócrita. Aqui, desnudou aqueles falsos líderes, demonstrando que realmente preocupavam-se tão somente com aquilo que pudesse satisfazer seus desejos, explorando, para isso, a fé do povo. Infelizmente, tal forma de proceder está presente nos "lideres" contemporâneos.

Mc 2,1-12: "*Alguns dias depois, Jesus entrou de novo*

na cidade de Cafarnaum. Logo se espalhou a notícia de que Jesus estava em casa. E tanta gente se reuniu aí que já não havia lugar nem na frente da casa. E Jesus anunciava a palavra. Levaram então um paralítico, carregado por quatro homens. Mas eles não conseguiam chegar até Jesus, por causa da multidão. Então fizeram um buraco no teto, bem em cima do lugar onde Jesus estava, e pela abertura desceram a cama em que o paralítico estava deitado. Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao paralítico: 'Filho, os seus pecados estão perdoados'. Ora, alguns doutores da Lei estavam aí sentados, e começaram a pensar: 'Por que este homem fala assim? Ele está blasfemando! Ninguém pode perdoar pecados, porque só Deus tem poder para isso!' Jesus logo percebeu o que eles estavam pensando no seu íntimo, e disse: 'Por que vocês pensam assim? O que é mais fácil dizer ao paralítico: 'Os seus pecados estão perdoados', ou dizer: 'Levante-se, pegue a sua cama e ande?' Pois bem, para que vocês saibam que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar pecados, – disse Jesus ao paralítico eu ordeno a você: Levante-se, pegue a sua cama e vá para casa'. O paralítico então se levantou e, carregando a sua cama, saiu diante de todos. E todos ficaram muito admirados e louvaram a Deus dizendo: 'Nunca vimos uma coisa assim!'".

Algumas vezes esses críticos não tinham coragem de externar suas ideias, mas, mesmo assim, no íntimo, o faziam. Jesus, conhecendo-lhes o pensamento, rebate essa crítica "mental" para não perder mais essa oportunidade de provar-lhes a incoerência de suas atitudes.

Mc 2,15-17: "*Mais tarde, Jesus estava comendo na casa de Levi. Havia vários cobradores de impostos e*

> *pecadores na mesa com Jesus e seus discípulos; com efeito, eram muitos os que o seguiam. Alguns doutores da Lei, que eram fariseus, viram que Jesus estava comendo com pecadores e cobradores de impostos. Então eles perguntaram aos discípulos: 'Por que Jesus come e bebe junto com cobradores de impostos e pecadores?' Jesus ouviu e respondeu: 'As pessoas que têm saúde não precisam de médico, mas só as que estão doentes. Eu não vim para chamar justos, e sim pecadores'".*

Mas não havia nada que Jesus fizesse que agradasse essa liderança religiosa… Tudo quanto fazia era motivo de críticas. Será que é mera coincidência o que está acontecendo nos dias atuais em relação ao Espiritismo, ou será que os líderes religiosos de hoje são os saduceus e fariseus de antanho em nova reencarnação?

> Mc 2,18-22: "*Os discípulos de João Batista e os fariseus estavam fazendo jejum. Então alguns perguntaram a Jesus: 'Por que os discípulos de João e os discípulos dos fariseus fazem jejum e os teus discípulos não fazem?' Jesus respondeu: 'Vocês acham que os convidados de um casamento podem fazer jejum enquanto o noivo está com eles? Enquanto o noivo está presente, os convidados não podem fazer jejum. Mas vão chegar dias em que o noivo será tirado do meio deles. Nesse dia eles vão jejuar. Ninguém põe um remendo de pano novo em roupa velha; porque o remendo novo repuxa o pano e o rasgo fica maior ainda. Ninguém coloca vinho novo em barris velhos; porque o vinho novo arrebenta os barris velhos, e o vinho e os barris se perdem. Por isso, vinho novo deve ser colocado em barris novos*"".

O apego às determinações de Moisés também era um dos motivos pelos quais eles não deixavam de criticar as atitudes de Jesus, já que o Mestre não parecia muito disposto a seguir ao pé da letra a tais recomendações. Analisando a sua resposta podemos entender que Jesus claramente sobrepõe seus ensinamentos aos de Moisés; todavia, apesar disso ser tão óbvio, a liderança religiosa finge não ver. Para ela é interessante manter também a legislação anterior, pois é desta a premissa de que só se salvará aquele fiel que, pontualmente, pagar o dízimo.

> Lc 16,14-15: "*Os fariseus, que são amigos do dinheiro, ouviam tudo isso, e caçoavam de Jesus. Então Jesus disse para eles: 'Vocês gostam de parecer justos diante dos homens, mas Deus conhece os corações de vocês. De fato, o que é importante para os homens, é detestável para Deus'".*

Mais uma vez, Jesus ressalta a hipocrisia dos fariseus. Assim como ocorria àquela época, a liderança religiosa atual caçoa daqueles que vêm justamente tentar restaurar os verdadeiros ensinamentos de Jesus mediante o Espiritismo.

> Lc 19,37-40: "*Quando Jesus estava junto à descida do monte das Oliveiras, toda a multidão de discípulos começaram, alegres, a louvar a Deus em voz alta, por todos os milagres que tinham visto. E dizia: 'Bendito seja aquele que vem como Rei, em nome do Senhor! Paz no céu e glória no mais alto do céu'. No meio da multidão, alguns fariseus disseram a Jesus: 'Mestre, manda que teus discípulos se calem'. Jesus respondeu: 'Eu digo a vocês: se eles se calarem, as pedras gritarão'".*

Nota-se que até mesmo o fato de Jesus ter sido aclamado pelos seus discípulos, incomodava os fariseus. Mas não ficaram sem resposta, já que esse é o estilo do Mestre, que perfeitamente estamos identificando ao longo desse estudo.

Aqui, terminamos as passagens em que Jesus responde a todas as críticas dos seus opositores, dando, a todas elas, a devida resposta. Não os poupou ao chamá-los de hipócritas, raça de víboras, entre outras denominações. Entretanto, agora vamos apresentar uma atitude ainda mais enérgica de Jesus, a qual demonstra, perfeitamente, que ele não agia como um manso cordeirinho, conforme querem que pensemos. Vejamos:

> Mt 21,12-13: *"Jesus entrou no Templo, e expulsou todos os que vendiam e compravam no Templo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos vendedores de pombas. E disse: 'Está nas Escrituras: 'Minha casa será chamada casa de oração'. No entanto, vocês fizeram dela uma toca de ladrões'".*

Nesse ponto, mais energicamente ainda, agiu Jesus ao expulsar do Templo os cambistas e todos que estavam ali a vender, levando-nos a concluir que ele não era tão manso assim como querem pintá-lo. Acaba por insinuar que eram todos eles ladrões na toca.

Bom; até agora somente apontamos passagens demonstrando que Jesus não cultivava o silêncio. Alguém poderia nos perguntar: "será que você não está distorcendo os fatos, considerando que, possivelmente, em algum

momento, ele tenha mesmo silenciado?" A resposta é negativa: a verdade joga por terra toda essa ideia que tentam nos passar, ou seja, de um Mestre sem personalidade, pois, para nós, quem age tão mansamente assim é desprovido dessa característica. Vejamos então esta passagem:

> Mt 27,1-2.11-14: "*De manhã cedo, todos os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo convocaram um conselho contra Jesus, para o condenarem à morte. Eles o amarraram e o levaram, e o entregaram a Pilatos, o governador. Jesus foi posto diante do governador, e este o interrogou: 'Tu és o rei dos judeus?' Jesus declarou: 'É você que está dizendo isso'. E nada respondeu quando foi acusado pelos chefes dos sacerdotes e anciãos. Então Pilatos perguntou: 'Não estás ouvindo de quanta coisa eles te acusam?' Mas Jesus não respondeu uma só palavra, e o governador ficou vivamente impressionado".*

Está aí a única passagem em que Jesus nada respondeu. Foi exatamente aquela em que os chefes dos sacerdotes e anciões o acusaram diante de Pilatos. Mas isso se justifica, pois consciente de seu destino, em relação à sua missão, simplesmente entregou-se a ele. Pensamos que, se tivesse resistido, teria sido solto, obviamente, assim, se sua missão era morrer na cruz, esse fato não deveria ocorrer, se ele se defendesse a sua missão não teria sido cumprida.

Conclusão

A conclusão obtida nesse estudo é a seguinte: devemos sim, contestar todas as críticas e acusações que

fazem ao Espiritismo, atitude perfeitamente compatível com a de Jesus, a quem devemos seguir incondicionalmente.

Mas, para que não fiquemos adstritos apenas à nossa opinião pessoal, vejamos o que o confrade Divaldo P. Franco, disse há tempos, especificamente em 17/06/2001, quando, ao comparecer no programa "Espiritismo Via Satélite", pela Rede Visão, lhe fizemos esta pergunta:

> Caro Divaldo, considerando que Kardec no Projeto 1868, sugere que entre as atribuições da Comissão Central, a ser criada para coordenar o movimento espírita, estaria a refutação dos ataques ao Espiritismo resumimos que os Espíritos Superiores concordaram com essa recomendação de Kardec. Assim lhe perguntamos: será que hoje os Espíritos não concordam com isso, ou seja, que não devemos refutar os ataques à Doutrina Espírita ou isso é coisa dos Espíritas? A sua resposta foi:

> > Naturalmente devemos refutar. Mas refutar numa linguagem nobre. O difícil é encontrar as pessoas que possuam condições para enfrentar esses debates sem descerem aos níveis infelizes dos agressores. A nossa imprensa Espírita, na medida do possível, através de homens e mulheres admiráveis, tem refutado as agressões que o Espiritismo vem sofrendo.
> >
> > Ainda há pouco lemos aqui, na Internet, a Rede Visão refutando agressões muito dolorosas, desonestas e não autênticas veiculadas por uma revista protestante que a espalhou por todo o mundo. Espíritas de diferentes países receberam essa revista, inclusive na Bélgica e na Itália, na qual está

> exarado um ataque muito grosseiro à reencarnação, sem qualquer fundamento, porque toda a documentação é adulterada e direcionada e, no entanto, aqui a Rede Visão, através da Internet como pode ser lida, está enfrentando. E o vem fazendo com muita assiduidade. Nós devemos, sim, refutar todas as agressões à Doutrina nobre, mas nunca descermos ao baixo nível dos nossos agressores.

Apenas a título de informação: o que Divaldo cita que leu na Internet, são, por coincidência, textos de nossa autoria que estavam publicados no site da Rede Visão.

O e-mail, do qual falamos no início, foi providencial e sinceramente já agradecemos ao autor por nos tê-lo enviado, pois ele foi motivo de estudo e reflexão de nossa parte. Se, antes, tínhamos alguma dúvida em relação à defesa da Doutrina Espírita, embora saibamos que o próprio Kardec não deixou por menos, fato que parece ser ignorado pela maioria dos Espíritas, agora não temos mais, pois enganam-se os que pensam que Jesus ficou o tempo todo calado; e é por ele que nos esforçamos, tentando seguir o seu exemplo.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
jan/2007.

Assim, fica demonstrado que nem Jesus nem Kardec ficaram calados. A pergunta é: por que então deveremos ficar?

A partir desse ponto em diante transcreveremos os textos que encontramos na *Revista Espírita*, os quais já mencionamos. Informamos que não obedeceremos a padronização de afastamento e tamanho da fonte, visto a quantidade de material encontrado nas obras kardecianas, mas não deixe o leitor de ter em vista que tudo que virá daqui para frente não é nosso.

Refutações

Revista Espírita de janeiro 1858

Os médiuns julgados

Os antagonistas da Doutrina Espírita se apossaram, zelosamente, de um artigo publicado pelo *Scientific American,* do dia 11 de julho último, sob o título: Os *Médiuns julgados.* Vários jornais franceses reproduziram-no como um argumento sem réplica; nós mesmos o reproduzimos, fazendo seguir de algumas observações, que lhe mostrarão o valor.

"Há algum tempo, uma oferta de quinhentos dólares (2,500 francos) foi feita, por intermédio do *Boston Courier, a* toda pessoa que, na presença e em satisfação de um certo número de professores, da Universidade de Cambridge, reproduzisse alguns desses fenômenos misteriosos que os espiritualistas dizem, comumente, terem sido produzidos por intermédio de agentes chamados *médiuns.*

"O desafio foi aceito pelo doutor Gardner, e por várias pessoas que se vangloriavam de estar em comunicação com os Espíritos. Os concorrentes se reuniram nos edifícios Albion, em Boston, na última semana de junho, dispostos a fazerem a prova da sua força sobrenatural. Entre eles, notavam-se as

jovens Fox, que se tornaram tão célebres pela sua superioridade nesse gênero. A comissão, encarregada de examinar as pretensões dos aspirantes ao prêmio, se compunha dos professores Pierce, Agassiz, Gould e Horsford, de Cambridge, todos os quatro sábios muito distintos. As experiências espiritualistas duraram vários dias; jamais os médiuns encontraram mais bela ocasião de colocarem em evidência seu talento ou sua inspiração; mas, como os sacerdotes de Baal, ao tempo de Elias, invocaram em vão suas divindades, assim como o prova a passagem seguinte, do relatório da comissão:

"A comissão declara que o doutor Gardner não tendo se saído bem em lhe apresentar um agente, ou médium, que revelasse a palavra confiada aos Espíritos em um quarto vizinho; que lesse a palavra inglesa escrita no interior de um livro ou sobre uma folha de papel dobrada; que respondesse uma questão que só as inteligências superiores podem responder; que fizesse ressoar um piano sem tocá-lo, ou avançar uma mesa, em um pé, sem o impulso das mãos; mostrando-se impotente para dar, à comissão, testemunho de um fenômeno que se pudesse, mesmo usando uma interpretação larga e benevolente, considerar como o equivalente das provas propostas; de um fenômeno exigindo, para sua produção, a intervenção de um Espírito, supondo ou implicando, pelo menos, essa intervenção; de um fenômeno desconhecido, até hoje, à ciência, e cuja causa não fosse, imediatamente, assinalável para a comissão, palpável para

ela, não tem nenhum título para exigir, do *Courier,* de Boston, a entrega da soma proposta de 2,500 francos".

A experiência, feita nos Estados Unidos, a propósito dos *médiuns,* lembra aquela que se fez, há uma dezena de anos, para ou contra os sonâmbulos lúcidos, quer dizer, magnetizados. A Academia de ciência recebeu a missão de conceder um prêmio de 2,500 francos ao *sujet* magnético que lesse de olhos fechados. Todos os sonâmbulos fazem, voluntariamente, esse exercício, em seus salões ou em público; leem em livros fechados e decifram uma carta inteira, sentando-se em cima de onde a colocam, bem dobrada e fechada, ou sobre seu ventre; mas, diante da Academia não pôde nada ler de todo e o prêmio não foi ganho."

Essa experiência prova, uma vez mais, da parte de nossos antagonistas, sua ignorância absoluta dos princípios sobre os quais repousam os fenômenos espíritas. Entre eles, há uma ideia fixa de que esses fenômenos devem obedecer à vontade, e se produzirem com a precisão de uma máquina. Esquecem, totalmente, ou, dizendo melhor, não sabem que a causa desses fenômenos é inteiramente moral, que as inteligências que lhes são os primeiros agentes, não estão ao capricho de quem quer que seja, nem mais de médiuns do que de outras pessoas. Os Espíritos agem quando lhes apraz, e diante de quem lhes apraz; frequentemente, é quando menos se espera que a manifestação ocorre com maior energia, e quando é solicitada, ela não ocorre. Os Espíritos

têm condições de ser que nos são desconhecidas; o que está fora da matéria não pode estar submetido ao cadinho da matéria. É, pois, equivocar-se, julgá-los do nosso ponto de vista. Se creem útil se revelarem por sinais particulares, o fazem; mas, isso jamais à nossa vontade, nem para satisfazer uma vã curiosidade. É preciso, por outro lado, considerar uma causa bem conhecida que afasta os Espíritos: sua antipatia por certas pessoas, principalmente por aquelas que, através de perguntas sobre coisas conhecidas, querem pôr a sua perspicácia em prova. Quando uma coisa existe, diz-se, eles devem sabê-la; ora, é precisamente porque a coisa nos é conhecida, ou tendes os meios de verificá-la por vós mesmos, que eles não se dão ao trabalho de responder; essa suspeição os irrita e deles não se obtém nada de satisfatório; ela afasta, sempre, os Espíritos sérios que não falam, voluntariamente, senão às pessoas que a eles se dirigem com confiança e sem dissimulação. Disso não temos, todos os dias, exemplos entre nós? Homens superiores, e que têm consciência de seu valor, se alegrariam em responder a todas as tolas perguntas que tenderiam a lhes submeter a um exame, como escolares? Que diriam se se lhes dissessem: "Mas, se não respondeis, é porque não sabeis?" Eles vos voltariam as costas: é o que fazem os Espíritos.

Se assim é, direis, de qual meio dispomos para nos convencer? No próprio interesse da Doutrina dos Espíritos, não devem desejar fazer prosélitos? Responderemos que é ter bastante orgulho em crer-se alguém indispensável ao

sucesso de uma causa; ora, os Espíritos não amam os orgulhosos. Eles convencem aqueles que o desejam; quanto aos que creem na sua importância pessoal, provam o pouco-caso que deles fazem, não os escutando. Eis, de resto, sua resposta a duas perguntas sobre esse assunto:

Podem pedir-se, aos Espíritos, sinais materiais como prova da sua existência e da sua força? *Resp. "Pode-se, sem dúvida, provocar certas manifestações, mas nem todo o mundo está apto para isso, e, frequentemente, o que perguntais não o obtendes; eles não estão ao capricho dos homens"*.

Mas quando uma pessoa pede esses sinais para se convencer, não haveria utilidade em satisfazê-la, uma vez que seria um adepto a mais? *Resp.* "Os Espíritos não fazem senão aquilo que querem, e o que lhes é permitido. Falando-vos e respondendo as vossas perguntas, atestam a sua presença: isso deve bastar ao homem sério que procura a verdade na palavra."

Escribas e fariseus disseram a Jesus: Mestre, muito gostaríamos que nos fizésseis ver algum prodígio. Jesus respondeu: "Esta raça má e adúltera pede um prodígio, e não se lhe dará outro senão aquele de Jonas (São Mateus)".

Acrescentaremos, ainda, que é conhecer bem pouco a natureza e a causa das manifestações para crer estimulá-las com um prêmio qualquer. Os Espíritos desprezam *a* cupidez, do mesmo modo que o orgulho e o egoísmo. E só essa

condição pode ser, para eles, um motivo para se absterem de se comunicarem. Sabei, pois, que obtereis cem vezes mais de um médium desinteressado do que daquele que é movido pela atração do ganho, e que um milhão não faria ocorrer o que não deve ser. Se nós nos espantamos com uma coisa, é que se tenha procurado médiuns capazes de se submeterem a uma prova que tinha por aposta uma soma de dinheiro.

(p. 21-24).

Revista Espírita de fevereiro 1858

As Manifestações dos espíritos

Resposta ao Senhor Vinnet, por Paul Auguez

O senhor Paul Auguez é um adepto sincero e *esclarecido* da Doutrina Espírita; sua obra, que lemos com um grande interesse, onde se reconhece a pena elegante do autor de *Elus de l'avenir,* é uma demonstração lógica e sábia dos pontos fundamentais dessa Doutrina, quer dizer, da existência dos Espíritos, das suas relações com os homens e, por consequência, da imortalidade da alma e da sua individualidade depois da morte. Sendo o seu objetivo principal responder às agressões sarcásticas do senhor Viennet, não aborda senão os pontos capitais e se limita a provar, pelos fatos, pelo raciocínio e com as autoridades mais respeitáveis, que essa crença não está fundada em ideias sistemáticas ou preconceitos vulgares, mas que repousa sobre bases sólidas. A arma do senhor Viennet é o ridículo, a do senhor Auguez é a ciência. Por numerosas citações, que

atestam um estudo sério e uma profunda erudição, prova que se os adeptos de hoje, malgrado o seu número, sem cessar crescente, e as pessoas de todos os países que a ele se ligam, são como pretende o ilustre acadêmico, cérebros desequilibrados, essa enfermidade lhes é comum com os maiores grandes gênios, dos quais a Humanidade se honra.

Em suas refutações, o senhor Auguez tem sempre sabido conservar a dignidade da linguagem, e é um mérito do qual não poderíamos louvar demais; em nenhuma parte delas se encontram essas diatribes deslocadas, tornadas lugares-comuns de mau gosto, e que nada provam, senão uma falta da arte de bem viver. Tudo o que ele diz é sério, grave, profundo, e à altura do sábio ao qual se dirige. Convenceu-o? Ignoramos; disso duvidamos mesmo, para falar francamente; mas como, em definitivo, seu livro foi feito para todo o mundo, as sementes que lança não serão de todo perdidas. Teremos, mais de uma vez, ocasião de citá-las de passagem, no curso desta publicação, à medida que a ela formos conduzidos pela natureza do assunto.

A teoria desenvolvida pelo senhor Auguez, salvo, talvez, alguns pontos secundários, sendo a que nós mesmos professamos, não faremos, nessa consideração, nenhuma crítica da sua obra que se distinguira e será lida com proveito. Não teríamos desejado senão uma coisa, que é um pouco mais de clareza nas demonstrações e no método na ordem das matérias. O senhor Auguez tratou a questão como sábio, porque se dirigia a um sábio capaz, seguramente, de

compreender as coisas mais abstratas, mas não teria pensado que escrevia menos para um homem do que para o público, que lê sempre com mais prazer e proveito o que compreende sem esforços.

ALLAN KARDEC.

(p. 63-64).

Revista Espírita de abril 1858

Variedades

A malevolência, em certos indivíduos, não conhece limites; a calúnia tem sempre que vir para quem se eleve acima da multidão. Os adversários do senhor Home acharam a arma do ridículo muito fraca; deveria, com efeito, se enfraquecer contra os nomes honoráveis que o cobrem com a sua proteção. Não podendo, pois, fazer rir às suas custas, quiseram denegri-lo. Difundiu-se o boato, adivinha-se com qual objetivo, e as más-línguas a repetir, que o senhor Home não havia partido para a Itália, como se havia anunciado, mas que estava oculto em Mazas sob o peso das mais graves acusações, que se lhe formulam em chistes, dos quais os desocupados e os amadores do escândalo estão sempre ávidos. Podemos afirmar que não há uma palavra de verdade em todas essas maquinações infernais. Temos, sob os olhos, várias cartas do senhor Home, datadas de Piza, de Roma, e de Nápoles, onde está neste momento, e estamos prontos para darmos a prova do que afirmamos. Os Espíritos têm

muita razão em dizerem que os verdadeiros demônios estão entre os homens.

Lê-se num jornal: "Segundo a Gazette des Hôpitaux, contam-se, neste momento, no hospital de alienados de Zurique, 25 pessoas que perderam a razão graças às mesas girantes e aos Espíritos batedores."

Perguntaremos, primeiro, se está bem averiguado que esses 25 alienados devem *toda a* perda da sua razão aos Espíritos batedores, o que é, pelo menos, contestável, até haver prova autêntica. Supondo que esses estranhos fenômenos hajam podido impressionar, deploravelmente, certos caracteres fracos, perguntaremos, por outro lado, se o medo do diabo não fez mais loucos do que a crença nos Espíritos. Ora, como não se impedirá, aos Espíritos, de baterem, o perigo está na crença de que todos os que se manifestam são demônios. Afastada essa ideia, fazendo conhecer a verdade, disso não se terá mais medo do que aos fogos fátuos; a ideia de se estar assediado pelo diabo está bem-feita para perturbar a razão. Eis, de resto, a contrapartida do artigo acima: "Existe um curioso documento estatístico, de funestas consequências, de que encanta, ao povo inglês, o hábito da intemperança e de bebidas fortes. Sobre 100 indivíduos admitidos no hospício de loucos de Hamwel, há 72 cuja alienação mental deve ser atribuída à embriaguez."

Allan Kardec.

(p. 120).

Revista Espírita de maio 1858

O falso Home

Leu-se, há pouco tempo, nos jornais de Lyon, o anúncio seguinte, afixado igualmente sobre as paredes da cidade:

"O senhor Hume, o célebre médium americano, que teve a honra de fazer suas experiências diante de S.M. o Imperador, dará, a partir de quinta-feira, 1º de abril, no grande teatro de Lyon, sessões de espiritualismo. Produzirá aparições, etc., etc. Assentos serão dispostos no teatro para os senhores médicos e os sábios, a fim de que possam se assegurar de que nada está preparado. As sessões serão variadas pelas experiências da célebre vidente senhora …, sonâmbula extralúcida, que reproduzirá, alternadamente, todos os sentimentos ao gosto dos expectadores. Preço do lugar 5 francos as primeiras, 3 francos as segundas".

Os antagonistas do senhor Home (alguns escrevem Hume), não estão muito longe de perder essa ocasião de lançá-lo, no ridículo. No seu ardente desejo de encontrar onde criticar, acolheram essa grosseira mistificação com uma pressa que testemunha pouco em favor do seu julgamento, e ainda menos quanto ao seu respeito pela verdade, porque, antes de lançar a pedra em alguém, é preciso ao menos se

assegurar de que ela não errará o alvo; mas a paixão é cega, não raciocina e, frequentemente, ela própria se descaminha querendo prejudicar os outros. “Eis, pois, exclamaram com alegria, esse homem tão elogiado reduzido a subir nos palcos para dar sessões a tanto por lugar!” E seus jornais de darem crédito ao fato sem maior exame. Sua alegria, infelizmente para eles, não foi de longa duração. Apressaram-se em nos escrever de Lyon, para terem notícias que pudessem ajudar a desmascarar a fraude, e isso não foi difícil, sobretudo graças ao zelo de numerosos adeptos que o Espiritismo conta nessa cidade. Desde que o diretor dos teatros soube com quem ia ter relações, imediatamente, dirigiu aos jornais a carta seguinte: "Senhor redator, apresso-me em vos anunciar que a sessão indicada para quinta-feira, 1º de abril, no grande teatro, não ocorrerá. Acreditei ceder a sala ao senhor Home e não ao senhor Lambert Laroche, dito Hume. As pessoas que tomaram adiantadamente camarotes ou lugares marcados poderão se apresentar na secretaria para retirarem seu dinheiro."

De sua parte, o acima citado Lambert Laroche (natural de Langres), interpelado sobre a sua identidade, acreditou dever responder nos termos seguintes, que reproduzimos na íntegra, não querendo que possa nos acusar da menor alteração.

“Vous m'avez soumis diversse extre de vos correspondance de Paris, desquellesil résulterez queun M. Home qui donne des séancedans quelque salon de la capitalle

se trouve en ce moment en Italli etne peut par conséquent se trouvair à Lyon. Monsieur gignore 1º la connaissance de ce M. Home, 2° je nessait quellais sont talent 3º je nais jamais rien nue de commun à veque ce M. Home, 4º jait tavaillez et tavaille sout mon nom de gaire qui est Hume et dont je vous justi par les article de journaux étrangers et français que je vous est soumis 5º je voyage à vecque deux sugais mon genre d'experriance consiste en spiritualisme ou évocation vison, et en un mot reproduction des idais du spectateur par un sugais, ma cepécialité est d'opere par c'est procedere sur les personnes étrangere comme on la pue le voir dans les journaux je vien despagne et d'afrique. Seci M. le redacteur vous démontre que je n'ais poin voulu prendre le nom de ce prétendu Home que vous dites en réputation, le min est sufisant connu par sa grande notoriété et par les expérience que je produi. Agreez M. le redacteur mes salutation empressait".

Cremos inútil dizer se o senhor Lambert Laroche deixou Lyon com as honras da guerra; sem dúvida, irá alhures procurar tolos mais fáceis. Não acrescentaremos senão uma palavra, para exprimir nosso pesar em ver com quanta deplorável avidez certas pessoas, que se dizem sérias, acolhem tudo o que possa servir à sua animosidade. O Espiritismo é muito reputado hoje por nada ter a temer da charlatanice; não é mais rebaixado pelos charlatães do que a verdadeira ciência médica pelos doutores de rua; encontra por toda parte, mas sobretudo entre as pessoas esclarecidas,

zelosos e numerosos defensores que sabem afrontar a zombaria. O caso de Lyon, longe de prejudicá-lo, não pode senão servir para a sua propagação, chamando a atenção dos indecisos sobre a realidade. Quem sabe mesmo se não foi provocado com esse objetivo por uma força superior? Quanto aos adversários, mesmo assim, que se lhes consinta que riam, mas não caluniem; alguns anos ainda e veremos quem terá a última palavra. Se é lógico duvidar daquilo que não se conhece, é sempre imprudente contestar as ideias novas, que podem, cedo ou tarde, dar um humilhante desmentido à nossa perspicácia: a história aí está para prová-lo. Aqueles que, em seu orgulho, se apiedam dos adeptos da Doutrina Espírita, estarão, pois, tão alto como creem? Esses Espíritos, dos quais zombam, prescrevem fazer o bem e mandam querer mesmo aos inimigos; eles nos dizem que se rebaixa pelo desejo do mal. Quem é, pois, o mais elevado, aquele que procura fazer o mal ou aquele que não guarda no seu coração nem ódio, nem rancor?

O senhor Home está de retorno a Paris, há pouco tempo; mas deverá partir brevemente para a Escócia e, de lá, dirigir-se a São Petersburgo.

(p. 145-147).

Revista Espírita de março 1859

Diatribes

Algumas pessoas, sem dúvida, esperam encontrar aqui uma resposta a certos ataques, bem pouco circunspectos, dos quais a Sociedade, nós pessoalmente, e os partidários do Espiritismo em geral foram objetos nestes últimos tempos. Rogamos desejarem se reportar ao nosso artigo sobre a polêmica espírita, colocado na cabeça do nosso número de novembro último, onde fizemos nossa profissão de fé a esse respeito. Não lhe acrescentaremos senão poucas palavras, não tendo o lazer de não nos ocuparmos com todas essas discussões ociosas. E aqueles que têm tempo a perder para rir de tudo, mesmo do que não compreendem, para serem maledicentes, caluniadores, letrados mas pretensiosos, se contentem, não temos a pretensão de a isso impedi-los. A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, composta de homens honrados pelo seu saber e sua posição, tanto na França quanto no Estrangeiro, médicos, literatos, artistas, funcionários, oficiais, negociantes, etc., recebendo, cada dia, as mais altas notabilidades sociais, e correspondendo com todas as partes do mundo, está acima das pequenas intrigas do ciúme e do amor-próprio; ela persegue seus trabalhos na calma e no recolhimento, sem se inquietar com piadas que não poupam mesmo as mais respeitáveis corporações.

Quanto ao Espiritismo em geral, como é uma das forças da Natureza, o escárnio disso virá cansar-se, como se cansou contra tantas outras coisas que o tempo consagrou; essa utopia, essa *tocade,* como a chamam certas pessoas, já fez a volta ao mundo e todas as diatribes não a impedirão

mais de caminhar quanto outrora os anátemas não o impediram à Terra girar. Deixemos, pois, os escárnios rirem à sua satisfação, uma vez que tal é o seu bom prazer; serão, para eles, fracos de Espíritos; riem muito da religião, por que não ririam do Espiritismo que não é senão uma ciência? Esperando, nos servem mais que nos prejudicam e economizamos sem gastos de publicidade porque não é um de seus artigos, mais ou menos espirituosos, que não fará vender algum de nossos livros e obter algumas assinaturas. Obrigado, pois, pelo serviço que nos prestam sem querer.

Diremos, igualmente, pouca coisa pelo que nos toca pessoalmente; se aqueles que nos atacam ostensivamente, ou de mão oculta, creem nos perturbar, perdem seu tempo; se pensam em nos barrarem o caminho, enganam-se igualmente, uma vez que não pedimos nada e não aspiramos a nada, senão a nos tornarmos úteis, nos limites das forças que Deus nos deu; por modesta que seja a nossa posição, nos contentamos com aquilo que, por muito, seria a mediocridade; não ambicionamos nem conceito público, nem fortuna, nem honrarias; não procuramos nem o mundo, nem seus prazeres; o que possamos ter não nos causa nenhum pesar: vemo-lo com a mais completa indiferença; isso não está no nosso gosto, por conseguinte, não levamos inveja de nenhum daqueles que possuem essa vantagem, se vantagem são, o que aos nossos olhos é uma questão, porque os gozos pueris nesse mundo não asseguram um melhor lugar no outro, longe disso; nossa vida é toda de labor e de estudo,

consagrando ao trabalho até os instantes de repouso: aí não há do que ter ciúme. Trazemos, como tantos outros, nossa pedra ao edifício que se eleva; mas coraríamos de nos fazer dele um degrau para chegar ao que quer que seja; que outros tragam-lhe mais do que nós; que outros trabalhem tanto quanto nós e melhor que nós, e os veremos com uma alegria sincera; o que queremos, antes de tudo, é o triunfo da verdade, de qualquer parte que venha, não tendo a pretensão de ter sozinho a luz; se disso deva jorrar alguma glória, o campo está aberto a todo o mundo, estendemos a mão a todos aqueles que, nessa rude liça, seguiremos lealmente, com abnegação e sem pensamento dissimulado pessoal.

Bem sabemos que, erguendo abertamente a bandeira das ideias, das quais nos fizemos um dos propagadores, afrontando os preconceitos, atrairemos inimigos, sempre prontos a atirarem flechadas envenenadas contra quem eleva a cabeça e se coloca em evidência; mas há essa diferença entre eles e nós, é que nós não lhes queremos o mal que procuram nos fazer, porque participamos da fraqueza humana, e é somente nisso que cremos ser seu superior; rebaixa-se pela inveja, pelo ódio, pelo ciúme e por todas as paixões mesquinhas: eleva-se pelo esquecimento das ofensas. Esta é a moral espírita; não vale ela mais do que a das pessoas que ultrajam o seu próximo? É o que nos ditaram os Espíritos que nos assistem, e pode-se julgar, por aí, se são *bons* ou *maus.* Ela nos mostra as coisas de uma altura tão grande e aquelas deste mundo tão pequenas, que não se

pode senão lamentar aqueles que se torturam voluntariamente, para se darem uma efêmera satisfação de amor-próprio.

(p. 66-67).

Revista Espírita de abril 1859

Fraudes Espíritas

Aqueles que não admitem a realidade das manifestações físicas, geralmente, atribuem à fraude os efeitos produzidos. Baseiam-se no fato de que os prestidigitadores hábeis fazem coisas que parecem prodígios quando não se conhece seus segredos; de onde concluem que os médiuns não são senão escamoteadores. Já refutamos esse argumento, ou antes, essa opinião, notadamente nos artigos sobre o senhor Home, e nos nºs da *Revista* de janeiro e fevereiro de 1858; sobre isso não diremos, pois, senão algumas palavras antes de falarmos de uma coisa mais séria.

Do fato de que há charlatães que vendem drogas nas praças públicas, de que há mesmo médicos que, sem irem à praça pública, enganam a confiança, segue-se que todos os médicos sejam charlatães, e o corpo médico, com isso, é atingido em sua consideração? Do fato de que há pessoas que vendem tintura por vinho, segue-se que todos os vendedores de vinho são adulteradores e que não há vinho puro? Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais respeitáveis, e pode-se dizer que a fraude tem também seu gênio. Mas a fraude tem

sempre um objetivo, um interesse material qualquer; onde não haja nada a ganhar, não haverá nenhum interesse a enganar. Também dissemos, em nosso número precedente, a propósito dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é um desinteresse absoluto.

Essa garantia, dir-se-á, não é única, porque, em casos de prestidigitação, há amadores que não visam senão divertir uma sociedade e não fazem disso um ofício; não pode ocorrer o mesmo com os médiuns? Sem dúvida, pode-se divertir um instante divertindo os outros, mas para nisso passar horas inteiras, e isso durante semanas, meses e anos, seria preciso, verdadeiramente, estar possuído pelo demônio da mistificação, e o primeiro mistificado seria o mistificador. Não repetiremos aqui tudo o que se disse sobre a boa fé dos médiuns, e dos assistentes, que podem ser o joguete de uma ilusão ou de uma fascinação. Nós o respondemos vinte vezes, assim como quanto a todas as outras objeções para as quais reenviamos notadamente à nossa *Instrução prática sobre as manifestações,* e aos nossos artigos precedentes da Revista. Nosso objetivo aqui não é de converter os incrédulos; se não o foram pelos fatos, não serão mais pelo raciocínio: seria, pois, perder nosso tempo. Ao contrário, nos dirigimos aos adeptos para premuni-los contra os subterfúgios, dos quais poderiam ser vítimas da parte de pessoas interessadas, por um motivo qualquer, em simular certos fenômenos; dizemos certos fenômenos, porque os há que desafiam, evidentemente, toda a habilidade da prestidigitação, tais são,

notadamente, o movimento dos objetos sem contato, a suspensão dos corpos pesados no espaço, as pancadas de diferentes lados, as aparições, etc., e ainda, para alguns desses fenômenos, poder-se-ia, até certo ponto, simulá-los, tanto progrediu a arte da imitação. O que é preciso fazer, em semelhante caso, é observar atentamente as circunstâncias, e sobretudo levar em conta o caráter e a posição das pessoas, o objetivo e o interesse que elas poderiam ter em enganar: aí está o melhor de todos os controles, porque são tais circunstâncias que levantam todos os motivos para a suspeição. Colocamos, pois, em princípio, que é preciso desconfiar de quem faça desses fenômenos um espetáculo, ou um objeto de curiosidade e de divertimento, que deles tire um proveito, por mínimo que seja, e se vanglorie de produzi-los à vontade e a propósito. Não poderíamos repetir demais que as inteligências ocultas, que se manifestam a nós, têm suas suscetibilidades, e querem nos provar que também têm seu livre arbítrio, e não se submetem aos nossos caprichos.

De todos os fenômenos físicos, um dos mais comuns é o dos golpes íntimos batidos na própria substância da madeira, com ou sem movimento da mesa ou de outro objeto do qual se sirva. Ora, esse efeito é um dos mais fáceis de serem imitados, e como é também um dos que se produzem mais frequentemente, cremos ser útil revelar a pequena astúcia com a qual se pode enganar. Basta, para isso, colocar as duas mãos espalmadas sobre a mesa, e bastante próximas para que as unhas dos dedos se apoiem firmemente uma

contra a outra; então, por um movimento muscular inteiramente imperceptível, se as faz friccionar, o que dá um pequeno ruído seco, tendo uma grande analogia com aqueles da tiptologia íntima. Esse ruído repercute na madeira e produz uma ilusão completa. Nada é mais fácil que fazer ouvir a quantos golpes se peça, uma bateria de tambor, etc.; responder a certas perguntas, por sim ou por não, por números, ou mesmo pela indicação de letras do alfabeto.

Uma vez prevenido, o meio de se reconhecer a fraude é bem simples. Ela não é mais possível se as mãos forem afastadas uma da outra, e assegurando-se que nenhum outro contato pode produzir o ruído. Os golpes reais, aliás, oferecem de característico que mudam de lugar e de timbre à vontade, o que não pode ocorrer quando são devidos à causa que assinalamos, ou a qualquer outra análoga; que saia da mesa para se transportar sobre um móvel qualquer que ninguém toca, enfim, que responda a perguntas imprevistas.

Chamamos, pois, a atenção das pessoas de boa fé para esse pequeno estratagema e todos aqueles que poderiam reconhecer, a fim de assinalá-los sem circunspecção. A possibilidade da fraude e da imitação não impede a realidade dos fatos, e o Espiritismo não pode senão ganhar, desmascarando os impostores. Se alguém nos disser: Eu vi tal fenômeno, mas havia charlatanice, responderemos que isso é possível; nós vimos, nós mesmos, supostos sonâmbulos simularem o sonambulismo com muita destreza, o que não impede de o sonambulismo ser um fato; todo

mundo viu mercadores venderem algodão por seda, o que não impede que hajam verdadeiros tecidos de seda. É preciso examinar todas as circunstâncias e ver se a dúvida tem fundamento; mas nisso, como em todas as coisas, é preciso ser perito; ora, não poderíamos reconhecer, por juiz de uma questão qualquer, aquele que dela nada conhecesse.

Diremos o mesmo quanto aos médiuns escreventes. Geralmente, pensa-se que aqueles que são mecânicos oferecem mais garantias, não só pela independência das ideias, mas também contra o charlatanismo. Pois bem! É um erro. A fraude se introduz por toda parte, e sabemos com quanta habilidade se pode dirigir, à vontade mesmo, uma cesta ou uma prancheta que escreve, e dar-lhes todas as aparências de movimentos espontâneos. O que tira todas as dúvidas, são os pensamentos exprimidos, quer venham de um médium mecânico, intuitivo, audiente, falante ou vidente. Há comunicações que estão de tal modo fora das ideias, dos conhecimentos, e mesmo da capacidade intelectual do médium que é preciso enganar-se estranhamente para honrá-los. Nós reconhecemos, no charlatanismo, uma grande habilidade e fecundos recursos, mas não lhe conhecemos, ainda, o dom de dar saber a um ignorante, ou o espírito àquele que não o tem.

(p. 94-96).

Revista Espírita de maio 1859

Refutações de um artigo de *L'Univers*

O jornal *l'Univers,* em seu número de 13 de abril último, contém o artigo do senhor abade Chesnel, onde a questão do Espiritismo está longamente discutida. Tê-lo-íamos deixado passar como tantos outros aos quais não ligamos nenhuma importância, se se tratasse de uma dessas diatribes grosseiras que provam, pelo menos da parte de seus autores, a ignorância mais absoluta daquilo que atacam. Apraz-nos reconhecer que o artigo do senhor abade Chesnel está redigido com espírito diferente. Pela moderação e a conveniência de sua linguagem, merece uma resposta, tanto mais necessária porque esse artigo contém um erro grave e pode dar uma ideia muito falsa seja do Espiritismo em geral, seja em particular do caráter e do objetivo dos trabalhos da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Citamos o artigo na íntegra.

"Todo o mundo conhece o espiritualismo do senhor Cousin, essa filosofia destinada a tomar delicadamente o lugar da religião. Hoje, possuímos sob o mesmo título um corpo de doutrina *reveladas,* que vai se completando pouco a pouco, é um culto muito simples, é verdade, mas de uma eficácia maravilhosa, uma vez que coloca os devotos em comunicação real, sensível e quase sempre permanente com o mundo sobrenatural.

"Esse culto tem assembleias periódicas que se abrem pela invocação de um santo canonizado. Depois de constatar a presença, no meio dos fiéis, de São Luís, rei da França, se lhe suplica interditar, aos maus Espíritos, a entrada do

templo, e lê-se a ata da sessão precedente. Depois, com o convite do presidente, um *médium* sobe à escrivaninha junto ao secretário encarregado de escrever as perguntas feitas por um dos fiéis e as respostas que serão ditadas ao *médium,* pelo espírito invocado. A assembleia assiste gravemente, piedosamente, a essa cena de necromancia algumas vezes muito longa, e quando a ordem do dia está esgotada, retira-se mais persuadido que nunca da verdade do espiritualismo. Cada fiel, no intervalo que decorre até a reunião seguinte, não negligencia manter um comércio assíduo, mas privado, com aqueles espíritos que lhe são ou os mais acessíveis ou mais caros. Os *médiuns* são muitos, e não há quase nada de segredo, na outra vida, que os médiuns acabem por penetrar. Esses segredos, uma vez revelados aos fiéis, não são ocultados ao público. A *Revista espiritualista* que aparece regularmente todos os meses, não recusa nenhuma assinatura profana, e qualquer um pode comprar os livros que contêm o texto revelado com seu comentário autêntico.

"Chegar-se-ia a crer que uma religião, que consiste unicamente da evocação dos mortos, seja muito hostil à Igreja católica, que nunca cessou de interditar a prática da necromancia. Mas esses sentimentos estreitos, por natural que pareçam, não lhe são menos estranhos, assegure-se, ao coração dos espiritualistas. Rendem, de bom grado, justiça ao Evangelho e ao seu Autor, confessam que Jesus viveu, agiu, falou, sofreu como os nossos quatro evangelistas o narram. A doutrina evangélica é verdadeira; mas essa revelação, da

qual Jesus foi o órgão, longe de excluir todo o progresso, tem necessidade de ser completada. O espiritualismo é que dará ao Evangelho a sã interpretação que lhe falta e o complemento que espera há dezoito séculos.

"Mas, também, quem assinará limites ao progresso do cristianismo ensinado, interpretado, desenvolvido qual está, por almas libertas da matéria, estranhas às paixões terrestres, aos nossos preconceitos e aos nossos interesses humanos? O próprio infinito se nos descobre; ora, o infinito não tem limites, e tudo nos faz esperar que a revelação do infinito será continuada, sem interrupção; à medida que se escoarem os séculos, ver-se-ão as revelações acrescentadas, sem esgotar jamais esses mistérios, cuja extensão e profundidade parecem aumentar à medida que se libertam da obscuridade que os envolvera até aqui.

"De onde esta consequência que o espiritualismo é uma religião, uma vez que nos coloca intimamente em relação com o infinito e que absorve, em se alargando, o cristianismo, que, de todas as formas religiosas presentes ou passadas, é, como se confessa sem dificuldade, a mais elevada, a mais pura e mais perfeita. Mas alargar o cristianismo é uma tarefa difícil, que não pode se cumprir sem derrubar as barreiras atrás das quais está entrincheirado. Os racionalistas não respeitam nenhuma barreira; menos ardentes, ou menos, avisados, os espiritualistas não encontram senão duas, cujo rebaixamento parece indispensável, a saber, a autoridade da Igreja católica,

e o dogma da eternidade das penas.

"Esta vida é única prova que será dada ao homem para atravessar? A árvore mora eternamente no canto em que tombou? O estado da alma depois da morte é definitivo, irrevogável e eterno? Não, responde *a* necromancia espiritualista. Na morte, nada se acaba, tudo recomeça. A morte é, para cada um de nós, o ponto de partida de uma nova encarnação, de uma nova vida e de uma nova prova.

"Deus, segundo o panteísmo alemão, não é o ser, mas o vir a ser eterno. O que quer que ele seja de Deus, o homem, segundo os espiritualistas parisienses, não tem outro destino que o futuro progressivo ou retrógrado, segundo seus méritos e segundo suas obras. A lei moral ou religiosa tem uma sanção verdadeira nas outras vidas, onde os bons são recompensados e os maus punidos, mas durante um período, mais ou menos longo, de anos ou de séculos, e não durante a eternidade.

"O espiritualismo seria a forma mística do erro do qual o senhor Jean Reynaud é o teólogo? Talvez. É permitido ir mais longe e dizer que entre o senhor Reynaud e os novos sectários exista um laço mais estreito que aquele da comunidade de doutrinas? Talvez ainda. Mas essa questão por falta de informações certas, não seria decidida aqui de um modo decisivo.

"O que importa muito mais que o parentesco ou as alianças heréticas do senhor Jean Reynaud, é a confusão de

ideias da qual o progresso do espiritualismo é o sinal; é a ignorância em matéria de religião, que torna possível tanta extravagância; é a leviandade com a qual os homens, aliás estimáveis, acolhem essas revelações do outro mundo que não têm nenhum mérito, mesmo o da novidade.

"Não é necessário remontar até Pitágoras e aos pais da Igreja para descobrir as origens do espiritualismo contemporâneo. Serão encontradas folheando-se as atas do magnetismo animal.

"Desde o século XVIII, a necromancia desempenha um grande papel nas práticas do magnetismo; e vários anos antes que ocorresse a questão dos Espíritos batedores na América, certos magnetizadores franceses obtiveram, disseram eles, da boca dos mortos ou dos demônios, a confirmação de doutrinas condenadas pela Igreja; e notadamente a dos erros de Orígenes quanto à conversão futura dos maus anjos e dos condenados.

"É preciso dizer também que o médium espiritualista, no exercício de suas funções, pouco difere do *sujeito* nas mãos do magnetizador, e que o círculo abrangido pelas revelações do primeiro não ultrapassa aquela que limita a visão do segundo.

"As informações que a curiosidade obtém nos assuntos privados, por meio da necromancia, não ensinam, em geral, nada mais do que era conhecido antes. A resposta do médium espiritualista é obscura nos pontos que nossas pesquisas

pessoais puderam esclarecer; ela é limpa e precisa nas coisas que nos são bem conhecidas; muda sobretudo sobre o que se oculta aos nossos estudos e aos nossos esforços. Parece, em uma palavra, que o médium tem uma visão magnética de nossa alma, mas que não descobre nada além daquilo que se encontra escrito. Mas essa explicação, que parece bem simples, está, todavia, sujeita a graves dificuldades. Ela supõe, com efeito, que uma alma pode naturalmente ler no fundo de uma outra alma sem os recursos de sinais, independentemente da vontade daquele que se tornaria, para qualquer um, um livro aberto e muito legível. Ora, os anjos, bons ou maus, não possuem naturalmente esse privilégio, nem com relação a nós, nem nas relações diretas que têm entre eles. Só Deus peneira imediatamente os espíritos e escruta, até o fundo, os corações mais obstinadamente fechados à sua luz.

"Se os fatos espiritualistas mais estranhos, que se narram, são autênticos, seria preciso, pois, para explicá-los, recorrer a outros princípios. Esquece-se muito que esses fatos se reportam, em geral, a um objeto que preocupa fortemente o coração ou a inteligência, que provocou longas pesquisas e dos quais, frequentemente, fala-se fora da consulta espiritualista. Nessas condições, não se pode perder de vista que um certo conhecimento das coisas que nos interessam não ultrapassa nunca os limites naturais da força dos Espíritos.

"Qualquer que ela seja, não há outra coisa, no

espetáculo que nos é dado hoje, senão uma evolução do magnetismo que se esforça por se tornar uma religião.

"Sob a forma dogmática e polêmica que a nova religião deu ao senhor Jean Reynaud, ela encorajou a condenação do Concílio de Perigueux, cuja competência, lembre-se, foi gravemente negada pelo culpado.

"Na forma mística que ela toma hoje em Paris, merece ser estudada ao menos como um sinal dos tempos em que vivemos. O espiritualismo já recrutou um certo número de homens, entre os quais vários são honrosamente conhecidos no mundo. Esse poder de sedução que ele exerce, o lento progresso, mas não interrompido, que lhe é atribuído por testemunhas dignas de fé, as pretensões que ele ostenta, os problemas que coloca, o mal que pode fazer às almas, eis, sem dúvida, bastante motivos reunidos para atrair, desse lado, a atenção dos católicos. Guardemo-nos de atribuir, à nova seita, mais importância do que realmente ela tem. Mas, para evitar o exagero que aumenta tudo, não caiamos na mania de negar e diminuir todas as coisas. *Nolite omni spiritui credere, sed probate spiritus si ex Deo sint: Quoniam multi pseudoprophetoe exierunt in mundum.* (I João IV. 1.)"

O ABADE FRANÇOIS CHESNEL.

SENHOR ABADE,

O artigo que publicastes no *Univers,* concernente ao Espiritismo, contém vários erros que importa retificar, e que provêm, sem dúvida, de um estudo incompleto da matéria.

Para refutá-los todos, seria preciso retomar, desde o alicerce, todos os pontos da teoria, assim como os fatos que lhe servem de base, e é o que não tenho nenhuma intenção de fazer aqui. Limito-me aos pontos principais.

Desejais reconhecer que as ideias espíritas *recrutaram* um certo número de homens honrosamente conhecidos no mundo; esse fato, cuja realidade ultrapassa, sem dúvida, de muito o que credes, merece incontestavelmente a atenção de todo homem sério, porque tantas pessoas eminentes, pela sua inteligência, seu saber e sua posição social, não se apaixonariam por uma ideia despida de todo fundamento. A conclusão natural é que no fundo de tudo isso deve haver alguma coisa.

Objetareis, sem dúvida, que certas doutrinas, metade religiosas, metade sociais, encontraram nestes últimos anos sectários nas próprias classes da aristocracia intelectual, o que não lhes impediu caírem no ridículo. Os homens de inteligência podem, pois, se deixarem seduzir-se por utopias. A isso respondo que as utopias não têm senão um tempo; cedo ou tarde; a razão lhe faz justiça; ocorrerá o mesmo com o Espiritismo, se for uma; se for uma verdade, ele triunfará de todas as posições, de todos os sarcasmos, direi mesmo de todas as perseguições, se as perseguições fossem ainda do nosso século, e os detratores o serão às suas expensas; seria bem preciso que, bom grado, malgrado, os opositores o aceitassem, como aceitaram tantas coisas, contra as quais haviam protestado, supostamente em nome da razão. O

Espiritismo é uma verdade? O futuro julgará; já parece prenunciar pela rapidez com a qual essas ideias se propagam, e notai bem que não é na classe ignorante e iletrada que elas encontram adeptos, mas, bem ao contrário, entre as pessoas esclarecidas.

Há ainda a se anotar que todas as doutrinas filosóficas são obras de homens com pensamentos maiores ou menores, mais ou menos justos; todas têm um chefe, ao redor do qual se agruparam outros homens partilhando a mesma maneira de ver. Qual é o autor do Espiritismo? Quem é aquele que imaginou essa teoria, verdadeira ou falsa? Procurou-se coordená-la, formulá-la, explicá-la, é verdade; mas a ideia primeira, quem a concebeu? Ninguém; ou, por melhor dizer, todo o mundo, porque cada um pôde ver, e aqueles que não viram, foi porque não quiseram ver, ou quiseram ver à *sua maneira, sem sair do círculo de suas ideias preconcebidas,* o que fez com que vissem mal e julgassem mal. O Espiritismo decorre de observações que cada um pode fazer, que não são nenhum privilégio para ninguém, é o que explica sua irresistível propagação; não é o produto de nenhum sistema individual, e é isso que o distingue de todas as outras doutrinas filosóficas.

Essas revelações do outro mundo não têm mesmo, dissestes, o mérito da novidade. Seria, pois, um mérito apenas a novidade? Quem jamais pretendeu que fosse uma descoberta moderna? Essas comunicações sendo uma consequência na natureza humana, e ocorrendo por uma

vontade de Deus, fazem parte das leis imutáveis pelas quais rege o mundo; elas, pois, devem existir desde que há homens na Terra eis porque são encontradas na mais alta antiguidade, em todos os povos, na história profana, como também na história sacra. A antiguidade e a universalidade dessa crença são argumentos em seu favor; tirar dela uma conclusão desfavorável, seria falta de lógica antes de tudo.

Dissestes, em seguida, que a faculdade dos médiuns difere *pouco* da dos sujeitos na mão do magnetizador, dito de outro modo, do sonâmbulo; mas, admitamos mesmo uma perfeita identidade; qual pode ser a causa dessa admirável clarividência sonambúlica, clarividência que não encontra obstáculo nem na matéria, nem na distância; que se exerce sem o concurso dos órgãos da visão? Não é a demonstração mais patente da existência e da individualidade da alma, pivô da religião? Se eu fora padre, e quisesse, num sermão, provar que há em nós outra coisa além do corpo, demonstrá-lo-ia, de modo irrecusável, pelos fenômenos do sonambulismo natural ou artificial. Se a mediunidade não é senão uma variedade do sonambulismo, seus efeitos não são menos dignos de observação. Nela encontraria uma prova a mais em favor de minha tese, e dela faria uma nova arma contra o ateísmo e o materialismo. Todas as nossas faculdades são obras de Deus; quanto maiores e maravilhosas, mais atestam seu poder e sua bondade.

Para mim que, durante trinta e cinco anos, fiz do sonambulismo um estudo especial, que nele fiz um não

menos aprofundado de todas as variedades de médiuns, digo, como todos aqueles que não julgam pela visão de uma única face, que o médium é dotado de uma faculdade particular, que não permite confundi-lo com o sonâmbulo, e que a completa independência de seu pensamento está provada por fatos da última evidência, para qualquer que se coloque nas condições requeridas para observar sem parcialidade. Abstração feita das comunicações escritas, qual é o sonâmbulo que jamais fez jorrar um pensamento de um corpo inerte? Que produziu aparições visíveis e mesmo tangíveis? Que pôde manter um corpo pesado no espaço sem ponto de apoio? Foi por um efeito sonambúlico que um médium desenhou, há quinze dias, em minha casa, na presença de vinte testemunhas, o retrato de uma jovem morta há dezoito meses, e que jamais conhecera, retrato reconhecido pelo pai presente à sessão? Foi por um efeito sonambúlico que uma mesa respondeu com precisão às perguntas propostas, e mesmo a perguntas mentais? Seguramente, admitindo-se que o médium esteja num estado magnético, parece-me difícil acreditar que a mesma seja sonâmbula.

Dissestes que o médium não fala claramente senão de coisas conhecidas. Como explicar o fato seguinte, e cem outros do mesmo gênero, que se reproduziram muitas vezes e de meu conhecimento pessoal? Um de meus amigos, muito bom médium escrevente, perguntou a um Espírito se uma pessoa que ele perdeu de vistas há quinze anos está ainda

neste mundo. “Sim, ele vive ainda, respondeu-lhe; ele mora em Paris, em tal rua e tal número.” Ele foi, e encontrou a pessoa no endereço indicado. Foi ilusão? Seu pensamento poderia sugerir-lhe essa resposta? Se, em certos casos, as respostas podem concordar com o pensamento, é racional concluir disso que seja uma regra geral? Nisso, como em todas as coisas, os julgamentos precipitados são sempre perigosos, porque podem ser desmentidos pelos fatos que se observam.

De resto, senhor Abade, minha intenção não é fazer aqui um curso de Espiritismo, nem discutir-lhe o erro nem a verdade. Ser-me-ia preciso, como disse sempre, lembrar os inumeráveis fatos que citei na *Revista Espírita,* assim como as explicações que lhes dei em meus escritos. Chego, pois, à parte de vosso artigo que me parece a mais grave. Intitulastes vosso artigo: *Uma religião nova em Paris.* Supondo que tal fosse, com efeito, o caráter do Espiritismo, haveria aí um primeiro erro, tendo em vista que está longe de se circunscrever a Paris. Ele conta vários milhões de adeptos, espalhados nas cinco partes do mundo, e Paris não lhe foi o foco primitivo. Em segundo lugar, é uma religião? Tratarei de mostrar o contrário.

O Espiritismo funda-se sobre a existência de um mundo invisível, formado por seres incorpóreos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram na Terra, ou em outros globos, onde deixaram seu envoltório material. São esses seres aos quais demos, ou

melhor, que se deram o nome de *Espíritos.* Esses seres, que nos rodeiam sem cessar, exercem sobre os homens, com o seu desconhecimento, uma grande influência; eles desempenham um papel muito ativo no mundo moral, e, até um certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo está, pois, na natureza, e pode-se dizer que, em uma certa ordem de ideias, é uma força, como a eletricidade é uma outra sob outro ponto de vista, como a gravidade universal é uma outra.

Ele nos revelou o mundo dos invisíveis, como um microscópio nos revelou o mundo dos infinitamente pequenos, que não supúnhamos. Os fenômenos, dos quais esse mundo invisível é a fonte, deveram se produzir, e são produzidos, em todos os tempos, eis porque a história de todos os povos os menciona. Unicamente, em sua ignorância, os homens atribuíram esses fenômenos a causas mais ou menos hipotéticas, e deram, sob esse aspecto, um livre curso à sua imaginação, como fizeram com todos os fenômenos, cuja natureza lhes era imperfeitamente conhecida. O Espiritismo, melhor observado depois que foi vulgarizado, vem lançar a luz sobre uma multidão de questões até aqui insolúveis ou mal resolvidas. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma *ciência e* não de uma religião, e a prova disso é que conta, entre seus adeptos, com homens de todas as crenças, e que por isso não renunciaram às suas convicções: os católicos fervorosos que não praticam menos todos os deveres de seu culto, protestantes de todas as seitas,

israelitas, muçulmanos e até budistas e brâmanes; há de tudo, exceto materialistas e ateus, porque essas ideias são incompatíveis com as *observações* espíritas. O Espiritismo repousa, pois, sobre princípios gerais independentes de todas as questões dogmáticas. Ele tem, é verdade, consequências morais como todas as ciências filosóficas; essas consequências estão no sentimento do Cristianismo, porque o Cristianismo, de todas as doutrinas, é a mais clara, a mais pura, e é por esta razão que, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos a compreendê-lo em sua verdadeira essência. O Espiritismo não é, pois, uma religião: de outro modo teria seu culto, seus templos, seus ministros. Cada um, sem dúvida, pode se fazer uma religião de suas opiniões, interpretar ao seu gosto as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova Igreja, há distância, e creio que seria imprudente dar-lhe a ideia. Em resumo, o Espiritismo se ocupa com a observação dos fatos, e não com as particularidades de tal ou tal crença, da procura das causas, de explicações que esses fatos podem dar de fenômenos conhecidos, na ordem moral como na ordem física, e não impõe mais um culto aos seus adeptos do que a astronomia impõe o culto dos astros, nem a pirotécnica o do fogo. Bem mais: do mesmo modo que o sabeísmo nasceu da astronomia mal compreendida, o Espiritismo, mal compreendido na antiguidade, foi a fonte do politeísmo. Hoje que, graças às luzes do Cristianismo, podemos julgá-lo mais sadiamente, nos põe em guarda contra os sistemas errôneos, frutos da ignorância; e a própria religião pode nele haurir a

prova palpável de muitas verdades contestadas por certas opiniões; eis porque, contrariamente à maioria das ciências filosóficas, um dos seus efeitos é o de conduzir às ideias religiosas aqueles que se desviaram por um ceticismo exagerado.

A Sociedade, da qual falais, definiu seu objetivo por seu próprio título; o nome de: *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* não se parece com nada de uma seita; tem-lhe tão pouco caráter, que seu regimento lhe interdita ocupar-se de questões religiosas; ela está alinhada na categoria de sociedades científicas porque, com efeito, seu objetivo é estudar e aprofundar todos os fenômenos que resultam das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; ela tem seu presidente, seu secretário, seu tesoureiro, como todas as sociedades; não convida o público às suas sessões; ali não se faz nenhum discurso, nem nada que tenha o caráter de um culto qualquer. Ela procede aos seus trabalhos com calma e recolhimento, primeiro porque é uma condição necessária para as observações; segundo, porque sabe o respeito que se deve àqueles que não vivem mais na Terra. Chama-os em nome de Deus, porque crê em Deus, em seu todo poder, e sabe que nada se faz neste mundo sem a sua permissão. Abre a sua sessão por uma chamada geral aos bons Espíritos, porque, sabendo que os há bons e maus, prende-se a que estes últimos não venham misturar-se fraudulentamente às comunicações que recebem e induzi-la em erro. O que isso prova? Que não somos ateus;

mas isso não implica, de nenhum modo, que sejamos religiosos; é do que deveria convencer-se a pessoa que vos narrou o que se faz entre nós, se ela tivesse seguido nossos trabalhos, e se, sobretudo, os julgasse menos levianamente, e talvez com espírito menos prevenido e menos apaixonado. Os fatos protestam, pois, por si mesmos, contra a qualificação de *nova seita* que destes à Sociedade, por falta, sem dúvida, de melhor conhecê-la. Terminais vosso artigo chamando a atenção dos católicos para o mal que o Espiritismo pode fazer às almas. Se as consequências do Espiritismo fossem a negação de Deus, da alma, de sua individualidade depois da morte, do livre arbítrio do homem, das penas e das recompensas futuras, seria uma doutrina profundamente imoral; longe disso, ele prova, não pelo raciocínio, mas pelos fatos, essas bases fundamentais da religião, da qual o mais perigoso inimigo é o materialismo. E faz mais: por suas consequências ensina a suportar, com resignação, as misérias desta vida; acalma o desespero; ensina os homens a se amarem como irmãos, segundo os divinos preceitos de Jesus. Se soubésseis, como eu, quantos incrédulos endurecidos conduziu, quanto arrancou de vítimas ao suicídio pela perspectiva da sorte reservada àqueles que abreviam sua vida, contrariamente à vontade de Deus; quantos ódios acalmou e aproximou inimigos! Está aí o que chamais fazer mal às almas? Não, não podeis pensar assim, e apraz-me crer que se o conhecesse melhor, julgá-lo-ia de outro modo. A religião, direis, pode fazer tudo isso. Longe de mim contestá-lo; mas crede que teria sido mais feliz para

aqueles que ela encontrou rebeldes, seres que permaneceram numa incredulidade absoluta? Se o Espiritismo disso triunfou, se tornou claro o que era obscuro, evidente o que era duvidoso, onde está o mal? Para mim, digo que em lugar de perder as almas, ele as salvou.

Aceite, etc.

ALLAN KARDEC.

(p. 129-138).

Revista Espírita de junho 1859

O músculo fanfarrão

Os adversários do Espiritismo acabam de fazer uma descoberta que deverá contrariar muito os Espíritos batedores; é para eles um golpe, do qual terão muita dificuldade para se levantarem. Que devem pensar, com efeito, da terrível estocada que acabam de lhes dar o senhor Schiff, e depois o senhor Jobert (de Lamballe), e depois o senhor Velpeau? Parece-me vê-los todos envergonhados com mais ou menos esta linguagem: "Pois bem! Meu caro, estamos em maus lençóis! Eis-nos derrotados; não contávamos com a anatomia que descobriu as nossas artimanhas. Decididamente, não há meios para se viver num país onde há pessoas que veem tão claro." – Vamos, senhores palermas, que crestes ingenuamente em todos esses contos de velhas; impostores que quisestes crêssemos que podem existir seres que não vemos. Ignorantes que

credes que alguma coisa possa escapar ao escalpelo, *mesmo a vossa alma;* e vós todos, escritores espíritas ou espiritualistas, mais ou menos espirituais, inclinai-vos *e* reconhecei que fostes todos enganadores, charlatães, até mesmo velhacos ou imbecis: esses senhores vos deixam a escolha, porque eis a luz, a verdade pura.

"**Academia de ciências** *(sessão de 18 de abril de 1859.)* – DA CONTRAÇÃO RÍTMICA MUSCULAR INVOLUNTÁRIA. – O senhor Jobert (de Lamballe) comunica um fato curioso de contrações musculares involuntárias rítmicas do curto perônio lateral direito, que confirma a opinião do senhor Schiff, relativamente ao fenômeno oculto dos *Espíritos batedores.*

A senhorita X..., com a idade de quatorze anos, bem constituída, desde os seis anos ostentando movimentos involuntários regulares do músculo curto perônio lateral direito, e batimentos que se fazem ouvir atrás do maléolo externo direito, oferecendo a regularidade do pulso. Declararam-se, pela primeira vez, na perna direita, durante a noite, ao mesmo tempo que uma dor muito viva. Pouco tempo depois, o curto perônio lateral esquerdo foi atingido por uma afecção da mesma natureza, mas de menor intensidade.

O efeito desses batimentos é o de provocar *a* dor, produzir hesitações no caminhar e mesmo determinar quedas. A jovem enferma declarou-nos que a extensão do pé e a compressão exercida sobre certos pontos do pé e da perna bastam para detê-los, mas que, então, continua a sentir a dor e a fadiga no membro.

Quando essa interessante pessoa se nos apresentou, eis em que estado a encontramos: Ao nível do maléolo

externo direito, foi fácil constatar, perto dessa saliência óssea, um batimento regular, acompanhado de uma saliência passageira e de um levantamento das partes moles dessa região, que eram seguidas de um ruído seco sucedendo a cada contração muscular. Esse ruído se fazia ouvir na cama, fora da cama e a uma distância bastante considerável do lugar onde a jovem repousava. Notável pela sua regularidade e seu estrépito, esse ruído a acompanhava por toda parte. Aplicando-se o ouvido sobre a perna, o pé ou sobre o maléolo, distinguia-se um choque incômodo que ganhava toda a largura do trajeto percorrido pelo músculo, absolutamente como um golpe transmitido de uma extremidade à outra de um madeiro. Algumas vezes, esse ruído parecia uma fricção, uma arranhadura, e isso quando as contrações tinham menor intensidade. Esses mesmos fenômenos sempre se reproduziram, quer a doente estivesse de pé, sentada ou deitada, qualquer que fosse a hora do dia ou da noite, quando nós a examinávamos.

Se estudarmos os batimentos produzidos, e se, para maior clareza, decompusermos cada batimento em dois tempos, veremos:

Que, no primeiro tempo, o tendão do curto perônio se desloca saindo da goteira e, necessariamente, levantando o longo perônio lateral e a pele;

Que, no segundo tempo, tendo se cumprido o fenômeno de contração, seu tendão se relaxa, se repõe na

goteira, e produz, batendo contra esta, o ruído seco e sonoro do qual falamos.

Ele se renovava, por assim dizer, a cada segundo, e cada vez o pequeno dedo do pé sofria um impulso e a pele que recobria o quinto metatársico era levantada pelo tendão. Ele cessava quando o pé era fortemente estendido. Cessava, ainda, quando era exercida uma pressão sobre o músculo ou a bainha dos perônios.

Nestes últimos anos, os jornais franceses e estrangeiros têm falado muito de ruídos semelhantes a *golpes de martelo,* ora se sucedendo regularmente, ora tomando um ritmo particular, que se produziam ao redor de certas pessoas deitadas em seu leito.

Os charlatães se apossaram desses fenômenos singulares, cuja realidade, aliás, foi atestada por testemunhas dignas de fé. Tentou-se reportá-los a uma causa sobrenatural, e deles se serviram para explorar a credulidade pública.

A observação da senhorita X… mostra como, sob a influência da contração muscular, os tendões deslocados podem, no momento em que caem em suas goteiras ósseas, produzir batimentos que, para certas pessoas, anunciam a presença de *Espíritos batedores.*

Com o exercício, todo homem pode adquirir a faculdade de produzir, à vontade, semelhantes deslocamentos dos tendões e batimentos secos que são ouvidos à distância.

Repelindo toda ideia de intervenção sobrenatural e notando que esses batimentos, e esses ruídos se passavam sempre ao pé do leito dos indivíduos agitados pelos Espíritos, o senhor Schiff perguntou-se se a sede desses ruídos não estava neles, antes que fora deles. Seus conhecimentos anatômicos levaram-no a pensar que poderia bem-estar na perna, na região peroneal, onde se acham colocados uma superfície óssea, tendões e uma corrediça comum.

Com essa maneira de ver, *estando bem arraigada em seu espírito,* fez experiências e ensaios sobre si mesmo, que não lhe permitiram duvidar que o ruído tinha a sua sede atrás do maléolo externo e na corrediça dos tendões peroneais.

Logo o senhor Schiff chegou mesmo a executar ruídos voluntários, regulares, harmoniosos, e pôde, diante de um grande número de pessoas (cerca de cinquenta ouvintes), imitar os prodígios dos Espíritos batedores com ou sem sapato, de pé ou deitado.

O senhor Schiff estabeleceu que todos esses ruídos têm por origem o tendão do longo perônio, quando passa na goteira peroneal, e acrescentou que coexiste com um adelgaçamento, ou a ausência, da bainha comum ao longo e ao curto perônio. Quanto a nós, admitindo primeiro que todos esses batimentos são produzidos pela queda do tendão contra a superfície óssea peroneal, pensamos, entretanto, que não há necessidade de uma anomalia da bainha para deles se render conta. Bastam a contração do músculo, o deslocamento do tendão e seu retorno à goteira para que o

ruído ocorra. Além disso, *só* o curto perônio é o agente do ruído em questão. Com efeito, ele assume uma direção mais direita que o longo perônio, que sofre vários desvios em seu trajeto; ele está profundamente situado na goteira; recobre inteiramente a goteira óssea, de onde é natural concluir que o ruído é produzido pelo choque desse tendão sobre as partes sólidas da goteira; apresenta fibras musculares até a entrada do tendão na goteira comum, ao passo que, para o longo perônio, é tudo ao contrário.

O ruído é variável em sua intensidade e pode-se, com efeito, distinguir-lhe diversas nuanças. Assim é que, depois do ruído estrepitoso e que se distingue ao longe, encontram-se variedades de ruído, de fricção, de serra, etc.

Pelo método subcutâneo, sucessivamente, fizemos incisão através do corpo do curto perônio lateral direito e do corpo, do mesmo músculo, do lado esquerdo em nossa doente, e mantivemos os membros na imobilidade com a ajuda de um aparelho. Fez-se a reunião e a função dos dois membros foi recuperada, sem nenhum sinal dessa singular e RARA afecção.

SENHOR VELPEAU. Os ruídos, dos quais o senhor Jobert acaba de tratar em sua interessante notícia, me parecem prenderem-se a uma questão bastante vasta. Observam-se, com efeito, esses ruídos, em grande quantidade de regiões. O quadril, a espádua, o lado interno do pé, muito frequentemente, tornam-se sua sede. Eu vi, entre outras, uma senhora que, com a ajuda de certos

movimentos de rotação da coxa, assim produzia uma espécie de música bastante manifesta para ser ouvida de um canto ao outro do salão. O tendão da parte longa do bíceps braquial engendra-o facilmente saindo de sua corrediça, quando os freios fibrosos, que o retêm naturalmente, venham a se relaxar ou romper-se. Ocorre o mesmo com o músculo superior da perna ou o flexor do grosso dedo do pé, atrás do maléolo interno. Tais ruídos se explicam, assim como o entenderam os senhores Schiff e Jobert, pela fricção ou os sobressaltos dos tendões nas ranhuras ou contra as bordas nas superfícies sinoviais. Consequentemente, são possíveis em uma infinidade de regiões ou na vizinhança de uma multidão de órgãos. Ora claros ou ruidosos, ora surdos ou obscuros, por vezes úmidos e de outras secos, variam, aliás, extremamente de intensidade.

Esperamos que o exemplo dado, a esse respeito, pelos senhores Schiff e Jobert venha a levar os fisiologistas a se ocuparem seriamente com esses diversos ruídos, e que darão, um dia, a explicação racional de fenômenos incompreendidos ou atribuídos, até aqui, a causas ocultas e sobrenaturais.

O senhor JULES CLOQUET, com o apoio das observações do senhor Velpeau sobre os ruídos anormais que os tendões podem produzir em diversas regiões do corpo, cita o exemplo de uma jovem de dezesseis a dezoito anos, que lhe foi apresentada no hospital Saint-Louis, numa época na qual os senhores Velpeau e Jobert estavam ligados a esse

mesmo estabelecimento. O pai dessa jovem, que se intitulava *pai de um fenômeno,* espécie de saltimbanco, pretendia tirar proveito de sua filha entregando-a numa exibição pública; ele anunciou que sua filha tinha no ventre um movimento de pêndulo. Essa jovem estava perfeitamente conformada. Por um ligeiro movimento de rotação na região lombar da coluna vertebral, ela produzia estalidos muito fortes, mais ou menos regulares, segundo o ritmo dos ágeis movimentos que imprimia à parte inferior de seu busto. Esses ruídos anormais podiam ser ouvidos, muito distintamente, a mais de vinte e cinco pés de distância, e se assemelhavam ao ruído de um velho espeto de manivela; eram suspensos à vontade da jovem, e pareciam ter sua sede nos músculos da região lombo-dorsal da coluna vertebral".

Esse artigo, tirado de *a L'Abeille médicale,* e que cremos dever transcrever na íntegra, para a edificação de nossos leitores, e a fim de que não nos acusassem de querer evitar alguns argumentos, foi reproduzido com variantes por diferentes jornais, com epítetos forçados. Não temos o hábito de revelar grosserias; deixamo-las à sua conta, dizendo-nos nosso vulgar bom senso que nada se prova com asneiras e injúrias, por sábio que se seja. Se o artigo em questão se limitasse a essas banalidades, que nem sempre são marcadas com o cunho da urbanidade e da civilidade, não as teríamos revelado; mas ele trata da questão do ponto de vista científico; ele nos acabrunha por demonstrações com as quais pretende nos pulverizar; vejamos, pois, decididamente, se

estamos mortos com o decreto da Academia de ciências, ou bem se temos alguma chance de vivermos como esse pobre louco Fulton, cujo sistema foi declarado, pelo Instituto, um sonho oco, impraticável, o que muito simplesmente privou a França da iniciativa da marinha a vapor; e quem sabe quais as consequências que essa força, nas mãos de Napoleon I, poderia ter sobre os acontecimentos ulteriores!

Não faremos senão uma curtíssima nota a respeito da qualificação de charlatão dada aos partidários de ideias novas; parece-nos um tanto arriscada, quando se aplica a milhões de indivíduos que dela não tiram nenhum proveito e quando ela alcança os cumes mais elevados das regiões sociais. Esquece-se que o Espiritismo fez, em alguns anos, progressos incríveis em todas as partes do mundo; que ele se propaga, não entre os ignorantes, mas nas classes esclarecidas; que conta, em suas fileiras, um número muito grande de médicos, de magistrados, de eclesiásticos, de artistas, de homens de letras, de altos funcionários: pessoas às quais, geralmente, se atribuem algumas luzes e um pouco de bom senso. Ora, confundi-las no mesmo anátema, e enviá-las sem cerimônia às Petites-Maisons, é agir muito insolentemente.

Mas, direis, aquelas pessoas são de boa fé; são vítimas de uma ilusão; não negamos o efeito, não contestamos senão a causa que lhe atribuís, a ciência vem de descobrir a verdadeira causa, fê-la conhecer e, por isso

mesmo, fez desabar esse alicerce místico de um mundo invisível que pode seduzir imaginações exaltadas, mas fiéis.

Não nos apontamos como sábios, e ainda menos ousaríamos nos colocar ao nível de nossos honrosos adversários; diremos apenas que os nossos estudos em anatomia, e as ciências físicas e naturais que tivemos a honra de professar, nos permitem compreendermos sua teoria, e que de modo algum estamos aturdidos por essa avalanche de termos técnicos; os fenômenos dos quais eles falam nos são perfeitamente conhecidos. Nas nossas observações sobre os efeitos atribuídos aos seres invisíveis, não tivemos cautela de negligenciar uma causa tão patente de equívoco. Quando um fato se apresenta, não nos contentamos com uma única observação; queremos vê-lo de todos os lados, sob todas as faces, e antes de aceitarmos uma teoria, examinamos se ela rende conta de todas as circunstâncias, se algum fato desconhecido não vem contradizê-la, em uma palavra, se ela resolve todas as questões: a verdade tem esse preço. Admitis, senhores, que essa maneira de proceder é bastante lógica. Pois bem! Apesar de todo o respeito que impõe o vosso saber, ele apresenta algumas dificuldades na aplicação de vosso sistema a isso que se chama os Espíritos batedores. A primeira é que é ao menos singular que essa faculdade, que o senhor Jobert (de Lamballe) qualifica de *rara e singular afecção,* tenha se tornado de repente tão comum. O senhor Lamballe disse, é verdade, que todo homem pode adquiri-la pelo exercício; mas como ele disse também que ela é

acompanhada de dor e de fadiga, o que é bastante natural, convir-se-á que seria necessário ter uma firme vontade de mistificar para fazer estalar seu músculo, durante duas ou três horas seguidas, quando isso não acrescenta nada, e pelo único prazer de divertir uma sociedade.

Mas falemos seriamente; isso é mais grave porque vem da ciência. Esses senhores que descobriram essa maravilhosa propriedade do músculo longo perônio, não desconfiam de tudo o que esse músculo pode fazer; ora, eis um belo problema para resolver. Os tendões deslocados não batem somente nas goteiras ósseas; por um efeito verdadeiramente bizarro, vão bater contra as portas, as paredes, os tetos, e isso à vontade, em tal lugar designado. Mas eis o que é mais forte, e vede quanto a ciência está longe de desconfiar de todas as virtudes desse músculo estalador: ele tem o poder de levantar uma mesa sem tocá-la, de fazê-la bater os pés, passear num aposento, manter-se no espaço sem ponto de apoio; de abri-la e de fechá-la, e avaliai sua a força, de fazê-la quebrar ao cair. Credes que se trata de uma mesa frágil e leve como uma pluma, e que se ergue soprando em cima? Desenganai-vos, trata-se de mesas pesadas e maciças, pesando cinquenta a sessenta quilos, que obedecem às mocinhas, às crianças. Mas, dirá o senhor Schiff, jamais vi esses prodígios. Isso é fácil de conceber, ele não quis ver senão as pernas.

Em suas observações, o senhor Schiff empregou a necessária independência de ideias? Estava livre de toda

prevenção? Disso é permitido duvidar, não somos nós que o dizemos, é senhor Jobert. Segundo ele, o senhor Schiff perguntou-se, falando dos médiuns, se a sede desses ruídos não estava antes neles do que fora deles; *seus conhecimentos anatômicos levaram-no a pensar que bem poderia estar na perna. Essa maneira de ver estava bem assentada em seu espírito,* etc. Assim, da declaração do senhor Jobert, o senhor Schiff tomou por ponto de partida, não os fatos, mas sua própria ideia, sua ideia preconcebida *bem assentada;* daí as pesquisas em um sentido exclusivo e, por consequência, uma teoria exclusiva que explica perfeitamente o fato que ele viu, mas não aqueles que não viu. – E por que não viu? – Porque, em seu pensamento, ele não tinha senão um ponto de partida verdadeiro, e uma explicação verdadeira; partindo daí, todo o resto deveria ser falso e não mereceria exame; disso resultou que, em seu ardor de rachar os médiuns ao meio, ele a feriu de lado.

Credes, Senhores, conhecer todas as virtudes do longo perônio, porque o surpreendestes tocando guitarra em sua corrediça? Ah! bem que sim, eis outra coisa a ser registrada nos anais anatômicos. Crestes que o cérebro era a sede do pensamento; errado! Pode-se pensar pela cravelha. As pancadas dão provas de inteligência, portanto, se esses golpes vêm exclusivamente do perônio, que seja o longo, segundo o senhor Schiff, ou o curto, segundo o senhor Jobert, (seria preciso, portanto, entender-se bem a esse respeito): é porque o perônio é inteligente. – Isso nada tem de

espantoso; o médium, fazendo estalar seu músculo à vontade, executará o que quiserdes: ele imitará a serra, o martelo, baterá o toque de reunir, o ritmo de uma música pedida. – Seja; mas quando o ruído responde a uma coisa que o médium desconhece inteiramente, que não pode saber; quando vos diz esses pequenos segredos que só vós sabeis, desses segredos que se gostaria de esconder no gorro de dormir, é preciso convir que o pensamento vem de outra parte que não o seu cérebro. De onde vem ele? Por Deus! Do longo perônio. Isso não é tudo, ele é também poeta, esse longo perônio, porque pode compor versos encantadores, embora o médium jamais soubesse fazê-los em sua vida; ele é poliglota, porque dita coisas verdadeiramente muito sensatas em línguas das quais o médium não sabe a primeira palavra; ele é músico… nós o sabemos, o senhor Schiff fez o seu executar sons harmoniosos, com ou sem sapato, diante de cinquenta pessoas. Sim; mas ele compõe. Vós, senhor Dorgeval, que nos destes recentemente uma encantadora sonata, credes ingenuamente que foi o Espírito de Mozart que vo-la ditou? Em verdade, senhores médiuns, não desconfiáveis de terem tanto espírito em vosso calcanhar. Honra, pois, àqueles que fizeram essa descoberta; que seus nomes sejam escritos em letras grandes para a edificação da posteridade, e a honra de sua memória!

Gracejais com uma coisa séria, dir-se-á; mas os gracejos não são razões. Não, não mais que as asneiras e as grosserias.

Confessando nossa ignorância junto desses senhores, aceitamos sua sábia demonstração e a tomamos muito seriamente. Acreditávamos que certos fenômenos eram produzidos por seres invisíveis que se deram o nome de Espíritos: enganamo-nos, seja; como procuramos a verdade, não teremos a tola pretensão de nos apaixonar por uma ideia que nos é demonstrada falsa, de modo tão peremptório. Desde o momento em que o senhor Jobert, por uma incisão subcutânea, pôs termo aos Espíritos, é porque não há Espíritos. Uma vez que ele disse que todos os ruídos vêm do perônio, é necessário crê-lo e admiti-lo em todas as suas consequências; assim, quando os golpes se fazem ouvir na parede ou no teto, é porque o perônio aí corresponde, ou que a parede tem um perônio; quando esses golpes ditam versos por uma mesa que bate o pé, de duas coisas uma, ou a mesa é poeta ou bem o perônio; isso nos parece lógico. Vamos mesmo mais longe: um oficial, dos nossos conhecidos, recebeu um dia, fazendo experiências espíritas, e por mão invisível, um par de bofetadas tão bem aplicadas que as sentia ainda duas horas depois. Ora, o meio de provocar uma reparação? Se semelhante coisa ocorresse com o senhor Jobert, ele não se inquietaria, porque diria que foi fustigado pelo longo perônio.

Eis o que lemos, a esse respeito, no jornal *La Mode* de 19 de maio de 1859.

"A Academia de medicina continua a cruzada de espíritos positivos contra o maravilhoso em todo gênero.

Depois de ter, com justiça, mas talvez um pouco desastradamente, fulminado o famoso doutor negro, pelo órgão do senhor Velpeau, eis agora que acaba de ouvir o senhor Jobert (de Lamballe) declarar, em pleno Instituto, o segredo do que ele chama a grande comédia dos *Espíritos batedores,* que é representada com tanto sucesso nos dois hemisférios.

"Segundo o célebre cirurgião, todos os *toc toc,* todos os *pan pan* fazendo vibrar de boa fé as pessoas que os ouvem; esses ruídos singulares, esses golpes secos batidos sucessivamente e como em cadência, precursores da chegada, sinais certos da presença de habitantes do outro mundo, são muito simplesmente o resultado de um movimento dado a um músculo, a um nervo, a um tendão! Trata-se de uma bizarrice da natureza, habilmente explorada, para produzir, sem que seja possível notá-la, essa música misteriosa que tem encantado, seduzido tanta gente.

"A sede da orquestra está colocada na perna, É o tendão do perônio, jogando em sua corrediça, que faz todos esses ruídos que são ouvidos sob as mesas, ou à distância, à vontade do prestidigitador.

"Duvido muito, de minha parte, que o senhor Jobert tenha colocado a mão, como ele crê, no segredo do que chama 'uma comédia', e os artigos publicados nesse próprio jornal, pelo nosso confrade senhor Escander, sobre os mistérios do mundo oculto, parece-me colocar a questão com

uma amplitude bem mais sincera e filosófica, no bom sentido da palavra.

"Mas se os charlatães de todas as cores são irritantes com seus golpes de bombo, é preciso convir que os senhores sábios, algumas vezes, não o são menos, com o apagador que pretendem pôr sobre tudo o que brilha fora das luzes oficiais.

"Eles não compreendem que a sede do maravilhoso, que devora nossa época, tem justamente por causa os excessos de positivismo onde certos espíritos quiseram empolgar. A alma humana tem necessidade de crer, admirar e ter visto sobre o infinito. Tem-se trabalhado para tapar as janelas que o catolicismo lhe abriu, ela olha não importa por quais frestas."

HENRY DE PÈNE.

"Nosso excelente amigo, senhor Henry de Pène, permita-nos uma observação. Ignoramos quando o senhor Jobert fez essa imortal descoberta, e qual foi o dia memorável no qual comunicou-a ao Instituto. O que sabemos é que essa original explicação já fora dada por outros. Em 1854, o senhor doutor Rayer, um prático célebre, que lá não fez nesse dia a prova de uma rara perspicácia, também ele apresentou, ao Instituto, um Alemão cuja habilidade, segundo ele, daria a chave de todos os *knokings e rappings* dos dois mundos. Tratava-se, como hoje, do deslocamento de um dos tendões musculares da perna, chamado o *longo perônio.* Sua

demonstração foi dada em sessão, e a Academia expressou seu reconhecimento por essa interessante comunicação. Alguns dias depois, um professor agregado da Faculdade de medicina consignou o fato no *Contitutionnel,* e teve a coragem de acrescentar que 'os sábios, enfim, tendo se pronunciado, o mistério estava enfim esclarecido'. O que não impediu o mistério de persistir e de aumentar, apesar da ciência que, se recusando experimentá-lo, se contenta em atacá-lo com explicações ridículas e burlescas, como essas das quais acabamos de falar. Por respeito ao senhor Jobert (de Lamballe), nos apraz crer que se lhe emprestou uma experiência que nunca lhe pertenceu. Algum jornal, com fito de novidade, encontrou em algum canto esquecido de sua pasta, a antiga comunicação do senhor Rayer, e a ressuscitou, colocando-a sob seu patrocínio, a fim de variar um pouco. *Mutato nomine, de te fábula narratur.* É deplorável, sem dúvida, mas isso é melhor do que se o jornal houvesse dito a verdade.”

A. ESCANDE

(p. 141-149).

Revista Espírita de julho 1859

Resposta à réplica do Senhor Abade Chesnel, em *L'Univers*

O jornal *l'Univers* inseriu, em seu número do dia 28 de maio último, a resposta que demos ao artigo do senhor abade Chesnel sobre o Espiritismo, e fê-la seguir de uma réplica

deste último. Esse segundo artigo, reproduzindo todos os argumentos do primeiro, menos a urbanidade das formas a qual todo o mundo estava pronto a render justiça, não poderíamos respondê-la senão repetindo o que já dissemos, o que nos parece completamente inútil. O senhor abade Chesnel se esforça sempre por provar que o Espiritismo é, deve ser e não pode ser senão uma religião nova, porque dele decorre uma filosofia, e que se ocupa da constituição física e moral dos mundos. Nessa conta, todas as filosofias seriam religiões. Ora, como os sistemas são muitos e todos têm partidários mais ou menos numerosos, estreitaria singularmente o círculo do catolicismo. Não sabemos até que ponto é imprudente e perigoso emitir uma tal doutrina; porque é proclamar uma cisão que não existe; ao menos dar-lhe a ideia. Vede um pouco a que consequência chegaríeis. Quando a ciência veio contestar o sentido do texto bíblico dos seis dias da criação, criou-se-lhe o anátema, disse-se que era atacar a religião; hoje, quando os fatos deram razão à ciência, quando não há mais meios de contestá-los senão negando a luz, a Igreja se pôs de acordo com a ciência. Suponhamos que então se dissesse que essa teoria científica era uma religião nova, uma seita, que ela *apareceu* em contradição com os livros sacros, que ela derrubava uma interpretação dada há séculos, disso resultaria que não se poderia ser católico e adotar essas ideias novas. Pensai, pois, a que se reduziria o número dos católicos, se fossem suprimidos todos aqueles que não creem que Deus fez a Terra em seis vezes vinte e quatro horas!

Ocorre o mesmo com o Espiritismo; se o olhais como uma religião nova, é porque aos vossos olhos ele não é católico. Ora, segui bem o meu raciocínio: De duas coisas uma: ou é uma realidade, ou é uma utopia. Se for uma utopia, não há com que preocupar-se com ele, porque cairá por si mesmo; se for uma realidade, todos os raios não impedi-lo-ão de sê-lo, tanto quanto não impediram outrora à Terra de girar. Se há verdadeiramente um mundo invisível que nos cerca, se se pode comunicar com esse mundo e dele obter notícias sobre o estado daqueles que o habitam, e todo o Espiritismo está aí dentro, logo isso parecerá tão natural quanto ver o Sol em pleno meio-dia ou encontrar milhares de seres vivos e invisíveis em uma límpida gota d'água; essa crença se tornará tão vulgar, que vós mesmos sereis forçados em vos render à evidência. Se, aos vossos olhos, essa crença é uma religião nova, ela está fora do catolicismo; porque não pode ser, ao mesmo tempo, a religião católica e uma religião nova. Se, pela força das coisas e da evidência, ela se tornar geral, e não poderá ser de outro modo se for uma das leis da Natureza, do vosso ponto de vista não haverá mais católicos, e vós mesmos não sereis mais católicos, porque sereis forçados a fazê-lo como todo o mundo. Eis, senhor abade, o terreno sobre o qual nos arrasta a vossa doutrina, e ela é tão absoluta que me agraciais já com o título de grande sacerdote dessa religião, honra da qual, verdadeiramente, pouco desconfiava. Mas ides mais longe: segundo vós, todos os médiuns são os sacerdotes dessa religião. Aqui vos detenho em nome da lógica. Até o presente, pareceu-me que as

funções sacerdotais eram facultativas, que não se era sacerdote senão por um ato de própria vontade, que se não o era, apesar dela e em virtude de uma faculdade natural. Ora, a faculdade dos médiuns é uma faculdade natural que se prende à organização, como a faculdade sonambúlica; que não requer nem sexo, nem idade, nem instrução, uma vez que é encontrada nas crianças, nas mulheres e nos velhos, entre os sábios como entre os ignorantes. Compreender-se-ia que moços e jovens fossem sacerdotes e sacerdotisas sem o querer e sem o saber? Em verdade, senhor abade, é abusar do direito de interpretar as palavras. O Espiritismo, como eu disse, está fora de todas as crenças dogmáticas, com as quais não se preocupa; não o consideramos senão como uma ciência filosófica, que nos explica uma multidão de coisas que não compreendemos, e, por isso mesmo, em lugar de abafar em nós as ideias religiosas, como certas filosofias, fá-las nascer naqueles em que elas não existem; mas se quereis, por toda a força, elevá-lo à categoria de uma religião, vós mesmos o empurrais para um caminho novo. É o que compreendem perfeitamente muitos eclesiásticos que, longe de produzir o cisma, se esforçam em conciliar as coisas, em virtude desse raciocínio: se as manifestações do mundo invisível ocorrem, isso não pode ser senão pela vontade de Deus, e não podemos ir contra a sua vontade, a menos que digamos que, no mundo, qualquer coisa pode ocorrer sem a sua permissão, o que seria uma impiedade. Se tivesse a honra de ser sacerdote, disso me serviria em favor da religião; faria dela uma arma contra a incredulidade, e diria

aos materialistas e aos ateus: Pedis prova? Essas provas, eis-las aqui: é Deus que as envia.

(p. 191-192).

Revista Espírita de dezembro 1859

Resposta ao Senhor Oscar Comettant

Senhor,

Consagrastes o folhetim do *Siècle* do dia 27 de outubro último aos Espíritos e aos seus partidários. Apesar do ridículo que lançastes sobre uma questão muito mais grave do que pensais, apraz-me reconhecer que, atacando o Espiritismo, salvaguardais as conveniências pela urbanidade das formas, *e* que é impossível dizer às pessoas, com mais polidez, que elas não têm o senso comum; também guardo-me de confundir o vosso espiritual artigo com essas diatribes grosseiras que dão uma tão triste ideia do bom gosto de seus autores, e aos quais todas as pessoas que conhecem as regras da civilidade, partidárias ou não, fazem justiça.

Não tenho por hábito responder à crítica; portanto, teria deixado passar o vosso artigo, como tantos outros, se não fora encarregado pelos Espíritos, primeiro de vos agradecer por querer vos ocupar deles, em seguida para dar-vos um pequeno aviso. Concebei, senhor, que de mim mesmo, eu não mo permitiria; cumpro sua incumbência, eis tudo. – Como! Direis, os Espíritos se ocupam, pois, com o folhetim que escrevi sobre eles? São muito bondosos. -

Seguramente, uma vez que estavam ao vosso lado quando escrevíeis. Um deles, que vos quer bem, procurou mesmo impedir-vos de colocar certas reflexões que não se acham à altura da vossa sagacidade, temendo a crítica para vós, não dos Espíritas, com os quais pouco vos importais, mas daqueles que conhecem a importância do vosso julgamento. Sabei bem que eles estão por toda parte, sabem tudo o que se diz *e o* que se faz e neste momento, em que ledes estas linhas, estão aí, ao vosso lado, observando-vos. Em vão vos esforçaríeis em dizer: Não posso crer na existência desses seres que povoam o espaço e que não são vistos. Credes no ar que não vedes e que, entretanto, vos envolve? Isto é bem diferente; creio no ar, porque, se não o vejo, eu o sinto, eu o ouço ribombar na tempestade e no tubo de minha chaminé; vejo os objetos que ele derruba. – Pois bem! Os Espíritos também se fazem ouvir; também eles fazem mover os corpos pesados, erguem-nos, transportam-nos, quebram-nos. – Apelemos, pois, Senhor Allan Kardec, à vossa razão; como quereis que seres impalpáveis, supondo que existam, o que não admitirei senão quando os veja, tenham esse poder? Como seres imateriais podem agir sobre a matéria? Isso não é racional. – Credes nas existências dessas miríades de animálculos que estão na vossa mão e dos quais a ponta de uma agulha pode cobrir milhares? – Sim, porque se não os vejo com os olhos, o microscópio faz-me vê-los. – Mas, antes da invenção do microscópio, se alguém vos dissesse que tendes sobre a vossa pele bilhões de insetos que aí pululam; que uma gota d'água límpida encerra toda uma população;

que deles absorveis massas com o ar mais puro que respirais, que diríeis? Ao absurdo, teríeis gritado, e se, então, fosseis folhetinista não deixaríeis de escrever um belo artigo sobre os animálculos, o que não impedira que existissem. Hoje o admitis porque o fato é patente; mas antes, declararíeis a coisa impossível. O que há, pois, de irracional em crer que o espaço esteja povoado por seres inteligentes, que, embora invisíveis, não estejam em todos os microscópios? Quanto a mim, confesso que a ideia de seres pequenos, como uma parcela homeopática, e todavia providos de órgãos visuais, sensuais, circulatórios, respiratórios, etc., me parece ainda mais extraordinária. – Convenho com isso, mas ainda uma vez são seres materiais, são alguma coisa, ao passo que os vossos Espíritos o que são? Nada, seres abstratos, imateriais. – Primeiro, quem vos disse que são imateriais? A observação, pesai bem, eu vos peço, essa palavra *observação* não quer dizer *sistema; a* observação, digo eu, demonstra que essas inteligências ocultas têm um corpo, um envoltório, invisível, é verdade, mas que não é por isso menos real; ora, é por esse intermediário semimaterial que eles agem sobre a matéria. Não há senão os corpos sólidos que tenham uma força motriz? Ao contrário, não são os corpos rarefeitos que possuem essa força em mais alto grau: o ar, o vapor, todos os gases, a eletricidade? Por que, pois, a recusais à substância que compõe o envoltório dos Espíritos? – De acordo; mas se essas substâncias são invisíveis e impalpáveis em certos casos, a condensação pode torná-las visíveis e mesmo sólidas; pode-se agarrá-las, encerrá-las, analisá-las,

e por aí sua existência é demonstrada de modo irrecusável. – Ah! Aí chegamos! Negais os Espíritos porque não podeis colocá-los num cornífero, saber se são compostos de oxigênio, de hidrogênio ou nitrogênio. Dizei-me, eu vos peço, se antes das descobertas da química moderna conhecia-se a composição do ar, da água, e as propriedades dessa multidão de corpos invisíveis, dos quais não supúnhamos a existência? O que se teria dito, então, àquele que anunciasse todas as maravilhas que hoje admiramos? Seria tratado de charlatão, de visionário. Supondo que vos caia nas mãos um livro de um sábio daquele tempo, que tivesse negado todas essas coisas, e que, além do mais, procurasse *demonstrar-lhes* a impossibilidade, diríeis: Eis um sábio bem presunçoso, que se pronunciou muito levianamente tratando sobre o que não sabia; melhor seria para sua reputação que se abstivesse; em uma palavra, não teríeis uma alta opinião de seu julgamento. Pois bem! Veremos em alguns anos o que se pensará daqueles que, hoje, procuram *demonstrar* que o Espiritismo é uma quimera.

É lamentável, sem dúvida, para certas pessoas, e os apreciadores de coleções, que não se possa colocar os Espíritos dentro de um frasco para observá-los à vontade; mas não credes, entretanto, que eles escapem aos nossos sentidos de um modo absoluto. Se a substância que compõe seu envoltório é invisível em seu estado normal, ela pode também, em certos casos, como o vapor, mas por uma outra causa, sofrer uma espécie de condensação, ou, para ser

exato, uma modificação molecular que a torna momentaneamente visível e mesmo tangível; então, podem ser vistos, como nós nos vemos, tocá-los, apalpá-los; eles podem nos agarrar, impressionar sobre nossos membros; somente esse estado não é senão temporário; podem deixá-lo tão prontamente como o tomaram, e isso, não em virtude de uma rarefação mecânica, mas pelo efeito de sua vontade, tendo em vista que são seres inteligentes, e não corpos inertes. Se a existência dos seres inteligentes que povoam o espaço está provada; se têm, como acabamos de ver, uma ação sobre a matéria, o que há de espantoso em que possam se comunicar conosco, e transmitir-nos os seus pensamentos através de meios materiais? – Se a existência desses seres está provada, seja; mas aí está a questão. – O importante, primeiro, é provar sua possibilidade: a experiência fará o resto. Se essa existência não está provada para vós, o está para mim. Eu vos entendo aqui dizer para vós mesmos: Eis um argumento muito pobre. Convenho que minha opinião pessoal é de um peso muito fraco, mas não estou só; muitos outros, antes de mim, pensaram do mesmo modo, porque nem inventei, nem descobri os Espíritos; e essa crença conta milhões de adeptos que têm tanta ou mais inteligência do que eu; entre aqueles que creem e aqueles que não creem, o que decidirá? – O bom senso, direis. – Seja; eu acrescento: O tempo que, cada dia, vem em nossa ajuda. Mas com qual direito aqueles que não creem se arrogam o privilégio do bom senso quando, sobretudo, aqueles que creem se recrutam precisamente, não entre os ignorantes, mas entre as pessoas

esclarecidas; quando, todos os dias, o número deles cresce? Eu o julgo pela minha correspondência, pelo número de estrangeiros que vêm me ver, pela extensão do meu jornal, que cumpre seu segundo ano, e conta com assinantes das cinco partes do mundo, nas classes mais elevadas da sociedade, e até nos tronos. Dizei-me, conscientemente, se é a marcha de uma ideia oca, de uma utopia?

Constatando esse fato capital em vosso artigo, dissestes que ele ameaça tomar proporções de um flagelo, e acrescentais: "A espécie humana não tinha bastante, bom Deus! De todas as *coisas vãs* que perturbam sua razão, sem que uma nova doutrina viesse agora se apossar de nosso pobre cérebro!" Parece que não amais as doutrinas; cada um com seu gosto; todo o mundo não gosta da mesma coisa; somente direi que não sei muito a qual papel intelectual o homem seria reduzido se, desde que está sobre a Terra, não tivesse doutrinas que, fazendo-o refletir, o tirasse do estado passivo da brutalidade. Sem dúvida, há as boas e más, justas e falsas, mas é para discerni-las que Deus lhe deu o julgamento. Esquecestes uma coisa, a definição clara e categórica do que alinhais entre as coisas vãs. Há pessoas que assim qualificam todas as ideias que não partilham; mas tendes muito espírito para crer que está condensada só em vós. Há outros que dão esse nome a toda opinião religiosa, e que consideram a crença em Deus, na alma e na sua imortalidade, nas penas e nas recompensas futuras, no máximo, como úteis para se ocuparem as velhas e meter

medo às crianças. Não conheço a vossa opinião a esse respeito; mas do sentido do vosso artigo algumas pessoas poderiam inferir que estais um pouco nessas ideias. Que as partilhais ou não, eu me permitiria dizer-vos, com muitas outras, que aí estaria o verdadeiro flagelo se elas se propagassem. Com o materialismo, com a crença que morremos como os animais, que depois de nós *será o nada,* o bem não teria nenhuma razão de ser, os laços sociais não têm nenhuma consistência – é a sanção do egoísmo; a lei penal é o único freio que impede o homem de viver às expensas de outrem. Se assim fora, com que direito punir aquele que mata seu semelhante por se apoderar de seu bem? Porque é mal, direis; mas por que é mal? Ele vos responderá: depois de mim nada mais haverá; tudo estará terminado; nada tenho a temer; quero viver aqui o melhor possível, e para isso eu tomo daqueles que têm; quem me acusa? A vossa lei? A vossa lei terá razão se ela for mais forte, quer dizer, se ela me apanhar; mas se eu for o mais astuto, e se lhe escapo, a razão estará comigo. Qual é, vos pergunto, a sociedade que poderia subsistir com semelhantes princípios? Isso me lembra o fato seguinte: Um senhor que, como se diz vulgarmente, não acreditava nem em Deus e nem no diabo, e não o escondia, percebeu que, há algum tempo, era roubado por seu empregado doméstico; um dia surpreendeu-o em flagrante delito. – Como, infeliz, disse-lhe, ousas tomar o que não te pertence? Tu não crês em Deus? – O doméstico se pôs a rir e respondeu: Por que eu creria, uma vez que vós mesmo não credes? Por que tendes mais do que

eu? Se eu fosse rico e vós pobre, quem vos impediria de fazer o que fiz? Fui inábil esta vez, eis tudo, numa outra vez tratarei de fazer melhor. – Esse senhor ficou muito contente que seu doméstico não tomou a crença em Deus por uma coisa vã. É a essa crença, e àquelas que dela decorrem, que o homem deve sua verdadeira segurança social, bem mais que à severidade da lei, porque a lei não pode tudo alcançar; se estivesse enraizada no coração de todos, uns dos outros nada teriam a temer; atacá-la vivamente, seria abandonar-se a todas as paixões, aniquilar todo escrúpulo. Foi o que, recentemente, levou um sacerdote a dizer, consultado sobre sua opinião a respeito do Espiritismo, essas palavras cheias de sentido: *O Espiritismo conduz a crer em alguma coisa; ora, gosto mais daqueles que creem em alguma coisa do que daqueles que não creem em nada, porque as pessoas que não creem em nada não creem mesmo na necessidade do bem.*

O Espiritismo, com efeito, é a destruição do materialismo; é prova patente, irrecusável, do que certas pessoas chamam de coisas vãs, a saber Deus, a alma, a vida futura feliz ou infeliz. Esse flagelo, pois assim o chamais, tem outras consequências práticas. Se soubesses, como eu, quantas vezes fez voltar a calma nos corações ulcerados pelos desgostos; que doce consolação derrama sobre as misérias da vida; quanto acalmou de ódios, impediu de suicídios, deles zombaríeis menos. Suponde que um de vossos amigos venha vos dizer Estava desesperado; ia

estourar os miolos; mas hoje que, graças ao Espiritismo, sei o que isso custa, renuncio; que um outro indivíduo vos diga: Tinha inveja de vosso mérito, de vossa superioridade; vossos sucessos me impediam de dormir; queria vingar-me, vos oprimir, vos arruinar, matar-vos mesmo, vos confesso que correstes grandes perigos; mas hoje que sou Espírita, compreendo o quanto esses sentimentos são ignóbeis, eu os abjuro; e, em lugar de vos fazer mal, eu venho para vos prestar serviço; dir-vos-ia provavelmente: Pois bem! Ainda há algo de bom nessa loucura.

O que vos digo, senhor, não é para vos convencer nem para vos conduzir às minhas ideias; tendes convicções que vos satisfazem, que para vós resolvem todas as questões do futuro: é muito natural que vós as guardeis; mas me apresentais, aos vossos leitores, como o propagador de um *flagelo,* e devo mostrar-lhes que seria desejável que todos os flagelos não acabassem mais mal, a começar do materialismo, e conto com a vossa imparcialidade para transmitir-lhes a minha resposta.

Mas, direis, não sou materialista pode-se muito bem não ser dessa opinião sem crer nas manifestações dos Espíritos. – Sou da vossa opinião; então, ou se é *Espiritualista,* se não *Espírita.* Se me enganei sobre a vossa maneira de ver, é que tomei ao pé da letra a vossa profissão de fé, colocada no fim do vosso artigo. Dissestes: creio em duas coisas, no amor, no homem, em tudo que é maravilhoso, fosse esse maravilhoso absurdo, e no editor que

me vendeu o fragmento de sonata ditado pelo Espírito de Mozart, por dois francos, preço líquido. Se aí se limita toda a vossa crença, ela é bem, isso me parece, a prima germânica do ceticismo. Mas aposto que credes em alguma coisa a mais que no senhor Ledoyen, que vos vendeu por dois francos um fragmento de sonata: é ao produto de vossos artigos, porque presumo, e talvez me engane, que não lhes dais mais por amor a Deus que o senhor Ledoyen não dá a seus livros. Cada um no seu ofício: o senhor Ledoyen vende seus livros, o literato vende sua prosa e seus versos. Nosso pobre mundo não está ainda bastante avançado para que não se possa morar, alimentar-se e vestir-se por nada. Talvez, um dia, os proprietários, os alfaiates, os açougueiros e os padeiros estarão bastante esclarecidos para compreender que é ignóbil a eles pedir o dinheiro: então os livreiros e os literatos serão arrastados pelo exemplo.

– Com tudo isso, não me dissestes o conselho que dão os Espíritos. – Ei-lo: Que é prudente não se pronunciar, muito levianamente, sobre as coisas que não se conhece, e imitar a sábia reserva do prudente Arago, que dizia, a propósito do magnetismo animal: "Eu não poderia aprovar o mistério com o qual se envolvem os sábios sérios que hoje vão assistir às experiências de sonambulismo. A *dúvida é* uma prova de modéstia, e raramente prejudicou o progresso das ciências. Não se poderia dizer outro tanto da *incredulidade. Aquele que, fora das matemáticas puras, pronuncia a palavra IMPOSSÍVEL, não é prudente.* A reserva é, sobretudo, um

dever quando se trata da organização animal. (Notícia sobre Bailly).

Aceitai, etc.

Allan Kardec.

(p. 309-314).

Revista Espírita de janeiro 1860

O Espiritismo em 1860

A *Revista Espírita começa* seu terceiro ano, e estamos felizes ao dizer que ela o faz sob os mais favoráveis auspícios. Aproveitamos com zelo esta ocasião para testemunhar aos nossos leitores toda a nossa gratidão pelas provas de simpatia que deles recebemos diariamente. Só isto seria um encorajamento para nós, se não encontrássemos, na própria natureza e objetivo de nossos trabalhos, uma grande compensação moral pelas fadigas que lhes são consequência. A multiplicidade desses trabalhos, aos quais nos consagramos inteiramente, é tal que nos é materialmente impossível responder a todas as cartas de felicitações que nos chegam. Isso nos força, pois, endereçar aos seus autores um agradecimento coletivo, que rogamos aceitarem. Estas cartas, e as numerosas pessoas que nos honram vindo conferenciar conosco sobre essas graves questões, nos convencem, cada vez mais, dos progressos do Espiritismo *verdadeiro,* e entendemos por isso o Espiritismo cumprido em todas as suas consequências morais. Sem nos iludirmos sobre a importância

dos nossos trabalhos, o pensamento de havermos para ele contribuído, lançando alguns grãos na balança, é, para nós, uma doce satisfação, porque esses alguns grãos sempre servirão para fazer refletir.

A prosperidade crescente de nossa coletânea é um indício do carinho com que é acolhida; não temos, pois, senão que prosseguir nossa obra na mesma linha, uma vez que recebe a consagração do tempo, sem nos afastarmos da moderação, da prudência e da conveniência que nos guiaram sempre. Deixando aos nossos contraditores o triste privilégio das injúrias e das personalidades, não os seguiremos, não mais, no terreno de uma controvérsia sem objetivo; dizemos sem objetivo porque ela não poderia trazer a eles a convicção, e é perder seu tempo discutir com pessoas que não conhecem a primeira palavra daquilo que falam. Não temos senão uma coisa a dizer: Estudai primeiro e nos veremos em seguida; nós temos outra coisa a fazer senão falar àqueles que não querem ouvir. Que importa, aliás, em definitivo, a opinião contrária deste ou daquele? Essa opinião é de uma importância tão grande que possa entravar a marcha natural das coisas? As maiores descobertas encontraram os mais rudes adversários, o que não lhes fez soçobrarem. Deixamos, pois, à incredulidade murmurar ao nosso redor, e nada nos fará desviar do caminho que nos está traçado, pela própria gravidade do assunto que nos ocupa.

Dissemos que as ideias Espíritas progridem. Há algum tempo, com efeito, elas ganharam um terreno imenso; dir-se-

ia que elas estão no ar, e certamente não é ao bombo da imprensa periódica, pequena ou grande, que elas são devedoras. Se elas progridem para com e contra tudo, e não obstante a má vontade que se encontram em certas regiões, é porque elas possuem bastante de vitalidade para se bastarem a si mesmas. Aquele que se dá ao trabalho de aprofundar esta questão do Espiritismo, nele encontra uma satisfação moral tão grande. A solução de tantos problemas dos quais em vão pedira a explicação às teorias vulgares; o futuro se abre diante dele de um modo tão claro, tão preciso, tão LÓGICO, que se diz, com efeito, que é impossível que as coisas não se passem assim, e que admira não se as tenham compreendido mais cedo; que um sentimento íntimo lhe dizia dever estar aí; a ciência Espírita, desenvolvida, não faz outra coisa senão formular, tirar do nevoeiro, as ideias já existentes no seu foro interior; desde então o futuro tem, para ele, um objetivo claro, preciso, limpidamente definido; não caminha mais no vago, vê seu caminho; não é mais esse futuro de felicidade ou de infelicidade que a razão não podia compreender, e que por isso mesmo ele repelia; é um futuro racional, consequência das próprias leis da Natureza, podendo suportar o exame mais severo; por isso ele é feliz, e como aliviado de um peso imenso: o da *incerteza,* porque a incerteza é um tormento. O homem, apesar de si, sonda as profundezas do futuro, *e não pode impedir de vê-lo eterno;* compara-o com a brevidade e a fragilidade da existência terrestre. Se o futuro não lhe oferece nenhuma certeza, ele se atordoa, se curva sobre o presente, e para torná-lo mais

suportável, nada lhe importa; será em vão que sua consciência lhe fale do bem e do mal, ele se diz: O bem é o que me torna feliz. Que motivo teria, com efeito, em ver o bem alhures? Por que suportar privações? Ele quer ser feliz, e para ser feliz, quer gozar; gozar daquilo que os outros possuem; quer o ouro, muito ouro; ele o tem como sua vida, porque o ouro é o veículo de lodosos gozos materiais; que lhe importa o bem-estar de seu semelhante! O seu antes de tudo; ele quer satisfazer-se no presente, não sabendo se o poderá mais tarde, num futuro em que não crê; torna-se, pois, ávido, ciumento, egoísta, e, com todos esses gozos, ele não é feliz, porque o presente lhe parece muito curto.

Com a *certeza* do futuro, tudo muda de aspecto para ele; o presente não é senão efêmero, ele o vê escoar sem pesar; está menos ávido dos gozos terrestres, porque estes não lhe dão senão uma sensação passageira, fugidia, que deixa o vazio no seu coração; aspira a uma felicidade mais durável e, consequentemente, mais real; e onde poderá encontrá-la, se isso não estiver no futuro? O Espiritismo, mostrando-lhe, *provando-lhe* esse futuro, livra-o do suplício da incerteza, eis porque ele se torna feliz; ora, aquilo que traz felicidade, encontra sempre partidários.

Os adversários do Espiritismo atribuem sua rápida propagação a uma febre supersticiosa que se apodera da Humanidade, ao amor ao maravilhoso; mas é necessário, antes de tudo, ser lógico; aceitaremos seu raciocínio, se se pode chamar a isso de raciocínio, quando claramente

explicarem porque essa febre atinge precisamente as classes esclarecidas da sociedade, antes que as classes ignorantes. Quanto a nós, dizemos que é porque o Espiritismo apela ao raciocínio e não a uma crença cega, que as classes esclarecidas examinam, refletem e compreendem; ora, as ideias supersticiosas não suportam o exame.

De resto, todos vós que combateis o Espiritismo, o compreendeis? Vós o estudastes, escrutaste-o em seus detalhes, pesando maduramente todas as suas consequências? Não, mil vezes não. Falais de uma coisa que não conheceis; todas as vossas críticas, não falo das tolas, deselegantes e grosseiras diatribes, desprovidas de todo raciocínio e que não têm nenhum valor, falo daquelas que têm, pelo menos, a aparência do sério; todas as vossas críticas, digo eu, acusam a mais completa ignorância da coisa.

Para criticar é necessário opor um raciocínio a um raciocínio, uma prova a uma prova; isso é possível sem conhecimento profundo do assunto do qual se trata? Que pensaríeis daquele que pretendesse criticar um quadro sem possuir, ao menos em teoria, as regras do desenho e da pintura; discutir o mérito de uma ópera sem saber a música? Sabeis qual é a consequência de uma crítica ignorante? É ser ridículo e acusar uma falta de julgamento. Quanto mais a posição crítica é elevada, mais estiver em evidência, tanto mais seu interesse lhe manda circunspecção, para não se expor a receber desmentidos, sempre fáceis a dar a quem

fale daquilo que não conheça. É por isso que os ataques contra o Espiritismo têm tão pouca importância, e favorecem seu desenvolvimento em lugar de detê-lo. Esses ataques são da propaganda; provocam o exame, e o exame não pode senão nos ser favorável, porque nos dirigimos à razão. Não há um dos artigos publicados contra esta doutrina que houvesse não trazido um aumento de assinantes e que não tenha feito vender obras. O do senhor Oscar Comettant (ver o *Siècle* do dia 23 de outubro último e nossa resposta na *Revista* do mês de dezembro de 1859) fez vender em alguns dias, ao senhor Ledoyen, mais de cinquenta exemplares da famosa sonata de Mozart (que se vende a 2 francos, preço líquido, segundo a importante e espiritual nota do senhor Comettant). Os artigos do *Univers* de 13 de abril e 28 de maio de 1859 (ver nossa resposta nos números da *Revista* de maio e de julho de 1859) fizeram esgotar prontamente o que restava da primeira edição de *O Livro dos Espíritos,* e assim de outros. Mas voltemos às coisas menos materiais. Enquanto não opuserem ao Espiritismo senão argumentos dessa natureza, ele nada terá a temer.

Repetimos que a fonte principal do progresso das ideias Espíritas está na satisfação que ela proporciona a todos aqueles que as aprofundam, e que nelas veem outra coisa senão um fútil passatempo; ora, como se quer ser feliz antes de tudo, não é de admirar que se prenda a uma ideia que torne feliz. Dissemos em alguma parte que, no caso do Espiritismo, o período de curiosidade passou, e que o do

raciocínio e o da filosofia lhe sucederam. A curiosidade não tem senão um tempo: uma vez satisfeita, se lhe muda o objeto para passar a um outro; e não ocorre o mesmo com aquele que se dirige ao pensamento sério e ao julgamento. O Espiritismo tem sobretudo progredido depois que foi melhor compreendido em sua essência íntima, depois que se viu a sua importância, porque ele toca a corda mais sensível do homem: a da sua felicidade, mesmo neste mundo; aí está a causa de sua propagação, o segredo da força que o fará triunfar. Vós todos que o atacais, quereis, pois, um meio certo de combatê-lo com sucesso? Vou vo-lo indicar. Substituí-o por uma coisa melhor; encontrai uma solução MAIS LÓGICA para todas as questões que ele resolve; dai ao homem uma OUTRA CERTEZA que o torne mais feliz, e compreendei bem a importância dessa palavra *certeza,* porque o homem não aceita como *certo* o que não lhe pareça *lógico;* não vos contenteis em não dizer que isso não é, o que é muito fácil; provai, não por uma negação, mas por fatos, que isso não é, jamais foi e NÃO PODE SER; provai, enfim, que as consequências do Espiritismo não são as de tornar os homens melhores pela prática da mais pura moral evangélica, moral que se louva muito, mas que se pratica tão pouco. Quando tiverdes feito isso, serei o primeiro a me inclinar diante de vós. Até lá, permiti-me considerar vossas doutrinas, que são a negação de todo futuro, como a fonte do egoísmo, verme roedor da sociedade, e, por consequência, como um verdadeiro flagelo. Sim, o Espiritismo é forte, mais forte que vós, porque se apoia sobre as próprias bases da religião:

Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras baseadas no bem e no mal que se fez, vós vos apoiais sobre a incredulidade; ele convida os homens à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade; vós, vós lhes ofereceis o NADA por perspectiva e o EGOÍSMO por consolação; ele explica tudo, vós não explicais nada; ele prova pelos fatos, e vós não provais nada; como quereis que se oscile entre as duas doutrinas?

Em resumo, constatamos, e cada um o vê e o sente como nós, que o Espiritismo deu um passo imenso durante o ano que acaba de se escoar, e esse passo é a garantia daquilo que não pode deixar de fazer durante o ano que começa; não somente o número de seus partidários está consideravelmente acrescido, mas operou uma mudança notável na opinião geral, mesmo entre os indiferentes; diz-se que no fundo de tudo isso poderia bem haver alguma coisa; que não é necessário apressar-se em julgar; aqueles que, a esse título, alteavam as espáduas, começam a temer o ridículo por si mesmos, ligando seu nome a um julgamento precipitado, que pode receber um desmentido; preferem pois calarem-se e esperarem. Sem dúvida, haverá por muito tempo ainda, pessoas que, nada tendo a perder na opinião da posteridade, procurarão denegri-lo, uns por caráter ou por estado, outros por cálculo; mas se familiarizam com a ideia de irem a Charenton desde que se veja em tão boa companhia, e esse mau prazer torna-se, como tantos outros, um lugar-comum, o qual não abala mais de modo nenhum,

porque no fundo desses ataques vê-se um vazio absoluto de raciocínio. A arma do ridículo, essa arma que se diz tão terrível, se enfraquece, evidentemente, e cai das mãos daqueles mesmos que a sustentavam; perdeu, pois, ela seu poder? Não, mas com a condição de não dar mais seus golpes em falso. O ridículo não prejudica senão aquele que é ridículo em si e de sério não tenha senão a aparência, porque ele fustiga o hipócrita e arranca sua máscara; mas aquele que é verdadeiramente sério não pode dele receber senão golpes passageiros e sai sempre triunfante da luta. Vede se uma única das grandes ideias que foram achincalhadas em sua origem pela turba ignorante e ciumenta caiu para não mais se levantar! Ora, o Espiritismo é uma das maiores ideias, porque ele toca a questão mais vital, a da felicidade do homem, e não se joga impunemente com semelhante questão; ele é forte, porque tem suas raízes nas próprias leis da Natureza, e responde aos seus inimigos fazendo desde seu início a volta ao mundo. Ainda a alguns anos e seus detratores, impossibilitados de combatê-los pelo raciocínio, encontrar-se-ão de tal modo transbordados pela opinião, de tal modo isolados, que será forçoso para eles ou se calarem, ou abrirem os olhos para a luz.

(p. 1-6).

Correspondência

Toulouse, 17 de dezembro de 1859.

Meu caro Senhor.

Acabo de ler vossa resposta ao senhor Oscar Comettant, de quem li o artigo. Se este folhetinista céptico e tolamente zombeteiro não está convencido pelas boas razões que lhe destes, ao menos poderá reconhecer em vossa resposta a urbanidade do estilo, que faltou totalmente à sua prosa; os parênteses deselegantes, nos quais crivou as evocações, me parecem do espírito de palhaço; as queixas das quais acompanhou os dois francos que lhe custaram a sonata poderiam bem merecer que a Sociedade lhe votasse um socorro de 2 francos. Pensai bem, meu caro senhor Allan Kardec, que sou Espírita muito inflamado para deixar sem resposta um artigo onde fui nomeado e colocado em causa; escrevi, também, de minha parte, ao senhor Oscar Comettant; no dia seguinte ao recebimento do seu jornal, ele recebeu de mim a carta seguinte:

Senhor,

Tive o prazer de ler o vosso folhetim de quinta-feira: Variedades. Como ele me coloca em causa, uma vez que ali sou pessoalmente nomeado, peço-vos conceder-me a permissão de fazer, a este respeito, algumas observações que consentireis em aceitar, sob o mesmo título que, eu mesmo, aceitei os espirituosos parênteses com os quais coloristes a narração que fizestes das evocações de Mozart e Chopin. Que quereis ridicularizar com este artigo humorístico? É o Espiritismo? Enganar-vos-eis muito crendo fazer-lhe o menor dano. Em França se brinca primeiro, depois se julga, *e* não se lhe concedem as honras do gracejo senão às coisas

verdadeiramente grandes e sérias, quite para lhe conceder depois de todo o exame que elas merecem.

Se o senhor Ledoyen é tão ávido e interessado como quereis fazer crer, deve vos ser muito reconhecido em haver consentido, por um folhetim de onze colunas, assegurar o sucesso de uma de suas mais modestas publicações; foi a primeira vez que um artigo tão importante foi publicado num grande jornal sobre o Espiritismo; vejo, por este artigo quase ruidoso, que o Espiritismo já é levado em consideração por seus próprios inimigos, e vos direi, confidencialmente, que os Espíritos nos disseram que se serviriam também de seus inimigos para fazerem sua causa triunfar. Assim não tendes senão que vos manter em guarda, se não quereis vos tornar *o apóstolo a contragosto.*

Não quereis ver, no Espiritismo, senão o charlatanismo moral e comercial; nós, futuros locatários de Charenton, nele encontramos a solução de uma multidão de problemas contra os quais a Humanidade choca a sua razão desde longos séculos, a saber: o *reconhecimento* raciocinado de Deus em todas as suas obras materiais e espirituais; a imortalidade e a individualidade certas da alma provada pela manifestação dos Espíritos; a ciência das leis da justiça divina, estudada nas diversas encarnações dos Espíritos, etc., etc. Dando-se ao trabalho de aprofundar um pouco estes assuntos, poder-se-ia ver que eles se encontram acima de todos os sarcasmos e de todas as zombarias. Seria inútil tratar-nos de sonhadores alucinados, diremos todos, em lugar do: *E pur si muove* de

Galileu: e todavia Deus lá está!

Peço vos aceitar, etc.

BRION DORGEVAL.

Primeiro baixo de ópera cômica do teatro de

Toulouse, pensionista do senhor Carvalho.

Nota. Não é do nosso conhecimento que o senhor Oscar Comettant haja publicado esta resposta, não mais que a nossa; ora, atacar sem admitir a defesa não é uma guerra louvável.

Bruxelas, 23 de dezembro de 1859.

Meu caro colega,

Venho vos submeter algumas reflexões etnográficas sobre o mundo dos Espíritos, na intenção de levantar uma opinião bastante geral, mas, na minha opinião, muito errônea sobre o estado do homem depois de sua espiritualização.

Imagina-se erroneamente que um imbecil, um ignorante, um bruto torne-se imediatamente um gênio, um sábio, um profeta, desde que deixou seu invólucro. E um erro análogo àquele que supusesse que um celerado livre da camisa de força vá se tornar honesto; um tolo espiritual e um fanático razoável, só por isso transporá a fronteira.

Não é nada disso; levamos conosco todas as nossas *conquistas* morais, nosso caráter, nossa ciência, nossos vícios e nossas virtudes, com exceção daquilo que diz respeito à matéria: os coxos, os caolhos e os corcundas não o são mais;

mas os patifes, os avaros, os supersticiosos o são ainda. Não se deve, pois, espantar-se ouvindo os Espíritos pedindo preces, desejarem que se cumpram peregrinações que haviam prometido, ou mesmo que se encontre o dinheiro que esconderam, com objetivo de dá-lo à pessoa à qual o haviam destinado, e que indiquem exatamente, fosse ela ainda reencarnada.

Em suma, o Espírito que tinha um desejo, um plano, uma opinião, uma crença na Terra, deseja vê-las cumprir-se. Assim, Hahnemann se exclamaria: "Coragem, meus amigos, minha doutrina triunfa, que satisfação para a minha alma!"

Quanto ao doutor Gall, sabeis o que pensa de sua ciência, assim como Laváter, Swedenborg e Fourier, o qual me disse que seus alunos mutilaram sua doutrina querendo saltar acima da fase da segurança e me felicita por prosseguir.

Em uma palavra, todos os Espíritos que professam uma religião, uma idolatria, ou um cisma por convicção, persistem na mesma crença, até que sejam esclarecidos pelo estudo e pela reflexão. Tal é o objeto das minhas neste momento e, evidentemente foi um Espírito lógico que mas ditou, porque, há uma hora, não sonhava que iria deitar-me para acabar a leitura do excelente pequeno livro da senhora Henry Gaugain sobre os piedosos preconceitos da Baixa-Bretanha contra as invenções novas.

Continuando vossos estudos, reconhecereis que o mundo de além-túmulo não é senão a imagem daguerreotipada deste, que encerra como sabeis Espíritos malignos como o diabo, e maus como os demônios. Não é de admirar que as pessoas boas se enganem e interditem todo o comércio com eles; o que as priva da visita dos bons e dos grandes Espíritos que são menos raro lá em cima do que neste mundo, uma vez que ali estão de todos os tempos e todos os países, os quais não pedem senão dar-nos bons conselhos e nos fazer o bem; ao passo que sabeis com que repugnância e com que cólera os maus respondem ao chamado forçado; mas o maior, o mais raros de todos os Espíritos, aquele que não vem senão três vezes durante a vida de um globo, o Espírito divino, o Santo Espírito, enfim, não obedece às evocações dos pneumatólogos; ele vem quando quer, *spiritus flat ubi vult,* o que não quer dizer que não envia outros para preparar-lhe o caminho.

A hierarquia é uma lei universal, *tudo é como tudo,* alhures como em nossa casa. O que retarda mais o progresso das boas doutrinas, que a perseguição não as deixa avançar, é o falso respeito humano. Há muito tempo o magnetismo teria triunfado se, em lugar de dizer: o senhor X., o senhor W., se houvesse dado o nome e endereço das pessoas, por referências, como dizem os Ingleses. Mas se disse: qual é esse senhor *M.* que se esconde? Um mentiroso aparente; esse senhor J.? Um escamoteador; esse senhor F*.* um farsante, ou antes um ser de razão no qual tem-se razão de

não se fiar, porque não se esconde e não se mascara senão para fazer mal ou mentir.

Hoje, que as academias admitem, enfim, o magnetismo e o sonambulismo, primos-irmãos do Espiritismo, é necessário que seus partidários se animem a assinar com todas as letras. O medo do *que disto se dirá* é um sentimento frouxo e mau.

A ação de assinar o que se viu e o que se crê não deve mais ser olhada como um traço de coragem; deveis, pois, convidar vossos adeptos a fazer o que faço todos os dias, a assinarem.

JOBARD.

Nota. Estamos, em todos os pontos de acordo com o senhor Jobard; primeiro, suas observações sobre o estado dos Espíritos são perfeitamente exatas. Quanto ao segundo ponto, aspiramos como ele momento em que o medo do *que disto se dirá* não reterá ninguém mais; mas, que quereis? É necessário fazer a parte da fraqueza humana, alguns começam, e o senhor Jobard terá o mérito de haver dado o exemplo; outros seguirão, estejais disto seguro, quando virem que se pode colocar o pé fora sem ser mordido; é preciso tempo para tudo; ora, o tempo vem mais depressa do que o crê o senhor Jobard; a reserva que colocamos na publicação de nomes é motivada por razões de conveniências, das quais, até o presente, não temos senão que nos aplaudir; mas, à espera disso, constatamos um progresso muito

sensível na coragem de sua opinião. Vemos todos os dias pessoas que, ainda há pouco tempo, ousavam com dificuldade se confessarem Espíritas; hoje, elas o fazem abertamente na conversação, e sustentam teses sobre a Doutrina, sem se importarem, ao mínimo, com o mundo de epítetos sonantes com os quais são gratificadas; é um passo imenso: o resto virá. Eu o disse principiando: Ainda mais alguns anos, e ver-se-á uma outra mudança. Dentro em pouco, o mesmo será com o Espiritismo como com o magnetismo; recentemente, não era senão entre quatro olhos que se ousava dizer-se magnetizador, hoje é um título com o qual se honra. Quando se estiver bem convencido de que o Espiritismo não queima, dir-se-ão Espíritas sem medo mais, como se diz frenologista, homeopata, etc. Estamos num momento de transição, e as transições jamais se fazem bruscamente.

(p. 24-28).

Revista Espírita de setembro 1860

História do Maravilhoso e do Sobrenatural

POR LOUIS FIGUIER.

(Primeiro artigo)

É um pouco da palavra *maravilhoso* como da palavra *alma;* há um sentido elástico que pode dar lugar a interpretações diversas; por isso, acreditamos útil colocar alguns princípios gerais no artigo precedente, antes de

abordar o exame da história que nos dá o Sr. Figuier. Quando essa obra apareceu, os adversários do Espiritismo bateram as mãos dizendo que, sem dúvida, teríamos pela frente um forte adversário; em seu caridoso pensamento, já nos viam mortos sem retorno; tristes efeitos da cegueira passional e irrefletida; porque, se se dessem ao trabalho de observar o que querem demolir, veriam que o Espiritismo será um dia, e isso mais cedo do que creem, a salvaguarda da sociedade, e talvez mesmo lhe deverão a sua salvação, não dizemos no outro mundo, com o qual pouco se inquietam, mas neste! Não é levianamente que dizemos estas palavras; não chegou ainda o tempo de desenvolvê-las; mas muitos já nos compreendem.

Voltando ao Sr. Figuier, nós mesmos pensamos encontrar nele um adversário verdadeiramente sério, trazendo enfim argumentos peremptórios que valessem o trabalho de uma refutação séria. Sua obra compreende quatro volumes; os dois primeiros contêm de início uma exposição de princípios num prefácio e uma introdução, depois um relato de fatos perfeitamente conhecidos, que se lera, contudo, com interesse, por causa das pesquisas eruditas que ocorreram da parte do autor; é, nós o cremos, o relato mais completo que disso se publicou. Assim, o primeiro volume é quase inteiramente consagrado à história de Urbain Grandier e dos religiosos de Loudun; vêm em seguida os convulsionários de Saint-Médard, a história dos profetas protestantes, a varinha adivinhatória, o magnetismo animal.

O quarto volume, que acaba de aparecer, trata especialmente das mesas girantes e dos Espíritos batedores. Retornaremos mais tarde sobre este último volume, nos limitando, por hoje, a uma apreciação sumária do conjunto.

A parte crítica das histórias que os dois primeiros volumes encerram consiste em provar, por testemunhos autênticos, que a intriga, as paixões humanas, o charlatanismo, aí desempenharam um grande papel; que certos fatos levam uma marca evidente de malabarismos; mas é o que ninguém contesta; ninguém nunca garantiu a integridade de todos esses fatos; os Espíritas, menos que os outros, devem mesmo agradecer ao Sr. Figuier por ter juntado provas que evitarão numerosas compilações; eles têm interesse em que a fraude seja desmascarada, e todos aqueles que as descobrirem nos fatos falsamente qualificados de fenômenos espíritas, lhes prestarão serviço; ora, para prestar semelhantes serviços, nada melhor que os inimigos; vê-se, pois, que os próprios inimigos são bons para alguma coisa; somente neles, o desejo da crítica os arrasta, algumas vezes, muito longe, e em seu ardor para descobrir o mal, frequentemente, veem-no onde ele não está, por falta de examinar a coisa com bastante atenção ou imparcialidade, o que é ainda mais raro. O verdadeiro crítico deve se defender de ideias preconcebidas, se despojar de todo preconceito, de outro modo ele julga sob seu ponto de vista que, talvez, nem sempre é justo. Tomemos um exemplo: suponhamos a história política dos acontecimentos contemporâneos escrita

com a maior imparcialidade, quer dizer, com uma inteira verdade, e suponhamos essa história comentada por dois críticos de opiniões contrárias; por serem todos os fatos exatos, eles melindrarão forçosamente a opinião de um dos dois; daí dois julgamentos contraditórios: um que levará a obra às nuvens, o outro que a dirá boa para se lançar ao fogo; e todavia a obra não continha senão a verdade. Se assim é para fatos patentes como os da história, com mais forte razão quando se trata da apreciação de doutrinas filosóficas; ora, o Espiritismo é uma doutrina filosófica, e aqueles que não o veem senão no fato das mesas girantes, ou que o julgam sobre contos absurdos, sobre o abuso que dele se pode fazer, que o confundem com os meios de adivinhação, provam que não o conhecem. O Sr. Figuier está nas condições requeridas para julgá-lo com imparcialidade? É o que se trata de examinar.

O Sr. Figuier inicia assim em seu prefácio:

"Em 1854, quando as mesas girantes e falantes, importadas da América, fizeram a sua aparição na França, elas aí produziram uma impressão que ninguém esqueceu. Muitos espíritos sábios e refletidos ficaram assustados com esse excesso imprevisto da paixão do maravilhoso. Não podiam compreender *um tal descaminho* em pleno décimo-nono século, com uma filosofia avançada e no meio desse magnífico movimento científico que dirige tudo hoje para o positivo e o útil."

Seu julgamento está pronunciado: a crença nas mesas

girantes é um descaminho. Como o Sr. Figuier é um homem positivo, deve-se pensar que, antes de publicar o seu livro, tudo viu, tudo estudou, tudo aprofundou, em uma palavra, que fala com conhecimento de causa. Se o fora de outro modo, cairia no erro dos Srs. Schiff e Jobert (de Lamballe) com a sua teoria do músculo estalante. (Ver a Revista do mês de junho de 1859.) E, todavia, é do nosso conhecimento que, há um mês apenas, ele assistiu a uma sessão onde provou que é estranho aos princípios mais elementares do Espiritismo. Dir-se-á suficientemente esclarecido porque assistiu a uma sessão? Certamente não duvidamos de sua perspicácia, mas, por grande que seja, não poderíamos admitir que ele possa conhecer e, sobretudo, compreender o Espiritismo em uma sessão, que não aprendeu a física em uma lição; se o Sr. Figuier pudesse fazê-lo, teríamos o fato por um dos mais maravilhosos. Quando ele tiver estudado o Espiritismo com tanto cuidado como se tem com o estudo de uma ciência, que tiver consagrado um tempo moral necessário, que tiver assistido a *alguns milhares de* experiências, que se tiver dado conta de todos os fatos sem exceção, que tiver comparado todas as teorias, então somente poderá fazer uma crítica judiciosa; até lá o seu julgamento é uma opinião pessoal, que não terá mais peso no pró que no contra.

Tomemos a coisa de um outro ponto de vista. Dissemos que o Espiritismo repousa inteiramente sobre a existência, em nós, de um princípio imaterial, dito de outro

modo, sobre a existência da alma. Aquele que não admite um Espírito em si, não pode admiti-lo fora de si; por consequência, não admitindo a *causa,* não pode admitir o efeito. Gostaríamos, pois, de saber se o Sr. Figuier poderia colocar, na cabeça de seu livro, a profissão de fé seguinte:

1º Eu creio em Deus, autor de todas as coisas, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, e infinito em suas perfeições;

2º Eu creio na *providência* de Deus;

3º Eu creio na existência da alma sobrevivente ao corpo, e em sua individualidade depois da morte. Nisso creio não como uma *probabilidade,* mas como uma coisa necessária e consequente dos atributos da Divindade;

4º Admitindo a alma e a sua sobrevivência, eu creio que não seria nem segundo a justiça, nem segundo a bondade de Deus, que o bem e o mal fossem tratados no mesmo pé depois da morte, então que, durante a vida, tão raramente recebem a recompensa ou o castigo que merecem;

5º Se a alma do mau e do bom não são tratadas do mesmo modo, há, pois, as que são felizes ou infelizes, quer dizer, que são recompensadas ou punidas segundo as suas obras.

Se o Sr. Figuier fizer uma tal profissão de fé, nós lhe diremos: Essa profissão é a de todos os Espíritas, porque sem isso o Espiritismo não teria nenhuma razão de ser; somente que, o que credes teoricamente o Espiritismo o demonstra

pelos fatos; porque todos os fatos espíritas são a consequência desses princípios. Os Espíritos que povoam os espaços, não sendo outra coisa que as almas daqueles que viveram sobre a Terra, ou em outros mundos, do momento que se admite a alma, a sua sobrevivência e a sua individualidade, admite-se, por isso mesmo, os Espíritos. Estando a base reconhecida, toda a questão é saber se esses Espíritos, ou essas almas, podem se comunicar com os vivos; se têm uma ação sobre a matéria; se influem sobre o mundo físico e o mundo moral; ou bem se estão devotadas a uma inutilidade perpétua, ou a não *se* ocuparem senão delas mesmas, o que é pouco provável, se se admite a providência de Deus, e se se considera a admirável harmonia que reina no Universo, onde o menor ser desempenha o seu papel.

Se a resposta do Sr. Figuier fosse negativa, ou somente polidamente dúbia, para nos servir da expressão de certas pessoas, a fim de não chocar muito bruscamente preconceitos respeitáveis, nós lhe diríamos: não sois juiz mais competente em relação ao Espiritismo do que um muçulmano com respeito à religião católica; o vosso julgamento não seria imparcial, e seria em vão que vos defenderíeis de trazer ideias preconcebidas, porque estas ideias estão em vossa opinião, mesmo tocando o princípio fundamental que rejeitais *a priori,* e antes de conhecer a coisa.

Se um corpo sábio nomeasse um relator para examinar a questão do Espiritismo, e que esse relator não fosse francamente *Espiritualista,* valeria tanto quanto se um

concílio escolhesse Voltaire para tratar de uma questão de dogma. Espanta-se, diga-se de passagem, que os corpos sábios não hajam dado o seu parecer; mas esquece-se de que a sua missão é o estudo das leis da matéria e não as dos atributos da alma, e ainda menos de decidir se a alma existe. Sobre tais assuntos eles podem ter opiniões individuais, como podem tê-las sobre a religião; mas, como corporação, nunca terão que se pronunciar.

Não sabemos o que o Sr. Figuier responderia às perguntas formuladas na profissão de fé acima, mas seu livro pode fazê-lo pressentir. Com efeito, o segundo parágrafo de seu prefácio está assim concebido:

"Um conhecimento exato da história do passado teria prevenido, ou ao menos muito diminuído, esse espanto. Seria, com efeito, um grande erro imaginar que as ideias que geraram em nossos dias a crença nas mesas falantes e nos Espíritos batedores, são de origem moderna. Esse amor do maravilhoso não é particular à nossa época; ele é de todos os tempos e de todos os países, porque se prende à própria natureza do espírito humano. *Por uma instintiva e injusta desconfiança de suas próprias forças, o homem é levado a colocar, acima dele, invisíveis forças se exercendo numa esfera inacessível.* Essa disposição *nativa* existiu em todos os períodos da história da Humanidade, e revestindo, segundo os tempos, os lugares e os costumes, aspectos diferentes, ela deu nascimento a manifestações variáveis em sua forma, mas tendo no fundo o mesmo princípio."

Uma vez que disse que *é por uma instintiva e injusta desconfiança de suas próprias forças que o homem é levado a colocar, acima dele, invisíveis forças se exercendo numa esfera inacessível,* é reconhecer que o homem é *tudo,* que ele pode tudo, e que acima dele nada há; se não nos enganamos, isso não é somente do materialismo, mas do ateísmo. Estas ideias, de resto, ressaltam de uma multidão de outras passagens de seu prefácio e de sua introdução, sobre os quais chamamos toda a atenção de nossos leitores, e estamos persuadidos de que elas os levarão ao mesmo julgamento nosso. Dir-se-á que essas palavras não se aplicam à Divindade mas aos Espíritos? Nós lhes responderemos que, então, eles não conhecem a primeira palavra do Espiritismo, uma vez que negar os Espíritos é negar a alma: sendo os Espíritos e as almas uma só e mesma coisa; que os Espíritos não exercem a sua força numa esfera inacessível, uma vez que estão ao nosso lado, nos tocando, agindo sobre a matéria, a exemplo de todos os fluidos imponderáveis e invisíveis que, contudo, são os mais poderosos motores e os agentes mais ativos da Natureza. Só Deus exerce o seu poder numa esfera *inacessível* aos homens; negar esse poder, é, pois, negar a Deus. Dir-se-á, enfim, que esses efeitos, que atribuímos aos Espíritos, sem dúvida, são devidos a alguns desses fluidos? Isso seria possível; mas, então, nós lhes perguntaremos como fluidos *ininteligentes* podem dar efeitos *inteligentes.*

O Sr. Figuier constata um fato capital em dizendo que

esse *amor do maravilhoso é de todos os tempos e de todos os países, porque ele se prende à própria natureza do espírito humano.* O que ele chama amor do maravilhoso é muito simplesmente a crença instintiva, *nativa,* como ele disse, na existência da alma e em sua sobrevivência ao corpo, crença que revestiu formas diversas segundo os tempos e os lugares, mas tendo no fundo um princípio idêntico. Esse sentimento inato, universal no homem, Deus ter-lhe-ia inspirado para se divertir com ele? Para lhe dar aspirações impossíveis de se realizarem? Crer que isso possa ser assim, é negar a bondade de Deus, é mais, é negar o próprio Deus.

Se quer outras provas daquilo que avançamos? Vejamos ainda algumas passagens de seu prefácio:

"Na Idade Média, quando uma religião nova transformou a Europa, o maravilhoso tomou domicílio nessa mesma religião. Crê-se nas possessões diabólicas, nos feiticeiros e nos mágicos. Durante uma série de séculos, essa crença foi sancionada por uma guerra sem trégua e sem misericórdia, feita aos infelizes que eram acusados de um secreto comércio com os demônios ou com os mágicos seus cúmplices.

"Pelo fim do décimo-sétimo século, na aurora de uma filosofia tolerante e esclarecida, o diabo caiu em desuso, e a acusação de magia começa a ser um argumento usado, mas o maravilhoso não perde os seus direitos por isso. Os milagres floresceram a porfia nas igrejas das diversas comunhões cristãs; crê-se, ao mesmo tempo, na varinha

adivinhatória, ou se reporta aos movimentos de um bastão em forquilha para procurar os objetos do mundo físico e se esclarecer sobre as coisas do mundo moral. Continua-se, nas diversas ciências, a admitir a intervenção de influências sobrenaturais, precedentemente introduzidas por Paracelso.

"No décimo-oitavo século, apesar da voga da filosofia cartesiana, ao passo que, sobre as matérias filosóficas, todos os olhos se abriram as luzes do bom senso e da razão, no século de Voltaire e da enciclopédia, só o maravilhoso resiste à queda de tantas crenças até aqui veneradas. Os milagres pululam ainda."

Se a filosofia de Voltaire, *que abriu os olhos à luz do bom senso e da razão,* e solapou tantas superstições, não pôde desarraigar a ideia *nativa* de um poder oculto, não seria porque essa ideia é inatacável? A filosofia do décimo-oitavo século flagelou os abusos, mas se deteve contra a base. Se esta ideia triunfou dos golpes que lhe deu o apóstolo da incredulidade, o Sr. Figuier espera ser mais feliz? Nós nos permitimos disso duvidar.

O Sr. Figuier faz uma singular confusão de crenças religiosas, milagres e da varinha adivinhatória; tudo isto, para ele, sai da mesma fonte: a superstição, a crença no maravilhoso. Não empreenderemos defender aqui esse pequeno bastão em forquilha que teria a singular propriedade de servir *para a procura do mundo físico,* pela razão de que não aprofundamos a questão, e que temos por princípio não louvar ou criticar *senão o que conhecemos;* mas, se

quiséssemos raciocinar por analogia, perguntaríamos ao Sr. Figuier se a pequena agulha de aço com a qual o navegador encontra a sua rota, não tem uma virtude tão maravilhosa quanto o pequeno bastão forquilhado? Não, direis, porque conhecemos a causa que a faz agir, e essa causa é toda física. Antes que se conhecesse a teoria da bússola, que teríeis pensado, se vivêsseis nessa época, então que os marinheiros não tinham por guia senão as estrelas, que, frequentemente, lhes faltavam, que teríeis pensado, dizemos, de um homem que viesse dizer: Tenho ali, numa pequena caixa, não maior que uma bomboneira, uma pequenina agulha com a qual os maiores navios podem se dirigir com certeza; que indica a rota para todos os tempos com a precisão de um relógio? Ainda uma vez, não defendemos a varinha adivinhatória, e ainda menos o charlatanismo que dela se apoderou; mas perguntamos somente o que haveria de mais sobrenatural em que um pequeno pedaço de madeira, em circunstâncias dadas, fosse agitado por um eflúvio terrestre invisível, como a agulha imantada o é pela corrente magnética, que não se vê mais? É que esta agulha não *serve também para a procura das coisas do mundo físico?* É que ela não está influenciada pela presença de uma mina de ferro subterrânea? O maravilhoso é ideia fixa do Sr. Figuier; é seu pesadelo; ele o vê por toda parte onde haja alguma coisa que ele não compreenda. Mas pode somente, ele, sábio, dizer como germina e se reproduz o menor grão? Qual é a força que faz a flor girar para a luz? o que, sob a terra, atrai as raízes para um terreno propício, e isso através

dos obstáculos mais duros? Estranha aberração do espírito humano, que crê tudo saber e não sabe nada; que esmigalha sob os pés maravilhas sem nome, e nega um poder sobre-humano!

Estando a religião fundada sobre a existência de Deus, essa força sobre-humana que se exerce numa esfera inacessível; sobre a alma que sobrevive ao corpo, em conservando a sua individualidade, e por consequência a sua ação, tem por princípio o que o Sr. Figuier chama de maravilhoso. Se tivesse se limitado a dizer que entre os fatos chamados maravilhosos há ridículos, absurdos, dos quais a razão faz justiça, nós o aplaudiríamos por isso, com todas as nossas forças, mas não poderíamos ser do seu parecer quando ele confunde, na mesma reprovação o princípio e o abuso do princípio; quando nega a existência de todo poder acima da Humanidade. Esta conclusão, aliás, está formulada de maneira inequívoca na passagem seguinte:

"Destas discussões, cremos que resultará para o leitor a perfeita convicção da *não existência de agentes sobrenaturais,* e a certeza de que todos os prodígios que excitaram, em diversos tempos, a surpresa ou a admiração dos homens, se explicam com *o só conhecimento de nossa organização fisiológica.* A *negação* do maravilhoso, tal é a conclusão a tirar deste livro, que poderia se chamar o *maravilhoso explicado;* e se chegarmos ao objetivo que nos propusemos alcançar, teremos a convicção de ter prestado um verdadeiro serviço para o bem das pessoas".

Fazer conhecer os abusos, desmascarar a fraude e a hipocrisia por onde se encontrem, sem contradita, é prestar um grande serviço; mas cremos que é prestar um muito mau serviço à sociedade, tanto quanto aos indivíduos, em atacar o princípio porque se pôde dele abusar; é querer cortar uma boa árvore, porque deu um fruto vidrado. O Espiritismo bem compreendido, dando a conhecer a causa de certos fenômenos, mostra o que é possível e o que não o é, e, por isso mesmo, tende a destruir as ideias verdadeiramente supersticiosas; mas, ao mesmo tempo, mostrando o princípio, dá um objetivo ao bem; fortifica nas crenças fundamentais que a incredulidade procura atacar vivamente sob o pretexto de abuso; ele combate a praga do materialismo, que é a negação do dever, da moral e de toda esperança, e é nisso que dizemos que será um dia a salvaguarda da sociedade.

Estamos, de resto, longe de nos lamentar da obra do Sr. Figuier; sobre os adeptos não pode ter nenhuma influência, porque reconhecerão logo os pontos vulneráveis; sobre os outros, terá o efeito de todas as críticas: o de provocar a curiosidade. Depois da aparição, ou melhor, da reaparição do Espiritismo, muito se escreveu contra; não lhe pouparam nem os sarcasmos nem as injúrias; não há senão uma coisa da qual não teve a honra, é a fogueira, graças aos costumes do tempo; isso o impediu de progredir? De nenhum modo, porque ele conta hoje adeptos aos *milhões* em todas as partes do mundo, e todos os dias eles aumentam. Para isso a crítica, sem o querer, tem muito contribuído, porque o

seu efeito, como dissemos, é provocar o exame; quer-se ver o pró e o contra, e se espanta em encontrar uma doutrina racional, lógica, consoladora, acalmando as angústias da dúvida, resolvendo o que nenhuma filosofia pôde resolver, ali onde se esperava não encontrar senão uma crença ridícula. Quanto mais o nome do contraditor é conhecido, mais a sua crítica repercute, e mais ela pode fazer de bem em chamando a atenção dos indiferentes. Sob este aspecto, a obra do Sr. Figuier está nas melhores condições; por outro lado, ele escreveu de maneira séria, e não se arrasta na lama de injúrias grosseiras e de personalismos, únicos argumentos dos críticos de baixa classe. Uma vez que pretende tratar a coisa do ponto de vista científico, e a sua posição lho permite, ver-se-á, pois, aí a última palavra da ciência contra esta doutrina, e então o público saberá a que se prender. Se a sábia obra do Sr. Figuier não tiver o poder de lhe dar o golpe de misericórdia, duvidamos que outros sejam mais felizes; para combatê-la com eficácia, não há senão um meio, e com prazer lho indicamos. Não se destrói uma árvore cortando-lhe os ramos, mas cortando-lhe a raiz. É necessário, pois, atacar o Espiritismo pela raiz e não pelos ramos que renascem à medida que são cortados; ora, as raízes do Espiritismo, deste *descaminho* do décimo-nono século, para nos servir de sua expressão, são a alma e seus atributos; que ele prove, pois, que a alma não existe, e nem pode existir, porque sem *almas* não haverá mais *Espíritos.* Quando ele tiver provado isto, o Espiritismo não terá mais razão de ser e nos confessaremos vencidos. Se o seu ceticismo não vai até aí, que ele prove,

não por uma simples negação, mas por uma demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica ou qualquer outra:

1º Que o ser que pensa durante a sua vida não deve mais pensar depois de sua morte;

2º Que se ele pensa, não deve mais querer se comunicar com aqueles que amou;

3º Que se ele pode estar por toda a parte, não pode estar ao nosso lado;

4º Que se está ao nosso lado, não pode se comunicar conosco;

5º Que pelo seu envoltório fluídico ele não pode agir sobre a matéria inerte;

6º Que se ele pode agir sobre a matéria inerte, ele não pode agir sobre um ser animado;

7º Que se ele pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir a sua mão para fazê-lo escrever;

8º Que podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e transmitir-lhe o seu pensamento.

Quando os adversários do Espiritismo nos tiverem demonstrado que isso não se pode, por razões tão patentes como aquelas pelas quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira ao redor da Terra, então poderemos dizer que as suas dúvidas são fundadas; infelizmente, até este dia, toda a sua argumentação se resume nestas palavras: *Eu não creio,*

portanto, isto é impossível. Eles nos dirão, sem dúvida, que cabe a nós provar a realidade das manifestações; nós lhas provamos pelos fatos e pelo raciocínio; se não admitem nem a uns nem ao outro, se negam o que veem, cabe a eles provar que o nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.

Num outro artigo examinaremos a teoria do Sr. Figuier; desejamos por ele que ela seja de melhor quilate que a do músculo estalante de Jobert (de Lamballe).

(p. 274-283).

Revista Espírita de outubro 1860

Resposta do Sr. Allan Kardec

À Gazette, de Lyon

Sob o título de: *Uma sessão entre os Espíritas,* a *Gazette de Lyon* publicou, em seu nº. de 2 de agosto de 1860, o artigo seguinte, ao qual o Sr. Allan Kardec, durante a sua permanência em Lyon, deu a resposta que se encontrará adiante, mas que esse jornal ainda não julgou oportuno reproduzir.

– Chamam-se Espíritas certos alucinados que, tendo rompido com todas as crenças religiosas de sua época e de seu país, fazem, todavia, profissão de se crerem em relação com os Espíritos.

Gerado pelas mesas girantes, o Espiritismo, entretanto, não é senão uma das mil formas desse estado

patológico no qual o cérebro humano pode cair, quando se deixa levar a essas mil aberrações das quais a antiguidade, a Idade Média e os tempos atuais não deram senão muitos exemplos.

Condenados prudentemente pela Igreja, todas essas pesquisas misteriosas que saem do domínio dos fatos positivos, não têm outro resultado que o de produzirem a loucura naqueles que delas se ocupam, supondo que este estado de loucura já não tenha passado ao estado crônico no cérebro dos adeptos, o que está longe de ser demonstrado.

Os Espíritas têm um jornal em Paris, e basta ler-lhe algumas passagens para se assegurar de que não exageramos nada. A inépcia das perguntas dirigidas aos Espíritos que são evocados, não têm igual senão a inépcia de suas respostas, e se lhes pode dizer, com razão, que não vale a pena retornar do outro mundo para dizer tantas bagatelas.

Breve essa loucura nova, renovada das antigas, virá cair sobre a nossa cidade. Lyon possui Espíritas, e é na casa de simples *canus* que os Espíritos se dignam manifestar-se.

O antro de Trophonius está *situado (sic)* numa oficina, o grande sacerdote do lugar é um trabalhador em seda, e a sibila é a sua esposa; os adeptos são geralmente obreiros, porque ali não se recebe facilmente aqueles que, pelo seu exterior, anunciam muita inteligência: os Espíritos não se dignam manifestar-se senão aos *simples.* Provavelmente, foi o que nos valeu para sermos admitidos.

Convidado para assistir a uma das reuniões hebdomadárias dos Espíritas lioneses, penetramos numa oficina contendo quatro operários, dos quais um achava-se desprovido de trabalho. Foi ali, entre essas quatro potências, que a sibila tomou lugar em face de uma mesa quadrada, sobre qual se esparramavam um caderno com uma pena de *pato.* Notai bem que dissemos uma pena de *pato,* e não uma pena metálica, os Espíritos tendo horror aos metais.

Vinte a vinte e cinco pessoas, dos dois sexos, compreendendo-se entre elas o vosso servidor, faziam círculo ao redor da mesa. Depois de um pequeno *speech* do grande sacerdote, sobre a natureza dos Espíritos, e tudo recitado em estilo que deveria encantar os *Espíritos,* por causa de sua… *simplicidade,* as perguntas começaram.

Um jovem aproximou-se e perguntou à sibila por que oito dias antes dos combates, seja na Crimeia, seja na Itália, era sempre chamado para outra parte?

A inspirada (é o nome que se lhe dá) pegando a pena de pato, a passeia um instante sobre o papel, onde traça sinais cabalísticos, depois pronuncia esta fórmula: "Meu Deus, dai-me a graça de nos esclarecer sobre este assunto!" Em seguida acrescenta: "Eu li a resposta seguinte: É que estais destinado a viver para instruir e esclarecer os vossos irmãos."

É um adepto influente que se quer ganhar para a causa, evidentemente; além do mais, foi soldado, e talvez um ex-zuavo; não vamos nos fazer um mau assunto, e

passemos.

Um outro jovem se aproxima, a seu turno, e pergunta: Se o Espírito de seu pai o acompanha e protege nos combates?

Resposta: Sim.

Tomamos à parte este jovem e lhe perguntamos desde que época seu pai estava morto.

– Meu pai não está morto, respondeu-nos.

Um velho se apresenta em seguida e pergunta, notai bem a sutileza da pergunta, renovada de Tarquínio, o Antigo, se foi o que ele pensa a causa porque seu pai lhe deu o nome de Jean?

Resposta: Sim.

Um velho soldado do primeiro império pergunta, em seguida, se os Espíritos dos soldados do velho império não acompanham os nossos jovens soldados na Crimeia e na Itália?

Resposta: Sim.

A supersticiosa pergunta seguinte é feita, depois disto, por uma jovem: Por que a sexta-feira é um mau dia?

A resposta não se fez esperar e, certamente, ela merece que se coloque em guarda com ela, por causa de diversas obscuridades históricas que faz desaparecer. -É, respondeu a inspirada, porque Moisés, Salomão e Jesus Cristo morreram nesse dia.

Um jovem operário lionês, como nós o julgamos pelo seu sotaque, pediu para ser esclarecido sobre um fato maravilhoso. Uma noite, disse ele, minha mãe sentiu um rosto que tocava o seu; ela despertou meu pai e eu, procuramos por toda a parte e nada encontramos; mas, de repente, um dos nossos *teares* se põe a bater, nos aproximamos e ele se detém; mas um outro se põe a bater na extremidade da oficina: estávamos terrificados, e isto ficou bem pior quando vimos todos trabalharem ao mesmo tempo, sem que víssemos ninguém.

– Era, respondeu a sibila, vosso avô que vinha pedir preces. Ao que o jovem respondeu com um ar que deveria dar-lhe um fácil acesso ao santuário: Foi bem isso, o pobre velho, se lhe prometera missas que não se lhe deram.

Um outro operário perguntou por que, várias vezes, o travessão de sua balança se erguera sozinho?

– Foi um Espírito batedor, respondeu a inspirada, quem produziu esse fenômeno.

– Muito bem, respondeu o operário, mas eu detive o prodígio colocando um pedaço de chumbo no prato mais fraco.

– É muito simples, retomou a adivinhadora, os Espíritos têm horror ao chumbo, por causa da *miragem.*

Cada um quer ter a explicação da palavra miragem.

Aí se vê acabar o poder da sibila: Deus não quer, disse ela, explicar isso, *nem mesmo a mim!*

Era uma razão maior diante da qual todos se inclinaram.

O grande sacerdote, então, prevendo objeções interiores, tomou a palavra e disse: Sobre esta questão, senhores, é necessário abster-se, porque seríamos levados para perguntas científicas, que estaríamos proibidos de responder.

Nesse momento, as perguntas se multiplicaram e se cruzaram: Se os sinais que nos aparecem no céu, há algum tempo (os cometas), são aqueles de que fala o Apocalipse?

– Resposta: Sim, e em cento e quarenta anos este mundo não existirá mais.

– Por que Jesus Cristo disse que sempre haveria pobres?

– Resposta: Jesus Cristo quis falar dos pobres de espírito; para estes Deus vem de preparar um globo especial.

Não faremos notar toda a importância de semelhante resposta. Quem não compreende o quanto os nossos descendentes serão felizes, quando não terão mais a temer por se encontrarem em contato com os pobres de espírito? Quanto aos outros, a resposta da sibila deixa felizmente supor que o seu reino acabou. Boa nova para os economistas, a quem a questão do pauperismo impede de dormir.

Para terminá-la, uma mulher de quarenta a cinquenta anos se aproxima e pergunta se seu Espírito já esteve encarnado e quantas vezes?

Estaríeis muito embaraçados para responderem, e eu também; mas os Espíritos têm respostas para tudo:

– Sim, respondeu a pluma de pato, esteve três vezes: a primeira, como a filha natural de uma *respeitável* princesa russa (esta palavra *respeitável,* próxima da precedente, me intriga); a segunda, como filha legítima de um trapeiro da Boêmia, e a terceira, ela o sabe…

Esta amostra de uma sessão dos Espíritas lioneses deve bastar, nós o esperamos, para demonstrar que os *Espíritos* de Lyon valem bem aqueles de Paris.

Mas nos perguntamos se não seria melhor impedir pobres loucos de o tornarem ainda mais?

Antigamente, a Igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações; ela feriria talvez muito forte, é verdade, mas deteria o mal. Hoje, uma vez que a autoridade religiosa é impotente, uma vez que o bom senso não tem bastante império para fazer justiça a tais alucinações, a outra autoridade não deveria intervir neste caso, e por fim a práticas das quais o menor inconveniente é tornar ridículos aqueles que com isso se ocupem?

C.M.

Resposta do Sr. Allan Kardec.

Ao Sr. redator da Gazette de Lyon.

Senhor,

Foi-me comunicado um artigo, assinado C. M., que publicastes na *Gazette de Lyon,* de 2 de agosto de 1860, sob o título: *Uma sessão entre os Espíritas.* Nesse artigo, se não fui atacado senão indiretamente, o sou na pessoa de todos aqueles que partilham as minhas convicções; mas isto não seria nada se as vossas palavras não tendessem a falsear a opinião pública sobre o princípio e as consequências das crenças espíritas, derramando o ridículo e a censura sobre aqueles que as professam, e que assinalais à vindita legal. Peço-vos permitir-me algumas retificações a esse respeito, esperando de vossa imparcialidade que, uma vez que crestes dever publicar o ataque, bem gostaríeis de publicar a minha resposta.

Não credes, Senhor, que o meu objetivo seja de procurar vos convencer, nem que vá restituir-vos injúria por injúria; quaisquer que sejam as razões que vos impeçam de partilhar a nossa maneira de ver, não penso em indagá-las, e as respeito se são sinceras; não peço senão a reciprocidade praticada entre pessoas que sabem viver. Quanto aos epítetos descorteses, não está nos meus hábitos deles me servir.

Se tivésseis discutido seriamente os princípios do Espiritismo, se a eles opusésseis argumentos quaisquer, bons ou maus, teria podido vos responder; mas toda a vossa argumentação se limita a nos qualificar de *ineptos,* e não me cabe discutir convosco se tendes erro ou razão; eu me limito, pois, a levantar o que as vossas assertivas têm de inexato,

fora de todo personalismo.

Não basta dizer às pessoas, que não pensam como nós, que elas são imbecis: isto está ao alcance de qualquer um; é necessário demonstrar-lhes que estão erradas; mas como fazê-lo, como entrar na vida da questão se não se sabe dela a primeira palavra? Ora, creio que é o caso em que vos encontrais, de outro modo teríeis empregado melhores armas do que a acusação banal de estupidez. Quando tiverdes dado, ao estudo do Espiritismo, o tempo moral necessário, e vos previno que dele é necessário muito; quando tiverdes lido tudo o que possa assentar a vossa opinião, aprofundado todas as questões, assistido como observador *conscienciosо e imparcial* a alguns milhares de experiências, a vossa crítica terá algum peso; até lá, não é senão uma opinião individual que não se apoia sobre nada, e a respeito da qual podeis, em cada palavra, ser preso em flagrante delito de ignorância. O princípio de vosso artigo, disto é a prova.

Chamam-se espíritas, dizeis, *certos alucinados que romperam com TODAS as crenças religiosas de sua época e de seu país."* Sabeis, Senhor, que esta acusação é muito grave, e tanto mais grave que é, ao mesmo tempo, falsa e caluniosa? O Espiritismo está inteiramente fundado sobre o princípio da existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade depois da morte, sua imortalidade, as penas e as recompensas futuras. Ele não sanciona estas verdades somente pela teoria, sua essência é de dar-lhes provas patentes; eis porque tantas pessoas, que não criam

em nada, foram conduzidas para as ideias religiosas. Toda a sua moral não é senão o desenvolvimento destas máximas do Cristo: Praticar a caridade, restituir o bem para o mal, ser indulgente com seu próximo, perdoar aos inimigos, em uma palavra, agir para com os outros como gostaríamos que eles agissem para conosco. Achais, pois, estas ideias muito estúpidas? Romperam com toda a crença religiosa aqueles que se apoiam sobre as próprias bases da religião? Não, direis, mas basta ser católico para ter estas ideias; tê-las, seja; mas praticá-las é outra coisa, ao que parece. É bem evangélico a vós, católico, insultar bravas pessoas que não vos fizeram mal. Que não conheceis e que tiveram bastante confiança em vós, para vos receber entre elas? Admitamos que estejam no erro; será prodigalizando-lhes injúria, irritando-as que as conduzireis?

O vosso artigo contém um erro de fato que prova, ainda uma vez, a vossa ignorância em matéria de Espiritismo. Dissestes: Os *adeptos são geralmente operários.* Sabei, pois, Senhor, para o vosso governo, que sobre os cinco ou seis milhões de Espíritas que existem hoje, a quase totalidade pertence às classes mais esclarecidas da sociedade; ele conta entre seus adeptos um número muito grande de médicos em todos os países, de advogados, de magistrados, de homens de letras, de altos funcionários, de oficiais de todos os graus, de artistas, de sábios, de negociantes, etc., pessoas que classificais muito levianamente entre os ineptos. Mas passemos por cima disto. As palavras *insulto* e *injúria* vos

parecem muito fortes? Vejamos!

Pesastes bem a importância de vossas palavras quando, depois de ter dito que os adeptos são geralmente operários, acrescentais, a propósito das reuniões lionesas: *Porque ali não recebem facilmente aqueles que, pelo seu exterior, anunciam MUITA INTELIGÊNCIA; os Espíritos não se dignam manifestar-se senão aos SIMPLES, provavelmente, foi o que nos valeu para ser ali admitido.* E mais longe esta outra frase: *Depois de um SPEECH sobre a natureza dos Espíritos, e tudo recitado num estilo que deveria encantar os Espíritos, por causa de sua SIMPLICIDADE, as perguntas começaram.* Eu não lembro os vossos gracejos a respeito da pena de pato da qual se servia, segundo vós, o médium, e outras coisas também muito espirituosas; falo mais seriamente. Eu não faria senão uma simples anotação, é que os vossos olhos e os vossos ouvidos vos serviram muito mal, porque o médium, de quem falastes, não se serve de pena de pato, e a forma, tanto quanto o fundo, da maioria das perguntas e das respostas, que narrastes em vosso artigo, são de pura invenção: são, pois, pequenas calúnias a favor das quais quisestes fazer brilhar o vosso espírito.

Assim, segundo vós, para ser admitido nas reuniões de operários, é necessário ser operário, quer dizer, desprovido de bom senso, e ali não fostes introduzido senão porque, dissestes, provavelmente vos tomaram por um tolo. Seguramente, acreditando-se que tivésseis bastante espírito para inventar coisas que não são, muito certamente ter-lhe-

iam fechado a porta.

Sabeis bem, Senhor, que não atacais somente os Espíritas, mas toda a classe operária, e em particular a de Lyon? Esquecei-vos de que são estes mesmos operários, estes *canus,* como o dissestes com afetação, que fazem a prosperidade de vossa cidade, pela sua indústria? Foram pessoas sem valor moral, como esses operários, que produziram Jacquard? De onde saíram bom número de vossos fabricantes, que adquiriram a sua fortuna com o suor de seu rosto e à força da ordem e da economia? Não é insultar o seu trabalho comparando seus teares a *potências?* Derramais o ridículo sobre a sua linguagem; mas esqueceis que seu estado não é o de fazer discursos acadêmicos? Há necessidade de um estilo tirado ao cordel para dizer o que se pensa? As vossas palavras, Senhor, não são apenas levianas, – emprego esta palavra com comedimento, – elas são imprudentes. Se nunca ainda Deus vos reservou dias nefastos, rogai-o para que disto não se lembrem. Aqueles que forem Espíritas os esquecerão, porque a caridade isso lhes ordena; fazei, pois, votos para que o sejam todos, porque eles haurem no Espiritismo princípios de ordem social, de respeito à propriedade, e sentimentos religiosos. Sabeis o que fazem esses operários espíritas lioneses, que tratais com tanto desdém? Em lugar de irem se distrair num cabaré, ou de se nutrir de doutrinas subversivas e quiméricas; nessa oficina que comparais zombeteiramente ao antro de Trophomus, no meio desses teares de quatro potências, *eles*

pensam em Deus. Ali os vi durante a minha estada aqui; conversei com eles e estou convencido do que se segue: Entre eles, muitos maldiziam seu trabalho penoso: hoje o aceitam com a resignação do cristão, como uma prova; muitos viam com olhos de inveja e de ciúme a sorte dos ricos: hoje, eles sabem que a riqueza é uma prova ainda mais arriscada do que a da miséria, e que o infeliz que sofre, e não cede à tentação, é o verdadeiro eleito de Deus; eles sabem que a verdadeira felicidade não está no supérfluo, e que aqueles que são chamados os felizes deste mundo, também têm cruéis angústias que o ouro não aquieta; muitos se riam da prece; hoje, eles oram, e reencontraram o caminho da igreja, que esqueceram, porque outrora não acreditavam em nada e hoje eles creem; vários teriam sucumbido ao desespero: hoje, que conhecem a sorte daqueles que abreviam voluntariamente sua vida, se resignam à vontade de Deus, porque sabem que têm uma alma, e que antes disto não estavam certos; porque sabem, enfim, que não estão senão de passagem sobre a Terra, e que a justiça de Deus não falta a ninguém.

Eis, Senhor, o que sabem e o que fazem esses *ineptos,* como os chamais; eles se exprimem numa linguagem talvez ridícula, trivial aos olhos de um homem de espírito como vós, mas aos olhos de Deus o mérito está no coração e não na elegância das frases.

Alhures, dissestes: *Outrora a Igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações; ela*

feriria talvez muito forte, é verdade, mas ela deferia o mal. Hoje, que a autoridade religiosa está impotente, a outra autoridade não deveria intervir? Com efeito, ela queimava; é verdadeira pena que não haja mais fogueiras. Oh! deploráveis efeitos do progresso das luzes!

Não tenho por hábito responder às diatribes; se não agisse senão por mim, nada teria dito; mas, a propósito de uma crença que me faz glória de professar, porque é uma crença eminentemente cristã, zombais de pessoas honestas e trabalhadoras, porque são iletradas, esquecendo que o próprio Jesus era operário; vós os excitais com palavras irritantes; chamais sobre elas o rigor da autoridade civil e religiosa, quando são pacíficas e compreendem o vazio das utopias, nas quais foram embaladas, e que vos meteram medo: devia tomar a sua defesa, lembrando-lhes os deveres que a caridade impõe, e dizendo-lhes que se outros faltam com os seus deveres, não é isso uma razão para deles se isentarem. Eis, Senhor, os conselhos que lhes dou; assim são também aqueles que lhes dão esses Espíritos que têm a tolice de se dirigirem a pessoas simples e ignorantes antes que a vós; é que, provavelmente, eles sabem que serão melhor escutados. Gostaríeis, a esse respeito, de me dizer por que Jesus escolheu seus apóstolos entre o povo, em lugar de tomá-los entre os homens de letras? Foi, sem dúvida, porque não havia ali, então, jornalistas para lhe dizer o que deveria fazer.

Direis, sem dúvida, que a vossa crítica não vai senão sobre a crença nos Espíritos e suas manifestações, e não sobre os princípios sagrados da religião. Disso estou persuadido; mas, então, por que dizer que os Espíritas romperam com todos os princípios religiosos? Foi porque não sabíeis sobre o que eles se apoiam. Entretanto, ali vistes um médium orar com recolhimento, e vós, católico, ristes de uma pessoa que orava!

Provavelmente, não sabeis mais o que são os Espíritos. Os Espíritos não são outra coisa que as almas daqueles que viveram; as almas e os Espíritos são, pois, uma só e mesma coisa; de tal sorte que negar a existência dos Espíritos é negar a da alma; admitir a alma, a sua sobrevivência e a sua individualidade, é admitir os Espíritos. Toda a questão se reduz, pois, em saber se a alma, depois da morte, pode se manifestar aos vivos; os livros sacros e os Pais da Igreja o reconhecem. Se os Espíritas estão errados, estas autoridades enganaram-se igualmente; para prová-lo, trata-se de demonstrar, não por uma simples negação, mas por razões peremptórias:

1º Que o ser que pensa em nós, durante a vida, não deve mais pensar depois da morte;

2º Que, se pensa, não deve mais pensar naqueles que amou;

3º Que, se pensa naqueles que amou, não deve mais querer se comunicar com eles;

4º Que, se está por toda a parte, não pode estar ao nosso lado;

5º Que, se está ao nosso lado, não pode se comunicar conosco. Se conhecêsseis o estado dos Espíritos, a sua natureza, e, se assim posso me exprimir, a sua constituição fisiológica, tal como no-la descrevem, e tal como a observação o confirma, saberíeis que, sendo o Espírito e a alma uma só e mesma coisa, não há de menos no Espírito senão o corpo do qual é despojado em morrendo, mas que lhe resta um envoltório etéreo, que constitui para ele um corpo fluídico com a ajuda do qual pode, em certas circunstâncias, se tornar visível, assim como ocorre nos fatos de aparições que a própria Igreja admite perfeitamente, uma vez que, de alguns, fez artigo de fé. Estando esta base dada, às proposições precedentes se acrescentariam as seguintes, vos pedindo provar:

6º Que, pelo seu envoltório fluídico, o Espírito não pode agir sobre a matéria inerte;

7º Que, se ele pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado;

8º Que, se pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir a sua mão para fazê-lo escrever;

9º Que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e transmitir-lhe o seu pensamento.

Quando tiverdes demonstrado que tudo isto não se pode, por razões tão patentes quanto aquelas pelas quais

Galileu demonstrou que não é o Sol que gira, então a vossa opinião poderá ser tomada em consideração.

Objetareis, sem dúvida, que, em suas comunicações, os Espíritos dizem algumas vezes coisas absurdas. Isto é muito verdadeiro; eles fazem mais: dizem às vezes grosserias e impertinências. É que, deixando o seu corpo, o Espírito não se despoja imediatamente de todas as suas imperfeições; e é provável que aqueles que dizem coisas ridículas como Espíritos, o disseram mais ridículas ainda quando estavam entre nós; por isso, não aceitamos mais cegamente tudo o que vem de sua parte, quanto o que vem da parte dos homens. Mas me detenho, não tendo a intenção de fazer aqui um curso de ensinos; basta-me provar que faláveis do Espiritismo sem conhecê-lo.

Aceitai, Senhor, minhas cordiais saudações.

ALLAN KARDEC.

(p. 289-298).

Revista Espírita de novembro 1860

Carta de um católico sobre o Espiritismo

Pelo doutor GRAND, antigo vice-cônsul da França ([5])

O autor dessa brochura se propôs provar que se pode ser, ao mesmo tempo, bom católico e fervoroso Espírita; sob este aspecto, ele prega pela palavra e pelo exemplo, porque é

[5] Br. grand in-18, preço 1 fr., e para o correio 1 fr. 15cen., casa Ledoyen, livreiro-editor, Palais-Royal. 31, galeria de Orléans, e no escritório da *Revista Espírita*.

sinceramente uma e outro. Estabelece por fatos e por argumentos de uma rigorosa lógica, a concordância do Espiritismo com a religião, e demonstra que todos os dogmas fundamentais encontram, na Doutrina Espírita, uma explicação de natureza a satisfazer a razão mais exigente, e que a teologia em vão se esforça em dar; de onde conclui que se esses mesmos dogmas fossem ensinados dessa maneira encontrariam bem menos incrédulos e que, portanto, a religião devendo ganhar com essa aliança, um dia virá que, pela força das coisas, o Espiritismo estará na religião, ou a religião no Espiritismo.

Parece-nos difícil que, depois da leitura desse pequeno livro, aqueles que os escrúpulos religiosos afastam ainda do Espiritismo, não sejam conduzidos a uma apreciação mais sadia da coisa. Há, aliás, um fato evidente, é que as ideias espíritas caminham com uma tal rapidez que se pode, sem ser adivinho ou feiticeiro, prever o tempo em que serão tão gerais que, bom grado, malgrado, será necessário muito contar com elas; tomarão direito de cidadania sem necessidade da permissão de ninguém, e dentro em pouco se reconhecerá, se já não se fez, a impossibilidade absoluta de deter-lhe o curso. As diatribes mesmo lhe dão um impulso extraordinário, e não se poderia crer no número de adeptos que fez, sem o querer, o Sr. Louis Figuier com a sua *Historie du merveilleux,* onde ele pretende tudo explicar pela alucinação, ao passo que, em definitivo, não explica nada, porque sendo o seu ponto de partida a negação de todo poder

fora da humanidade, sua teoria material não pode resolver todos os casos. Os gracejos do Sr. Oscar Comettant não são razões: ele faz rir, mas não é às custas dos espíritas. O impudente e grosseiro artigo da *Gazette de Lyon,* não faz de errado senão a si mesmo, porque todo o mundo o julgou como merecia sê-lo. Depois da leitura da brochura de que falamos, que dirão aqueles que ainda ousam avançar que os espíritas são ímpios, e que a sua doutrina ameaça a religião? Eles não prestam atenção que dizendo isso fazem crer que a religião é vulnerável; ela seria bem vulnerável, com efeito, se uma utopia, uma vez que, segundo eles, ela é uma, poderia comprometê-la. Não tememos dizê-lo, todos os homens sinceramente religiosos, e nós entendemos por isso aqueles que o são mais pelo coração do que pelos lábios, reconhecerão no Espiritismo uma manifestação divina, cujo objetivo é reavivar a fé que se extingue.

Recomendamos com instância essa brochura a todos os nossos leitores, e cremos que farão uma coisa útil procurando propagá-la.

(p. 333-334).

Revista Espírita de dezembro 1860.

História do Maravilhoso

pelo Sr. Louis Figuier.

(Segundo artigo; ver a Revista de Setembro de 1860.)

Falando do Sr. Louis Figuier, em nosso primeiro artigo,

procuramos, antes de tudo, qual fora o seu ponto de partida, e demonstramos, citando textualmente as suas palavras, que ele se apoia sobre a negação de todo poder fora da humanidade corpórea; as suas premissas devem fazer pressentir a sua conclusão. O seu quarto volume, aquele que deveria tratar especialmente a questão das mesas girantes e dos médiuns, não aparecera ainda, e nós o esperamos para ver se daria, desses fenômenos, uma explicação mais satisfatória do que aquela do Sr. Jobert (de Lamballe). Nós o lemos com cuidado, e o que dele ressalta mais claro para nós, é que o autor tratou de uma questão que ele não conhecia de modo nenhum; para isso não queremos outra prova senão as duas primeiras linhas assim concebidas: *Antes de abordar a história das mesas girantes e dos médiuns, cujas manifestações são todas modernas,* etc. Como o Sr. Figuier não sabe que Tertuliano fala em termos explícitos das mesas girantes e falantes; que os Chineses conhecem esse fenômeno de tempos imemoriais; que é praticada entre os Tártaros e os Siberianos; que há médiuns entre os Tibetanos; que os havia entre os Assírios, os Gregos e os Egípcios; que todos os princípios fundamentais do Espiritismo se encontram nos filósofos sânscritos? É falso, pois, avançar que essas manifestações são *todas modernas;* os modernos nada inventaram a esse respeito, e os Espíritas se apoiam sobre a antiguidade e a universalidade de sua doutrina, o que o Sr. Figuier deveria saber antes de ter a pretensão de fazer-lhe um tratado *ex professo.* Sua obra não teve menos as honras da imprensa, que se apressou em render homenagem a esse

campeão das ideias materialistas.

Aqui se apresenta uma reflexão, cuja importância não escapará a ninguém. Nada, diz-se, é brutal como um fato: ora, eis aqui um que tem bem o seu valor, é o progresso inaudito das ideias espíritas, às quais certamente a imprensa, nem pequena e nem grande, não prestou o seu concurso. Quando ela se dignou falar desses pobres imbecis que creem ter uma alma, e que essa alma, depois da morte, se ocupa ainda dos vivos, não foi senão para gritar alto lá, sobre eles, e os enviar aos manicômios, perspectiva pouco encorajadora para o público ignorante da coisa. Portanto, o Espiritismo não entoou a trombeta da publicidade; não encheu os jornais de faustosos anúncios; como ocorre, pois, que, sem ruído, sem estrondo, sem o apoio daqueles que se colocam como árbitros da opinião, ele se infiltra nas massas, e que depois de ter, segundo a graciosa expressão de um crítico, do qual não nos lembramos o nome, *infestado as classes esclarecidas,* penetra, agora, nas classes trabalhadoras? Que nos digam como, sem o emprego dos meios comuns de propaganda, a segunda edição de *O Livro dos Espíritos* se esgotou em quatro meses? Apaixona-se, diz-se, das coisas mais ridículas; seja, mas apaixona-se com o que diverte, de uma história, de um romance; ora, *O Livro dos Espíritos,* de nenhum modo tem a pretensão de ser divertido. Não seria que a opinião encontra, nessas crenças, alguma coisa que desafia a crítica?

O Sr. Figuier encontrou a solução desse problema: é, disse, o amor do maravilhoso, e ele tem razão; tomemos a

palavra maravilhoso na acepção que ele lhe dá, e seremos da sua opinião. Segundo ele, toda a Natureza estando na matéria, todo fenômeno extramaterial é do maravilhoso: fora da matéria não há salvação; consequentemente, a alma, depois de tudo o que se lhe atribui, seu estado depois da morte, tudo isso é do maravilhoso; chamemo-lo, pois, como ele do maravilhoso. A questão é de saber se o maravilhoso existe ou não existe. O Sr. Figuier, que não gosta do maravilhoso, e não o admite senão nos contos de Barba-Azul, diz que não. Mas se o Sr. Figuier não deseja sobreviver ao seu corpo; se despreza a sua alma e a vida futura, nem todo o mundo partilha os seus gostos, e não é preciso que, com isso, desgoste os outros; há muitas pessoas para as quais a perspectiva do nada tem muito poucos encantos, e que muito esperam reencontrar, lá em cima ou lá embaixo, seu pai, sua mãe, seus filhos ou seus amigos; o Sr. Figuier não o deseja; não se podem disputar os gostos.

Instintivamente, o homem tem horror à morte, e o desejo de não morrer inteiramente é bastante natural, com isso se convirá; pode-se mesmo dizer que essa fraqueza é geral; ora, como sobreviver ao corpo se não se possui esse *maravilhoso* que se chama alma? Se temos uma alma, ela tem algumas propriedades, porque sem propriedades ela não poderia ser alguma coisa; estas não são, infelizmente para certas pessoas, as propriedades químicas; não se pode colocá-la num frasco para conservá-la num museu anatômico, como se conserva um crânio; nisso, a grande Causa,

verdadeiramente errou em não fazê-la mais agarrável: é que, provavelmente, não pensou no Sr. Figuier.

Qualquer que ela seja, de duas coisas uma: essa alma, se alma há, vive ou não vive depois da morte; é alguma coisa ou é o nada, não há meio termo. Ela vive para sempre ou por um tempo? Se ela deve desaparecer em um tempo dado, antes valeria que o fosse logo em seguida; um pouco mais cedo, ou um pouco mais tarde, com isso o homem não seria mais adiantado. Se ela vive, faz alguma coisa ou não faz nada; mas como admitir um ser inteligente que não faça nada, e isso durante a eternidade? Sem ocupação, a existência futura seria muito monótona. O Sr. Figuier, não admitindo que uma coisa inapreciável aos sentidos possa produzir quaisquer efeitos, é conduzido, em razão de seu ponto de partida, a esta conclusão, de que todo efeito deve ter uma causa material; por isso ele classifica no domínio do maravilhoso, quer dizer, da imaginação, todos os efeitos atribuídos à alma, e, por consequência, a própria alma, ela mesma, as suas propriedades, os seus fatos e os seus gestos de além-túmulo. Os simples, que têm a tolice de querer viver depois da morte, amam naturalmente tudo o que agrada aos seus desejos e vêm confirmar as suas esperanças; por isso, amam o maravilhoso. Até o presente se estava contente em dizer: "Tudo não morre com o corpo, ficai tranquilos, disso vos damos a nossa palavra de honra." Era muito confortador, sem dúvida, mas uma pequena prova nada teria de perturbadora para o assunto; ora, eis que o Espiritismo, com

os seus fenômenos, veio dar-lhes esta prova, a aceitam com alegria; eis todo o segredo da sua rápida propagação; ele dá a realidade a uma esperança: a de viver, e melhor do que isso, a de viver mais feliz; ao passo que vós, Sr. Figuier, vos esforçais para lhes provar que tudo isso não é senão quimera e ilusão; ele eleva a coragem, e vós a abateis; credes que, entre os dois, a escolha será duvidosa?

O desejo de reviver depois da morte é, pois, no homem, a fonte de seu amor pelo maravilhoso, quer dizer, por tudo o que se liga à vida de além-túmulo. Se alguns homens, seduzidos pelos sofismas, puderam duvidar do futuro, não crede que isso seja deliberadamente; não, essa ideia lhes inspira pavor, e é com esse terror que sondam as profundezas do nada; o Espiritismo acalma as suas inquietações, dissipa as suas dúvidas; o que é vago, indeciso, incerto, toma uma forma, torna-se uma realidade consoladora; eis porque, em alguns anos, deu a volta ao mundo, porque todos querem viver, e o homem preferirá sempre as doutrinas que o confortam àquelas que o apavoram.

Voltemos à obra do Sr. Figuier, e digamos primeiro que o seu quarto volume, dedicado às *mesas girantes e aos médiuns,* tem as três quartas partes cheias de histórias que não lhe tem nenhuma relação, tão bem que o principal ali se torne o acessório. Cagliostro, o negócio do colar, que ali figura não se sabe porquê, a moça elétrica, os caracóis simpáticos, nele ocupam treze capítulos em dezoito; é

verdade que essas histórias ali são tratadas com um verdadeiro luxo de detalhes e de erudição, que as fará lidas com interesse, toda opinião espírita à parte. Sendo o seu objetivo provar o amor do homem pelo maravilhoso, procura ele todos os contos que o bom senso, de todos os tempos, tem tomado pelo que eles valem, e se esforça por provar que são absurdos, o que ninguém contesta, e exclama: "Eis o Espiritismo fulminado!" Ao ouvi-lo, crê-se que as proezas de Cagliostro e os contos de Hoffmann são, para os espíritas, artigos de fé, e que os caracóis simpáticos têm todas as suas simpatias.

O Sr. Figuier não rejeita todos os fatos, muito longe disso; ao contrário de outros críticos que negam tudo sem cerimônia, o que é mais cômodo, porque isso dispensa de toda explicação, ele admite perfeitamente as mesas girantes e os médiuns, tudo fazendo uma larga parte à velhacaria; as Senhoritas Fox, por exemplo, são insignes escamoteadoras, porque elas foram achincalhadas por jornais americanos pouco galantes; ele admite mesmo o magnetismo, como agente material, bem entendido, a força fascinadora da vontade e do olhar, o sonambulismo, a catalepsia, o hipnotismo, todos os fenômenos de biologia; que disso se guarde, vai passar por um iluminado aos olhos de seus confrades. Mas, consequente consigo mesmo, ele quer reconduzir tudo às leis da física e da fisiologia. Ele cita, é verdade, alguns testemunhos autênticos e dos mais honrosos em apoio dos fenômenos espíritas, mas se estende com

complacência sobre todas as opiniões contrárias, sobretudo as dos sábios que, como o Sr. Chevreul e outros, procuraram as provas na matéria; ele tem em grande estima a teoria do músculo mentiroso dos Srs. Jobert e participantes. A sua teoria, como a lanterna mágica da fábula, peca por um ponto capital, e é que se perde numa complicação de explicações que pedem, elas mesmas, explicações para serem compreendidas. Um outro defeito, é que é, a cada passo, contraditada pelos fatos dos quais não pode dar conta e que o autor passa em silêncio, por uma razão muito simples, é que não os conhece; ele nada viu, ou pouco viu, por si mesmo; em uma palavra, ele nada aprofundou, *de visu,* com a sagacidade, a paciência e a independência de ideias do observador consciencioso; contenta-se com relatos mais ou menos fantásticos que encontrou em certas obras que não brilham pela imparcialidade; não tem em nenhuma conta os progressos da ciência em alguns anos; toma-a em seu início, quando caminhava tateante, e cada um lhe trazia uma opinião incerta e prematura, e quando ela estava longe de conhecer todos os fatos; absolutamente como se se quisesse julgar a química de hoje perto que ela era *ao* tempo de Nicolas Flamel. Em nossa opinião, por sábio que ele seja, ressente-se, pois, da primeira qualidade de um crítico, a de conhecer *a fundo* a coisa da qual fala, condição ainda mais necessária quando se quer explicá-la.

Não o seguiremos em todos os seus raciocínios; preferimos remeter à sua obra que todo espírita pode ler sem

o menor perigo para as suas convicções; não citaremos senão a passagem onde ele explica a sua teoria das mesas girantes, que quase resume a de todos os outros fenômenos.

"Vem em seguida a teoria que explica os movimentos da mesa pelos *Espíritos.* Se a mesa gira depois de um quarto de hora de recolhimento e de atenção da parte dos experimentadores, é, diz-se, que os Espíritos, bons ou maus, anjos ou demônios, entraram na mesa e a puseram em oscilação. O leitor deseja que discutamos esta hipótese? Não O pensamos. Se empreendêssemos provar, à força de argumentos lógicos, que o diabo não entra nos móveis para fazê-los dançar, nos seria preciso igualmente empreender demonstrar que não são os Espíritos que, introduzidos no nosso corpo, nos fazem agir, falar, sentir, etc. ([6]) Todos esses fatos são da mesma ordem, e aquele que admite a intervenção do demônio para fazer girar uma mesa, deve recorrer à mesma influência sobrenatural para explicar os atos que não ocorrem senão em virtude da nossa vontade e pelo socorro dos nossos órgãos. *Ninguém nunca quis atribuir seriamente* os efeitos da vontade sobre os nossos órgãos, por misteriosa que seja a essência desse fenômeno, à ação de um anjo ou de um demônio. Todavia, é a essa consequência que são conduzidos aqueles que querem informar a rotação das mesas a uma causa sobre-humana.

[6] Não são os Espíritos que nos fazem agir e pensar, mas um Espírito que é a nossa alma. Negar este Espírito, é negar a alma; negar a alma é proclamar o materialismo puro. Parece que o Sr. Figuier pensa que, como ele *ninguém* crê ter uma alma imortal, ou que ele crê ser todo o mundo.

"Dizemos, para terminar esta discussão, que a razão proíbe recorrer a uma causa sobrenatural, em toda parte onde uma causa natural pode bastar. Uma causa natural, normal, fisiológica, pode ser invocada para a explicação do giro das mesas? Aí está toda a questão.

"Eis, pois, que somos conduzidos a expor o que nos parece dar conta do fenômeno estudado nesta última parte do nosso livro.

"A explicação do fato das mesas girantes, considerado em sua maior simplicidade, nos parece ser fornecida por esses fenômenos cujo nome variou muito até aqui, mas cuja natureza é, no fundo, idêntico, quer dizer, porque alternativamente se chamou *hipnotismo,* com o doutor Braid, *biologismo* com o Sr. Philips, *sugestão* com o Sr. Carpenter. Lembremos que, em consequência da forte tensão cerebral resultante da contemplação, muito tempo mantida, de um objeto imóvel, o cérebro cai num estado particular, que recebeu, sucessivamente, os nomes de *estado magnético,* de sono *nervoso* e de *estado biológico,* nomes diferentes que designam certas variantes particulares de um estado geralmente idêntico.

"Uma vez levado a este estado, seja pelos passes de um magnetizador, como se faz desde Mesmer, seja pela contemplação de um corpo brilhante, como operava Braid, imitado depois pelo Sr. Philips, e como operam ainda os feiticeiros árabes e egípcios, seja simplesmente, enfim, por uma forte contenção moral, como disso citamos mais de um

exemplo, o indivíduo cai nessa passividade automática que constitui o sono *nervoso.* Ele perdeu o poder de dirigir e de controlar a sua própria vontade, e está em poder de uma vontade estranha. Se lhe apresenta um copo de água afirmando, com autoridade, que é uma deliciosa bebida, ele a bebe crendo beber vinho, um licor ou leite, segundo a vontade daquele que se apoderou fortemente do seu ser. Assim, privado do socorro do seu próprio julgamento, o indivíduo permanece quase estranho às ações que executa, e uma vez retornado ao seu estado natural, perdeu a lembrança dos atos que realizou durante essa estranha e passageira abdicação de seu *eu.* Está sob a influência de *sugestões,* quer dizer que, aceitando sem poder repeli-la, uma ideia fixa que lhe é imposta por uma vontade exterior, ele age, e é forçado a agir sem ideia e sem vontade própria, por consequência, sem consciência. Esse sistema levanta uma grave questão de psicologia, porque o homem, assim influenciado, perdeu seu livre arbítrio, e não tem mais a responsabilidade pelas ações que executa. Ele age, determinado por imagens intrusas que obsidiam seu cérebro, análogas a essas visões que Cuviers supôs fixadas no *sensorium* da abelha, e que lhe representam a forma e as proporções da célula que um instinto a impele construir. O princípio das *sugestões* dá perfeitamente conta dos fenômenos, tão variados e às vezes tão terríveis da alucinação, e mostra, ao mesmo tempo, o pouco de intervalo que separa a alucinação da monomania. Não será necessário mais espantar-se se, num número bastante grande de

giradores de mesas, a alucinação sobreviveu à experiência e se transformou em loucura definitiva.

"Esse princípio das *sugestões,* sob a influência do sono nervoso, nos parece fornecer a explicação do fenômeno da rotação das mesas, tomado em sua maior simplicidade. Consideremos o que se passa numa cadeia de pessoas que se entregam a uma experiência desse gênero. Essas pessoas estão atentas, preocupadas, fortemente emocionadas pela espera do fenômeno que se deve produzir. Uma grande atenção, um recolhimento completo de Espírito é recomendado. À medida que essa tensão se prolonga, e que a contenção moral permanece muito tempo mantida entre os experimentadores, seu cérebro se fatiga cada vez mais, suas ideias sentem uma ligeira perturbação. Quando assistimos, durante o inverno do ano 1860, às experiências feitas em Paris pelo Sr. Philips; quando vimos as dez ou doze pessoas às quais ele confiava um disco metálico, com a injunção de considerar fixa e unicamente esse disco colocado no côncavo da mão durante uma meia hora, não pudemos nos negar de encontrar, nessas condições reconhecidas indispensáveis para a manifestação do estado hipnótico, a fiel imagem do estado em que se encontram as pessoas formando silenciosa cadeia, para obter a rotação da mesa. Num e noutro caso, há uma forte contenção do Espírito, uma ideia exclusivamente perseguida durante um tempo considerável. O cérebro humano não pode resistir, por muito tempo, a essa excessiva tensão, a essa acumulação anormal do influxo nervoso. Sobre

as dez ou doze pessoas que se entregaram a essa alteração, a maioria abandona a experiência, forçada em renunciá-la pela fatiga nervosa que sentem. Somente alguns, um ou dois, que nela perseveram, caem vítimas do estado hipnótico ou biológico, e dão, então, lugar aos fenômenos diversos que examinamos falando no curso desta obra, do hipnotismo e do estado biológico.

"Nessa reunião de pessoas fixamente ligadas, durante vinte minutos ou meia hora, para formarem a cadeia, as mãos postas espalmadas sobre uma mesa sem terem a liberdade de distrair um instante a sua atenção da operação da qual tomam parte, o maior número não sente nenhum efeito particular. Mas é muito difícil que uma delas, uma só se se quer, não caia, por um momento, vítima do estado hipnótico biológico. Não seria preciso talvez senão um segundo de duração desse estado, para que o fenômeno esperado se realize. O membro da cadeia caído nesse semi-sono nervoso, não tendo mais consciência de seus atos, e não tendo outro pensamento senão a ideia fixa da rotação da mesa, imprime, com o seu desconhecimento o movimento ao móvel; ele pode, nesse momento, desdobrar uma força muscular relativamente considerável e a mesa se arremessa. Dado esse impulso, realizado esse ato *inconsciente,* nada lhe é mais necessário. O indivíduo, assim passageiramente biologizado, pode em seguida retornar ao seu estado ordinário; porque apenas esse movimento de deslocamento mecânico se manifestou na mesa que logo todas as pessoas

compondo a cadeia se levantam e seguem os seus movimentos, de outro modo dito, fazem a mesa caminhar crendo somente segui-la. Quanto ao indivíduo, causa involuntária, *inconsciente,* do fenômeno como não conserva nenhuma lembrança dos atos que realizou no estado de sono nervoso, ele mesmo ignora o que fez e se indigna, de muito boa fé, sendo acusado de ter empurrado a mesa. Supõe mesmo os outros membros da cadeia não terem agido com a má fé de que são acusados. Daí essas frequentes discussões e mesmo essas *disputas sérias às quais, muito frequentemente,* deram lugar a distração das mesas girantes.

"Tal é a explicação que cremos poder apresentar no que concerne ao fato da rotação das mesas, tomado em sua maior simplicidade. Quanto aos movimentos da mesa respondendo a perguntas: os pés que se erguem aos comandos, e que, pelo número de golpes, respondem às perguntas feitas, o mesmo sistema disso dá conta, admitindo-se que, entre os membros da cadeia, há um cujo estado nervoso conserva uma certa duração. Esse indivíduo, hipnotizado com seu desconhecimento, responde às perguntas e às ordens que lhes são dadas, inclinando a mesa, ou fazendo-a bater pancadas, de conformidade com as perguntas. Retornado em seguida ao seu estado natural, esqueceu todos os atos assim realizados, do mesmo modo que todo indivíduo magnetizado, hipnotizado, perdeu as lembranças dos atos que executou nesse estado. Ó indivíduo que desempenha esse papel com o seu desconhecimento, é,

pois, uma espécie de dorminhoco desperto; ele não está *sui compos,* está num estado mental que participa do sonambulismo e da fascinação. Ele não dorme, está encantado ou fascinado em consequência da forte concentração moral que se impôs: é um *médium.* Como esse último exercício é de uma ordem superior ao primeiro, não pode ser obtido em todos os grupos. Para que a mesa responda às perguntas feitas, é necessário que os indivíduos que operam hajam praticado com continuidade o fenômeno da mesa girante, e que, entre eles, se encontre um sujeito particularmente apto a cair nesse estado, que nele cai mais depressa pelo hábito e nele persevera por mais tempo: é preciso, em uma palavra, um *médium* experimentado.

"Mas, dir-se-á, vinte minutos ou meia hora não são necessários para obter a rotação de uma mesinha redonda de pé único ou de uma mesa. frequentemente, ao cabo de quatro ou cinco minutos, a mesa se coloca em movimento. A esse respeito, respondemos que um magnetizador, quando opera com seu sujeito habitual ou com um sonâmbulo de profissão, faz esse cair em sonambulismo em um minuto ou dois, sem passes, sem aparelhos, e unicamente com a imposição fixa de seu olhar. Aqui, foi o hábito que tornou o fenômeno fácil e rápido. Do mesmo modo, os *médiuns* exercitados podem, em muito pouco tempo, chegar a esse estado de semi-sono nervoso, que deve tornar inevitável o fato da rotação da mesa ou o movimento impresso por ele a esse móvel, de conformidade com a pergunta feita."

Não sabemos como o Sr. Figuier aplicaria sua teoria aos movimentos que ocorre, aos ruídos que se fazem ouvir, ao deslocamento dos objetos, sem o contato do médium, sem a participação da vontade, contra a sua vontade; mas há muitas outras coisas que ele não explica. De resto, mesmo aceitando a sua teoria, ela revelaria um fenômeno fisiológico dos mais extraordinários e bem digno da atenção dos sábios; porque, pois, o desdenharam?

O Sr. Figuier termina seu *Tratado do Maravilhoso* por uma curta notícia sobre *O Livro dos Espíritos.* Ele o julga naturalmente sob o seu ponto de vista: "A filosofia, disse ele, nele está fora de moda, e a moral dormente." Teria, sem dúvida gostado de uma moral galhofeira e despertante; mas que fazer dela? É uma moral para uso da alma; de resto sempre terá tido uma vantagem: a de fazê-lo dormir; é para ele uma receita em caso de insônia.

(p. 369-377).

Revista Espírita de janeiro 1861

A bibliografia católica contra o Espiritismo

Até o presente o Espiritismo não tinha sido atacado seriamente; quando certos escritores da imprensa periódica, em seus momentos de lazer, se dignaram dele se ocupar, não foi senão para torná-lo em ridículo. Trata-se de encher um folhetim, de fornecer um artigo a tanto por linha, não importa sobre o quê, contanto que lhe tenha a conta. Que assunto

tratar? Eu falarei, se diz o escritor encarregado da parte recreativa do jornal, de tal coisa? Não, é muito séria; de tal outra? Está gasta. Inventarei alguma aventura autêntica do grande ou de pequeno mundo? Nada me vem ao espírito no quarto de hora, e a crônica escandalosa da semana está muda. Mas penso nisso! Eis o meu assunto encontrado! Vi em alguma parte o *título* de um livro que fala dos Espíritos, e há pelo mundo pessoas bastante tolas para tomarem isso a sério. O que são os Espíritos? Deles nada sei e com isso pouco me importo; mas o que importa? Isto deve ser agradável. Primeiro, *eu* neles não creio de todo, porque jamais os vi, e vendo-os neles não creria mais, porque é impossível; portanto, nenhum homem de bom senso pode neles crer; está aí a lógica, ou não me conheço. Falemos, pois, dos Espíritos, uma vez que estão na ordem do dia; tanto este assunto do que um outro, isso divertirá os caros leitores. O tema é muito simples: Não há Espíritos, não pode, não deve havê-los; portanto, todos aqueles que neles creem são loucos. Agora à obra, e bordemos em cima. *Oh! meu bom gênio, eu te agradeço por esta inspiração!* tu me tiras de um grande embaraço, porque não há nada a dizer, e preciso de meu artigo para amanhã, e dele não tinha a primeira palavra.

Mas eis um homem sério que se diz: Está errado se divertir com estas coisas; isto é mais sério do que se pensa; não creio que ela aqui esteja de modo passageiro: essa crença é inerente à fraqueza humana que, de todos os tempos, acreditou no maravilhoso, no sobrenatural, no

fantástico. Quem suspeitaria que em pleno XIX século, num século de luzes e de progresso, depois de Voltaire que tão bem demonstrou que só o nada nos espera, depois de tantos sábios que procuraram a alma e não a encontraram, se possa ainda crer nos Espíritos, nas mesas girantes, nos feiticeiros, nos mágicos, no poder de Merlin o encantador, na varinha adivinhatória, na Srta. Lenormand? – Humanidade! Humanidade! Para onde vais se não venho em tua ajuda para tirar-te do lamaçal da superstição? Quiseram matar os Espíritos pelo ridículo, e não conseguiram; longe disso, o mal contagioso faz progressos incessantes; a zombaria parece dar-lhe uma recrudescência, e, se não se lhe meter ordem, a Humanidade inteira logo dele estará infestada. Uma vez que esse meio, tão eficaz comumente, foi impotente, é tempo que os sábios a ele se misturem, a fim de lhe pôr fim de uma vez por todas; os gracejos não são razões; falemos em nome da ciência; demonstremos que em todos os tempos os homens foram imbecis crendo que havia uma força superior a eles; que não tinham, eles mesmos, todo o poder sobre a Natureza; provemos-lhes que tudo o que eles atribuem às forças sobrenaturais se explica pelas simples leis da fisiologia; que a alma, sobrevivendo ao corpo e podendo se comunicar com os vivos, é uma quimera, e que é loucura contar com o futuro. Se depois de terem digerido quatro volumes de boas razões, não estiverem convencidos, não nos restará senão sofrer sobre a sorte da Humanidade que, em lugar de progredir, retrograda, a grandes passos, para a barbárie da Idade Média, e perto de sua ruína.

Que o Sr. Figuier se cubra a face, porque seu livro, tão pomposamente anunciado, tão elogiado pelos campeões do materialismo, produziu um resultado todo contrário ao que dele esperavam.

Mas eis que chega um novo campeão que pretende esmagar o Espiritismo por um outro meio: é o Sr. *Georges Gandy,* redator da *Bibliografia católica,* que o toma corpo a corpo em nome da religião ameaçada. O quê! A religião ameaçada pelo que chamais uma utopia! Tendes, pois, bem pouca fé em sua força; portanto, a credes, bem vulnerável, para temer que as ideias de alguns sonhadores não venham sacudir as suas bases; achais, pois, esse inimigo bem temível para atacá-lo com tanta raiva e furor; conseguireis mais do que os outros? Disso não duvidamos, porque a cólera é má conselheira. Se chegardes a assustar algumas almas tímidas, não receais excitar a curiosidade em maior número? Julgai-o pelo fato seguinte. Numa cidade que conta um certo número de Espíritas e alguns círculos íntimos onde se ocupa de manifestações, um pregador fez um dia um sermão virulento contra o que chamava a obra do diabo, pretendendo que só ele vinha falar nas reuniões satânicas, da qual todos os membros estavam notoriamente votados à danação eterna. Que ocorreu? Desde o dia seguinte, bom número de ouvintes procuraram as reuniões espíritas, e pediram para ouvirem os diabos falarem, curiosos para ver o que eles lhes diriam; porque dele se tem tanto falado que se está familiarizado com esse nome, que não mete mais medo; ora, eles viram nessas

reuniões pessoas sérias, instruídas, orando a Deus, o que não fizeram desde a sua primeira comunhão, crendo em sua alma, em sua imortalidade, nas penas e nas recompensas futuras, trabalhando para se tornarem melhores, se esforçando por praticarem a moral do Cristo, não falando mal de ninguém, nem mesmo daqueles que os anatematizam; eles dizem a si mesmos, então, que se o diabo ensina semelhantes coisas, é preciso que tenha se convertido; quando os viram conversar respeitosamente e piedosamente com seus pais e seus amigos defuntos, que lhes davam consolações e sábios conselhos, não puderam crer que essas reuniões fossem sucursais do sabá, porque ali não viram nem caldeiras, nem vassouras, nem corujas, nem gatos pretos, nem crocodilos, nem livros de mágica, nem tripé, nem varinha mágica, nem nenhum dos acessórios da feitiçaria, nem mesmo a velha mulher de nariz e queixo recurvados; quiseram, eles também, conversar um com a sua mãe, o outro com um filho querido, e lhes parecia difícil, em os reconhecendo, admitir que essa mãe e esse filho fossem demônios. Felizes por terem a prova de sua existência, e a certeza de uma reunião num mundo melhor, se perguntaram com qual objetivo lhe quiseram meter medo, e isso levou-os a reflexões com as quais não tinham ainda sonhado; disso resultou que eles gostaram mais de ir lá onde encontraram consolações, do que lá onde os apavoravam.

Esse pregador, como se vê, tomou caminho falso, e é o caso de dizer: Melhor vale um inimigo do que um amigo

inábil. O Sr. Georges Gandy espera ser mais feliz? Nós o citamos textualmente para a edificação de nossos leitores:

"Em todas as épocas das grandes provas da Igreja e de seus próximos triunfes, houve contra ela conspirações infernais, onde a ação dos demônios era visível e tangível. Jamais a teurgia e a magia estiveram mais em voga no seio do paganismo e da filosofia, do que no momento em que o cristianismo se espalhou no mundo para subjugá-lo. No décimo-sexto século, Lutero teve colóquios com Satã, e um redobramento de feitiçarias, de comunicações diabólicas se fez notar na Europa, então que se operava, pela Igreja, a grande reforma católica, que iria triplicar as suas forças, e que um novo mundo lhe abria, sobre um espaço imenso, desígnios gloriosos. No décimo-oitavo século, na véspera do dia em que o machado dos carrascos deveria retemperar a Igreja no sangue de novos mártires, a demoniolatria florescia no cemitério de Saint-Medard, ao redor dos banquetes de Mesmer e dos espelhos de Cagliostro. Hoje, na grande luta do catolicismo contra todos os poderes do inferno, a conspiração de Satã veio visivelmente em ajuda do filosofismo; o inferno quis dar, em nome do naturalismo, uma consagração à obra de violência e de astúcia que continua há quatro séculos, e que se prepara para coroar de uma suprema impostura. Aí está todo o segredo dessa suposta doutrina *Espírita,* acervo de absurdos, de contradições, de hipocrisia e de blasfêmias, – como iremos ver, – a qual ensaia, como a última das perfídias, glorificar o cristianismo para aviltá-lo, de difundi-lo

para suprimi-lo, afetando o respeito para o divino Salvador, a fim de arrancar de sobre a terra, tudo o que fecundou com o seu sangue, e de substituir, ao seu reino imortal, o despotismo dos sonhos ímpios.

"Abordando o exame dessas pretensões estranhas, que não se tem ainda, cremos, suficientemente desvendadas e flageladas, pedimos aos nossos leitores consentirem em seguir o curso um pouco longo desse dédalo diabólico, de onde a seita espera sair triunfante, depois de abolir para sempre o nome divino diante do qual é vista a dobrar os joelhos. O Espiritismo, a despeito de seus ridículos, de suas profanações revoltantes, de suas contradições sem fim, nos é um preciso ensino. Jamais as loucuras do inferno tinham dado, à nossa religião santa, mais estrondosa homenagem. Jamais Deus havia condenado com um poder mais soberano ao confirmar, por esses testemunhos, a palavra do divino Mestre: *Vos ex* paire *diabolo estis."*

Este início faz julgar a amenidade do resto; aqueles dos nossos leitores que quiserem se edificar nessa fonte de caridade evangélica, poderão dar-se o prazer lendo *a Bibliografia, n° 3 de setembro* 1860, *rue de Sèvres, n° 34.* Ainda uma vez, porque, pois, tanta cólera, tanto fel, contra uma doutrina que, se ela é, como dizeis, a obra de Satã, não pode prevalecer contra a de Deus, a menos que suponhais que Deus seja menos poderoso do que Satã, o que seria um pouco ímpio? Duvidamos muito de que esse desencadeamento de injúrias, essa febre, essa profusão de

epítetos dos quais o Cristo jamais se serviu contra os seus maiores inimigos, sobre os quais pedia a misericórdia de Deus, e não a sua vingança, em dizendo: "Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem;" duvidamos, dizemos, que uma tal linguagem seja muito persuasiva. A verdade é calma e não tem necessidade de desatinos, e, por essa raiva, fareis crer em vossa própria fraqueza. Confessamos não compreender muito essa singular política de Satã que *glorifica o cristianismo para aviltá-lo, que o difunde para suprimi-lo;* em nossa opinião, isso seria possivelmente inábil e se pareceria muito com um jardineiro que, não querendo mais ter batata-inglesa, para destruir-lhe a espécie, as semearia em profusão em seu jardim. Quando se acusa os outros de pecarem por falta de raciocínio, é necessário começar a ser lógico pessoalmente.

O Sr. Georges Gandy briga mortalmente com o Espiritismo por se apoiar sobre o Evangelho e o cristianismo, não sabemos verdadeiramente porquê; que diria, pois, se se apoiasse sobre Maomé? Muito menos, seguramente, porque é um fato digno de nota que o islamismo, o judaísmo, o budismo mesmo, são objeto de ataques menos virulentos do que as seitas dissidentes do cristianismo; com certas pessoas, é preciso ser tudo ou nada. Há um ponto sobretudo que o Sr. Gandy não perdoa ao Espiritismo, que é o de não ter proclamado esta máxima absoluta: "Fora da Igreja não há salvação," e admitir que aquele que faz o bem possa ser salvo das chamas eternas, quaisquer que sejam as suas

crenças; uma tal doutrina, evidentemente, não pode sair senão do inferno. O seu verdadeiro objetivo se descobre sobretudo nesta passagem:

"Que nos quer o Espiritismo? É uma importação americana, protestante antes de qualquer outro, e que tinha já triunfado, – digna-nos dizê-lo, – sobre todas as pragas da idolatria e da heresia; tais são os seus títulos a respeito do mundo. Seria, pois, de terras clássicas da superstição e de loucuras religiosas, que nos viriam a verdade e a sabedoria!" Eis certamente um grande perigo; se tivesse nascido em Roma, seria a voz de Deus; nasceu num país protestante, é a voz do diabo. Mas que direis quando tivermos provado, o que faremos um dia, que foi na Roma cristã bem antes de ser na América protestante? Que respondeis a este fato, constante hoje, de que há mais Espíritas católicos do que Espíritas protestantes?

O número das pessoas que não creem em nada, que duvidam de tudo, do futuro, de Deus mesmo, é considerável e cresce numa proporção assustadora; é pelas vossas violências, vossos anátemas, vossas ameaças de inferno, vossas declamações iradas que as conduzis? Não, porque são as vossas próprias violências que as afastam. São culpáveis por terem tomado a sério a caridade e a mansuetude do Cristo, a bondade infinita de Deus? Ora, quando eles ouvem aqueles que pretendem falar em seu nome, vomitar a ameaça e a injúria, põem-se a duvidar do Cristo, de Deus, de tudo enfim. O Espiritismo lhes faz ouvir palavras de paz e de

esperança, e, como a dúvida lhes pesa, e que têm necessidade de consolações, lançam-se nos braços do Espiritismo, porque a gente gosta mais daquele que sorri do que daquele que faz medo; então creem em Deus, na missão do Cristo, em sua divina moral; em uma palavra, de incrédulos e indiferentes, tornam-se crentes; foi o que, recentemente, fez um respeitável cura dizer, quando um dos seus penitentes consultava sobre o Espiritismo: "Nada chega sem a permissão de Deus; ora, Deus permite essas coisas para reavivar a fé que se extingue." Se tivesse usado outra linguagem, talvez a teria afastado para sempre. Quereis a toda força que o Espiritismo seja uma seita, então que ele não aspira senão ao título de ciência moral e filosófica, respeitando todas as crenças sinceras; por que, pois, dar a ideia de uma separação àqueles que não pensam nisso? Se rejeitais aqueles que ele conduz à crença em Deus, se não lhes dais senão o inferno por perspectiva, não tereis que tomar senão a vós por uma cisão que tereis provocado.

São Luís nos dizia um dia: "Zombam das mesas girantes, não se zombarão jamais da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias." Ele se enganou, porque contou sem o Sr. Georges Gandy. Escritores, frequentemente, se alegraram com os Espíritos e as suas manifestações, sem sonharem que um dia eles mesmo poderiam servir de alvo das brincadeiras de seus sucessores; mas sempre respeitaram a parte moral da ciência; estava reservado a um escritor católico, nós o

lamentamos sinceramente, ridicularizar as máximas admitidas pelo mais vulgar bom senso. Ele cita um número muito grande de passagens de *O Livro dos Espíritos;* não nos reportaremos senão a algumas que darão uma ideia de sua apreciação: – "Deus prefere aqueles que o adoram do fundo do coração àqueles que o adoram exteriormente." O texto de O *Livro dos Espíritos* traz: Deus prefere aqueles que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, àqueles que creem honrá-lo por cerimônias que não os tornam melhores para os seus semelhantes." O Sr. Gandy admite o inverso-, mas um homem de boa fé deveria citar a passagem textualmente, e não mutilá-la de maneira a lhe desnaturar o sentido.

– "Toda destruição de animal, que ultrapassa os limites das necessidades, é uma violação às leis de Deus;" o que quer dizer que o princípio moral que regula as alegrias se aplica igualmente ao exercício da caça e do açougue.

Precisamente; mas parece que o Sr. Gandy é caçador e pensa que Deus fez a caça não para a alimentação do homem, mas para lhe proporcionar o prazer de fazer, sem necessidade, matanças de animais inofensivos.

"Os gozos têm os seus limites traçados pela Natureza: aí está o limite do necessário; pelo excesso chega-se à saciedade." É a moral do virtuoso Horácio, um dos pais do Espiritismo. Uma vez que o autor critica essa máxima, parece que não admite limites aos gozos, o que não é nada religioso.

– “A propriedade, para ser legítima, deve ser adquirida sem prejuízo da lei do amor e da justiça;” assim quem possui, sem cumprir os deveres de *caridade* que ordena a *consciência* ou a *razão individual, é* um usurpador do bem de outrem; nós estamos espiriticamente em pleno socialismo.

O texto traz: "Não há propriedade legítima senão aquela que é adquirida sem prejuízo para outrem. A lei de amor e de justiça proibindo fazer a outrem o que não quereríamos que nos fizessem, condena por isso mesmo todo meio de aquisição que seja contrário a essa lei." Não há: *que ordena a razão individual; é* uma adição pérfida. Não pensávamos que se pudesse possuir com toda a segurança de consciência às custas da justiça; o Sr. Gandy deveria nos dizer em qual caso a espoliação é legítima. Felizmente, os tribunais não são de sua opinião.

– "A indulgência espera, fora desta vida, o suicida que luta com a necessidade, que quis impedir a vergonha de recair sobre os seus filhos, ou a sua família. Aliás, São Luís, sobre cujas funções espíritas, diremos daqui a pouco, se digna revelar-nos que há escusa para os suicidas amorosos. Quanto às penas do suicídio, elas não são *fixadas;* o que é seguro, é que ele não escapa ao desapontamento: em outros termos, ele é *apanhado,* como se diz vulgarmente nesse baixo mundo."

Esta passagem está inteiramente desnaturada pelas necessidades da crítica do Sr. Gandy; ser-nos-ia necessário citar sete páginas para restabelecê-la em seu texto. Com um

semelhante sistema, seria fácil tornar ridículas as mais belas páginas de nossos melhores escritores. Parece que o Sr. Gandy não admite gradação nem nas faltas e nem na penalidade de além-túmulo. Cremos Deus mais justo, e desejamos que o Sr. Gandy jamais tenha a reclamar, junto dele, o benefício das circunstâncias atenuantes.

– "A pena de morte e a escravidão foram, são e serão contrárias à lei da Natureza. O homem e a mulher, sendo iguais diante de Deus, devem ser iguais diante dos homens." Foi a alma errante de algum santo-simonista *espantado, à* procura da mulher livre, que fez dom ao Espiritismo dessa picante revelação?"

Assim a pena de morte, a escravidão e a subjugação da mulher, que a civilização tende a abolir, são instituições que o Espiritismo erra em condenar. – feliz tempo da Idade Média, por que passaste sem retorno! Onde estais, fogueiras, que nos teriam livrado dos Espíritas!

Citemos uma das últimas passagens, das mais benignas:

"O Espiritismo não pode negar uma tal miscelânea de contradições, de absurdos e de loucuras, que não pertencem a nenhuma filosofia, nem a nenhuma língua. Se Deus permite essas manifestações ímpias é porque deixa aos demônios, como a Igreja nos ensina, o poder de enganar aqueles que a chamam violando a sua lei."

Então o demônio é feito para o mesmo, uma vez que,

sem o querer, nos faz amar a Deus.

– "Quanto à verdade, a Igreja no-la faz conhecer; ela nos diz com os santos livros que o anjo das trevas se transforma em anjo de luz, e que seria preciso recusar o testemunho mesmo de um arcanjo, se fosse contrário à doutrina do Cristo, de cuja infalível autoridade tem o depósito. Aliás, ela tem meios seguros e evidentes para distinguir o sortilégio diabólico das manifestações divinas."

É uma grande verdade que seria preciso recusar o testemunho de um arcanjo se fosse contrário à doutrina do Cristo. Ora, que diz essa doutrina que o Cristo pregou com a palavra e o exemplo?

"Bem-aventurados aqueles que são misericordiosos, porque eles mesmos obterão misericórdia.

"Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.

"Quem se puser em cólera contra o seu irmão, será condenado pelo julgamento; aquele que disser ao seu irmão *Raca,* merecerá ser condenado pelo conselho; aquele que lhe disser: Sois louco, merecerá ser condenado ao fogo do inferno.

"Amai os vossos inimigos, fazei bem àqueles que vos odeiam, e orai por aqueles que vos perseguem e que vos caluniam, a fim de que sejais os filhos de vosso Pai que está nos céus, que faz levantar o Sol sobre os bons e sobre os maus, e chover sobre os justos e os injustos; porque se não

amais senão aqueles que vos amam, que recompensa disso tereis? Os publicanos não o fazem também?

"Sede, pois, vós outros perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito."

"Não façais a outrem o que não gostaríeis que se vos fizessem a vós mesmos."

A caridade é, pois, o princípio fundamental da doutrina do Cristo. De onde concluímos que toda palavra e toda ação contrária à caridade não podem ser, como o dissestes com uma perfeita verdade, inspiradas senão por Satã, então mesmo que ele revestisse a forma de um arcanjo; é por esta razão que o Espiritismo diz: *Fora da caridade não há salvação.*

Remetemos, para o mesmo assunto, as nossas respostas ao *l'Univers,* número de maio e de julho de 1859, e à *Gazette de Lyon,* outubro de 1860. Recomendamos igualmente aos nossos leitores, como refutação ao Sr. Gandy, a *Carta de um católico sobre o Espiritismo,* pelo doutor Grand. Se o autor desta brochura [7] está votado ao inferno, ali haverá muitos outros, e ali se verá, coisa estranha, aqueles que pregam a caridade para todos, ao passo que o céu estaria reservado àqueles que lançam o anátema e a maldição. Estar-se-ia singularmente equivocado sobre o sentido das palavras do Cristo. A falta de espaço nos obriga a remeter, para o nosso próximo número, algumas palavras de

[7] Grande in-18, preço 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 15 c. – No escritório da *Revista Espírita*, e na Casa Ledoyen, livraria no Palais-Royal.

resposta ao Sr. Deschanel, do *Journal des Debats.*

(p. 8-15).

Revista Espírita de fevereiro 1861

Sr. Squire

Vários jornais falaram, com mais ou menos zombaria, segundo o seu hábito, desse novo médium, compatriota do Sr. Home, sob cuja influência se produzem tantos fenômenos de uma ordem, de alguma sorte excepcional. Eles têm isto de particular, que os efeitos não ocorrem senão na mais profunda obscuridade, circunstância que os incrédulos não deixam de alegar. O Sr. Home, como se sabe, produzia fenômenos muito variados, dos quais o mais notável era, sem contradita, o das aparições tangíveis; deles demos conta detalhada na *Revista Espírita* do mês de fevereiro, março e abril de 1858. O Sr. *Squire* delas não produziu senão duas, ou, melhor dizendo, senão uma com certas variantes, mas que não as faz menos dignas de atenção. Sendo a obscuridade uma condição essencial para a obtenção do fenômeno, vale, não é preciso dizer, que se tome todas as precauções necessárias para se assegurar da realidade. Eis em que consiste:

O Sr. Squire se coloca diante de uma mesa, pesando 35 a 40 quilogramas, semelhante a uma forte mesa de cozinha; amarram-lhe solidamente as duas pernas juntas, a fim de que não possa delas se servir, e, nessa mesma

posição, a sua força muscular, se para isso tivesse recurso, seria consideravelmente paralisada. Uma outra pessoa, qualquer uma, a mais incrédula que se queira, toma-lhe a mão, de maneira a não lhe deixar livre senão uma delas. Ele coloca, então, esta sobre a borda da mesa; assim estando, apagam-se as luzes, e no mesmo instante a mesa se ergue. Passa por cima de sua cabeça e vai cair atrás de si, com os pés para o ar, sobre um divã ou almofadas dispostas para recebê-la, a fim de que ela não se quebre na sua queda; produzido o efeito, retorna-se imediatamente a luz: é um negócio de alguns segundos. Ele pode repetir a experiência tantas vezes quanto queira na mesma sessão.

Uma variedade desse fenômeno é esta: uma pessoa se coloca ao lado do Sr. Squire; estando a mesa levantada, e derrubada como se acaba de dizer, em lugar de cair para trás, se coloca com o tampo, e em equilíbrio, sobre a cabeça da pessoa, que não sente senão uma ligeira pressão; mas, apenas a luz venha a atingir a mesa, esta pesa com todo o seu peso e cairia se duas outras pessoas não estivessem ali prontas para recebê-la e sustentá-la pelas duas extremidades.

Tal é em substância e em sua maior simplicidade, sem ênfases e sem reticências, o relato desses fatos singulares que nós tomamos à *la Patrie,* de 23 de dezembro de 1860, e que temos igualmente um grande número de testemunhas, porque confessamos não tê-las visto mais; mas a honradez daqueles que no-los narraram não nos deixam nenhuma

dúvida sobre a sua exatidão. Temos um outro motivo, mais poderoso talvez, para lhe acrescentar fé, e é que a teoria disso nos demonstrou a possibilidade: ora, nada é próprio para assentar uma convicção como dela se dar conta; nada provoca dúvida como de dizer: eu vi, mas não compreendi. Tentemos, pois, fazer compreender.

Comecemos primeiro por levantar algumas objeções prejudiciais. A primeira, que vem bastante naturalmente ao pensamento, é que o Sr. Squire emprega algum meio secreto, de outro modo dito, que ele é um hábil prestidigitador; ou bem, como dizem cruamente as pessoas que não se prendem a passar por polidas, que é um charlatão. Uma única palavra responde a essa suposição, é que o Sr. Squire veio a Paris como simples turista, não tira nenhum proveito de sua estranha faculdade; ora, como não há charlatães desinteressados, é para nós a melhor garantia de sinceridade. Se o Sr. Squire desse sessões a tanto por lugar, se estivesse movido por um interesse qualquer, acharíamos todas as suspeitas perfeitamente legítimas; não temos a honra de conhecê-lo, mas temos de pessoas dignas de toda a nossa confiança, que o conhecem particularmente há vários anos, que é um homem dos mais honrados, de um caráter brando e benevolente, um distinto literato, que escreve em vários jornais da América. A crítica raramente leva em conta o caráter das pessoas e o móvel que as faz agir; injustamente, porque é seguramente uma base

essencial de apreciação; e é caso onde a acusação de fraude é não somente uma ofensa, mas uma falta de lógica.

Isto posto, e descartada toda suposição de meios fraudulentos, resta saber se o fenômeno poderia se produzir com a ajuda da força muscular. Essa tentativa foi feita por homens dotados de uma força excepcional, e todos reconheceram a impossibilidade absoluta de levantar essa mesa com uma mão, e ainda menos de fazê-la piruetar no ar; acrescentamos que a compleição física do Sr. Squire não saberia se aliar com uma força hercúlea. Uma vez que o emprego da força física é impossível, que um exame escrupuloso garante contra o uso de qualquer meio mecânico, é necessário bem admitir a ação de uma força sobre-humana. Todo efeito tem uma causa; se a causa não está na humanidade, é preciso, necessariamente, que esteja fora da humanidade, de outro modo dito, na intervenção dos seres invisíveis que nos cercam, quer dizer, dos Espíritos.

Para os Espíritas, o fenômeno produzido pelo Sr. Squire nada tem de novo, senão *a* forma segundo a qual ele se produz, mas quanto ao fundo, entra na categoria de todos os outros fenômenos conhecidos de levantamento e de deslocamento de objetos, com ou sem contato, de suspensão de corpos pesados no espaço; tem o seu princípio no fenômeno elementar das mesas girantes, cuja teoria completa se encontra em nossa nova obra: *O Livro dos Médiuns.* Quem quer que tenha bem meditado nessa teoria, poderá facilmente se explicar o efeito produzido pelo Sr.

Squire; porque, certamente, o fato de uma mesa que, sem o contato de nenhuma pessoa, se destaca do solo, se ergue e se mantém no espaço sem ponto de apoio, é mais extraordinário ainda; podendo-se disso dar-se conta, explicar-se-á muito mais facilmente o outro fenômeno.

Em tudo isso, dir-se-á, o que prova a intervenção dos Espíritos? Se os efeitos fossem puramente mecânicos, nada, é verdade, provaria essa intenção, e bastaria recorrer à hipótese de um fluido elétrico ou outro; mas, do momento em que um efeito é inteligente, deve ter uma causa inteligente: ora, é pelos sinais de inteligência desses efeitos que se reconheceu que sua a causa não é exclusivamente material. Falamos de efeitos espíritas em geral, porque há aqueles cujo caráter inteligente é quase nulo, e é o caso do Sr. Squire. Poder-se-ia, pois, supô-lo dotado, à maneira de certas pessoas, de uma força elétrica natural; mas não sabíamos que a luz haja sido um obstáculo à ação da eletricidade ou do fluido magnético. De um outro lado, o exame atento das circunstâncias do fenômeno exclui essa suposição, ao passo que a sua analogia com aqueles que não podem ser produzidos senão pela intervenção de inteligências ocultas é manifesto; é, pois, mais racional alinhá-lo entre estes últimos. Resta saber como o Espírito, ou o ser invisível, nele se prende para agir sobre a matéria inerte.

Quando uma mesa se move, não é o Espírito que a prende com as mãos e a ergue com a força do braço, pela razão muito simples que, embora tenha um corpo como nós,

esse é corpo fluídico e não pode exercer uma ação muscular propriamente dita. Ele satura a mesa com o seu próprio fluido, combinado com o fluido *animalizado* do médium; por esse meio, a mesa é momentaneamente animada de uma vida factícia; ela obedece então à vontade, como o faria um ser vivo; exprime, pelos seus movimentos, a alegria, a cólera e os diversos sentimentos do Espírito que dela se serve; não é ela que pensa, ela não é alegre nem colérica; não é o Espírito que se incorpora nela, porque ele não se metamorfoseia em mesa; ela não é para ele senão um instrumento dócil, obedecendo à sua vontade, como o bastão que um homem agita e com o qual exprime a ameaça ou diversos sinais. O bastão, nesse caso, é sustentado pelos músculos; mas a mesa, não podendo ser posta em movimento pelos músculos do Espírito, este a agita com o seu próprio fluido que lhe tem o lugar da força muscular. Tal é o princípio fundamental de todos os movimentos em semelhante caso.

Uma questão, mais difícil à primeira vista, é esta: como um corpo pesado pode se destacar do solo e se manter no espaço, contrariando a lei da gravidade? Para disso nos darmos conta, basta nos reportarmos ao que se passa diariamente sob os nossos olhos. Sabe-se que é necessário distinguir, num corpo sólido, o peso da gravidade; o peso é sempre o mesmo, depende da soma das moléculas; a gravidade varia em razão da densidade do meio; por isso, um corpo pesa menos na água do que no ar, e ainda menos no

mercúrio. Suponhamos que um quarto, sobre o solo do qual repousa uma mesa pesada, seja de repente cheio de água, a mesa erguerá por si mesma, ou pelo menos, um homem, mesmo uma criança, a erguerá sem esforço. Outra comparação: Que se faça o vácuo sob *a* campânula pneumática, e num instante o ar de debaixo não fazendo mais equilíbrio com a coluna atmosférica, a campânula adquire um peso tal que o homem mais forte não pode levantá-la; *e,* todavia, se bem que nem a mesa e nem a campânula ganharam ou perderam um átomo de sua substância, seu peso relativo aumentou ou diminuiu em razão do meio, quer esse meio seja um líquido ou um fluido.

Conhecemos todos os fluidos da Natureza, ou mesmo todas as propriedades daqueles que conhecemos? Seria necessário ser bem presunçoso para crê-lo. Os exemplos que acabamos de citar são comparações: não dizemos semelhanças; é unicamente para mostrar que os fenômenos espíritas, que nos parecem tão estranhos, não o são mais do que aqueles que acabamos de citar, e que podem se explicar, se não pelas mesmas causas, pelo menos por causas análogas. Com efeito, eis uma mesa que perde evidentemente de seu peso aparente em um momento dado, e que, em outra circunstância, adquire um aumento de peso, e esse fato não pode se explicar pelas leis conhecidas; mas como ele se renova, isso prova que está submetido a uma lei que, por ser desconhecida, não existe menos. Qual é essa lei? Os Espíritos a dão; mas na falta da explicação dada por eles,

pode-se deduzi-la por analogia, sem recorrer a causas miraculosas ou sobrenaturais.

O fluido universal, assim como o chamam os Espíritos, é o veículo e o agente de todos os fenômenos espíritas; sabe-se que os Espíritos podem modificar-lhe as propriedades segundo as circunstâncias; que é o elemento constitutivo do perispírito, ou envoltório semimaterial do Espírito; que, neste último estado, ele pode adquirir a visibilidade e mesmo a tangibilidade; é, pois, irracional admitir que um Espírito, num momento dado, possa envolver um corpo sólido numa atmosfera fluídica, cujas propriedades modificadas em consequência, produzissem, sobre esse corpo, o efeito de um meio mais denso ou mais ralo? Nesta hipótese, o levantamento tão fácil de uma pesada mesa pelo Sr. Squire se explica muito naturalmente, assim como todos os fenômenos análogos.

A necessidade da obscuridade é mais embaraçosa. Por que o efeito cessa ao menor contato da luz? O fluido luminoso exerce aqui uma ação mecânica qualquer? Isso não é provável porque fatos do mesmo gênero se produzem perfeitamente à luz do dia. Não se pode atribuir essas singularidades senão à natureza toda especial dos Espíritos que se manifestam por esse médium. Por que por esse médium antes que por outros? Está ainda aí um desses mistérios que só podem penetrar aqueles que estão identificados com os fenômenos tão numerosos e, frequentemente, tão bizarros do mundo dos invisíveis; só eles

podem compreender as simpatias e as antipatias que existem entre os mortos e os vivos.

A que ordem pertencem esses Espíritos? São bons ou maus? Sabemos que machucamos certos amores-próprios terrestres, depreciando o valor dos Espíritos que produzem manifestações físicas; criticaram-nos fortemente por tê-los qualificado de saltimbancos do mundo invisível; para a nossa desculpa, diremos que a palavra não é nossa, mas dos próprios Espíritos; nós lhes pediremos bem perdão, mas não poderá jamais entrar em nosso pensamento que Espíritos elevados venham se divertir fazendo exibições ou outras coisas desse gênero, não mais do que não venha a nos fazer crer que os palhaços, os hércules, os dançarinos de corda e os balladins da praça pública sejam os membros do Instituto. Quem quer que conheça a hierarquia dos Espíritos e sabe que os há de todos os graus de inteligência e de moralidade, e que nelas se encontram tanto mais variedades de aptidão e de caráter do que entre os homens, o que não é de se admirar, uma vez que os Espíritos não são outras coisas que as almas daqueles que viveram; ora, até que provem o contrário, nos permitimos duvidar que Espíritos tais como de Pascal, de Bossuet ou outros, mesmo menos elevados, se coloque às nossas ordens para fazer torneios ou voltear mesas e divertir um círculo de curiosos; pedimos àqueles que pensam de outro modo, se creem que, depois de sua morte, se resignariam de boa vontade para esse papel de exibição. Há mesmo, entre aqueles que estão às ordens do Sr. Squire,

uma servilidade incompatível com a menor superioridade intelectual, de onde concluímos que devem pertencer às classes inferiores, o que não quer dizer que sejam maus; pode-se ser muito bom e muito honesto sem saber ler e nem escrever. Os maus Espíritos são geralmente indóceis, coléricos, e se alegram em fazer o mal; ora, não lembramos que aqueles do Sr. Squire lhe tenham pregado uma peça; eles lhe obedecem com uma docilidade pacífica que exclui toda suposição de malevolência; mas não estão, por isso, aptos a darem dissertações filosóficas. Cremos o Sr. Squire homem de muito bom senso para se formalizar dessa apreciação. Essa sujeição dos Espíritos que o assistem fez com que um dos nossos colegas dissesse que, provavelmente, tinham se conhecido em uma outra existência, onde o Sr. Squire teria exercido sobre eles uma grande autoridade, e que conservam para com ele, na sua existência presente, uma obediência passiva. De resto, não é preciso confundir os Espíritos que se ocupam de efeitos físicos, propriamente ditos, e que se designam mais especialmente sob o nome de Espíritos batedores com aqueles que se comunicam por pancadas; sendo este último meio uma linguagem, talvez empregada pelos Espíritos de todas as ordens como a escrita.

Como dissemos, vimos muitas pessoas que assistiram às experiências do Sr. Squire; mas, entre aquelas que não estavam já iniciadas na ciência espírita, muitas delas saíram muito pouco convencidas, tanto é verdade que só a visão dos

efeitos mais extraordinários não basta para levar à convicção; depois de terem ouvido as explicações que lhes demos, sua maneira de ver foi toda diferente. Seguramente, não damos essa teoria como a última palavra, a solução definitiva; mas na falta de poder explicar esses fatos pelas leis conhecidas, se convirá que o sistema que emitimos não está privado do verossímil; admitamo-lo, querendo-se, a título de simples hipótese, e, quando se der uma solução melhor, seremos um dos primeiros a aceitá-la.

(p. 36-42).

Penúria dos médiuns

Embora aparecido há pouco tempo, *O Livro dos Médiuns* já provoca, em várias localidades, o desejo de formar reuniões espíritas íntimas como aconselhamos fazê-lo; mas nos escrevem que estão detidos pela penúria de médiuns; por isso cremos dever dar alguns conselhos sobre os meios de supri-la.

Um médium, e sobretudo um bom médium, sem contradita, é um dos elementos essenciais de toda assembleia que se ocupa de Espiritismo, mas estar-se-ia em erro crendo-se que, na sua falta, não há nada a fazer senão cruzar os braços ou suspender a sessão. Não partilhamos de nenhum modo a opinião de uma pessoa que comparou uma sessão espírita sem médium a um concerto sem músicos. Há, em nossa opinião, uma comparação muito mais justa, é a do Instituto, de todas as sociedades sábias, que sabem utilizar o

seu tempo sem terem constantemente, diante deles, os meios de experimentação. Vai-se ao concerto para ouvir a música; é, pois, evidente que, se os músicos estão ausentes, faltou o objetivo; mas numa reunião se vai, ou pelo menos deve-se ir, para se instruir; a questão é saber se se pode fazê-lo sem médium. Seguramente, para aqueles que vão a essas espécies de reuniões com o único objetivo de ver os efeitos, o médium é tão indispensável quanto o músico no concerto; mas para aqueles que procuram, antes de tudo, a instrução, que querem aprofundar as diversas partes da ciência, na falta do instrumento experimentador, têm mais de um meio para supri-lo, é o que vamos tentar explicar.

Diremos primeiro que se os médiuns são comuns, os bons médiuns, na verdadeira acepção da palavra, são raros. A experiência prova, cada dia, que não basta possuir a faculdade mediúnica para ter boas comunicações; vale mais, pois, abster-se de um instrumento do que tê-lo defeituoso. Certamente para aqueles que, nas comunicações, procuram mais o fato do que a qualidade, e que o assistem mais para se distraírem do que para se esclarecerem, a escolha do médium é bastante indiferente, e aquele que produzir o mais será o mais interessante; mas nós falamos daqueles que têm um objetivo mais sério e veem mais longe; é a estes que nos dirigimos, porque estamos certos de sermos por eles compreendidos.

Por outro lado, os melhores médiuns estão sujeitos a intermitências mais ou menos longas, durante as quais há

suspensão, total ou parcial, da faculdade medianímica, sem falar das numerosas causas acidentais que podem, momentaneamente, privar de seu concurso. Acrescentamos igualmente que os médiuns completamente flexíveis, aqueles que se prestam a todos os gêneros de comunicações, são mais raros ainda; têm geralmente aptidões especiais das quais importa não desviá-los. Vê-se, pois, que, a menos que possam ser substituídos, isso pode ocorrer, no momento em que menos se espera, e seria deplorável que, em semelhante caso, se estivesse obrigado a interromper os trabalhos.

O ensino fundamental que se vem procurar nas reuniões espíritas sérias, sem dúvida, é dado pelos Espíritos; mas que fruto um aluno retiraria das lições do mais hábil professor se, de sua parte, não trabalhasse, se não meditasse sobre o que ouviu? Que progressos faria a sua inteligência se tivesse constantemente o mestre ao seu lado para lhe preparar o seu trabalho, e poupar-lhe a pena de pensar? Nas assembleias espíritas os Espíritos preenchem dois papéis: uns são os professores que desenvolvem os princípios da ciência, elucidam os pontos duvidosos, ensinam sobretudo as leis da verdadeira moral; os outros são os sujeitos de observação e de estudo, que servem de aplicação; dada a lição, sua tarefa termina e a nossa começa: é a de trabalhar sobre o que nos foi ensinado, a fim de melhor apreender, de melhor agarrar-lhe o sentido e a importância. É a fim de nos deixar o ócio de fazer o nosso dever (que se nos perdoe esta comparação clássica) que os Espíritos suspendem, algumas vezes, as

comunicações. Eles querem bem nos instruir, mas com uma condição, que os secundemos pelos nossos esforços; deixam de repetir, sem cessar, a mesma coisa inutilmente; se não são escutados, eles se retiram para dar o tempo de reflexão.

Na ausência de médiuns, uma reunião que se propõe outra coisa além de ver manobrar um lápis, tem mil meios de utilizar o seu tempo de maneira proveitosa. Limitamo-nos a indicar, sumariamente, alguns:

1° Reler e comentar as antigas comunicações, das quais um estudo mais aprofundado fará melhor apreciar o valor.

Objetando-se que isso seria uma ocupação fastidiosa e monótona, diríamos que não se deixe de ouvir um belo trecho de música e poesia; que depois de ter escutado um eloquente sermão, gostar-se-ia de poder lê-lo maduramente e com reflexão; que há certas obras que são relidas vinte vezes, porque cada vez nela se descobre alguma coisa de novo. Aquele que não é tocado senão pelas palavras, se aborrece de ouvir somente duas vezes a mesma coisa, fosse ela sublime; necessita de algo novo para interessá-lo, ou melhor, para diverti-lo; aquele que pensa num sentido maior: está tocado pelas ideias mais do que pelas palavras; é porque gosta de ouvir ainda o que vai até o seu Espírito, sem se deter no ouvido.

2º Contar os fatos dos quais tem conhecimento, discuti-los, comentá-los, explicá-los pelas leis da ciência

espírita; examinando-lhe a possibilidade ou a impossibilidade; ver o que têm de provável ou de exagero; ter em conta a imaginação e a superstição, etc.

3º Ler, comentar e desenvolver cada artigo de *O Livro dos Espíritos,* e de O *Livro dos Médiuns,* assim como todas as obras sobre o Espiritismo.

Pensamos que nos desculpem aqui citar as nossas próprias obras, o que é bastante natural uma vez que estão escritas para isso; de resto, não é de nossa parte senão uma indicação e não uma recomendação expressa; aqueles a quem não conviria, estão perfeitamente livres para deixá-las de lado. Longe de nós a pretensão de crer que não se possa fazer melhor e nem tão bem, cremos apenas que a ciência ali está, até este dia encarada de maneira mais completa do que em muitas outras, e que respondem a um maior número de perguntas e objeções; é a esse título que a recomendamos; quanto ao seu mérito intrínseco, só o futuro lhe será o grande juiz.

Daremos, um dia, um catálogo *lógico* das obras que trataram, direta ou indiretamente, da ciência espírita, na antiguidade e nos tempos modernos, na França ou no exterior, entre os autores sacros ou profanos, quando tivermos reunidos os elementos necessários. Esse trabalho é naturalmente muito longo, e estaríamos muito reconhecidos às pessoas que quisessem no-lo facilitar, fornecendo documentos e indicações.

4º Discutir os diferentes sistemas sobre a interpretação dos fenômenos espíritas. Recomendamos a esse respeito a obra do *Sr. de Mirville* e a do Sr. *Louis Figuier,* que são as mais importantes. O primeiro é rico em fatos do mais alto interesse e hauridos em fontes autênticas. Só a conclusão do autor é contestável, porque ele não vê por toda a parte senão demônios. É Verdade que o acaso o serviu segundo os seus gostos, colocando-lhe sobre os olhos aqueles que poderiam melhor servi-lo, ao passo que lhes escondeu os inumeráveis fatos que a própria religião olha como a obra dos anjos e dos santos.

A história do maravilhoso nos tempos modernos, pelo Sr. Figuier, é interessante sob outro ponto de vista. Há também fatos longamente e minuciosamente narrados que aí se encontram, não se sabe bem porquê, mas que é bom conhecer. Quanto aos fenômenos espíritas, propriamente ditos, ocupa a parte menos considerável de seus quatro volumes. Ao passo que o Sr. de Mirville explica tudo pelo diabo, que outros explicam tudo pelos anjos, o Sr. Figuier, que não crê nem nos diabos, nem nos anjos, nem nos Espíritos bons ou maus, explica tudo, ou crê tudo explicar, pelo organismo humano. O Sr. Figuier é um sábio; ele escreve seriamente, e se apoia sobre o testemunho de *alguns* sábios; pode-se, pois, olhar-se o livro como a última palavra da ciência oficial sobre o Espiritismo, e essa palavra é: *A negação de todo princípio inteligente fora da matéria.* Estamos tristes de que a ciência seja posta a serviço de uma

causa tão triste, ela, porém, não é disso responsável, ela que desvenda sem cessar as maravilhas da criação, e que escreve o nome de Deus sobre cada folha, sobre a asa de cada inseto; os culpados são aqueles que se esforçam em persuadir em seu nome de que, depois da morte, não há mais esperança.

Os Espíritas verão, pois, por esse livro, em que se reduzem os raios terríveis que devem aniquilar as suas crenças; aqueles que o medo de um fracasso poderia abalar, serão fortalecidos vendo a pobreza dos argumentos que lhe são opostos, as contradições sem número que resultam da ignorância e da falta de observação dos fatos. Sob esse aspecto, essa leitura pode lhe ser útil, não fosse senão para poder dele falar com mais conhecimento de causa, o que não o faz o autor a respeito do Espiritismo, que ele nega sem tê-lo estudado, pelo único motivo que ele nega toda força extra-humana. Não é de se temer o contágio de semelhantes ideias; elas carregam consigo o seu antídoto: a repulsa instintiva do homem pelo nada. Proibir um livro é provar que se o teme; nós convidamos a ler o do Sr. Figuier. Se a pobreza dos argumentos contra o Espiritismo é manifesta nas obras sérias, sua nulidade é absoluta nas diatribes e artigos difamatórios onde a raiva impotente se trai pela grosseria, Pela injúria e pela calúnia. Seria dar muita honra a semelhantes escritos, lê-los em reuniões sérias; nada têm a refutar, nem a discutir, por consequência, nada para aprender: não há senão que desprezá-los.

Vê-se, pois, que fora das instruções dadas pelos

Espíritos, há ampla matéria para um trabalho útil; acrescentaremos mesmo que serão hauridas nesse trabalho numerosos elementos de estudo para submeter aos Espíritos, pelas perguntas às quais, inevitavelmente, darão lugar. Mas, se for preciso, pode-se suprir a ausência momentânea de médiuns, e seria errado disso induzir que se pode passar indefinidamente sem eles; não é preciso, pois, nada negligenciar para se proporcionar isso; o melhor, para uma reunião é tomá-los em seu próprio seio, e querendo-se bem reportar-se ao que dissemos, a esse respeito, em nossa última obra, páginas 306 e 307, ver-se-á que o meio é mais fácil do que se crê.

(p. 42-46).

Revista Espírita de março 1861

O homenzinho ainda vive

A propósito do artigo do jornal des Débats, pelo Sr. Deschanel.

O Sr. Émile Deschanel, cujo nome ainda não nos chegara, consentiu em nos consagrar vinte e quatro colunas do folhetim *des Débats,* nos números de 15 e 29 de novembro último; nós lhe agradecemos o fato, senão a intenção. Com efeito, depois do artigo da *Bibliografia católica* e o da *Gazette de Lyon,* que vomitaram o anátema e a injúria a boca cheia, de modo a fazer crer num retorno ao décimo-quinto século, não conhecemos nada de mais malévolo, de menos científico, de mais longo sobretudo, do que o do Sr. Deschanel. Uma tão vigorosa saída deveu fazer-lhe crer que o

Espiritismo, atingido por ele de espada a fio, estaria para sempre bem e devidamente morto e enterrado; como nós não lhe respondemos, não lhe fizemos nenhuma intimação, que não entabulamos com ele nenhuma polêmica com todo exagero, ele pôde se enganar sobre as causas do nosso silêncio: devemos expor-lhe os motivos. O Primeiro é que, na nossa opinião, não havia nada de urgente, e que estávamos comodamente para esperar, a fim de julgar o efeito desse ataque, para regular a nossa resposta; hoje; que estamos completamente edificados a esse respeito, nós lhe diremos algumas palavras.

O segundo motivo é a consequência do precedente. Para refutar esse artigo com detalhes, seria preciso reproduzi-lo por inteiro, a fim de pôr à vista o ataque e a defesa, o que teria absorvido um número da nossa Revista; a refutação teria, pelo menos, absorvido duas; isso faria, pois, três números empregados para refutar o quê? Razões? Não, mas os gracejos do Sr. Deschanel: francamente isso não valeria a pena, e os nossos leitores gostam mais de outra coisa. Aqueles que desejarem conhecer a sua lógica poderão se contentar lendo os números citados. Além disso, a nossa resposta, em definitivo não seria outra senão a repetição daquilo que escrevemos, do que respondemos *a L'Univers,* ao Sr. *Oscar Comettant,* à *Gazette de Lyon,* ao Sr. *Louis Figuier,* à *Bibliografia católica* ([8]), porque todos esses ataques não são

[8] A *l'Univers.* maio e julho de 1859; ao Sr. Oscar Comettant dezembro de 1859; à *Gazette de Lyon:* outubro de 1860; ao Sr. Louis Figuier: setembro e dezembro de 1860; à *Bibliografia católica:* janeiro de 1861.

senão variantes de um mesmo tema. Seria, pois, necessário redigir a mesma coisa em outros termos para não ser monótono, e para isso não temos tempo. O que poderíamos dizer seria inútil para os adeptos, e não seria bastante completo para convencer os incrédulos; isso seria, pois, trabalho perdido; preferimos enviar às nossas obras, aqueles que quiserem seriamente se esclarecer; poderão colocar em paralelo os argumentos pró e contra: seu próprio julgamento fará o resto.

Por que, aliás, responderíamos ao Sr. Deschanel? Seria para convencê-lo? Mas nisso não temos interesse de modo nenhum. Seria, diz-se, um adepto a mais. Mas o que nos faz, a pessoa do Sr. Deschanel, de mais ou de menos? Que peso pode pesar na balança, quando as adesões chegam aos milhares, desde as sumidades da escala social? – Mas é um publicista, e se, em lugar de fazer uma diatribe, ele fizesse um elogio, isso não teria feito muito mais à doutrina? Esta é uma questão mais séria, examinemo-la.

Primeiro, é muito certo que o Sr. Deschanel, novo convertido, publicaria 24 colunas em favor do Espiritismo, como ele publicou contra? Não pensamos assim, por duas razões: a primeira que teria medo de cair em ridículo junto aos seus confrades; a segunda, que o diretor do jornal, provavelmente, não o teria aceito, de medo de assustar certos leitores, menos temerosos do diabo que dos Espíritos. Conhecemos bom número de literatos e de publicistas que estão nesse caso, e, por isso, não são menos bons e sinceros

Espíritas. Sabe-se que a senhora Émile de Girardin, que, geralmente, passa por ter tido alguma inteligência durante a sua vida, e não somente muito crente, mas além disso muito bom médium, e que obteve inumeráveis comunicações; mas as reservava para o círculo íntimo de seus amigos que partilhavam suas convicções; aos outros, delas não falava. Portanto, para nós, um publicista que ousa muito bem falar contra, mas que não ousaria falar pró, se fosse convencido, não seria para nós senão um simples indivíduo, e quando vemos uma mãe desolada com a perda de um filho querido encontrar inefáveis consolações na doutrina, a sua adesão aos nossos princípios têm para nós cem vezes mais de valor do que a conversão de uma ilustração qualquer, se essa ilustração nada ousa dizer. Aliás, os homens de boa vontade não faltam; são abundantes de tal modo, e vêm tanto a nós que, com dificuldade, podemos bastar para responder-lhes; não vemos, pois, porque perdermos o nosso tempo com os indiferentes, e correr atrás daqueles que não nos procuram.

Uma só palavra fará conhecer se o Sr. Deschanel é um homem sério; eis o começo do seu segundo artigo do dia 29 de novembro:

"A doutrina espírita se refuta por si mesmo, basta expô-la. Antes de tudo, ela não está errada em se chamar Espírita, sem mais nada, porque não é nem espiritual nem espiritualista. Ao contrário, ela está fundada sobre o materialismo mais grosseiro, não é divertida senão porque é ridícula."

Dizer que o Espiritismo está fundado sobre o materialismo grosseiro, então que o combate a todo transe, que não seria nada sem a alma, a sua imortalidade, as penas e as recompensas futuras, das quais é a demonstração patente, é o cúmulo da ignorância da coisa que se trata; se não for ignorância, é má-fé e calúnia. Vendo essa acusação e ao ouvi-lo citar os textos bíblicos, os profetas, a lei de Moisés que proíbe de interrogar os mortos, – prova que se pode interrogá-los, porque não se proíbe uma coisa impossível, – crer-se-ia numa ortodoxia iracúndia; mas lendo-se a engraçada passagem seguinte de seu artigo, os nossos leitores ficarão muito embaraçados para se pronunciarem sobre as suas opiniões:

"Como os Espíritos podem cair sob os sentidos? Como podem ser vistos, ser ouvidos, ser apalpados? E como podem escrever, eles mesmos, e nos deixar autógrafos do outro mundo? – "Oh! Mas é que os Espíritos não são Espíritos como poderíeis crer; Espíritos puramente Espíritos. O Espírito – entendei bem isto –, não é um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber; é um ser real, circunscrito, que, num certo caso, é apreciável pelo sentido da visão, do ouvido e do toque."

– "Mas esses Espíritos têm corpo?

– "Não precisamente.

– "Mas, enfim?…

– "Há no homem três coisas:

1º O corpo, ou ser material, análogo aos animais, movido pelo mesmo princípio vital;

2º A alma, ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo;

3º O laço que une *a* alma e o corpo, princípio intermediário entre a matéria e o corpo."

– "Intermediário? Que diabo quereis dizer? É matéria ou não é nada.

– "Isso depende.

– "Como? Isso depende?

– "Eis a coisa: "O laço, ou *perispírito,* que une o corpo e o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial…"

– "Semi! Semi!

– "A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro; o Espírito conserva o segundo, que constitui, para ele, um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que pode se tornar acidentalmente visível, e mesmo tangível, como ocorre nos fenômenos de aparições."

– *"Etéreo* tanto quanto quereis: um corpo é um corpo. Isso não faz dele dois. E a matéria é a matéria. Sutilizai-a tanto quanto vos apraza, não há *semi* no interior. A própria eletricidade não é senão matéria, e não semi-matéria. E quanto à vossa… Como chamais isso?

– "O perispírito?

– "Sim, o vosso perispírito… acho que ele não explica nada, e que ele mesmo tem grande necessidade de explicação.

– "O perispírito serve de primeiro envoltório ao Espírito, e une a alma e o corpo. Tais são, num fruto, o germe, o perisperma e a casca… O perispírito é haurido no meio ambiente, no fluido universal; prende-se, ao mesmo tempo, à eletricidade, ao fluido magnético, e, até um certo ponto, à matéria inerte…"Compreendei-nos?

– "Não muito.

– "Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria."

– "Tendes bem quintessenciado, não tirareis dela do espírito, nem do semi-espírito, é pura matéria como vosso perispírito.

– "É o princípio da vida orgânica, mas não é o da vida intelectual."

– "Enfim, é o que quiserdes; mas o vosso perispírito é tantas coisas, que não sei mais o que ele é, e que poderia bem não ser nada."

A palavra *perispírito* vos ofusca, pelo que parece? Se tivésseis vivido ao tempo em que foi criada a palavra *perisperma,* provavelmente teríeis achado também ridícula; quanto criticais aqueles que a inventam cada dia para exprimir as ideias novas? Não é a palavra que critico, direis, é a coisa. Seja, mas nunca a vistes; mas negais a alma que jamais vistes? Negais a Deus que também não vistes mais?

Pois bem! Se se pode ver a alma ou o Espírito, o que é a mesma coisa, pode se ver o seu envoltório fluídico ou *perispírito,* quando ela está livre, como se vê o seu envoltório carnal quando está encarnada.

O Sr. Deschanel se esforça por provar que o perispírito deve ser da matéria; mas é o que dizemos com todas as letras. Seria isso, por acaso, que o faz dizer que o Espiritismo é uma doutrina materialista? Mas a própria citação que ele faz o condena, uma vez que dizemos, em seus próprios termos, menos os seus espirituosos gracejos, que não é senão um envoltório independente do Espírito. Onde ele viu que tenhamos dito que é o perispírito que pensa? Ele não quer o perispírito, seja; mas que nos diga como pode explicar a ação do Espírito sobre a matéria sem intermediário? Não falaremos das aparições contemporâneas nas quais, sem dúvida, não crê; mas, uma vez que se aferra tanto sobre a Bíblia, da qual toma tão calorosamente a defesa, é que crê na Bíblia e no que ela diz; que ele queira, pois, nos explicar as aparições de anjos dos quais, a cada instante, faz menção? Os anjos, segundo a doutrina teológica, são puros Espíritos; mas quando se tornam visíveis, dirá que é o Espírito que se faz ver? Então, isso seria, desta vez, materializar o próprio Espírito, porque não há senão a matéria que possa cair sob os sentidos. Nós dizemos que o Espírito reveste um envoltório que pode torná-lo visível, e mesmo tangível, à vontade; só o envoltório é material, embora muito etéreo, o que não rouba nada às qualidades próprias do Espírito. Explicamos assim um

fato até então inexplicado e, certamente, somos menos materialistas do que aqueles que pretendem que é o próprio Espírito que se transforma em matéria para se fazer ver e agir. Aqueles que não creem na aparição dos anjos da Bíblia, podem, pois, nisso crerem agora, se creem na existência dos anjos, sem que isso repugne à sua razão; podem, por isso mesmo, compreender a possibilidade das manifestações atuais, visíveis, tangíveis, ou outras, desde o momento em que a alma ou Espírito possui um envoltório fluídico, se tanto é que creiam na existência da alma.

De resto, o Sr. Deschanel se esqueceu de uma coisa, de dar a sua teoria da alma, ou do Espírito; um homem judicioso, teria dito: Estais errado por tal ou tal razão; as coisas não são tais como o dissestes: *eis o que é.* Então, somente, teríamos alguma coisa sobre o que discutir. Mas há que se notar, que é o que não fez ainda nenhum dos contraditores do Espiritismo: eles negam, zombam ou dizem injúrias: não os conhecemos com outra lógica, o que é por demais inquietante; também com isso não nos inquietamos de tudo; porque eles não propõem nada, é que aparentemente não têm nada de melhor a propor. Só os francamente materialistas têm um sistema parado: o nada depois da morte; nós lhes desejamos muito prazer se isso os satisfaz. Aqueles que admitem a alma, infelizmente estão na impossibilidade de resolver as questões mais vitais segundo a sua única teoria, é por isso que eles não têm outro recurso senão a fé cega, razão pouco concludente para aqueles que

gostam das razões, e o número deles é grande para este tempo de luzes; ora, os espiritualistas não explicam nada de maneira satisfatória para os pensadores, estes concluem que não há nada, e que os materialistas talvez tenham razão: é o que conduz tanta gente à incredulidade, ao passo que essas mesmas dificuldades encontram uma solução muito simples e muito natural pela teoria espírita. O materialismo diz: Nada há fora da matéria; o espiritualismo diz: Há alguma coisa, mas não a encontra; o Espiritismo diz: Há alguma coisa e a prova, e com ajuda de sua alavanca explica o que até agora era inexplicado; é o que faz com que o Espiritismo conduza tantos incrédulos ao espiritualismo. Não perguntamos ao Sr. Deschanel senão uma coisa, é de dar decididamente a sua teoria, e de responder, não menos decididamente, às diversas perguntas que endereçamos ao Sr. Figuier.

Em suma, as objeções do Sr. Deschanel são pueris; se fora um homem sério, se tivesse criticado com conhecimento de causa, e a não se expor a cometer um tão pesado equívoco de taxar o Espiritismo de doutrina materialista, teria procurado aprofundar; teria vindo nos procurar, como tantos outros, nos pedir os esclarecimentos que teríamos prazer em lhe dar; mas preferiu falar segundo as suas próprias ideias que, sem dúvida, ele considera o regulador supremo, como a unidade métrica da razão humana; ora, como a sua opinião pessoal nos é indiferente, de nenhum modo queremos fazê-lo mudá-la, por isso não demos nenhum passo para isso, não o convidamos para nenhuma reunião, para nenhuma

demonstração; ele tivesse a saber, teria vindo; ele não veio, é, pois, que não tinha nada a saber, e nós não temos mais que ele.

Um outro ponto a examinar é este: Uma crítica tão virulenta e tão longa, fundada ou não, num jornal tão importante como os *Débats,* não pode prejudicar a propagação das ideias novas? Vejamos.

É necessário primeiro notar que não ocorre com uma doutrina filosófica como com uma mercadoria. Se um jornal afirma, com provas em seu apoio, que tal comerciante vende mercadoria avariada ou adulterada, ninguém estaria tentado em experimentar se isso é verdadeiro; mas toda teoria metafísica é uma opinião que, fosse ela de Deus mesmo, encontraria contraditores. Não foram vistas as melhores coisas, as verdades mais incontestáveis, hoje, tornadas em ridículo, quando de sua aparição, pelos homens mais capazes? Isso as impediu de serem verdades e de se propagarem? Todo o mundo sabe isso; é por isso que a opinião de um jornalista, sobre as questões desse gênero, não é sempre senão uma opinião pessoal, e se se diz que tantos sábios se enganaram sobre coisas positivas, o Sr. Deschanel pode bem se enganar sobre uma coisa abstrata; e por pouco que se tenha uma ideia, mesmo vaga, do Espiritismo, a sua acusação de materialismo é a sua própria condenação. Disso resulta que se quer ver e julgar por si mesmo: é tudo o que pedimos. Sob esse aspecto o Sr. Deschanel tem, pois, prestado, sem o saber, um verdadeiro

serviço à nossa causa, e por isso lhe agradecemos, porque nos poupa de gastos de publicidade, não sendo bastante ricos para pagar um folhetim de 24 colunas. Por difundido que esteja, o Espiritismo não penetrou ainda por toda parte; há muitas pessoas que dele nunca ouviram falar; um artigo dessa importância atrai a atenção, e faz penetrar mesmo no campo inimigo onde causa deserções, porque se diz naturalmente que não se bate assim numa coisa sem valor; com efeito, não se diverte em dirigir baterias formidáveis contra um local que se pode tomar a golpes de fuzil. Julga-se a resistência pelo deslocamento das forças de ataque, e é o que desperta a atenção sobre coisas que, talvez, passariam desapercebidas.

Isto não é senão raciocínio; vejamos se os fatos vêm contradizê-lo. Julga-se o crédito de um jornal, as simpatias que ele encontra na opinião pública, pelo número de seus leitores. Deve ser o mesmo com o Espiritismo, representado por algumas obras especiais; não falaremos senão das nossas, porque delas sabemos as cifras exatas; pois bem! *O Livro dos Espíritos,* que passa por conter a exposição mais completa da doutrina, foi publicado em 1857; a 2ª edição em abril de 1860, a 3ª em agosto de 1860, quer dizer, quatro meses mais tarde, e em fevereiro de 1861 a 4ª estava em venda; assim, três edições em menos de um ano provam que todo o mundo não é da opinião do Sr. Deschanel. A nossa nova obra, *O Livro dos Médiuns,* apareceu dia 15 de janeiro de 1861 e já é necessário pensar em preparar uma nova

edição; foi pedida na Rússia, na Alemanha, na Itália, na Inglaterra, na Espanha, nos Estados Unidos, no México, no Brasil, etc. Os artigos do *Journal des Débats* apareceram em novembro último; se houvesse exercido a menor influência sobre a opinião, seguramente, seria sobre a *Revista Espírita,* que publicamos, que se faria sentir; ora, em 1º de janeiro de 1861, época das renovações anuais, havia um terço de assinantes inscritos a mais do que na mesma época do ano precedente, e, cada dia, ela recebe novos que, coisa digna de nota, pedem todos as coleções dos anos anteriores, se bem que foi necessário reimprimi-las; portanto, isso prova que ela não lhes parece muito ridícula. De todos os lados, em Paris, na província, no estrangeiro, se formam reuniões Espíritas; nós as conhecemos mais de cem nos departamentos, e estamos longe de conhecê-las todas, sem contar as pessoas que delas se ocupam isoladamente ou dentro de suas famílias. Que dirão a isso os Srs. Deschanel, Figuier e participantes? Que o número de loucos aumenta. Sim, ele aumenta de tal modo que, dentro em pouco, os loucos serão mais numerosos do que as pessoas sensatas; mas o que esses Senhores, tão cheios de solicitude pelo bom senso humano, devem deplorar, é ver que tudo o que fizeram para deter o movimento produziu um resultado todo contrário. Querem conhecer-lhe a causa? Ela é muito simples. Eles pretendem falar em nome da razão e não oferecem nada de melhor; uns dão por perspectiva o nada, os outros as chamas eternas, duas alternativas que agradam a bem poucas pessoas; entre os dois escolhe-se o que é mais confortador.

Admirai-vos, pois, depois disso, por ver se lançarem aos braços do Espiritismo! Esses Senhores acreditaram matá-lo, tivemos que lhe provar que o Homenzinho vive ainda, e viverá por muito tempo.

A experiência tendo nos demonstrado, pois, que os artigos do Sr. Deschanel, longe de prejudicarem à causa do Espiritismo, serviram-lhe, excitando naqueles que nunca dele ouviram falar o desejo de conhecê-lo, julgamos supérfluo discutir uma a uma as suas afirmações. Empregaram todas as armas contra essa doutrina: atacaram-na em nome da religião, que ela serve em lugar de prejudicar, em nome da ciência, em nome do materialismo; prodigalizaram-lhe alternativamente a injúria, a ameaça, a calúnia, e ela resistiu a tudo, mesmo ao ridículo; sob a nuvem de flechas que lhe lançam, ela faz pacificamente a volta ao mundo e se implanta por toda parte, nas barbas de seus inimigos mais ferozes; não há aí matéria para reflexão séria, e não é a prova de que ela encontra o eco no coração do homem, ao mesmo tempo que está sob a salvaguarda de um poder contra o qual vêm se quebrar os esforços humanos?

É notável que na época em que apareceram os artigos do *Journal des Débats,* comunicações espontâneas ocorreram em diferentes partes em Paris e nos departamentos; todos exprimem o mesmo pensamento. A seguinte foi dada na Sociedade no dia 30 de novembro último: "Não vos inquieteis com aquilo que o mundo possa escrever contra o Espiritismo; não é a vós que os incrédulos atacam, é ao próprio Deus,

mas Deus é mais poderoso do que eles. É uma era nova, entendei-o bem, que se abre diante de vós, e aqueles que procuram se opor aos desígnios da Providência serão logo tombados. Como se vos disse perfeitamente, longe de prejudicar o Espiritismo, o ceticismo se fere com a sua própria mão, e ele mesmo se matará. Uma vez que o mundo quer representar a morte onipotente pelo nada, deixai-os dizer, não oponde senão a indiferença ao seu amargo pedantismo. Para vós a morte não será mais esse decesso atroz que os poetas sonharam: a morte se apresentará a vós como a aurora aos dedos de rosa de Homero.

André CHÉNIER.

São Luís, precedentemente, dissera sobre o mesmo assunto:

"Semelhantes artigos não fazem mal senão àqueles que os escrevem, e não fazem nenhum mal ao Espiritismo, que contribuem difundindo mesmo entre os seus inimigos."

Um outro Espírito respondeu a um médico Espírita de Nimes, que lhe perguntou o que ele pensava desses artigos:

"Deveis estar com isso satisfeitos; se os vossos inimigos se ocupam tanto convosco, é que reconhecem em vós algum valor, e vos temem. Deixai-os, pois, dizer e fazer o que quiserem; quanto mais falarem, mais vos darão a conhecer, e o tempo não está longe em que serão forçados a se calarem. Sua cólera prova a sua fraqueza; só a verdadeira força sabe dominar-se: ela tem a calma da confiança; a

fraqueza procura atordoar-se fazendo muito barulho."

Querem agora uma amostra do uso que certos sábios fazem da ciência em proveito da Sociedade? Citemos um exemplo.

Um de nossos colegas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, Sr. Indermuhle, de Berna, nos escreve o que segue:

"O Sr. *Schiff,* professor de anatomia (não sei se é o mesmo que tão engenhosamente descobriu o músculo estalante, do qual o Sr. Jobert de Lamballe se fez o editor responsável) [9], fez aqui, há algumas semanas, um curso público sobre a digestão. O curso, certamente, não era sem interesse; mas depois de ter por muito tempo falado de cozinha e de química, a propósito dos alimentos, e provar que nenhuma matéria se aniquila; que ela pode se dividir e se transformar, mas que ela é encontrada na composição do ar, da água e dos tecidos orgânicos, chegou à solução seguinte: *"Assim, pois, disse, a alma, tal como o vulgo a entende, é justa no sentido que o que se chamar alma, depois da morte do corpo, se dissolve, como o corpo material; ela se decompõe para juntar os materiais contidos, seja no ar, seja em outros corpos, é somente nesse sentido que a palavra imortalidade é justificada, de outro modo, não."*

"Assim é que, em 1861, os sábios, encarregados de instruir e de esclarecer os homens, lhes oferecem pedras em

9 Ver a *Revista Espírita,* junho de 1859.

lugar de pau. É necessário dizer, em louvor da humanidade, que os ouvintes estavam, na maioria, muito pouco edificados e satisfeitos com essa conclusão trazida tão bruscamente; que muitos com isso se escandalizaram; eu, tive piedade desse homem. Se atacasse o Governo, lhe teriam interditado, punido mesmo por isso; como pode se tolerar o ensinamento público do materialismo, esse dissolvente da sociedade?"

A essas judiciosas reflexões de nosso colega, acrescentamos que uma sociedade materialista, tal qual certos homens se esforçam em tornar a sociedade atual, não tendo nenhum freio moral, é a mais perigosa para toda espécie de governo; jamais talvez o materialismo foi professado com tanto cinismo; aqueles que um pouco de pudor retém disso se compensam arrastando na lama o que pode destruí-lo; mas eles agirão inutilmente, isso serão as convulsões de sua agonia; e, o que quer que dele diga o Sr. Deschanel, será o Espiritismo que lhe dará o golpe de misericórdia.

Limitamo-nos a dirigir ao Sr. Deschanel *a* carta seguinte:

Senhor,

Publicastes dois artigos no *Journal des Débats,* de 15 e 29 de novembro último, nos quais apreciais o Espiritismo sob o vosso ponto de vista. O ridículo que lançais sobre essa doutrina, sobre mim por repercussão, e sobre todos aqueles que a professam, me autoriza a vos dirigir uma refutação que

vos rogaria inserir; eu não o fiz, porque, por extensa que a tivesse dado, seria sempre insuficiente para as pessoas estranhas a essa ciência, e seria inútil para aquelas que não a conhecem. A convicção não se pode adquirir senão por um estudo sério, feito sem prevenção, sem ideias preconcebidas e por observações numerosas, feitas com *a paciência e a perseverança de quem quer realmente saber e compreender.* Ser-me-ia, pois, necessário fazer aos vossos leitores um verdadeiro curso que ultrapassaria os limites de um artigo; mas, como vos creio homem muito honrado para querer atacar sem admitir a defesa, eu me limitarei a dizer-me, por esta simples carta que vos peço consentir publicar no mesmo jornal, que eles encontrarão, seja em *O Livro dos Espíritos,* seja em *O Livro dos Médiuns,* que vem de publicar a casa dos Srs. Didier e Cia., uma resposta suficiente, na minha opinião; deixo ao vosso julgamento o cuidado de colocar em paralelo os vossos argumentos e os meus. Aqueles que quiserem, primeiramente, dele ter uma ideia sucinta sem grande despesa, poderão ler a pequena brochura intitulada: *O que é o Espiritismo?* e que não custa senão 60 centavos, assim como a *Carta de um católico sobre o Espiritismo,* pelo Sr. doutor Grand, antigo vice-cônsul da França. Encontrarão ainda algumas reflexões sobre o vosso artigo num nº. do mês de março da *Revista Espírita,* que eu publico.

Todavia, há um ponto eu não deveria passar em silêncio; é a passagem de vosso artigo onde dissestes que *o Espiritismo está fundado sobre o mais grosseiro materialismo.*

Coloco de lado as expressões ofensivas e pouco parlamentares às quais tenho o hábito de não prestar nenhuma atenção, e me limito a dizer que essa passagem contém um erro, eu não diria grosseiro, a palavra seria descortês, mas capital, e que me importa revelar para a edificação de vossos leitores. Com efeito, o Espiritismo tem por base essencial, e sem a qual não teria razão de ser, a existência de Deus, da *alma, a sua imortalidade, as penas e as recompensas futuras;* ora, esses pontos são a negação mais absoluta do materialismo, que não admite nenhum deles. A Doutrina Espírita não se limita a afirmá-los, não os admite *a priori,* deles é a demonstração patente; por isso, ela já conduziu um tão grande número de incrédulos que abjuraram todo sentimento religioso.

Ela não pode ser mais espiritual, mas certamente é essencialmente espiritualista, quer dizer, contrária ao materialismo, porque não se conceberia uma doutrina da alma imortal, fundada sobre a não existência da alma. O que conduz tanta gente à incredulidade absoluta é a maneira pela qual a alma e seu futuro são apresentadas; todos os dias vejo pessoas me dizerem: "Se desde a minha infância me ensinassem essas coisas como o fazeis, jamais teria sido incrédulo, porque no presente compreendo, o que antes não compreendia;" assim, todos os dias, tenho a prova que basta expor essa doutrina para lhe conquistar numerosos partidários.

Aceitai, etc.

(p. 65-75).

Revista Espírita de abril 1861

Ainda uma palavra sobre o Sr. Deschane

Do Journal des Débats

No precedente número da *Revista Espírita,* nossos leitores puderam ver, ao lado de nossas reflexões sobre o artigo do Sr. Deschanel, a carta pessoal que lhe dirigimos. Essa carta, muito curta, da qual lhe pedimos a inserção, tinha por objeto retificar um erro grave que ele cometera em sua apreciação. Apresentando a Doutrina Espírita como estando fundada sobre o mais grosseiro materialismo, era desnaturar-lhe completamente o espírito, uma vez que ela, ao contrário, tende a destruir as ideias materialistas. Havia em seu artigo muitos outros erros que pudéramos relevar, mas aquele era muito capital para permanecer sem resposta; tinha uma gravidade real em que ele tendia a lançar um verdadeiro desfavor sobre os numerosos adeptos do Espiritismo. O Sr. Deschanel não acreditou dever submeter-se ao nosso pedido, e eis a resposta que nos dirigiu:

"Senhor,

"Recebi a carta que fizestes a honra de escrever, em data 5 de fevereiro. O vosso editor, Sr. Didier, consentiu em me encarregar de vos explicar que foi sob o seu reiterado pedido que consenti dar conta, nos *Débats,* de vosso livro *O Livro dos Espíritos,* sob a condição de criticar tanto quanto eu

quisesse; nossa convenção. Eu vos agradeço de ter compreendido que, nessas circunstâncias, usar de vosso direito de contra-exposição fora estritamente legal, mas menos delicada, seguramente, do que a abstenção à qual acedestes, assim como o Sr. Didier me informou esta manhã.

"Quereis aceitar, etc.

E. Deschanel

Esta carta falta com a exatidão sobre vários pontos. É verdade que o Sr. Didier remeteu ao Sr. Deschanel um exemplar de *O Livro dos Espíritos,* como isso se pratica de editora a jornalista; mas o que não é exato, é que o Sr. Didier se tenha encarregado de nada nos explicar sobre as suas pretensas instâncias reiteradas para que disso fosse dado conta, e se o Sr. Deschanel acreditou dever-lhe consagrar vinte e quatro colunas de zombarias, nos permitirá crer que isso não foi nem condescendência nem por deferência para com o Sr. Didier. De resto, nós o dissemos, não é disso de que nos lamentamos: a crítica estava em seu direito; e do momento que ele não partilha a nossa maneira de ver, estava livre para apreciar a obra sob o seu ponto de vista, assim como ocorre todos os dias; uma coisa é levada às nuvens por uns, depreciada pelos outros, mas nem um nem o outro desses julgamentos é sem apelação; o único juiz em última instância é o público, e sobretudo o público futuro, que é estranho às paixões e às intrigas do momento. Os elogios obsequiosos de grupos não o impedem de enterrar, para sempre, o que é realmente mau, e o que é verdadeiramente

bom sobrevive a despeito das diatribes da inveja e do ciúme.

Desta verdade duas fábulas dão fé,

Tão abundantes as provas da coisa,

teria dito La Fontaine; não citaremos duas fábulas, mas dois fatos. Ao seu aparecimento, a *Phèdre* de Racine teve contra ela a corte e a cidade, e foi achincalhada; o autor ficou cheio de tantos desgostos que, com a idade de trinta e oito anos, renunciou a escrever para o teatro; a *Phèdre* de Pradon, ao contrário, foi enaltecida com outra medida; qual é hoje a sorte dessas duas obras? Um outro livro mais modesto, *Paul et Virginie,* foi declarado natimorto pelo ilustre Buffon que o achou insosso e insípido, e todavia, sabe-se que nunca um livro foi tão popular. Por esses dois exemplos, nosso objetivo é simplesmente provar que a opinião de um crítico, qualquer que seja o seu mérito, é sempre uma opinião pessoal e que nem sempre é ratificada pela posteridade pública. Mas voltemos de Buffon a Deschanel, sem comparação, porque Buffon está grosseiramente enganado, ao passo que o Sr. Deschanel crê, sem dúvida, que não se dirá tanto dele.

O Sr. Deschanel, na carta, reconhece que o nosso direito de contra-exposição foi estritamente legal, mas acha mais delicadeza, de nossa parte, não o exercitar; ele se engana ainda completamente quando diz que *acedemos a* uma abstenção, o que daria a entender que acedemos a uma solicitação, e mesmo que o Sr. Didier teria sido encarregado de informá-lo; ora, nada é menos exato. Não acreditamos

dever exigir a inserção de uma exposição contraditória; é-lhe permitido achar a nossa doutrina má, detestável, absurda, e de gritá-lo sobre os telhados, mas esperávamos de sua *lealdade a* publicação de nossa carta para retificar uma alegação falsa, e podendo insultar a nossa consideração, naquilo que nos acusa de professar e de propagar as próprias doutrinas que combatemos, como subversivas da ordem social e da moral pública. Não lhe pedimos uma retratação, à qual o seu amor-próprio talvez se recusasse, mas simplesmente para inserir o nosso protesto; certamente, não abusamos do direito de resposta, uma vez que em troca de vinte e quatro colunas nós lhe não pedíamos senão trinta a quarenta linhas. Nossos leitores saberão apreciar a sua recusa; se ele consentiu ver delicadeza no nosso proceder, não saberíamos julgar o seu do mesmo modo.

Quando o Sr. abade Chesnel publicou no *Univers,* de 1858, seu artigo sobre o Espiritismo, ele deu, da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* uma ideia igualmente falsa apresentando-a como uma seita religiosa, tendo o seu culto e seus sacerdotes; esta alegação desnaturava completamente o seu objetivo e suas tendências, e podia enganar a opinião pública; ela era tanto mais errônea quanto o regulamento da Sociedade lhe proíbe se ocupar de matérias religiosas; não se conceberia, com efeito, uma Sociedade religiosa que não pudesse se ocupar de religião. Protestamos contra essa assertiva, não com algumas linhas, mas por um artigo inteiro e longamente motivado que, ao nosso simples pedido, o

Univers fez a si o dever de inseri-lo. Lamentamos que, em semelhante circunstância, o Sr. Deschanel, do jornal *des Débats,* se creia menos moralmente obrigado de restabelecer a verdade do que os Senhores do *Univers;* se isso não fosse uma questão de direito, seria sempre uma questão de lealdade; reservar-se o direito de atacar sem admitir a defesa, é um meio fácil, para ele, de fazer com que os seus leitores creiam que ele tem razão.

(p. 97-99).

Sr. Louis Jourdan e o Livro dos Espíritos

Uma vez que estamos ocupados falando de publicistas a propósito do Espiritismo, não nos detenhamos em caminho; esses Senhores, em geral, não nos perturbam, e como não fazemos mistério de suas críticas, hão de se nos permitir apresentar-lhe a contrapartida, e opor à opinião do Sr. Deschanel e outros, a de um escritor do qual ninguém contesta o valor e a influência sem que nos possam taxar de amor-próprio. Os elogios, aliás, não se dirigem à nossa pessoa ou, pelo menos, não os tomamos para nós, e reportamo-lhes as honras aos guias espirituais que consentem em nos dirigir. Não saberíamos, pois, nos prevalecer do mérito que se pode encontrar em nossos trabalhos; aceitamos os elogios, não como indício do nosso valor pessoal, mas como consagração da obra que empreendemos, obra que, com a ajuda de Deus, esperamos levar a bom fim, porque não estamos no fim, e o mais difícil

não foi feito. Sob esse aspecto a opinião do Sr. Louis Jourdan é de um certo peso, porque se sabe que ele não fala levianamente e por falar, ou enche colunas com palavras; certamente, ele pode se enganar como um outro, mas, em todos os casos, sua opinião é sempre conscienciosa.

Seria prematuro dizer que o Sr. Jourdan é um adepto confesso do Espiritismo; ele mesmo declarará que nada viu, não estar em relação com nenhum médium; julga a coisa segundo o seu sentimento íntimo, e como ele não toma seu ponto de partida na negação da alma e de toda a força extra-humana, vê na Doutrina Espírita uma nova fase do mundo moral e um meio de explicar o que até então era inexplicado; ora, admitindo a base, sua razão não se recusa de nenhum modo em admitir as consequências, ao passo que o Sr. Figuier não pode admitir essas consequências, desde que ele rejeita o princípio fundamental. Não tendo tudo estudado, tudo aprofundado nesta vasta ciência, não se admira de que as suas ideias não estejam fixadas sobre todos os pontos, e, por isso mesmo certas questões devem lhe parecer ainda hipotéticas; mas um homem de senso não diz: Eu não compreendo, portanto, isso não é; diz ao contrário: Eu não sei, porque não aprendi, mas eu não nego. Por causa disso, o homem sério não se satisfaz sobre uma questão que toca os mais graves interesses da Humanidade, e o homem prudente se cala sobre o que ignora, de medo que os fatos venham, como em tantos outros, dar um desmentido às suas negações, e que se não lhe oponham este irresistível

argumento: Falais daquilo que não sabeis. Passando, pois, sobre as questões de detalhes para as quais confessa a sua incompetência, ele se limita à apreciação do princípio, e esse princípio, apenas raciocinando-o, fá-lo admitir-lhe a possibilidade, assim como isso ocorre diariamente.

O Sr. Jourdan primeiro publicou um artigo sobre *O Livro dos Espíritos,* em *o Causer* (nº 8, abril de 1860); eis disso um ano e dele não falamos ainda nesta Revista, prova de que não estamos muito empenhados em nos prevalecer dos elogios, ao passo que citamos textualmente, ou indicamos, as mais amargas críticas, prova também de que não tememos a sua influência. Esse artigo está reproduzido em sua nova obra: *Um Filósofo ao canto da lareira* ([10]), da qual forma um capítulo. Dela extraímos as passagens seguintes:

……

"Prometi formalmente retornar sobre um assunto do qual disse apenas algumas palavras, e que merece uma atenção toda particular, é *O Livro dos Espíritos,* contendo os princípios da doutrina e da filosofia *espíritas.* A palavra pode vos parecer bárbara, mas, que fazer? Às coisas novas são necessárias palavras novas. As mesas girantes conduziram ao Espiritismo, e estamos hoje de posse de uma doutrina completa, inteiramente revelada pelos Espíritos, porque *O Livro dos Espíritos* não foi feito pela mão do homem; o Sr. Allan Kardec se limitou a colecionar e pôr em ordem as

[10] 1. vol. in-12; preço 3 francos. Casa Dentu.

respostas dadas pelos Espíritos às inumeráveis perguntas que lhes foram colocadas, respostas breves, que nem sempre satisfazem a curiosidade do perguntador, mas que, consideradas em seu conjunto, constituem com efeito uma doutrina, uma moral, e quem sabe? talvez uma religião.

"Julgai-o vós mesmos. Os Espíritos se explicaram claramente sobre as causas primeiras, sobre Deus e o Infinito, sobre os atributos da Divindade. Eles nos deram os elementos gerais do Universo, o conhecimento do princípio das coisas, as propriedades da matéria. Disseram os mistérios da criação, a formação dos mundos e dos seres vivos, as causas e as diversidades das raças humanas. Daí ao princípio vital não havia senão um passo, e nos disseram o que era o princípio vital, o que eram a vida e a morte, a inteligência e o instinto.

"Depois, levantaram o véu que esconde o mundo espírita, quer dizer, o mundo dos Espíritos, e nos disseram qual era a sua origem e qual era a sua natureza; como se encarnam e qual era o objetivo dessa encarnação; como se efetuava o retorno da vida corporal para a vida espiritual. Espíritos errantes, mundos transitórios, percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos, relações de além-túmulo, relações simpáticas e antipáticas dos Espíritos, retomo à vida corporal, emancipação da alma, intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo, ocupação e missão dos Espíritos, nada nos foi ocultado.

"Eu disse que os Espíritos estavam ocupados em

fundar não só uma doutrina e uma filosofia, mas também uma religião. Com efeito, eles elaboraram um código de moral onde se encontram formuladas leis cuja sabedoria me parece muito grande, e, para que nada lhe falte, disseram quais seriam as penas e os gozos futuros, o que seria necessário entender por estas palavras: Paraíso, purgatório e inferno. É, como se vê, um sistema completo, e não experimento nenhum embaraço para reconhecer que se esse sistema não tem a coesão poderosa de uma obra filosófica, se contradições se manifestam aqui e ali, é, pelo menos, muito notável pela sua originalidade, pela sua alta importância moral, pelas soluções inesperadas que dá às delicadas questões que, em todos os tempos, inquietaram ou preocuparam o espírito humano.

"Sou completamente estranho à escola espírita; não conheço nem os seus chefes, nem os seus adeptos; nunca vi funcionar a menor mesa girante; não tive nenhuma relação com nenhum médium; não fui testemunha de nenhum desses fatos sobrenaturais ou miraculosos, dos quais encontro os relatos incríveis nessas coletâneas espíritas que me foram enviadas. Não afirmo e nem recuso absolutamente a comunicação dos Espíritos; eu creio *a priori* que essas comunicações são possíveis e a minha razão, com isso, não está de nenhum modo alarmada. Não tenho necessidade, para nisso crer, da explicação que me deu recentemente o meu sábio amigo, Sr. Louis Figuier, sobre esses fatos que ele atribui à influência magnética dos médiuns.

.....

"Não vejo nada de impossível em que relações se estabeleçam entre o mundo invisível e nós. Não me perguntei o como e o porquê, disso nada sei; isto é assunto de sentimento e não de demonstração matemática. É, pois, um sentimento que exprimo, mas um sentimento que nada tem de vago e toma em meu espírito, e em meu coração, formas bastante precisas.

.....

Se pelo funcionamento dos nossos pulmões, haurimos no espaço infinito que nos cerca os fluidos, os princípios vitais necessários à nossa existência, é bem evidente que estamos em relação constante e necessária com o mundo invisível. Esse mundo está povoado de Espíritos errantes, como almas em pena e sempre prontas a responder aos nossos chamados? Aí está o que é mais difícil de admitir, mas também o que seria mais temerário negar absolutamente.

"Sem dúvida, não temos dificuldade em crer que todas as criaturas de Deus não se parecem aos tristes habitantes de nosso planeta. Somos bastante imperfeitos, estamos submetidos a necessidades bastante grosseiras para que não seja difícil imaginar que existem seres superiores que não sofram nenhuma pena corpórea; seres radiantes e luminosos, espírito e matéria como nós, mas espírito mais sutil e mais puro, matéria menos densa e menos pesada; mensageiros fluídicos que unem entre eles os universos, sustentam,

encorajam os astros e as raças diversas que os povoam no cumprimento de sua tarefa.

"Pela aspiração e a respiração estamos em relação com toda a hierarquia dessas criaturas, desses seres dos quais não podemos compreender mais a existência que não podemos nos representar a sua forma. Não é, pois, absolutamente impossível que alguns desses seres entrem acidentalmente em relação com os homens, mas o que nos parece pueril, é que lhe falta o concurso material de uma mesa, de uma prancheta ou de um médium qualquer, para que essas relações se estabeleçam.

"De duas coisas uma: ou essas comunicações são úteis, ou elas são ociosas. Se são úteis, os Espíritos não devem ter necessidade de serem chamados de modo misterioso, de serem evocados e interrogados para ensinarem aos homens o que lhe importa saber; se são ociosas, por que a elas recorrer?

.....

"Não tenho nenhuma repugnância em admitir essas influências, essas inspirações, essas revelações, se quereis. O que rejeito absolutamente, é que, sob o pretexto de revelação, venham me dizer: Deus falou, portanto ide vos submeter. Deus falou pela boca de Moisés, do Cristo, de Maomé, pois sereis judeus, cristãos ou muçulmanos, senão incorrereis nos castigos eternos e, esperando isso, iremos vos maldizer ou vos torturar nesse mundo.

"Não! Não! semelhantes revelações não as quero por nenhum preço; acima de todas as revelações, de todas as inspirações, de todos os profetas presentes, passados ou futuros, há uma lei suprema: é a lei da liberdade. Tendo essa lei por base, eu admitirei, salvo discussão, tudo o que vos agradar. Suprimi essa lei, e não haverá senão trevas e violência. Eu quero ter a liberdade de crer ou de não crer, e de dizê-lo bem alto; é meu direito, quero usá-lo; é a minha liberdade e a ela me apego. Dizei-me que, não crendo no que me ensinais, perco a minha alma; é possível. Eu quero a minha liberdade até esse limite; quero perder a minha alma se isso me aprouver. E quem, pois, neste mundo, será juiz de minha salvação ou de minha perda? Quem, pois, pode dizer: Aquele está salvo, este está perdido sem retomo? Então a misericórdia de Deus não será infinita? Será que quem esteja no mundo pode sondar a profundidade de uma consciência?

.....

"É porque esta doutrina se encontra também no livro do Sr. Allan Kardec, que me reconcilio com os Espíritos que ele interrogou. O laconismo de suas respostas prova que os Espíritos não têm tempo a perder, e se me espanto com alguma coisa, é que eles tenham ainda bastante para responder complacentemente ao chamado de tantas pessoas que perdem o seu para evocá-los.

"Tudo o que dizem, de um modo mais ou menos claro, mais ou menos sumário, os Espíritos dos quais o Sr. Allan Kardec coligiu as respostas, foi exposto e desenvolvido com

uma notável limpidez por Michel que me parece ser, longe disso, o mais avançado e o mais completo de todos os místicos contemporâneos. Sua revelação é, ao mesmo tempo, uma doutrina e um poema, doutrina santa e fortificante, poema brilhante. A única vantagem que encontro nas perguntas e respostas que o Sr. Allan Kardec publicou, é que elas se apresentam sob uma forma mais acessível para a grande massa dos leitores, e das leitoras sobretudo, as principais ideias sobre as quais importa chamar a sua atenção. Os livros de Michel não são de leitura fácil; exigem uma tensão de espírito muito sustentada. O livro do qual falamos, ao contrário, pode ser uma espécie de *vade mecum; é* tomado, deixado e aberto não importa onde, e súbito a curiosidade é despertada. As perguntas dirigidas aos Espíritos são aquelas que nos preocupam a todos; as respostas são, algumas vezes, muito fracas, outras vezes elas condensam em poucas palavras a solução dos problemas mais difíceis, e sempre oferecem um vivo interesse ou salutares indicações. Eu não sei de curso de moral mais atraente, mais consolador, mais encantador do que aquele. Todos os grandes princípios sobre os quais se fundam as civilizações modernas ali estão confirmados, e notadamente o princípio dos princípios: a liberdade! O espírito e o coração dali saem serenos e fortificados.

"São sobretudo os capítulos relativos à pluralidade dos sistemas, à lei do progresso coletivo e individual, que têm uma atração e um encanto poderosos. Para mim, os Espíritos

do Sr. Allan Kardec nada me ensinaram sob este aspecto. Há muito tempo que creio firmemente no desenvolvimento progressivo da vida através dos mundos; que a morte é o limiar de uma existência nova, cujas provas são proporcionais aos méritos da existência anterior. De resto, a velha fé gaulesa, era a doutrina druida, e os Espíritos nada inventaram nisso; mas o que eles acrescentaram foi uma série de deduções e de regras práticas, excelentes na conduta da vida. Sob esse aspecto, como sob muitos outros, a leitura desse livro, independentemente do interesse e da curiosidade que a sua origem excita, pode ter um alto caráter de utilidade para os caracteres indecisos, para as almas mal consolidadas que flutuam nos limites da dúvida. A dúvida! É o pior dos males! É a mais horrível das prisões, é preciso sair dela a todo preço. Esse livro estranho nisso ajudará mais de um e mais de uma consolidar a sua vida, a romper os ferrolhos de sua prisão, precisamente porque ele é apresentado sob uma forma mais simples e elementar, sob a forma de um catecismo popular que todo o mundo pode ler e compreender."

Depois de citar algumas questões sobre o casamento e o divórcio, que acha um pouco pueris *e* não estão tratadas a seu gosto, o Sr. Jourdan termina assim:

"Eu me apresso em dizer, entretanto, que todas as respostas dos Espíritos não são tão superficiais como aquelas de que acabo de falar. É o conjunto desse livro que é notável, *é o* dado geral que está marcado com uma certa grandeza e

uma originalidade muito viva. Que ela emane ou não de uma fonte extranatural, a obra é impressionante a mais de um título, e foi só por isso que me interessou vivamente, e estou fundado a crer que ela pode interessar a muitas pessoas."

Resposta.

O Sr. Jourdan faz uma pergunta, ou antes, uma objeção necessariamente motivada pela insuficiência de seus conhecimentos sobre a matéria.

Não é, pois, absolutamente impossível, disse ele, que alguns desses seres entrem acidentalmente em relação com os homens, mas o que nos parece pueril é que falte o concurso material de uma mesa, de uma prancheta ou de um médium qualquer para que essas relações se estabeleçam. De duas coisas uma: ou essas comunicações são úteis, ou elas são ociosas. Se são úteis, os Espíritos não devem ter necessidade de ser chamados de modo misterioso, de ser evocados para ensinarem aos homens o que lhes importa saber; se elas são ociosas, por que a elas recorrer?" Em seu *Philosophe au coin du feu,* acrescenta a esse respeito: "Eis um dilema do qual a escola Espírita terá dificuldade para sair."

Não, certamente, não tem dificuldade para disso sair, porque há muito tempo o colocou e, há muito tempo também o resolveu, e se não o foi para o Sr. Jourdan, é porque ele não sabe tudo; ora, cremos que se tivesse lido *O Livro dos Médiuns,* que trata da parte prática e experimental do

Espiritismo, teria sabido a que se ater sobre esse ponto.

Sim, sem dúvida, seria pueril, e essa palavra empregada por conveniência pelo Sr. Jourdan seria muito fraca, dizemos que seria ridículo, absurdo e inadmissível senão pelas relações tão graves como aquelas do mundo visível e do mundo invisível, se os Espíritos tivessem necessidade, para nos transmitir os seus ensinamentos, de um utensílio tão vulgar quanto uma mesa, uma cesta ou uma prancheta, porque se seguiria que aquele que estivesse privado desses acessórios estaria também privado de suas lições. Não, isso não é assim; não sendo os Espíritos senão as almas dos homens despojadas do envoltório grosseiro do corpo, há Espíritos desde que há homens no Universo (não dizemos sobre a Terra); esses Espíritos compõem o mundo invisível que povoa os espaços, que nos cerca, no meio do qual vivemos sem disso desconfiar, como vivemos, sem disso desconfiar igualmente, no meio do mundo microscópico. De todos os tempos, esses Espíritos exerceram a sua influência sobre o mundo visível; de todos os tempos, aqueles que são bons ou sábios, ajudaram o gênio pela inspiração, ao passo que outros se limitam a nos guiar nos atos ordinários da vida; mas essas inspirações, que ocorrem pela transmissão do pensamento, são ocultas e não podem deixar nenhum traço material; se o Espírito quer se manifestar de maneira ostensiva, é necessário que ele atue sobre a matéria; se quer que o seu ensino, em lugar de ter o vago e a incerteza do pensamento, tenha a precisão e a estabilidade, lhe são

necessários sinais materiais e, para isso, que nos permitam a expressão, ele se serve de tudo o que lhe cai sob a mão, contanto que esteja em condições apropriadas à sua natureza. Ele se serve de uma pena, ou de um lápis, se crer escrever, de um objeto qualquer, mesa ou panela se quer bater, sem que, com isso, seja humilhado. Há algo mais vulgar do que uma pena de pato? Não é com isso que os grandes gênios legam as suas obras-primas à posteridade? Tirai-lhes todo o meio de escrever; que farão? Eles pensam; mas os seus pensamentos se perdem se ninguém os recolhe. Suponde um literato maneta, como resolve isso? Tem um secretário que escreve sob o seu ditado. Ora, como os Espíritos não podem ter a pena sem intermediário, fazem-na ter por aquele que se chama *um médium,* que inspiram e dirigem. Esse médium, às vezes, age com conhecimento de causa: é o médium propriamente dito; de outras vezes atua de maneira inconsciente da causa que o solicita: é o caso de todos os homens inspirados que, assim, são médiuns sem o saberem. Vê-se, pois, que a questão das mesas e pranchetas é inteiramente acessória em lugar de ser a coisa principal, como creem aqueles que disso não sabem mais; elas foram o prelúdio dos grandes e poderosos meios de comunicação, como o alfabeto foi o prelúdio da leitura corrente.

A segunda parte do dilema não é menos fácil de se resolver. "Se essas comunicações são úteis, disse o Sr. Jourdan, os Espíritos não devem ter necessidade de ser chamados de modo misterioso, de ser evocados."

Digamos primeiro que não nos compete regular o que se passa no mundo dos Espíritos; que não nos cabe dizer: As coisas devem ou não devem ser de tal ou de tal modo, porque isso seria querer reger a obra de Deus. Os Espíritos consentem em nos iniciar *em parte* quanto ao seu mundo, porque esse mundo será o nosso, talvez amanhã; cabe a nós tomá-lo como ele é, e, se não nos convém, isso não será nem mais nem menos, porque Deus não o mudará por nós.

Isto posto, apressemo-nos em dizer que nunca houve evocações misteriosas e cabalísticas; tudo se faz simplesmente, à luz e sem fórmula obrigatória. Aqueles que creem essas coisas necessárias, ignoram os primeiros elementos da ciência espírita.

Em segundo lugar, e se as comunicações espíritas não pudessem existir senão em consequência de uma evocação, seguir-se-ia que elas seriam o privilégio daqueles que sabem evocar, e que a imensa maioria daqueles que dela jamais ouviram falar estaria privada de fazê-lo; ora, isso estaria em contradição com o que dissemos ainda há pouco das comunicações ocultas e espontâneas. Essas comunicações são para todo o mundo, para o pequeno como para o grande, o rico como para o pobre, o ignorante como o sábio. Os Espíritos que nos protegem, os parentes e os amigos que perdemos, não têm necessidade de ser chamados; eles estão junto de nós, e, embora invisíveis, nos cercam com a sua solicitude; só o nosso pensamento basta para atraí-los, provando-lhes a nossa afeição, porque, se não pensamos

neles, é bastante natural que eles não pensem em nós.

Então, direis, por que evocar? Ei-lo. Suponde que estais na rua, cercado de multidão compacta que conversa e sussurra aos vossos ouvidos; mas, entre ela, percebeis ao longe alguém conhecido com quem quereis falar em particular; que fazeis se não podeis ir a ele? Chamais, e ele vem a vós. Ocorre o mesmo com os Espíritos. Ao lado daqueles que gostam de nós, e que talvez não estejam sempre ali, há a multidão inumerável dos indiferentes; se quereis falar a um Espírito determinado, como não podeis ir a ele, retido que estais pelo vosso grilhão corpóreo, vós o chamais, e aí está todo o mistério da evocação, que não tem outro objetivo senão de vos dirigir àquele que quereis, em lugar de escutar o primeiro que chegue. Nas comunicações ocultas e espontâneas, das quais falamos há pouco, os Espíritos que nos assistem nos são desconhecidos; e o fazem com o nosso desconhecimento; pelo fato das manifestações materiais, escritas ou outras, eles revelam a sua presença de maneira patente, e podem se fazer conhecer se o querem: é um meio de se saber com quem se trata, e se se tem ao redor amigos ou inimigos; ora, os inimigos não faltam mais no mundo dos Espíritos do que entre os homens; ali, como entre nós, os mais perigosos são aqueles que não se conhece; o Espiritismo prático dá os meios de conhecê-los.

Em resumo, aquele que não conhece o Espiritismo senão pelas mesas girantes dele faz uma ideia tão mesquinha e tão pueril quanto aquele que não conhecesse a física senão

por certos jogos infantis; mas, quanto mais se avança, mais o horizonte se alarga, e é somente então que se lhe compreende a verdadeira importância, porque ele nos revela uma das forças mais poderosas da Natureza, força que atua, ao mesmo tempo, sobre o mundo moral e sobre o mundo físico. Ninguém contesta a reação que exerce, sobre nós, o meio material, visível ou invisível, no qual estamos mergulhados; se estamos numa multidão, essa multidão de seres reage também sobre nós, moral e fisicamente. À nossa morte, as nossas almas vão para alguma parte; para onde vão elas? Como não há para elas nenhum lugar fechado e circunscrito, o Espiritismo diz, e prova pelos fatos, que essa alguma parte é o espaço; elas formam ao nosso redor uma população inumerável. Ora, como admitir que esse meio inteligente tenha menos ação do que o meio ininteligente? Aí está a chave de um grande número de fatos incompreendidos que o homem interpretou segundo os seus preconceitos, e que explora ao capricho de suas paixões. Quando essas coisas forem compreendidas por todo o mundo, os preconceitos desaparecerão, e o progresso poderá seguir a sua marcha sem entraves. O Espiritismo *é* uma luz que clareia os recônditos mais tenebrosos da sociedade; é, pois, muito natural que aqueles que temem a luz procurem aniquilá-la; mas, quando a luz tiver penetrado por toda a parte, será necessário que aqueles que procuram a obscuridade se decidam a viver na luz; será, então, que se verão muitas máscaras caírem. Todo homem que quer verdadeiramente o progresso não pode, pois, permanecer

indiferente a uma das causas que mais devem para isso contribuir, e que prepara uma das maiores revoluções morais que a Humanidade tenha sofrido ainda. Estamos longe, como se vê, das mesas girantes: é que há também distância desse modesto início às suas consequências quanto da maçã de Newton à gravidade universal.

(p. 99-108).

Apreciação da História do Maravilhoso

do Sr. Louis Figuier, pelo Sr. Escande,
redator da *Mode Nouvelle*.

Nos artigos que publicamos sobre esta obra, nos preocupamos principalmente em procurar o ponto de partida do autor, e não nos foi difícil, citando as suas próprias palavras, provar que se baseia sobre as ideias materialistas. Sendo falsa a base, do ponto de vista pelo menos da imensa maioria dos homens, as consequências que ele tira delas contra os fatos que qualifica de maravilhoso, são, por isso mesmo, maculadas de erro. Isso não impediu, a alguns de seus confrades da imprensa, de exaltar o mérito, a profundidade e a sagacidade da obra. Entretanto, nem todos são dessa opinião. Encontramos, sobre esse assunto, na *Mode Nouvelle* ([11]), jornal mais sério que o seu título, um artigo tão notável pelo estilo quanto pela justeza das apreciações. Sua extensão não nos permite citá-lo inteiramente, e, aliás, seu autor promete outros, porque

[11] Escritório, rua Saint-Anne, 63, nº de 22 de fevereiro de 1861. Preço, por nº., 1 fr.

neste se ocupa quase que do primeiro volume. Nossos leitores nos agradecerão por dar-lhes alguns fragmentos dele.

I

"Este livro tem grandes pretensões, e não justifica nenhuma. Ele gostaria de passar por erudito, afeta a ciência, ostenta um luxo aparente de pesquisas, e a sua erudição é superficial, sua ciência incompleta, suas pesquisas apressadas, mal digeridas. O Sr. Louis Figuier deu-se à especialidade de recolher, um a um, os milhares de pequenos fatos que se produzem, no dia de hoje, ao redor das academias, como essas longas fileiras de cogumelos que nascem ao sol da manhã sob as camadas criptogamíferas, e deles se compõem, em seguida, livros que fazem concorrência à *Cuisinière bourgeoise* e aos tratados do *Bonhomme Richard.* Hábil nesse trabalho de composições fáceis,– inferior ao trabalho de compilação desse bom abade Trublet do qual Voltaire espirituosamente zombou, – e que lhe deixa forçosamente lazeres, ele se disse que não lhes seria mais difícil explorar a paixão do sobrenatural que excita, mais do que nunca, as imaginações, que não lhe era difícil utilizar os falatórios quase sempre ociosos da segunda classe do Instituto. Habituado a redigir revistas científicas com as repetições de outrem, com as abreviações de atas que ele abrevia a seu turno, com teses e memórias que analisa; hábil em fazer mais tarde, em volumes, essas reduções de reduções, ele, pois, se pôs à obra; e fiel ao seu passado, compulsou, às pressas, todos os tratados sobre a matéria que

lhe caíram às mãos, esmigalhou-os, depois reconstituiu essas migalhas ao seu modo, e com elas compôs um livro, depois do que não temos dúvida que ele não tenha exclamado, como Horácio: *Exegi monumentum; "eu também, eu elevei o meu monumento e será mais durável do que o bronze!"*

"E haveria razão de estar confiante de seu amarrotamento, se a qualidade se medisse pela quantidade! Com efeito, ela não forma menos do que quatro grandes volumes, essa história do maravilhoso, e não contém senão a história do maravilhoso nos tempos modernos, desde 1630 aos nossos dias, apenas dois séculos, o que lhe suporia, ao menos, um pouco mais do dobro do que as mais volumosas enciclopédias, se contivesse a história do maravilhoso em todos os tempos e entre todos os povos! Também, quando se pensa que esse fragmento de monografia, de tão vasta extensão, não lhe custou senão alguns meses de trabalho, é-se primeiro tentado em crer que essa criação, ao mesmo tempo tão grossa e tão apressada, é mais maravilhosa do que as maravilhas que contém. Mas essa fecundidade deixa de ser um prodígio, quando se estuda de perto o procedimento de composição do qual se fez uso, e, é verdadeiro dizer, lhe é tão familiar que não se podia esperar que lhe empregasse um outro. Em lugar de condensar os fatos, de expô-los sumariamente, de negligenciar os detalhes inúteis, de se apegar sobretudo em colocar em relevo as circunstâncias características, e de discuti-las em seguida, ele estudou unicamente para escrever um folhetim mais longo do que

aquele que ele escreve semanalmente na *Presse.* Armado de um par de tesouras, recortou, nas obras anteriores à sua, o que favorecia as ideias preconcebidas que ele desejava fazer triunfar, descartando o que poderia contrariar a opinião que se formou, a *priori,* sobre essa importante questão, o que sobretudo poderia contrariar a explicação natural que se propunha dar das manifestações, qualificadas de sobrenaturais, pelo que os livres pensadores são unânimes em chamar a credulidade pública. Porque é ainda uma das pretensões de seu livro, – e essa pretensão não está melhor justificada do que as outras, – aquela de lhe dar uma solução física ou médica nova, encontrada por ele, solução triunfante, inatacável, doravante ao abrigo das objeções dos homens bastante simples para crerem que Deus é mais poderoso que os nossos sábios. Ele o repete, em cem lugares de sua obra, a fim de que ninguém o ignore, e com a esperança que se acabará por crê-lo, embora se limite a repetir o que *se* disse a esse respeito, antes dele, todos aqueles, físicos ou médicos, filósofos ou químicos, que têm mais horror ao sobrenatural do que Pascal não tinha horror ao vazio.

"Resulta disso que a essa história do maravilhoso falta, ao mesmo tempo, autoridade e proporções. Do ponto de vista dogmático, ela não ultrapassa as negações dos negadores anteriores, não acrescenta nenhum argumento que já desenvolveram, e nessa questão, como em todas outras, não compreendemos a utilidade dos ecos. Há mais: atormentado pelo desejo de parecer fazer melhor do que Calmeil, Esquiros,

Montègre, Hecquet e tantos outros que o precederam, e serão sempre os seus mestres, o Sr. Louis Figuier se perde frequentemente no labirinto confuso de demonstrações que lhes toma emprestado, querendo apropriá-las, e acaba, às vezes, por rivalizar de lógica com o Sr. Babinet. Quanto aos fatos, ele os acumulou em imensa quantidade, embora um pouco ao acaso, mutilando uns, afastando outros, se interessando em reproduzir de preferência aqueles que pudessem oferecer um certo atrativo à leitura; o que prova que ele visou principalmente um sucesso fácil, a lutar com interesse com os romancistas atuais, e nos perguntamos como não convidou o editor para compreender a sua obra na divertida *Bibliothèque des chemins de fer, a* fim de que fosse mais direto em direção dessa multidão de leitores que leem para se distrair e de nenhum modo para instruir-se.

"E seu livro é divertido, não o contestamos, se basta a um livro, para possuir esse mérito parecer-se a uma *coleção de anedotas* composta de historietas acumuladas em face do pitoresco, sem muito cuidado com a verdade; o que não impede de vangloriar-se com isso, a propósito e fora de propósito, de sua imparcialidade, de veracidade: – uma pretensão a mais a acrescentar a todas aquelas que revelamos, e na qual ele se empertiga com tanto mais afetação, que não dissimula o quanto ela lhe faz falta. – Tal como é, não saberíamos melhor compará-lo senão com esses restaurantes-ônibus, pródigos de comestíveis, que quase nada têm de sedução senão a aparência, que servem aos

consumidores um pouco ao acaso do garfo. Mais superficial do que profundo, o importante é sacrificado ao fútil, o principal ao acessório, o lado dogmático ao lado episódico; as lacunas aí são abundantes, aliás tanto quanto as coisas inúteis, e a fim de que nada lhe falte, está cheio de contradições, afirmando aqui o que nega adiante, se bem que se seria tentado em crer que, diferentemente nisso do célebre Pico de Mirandola, – capaz de dissertar de *omni re scibili,* – O Sr. Louis Figuier empreendeu ensinar aos outros o que ele mesmo não sabia.

II

Não poderíamos limitar aí o exame dessa história do maravilhoso, se não tivéssemos que justificar estas severas mas justas apreciações. E, primeiro, temos necessidade de acrescentar que aquele que a escreveu, não crê na possibilidade do sobrenatural? Não pensamos assim. Em sua qualidade de acadêmico supernumerário, – um supernumerariato que, provavelmente, não terminará com a sua vida; – em virtude dos poderes que conferem o seu título de folhetinista científico, não poderia sustentar outra tese, sem se expor a ser colocado no *Index* pelo exército dos incrédulos, do qual se presume suscetível de fazer parte. Ele não crê mais, e, a esse respeito a sua incredulidade está acima da suposição. É do número "desses espíritos sábios que, testemunhas do transbordamento imprevisto do maravilhoso contemporâneo, não podem compreender um tal desvio em pleno século dezenove, com uma filosofia

avançada, e no meio desse magnífico movimento científico que dirige tudo, hoje, para o positivo e o útil.” – Reconhecemos que deve ser penoso para "esses espíritos sábios" ver que o espírito público se recusa assim a despojar-se de seus velhos preconceitos, e persiste em ter crenças outras do que aquelas do positivismo filosófico, que são, entretanto, as de todos os animais. Esse mau gosto, de resto, não data somente de nossos dias. O Sr. Louis Figuier confessa-o, não sem despeito, quando se lhe pergunta, em termos admirados, como ocorreu que o maravilhoso resistisse ao século dezoito, “no século de Voltaire e da Encyclopédie, ao passo que os olhos se abriram às luzes do bom senso e da razão.” Que fazer aí? Essa crença no maravilhoso é tão vivaz, consagrada por todas as religiões, que foi a de todos os tempos, de todos os povos, sob todas as latitudes e sobre todos os continentes, que os livres pensadores, satisfeitos por tê-la sacudido por si mesmo e para si mesmos, demonstrariam sabedoria abstendo-se, doravante, de um proselitismo cujo insucesso sabem inevitável.

"Mas o Sr. Louis Figuier não é desses corações pusilânimes que se assustam com o avanço da inutilidade de seus esforços. Cheio de confiança e de suficiência em sua força, ele se gaba de realizar o que Voltaire, Diderot, Lamétrie, Dupuis, Volney, Dulaure, Pigauft-Lebrun, o que Dulaurens com o seu *Compère Mathieu,* o que os químicos com os seus alambiques, os físicos com as suas pilhas elétricas, os astrônomos com os seus compassos, os

panteístas com os seus sofismas e os gracejadores com o seu ceticismo de mau quilate, foram impotentes para realizar. Ele se propôs demonstrar, nova e triunfalmente, esta lei de que "o sobrenatural não existe, que jamais existiu," e por consequência que "os prodígios antigos e contemporâneos podem ser todos atribuídos a uma causa natural. "A empreitada é árdua, os mais intrépidos, até aqui, apenas sucumbiram; mas semelhante conclusão, que necessariamente afastaria todo agente sobrenatural, seria uma vitória obtida pela ciência sobre o espírito de superstição, em grande benefício da razão e da dignidade humanas," e essa vitória favoreceu a sua ambição; – vitória facilitada, apesar de tudo, mais fácil do que o suporíamos, se o Sr. Louis Figuier não se tiver enganado quando disse, em sua introdução, que "nosso século se inquieta muito pouco com matérias teológicas e disputas religiosas." Então, por que se armar em guerra contra uma crença que não existe? Por que atacar opiniões teológicas com as quais não temos nenhuma inquietação? Por que prender-se a superstições religiosas que não nos preocupam mais? "Vencendo-se sem perigo, triunfa-se sem glória," disse o poeta, e não convém fazer soar tão alto a trombeta guerreira, se não se combate senão os moinhos de vento. Que quereis? O Sr. Louis Figuier esqueceu, escrevendo isso, o que escrevera mais acima, quando confessara, com a vergonha no rosto, que o nosso século, surdo às lições da Encyclopédie, e aos ensinamentos da imprensa irreligiosa, subitamente se apaixonara do maravilhoso e acreditava mais do que seus predecessores no

sobrenatural, aberração incompreensível da qual ambicionava curá-lo. Mas essa contradição é tão mínima que talvez não valia a pena ser realçada: veremos muitas outras, e ainda seremos obrigados a negligenciar muitas!

Portanto, o Sr. Louis Figuier nega que se produzissem em nossos dias e que tenham se produzido em algum tempo as manifestações sobrenaturais. Em fato de milagre, não há senão a ciência que tenha o poder de fazê-lo: o poder de Deus jamais foi até ali. Ainda quando dizemos que Deus não tem esse poder, temos uma espécie de escrúpulo em traduzir o seu pensamento. Reconhece-se um outro deus que o deus natureza, tão admirável em sua inteligência cega, e que realiza maravilhas sem disso desconfiar, deus querido dos sábios, porque é muito indulgente para deixá-los crer que usurpam, diariamente, um fragmento de sua soberania? É uma questão que não nos permitimos aprofundar.

"Mediocremente maravilhosa, essa história do maravilhoso começa por uma introdução que o Sr. Louis Figuier chama um golpe de vista lançado sobre o sobrenatural na antiguidade e na Idade Média, da qual não diremos nada porque não teríamos muito a dizer. As mais importantes manifestações ali estão desfiguradas, sob pretexto de resumo, e compreende-se que nos seriam necessários muito tempo e espaço para restituir a sua verdadeira fisionomia no meio dos fatos que nela não figuram senão no estado de resumo.

"O edifício é digno do peristilio; essa história do

maravilhoso, durante esses dois últimos séculos, se abre pela narração do caso de Urbain Grandier e dos religiosos de Loudun; vem em seguida a varinha adivinhatória, os Tremedores das Cévennes, os Convulsionários jansenistas, Cagliostro, o magnetismo e as mesas girantes. Mas da possessão de Louviers nenhuma palavra, e nenhuma palavra, não mais, dos iluminados, dos Martinistas do swedenborgismo, dos estigmatizados do Tirol, da notável manifestação das crianças na Suécia, não faz cinquenta anos; apenas ali foi dita uma palavra dos exorcismos do padre Gassner, e menos de uma página insignificante ali foi consagrada à vidente de Prevorst. O Sr. Louis Figuier melhor faria se intitulasse seu livro: Episódios da história do maravilhoso nos tempos modernos; ainda os episódios que ele escolheu podem dar lugar a sérias objeções. Ninguém nunca atribuiu aos passes de mágica de Cagliostro uma significação sobrenatural. Era um hábil intrigante, que possuía alguns segredos curiosos, dos quais soube habilmente se servir para ofuscar aqueles que queria explorar, e que possuía sobretudo numerosos cúmplices. Cagliostro merecia antes achar lugar na galeria dos precursores revolucionários do que no pandemônio dos feiticeiros. Não vemos igualmente o que o magnetismo tenha a fazer nessa história do maravilhoso, sobretudo do ponto de vista em que o Sr. Louis Figuier se colocou. O magnetismo ressalta da Academia de medicina e da Academia de ciências, que o desdenharam muito; mas ele não pode interessar o supernaturalismo senão por ocasião de algumas de suas

manifestações, aquelas que o Sr. Louis Figuier, de resto, negligenciou, a fim de reservar o espaço que consagrou à narração da vida de Mesmer, das experiências do marquês de Puységur e do incidente relativo ao famoso relatório do Sr. Husson. Tratamos, há dois anos, dessa importante questão, e não retornaremos a ela, porque não poderíamos repetir. Deixaremos assim de lado a das mesas girantes, que examinamos na mesma época. Haveria, entretanto, muito a dizer sobre a explicação natural e física que o Sr. Louis Figuier pretende fornecer dessa dança das mesas e das manifestações que lhe são a consequência; mas é necessário saber limitar-se. Deixemo-lo, pois, debater-se com a *Revue spiritualiste* e com a *Revue spirite,* duas revistas publicadas em Paris pelos adeptos da crença na manifestação dos Espíritos, que o acusam de haver escrito o seu requisitório sem ter, antes, ouvido as testemunhas e consultado as peças do processo. Uma e outra pretendem que nunca assistiu senão a uma única sessão espiritualista, e que em sua chegada, teve o cuidado de declarar que a sua opinião era decreto, e que nada faria mudá-la.

"Isso é verdade? Não sabemos. Tudo o que podemos afirmar é que, depois de ter repelido, com justa razão, a solução do Sr. Babinet, pelos *movimentos nascentes e inconscientes,* e acabado por adotar, por sua própria conta, tanto é inconsciente ele mesmo do que pensa e do que escreve, e eis a prova. "Nessas reuniões de pessoas fixamente ligadas, disse ele, durante vinte minutos ou meia

hora, para formar a cadeia, as mãos postas abertas sobre uma mesa, sem ter a liberdade de distrair um instante a sua atenção da operação da qual tomavam parte, o maior número não sentia nenhum efeito particular. Mas é bem difícil que uma delas, uma só querendo-se, não caia, por um momento, presa do estado hipnótico ou biológico. (O hipnotismo fornece-lhe uma resposta para tudo, como veremos mais tarde.) Não é necessário, talvez, senão um segundo de duração desse estado para que o fenômeno esperado se realize. O membro da cadeia cai nesse meio-sono nervoso, *não tendo mais consciência de seus atos,* e não tendo outro pensamento senão a ideia fixa da rotação da mesa, imprime *com o seu desconhecimento* o movimento ao móvel." Que não começa, então, por zombar de si mesmo, uma vez que lhe agradava zombar do Sr. Babinet? Aqui fora lógico, sobretudo depois de ter anunciado que vinha esclarecer o mistério e do momento que não colocava em sua lanterna senão um coto de vela tão ridículo quanto aquele que alumiara precedentemente o sábio acadêmico. Mas a lógica e o Sr. Louis Figuier se divorciaram nessa história do maravilhoso. Ai de mim! Os ecos bem pretenderam que vão falar, seus esforços não vão chegar a repetir o que ouvem.

"Quanto aos longos capítulos que consagra à varinha adivinhatória, e em particular a Jacques Aymar, permitimo-nos primeiro fazer-lhe observar que se engana se pensa que esse problema foi suficientemente estudado pelo Sr. Chevreul. É uma ilusão que ele pode deixar, se bem lhe

parece, a esse sábio; mas fora da Academia de ciências, não encontrará ninguém que admita que a teoria do pêndulo explorador responde a todas as objeções. A palavra emprestada a Galileu: "E entretanto ela gira!" Não é sem uma aplicação possível à varinha adivinhatória. Ela girou e gira, a despeito dos céticos que negam o movimento, porque se recusam a vê-lo; e os milhares de exemplos que poderíamos citar – e que o próprio Sr. Louis Figuier cita –, atestam a realidade do fenômeno. Gire ela por um impulso diabólico ou espírita, como se diria hoje, ou bem sob a impressão que ela receba alguns fluidos desconhecidos? De boa vontade rejeitamos toda influência sobrenatural, embora possa ser admitida em certos casos. O que não nos parece provado é a não existência de fluidos desconhecidos. O fluido magnético conta, entre outros, com numerosos partidários, cujas afirmações merecem tanta autoridade quanto as negações de seus adversários. Qualquer que seja, a baqueia adivinhatória cumpriu maravilhas que podem nada ter de sobrenatural, mas que a ciência é incapaz de explicar, ela que os explica muito pouco, aliás, de todas aquelas que vemos se produzirem a cada dia ao nosso redor, na vida do menor talo de erva. A modéstia é uma virtude que lhe falta, e que fará adquirir sabiamente.

"Entre outras maravilhas, aquelas que realizou Jacques Aymar, das quais falaremos daqui a pouco, mereciam ser reportadas longamente. Um dia, entre outros, foi chamado a Lyon, no dia seguinte ao de um grande crime cometido nessa

cidade. Armado de sua varinha, ele explorou a adega que fora o teatro, declarou que os assassinos eram em número de três; depois se pôs a seguir os seus traços, que o conduziram à casa de um jardineiro, cuja casa estava situada na margem do Rhône, e afirmou que ali eles entraram, que ali beberam mesmo uma garrafa de vinho. O jardineiro protestou ao contrário; mas seus jovens filhos interrogados confessaram que vieram três indivíduos, na ausência de seu pai, e que lhes venderam vinho. Então Aymar se pôs em caminho, – sempre conduzido pela sua varinha, – descobriu o lugar onde embarcaram sobre o Rhône, colocou-se ele mesmo num bote, desceu para todos os lugares onde eles desceram, chegando ao campo de Sablon, entre Viena e Saint Vallier, constatou que ali ficaram alguns dias, pondo-se em sua perseguição, e chegando, de etapa em etapa, até Beaucaire, em plena feira, da qual percorreu as ruas atravancadas de povo, detendo-se diante da porta da prisão onde entrou e designou um pequeno corcunda como sendo um dos assassinos. Suas investigações lhe fizeram achar em seguida que os outros tinham se dirigido do lado de Nimes; mas os agentes de autoridade não quiseram levar mais longe as suas pesquisas. O corcunda, conduzido a Lyon, confessou o seu crime, e foi esfolado vivo.

"Eis a exploração de Jacques Aymar, e as explorações tão surpreendentes como aquela são numerosas em sua vida. O Sr. Louis Figuier a admite em todas as suas circunstâncias. Aliás, não poderia fazer de outro modo, uma vez que está

atestado por centenas de testemunhas, das quais não é permitido suspeitar a veracidade, "por três narrações e várias cartas concordantes escritas pelas testemunhas e pelos magistrados, homens igualmente honrados e desinteressados, e que ninguém, no público contemporâneo, não supôs um acordo verdadeiramente impossível entre eles." Mas como aqui uma explicação física não podia mesmo ser tentada, eles se viam obrigados a renunciar o seu procedimento ordinário, e lançar-se num labirinto de suposições mais engenhosas do que verossímeis. Ele transforma Jacques Aymar em um agente de polícia, de uma perspicácia a distanciar à do Sr. de Sartines, por célebre que ela seja. Junto dele os nossos chefes da polícia de segurança, os mais inteligentes, não seriam senão escolares. Supõe, pois, que esse girar da varinha, durante três ou quatro horas que passou em Lyon, antes de começar as suas experiências, teve tempo de tomar *as* informações e descobrir o que as próprias autoridades judiciárias ignoravam. Ele segue para a casa do jardineiro, porque era presumível que os assassinos tinham embarcado sobre o Rhône, a fim de distanciarem mais depressa; adivinhou que tinham bebido vinho, porque deveriam ter sede; abordou a margem desse rio por toda parte por onde se soube mais tarde que haviam realmente abordado, porque os lugares habituais de abordagem lhe eram conhecidos; deteve-se no campo de Sablon, porque era evidente que eles quiseram se dar o espetáculo dessa reunião de quadrilhas; foi a Beaucaire, porque era certo que o desejo de dar ali algum bom golpe, de sua profissão, para lá os

conduzira; deteve-se, enfim, diante da porta da prisão, porque era provável que algum dentre eles tivera a imperícia de se fazer deter. “Eis porque a vossa filha é muda!” Disse Sganarelle; e o Sr. Louis Figuier não disse melhor e nem de outro modo. Ele crê, sobretudo, triunfar, porque Jacques Aymar, tendo sido chamado mais tarde a Paris, pelo ruído de seu renome, viu a sua perspicácia sofrer fracassos reais, ao lado de alguns sucessos também reais. Mas esses eclipses, que lhe valeram um certo desfavor, o Sr. Louis Figuier deveria, menos do que qualquer outro, fazer-lhe uma censura; menos do que qualquer outro, poderia disso se autorizar para declará-lo um impostor, e ele que sabe, melhor do que ninguém, ele que reconhece, a propósito do magnetismo, que essas espécies de experiências são caprichosas, e dão certo um dia para fracassar no outro. A essa inconsequência, enfim, ele lhe acrescenta uma segunda, menos desculpável. Não contente de acusar Jacques Aymar de charlatanismo, pronuncia a mesma condenação contra quase todos os giradores de varinha, do qual narra os fatos e gestos e na discussão entretanto, ele disse: "Entre os numerosos adeptos práticos, só um pequeno número era de má fé; ainda não o eram sempre; o maior número operava com uma inteira sinceridade. A varinha girava positivamente entre suas mãos, independente de todo artifício, e o fenômeno, enquanto fato, era bem real." Bem, muito bem, não se pode melhor, a verdade aí está. Mas como e por quê girá-la? Impossível escapar a esta interrogação indiscreta. Ora, o Sr. Figuier assim a responde: “Esse movimento do

bastão se operava em virtude de um ato de seu pensamento e sem que tivesse nenhuma consciência dessa ação secreta de sua vontade.” Sempre esta inconsciência, mais maravilhosa do que o maravilhoso que se recusa! Nisso acreditará quem quiser."

ESCANDE.

(p. 109-117).

O mar, pelo Sr. Michelet

O Sr. Michelet não tem senão que se manter em guarda, porque eis todos os deuses marinhos da antiguidade que se preparam para lhe pregar uma peça; isso é o que nos ensina o Sr. Taxile Delord, em um espirituoso artigo publicado pelo *Siècle* 4 de fevereiro último. Sua linguagem é digna do *Orphée aux enfers* dos Bufos-Parisienses, testemunha esta amostra: Netuno aparecendo de repente à porta da morada de Anfitrite, onde estavam reunidos os descontentes, exclama: Eis o Netuno pedido. Não me atenderíeis neste momento, cara Anfitrite; é a hora da minha sesta; mas não há meio de fechar o olho, desde a aparição desse diabo de livro intitulado O *Mar.* Quis percorrê-lo, mas é cheio de banalidades; não sei de quais mares o Sr. Michelet quer vos falar; para mim, me é impossível nele reconhecer-me. Todo o mundo sabe muito bem que o mar termina nas colunas de Hércules; o que poderia haver além?… etc."

Vai sem dizer que o Sr. Michelet triunfa em toda a linha; ora, depois da dispersão de seus inimigos, o Sr. Taxile

Delord disse-lhe: "Ser-vos-á bem fácil saber em que se tornaram os deuses marinhos depois que o mar os expulsou de seu império. Netuno faz da piscicultura em larga escala; Glaucus é professor de natação nos banhos Ouarnier; Anfitrite é atendente nos banhos do Mediterrâneo em Marselha; Nereu aceitou um lugar de cozinheiro nos transatlânticos, vários tritões estão mortos, outros se mostram nas feiras."

Não garantimos a exatidão das informações fornecidas pelo Sr. Delord sobre as condições atuais dos heróis olímpicos, mas, como princípio, ele disse, sem o querer, alguma coisa de mais sério do que tivera intenção fazê-lo.

A palavra *deus* entre os Antigos tinha uma acepção muito elástica; era uma qualificação genérica aplicada a todo ser que lhe parecia elevar-se acima do nível da Humanidade; eis porque divinizaram os seus grandes homens; não os encontraríamos tão ridículos, se não tivéssemos nos servido da mesma palavra para designar o ser único, soberano senhor do Universo. Os Espíritos, que existiam então como hoje, aí se manifestavam igualmente, e esses seres misteriosos também deveriam, segundo as ideias do tempo, e a um título bem melhor ainda, pertencer à classe dos deuses. Os povos ignorantes, olhavam-nos como seres superiores, rendendo-lhes um culto; os poetas os cantaram e semearam a sua história de profundas verdades filosóficas, escondidas sob o véu de engenhosas alegorias, das quais o conjunto forma a mitologia paga. O vulgo que, geralmente, não vê senão a superfície das coisas, toma a figura à letra, sem

procurar o fundo do pensamento, absolutamente como aquele que, em nossos dias não visse nas fábulas de Lafontaine senão a conversação dos animais.

Tal é, em substância, o princípio da mitologia; os deuses não eram, pois, senão os Espíritos ou as almas de simples mortais, como os de nossos dias; mas as paixões que a religião paga lhes emprestavam não dão uma brilhante ideia de sua elevação na hierarquia espírita, a começar pelo seu chefe Júpiter, o que não os impedia de saborear o incenso que se queimava em seus altares. O cristianismo despojou-os de seu prestígio, e o Espiritismo, hoje, reduzidos ao seu justo valor. Sua própria inferioridade pôde lhes sujeitar as diversas reencarnações sobre a Terra; poder-se-ia, pois, entre os nossos contemporâneos, encontrar alguns dos Espíritos que outrora receberam as honras divinas, e que não seriam mais avançados por isso. O Sr. Taxile Delord, que, sem dúvida, crê nisso, certamente não quis fazer senão um gracejo, mas, com o seu desconhecimento, não disse menos talvez de uma coisa mais verdadeira do que se pensa, ou, pelo menos, que não é materialmente impossível, como princípio. Assim é que à imitação do Sr. Jourdain, muitas pessoas fazem Espiritismo sem o saber."

(p. 118-119).

Revista Espírita de julho 1861

Os espíritos e a gramática

Um grande erro gramatical foi descoberto em *O Livro dos Espíritos* por um profundo crítico, que nos dirigiu a nota seguinte:

"Li, na página 384, parágrafo 911, linha 23, do vosso *O Livro dos Espíritos:* "Há muitas pessoas que dizem: *Eu quero;* mas a vontade não está nos lábios; querem e estão bem satisfeitos que isso não seja." Se tivésseis colocado: "Elas querem e estão bem satisfeitas que isso não seja," não credes que o francês nisso ganharia? Estive tentado em crer que o vosso Espírito escritor protetor é um farsante que vos faz cometer faltas de linguagem. Apressai-vos em puni-lo e sobretudo corrigi-lo."

Lamentamos não poder dirigir os nossos agradecimentos ao autor dessa nota; mas foi, sem dúvida, por modéstia, e para se subtrair aos testemunhos de nosso reconhecimento, que esqueceu de colocar seu nome e seu endereço, e que se limitou a assinar: *Um Espírito protetor da língua francesa.* Uma vez que parece que esse senhor, ou esse Espírito, se dá ao trabalho de ler as nossas obras, rogamos aos bons Espíritos consentirem em colocar nossa resposta sob seus olhos.

Fica evidente que esse senhor sabe que o substantivo *pessoa* é do feminino, e que os adjetivos e os pronomes concordam em gênero e em número com o substantivo ao qual se relacionam. Infelizmente, não se aprende tudo nas escolas, sobretudo com respeito à língua francesa; se esse senhor se declara o protetor da nossa língua, havia

ultrapassado os limites da gramática de Lhomond, saberia que se encontra em Regnard a frase seguinte: *Embora essas três pessoas tivessem interesses bem diferentes* ELES *estavam todos, entretanto,* ATORMENTADOS *pela mesma paixão; e* esta outra em *Vaugelas: as pessoas consumidas na virtude têm, em todas as coisas, uma justiça de Espírito e uma atenção judiciosa que as impede de serem* MALDIZENTES; daí esta regra que se encontra na *Gramática normal dos Exames,* pelos Srs. *Lévi Alvarès e Rivail na de Boniface,* etc.

"Emprega-se algumas vezes, *por silepse,* o pronome *il* para substituir o substantivo *personne,* embora esta última palavra seja feminina. Esse acordo não pode ocorrer senão quando, no pensamento, a palavra *personne* não represente exclusivamente as mulheres, e além disso quando a palavra *il* está bastante afastada dela para que o ouvido não seja chocado com isso."

A respeito do pronome *personne,* que é masculino, encontra-se a nota seguinte: "Entretanto, quando o pronome *personne* designa especialmente uma mulher, o adjetivo que a ele se relaciona pode se colocar no feminino; pode-se dizer: *Personne n'est plus* JOLIE *que Rosine* (Boniface).

Os Espíritos que ditaram a frase em questão não são, pois, completamente tão ignorantes quanto o pretende esse senhor; estamos mesmo tentados em crer que disso sabem um pouco mais que ele, embora, em geral, se irritem muito pouco com a exatidão gramatical, à maneira de mais de um

de nossos sábios que não são todos a primeira força sobre a ortografia. *Moralidade:* É bom saber antes de criticar.

Qualquer que seja, para acalmar os escrúpulos daqueles que disso não sabem mais, e creem a doutrina em perigo por uma falta de linguagem real ou suposta, mudamos essa concordância na quinta edição de *O Livro dos Espíritos* que vem de aparecer, uma vez que:

…. Sem pena, aos rimadores temerários

O uso ainda, eu creio, deixa a escolha dos dois.

É verdadeiro prazer ver o trabalho que se dão os adversários do Espiritismo para atacá-lo com todas as armas que lhes caiam à mão; mas o que há de singular é que, apesar da multidão de setas que lhe atiram, apesar das pedras que se semeiam em seu caminho, *apesar das armadilhas que se lhe estendem para fazê-lo desviar de seu objetivo,* ninguém ainda encontrou o meio de detê-lo em sua marcha, e que ganha um terreno desesperador para aqueles que creem abatê-lo dando-lhe piparotes. Depois dos piparotes, os atletas do folhetim tentaram o imprevisto e desolador: com isso nem mesmo foi abalado, e não correu senão mais depressa.

(p. 216-217).

Revista Espírita de novembro 1861

O resto da Idade Média.

Auto-de-fé das obras Espíritas em Barcelona.

Não informamos nada, aos nossos leitores, sobre esse fato, que já não saibam pela via da imprensa; o que ocorreu de admirar, foi que os jornais, que passam geralmente por bem informados, hajam podido colocá-lo em dúvida; essa dúvida não nos surpreende; o fato em si mesmo parece tão estranho para o tempo em que vivemos, e está de tal modo longe de nossos costumes que, alguma cegueira que se reconhecesse ao fanatismo, crê-se sonhar ouvindo dizer que as fogueiras da inquisição se acendem ainda em 1861, à porta da França; a dúvida, nessa circunstância, é uma homenagem prestada à civilização europeia, ao próprio clero católico. Em presença de uma realidade incontestável hoje, o que deve mais espantar, é que um jornal sério, que cai cada dia, sem dó nem piedade, sobre os abusos e as usurpações do poder sacerdotal, não haja encontrado, para assinalar esse fato, senão algumas palavras zombeteiras, acrescentando: "Em todo caso, não seremos nós que nos divertiremos, neste momento, em fazer girar as mesas na Espanha." *(Siêcle* de 14 de outubro de 1861.) O *Siêcle* está a ver, portanto, o Espiritismo nas mesas girantes? Ele também está, pois, bastante cego pelo ceticismo para ignorar que toda uma doutrina filosófica, eminentemente *progressiva,* saiu dessas mesas das quais tanto se zombou? Não sabe, pois, ainda, que essa ideia fermenta por toda a parte; que por toda a parte, nas grandes cidades como nas pequenas localidades, do alto a baixo da escala, na França e no estrangeiro, essa ideia se difunde com uma rapidez extraordinária? Que, por toda a parte, as massas proclamam nela a aurora de uma renovação

social? O golpe com o qual se acreditou feri-la, não é um indício de sua importância? Porque não se investe assim contra uma infantilidade sem consequência, e Don Quixote não retornou na Espanha para se bater contra os moinhos de vento.

O que não é menos exorbitante, e o que contra o qual se espanta, é não se ter visto um protesto enérgico, é a estranha pretensão que se arroga o bispo de Barcelona de fazer a polícia na França. Ao pedido que foi feito de reexportar as obras, respondeu com uma recusa assim motivada: *A Igreja católica é universal, e os livros, sendo contrários à fé católica, o governo não pode consentir que eles vão perverter a moral e a religião de outros países.* Assim, eis um bispo estrangeiro, que se institui em juiz do que convém ou não convém à França! A sentença, portanto, foi mantida e executada sem mesmo isentar o destinatário das despesas de alfândega, que se teve muito cuidado em fazê-lo pagar.

Eis a narração que nos foi pessoalmente dirigida:

"Este dia, nove de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, sobre a esplanada da cidade de Barcelona, no lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, e por ordem do bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber:

"A *Revista Espírita,* diretor Allan Kardec;

"A *Revista Espiritualista,* diretor Piérard;

"O *Livro dos Espíritos,* por Allan Kardec;

"O *Livro dos Médiuns,* pelo mesmo;

"O que é o Espiritismo, pelo mesmo;

"Fragmento de sonata, ditado pelo Espírito de Mozart;

"Carta de um católico sobre o Espiritismo, pelo doutor Grand;

"A *História de Jeanne d'Arc,* ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufau;

"A realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta, pelo barão de Guldenstubbé.

"Assistiram ao auto-de-fé:

"Um padre revestido das roupas sacerdotais, trazendo a cruz numa mão e a tocha na outra mão;

"Um notário encarregado de redigir a ata do auto-de-fé;

"O escrevente do notário;

"Um empregado superior da administração da alfândega;

"Três moços (serventes) da alfândega, encarregados de manter o fogo;

"Um agente da alfândega representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo.

"Uma multidão inumerável encobria os passeios e cobria a imensa esplanada onde se elevava a fogueira.

"Quando o fogo consumiu os trezentos volumes ou brochuras Espíritas, o padre e seus ajudantes se retiraram, cobertos pelas vaias e as maldições dos numerosos assistentes que gritavam: Abaixo a inquisição!

"Numerosas pessoas, em seguida, se aproximaram da fogueira, e recolheram as suas cinzas."

Uma parte dessas cinzas nos foi enviada; com elas se encontra um fragmento de *O Livro dos Espíritos* consumido pela metade. Nós o conservamos preciosamente, como um testemunho autêntico desse ato insensato.

Toda opinião à parte, esse assunto levanta uma séria questão de direito internacional. Reconhecemos ao governo espanhol o direito de proibir a entrada, sobre o seu território, das obras que não lhe convém, como a de todas as mercadorias proibidas. Se essas obras tivessem sido introduzidas clandestinamente e em fraude, nada haveria a dizer; mas são expedidas ostensivamente e apresentadas na alfândega; era, pois, uma permissão legalmente solicitada. Esta acreditou dever referi-la à autoridade episcopal que, sem outra forma de processo, condena *as* obras a serem queimadas pela mão do carrasco. O destinatário pediu, então, para reexportá-las para o lugar de origem, e lhe foi respondido pelo fim de não receber, relatado acima. Perguntamos se a destruição dessa propriedade, em tais

circunstâncias, não é um ato arbitrário e fora do direito comum.

Examinando-se este assunto do ponto de vista de suas consequências, diremos primeiro que não houve senão uma voz para dizer que nada podia ser mais feliz para o Espiritismo. A perseguição sempre foi aproveitável à ideia que se quis proscrever; por aí se lhe exalta a importância, se lhe desperta a atenção, e fazendo-o conhecer por aqueles que o ignoram. Graças a esse zelo imprudente, todo o mundo, em Espanha, vai ouvir falar do Espiritismo e quererá saber o que é; é tudo o que desejamos. Podem-se queimar os livros, mas não se queimam as ideias; as chamas das fogueiras as superexcitam em lugar de abafá-las. As ideias, aliás, estão no ar, e não há Pirineos bastante altos para detê-las; e quando uma ideia é grande e generosa, ela encontra milhares de peitos prontos para aspirá-la. O que se lhe haja feito, o Espiritismo já tem numerosas e profundas raízes na Espanha; as cinzas da fogueira vão fazê-las frutificar. Mas não será só na Espanha que esse resultado será produzido, é o mundo inteiro que lhe sentirá o contragolpe. Vários jornais da Espanha estigmatizaram esse ato retrógrado, como o merece. *Las Novedades* de Madrid, de 19 de outubro, entre outros, contém, sobre esse assunto, um notável artigo; nós o reproduziremos em nosso próximo número.

Espíritas de todos os países! Não vos esqueçais desta data de 9 de outubro de 1861; ela será marcada, nos fastos do Espiritismo; que ela seja para vós um dia de festa e não

de luto, porque é a garantia do vosso próximo triunfo!

Entre as numerosas comunicações que os Espíritos ditaram sobre esse acontecimento, não citaremos senão as duas seguintes, que foram dadas espontaneamente na Sociedade de Paris; elas dele resumem todas as causas e todas as consequências.

Sobre o auto-de-fé de Barcelona.

"O amor da verdade deve sempre se fazer ouvir: ela dissipa a névoa, e por toda a parte brilha ao mesmo tempo. O Espiritismo chegou para ser conhecido por todos; logo será julgado e colocado em prática; quanto mais houver perseguições, mais depressa esta sublime Doutrina chegará ao seu apogeu; seus mais cruéis inimigos, os inimigos do Cristo e do progresso, com isso se surpreendem de maneira que ninguém ignore que Deus permite àqueles que deixaram esta Terra de exílio de retornar para aqueles que amaram.

Tranquilizai-vos; as fogueiras se extinguirão por si mesmas, e se os livros são lançados ao fogo, o pensamento imortal lhes sobrevive."

DOLLET.

Nota. Este Espírito, que se manifestou espontaneamente, disse ser o de um antigo livreiro do século dezesseis.

Outra.

Era preciso alguma coisa que ferisse, com um golpe

violento, certos Espíritos encarnados para que se decidissem ocupar-se desta grande Doutrina que deve regenerar o mundo. Nada é inutilmente feito sobre a vossa Terra, para isso, e nós, que inspiramos o auto-de-fé de Barcelona, sabíamos bem que, assim agindo, faríamos dar um passo imenso para a frente. Esse fato brutal, inaudito nos tempos atuais, foi consumado para atrair a atenção dos jornalistas que permaneciam indiferentes diante da agitação profunda que abalava as cidades e os centros Espíritas; deixavam dizer e deixavam fazer; mas se obstinavam em fazer ouvido de mercador, e respondiam pelo mutismo ao desejo de propaganda dos adeptos do Espiritismo. Por bem ou por mal, é preciso que dele falem hoje; uns constatando o histórico do fato de Barcelona, os outros desmentindo-o, deram lugar a uma polêmica que dará volta ao mundo, e da qual só o Espiritismo aproveitará. Eis por que, hoje, a retaguarda da inquisição fez seu último auto-de-fé, porque assim o quisemos."

SAINT DOMINIQUE.

(p. 321-325).

Opinião de um jornalista

sobre *O Livro dos Espíritos*

A imprensa não é bondosa conosco, como se sabe, o que não impede o Espiritismo de avançar rapidamente, prova evidente de que ele é bastante forte para avançar completamente sozinho. Se a imprensa está muda ou hostil,

haveria erro em crer que tem contra si todos os seus representantes; ao contrário, muitos lhe são bastante simpáticos, mas são retidos por considerações pessoais, porque tudo é tomar a iniciativa. Durante esse tempo, a opinião se pronuncia cada vez mais; a ideia se generaliza, e quando ela tiver invadido as massas, a imprensa *progressista* será bem forçada a segui-la, sob pena de permanecer com aqueles que não avançam nunca. Fá-lo-á sobretudo quando compreender que o Espiritismo é o mais poderoso elemento de propagação para todas as ideias grandes, generosas e humanitárias, que não cessa de pregar; sem dúvida, suas palavras não são perdidas; mas quantos golpes de picareta não lhe serão dados na rocha dos preconceitos antes de encetá-la! O Espiritismo lhes abre um terreno fecundo e aplaina as últimas barreiras que lhe detinham a marcha. Eis o que compreenderão aqueles que se derem ao trabalho de estudá-lo a fundo, de medir-lhe a importância e de ver-lhe as consequências que já se manifestam por resultados positivos; mas, para isso, são necessários observadores sérios, e não superficiais; desses homens que escrevem não por escrever, mas que fazem uma religião de seus princípios. Serão encontrados, guardemo-nos disso duvidar; e mais cedo do que se pensa, ver-se-ão à frente da propagação das ideias Espíritas alguns desses nomes que, por si sós, são autoridades, e dos quais o futuro guardará a memória, como tendo concorrido para a verdadeira emancipação da Humanidade.

O artigo seguinte, publicado pelo *Akhbar,* jornal de Argel, de 15 de outubro de 1861, é, nesse caminho, um primeiro passo que terá imitadores; sob o modesto pseudônimo de Ariel, nossos leitores encontrarão talvez a pena exercitada de um de nossos eminentes publicistas.

"A imprensa da Europa está muito ocupada com esta obra; e depois de tê-la lido, concebe-se, qualquer que seja, aliás, a opinião que se faça sobre a colaboração das inteligências ultra-mundanas que o autor disse haver obtido. Com efeito, que se lhes suprimissem algumas páginas da introdução que expõem os caminhos e os meios dessa colaboração – a parte contestável para os profanos, – resta um livro de uma alta filosofia, de uma moral eminentemente pura e, sobretudo, de um efeito muito consolador sobre a alma humana, arrastada neste mundo entre os sofrimentos do presente e os medos do futuro. Também, mais de um leitor deve ter dito, chegando à última página: Não sei se tudo isso é, mas bem que gostaria que tudo isso fosse!

"Quem não ouviu falar, há alguns anos, das estranhas comunicações das quais certos seres privilegiados eram os intermediários entre o mundo material e o mundo invisível? Cada um tomou partido na questão; e, como é de hábito, a maioria daqueles que se alinharam sob a bandeira dos crentes, ou que se entrincheiraram no campo dos incrédulos, não se deram ao trabalho de verificar os fatos dos quais uns os admitiam, e dos quais os outros negavam a realidade.

"Mas essas não são matérias que se discutam num

jornal da natureza do nosso. Sem, pois, contestar nem atestar a autenticidade das assinaturas póstumas de Platão, Sócrates, Santo Agostinho, Júlio César, Carlos Magno, São Luís, Napoleão, etc., que se encontram abaixo de vários parágrafos do livro do Sr. Allan Kardec, constatamos que se esses grandes homens retornaram ao mundo para nos dar explicações sobre os mais interessantes problemas da Humanidade, não se exprimiram com maior lucidez, com senso moral mais profundo, mais delicado, com mais elevação nos objetivos e na linguagem que não o fazem na excêntrica obra da qual tentamos dar uma ideia. São coisas que não se leem sem emoção, e não são daquelas que se esquece quase depois de tê-las lido. Nesse sentido, *O Livro dos Espíritos* não passará, como tantos outros, no meio da indiferença dos séculos: terá detratores ardentes, zombadores impiedosos, mas não ficaríamos espantados que tivesse também, em compensação, partidários muitos sinceros e muito entusiastas.

"Não podendo, em consciência – por falta de uma verificação preliminar-, nos alinhar entre uns nem entre os outros, detemo-nos na humilde posição de repórter e dizemos: Lede essa obra, porque ela sai completamente do caminho batido da banalidade contemporânea; se não fordes seduzido, subjugados vos irritareis talvez, mas, infalivelmente, não permanecereis nem frio e nem indiferente.

"Recomendamos sobretudo a passagem relativa à

morte. Eis um assunto sobre o qual ninguém gosta de deter a atenção, mesmo aquele que se coloca por espírito forte e intrépido. Pois bem! Depois de lê-lo e meditá-lo sente-se muito espantado em não mais encontrar essa crise suprema tão assustadora; chega-se, sobre esse assunto, ao ponto mais desejável, aquele que não se teme nem se deseja a morte. Outros problemas de importância não menor têm soluções igualmente consoladoras e inesperadas. Enfim, o tempo que se consagrar à leitura desse livro será bem empregado para a curiosidade intelectual, *e* não será perdido para a melhoria moral."

ARIEL.

(p. 325-327).

Revista Espírita de janeiro 1862

Do sobrenatural

Pelo Sr. Guizot.

(2° artigo. – Ver o número de dezembro de 1861.)

Publicamos, no nosso último número, eloquente e notável capítulo do Sr. Guizot sobre o Sobrenatural, e a respeito do qual nos propusemos fazer algumas notas críticas, que não tiram nada de nossa admiração pelo ilustre e sábio escritor.

O Sr. Guizot crê no sobrenatural; sobre esse ponto, como sobre muitos outros, importa se entender bem sobre as palavras. Na sua acepção própria, *sobrenatural* significa o que

está acima da Natureza, fora das leis da Natureza. O sobrenatural, propriamente dito, não está, pois, submetido a leis; é uma exceção, uma derrogação às leis que regem a criação; em uma palavra, é sinônimo de *milagre.* Do sentido próprio, essas duas palavras passaram na linguagem figurada, onde delas se servem para designar tudo o que é extraordinário, surpreendente, insólito; diz-se de uma coisa que espanta que ela é miraculosa, como se diz de uma grande extensão que ela é incomensurável, de um grande número que ele é incalculável, de uma longa duração que ela é eterna, embora, a rigor, possa-se medir uma, calcular outra, e prever um fim à última. Pela mesma razão, qualifica-se de sobrenatural o que, à primeira vista, parece sair dos limites do possível. O vulgo ignorante é sobretudo muito levado a tomar esta palavra ao pé da letra, para o que não compreende. Entendendo-se por aí o que se afasta das causas conhecidas, nós o queremos muito, mas então essa palavra não tem mais sentido preciso, porque o que era sobrenatural ontem não o é mais hoje. Quantas coisas, consideradas outrora como tais, a ciência não fez entrar no domínio das leis naturais! Por alguns progressos que fizemos, podemos nos gabar de conhecer todos os segredos de Deus? A Natureza nos disse sua última palavra sobre todas as coisas? Cada dia não vem dar um desmentido a essa orgulhosa pretensão? Se, pois, o que era sobrenatural ontem não o é mais hoje, pode-se logicamente inferir que o que *é* sobrenatural hoje pode não sê-lo amanhã. Para nós, tomamos a palavra sobrenatural no seu mais absoluto sentido

próprio, isto é, para designar todo fenômeno contrário às leis da Natureza. Ó caráter do fato sobrenatural, ou miraculoso, é de ser excepcional; desde que se reproduz, é que está submetido a uma lei conhecida ou desconhecida, e reentra na ordem geral.

Se se restringe a *Natureza* ao mundo material, visível, é evidente que as coisas do mundo invisível serão sobrenaturais; mas o mundo invisível estando, ele mesmo, submetido a leis, cremos mais lógico definir a Natureza: *O conjunto das obras da criação, regidas por leis imutáveis da Divindade.* Se, como o Espiritismo demonstra, o mundo invisível é uma das forças, uma das potências reagindo sobre a matéria, desempenha um papel importante na Natureza, é porque *os* fenômenos espíritas não são, para nós, nem sobrenaturais, nem miraculosos; de onde se vê que o Espiritismo, longe de ser o círculo do maravilhoso, tende a restringi-lo e mesmo a fazê-lo desaparecer.

O Sr. Guizot, dissemos, crê no sobrenatural, mas no sentido miraculoso, o que não implica, de nenhum modo, a crença nos Espíritos e em suas manifestações; ora, do fato que, para nós, os fenômenos espíritas nada têm de anormal, não se segue que Deus não haja podido, em certos casos, derrogar as suas leis, uma vez que é todo-poderoso. Tê-lo-ia feito? Não é aqui o lugar de examiná-lo; seria preciso, para isso, discutir não o princípio mas cada fato isoladamente; ora, colocando-nos no ponto de vista do Sr. Guizot, quer dizer, da realidade dos fatos miraculosos, vamos tentar combater a

consequência que disso tira, a saber que: *a religião não é possível sem o sobrenatural, e* provar ao contrário que de seu sistema decorre o aniquilamento da religião.

O Sr. Guizot parte deste princípio de que todas as religiões são fundadas sobre o sobrenatural. Isso é verdadeiro se se entende por aí o que não é compreendido; mas se se remonta o estado dos conhecimentos humanos, à época da fundação de todas as religiões conhecidas, sabe-se o quanto era, então, limitado o saber dos homens em astronomia, em física, em química, em geologia, em fisiologia, etc.; se nos tempos modernos, bom número de fenômenos hoje perfeitamente conhecidos e explicados, passaram por maravilhosos, com mais forte razão deveria ser assim nos tempos recuados. Acrescentemos que a linguagem figurada, simbólica e alegórica, em uso entre todos os povos do Oriente, se prestava naturalmente às ficções, cuja ignorância não permitia descobrir o verdadeiro sentido; acrescentemos ainda que, os fundadores das religiões, homens superiores ao vulgo, *e* sabendo mais do que ele, deveram, para impressionar as massas, cercar-se de um prestígio sobre-humano, e que certos ambiciosos puderam explorar a credulidade: vede Numa; vede Maomé e tantos outros. São impostores, direis. Seja; tomemos *as* religiões resultantes da lei mosaica; todas adotam a criação segundo o Gênesis; ora, há, com efeito, alguma coisa de mais sobrenatural do que essa formação da Terra, tirada do nada, desembaraçada do caos, povoada de todos os seres vivos, homens, animais e

plantas, todos formados e adultos, e isso em seis dias de vinte e quatro horas, como um golpe de varinha mágica? Não é a derrogação, a mais formal, às leis que regem a matéria e a progressão dos seres? Certamente, Deus poderia fazer; mas o fez? Há poucos anos ainda, afirmava-se-o como um artigo de fé, e eis que a ciência recoloca o fato imenso da origem do mundo na ordem dos fatos naturais, provando que tudo se cumpriu segundo leis eternas. A religião sofreu por não ter mais por base um fato maravilhoso por excelência? Incontestavelmente, teria sofrido muito em seu crédito se ela obstinasse em negar a evidência, ao passo que ganhou reentrando no direito comum.

Um fato muito menos importante, apesar das perseguições das quais foi a fonte, é o de Josué detendo o Sol para prolongar o dia de duas horas. Que seja o Sol ou a Terra que tenha parado, o fato não é por isso menos tudo o que há de mais sobrenatural; é uma derrogação a uma das leis mais capitais, a da força que arrasta os mundos. Acreditou-se escapar à dificuldade reconhecendo que é a Terra que gira, mas contara-se sem a maçã de Newton, a mecânica celeste de Laplace e a lei da gravitação. Que o movimento da Terra seja suspenso, não por duas horas, mas por alguns minutos, a força centrífuga cessa, e a Terra vai se precipitar sobre o Sol; o equilíbrio das águas em sua superfície é mantido pela continuidade do movimento; cessando o movimento, tudo é transtornado; ora, a história do mundo não faz menção do menor cataclismo nessa época. Não contestamos que Deus

haja podido favorecer Josué prolongando a claridade do dia; que meio empregaria? Nós o ignoramos; isso poderia ser uma aurora boreal, um meteoro ou qualquer outro fenômeno que não mudaria nada na ordem das coisas; mas, seguramente, esse não foi aquele do qual se fez, durante séculos, um artigo de fé; que outrora se haja acreditado, é bastante natural, mas hoje isso não é possível, a menos que se renegue a ciência.

Mas, dir-se-á, a religião se apoia sobre muitos outros fatos que não são nem explicados nem explicáveis. Inexplicados sim; inexplicáveis, é uma outra questão; sabe-se sobre as descobertas e os conhecimentos que o futuro nos reserva? Já não se vê, sob o império do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, se reproduzirem os, êxtases, as visões, as aparições, a visão à distância, as curas instantâneas, os levantamentos, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos de tempos imemoriais, considerados outrora como maravilhosos, e demonstrados hoje pertencerem à ordem das coisas naturais segundo a lei constitutiva dos seres? Os livros sacros estão cheios de fatos qualificados de sobrenaturais; mas como são encontrados análogos, e mais maravilhosos ainda, em todas religiões pagas da antiguidade, se a verdade de uma religião dependesse do número e da natureza desses fatos, não sabemos muito a que dominava.

O Sr. Guizot, como prova do sobrenatural, cita a formação do primeiro homem que deveu ser criado adulto,

porque, diz ele, só, no estado de infância, não poderia se nutrir. Mas se Deus fez uma exceção criando-o adulto, não poderia fazer uma outra dando à criança os meios de viver, e isso mesmo sem se afastar da ordem estabelecida? Os animais sendo inferiores ao homem, não podia realizar, a respeito da primeira criança, a fábula de Rômulo e Remo?

Dizemos da primeira criança, deveríamos dizer das primeiras crianças; porque a questão de uma fonte única da espécie humana é muito controvertida. Com efeito, as leis antropológicas demonstram a impossibilidade material de que a posteridade de um único homem haja podido, em alguns séculos, povoar toda a Terra, e se transformar em raças negras, amarelas e vermelhas; porque está bem demonstrado que essas diferenças prendem-se à constituição orgânica e não ao clima.

O Sr. Guizot sustenta uma tese perigosa afirmando que, de nenhum modo, a religião é possível sem o sobrenatural; se faz repousar as verdades do Cristianismo sobre a base única do maravilhoso, dá-lhe um apoio frágil cujas pedras se destacam cada dia. Nós lha damos uma mais sólida: as leis imutáveis de Deus. Esta base desafia o tempo e a ciência; porque o tempo e a ciência virão sancioná-la. A tese do Sr. Guizot conduz, pois, a esta conclusão de que, num tempo dado, não haveria mais religião possível, mesmo religião cristã, se o que é considerado como sobrenatural for demonstrado natural. Está aí o que se quis provar? Não; mas é a consequência do seu argumento, e para ela se caminha a

grande passo; porque seria agir inutilmente e amontoar raciocínios sobre raciocínios, não se chegará a manter a crença de que um fato é sobrenatural quando estiver provado que não o é.

Sob esse aspecto somos muito menos cépticos que o Sr. Guizot, e dizemos que Deus não é menos digno de nosso reconhecimento e de nosso respeito por não haver derrogado às suas leis, grandes sobretudo pela sua imutabilidade, e que não há necessidade de sobrenatural para lhe prestar o culto que lhe é devido, e, por consequência, para ter uma religião que encontrará tanto menos incrédulos quanto seja, em todos os pontos, sancionada pela razão; não pode senão ganhar com isso: se alguma coisa pôde prejudicá-la na opinião de muitas pessoas, foi precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural. Fazei ver aos homens a grandeza e o poder de Deus em todas as suas obras; mostrai-lhes sua sabedoria e sua admirável previdência, desde a germinação de um talo de erva até o mecanismo do Universo: as maravilhas não faltam; substituí em seu espírito a ideia de um Deus ciumento, colérico, vingativo e implacável, pela de um Deus soberanamente justo, bom e misericordioso, que não condena aos suplícios eternos e sem esperança por faltas temporárias; que, desde a infância, sejam nutridos dessas ideias que crescerão com a sua razão, e fareis mais de firmes e sinceros crentes do que os embalando com alegorias que vós os forçais a tomar ao pé da letra, e que, mais tarde, repelirão por si mesmos, levando-os a duvidar de tudo, e mesmo a

tudo negar. Se quereis manter a religião pelo único prestígio do maravilhoso, não há senão um único meio, é manter os homens na ignorância; vede se é possível. À força de não mostrar a ação de Deus senão nos prodígios, nas exceções, cessa-se de fazê-la ver nas maravilhas que esmigalhamos sob os pés.

Objetar-se-á, sem dúvida, o nascimento miraculoso do Cristo, que não se saberia explicar pelas leis naturais, e que é uma das provas mais brilhantes de seu caráter divino. Não é aqui o lugar de examinar esta questão; mas, ainda uma vez, não contestamos a Deus o poder de derrogar as leis que fez; o que contestamos é a necessidade absoluta dessa derrogação para o estabelecimento de uma religião qualquer.

O Magnetismo e o Espiritismo, dir-se-á, reproduzindo os fenômenos reputados miraculosos, são contrários à religião atual, porque tendem a tirar desses fatos seu caráter sobrenatural. Que fazer aí, se esses fatos são reais? Não serão impedidos, uma vez que não são o privilégio de um homem, mas que se produzem no mundo inteiro. Poder-se-ia dizer isso tanto da física, da química, da astronomia, da geologia, da meteorologia, de todas as ciências em uma palavra. Sob esse aspecto, diremos que o ceticismo de muitas pessoas não tem outra fonte senão a impossibilidade, segundo elas, desses fatos excepcionais; negando a base sobre a qual se apoia, negam todo o resto; provai-lhes a possibilidade e a realidade desses fatos, reproduzindo-os sob seus olhos, e serão forçados a crerem neles. – Mas é tirar ao

Cristo seu caráter divino! – Desejai, pois, melhor que não creia em nada de tudo do que crer em alguma coisa? Não há, pois, senão esse meio para provar a divindade da missão do Cristo? Seu caráter não ressalta cem vezes melhor da sublimidade de sua doutrina e do exemplo que deu de todas as virtudes? Se não se vê esse caráter senão nas ações materiais que realizou, outros não fizeram fatos semelhantes, para não falar senão de Apolônio de Tiana seu contemporâneo? Por que, pois, o Cristo dominou sobre este último? Foi porque fez um milagre muito grande como o de mudar a água em vinho, de alimentar quatro mil homens com cinco pães, de curar os epilépticos, de dar vista aos cegos e fazer andar os paralíticos; foi a revolução que fez a simples palavra de um homem saído de um estábulo, durante três anos de pregação, sem nada ter escrito, ajudado unicamente por alguns obscuros pescadores ignorantes, eis o verdadeiro prodígio, aquele em que é preciso ser cego para não ver a mão de Deus. Compenetrai os homens desta verdade – é o melhor meio de fazer sólidos crentes.

(p. 21-26).

Revista Espírita de fevereiro 1862

O Espiritismo é provado por milagres?

Um eclesiástico nos dirigiu a pergunta seguinte:

"Todos aqueles que tiveram missão de Deus de ensinar a verdade aos homens, provaram sua missão por

milagres. Por quais milagres provais a verdade de vosso ensinamento?”

Não é a primeira vez que esta pergunta é dirigida, seja a nós, seja a outros Espíritas; parece que se lhe dá uma grande importância, e que de sua solução depende a sentença que deve condenar ou absolver o Espiritismo. É preciso convir que, neste caso, a nossa posição é crítica, porque estamos como pobre-diabo que não tinha uma moeda em seu bolso e a quem se pediu a bolsa ou a vida. Nós confessamos pois, humildemente, que não temos o menor milagre a oferecer; dizemos mais, é que o Espiritismo não se apoia sobre nenhum fato miraculoso; seus adeptos nunca fizeram e não têm a pretensão de fazer nenhum milagre; não se creem bastante dignos para que, à sua voz, Deus mude a ordem eterna das coisas. O Espiritismo constata um fato material, o da manifestação das almas ou Espíritos. Esse fato é real, sim ou não? Aí está toda a questão; ora, nesse fato, admitindo como verdadeiro, nada há de miraculoso. Como as manifestações desse gênero, tais como as visões, aparições e outras, ocorreram em todos os tempos, assim como atestam *as* histórias, sagradas e profanas, e os livros de todas as religiões, outrora puderam passar por sobrenaturais; mas hoje que se lhes conhece a causa, que se sabe que se produzem em virtude de certas leis, sabe-se também que lhes falta o caráter essencial dos fatos miraculosos, o de fazer exceção à lei comum.

Essas manifestações, observadas em nossos dias com

mais cuidado do que na antiguidade, observadas sobretudo sem prevenção, e com a ajuda de investigações tão minuciosas quanto as que aplica no estudo das ciências, têm por consequência provar, de maneira irrecusável, a existência de um princípio inteligente fora da matéria, sua sobrevivência aos corpos, sua individualidade depois da morte, sua imortalidade, seu futuro feliz ou infeliz, por conseguinte, a base de todas as religiões.

Se a verdade não fosse provada senão por milagres, poder-se-ia perguntar por que os sacerdotes do Egito, que estavam no erro, reproduziram diante do Faraó aquilo que Moisés fez? Por que Apolônio de Tiana, que era pagão, curava pelo toque, devolvia a visão aos cegos, a palavra aos mudos, predizia as coisas futuras e via o que se passava à distância? O próprio Cristo não disse: "Haverá falsos profetas que farão prodígios"? Um de nossos amigos, depois de uma fervorosa prece ao seu Espírito protetor, foi curado quase instantaneamente de uma enfermidade, muito grave e muito antiga, que resistia a todos os remédios; para ele o fato era verdadeiramente miraculoso; mas, como ele acreditava nos Espíritos, um cura, a quem contou a coisa, disse-lhe que o diabo também pode fazer milagres. "Nesse caso, disse esse amigo, se foi o diabo que me curou, é ao diabo que devo agradecer."

Os prodígios e os milagres não são, pois, o privilégio exclusivo da verdade, uma vez que o próprio diabo pode fazê-los. Como, então, distinguir os bons dos maus? Todas as

religiões idolatras, sem delas excetuar a de Maomé, se apoiam sobre fatos sobrenaturais. Isso prova uma coisa, é que os fundadores dessas religiões conheciam os segredos naturais desconhecidos do vulgo. Cristóvão Colombo não passou por um ser sobre-humano, aos olhos dos selvagens da América, por haver predito um eclipse? Ele não teve senão que, a eles, se fazer passar por um enviado de Deus. Para provar seu poder, Deus tem, pois, necessidade de fazer o que ele fez? De fazer girar à direita o que deve girar à esquerda? Provando o movimento da Terra pelas leis da Natureza, Galileu não estava mais com a verdade do que aqueles que pretendiam que, por uma derrogação dessas mesmas leis, seria necessário parar o Sol? Também, sabe-se o que isso lhe custou, a ele e a tantos outros, por terem demonstrado um erro. Dizemos que Deus é maior pela imutabilidade de suas leis do que em derrogado-as, e se lhe aprouve fazê-lo em algumas circunstâncias, esse não pode ser o único sinal que dá da verdade. Pedimos consentir em se reportar ao que dissemos, a esse respeito, no nosso artigo do mês de janeiro, a propósito do *sobrenatural.* Retornemos às provas da verdade do Espiritismo.

Há no Espiritismo duas coisas: o fato da existência dos Espíritos e de suas manifestações, e a doutrina que disso decorre. O primeiro ponto não pode ser posto em dúvida senão por aqueles que não viram ou que não quiseram ver; quanto ao segundo, a questão é saber se essa doutrina é justa ou falsa: é um resultado de apreciação.

Se os Espíritos não manifestam sua presença senão por ruídos, movimentos, efeitos físicos, em uma palavra, isso não provaria grande coisa, porque não se saberia se são bons ou maus. O que é sobretudo característico nesse fenômeno, o que é de natureza a convencer os incrédulos, é poder reconhecer, entre os Espíritos, seus parentes e seus amigos. Mas como os Espíritos podem atestar a sua presença, a sua individualidade, e fazer julgar suas qualidades, se isso não for falando? Sabe-se que a escrita por médiuns é um dos meios que eles empregam. Desde que têm um meio de exprimirem suas ideias, podem dizer tudo o que querem; segundo o grau de seu adiantamento, dirão coisas mais ou menos boas, justas ou profundas; deixando a Terra, não abdicam de seu livre arbítrio; como todos os seres pensantes, têm sua opinião; como entre os homens, os mais avançados dão os ensinamentos de uma alta moralidade, conselhos cheios da mais profunda sabedoria. São esses ensinamentos e esses conselhos que, coletados e postos em ordem, constituem a Doutrina Espírita ou dos Espíritos. Considerai esta doutrina, se o quiserdes, não como uma revelação divina, mas como a expressão de uma opinião pessoal, a tal ou tal Espírito, a questão é saber se ela é boa ou má, justa ou falsa, racional ou ilógica. A que se reportar para isso? É ao julgamento de um indivíduo? De alguns indivíduos mesmo? Não; porque, dominados pelos preconceitos, as ideias preconcebidas, ou os interesses pessoais, podem se enganar. O único, o verdadeiro juiz, é o público, porque ali não há o interesse de associação, e que nas massas há um bom senso inato que não se engana.

A lógica sã diz que a adoção de uma ideia, ou de um princípio, pela opinião geral, é uma prova de que ela repousa sobre um fundo de verdade.

Os Espíritas não dizem, pois: “Eis uma doutrina saída da boca do próprio Deus, revelada a um único homem por meios prodigiosos, e que é preciso impor ao gênero humano.” Eles dizem, ao contrário:

"Eis uma doutrina que não *é* nossa, e da qual não reivindicamos o mérito; nós a adotamos porque a achamos racional. Atribui-lhe a origem que quiserdes: de Deus, dos Espíritos ou dos homens; examinai-a; se ela vos convém, adotai-a; caso contrário, ponde-a de lado." Não se pode ser menos absoluto. O Espiritismo não vem, pois, intrometer-se na religião; ele não se impõe; não vem forçar a consciência, não mais dos católicos do que dos protestantes, dos judeus; ele se apresenta e diz: “Adotai-me, se me achais bom.” É culpa dos Espíritas se o acham bom? Se nele se encontra a solução do que se procurava em vão alhures? Se nele se haurem consolações que tornam felizes, que dissipam os terrores do futuro, acalmam as angústias da dúvida e dão coragem para o presente? Não se dirige àqueles a quem as crenças católicas ou outras bastam, mas àqueles que elas não satisfazem completamente, ou que desertaram; em lugar de não mais crer em nada, os conduz a crerem em alguma coisa, e a crer com fervor. O Espiritismo não veio, pois, dividir; conduz, pelos meios que lhe são próprios, aqueles que se afastam; se os recusais, estarão forçados a ficar de fora. Em

vossa alma e consciência, dizei se, para eles, seria preferível serem ateus.

Pergunta-se sobre que milagre nós nos apoiamos para crer a Doutrina Espírita boa. Nós a cremos boa, não só porque é nossa opinião, mas porque milhões de outros pensam como nos; porque ela conduz a crer aqueles que não creem; dá coragem nas misérias da vida. O milagre é a rapidez de sua propagação, estranha nos fastos das doutrinas filosóficas; foi por ter, em alguns anos, feito a volta ao mundo, e estar implantada em todos os países e em todas as classes da sociedade; foi por ter progredido, apesar de tudo o que se fez para detê-la, de transtornar as barreiras que se lhe opôs; de encontrar um acréscimo de forças nas próprias barreiras. Está aí o caráter de uma utopia? Uma ideia falsa pode encontrar alguns partidários, mas nunca tem senão uma existência efêmera e circunscrita; perde terreno em lugar de ganhá-lo, ao passo que o Espiritismo ganha-o em lugar de perdê-lo. Quando é visto germinar por todas as partes, acolhido por toda a parte como um benefício da Providência, é que ali está o dedo da Providência; eis o verdadeiro milagre, e nós o cremos suficiente para assegurar o seu futuro. Direis que, aos vossos olhos, não há um caráter providencial, mas um caráter diabólico; é-lhes permitido ter essa opinião: contanto que ele caminhe, é o essencial. Diremos somente que, se uma coisa se estabelecesse universalmente pelo poder do demônio, e apesar dos esforços daqueles que dizem agir em nome de Deus, isso poderia fazer

crer, a certas pessoas, que o demônio é mais poderoso do que a Providência. Pedis milagres, eis um deles que nos dirige um dos nossos correspondentes da Argélia:

"O Sr. P…, antigo oficial era bem o mais endurecido dos incrédulos; tinha o fanatismo da irreligião; dissera: Deus, *é o mal,* antes de Proudhon; ou, melhor dizendo, não admitia nenhum Deus e não reconhecia senão o nada. Quando o vi procurar o vosso *O Livro dos Espíritos,* acreditei que iria coroar essa leitura com alguma elucubração satírica, como tinha o hábito de fazê-lo contra os sacerdotes, e mesmo contra o Cristo; não me parecia possível que um ateísmo tão inveterado jamais pudesse ser curado. Pois bem! *O Livro dos Espíritos,* no entanto, fez esse milagre. Se conhecêsseis o homem como o conheci, estaríeis confiante em vossa obra, e olharíeis a coisa como o vosso maior sucesso. Aqui, isso espanta todo o mundo; entretanto, quando se iniciou na palavra da verdade, não há mais ali do que se surpreender, certamente, depois de refletir." Acrescentemos, o que não pode prejudicar, que nosso correspondente é um jornalista que, ele também, professava opiniões muito pouco espiritualistas, e ainda menos espíritas. Onde tomou esse senhor força para se impor a crença em Deus em sua alma? Não, e não é provável que fosse sacerdote. Foi fascinado pela visão de alguns fenômenos prodigiosos? Não mais, porque nada viu no fato das manifestações; somente leu, compreendeu, achou os raciocínios lógicos, e acreditou. Direis que essa conversão, e tantas outras, são a obra do diabo? Se

assim fora, o diabo tem uma singular política de dar armas contra si mesmo, e é muito desajeitado deixando escapar aqueles que tinha em suas garras. Esse milagre, porque não o fizestes? Serieis, pois, menos fortes que o diabo para fazer crer em Deus? Uma outra questão, eu vos peço. Esse senhor, então quando era ateu e blasfemador, estava condenado pela eternidade? – Sem nenhuma dúvida. – Agora que, segundo vós, está convertido a Deus, pelo diabo, está ainda condenado? Suponhamos que, crendo muito em Deus, em sua alma, na vida futura feliz ou infeliz, e que em virtude dessa crença seja melhor do que era, não adote mais completamente ao pé da letra a interpretação de todos os dogmas, que repele mesmo algum deles, está ainda condenado? Se disserdes: *sim,* a crença em Deus não lhe serve para nada; se disserdes: *não,* em que se torna a máxima: *Fora da Igreja não há salvação?* O Espiritismo diz: *Fora da caridade não há salvação.* Credes que, entre os dois, esse senhor balance? Até mesmo queimado segundo um, salvo segundo o outro; a escolha não parece duvidosa.

Essas ideias, como todas as ideias novas, contrariam certas pessoas, certos hábitos, certos interesses mesmo, como as estradas de ferro contrariaram os senhores das postas, e aqueles que tinham medo; como uma revolução contraria certas opiniões; como a imprensa contrariou os escreventes; como o Cristianismo contrariou os sacerdotes pagãos; mas que fazer disso, quando uma coisa se instala, bom ou malgrado, por sua própria força, e que ela é aceita

pela generalidade? É bem preciso tomar o seu partido e dizer, como Maomé, que é o que deve ser. Que fareis se o Espiritismo tornar-se uma crença universal? Repelireis todos aqueles que o admitirem? – Isso não o será; isso não pode ser, direis. – Mas se isso for, ainda uma vez, que fareis?

Pode-se deter esse voo? Seria preciso, para isso, deter não um homem, mas os Espíritos, e impedi-los de falar; queimar não um livro, mas as ideias; impedir os médiuns de escreverem e de se multiplicarem. Um de nossos correspondentes nos escreveu de uma cidade do departamento de Tarn:

"Nosso cura fez propaganda para nós; ele esbraveja do púlpito contra o Espiritismo, que não é outra coisa senão a obra do demônio, disse ele. Quase que me designou como o grande-sacerdote da Doutrina em nossa cidade; agradeço-lhe do fundo do coração; forneceu-me, assim, as ocasiões para conversar com aqueles que não tinham ouvido dele falar, e que me abordam para saberem o que é. Hoje, temos muitos médiuns entre nós." O resultado é o mesmo por toda a parte onde se quis gritar contra. Hoje, a ideia espírita está lançada; é acolhida porque agrada; vai do palácio à choupana, e se pode julgar, dos efeitos das tentativas futuras, por aquelas que fizeram para abafá-lo.

Em resumo, o Espiritismo, para se estabelecer, não reivindica a ação de nenhum milagre; não quer, em nada, mudar a ordem das coisas; procurou e encontrou a causa de certos fenômenos, erradamente reputados como

sobrenaturais; em lugar de se apoiar no sobrenatural, repudia-o por sua própria conta; dirige-se ao coração e à razão; a lógica lhe abre o caminho, a lógica o fará acabar.

Isso é um adiantamento sobre a resposta que devemos à brochura do Sr. cura Marouzeau.

Deixemos agora os Espíritos falarem. Tendo lhes sido colocada a pergunta acima, eis algumas das respostas obtidas por intermédio de diferentes médiuns:

'Venho vos falar da realidade da Doutrina Espírita, e opô-la aos milagres, cuja ausência parece dever servir de arma aos seus detratores. Os milagres necessários às primeiras idades da Humanidade, para impressionar os Espíritos que importava submeter; os milagres, quase todos explicados hoje pelas descobertas das ciências físicas ou outras, tornaram-se agora inúteis, direi mesmo perigosos, uma vez que suas manifestações não despertariam senão a incredulidade ou a zombaria. O reino da inteligência, enfim, está chegado, não ainda em sua triunfante expressão, mas em suas tendências. Que pedis? Quereis ver de novo as varinhas transformadas em serpentes, os enfermos se levantarem e os pães se multiplicarem? Não, não vereis mais isso; mas vereis os incrédulos se abrandarem e dobrar, diante do altar, seus joelhos enrijecidos. Esse milagre vale tanto quanto o da água jorrando da rocha. Vereis o homem desolado, curvado sob o fardo da infelicidade, vê-lo-eis desviar da pistola armada e gritar: “Meu Deus, sede bendito, uma vez que a vossa vontade levantou minhas provas ao

nível do amor que vos devo”. Por toda a parte, enfim, vós que atacais os fatos com os textos, o espírito com a letra, vereis a luminosa verdade se estabelecer sobre as ruínas de vossos mistérios carcomidos."

LÁZARO (Médium, Sra. Costel).

"Demonstrei, em uma de minhas últimas meditações, que se leu, creio, aqui, que a Humanidade, atualmente, está em progressão. Até o Cristo, a Humanidade bem que tinha um corpo; era certamente esplêndida; fizera mesmo heroicos esforços e sublimes virtudes; mas onde estava sua ternura, onde estava sua mansuetude? Haveria, na antiguidade, muitos exemplos a esse respeito. Abri um poema antigo: onde está a mansuetude; onde está a ternura? Já encontrareis a expansão no poema quase todo cristão da Dido de Virgílio, espécie de heroína melancólica que o Tasso ou Ariosto teria tornado interessante em seus cantos cheios de alegria cristã.

"O Cristo, pois, veio falar ao coração da Humanidade; mas sabeis, o próprio Cristo disse, ele veio encarnado no meio do paganismo, e prometeu vir no meio do Cristianismo. Há no indivíduo a educação do coração, como há a da inteligência; do mesmo modo para a Humanidade. O Cristo, pois, é o grande educador. Sua ressurreição é o símbolo de sua fusão espiritual em todos, e essa fusão, essa expansão dele mesmo, começais apenas a senti-la. O Cristo não veio mais fazer milagres; veio falar diretamente ao coração, em lugar de falar aos sentidos. Com aqueles que lhe pediam um

milagre no céu, ia além, e alguns mais longe, improvisou seu magnífico sermão da montanha. Ora, portanto, àqueles que pedem ainda milagres, o Cristo responde por todos os Espíritos sábios e esclarecidos: Credes, pois, mais em vossos olhos, em vossos ouvidos, em vossas mãos do que no vosso coração? Minhas feridas estão fechadas atualmente; o Cordeiro foi sacrificado; a carne foi arruinada; o materialismo a viu; agora é a vez do Espírito. Deixo os falsos profetas; não me apresento diante dos poderosos da Terra como Simão, o mago, mas vou àqueles que realmente têm sede, que realmente têm fome, àqueles que sofrem em seu coração, e não àqueles que não são espiritualistas senão como verdadeiros e puros materialistas."

LAMENNAIS (Méd. Sr. A. Didier)

"Pergunta-se quais são os milagres que fazemos; mas me parece que, há alguns anos, suas provas estão bastante evidentes. Os progressos do espírito humano mudaram a face do mundo civilizado; tudo progrediu, e aqueles que quiseram ficar atrás desse movimento são como os parias das sociedades novas.

"À sociedade tal qual está hoje preparada para os acontecimentos, que é preciso, senão tudo o que impressiona a razão e a esclarece? Pode ser que, em certas épocas, Deus quis se comunicar por inteligências superiores, tais como Moisés e outros; desses grandes homens datam as grandes épocas, mas o espírito dos povos progrediu depois. As grandes imagens dos predestinados enviados por Deus,

lembram uma lenda miraculosa; e depois um fato, frequentemente simples em si mesmo, se torna maravilhoso diante da multidão impressionável e preparada para emoções que só a Natureza sabe dar aos seus filhos ignorantes.

"Mas, hoje, tendes necessidade de milagres? – Tudo está transformado ao vosso derredor; a ciência, a filosofia, a indústria, desenvolveram tudo o que vos cerca, e pensais que nós, os Espíritos, não participamos em nada nessas modificações profundas? – Estudando, comentando, aprendeis e meditais melhor; os milagres não são mais de vossa época e deveis vos elevar acima desses preconceitos que ficaram na memória, como tradições. Vos daremos a verdade, e sempre nosso concurso. Nós vos esclarecemos, a fim de vos tornar melhores e fortes; crede e amai; e o milagre procurado se produzirá em vós. Conhecendo e compreendendo melhor o objetivo desta vida, sereis transformados sem fatos físicos.

"Procurais apalpar, tocar a verdade, e ela vos cerca e vos penetra. Sede, pois, confiantes

em vossas próprias forças, e o Deus de bondade que vos deu o espírito tornará a vossa força temível. Por ele expulsareis as nuvens que obscurecem a vossa inteligência, e compreendereis que o Espírito é todo imortalidade, todo poder. Postos em relação com essa lei de Deus, chamada progresso, não procurareis mais no prestígio dos grandes nomes, que são como mitos da antiguidade, uma resposta e um escolho contra o Espiritismo, que é a verdadeira

revelação, a fé, a ciência nova que consola e torna forte."

BALUZE (Méd. P.-G. Leymarie).

"Para provar a verdade da Doutrina Espírita, pedem-se milagres; e quem pede essa prova da verdade? Aquele que deveria ser o primeiro a crer e a ensinar…

"O maior dos milagres vai se operar logo; padres do catolicismo, escutai; quereis milagres, ei-los que se operam… A cruz do Cristo se desmoronava sob os golpes do materialismo, da indiferença e do egoísmo, ei-la que se reergue bela e resplandecente, sustentada pelo Espiritismo? Dizei-mo, isso não é o maior milagre: uma cruz que se endireita, tendo em cada um de seus lados a Esperança e a Caridade? – Em verdade, padres da Igreja, crede e vede: os milagres vos cercam!… Como chamareis esse retorno comum à crença casta e pura do Evangelho, por que todas as filosofias se unirão no Espiritismo? O Espiritismo será a glória e o facho que iluminará todo o Universo. Oh! Então o milagre será manifesto e brilhante, porque não haverá mais, neste mundo, senão uma única e mesma família. Quereis milagres! Vede essa pobre mulher sofredora e sem pão; como treme em sua mansarda; o sopro com o qual ela quer aquecer dois pequenos seres que morrem de fome, é mais frio e mais glacial que o vento que se engolfa em sua miserável morada; por que, pois, tanta calma e serenidade sobre seu rosto no meio de tanta miséria? Ah! é que ela viu brilhar uma estrela ardente acima de sua cabeça; a luz celeste se espalhou em seu reduto; ela não chora mais, ela espera! Ela não maldiz

mais, não pede somente a Deus que lhe dê a coragem de suportar a prova!… E eis que as portas da mansarda se abrem e que a Caridade vem ali depositar o que a sua benfazeja mão pode distribuir!…

"Que doutrina dará mais sentimento e impulsos ao coração? O Cristianismo plantou o estandarte da igualdade sobre a Terra, o Espiritismo arvora o da fraternidade!… Eis o milagre, o mais celeste e o mais divino que se possa produzir! … Padres, cujas mãos, algumas vezes, estão enlameadas pelo sacrilégio, não peçais milagres físicos, por que então vossas frontes poderiam se quebrar sobre a pedra que pisais para subir ao altar!…

"Não, o Espiritismo não se prende aos fenômenos físicos, não se apoia sobre os milagres que falam aos olhos, mas dá a fé ao coração, e, dizei-mo, não está ainda aí o maior milagre?…"

SANTO AGOSTINHO (Méd. Sr. Vézy).

Nota. – Isto não pode, evidentemente, se aplicar senão aos padres que mancharam o santuário, como Verger e outros.

(p. 40-49).

Revista Espírita de abril 1862

Os ataques contra a ideia nova

Como vedes, começam a comentar as ideias espíritas até nos cursos de teologia, e a *Revista Católica* com a

pretensão de mostrar *ex-professo,* como dizem, que o Espiritismo atual é obra do demônio, assim como isso resulta do artigo intitulado *do Satanismo no Espiritismo moderno,* que dá a dita Revista. Ora essa! Deixai dizer, deixai fazer: o Espiritismo é como o aço, e todas as serpentes possíveis usarão seus dentes para mordê-lo. Seja como for, há aí um fato digno de nota: é que outrora desdenhava-se de se ocupar daqueles que faziam girar cadeiras e mesas, ao passo que, hoje, ocupa-se muito com esses inovadores, cujas ideias e teorias se elevaram à altura de uma doutrina. Ah! É que essa doutrina, essa revelação, ataca vivamente todas as antigas doutrinas, todas as antigas filosofias, insuficientes para satisfazerem as necessidades da razão humana. Também abades, sábios, jornalistas, descem a pena à mão na arena, para repelir a ideia nova: o progresso. Ah! que importa! Não é uma prova irrecusável da propagação de nossos ensinos? Ide! Não se discute, não se combate senão as ideias realmente sérias e bastante partilhadas para que não se possa mais tratá-las de utopias, de coisas vãs, emanadas de alguns cérebros doentes. De resto, melhor do que ninguém, sois capazes de ver aqui com que rapidez o Espiritismo se recruta cada dia, e isto até nas fileiras esclarecidas do exército, entre os oficiais de todas as armas. Não vos inquieteis, pois, com todos esses infelizes que uivam sem resultado! Porque não sabem mais onde estão: estão confundidos. Suas certezas, suas probabilidades se esvanecem à luz espírita, porque, no fundo de suas consciências, sentem que só nós estamos na verdade; digo

nós, porque hoje, Espíritos ou encarnados, não temos senão um objetivo: a destruição das ideias materialistas e a regeneração da fé em Deus, a quem todos devemos.

ERASTO *(Médium, Sr. d'Ambel).*

Perseguição

Vamos, bravos, filhos, estou feliz de vos ver reunidos, lutando com zelo e persistência. Coragem, trabalhai rudemente no campo do Senhor; porque, eu vo-lo digo, chegará um tempo em que não será mais a portas fechadas que será preciso pregar a doutrina santa do Espiritismo.

Flagelou-se *a* carne, deve-se flagelar o Espírito; ora, em verdade vos digo, quando esta coisa chegar, estareis perto de cantar, todos juntos, o cântico de ação de graças, e há de se estar perto de ouvir um único e mesmo grito de alegria sobre a Terra! Eu vo-lo digo, antes da idade de ouro e do reino do Espírito, são necessários os dilaceramentos, os ranger de dentes e as lágrimas.

As perseguições já começaram. Espíritas! sede firmes, e permanecei de pé: estais marcados pelo ungido do Senhor. Sereis tratados de insensatos, de loucos e de visionários; não se fará mais ferver o azeite, não se levantarão mais cadafalsos nem fogueiras mas o fogo de que se servirá para vos fazer renunciar às vossas crenças será mais pungente e mais vivo ainda. Espíritas! despojai-vos, pois, do homem velho, uma vez que é ao homem velho que se fará sofrer; que as vossas novas túnicas sejam brancas; cingi as vossas

frontes de coroas e preparai-vos para entrar na liça. Sereis amaldiçoados: deixai vossos irmãos vos chamar *racca,* orai por eles, ao contrário, e afastai de suas cabeças o castigo que o Cristo disse reservar àqueles que dissessem *racca* aos seus irmãos!

Preparai-vos para as perseguições pelo estudo, pela prece e pela caridade; os servidores serão expulsos de entre seus senhores e tratados de loucos! Mas, à porta da morada, reencontrarão a Samaritana e, embora pobres e privados de tudo, repartirão ainda com ela o último pedaço de pão e suas roupas. A esse espetáculo, os patrões dirão a si mesmos: Mas, quem são, pois, esses homens que expulsamos de nossas casas! Eles não têm senão um pedaço de pão para viver esta noite, e o dão; não têm senão um casaco para se cobrir, e o partilham em dois com um estranho. Será então que suas portas serão abertas de novo, porque sois vós os servidores do senhor; mas, desta vez, eles vos acolherão, vos abraçarão; vos conjurarão a bendizê-los e lhes ensinar a amar; não vos chamarão mais servidores, nem escravos, mas vos dirão: Meu irmão, vem sentar-te à minha mesa; não há mais do que uma única e mesma família sobre a Terra, como não há senão um único e mesmo pai no céu.

Ide, ide, meus irmãos, pregai e, sobretudo, sede unidos: o céu vos está preparado.

SANTO AGOSTINHO. *(Médium, Sr. E. Vézy).*

(p. 126-128).

Revista Espírita de maio 1862

Resposta de uma senhora a um eclesiástico sobre o Espiritismo

Informam-nos de Bordeaux que um eclesiástico daquela cidade, a oito de janeiro último, escreveu a carta seguinte a uma senhora de bastante idade e muito doente. Estamos formalmente autorizados a publicar esta carta, assim como a resposta que a ela foi dada:

"Senhora,

"Lamento não ter podido ontem conversar convosco, *em particular,* de certas práticas religiosas contrárias aos ensinos da santa Igreja. Falou-se muito, a esse respeito, de vossa família, mesmo a um círculo. Estaria feliz, senhora, em vos ensinar que não tendes senão que ter desprezo por essas superstições diabólicas, e que estejais sempre sinceramente ligada aos dogmas invariáveis da religião católica.

'Tenho a honra, etc.

"X..."

Resposta.

"Meu caro senhor abade,

"Estando minha mãe muito doente para responder, ela mesma, à vossa benevolente carta de 8 do corrente, apresso-me em fazê-lo por ela, e de sua parte, a fim de tranquilizar a vossa solicitude sobre os perigos que ela e sua família podem correr.

"Não se passa, em minha casa, caro senhor, nenhuma prática religiosa que possa inquietar os católicos mais fervorosos, a menos que o respeito e a prece pelos mortos, a fé na imortalidade da alma, uma confiança ilimitada no amor e na bondade de Deus, uma observância tão rígida quanto o permite a natureza humana, das santas doutrinas do Cristo, sejam *práticas* condenadas pela santa Igreja católica.

"Quanto àquilo que se possa dizer de minha família, *mesmo em um círculo,* estou tranquila: não se dirá, nem ali nem alhures, que nenhum de nós haja feito do que se envergonhar ou a esconder, e não me envergonho, nem me oculto, em admitir os desenvolvimentos e a clareza que as *manifestações espíritas* derramam para mim e para muitos outros sobre o que havia de obscuro, do ponto de vista de minha inteligência, em tudo o que parecia sair das leis da Natureza. Devo a estas *superstições diabólicas* o crer com sinceridade, com reconhecimento, em todos os milagres que a Igreja nos dá como artigos de fé, e que, até o presente, eu olhava como símbolos, ou antes, os reconhecia como fantasias. Eu lhes devo uma quietude de alma que, até então, não pudera obter, quaisquer que tivessem sido meus esforços; eu lhes devo a fé, a fé sem limites, sem reflexões, sem comentários, a fé, enfim, tal quanto a santa Igreja a recomenda a seus filhos, tal quanto o Senhor deve exigi-la de suas criaturas, tal quanto o nosso divino Salvador a pregou com a sua palavra e o seu exemplo.

Tranquilizai-vos, pois, caríssimo senhor, o bom Pastor

reuniu ao seu redor as ovelhas indiferentes que o seguiam maquinalmente por hábito e que, agora, o seguem, e o seguirão sempre, com amor e reconhecimento. O divino Mestre perdoou a São Tome por não ter acreditado senão depois que o viu; pois bem! ainda hoje faz os incrédulos tocarem seu lado e suas mãos, e é com um amor sem nome que aqueles que duvidavam se aproximam para abraçar seus pés sangrentos e agradecer a esse pai bom e misericordioso de permitir, a essas verdades imutáveis, se tornarem *palpáveis* para fortalecer os fracos e esclarecer os cegos, que se recusavam, quando mesmo, a ver a luz que brilha há tantos séculos.

"Permiti-me, agora, reabilitar uma mãe aos olhos da santa Igreja. De toda a minha família, meu marido e eu somos os únicos que temos a felicidade de seguir este caminho, onde cada um é livre para julgar do seu ponto de vista. Apresso-me, pois, em vos tranquilizar a este respeito. Quanto a mim, pessoalmente, encontro muita força e consolação na *certeza palpável* de que aqueles que havíamos amado e que choramos, estão sempre perto de nós, nos pregando o amor a Deus acima de tudo, o amor ao próximo, a caridade sob todas as suas faces, a abnegação, o esquecimento das injúrias, o bem para o mal (o que, creio, não se afasta dos dogmas da Igreja), que, o que possa acontecer neste mundo, a isso me apego pelo que *sei,* e pelo que *vi,* pedindo a Deus querer enviar as suas consolações àqueles que, como eu, não ousavam refletir nos mistérios da

religião, temerosos de que essa pobre razão humana, que não quer admitir o que ela compreende, destruísse as crenças que o hábito me davam o arde ter.

"Agradeço, pois, ao Senhor, cuja bondade e poder incontestáveis permitem aos anjos e aos santos se fazerem *visivelmente,* para salvar os homens da dúvida e da negação, o que havia permitido ao demônio fazer desde a criação do mundo. Tudo é possível a Deus, mesmo os milagres; hoje eu o reconheço com alegria e confiança.

"Aceitai, caro senhor abade, receber os meus sinceros agradecimentos pelo interesse que consentistes em nos testemunhar, e crede que faço votos ardentes para ver entrar, em todos os corações, a fé e o amor que hoje tenho a felicidade de possuir.

"Aceitai, etc.

"EMILIE COLLIGNON."

Nota. – Não dispensamos nenhum comentário a esta carta que deixamos a cada um o cuidado de apreciar. Diremos somente que conhecemos um grande número de escritos no mesmo sentido. A passagem seguinte, de um deles, pode resumi-los, senão pelos termos, ao menos pelo sentido:

"Embora nascido e batizado na religião católica, apostólica e romana, há trinta anos, quer dizer, desde a minha primeira comunhão, tinha esquecido minhas preces e o caminho da igreja; em uma palavra, nunca acreditava mais

em nada senão na realidade da vida presente. O Espiritismo, por uma graça do céu, veio enfim me abrir os olhos; hoje os fatos falaram por mim; creio não só em Deus e na alma, mas na vida futura feliz ou infeliz; creio em um Deus justo e bom, que pune os atos maus e não as crenças errôneas. Como um mudo que recobre a palavra, lembrei-me de minhas preces, e oro, não mais com os lábios e sem compreender, mas com o coração, com inteligência, fé e amor. Há pouco tempo ainda acreditava ato de fraqueza me aproximando dos sacramentos da Igreja; hoje creio fazer um ato de humildade agradável a Deus recebendo-os. Vós me repelis mesmo do tribunal da penitência; me impondes, antes de todas as coisas, uma retratação formal de minhas crenças espíritas; quereis que renuncie a conversar com o filho querido que perdi, e que veio dizer-me palavras tão doces e consoladoras; quereis que eu declare que esse filho que reconheci como se estivesse ali, vivo, diante de mim, seja o demônio! Não, uma mãe não se engana tão grosseiramente. Mas, senhor abade, são as próprias palavras desse filho que, tendo-me convencido da vida futura, me reconduzem à Igreja! Como quereis, pois, que eu creia que é o demônio? Se devesse estar ai a última palavra da Igreja, perguntar-se-ia o que advirá quando todo o mundo for espírita?

"Me haveis designado do alto do púlpito; me mostrastes com o dedo; amotinastes contra mim um populacho fanático; fizestes retirar, a uma pobre mulher, que partilha de minhas crenças, o trabalho que a faz viver,

dizendo que ela teria recursos se deixasse de me ver, esperando prendê-la pela fome; francamente, senhor abade, Jesus Cristo teria feito isto?

"Dizeis que agis segundo a vossa consciência; não temais que com isso eu faça violência, mas achais bom que eu aja segundo a minha. Não me repilais da Igreja: não tentarei nela entrar à força, porque, por toda parte, a prece é agradável a Deus. Deixai-me somente fazer a história das causas que, há muito tempo, dela me afastaram; que fizeram nascer em mim primeiro a dúvida, e da dúvida me conduziram a negar tudo. Se sou maldita a esta hora, como o pretendeis, vereis quem deve disso levar a responsabilidade.

……

Nota.– As reflexões que semelhantes coisas fazem nascer, se resumem em duas palavras: Fatal imprudência, fatal cegueira! Tivemos sob os olhos um manuscrito intitulado: *Memórias de um incrédulo; é* um curioso relato das causas que conduzem o homem às ideias materialistas, e dos meios pelos quais podem ser reconduzidos à fé. Não sabemos ainda se o autor se decidirá a publicá-lo.

(p. 148-151).

Revista Espírita de junho 1862

Eis como se escreve a história!

Os milhões do Sr. Allan Kardec.

Estamos informados que, numa grande cidade de

comércio, onde o Espiritismo conta numerosos adeptos, e onde faz o maior bem entre a classe trabalhadora, um eclesiástico se fez propagador de certos ruídos que almas caridosas se apressaram em vender pela rua e, sem dúvida, amplificar. Segundo esses ditos, somos ricos por milhões; em nossa casa tudo brilha, e não caminhamos senão sobre os mais belos tapetes de Aubusson. Conheceram-nos pobre em Lyon; hoje temos carro de luxo a quatro cavalos, e vamos a Paris num trem principesco. Toda essa fortuna nos vem da Inglaterra, depois que nos ocupamos do Espiritismo, e remuneramos largamente nossos agentes da província. Vendemos muito caro os manuscritos de nossas obras, sobre os quais temos ainda uma reposição, o que não nos impede de vendê-los a preços loucos, etc.

Eis a resposta que demos à pessoa que nos transmitiu estes detalhes:

"Meu caro senhor, ri muito dos milhões com os quais me gratifica, tão generosamente, o Sr. abade V…, tanto mais que estava longe de desconfiar dessa boa fortuna. O relatório feito à Sociedade de Paris, antes do recebimento de vossa carta, e que está publicado acima, vem infelizmente reduzir essa ilusão a uma realidade muito menos dourada. De resto, não é a única inexatidão de vossa narração fantástica; primeiro, jamais morei em Lyon, não vejo, pois, como se me conheceu ali pobre; quanto ao meu carro de luxo a quatro cavalos, lamento dizer que se reduz aos rocins de um carro de aluguel que tomo apenas cinco ou seis vezes por ano, por

economia. E verdade que antes das estradas de ferro, fiz várias viagens em diligência; sem dúvida, confundiu-se. Mas esqueço que nessa época o Espiritismo não estava em questão, e que é ao Espiritismo que devo, segundo ele, minha imensa fortuna; onde, pois, pescou tudo isso senão no arsenal da calúnia? Isto parece tanto mais verossímil, se se pensa na natureza da população no meio da qual se vendem esses ruídos. Convir-se-á que é preciso ter bem poucas boas razões para ser reduzido a tão ridículos expedientes para desacreditar o Espiritismo. O Sr. abade não vê que vai direto contra seu objetivo, porque dizer que o Espiritismo me enriqueceu a esse ponto, é confessar que ele está imensamente difundido; portanto, se está tão difundido, é que ele agrada. Assim, o que gostaria de fazer voltar contra o homem, tornar-se-ia em proveito do crédito da Doutrina. Fazei, pois, crer, segundo isso, que uma doutrina capaz de proporcionar, em alguns anos, milhões ao seu propagador, seja uma utopia, uma ideia vazia! Tal resultado seria um verdadeiro milagre, porque não tem exemplo de que uma teoria filosófica jamais haja sido uma fonte de fortuna. Geralmente, como para as invenções, nela se consome o pouco que se tem, e ver-se-ia que é um pouco o caso em que me encontro, sabendo-se tudo o que me custa a obra à qual me devotei e à qual sacrifico, além disso, o meu tempo, minhas vigílias, meu repouso e minha saúde; mas tenho por princípio guardar para mim o que faço e de não gritá-lo sobre os telhados. Para ser imparcial, o Sr. abade deveria colocar em paralelo as quantias que as comunidades e os conventos

subtraem dos fiéis; quanto ao Espiritismo, mede sua influência sobre o bem que faz, o número de aflitos que consola, e não sobre o dinheiro que produz.

Com um trem principesco, deve-se dizer que é preciso uma mesa em proporção; que diria, pois, o Sr. abade se visse o meu repasto mais suntuoso, aquele em que recebo meus amigos? Encontrá-los-ia bem magros perto do magro de certos dignatários da Igreja, que os desdenharia, provavelmente, pela sua quaresma mais austera. Eu lhe informarei, pois, – uma vez que o ignora, e a fim de lhe poupar a pena de me conduzir sobre o terreno da comparação, que o Espiritismo não é, e não pode ser, um meio de enriquecer; que repudia toda especulação de que poderia ser objeto; que ensina a fazer pouco-caso do temporal, a se contentar com o necessário e não procurar as alegrias do supérfluo que não são o caminho do céu; se todos os homens entre si fossem Espíritas, não se invejariam, não se teriam ciúmes e não se esfolariam uns aos outros; não diriam mal de seu próximo, e não o caluniariam, porque ele ensina esta máxima do Cristo: *Não façais aos outros o que não gostaríeis que vos façam.* É para pô-la em prática que não nomeio, com todas as letras, o Sr. abade V…

O Espiritismo ensina ainda que a fortuna é um depósito do qual será preciso dar conta, e que o rico será julgado segundo o emprego que tiver feito dela. Se tivesse a que me é atribuída, e se, sobretudo, eu a devesse ao Espiritismo, seria perjuro aos meus princípios, empregando-o

para a satisfação do orgulho, e para a posse dos gozos mundanos, em lugar de fazê-la servir à causa da qual abracei a defesa.

Mas, diz-se, e vossas obras? Não vendestes caro os manuscritos? Um instante; é entrar aqui no domínio privado, onde não reconheço a ninguém o direito de se imiscuir; tenho sempre honrado os meus negócios, não importa ao preço de quais sacrifícios e de quais privações; não devo nada a ninguém, ao passo que muito me devem, sem isto, teria mais do dobro do que me resta, o que faz que, em lugar de subir a escala da fortuna, eu a desço. Não devo, pois, conta dos meus negócios a quem quer que seja, o que é bom constatar; todavia, para contentar um pouco os curiosos, que não têm nada de melhor a fazer do que se misturar com aquilo que não lhes diz respeito, direi que, se tivesse vendido meus manuscritos, não teria feito senão usar do direito que todo trabalhador tem de vender o produto de seu trabalho; mas não vendi nenhum deles; ocorre que dei, pura e simplesmente, no interesse da coisa, e que se vende como se quer sem que disso me retorne uma moeda. Os manuscritos se vendem caros quando são obras conhecidas, cujo sucesso é assegurado de antemão, mas em nenhuma parte encontra-se editores bastante complacentes para pagar, a preço de ouro, obras cujo produto é hipotético, então quando não querem mesmo correr a chance dos fracassos de impressão; ora, sob este aspecto, uma obra filosófica tem cem vezes menos valor do que certos romances unidos a certos nomes.

Para dar uma ideia dos meus enormes benefícios, direi que a primeira edição de *O Livro dos Espíritos,* que empreendi por minha conta e por meus riscos e perigos, não tendo encontrado editor que haja querido dela se encarregar, me trouxe líquido, todas as despesas feitas, todos os exemplares esgotados, tanto vendidos quanto dados, em torno de quinhentos francos, assim como posso isso justificar por peças autênticas não sei mais qual gênero de carro de luxo poder-se-ia conseguir com isto. Na impossibilidade em que me encontrei, não tendo ainda os milhões em questão, de fazer por mim mesmo as despesas de todas as minhas publicações, e sobretudo de me ocupar das relações necessárias para a venda, cedi, por um tempo, o direito de publicar, mediante um direito de autor calculado a tanto de *centavos* por exemplar vendido; de tal sorte que sou totalmente estranho ao detalhe da venda, e aos negócios que os intermediários possam fazer, sobre as remessas feitas pelos editores aos seus correspondentes, comercializações das quais declino a responsabilidade, estando obrigado, ao que me concerne, de ter conta aos editores, a um preço de……, de todos os exemplares que recebo deles, que os venda, que os dê ou que sejam sem valores.

Quanto ao produto que possa me reverter sobre a venda de minhas obras, não tenho a me explicar nem sobre a quantia, nem sobre o emprego; tenho certamente bem o direito de dele dispor como melhor me pareça; no entanto, não se sabe se esse produto não tem uma destinação

determinada, da qual não pode ser desviada; mas é o que se saberá mais tarde; porque, se fantasiasse, um dia, a alguém escrever minha história sobre dados semelhantes àqueles que são relatados acima, importaria que os fatos fossem restabelecidos em sua integridade. É por isso que deixarei memórias circunstanciadas sobre todas minhas relações e todos meus negócios, sobretudo no que concerne ao Espiritismo, a fim de poupar, aos cronistas futuros os erros nos quais podem cair sobre a fé do ouvir-dizer dos estouvados, das más-línguas, e das pessoas interessadas em alterar a verdade, às quais deixo o prazer de deblaterar à sua vontade, a fim de que, mais tarde, sua má fé seja mais evidente.

Com isso me importaria muito pouco, por mim pessoalmente, se meu nome não se achasse doravante intimamente ligado à história do Espiritismo. Por minhas relações, naturalmente, possuo sobre esse assunto os documentos mais numerosos e mais autênticos que existem; pude seguir a Doutrina em todos os seus desenvolvimentos, em observar todas as peripécias como disso previ as consequências. Para todo homem que estuda esse movimento, é da última evidência que o Espiritismo marcará uma das fases da Humanidade; é, pois, necessário que se saiba, mais tarde, que vicissitudes teve que atravessar, que obstáculos encontrou, que inimigos procuraram entravá-lo, de que armas se serviram para combatê-lo; não é menos que se saiba por quais meios pôde triunfar, e quais são as pessoas

que, pelo seu zelo, seu devotamento, sua abnegação, terão concorrido eficazmente para a sua propagação; aqueles cujos nomes e os atos merecerão ser apontados para o reconhecimento da posteridade, e que me faço um dever de inscrever em meus livros de lembrança. Esta história, compreende-se, não pode ainda aparecer, tão cedo; o Espiritismo acaba apenas de nascer, e *as* fases mais interessantes de seu estabelecimento não estão ainda cumpridas. Poder-se-ia, aliás, que, entre os Saul do Espiritismo de hoje, terá mais tarde os São Paulo; esperemos que não teremos que registrar os Judas.

Tais são, meu caro senhor, as reflexões que me sugeriram os ruídos estranhos que me retornaram; se os relevei, não foi pelos Espíritas de vossa cidade, que sabem o que podem tomar sobre minha conta e que puderam julgar, quando fui vê-los, se houvesse em mim os gostos e as maneiras de um grande senhor. Eu o faço, pois, por aqueles que não me conhecem e que poderiam ser induzidos em erro por essa maneira mais que leviana de fazer a história. Se o Sr. abade V… prende-se a não dizer senão a verdade, estou pronto para lhe fornecer verbalmente todas as explicações necessárias para esclarecê-lo.

Inteiramente vosso.

A. K.

(p. 179-183).

Revista Espírita de agosto 1862

Conferências do Sr. Trousseau, Professor da Faculdade de Medicina

Feitas na associação politécnica para o ensino dos operários, a 18 e 25 de maio de 1862 (broch. in-8º).

Se se usaram inutilmente os chifres do diabo para transtornar o Espiritismo, eis o reforço que chega aos adversários: é o Sr. doutor Trousseau que vem dar o golpe de misericórdia aos Espíritos. Infelizmente, se o Sr. Trousseau não crê nos Espíritos, ele não crê quase nada mais no diabo; pouco importa o auxiliar, contanto que bata o inimigo. Esse novo campeão, sem dúvida, vai dizer a esse respeito a última palavra da ciência; é o menos que se pode esperar de um homem colocado tão alto pelo seu saber. Atacando as ideias novas, não quererá deixar um argumento sem réplica; não quererá que se o possa acusar de falar de uma coisa que não conhece; sem dúvida, vai tomar um a um todos os fenômenos, escrutá-los, analisá-los, comentá-los, explicá-los, demoli-los, demonstrando por *a* mais *b* que são ilusões. Ah! Espíritas, tenhamos firmeza! Se o Sr. Trousseau não fosse um sábio, ou não fosse senão um meio-sábio, poderia bem esquecer de alguma coisa; mas um sábio inteiro não quereria deixar a tarefa pela metade; um general hábil quererá a vitória completa. Escutemos e tremamos!

Depois de uma tirada sobre as pessoas que se deixam prender pela isca dos anúncios, assim se exprime:

"É que, verdadeiramente, as pessoas capazes de julgar, no que quer que seja, não são as mais numerosas. O

Sr. de Sartines queria enviar ao Fort-l'Évêque um charlatão que vendia drogas na Pont-Neuf e fazia belos negócios. Fê-lo vir e lhe disse: "Maraud, como fazes para atrair tantas pessoas e ganhar tanto dinheiro?" O homem respondeu: "Monsenhor, quantas pessoas credes que passam sobre a Pont-Neuf cada dia? – Não sei. -Vou dizer-vos: em torno de dez mil. Quanto pensais que haja pessoas de espírito neste número? – Oh! oh! Cem talvez, disse o Sr. de Sartines. – É muito, mas eu vo-las deixo, e tomo as nove mil e novecentas outras para mim."

"O charlatão era muito modesto, e o Sr. de Sartines muito severo para a população parisiense. Infalivelmente, mais de cem pessoas inteligentes atravessam *a* Pont-Neuf, e os mais inteligentes talvez se detivessem diante dos cavaletes dos vendedores de drogas com tanta confiança quanto a multidão; porque, senhores, direi que as classes elevadas sofrem a influência do charlatanismo.

"Entre as nossas sociedades sábias, citarei o Instituto; citarei a sessão da Academia das ciências que encerra, seguramente, a elite dos sábios de nosso país; destes sábios, se encontram bem vinte deles que se dirigem aos charlatães."

Prova evidente da grande confiança que eles têm no saber de seus confrades, uma vez que lhes preferem os charlatães.

"São pessoas de grande mérito, é verdade; somente, de que são matemáticos, químicos ou naturalistas eminentes,

disso concluem que são muito grandes médicos, e então se creem perfeitamente capazes de julgar as coisas que ignoram completamente.”

Se isso prova em favor de sua ciência, isso não prova quase nada em favor de sua modéstia e de seu julgamento. Lançaram-se muitas tiradas satíricas contra os sábios do Instituto; delas não conhecemos outra mais cáustica. É, pois, provável que o professor, juntando o exemplo ao preceito, não falará senão do que sabe.

“Entre nós, algumas vezes temos esta modéstia que, quando não somos senão médicos, se nos propõem grandes teoremas de matemática ou de mecânica, confessamos que não sabemos nada, declinamos da nossa competência; mas os verdadeiros sábios jamais declinam de sua competência em nada, sobretudo no que respeita à medicina.”

Uma vez que os médicos declinam de sua competência sobre o que não sabem, isto nos é uma garantia de que o Sr. Trousseau não tratará, sobretudo numa lição pública, as questões que se ligam à psicologia, sem ser profundamente versado sobre essas matérias. Esses conhecimentos lhe fornecerão, sem dúvida, argumentos irresistíveis para apoiar seu julgamento.

"Os empíricos, coisa triste a dizer, têm sempre muito acesso junto a pessoas de espírito. Tive a extrema honra de ser amigo íntimo do ilustre Béranger.

"Em 1848, tinha ele uma pequena oftalmia para a qual

o Sr. Bretonneau lhe aconselhou um colírio. Essa oftalmia sarou; mas, como Béranger lia e trabalhava muito, como era um pouco herpético, a oftalmia retornou; estão dirigiu-se a um padre polonês que curava as enfermidades dos olhos com um remédio secreto. Nessa época, eu era presidente, na Faculdade, do júri encarregado dos exames dos oficiais de saúde. Como o padre polonês tinha contas a ajustar com a polícia, porque tinha estourado alguns olhos, quis *se* pôr em ordem. Com esse objetivo, foi procurar Béranger e lhe pediu se, com sua influência, poderia se fazer receber como oficial de saúde, a fim de estar em condições de tratar os olhos e tirar os olhos das pessoas à sua vontade."

Uma vez que Béranger havia sido curado pelo Sr. Bretonneau, por que se dirigia a outro? É muito natural ter mais confiança naquele que nos curou, que tem a experiência do nosso temperamento, do que num estranho.

O diploma, com efeito, é um salvo-conduto que não permite somente aos oficiais de saúde vazar os olhos das pessoas, mas aos doutores de matá-las sem remorso e sem responsabilidade. Sem dúvida, é porque seus sábios confrades, assim como o confessou o Sr. Trousseau, são tão levados a se dirigirem aos empíricos e aos charlatães.

"Béranger veio me encontrar e me disse: "Meu amigo, prestai-me um grande serviço; tratai de fazer receber esse pobre-diabo; ele não se ocupa senão dos doentes dos olhos, e embora os exames dos oficiais de saúde compreendam todos os ramos da arte de curar, tende indulgência, mansuetude; é

um refugiado, e depois ele me curou: é a melhor das razões." Eu lhe respondi: “Enviai-me vosso homem”. O padre polonês veio a mim. "Foste-me recomendado, disse-lhe, por um homem a quem sou singularmente obrigado; é o mais querido de meus amigos; além disso, é Béranger, o que vale ainda mais. Dois dos meus colegas, de quem falei, e eu, somos três determinados a fazer o que for possível; somente os exames são públicos, talvez seja bom esconder um pouco as orelhas, é o menos." Eu acrescentei: “Vejamos, serei conciliador; tomarei o exame de anatomia, e não vos será difícil saber a anatomia tão bem quanto eu: eu vos interrogarei sobre o olho.”

Nosso homem pareceu desconcertado. Eu continuei: "Sabeis o que é olho? – Muito bem. – Sabeis que tem uma pálpebra? – Sim. – Tendes a ideia do que é uma córnea?…" Ele hesitou. A pupila ocular? – Ah! senhor, a pupila ocular, conheço bem isto. – Sabeis o que é o cristalino, o humor vítreo, a retina? – Não, senhor; de que isso me serviria? Não me ocupo senão dos doentes dos olhos?" Eu lhe disse: "Isto serve para alguma coisa, eu vos asseguro que será quase necessário vos convencer de que há um cristalino, sobretudo se quereis, como o fazeis algumas vezes, ao que parece, operar cataratas. – Não as opero mais. – Mas se a fantasia vos levar a extrair uma…" Não pude sair disso. Esse infeliz queria exercer a arte de oculista, sem ter a menor noção da anatomia do olho."

Com efeito, é difícil se mostrar menos exigente para dar a

esse infeliz o direito de vazar os olhos das pessoas igualmente. Entretanto, parece que ele não fazia operação – é verdade que a fantasia teria podido nisso tomá-lo – e que era, muito simplesmente possuidor de um remédio para curar as oftalmias e cuja aplicação, muito empírica, não requeria conhecimentos especiais, porque não está aí o que se chama praticar a arte do oculista. Na nossa opinião, era mais importante assegurar-se se o remédio não tinha nada de ofensivo; ele havia curado Béranger, era uma presunção favorável, e no interesse da Humanidade poderia ser útil permitir-lhe o uso. Esse homem teria podido ter os conhecimentos anatômicos exigidos e obter seu diploma, o que não teria tornado o remédio bom se fora mau; e, no entanto, graças a esse diploma esse homem teria podido vendê-lo com toda segurança, por perigoso que fosse. Jesus Cristo curava os cegos, os surdos, os mudos e os paralíticos, provavelmente, não sabia mais do que ele de fato de anatomia; se o Sr. Trousseau, incontestavelmente, lhe teria recusado o direito de fazer milagres, quantas multas pagaria em nossos dias se não pudesse curar sem diploma!

Tudo isto não tem quase nada de relação com os Espíritos, mas são as premissas do argumento sob o qual vai esmagar seus partidários.

"Irei procurar Béranger e lhe contar a coisa. Béranger exclamará: "Mas este pobre homem!…"

É provável que dissesse a si mesmo: *E todavia me* curou! – Longe de nós fazer a apologia dos charlatães e dos vendedores de drogas; queremos somente dizer que pode haver remédios eficazes fora das fórmulas do Codex; que os selvagens, que têm seus segredos infalíveis contra a mordida das serpentes, não conhecem a teoria da circulação do sangue nem a diferença do sangue venoso

nem do sangue arterial. Gostaríamos de saber se o Sr. Trousseau, mordido por uma cascavel ou um trigonocéfalo, recusaria seus recursos porque não têm diploma.

Num próximo artigo falaremos especialmente das diferentes categorias de médiuns curadores, que parecem se multiplicar há algum tempo.

"Eu lhe disse: "Meu caro Béranger, sou vosso médico há oito anos; vou pedir-vos honorários hoje. – E que honorários? – Ireis me fazer uma canção que me dedicareis, mas sou eu que dou o refrão. – Sim!… e esse refrão? – *Ah! como as pessoas de espírito são estúpidas!'* -Foi um negócio combinado doravante entre nós. Ele não me falará de seu padre polonês. Não é triste ver um homem como Béranger, a quem conto tais coisas, não compreender que seu protegido poderia fazer muito mal, e era absolutamente incapaz de fazer o que fosse útil para as doenças mais simples dos olhos."

Parece que Béranger não estava convencido da infalibilidade dos doutores diplomados, e podia tomar a sua parte do refrão:

Ah! como as pessoas de espírito são estúpidas!

"Vede-o, Senhores, que as pessoas inteligentes são os primeiros a se deixar prender. Lembrai-vos do que se passou no fim do último século. – Um empírico alemão emprega a eletricidade, mal conhecida ainda nessa época. Submete à ação do fluido algumas mulheres vaporosas; produziram-se

pequenos acidentes nervosos, que ele atribui a um fluido emanado dele; estabelece uma teoria esquisita que se chamou nessa época de *mesmerismo.* Veio a Paris; estabeleceu-se na praça Vendôme, no centro de Paris, e ali as pessoas mais ricas, as pessoas da mais alta aristocracia da capital vêm se alinhar em torno de *Mesmer.* Não saberia vos dizer quantas curas foram atribuídas a Mesmer, que foi, aliás, o inventor ou o importador, entre nós, dessa maravilha que se chama sonambulismo, quer dizer, de uma das *mais vergonhosas chagas do empirismo.*

"Que vos direi, com efeito, do sonambulismo? Das moças histéricas, o mais frequentemente perdidas, apoiada em algum charlatão famélico, e ei-los simulando o êxtase, a catalepsia, ou o sono, e vendendo, com a segurança mais cômica, mais inepta que disso se poderia imaginar, inépcias bem pagas, inépcias bem-aceitas, acreditadas com uma fé mais robusta do que os conselhos do nobre mais esclarecido."

De que serve ser inteligente, uma vez que aqueles que o são se deixam prender primeiro? O que é preciso para não se deixar prender? Ser sábio? – Não. – Ser membro do Instituto? – Não, uma vez que bom número deles têm a fraqueza de preferir os charlatães aos seus confrades; é o Sr. Trousseau que nos ensina. – Ser médico? – Não mais, porque bom número também dão no absurdo do magnetismo. – Que é preciso, pois, para ter o senso comum? – Ser o Sr. Trousseau.

O Sr. Trousseau, sem dúvida, é livre para dizer a sua opinião, de crer ou de não crer no sonambulismo; mas não é para ultrapassar os limites das conveniências ao tratar todos os

sonâmbulos de *moças perdidas, apoiadas em charlatães?* Que há abuso, nisso como em todas as coisas, é inevitável, e a própria medicina oficial dele não está isenta; sem dúvida, há simulacro de sonambulismo, mas porque há falsos devotos, é para se dizer que não haja verdadeira devoção? O Sr. Trousseau ignora que, entre os sonâmbulos de profissão, há mulheres casadas muito respeitáveis; que o número daqueles que não se põem em evidência é muito maior; que há famílias as mais honradas e as mais alto colocadas; que numerosos médicos, bem e devidamente diplomados, de um saber incontestável, se fazem hoje os combatentes confessos do magnetismo, que empregam com sucesso numa multidão de casos rebeldes à medicina comum. Não procuraremos fazer o Sr. Trousseau reverter em sua opinião provando-lhe a existência do magnetismo e do sonambulismo, porque é provável que seria trabalho perdido; isto sairia, aliás, de nosso quadro; mas diremos que se a zombaria e o sarcasmo são armas pouco dignas da ciência, e mais indigna ainda de arrastar na lama uma ciência hoje espalhada no mundo inteiro, reconhecida e praticada pelos homens mais honrados, e de lançar, àqueles que a professam, o insulto mais grosseiro que se possa encontrar no vocabulário da injúria. Não se pode senão lamentar de ouvir expressões de uma trivialidade e feitas para inspirar a mágoa, descer da cadeira docente.

Vós vos admirais de que inépcias, como vos agrada chamá-las, sejam cridas com uma fé muito mais robusta do que os conselhos do nobre mais esclarecido; a razão disso está na inumerável quantidade de erros cometidos pelos nobres mais esclarecidos, e dos quais não citaremos senão dois exemplos.

Uma senhora de nosso conhecimento tinha um filho de quatro a cinco anos, com um tumor no joelho, em consequência de uma queda. O mal tornou-se de tal modo grave que ela acreditou

dever consultar uma celebridade médica, que declarou a amputação indispensável para a vida do filho. A mãe era sonâmbula; não podendo se decidir por essa operação, cujo sucesso era duvidoso, ela empreendeu dele cuidar ela mesma. Ao cabo de um mês a cura era completa. Um ano depois ela foi, com seu filho gordo e bem posto, ver o médico e lhe disse: "Eis a criança que, segundo vós, deveria morrer se não se lhe cortasse a perna. –Que quereis, disse ele, a Natureza tem recursos imprevistos!"

Um outro fato nos é pessoal. Há uma dezena de anos, tornei-me quase cego, ao ponto de não poder nem ler nem escrever, e de não reconhecer uma pessoa a quem dava a mão. Consultei as notabilidades da ciência, entre outros o doutor L..., professor de clínica para as doenças dos olhos; depois de um exame muito atento e muito consciencioso, declarou que eu estava afetado de amantose e que não havia senão que resignar-me. Fui ver uma sonâmbula que me disse que aquilo não era uma amantose, mas uma apoplexia sobre os olhos, que poderia degenerar em amantose se não se cuidasse dela convenientemente; ela declarou assegurar a cura. Em quinze dias, disse ela, sentireis uma ligeira melhora; em um mês começareis a ver, e em dois ou três meses não se manifestará mais. Tudo se passou como ela previra, e hoje minha visão está completamente restabelecida.

O Sr. Trousseau prossegue:

"Em nossos dias ainda, vistes um Americano que evoca os Espíritos, fez Sócrates falar, Voltaire, Rousseau, Jesus Cristo, quem se queira! Fê-los falar, em que lugares? Nas pocilgas de alguns bêbados?"

A escolha das expressões do professor é verdadeiramente notável.

"Não, fá-los falar nos palácios, no senado, nos salões mais aristocráticos de Paris. E há pessoas honestas que dizem: "Mas eu vi; recebi uma bofetada de uma mão invisível; a mesa subiu ao teto!" Vo-lo dizem e o repetem. E os Espíritos batedores ficaram durante sete ou oito meses em possessão de admirar os homens, de espantar as mulheres, de lhes dar ataques de nervos. Essa estupidez, que não tem nome, essa estupidez que o homem mais grosseiro teria vergonha de aceitar, foi aceita por pessoas esclarecidas, mas, mais ainda talvez pelas classes elevadas da sociedade de Paris."

O Sr. Trousseau teria podido acrescentar: e do mundo inteiro. Parece ignorar que essa estupidez sem nome que não durou sete ou oito meses, mas dura sempre e se propaga por toda a parte cada vez mais; que a evocação dos Espíritos não é o privilégio de um Americano, mas de milhares de pessoas de todos os sexos, de toda idade e de todos os países. Até o presente, em boa lógica, se havia considerado a adesão das massas e das pessoas esclarecidas sobretudo, como tendo um certo valor; parece que isso não é nada, e que a única opinião sensata é a do Sr. Trousseau e daqueles que pensam como ele. Quanto aos outros, qualquer que seja a sua classe, sua posição social, sua instrução, que morem num palácio ou exerçam funções nos primeiros corpos do Estado, estão abaixo do homem mais grosseiro, uma vez que *o homem mais grosseiro teria vergonha de aceitar suas ideias.* Quando uma opinião é tão difundida quanto a do Espiritismo, quando

em lugar de decrescer progride com uma rapidez que chega ao prodígio, quando ela é aceita pela elite da sociedade, se ela é falsa e perigosa, é preciso lhe opor um dique, é preciso combatê-la com provas contrárias; ora, parece que o Sr. Trousseau não tem outras a lhe opor do que este argumento:

Ah! como as pessoas de espírito são estúpidas!

(p. 225-231).

Carta do Sr. Jean Reynaud ao *Journal Des Débats*

A carta seguinte foi publicada no *Débats* de 6 de julho de 1862.

"Ao Sr. Diretor-geral.

"Neuilly, 2 de julho de 1862.

"Senhor,

"Permiti-me responder a duas acusações consideráveis feitas contra mim em vosso jornal de hoje, pelo Sr. Franck, que me considerou como fomentador do panteísmo e da metempsicose. Não somente repilo esses erros do fundo de minha alma, mas as pessoas que consentiram ler meu livro *Terre et Ciel* puderam ver que elas são abertamente contrárias a todos os sentimentos que ali são expressados.

Quanto ao panteísmo, limito-me a dizer que o princípio da personalidade de Deus é o ponto de partida de todas as minhas ideias e que, sem me inquietar do que pensam os Judeus, penso com os Cristãos que o dogma da trindade resume toda a teologia a esse respeito. Assim, à página 226 do livro em questão, anuncio que a criação procede

inteiramente da trindade; melhor ainda, cito textualmente, sobre essa tese, Santo Agostinho, sob cuja autoridade declaro me alinhar, e acrescento: “Se, afastando-me da idade média no que respeita à antiguidade do mundo, corri o menor risco de escorregar no abismo daqueles que confundem Deus e o Universo num caráter comum de eternidade, me deteria; mas posso ter a menor inquietude a esse respeito?”

"Quanto à segunda acusação, sem me inquietar mais em saber se penso ou não penso como o Sr. Salvador, direi simplesmente que se se entende por metempsicose, segundo o sentido vulgar, a doutrina que quer que o homem esteja exposto a passar, depois de sua morte, no corpo dos animais, repilo essa doutrina, filha do panteísmo, do mesmo modo que o próprio panteísmo. Creio o nosso destino futuro essencialmente fundado sobre a permanência de nossa personalidade. O sentimento dessa permanência pode se eclipsar momentaneamente, mas jamais se perde, e a sua posse plena é o primeiro caráter da vida feliz à qual todos os homens, no curso mais ou menos prolongado de suas provas, são continuamente chamados. Da personalidade de Deus, com efeito, segue-se muito naturalmente a do homem. “Como Deus, está dito à página 258, do livro posto em causa, não teria criado à sua imagem o que lhe fora dado criar na plenitude de seu amor?” E, sobre este ponto, ainda me refiro a Santo Agostinho, de quem cito textualmente as belas palavras: “Portanto, desde que fomos criados à imagem de nosso criador, contemplemos em nós essa imagem, e, como o

filho desviado do Evangelho, retornemos a ele depois de estarmos dele afastados pelos nossos pecados.”

"Se o livro *Terre et Ciel se* afasta das opiniões reconhecidas pela Igreja, não é, pois, sobre essas teses substanciais, como tenderia a fazê-lo crer o Sr. Franck, mas somente, se assim posso falar, sobre uma questão de tempo. Ele ensinou que a duração da criação é igual à sua extensão, de sorte que a imensidade reina igualmente nos dois sentidos; e ensinou também que a nossa vida atual, em lugar de representar a totalidade das provas pelas quais nos tornamos capazes de participar da plenitude da vida feliz, não é senão um dos fins de uma série, mais ou menos longa, de existências análogas. Eis, senhor, o que pôde dar a mudança ao Sr. Franck, cuja crítica me pareceu tanto mais terrível quanto a perfeita lealdade de seu caráter é conhecida por todo mundo.

"Queirais aceitar, etc.

"Jean Reynaud”

Vê-se que não fomos o único nem o primeiro a proclamar a doutrina da pluralidade das existências, dita de outro modo, da reencarnação. A obra *Terre et Ciei,* do Sr. Jean Reynaud, apareceu antes de *O Livro dos Espíritos.* Pode-se ver o mesmo princípio exposto em termos explícitos num encantador livrinho do Sr. Louis Jourdan, intitulado: *Les Prières de Ludovic,* e cuja primeira edição foi publicada em 1849, pela Librairie-Nouvelle, bulevar dos Italianos. É que a

ideia da reencarnação não é nova; ela é tão velha quanto o mundo, e é encontrada em muitos autores antigos e modernos. Àqueles que objetam que essa doutrina é contrária aos dogmas da Igreja, respondemos que: de duas coisas uma, ou a reencarnação existe, ou ela não existe; não há alternativa; se ela existe, é que é uma lei da Natureza; ora, se um dogma é contrário a uma lei da Natureza, trata-se de saber quem tem razão, o dogma ou a lei. Quando a Igreja anatematizou, excomungou como culpados de heresia aqueles que acreditavam no movimento da Terra, isso não impediu a Terra de girar, e todo o mundo de nisso crer hoje. Ocorrerá o mesmo com a encarnação. Isso não é uma questão de opinião, mas uma questão de fato; se o fato existe, tudo o que se poderá dizer ou fazer não impedirá de existir, e, cedo ou tarde, os mais recalcitrantes deverão aceitá-lo; Deus não consulta suas conveniências para regular a ordem das coisas, e o futuro não tardará a provar quem tem erro ou razão.

(p. 239-241).

Carta ao *Jornal de Saint-Jean-D'Angely*

Encontramos a carta seguinte no Journal de *Saint-Jean-d'Angely*, de 15 de junho de 1862:

"Ao Sr. Pierre de L…, redator acidental do jornal LE MELLOIS.

"Numa carta endereçada ao *Mellois,* a 8 de junho último, fazeis um desafio ao que chamais a pequena Igreja de

Saint-Jean-d'Angely. Ofendido por ser repelido pelo Sr. Borreau, com o fim de não receber, vós vos voltastes para seu colega em Espiritismo para interrogá-lo. Sem ser o médium notável que designais sob uma transparente inicial, permitir-me-ia submeter-vos algumas observações.

"Qual pôde ser vosso objetivo pondo, primeiro ao Sr. Borreau, em seguida aos Espíritas de Saint-Jean-d'Angely, o desafio de evocar a alma de Jacques Bujault? Era um gracejo para pôr fim à guerra civil e intestina que parecia dever ensanguentar os férteis campos do Poitou? Se assim for, compreendeis, penso, que a dignidade das pessoas sérias e conscienciosas, que creem firmemente nas teorias estabelecidas sobre os fenômenos dos quais reconhecem a certeza, lhes impõe não se associar às brincadeiras. Certamente lhes é permitido, e aos céticos também, rirem dessas teorias; ri-se de tudo na França, vós o sabeis, senhor. No entanto, por bom que fosse o vosso gracejo, ele não é novo, e, entre outros, certo cronista do jornal ao qual dirijo a presente, não deixou de servir-se deles em seu início.

"Se colocastes esta questão seriamente, não me permitistes vos dizer, para tomar um meio bom, a fim de chegar ao vosso objetivo. Não seriam as zombarias contidas em vosso primeiro artigo que poderiam persuadir o Sr. Borreau de vossa sinceridade. Era-lhe perfeitamente permitido duvidar e não vos dar a oportunidade de uma pendência ao esboço espiritual da evocação do prior que sabeis. Igualmente não são as vossas notas satíricas sobre a

completa inutilidade do Espiritismo, e sobre as dissidências que dividem os seus adeptos, que podem convencer o Sr. C… da completa boa fé com a qual reclamais suas luzes. Se, pois, é verdadeiramente vossa intenção resolver esse problema, eis o meio mais curto e, ao mesmo tempo, penso, o mais conveniente. Vinde ao cenáculo, e ali, despojando-se de toda ideia preconcebida, fazendo tabula rasa da prevenção anterior, examinai friamente os fenômenos que se operarão diante de vós, e submetei-o ao critério da certeza. Que, se uma vez, duas vezes, temais ser alvo das alucinações, reiterai vossas experiências. O Espiritismo vos dirá, como o Cristo a Tomé:

Vide pedes, vide manus,

Noli esse incredulus.

"Se essas experiências levam sempre ao mesmo resultado, segundo todas as regras da lógica, devereis ter confiança no testemunho de vossos sentidos, a menos que, o que estou longe de supor, com isso estejais reduzido ao pirronismo.

"Se, ao contrário, como o supus mais acima, vossos artigos não são senão um jogo para alegrar o combate pointevino suscitado pelo voto desastroso da Société d'Agriculture de Niort, continuai vossas agradáveis zombarias, brilhantes assaltos que admiramos, nós, espectadores desinteressados. Somente permitais aos Espíritas de guardarem sua fé. A zombaria, com efeito, não tem sempre

razão; o aforismo: *o ridículo mata* não é de uma justeza chocante, e poder-se-ia dizer a essa arma tão cruel, entre nós sobretudo, o que se disse a um personagem da comédia:

"Todos aqueles que matais passam bem."

"Riu-se de todas as grandes coisas, foram tratadas de loucura, o que não impediu que se realizassem. Riu-se da existência de um outro mundo, e a América foi descoberta; riu-se do vapor, e estamos no século das estradas de ferro; riu-se dos piróscafos de Fulton, seu inventor, e agora eles cobrem nossos mares e nossos rios; riu-se, inclinai-vos, senhor, riu-se do Cristo, e sua sublime loucura, a loucura da cruz conquistou e subjugou o universo. Portanto, se neste momento o Espiritismo se expõe aos epigramas dos filhos de Voltaire, ele toma seu partido e continua sua rota; o futuro o julgará. Se este sistema está baseado sobre a verdade, nem zombarias, nem paixões prevalecerão contra ele; se não for senão um erro, erro bem generoso, confessai-o, em nosso século de materialismo, irá juntar-se ao nada de mil e uma aberrações do espírito que, sob nomes diversos e esquisitos, desencaminharam a Humanidade.

"Recebei, senhor, a expressão de meus cumprimentos atenciosos.

"UM ADEPTO"

Nota, – Não é a primeira vez que adeptos levantam a luva lançada ao Espiritismo pelos zombadores, e mais de um, entre estes últimos, puderam se convencer de que tinham pela frente adversários mais fortes e mais numerosos do que acreditavam,

também muitos compreendem agora que é mais prudente, a eles, se calarem. E depois, é preciso dizê-lo, as ideias espíritas penetraram até no próprio campo do adversário, onde se começa a sentir transbordar, e então espera-me. Hoje não se professa mais o Espiritismo em segredo; diz-se abertamente Espírita, como se diria Francês ou Inglês, católico, judeu ou protestante, partidário de tal ou tal filosofia; todo medo pueril foi banido. Que todos os Espíritas, pois, tenham a coragem de sua opinião, é o meio de fechar a boca aos detratores, e de lhes dar a refletir.

O Espiritismo cresce incessantemente como a onda que sobe e que circunscreve a ilhota, muito extensa primeiro, e alguns dias mais tarde reduzida a um ponto. Que farão os negadores que se virem sobre essa ilhota que encerra, cada dia mais e mais, o oceano das ideias novas? Vemos subir a onda que nos leva; eis porque não nos inquietamos; mas um dia, aqueles que estarão sobre a onda, temerosos de seu isolamento, nos estenderão os braços, e nos chamarão em seu socorro.

(p. 246-248).

Revista Espírita de setembro 1862

Carta a um pregador, pelo Sr. Dombre

O P. F…, dominicano, tendo pregado em Marmande, durante o mês de maio último, acreditou dever, num de seus últimos sermões, lançar algumas pedras contra o Espiritismo. O Sr. Dombre teria desejado uma discussão mais aprofundada sobre esse assunto, e que o Sr. abade F…, em lugar de se encerrar nos ataques banais, abordasse resolutamente certas questões de detalhe; mas, temendo que

seu nome não tivesse bastante peso para decidir-lhe o assunto, escreveu-lhe a carta seguinte, sob o pseudônimo de *Um católico:*

"Senhor pregador,

"Sigo com assiduidade as vossas instruções dogmáticas de cada noite. Por uma fatalidade que deploro, cheguei um pouco mais tarde, que de costume, sexta-feira, e soube, na saída da igreja, que havíeis começado, em forma de escaramuça, um ataque contra o Espiritismo; disso me regozijo em nome dos católicos fervorosos. Se estou bem informado, eis as questões que teríeis abordado: 1º O Espiritismo é uma religião nova do século dezenove. 2º Há, incontestavelmente, comunicação com os Espíritos. 3º As comunicações com os Espíritos, se bem constatadas, se bem reconhecidas, vós vos encarregastes de provar, depois de longos e sérios estudos que fizestes sobre o Espiritismo, que os Espíritos que se comunicam não são outros senão o demônio. 4º Enfim, seria perigoso, do ponto de vista da salvação da alma, ocupar-se do Espiritismo antes que a Igreja não tenha se pronunciado a esse respeito. Gosto muito deste quarto artigo, mas se se reconhece de antemão que é o demônio, a Igreja nada mais tem a fazer ([12]).

[12] Se a igreja não se pronunciou ainda, a questão do demônio não é, pois, senão uma opinião individual que não tem sanção legal; e isso é tão verdadeiro que nem todos os eclesiásticos a partilham, e conhecemos muitos deles nesse caso. Até mais amplas informações, a dúvida é permitida, e pode-se ver, desde o presente, que essa doutrina do demônio tem pouco império sobre as massas. Se jamais a Igreja a proclamasse oficialmente, seria de temer que não adviesse desse julgamento o que adveio da declaração de heresia e da condenação pronunciada outrora contra o movimento da Terra; o que adveio, em nossos dias dos anátemas lançados

"Eis quatro questões importantes que desejo ver resolvidas para confundir num mesmo golpe os *Espíritas* e os *católicos de nome,* que não creem nem no demônio nem nas penas eternas, todos eles admitindo um Deus e a imortalidade da alma, e os *materialistas* que não creem em nada.

A essa primeira questão: *O Espiritismo é uma religião,* os Espíritas dizem: Não, o Espiritismo não é uma religião, não pretende ser uma religião. O Espiritismo está fundado sobre a existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram sobre a Terra ou em outros globos. Esses seres, que nos rodeiam sem cessar, exercem sobre os homens, com o seu desconhecimento, uma grande influência; desempenham um papel muito ativo no mundo moral e, até um certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo está na Natureza, e pode-se se dizer que, numa certa ordem de coisas, é uma força como a eletricidade o é em um outro ponto de vista, como a gravidade o é num outro. O Espiritismo nos descortina o mundo invisível; não é

contra a ciência a propósito dos seis períodos da criação. Cremos que o clero faria sabiamente e prudentemente em não se apressar muito em resolver um dilema, afirmando uma coisa que até o presente provoca mais incredulidade e mais risos do que medo, e a qual podemos certificar que muitos dos padres não creem mais que nós, porque ela é ilógica. Expor-se a receber um desmentido do futuro e a se ver forçado a reconhecer que se está errado, é prejudicar a autoridade moral da Igreja, que proclama a infalibilidade de seus julgamentos. Melhor seria, pois, abster-se. De resto, o que quer se possa dizer ou fazer contra o Espiritismo, a experiência aí está para provar que a sua marcha é irresistível; é uma ideia que se implanta por toda parte com uma rapidez prodigiosa, porque ela satisfaz, ao mesmo tempo, à razão e ao coração. Para detê-lo, seria preciso opor-lhe uma doutrina que satisfizesse mais, e isso não seria certamente pela do demônio e das penas eternas.

A. K.

novo; a história de todos os povos dele fazem menção. O Espiritismo repousa sobre princípios gerais independentes de toda questão dogmática. Ele tem consequências morais, é verdade, no sentido do cristianismo, mas não tem nem culto, nem templos, nem ministros; cada um pode se fazer uma religião de suas opiniões, mas daí à constituição de uma nova Igreja, há distância; portanto, o Espiritismo não é uma nova religião. Eis, senhor pregador, o que dizem os Espíritas dessa primeira questão.

"A esta mesma questão os *falsos católicos e* os *materialistas* riem. Os primeiros, se estão entre os felizes deste mundo, riem com desprezo; essa doutrina, que comporta a pluralidade das existências, ou reencarnação, choca-os em suas alegrias e seu orgulho. Retornar talvez numa condição inferior, é horrível pensar! Os Espíritas lhes dizem:" Eis a justiça, a verdadeira igualdade." Mas essa igualdade não lhes vai. Os *materialistas,* espíritos fortes e compostos de pretensos sábios, riem de coração, porque não creem no futuro: a sorte do pequeno cão que os segue e a sua são absolutamente a mesma coisa, e acham isso preferível.

"À segunda questão: *Há comunicações com os Espíritos,* os Espíritas e nós, fervorosos católicos, estamos de acordo; os falsos católicos e os materialistas fazem o riso da incredulidade.

"À terceira questão: *É só o demônio que se comunica,* os Espíritas riem a seu turno; os materialistas riem também,

zombando daqueles que creem nas comunicações e dos que, nelas crendo, as atribuem aos demônios; os falsos católicos guardam o silêncio e parece dizer: *Arranjem-se entre vós.*

"À quarta questão: *É preciso esperar que a Igreja se pronuncie,* os Espíritas dizem: "Certamente, virá um dia em que a crença no Espiritismo será tão vulgar, estará tão difundida, que a Igreja, a menos de querer ficar só, será forçada a seguir a corrente. O Espiritismo se fundirá então no catolicismo, e o catolicismo no Espiritismo." A esta questão o materialista ri ainda e diz: "Que me importa!" o falso católico entra numa espécie de despeito; ele não pode, mesmo que se o diga bem alto, se acomodar com essa doutrina: seu egoísmo e seu orgulho nele estão machucados; repele esta eventualidade de uma fusão. "É impossível, diz ele, o Espiritismo não é senão uma utopia que não dará quatro passos no mundo [13]".

"Aceitai, etc.

"Um fervoroso católico."

Em uma carta dirigida a Bordeaux, a esse respeito, o

---

13 Falsos católicos, verdadeiros católicos, ou materialistas, são os que têm essa linguagem. Que a tenham dito há alguns anos, isso podia se conceber; mas depois de quatro ou cinco anos já caminharam tanto, tanto fizeram todos os dias, que dentro em pouco chegariam ao objetivo. Procurai na história uma doutrina que haja caminhado tanto em tão pouco tempo. Em presença desse resultado inaudito de uma propagação contra a qual vêm se quebrar todos os raios e todas as zombarias; que cresce em razão da violência dos ataques, é verdadeiramente muito ingênuo dizer que o Espiritismo não é senão fogo de palha. Se assim fora, por que tanta cólera? Deixai-o, pois, se extinguir sozinho. Nós, que estamos nos primeiros camarotes para vê-lo caminhar, que os seguimos em todas as peripécias, nisso vemos a conclusão, e rimos a nosso turno.

A. K.

Sr. Dombre disse:

"O Sr. abade F… procurou saber quem era o Espírita e não o fervoroso católico que lhe escrevera essa carta. Seus enviados vieram até mim e me disseram: "Sr. F… teria necessidade de sete a oito sermões para responder, e o tempo lhe falta; depois gostaria de saber o nome daquele com quem tem assunto. – Eu garanto, respondi, que o autor da carta se fará conhecer, se ele quiser respondê-la do púlpito." Parece que se sabe aqui, por experiência, que quanto mais se fale contra o Espiritismo, mas se fazem prosélitos, e que se julgou a propósito guardar silêncio, porque o Sr. abade F… partiu sem tornar a falar. "Ireis me dizer que talvez haja um pouco de temeridade em querer entrar assim na liça; conheço a necessidade de nossa localidade; é preciso ruído. Os inimigos sistemáticos ou interessados do Espiritismo não pediriam senão o mutismo, e eu quero ensurdecê-los de discussões. Há sempre, em torno dos incrédulos que discutem, os indiferentes ou os dispostos a crer que retiram um proveito da luta, relativamente à instrução espírita.– Mas pensai, dir-me-eis talvez, sair honrosamente dessas polêmicas? – Pois bem! meu Deus! quando se é assinante da *Revista Espírita,* que se leu todos os livros da doutrina, que se está inteiramente mergulhado nos argumentos sobre os quais ela se apoia, e sobre os dos Espíritos que se comunicam, sai-se de lá como Minerva, armado dos pés à cabeça, e não se teme nada."

Nota. – Diz-se: Credes na reencarnação, e a pluralidade das

existências é contrária aos dogmas que não admite senão uma delas; portanto, por isso mesmo, estais fora da Igreja.

A isso, repetiremos o que dissemos cem vezes: Colocastes, outrora, fora da Igreja, anatematizados, excomungados, condenados como heréticos, aqueles que acreditavam no movimento da Terra. – Foi, dizeis, num tempo de ignorância. – Seja; mas se *a* Igreja é infalível, ela deveria sê-lo então como hoje, e sua infalibilidade não pode estar submetida às flutuações da ciência mundana. Mas muito recentemente, há apenas um quarto de século, neste século de luz, não foram igualmente condenadas as descobertas da ciência no que toca à formação do globo? O que disso adveio hoje? E o que teria advindo se ela tivesse persistido em repelir de seu seio todos aqueles que creem naquelas coisas? Não haveria mais católicos, nem mesmo o papa. Por que, pois, a Igreja deve ceder? É porque o movimento dos astros e sua formação repousam sobre as leis da Natureza, e que, contra essas leis, não há opinião que possa ter.

Quanto à reencarnação, de duas coisas uma: ou ela existe, ou ela não existe: não há meio termo. Se ela existe, é que está nas leis da Natureza. Se um dogma diz outra coisa, trata-se de saber quem tem a razão, o dogma ou a Natureza, que é obra de Deus. A reencarnação não é, pois, uma opinião, um sistema, como uma opinião política ou social, que se pode adotar ou recusar; é um fato ou não o é; se é um fato, é inútil não ser do gosto de todo o mundo, tudo o que se disser não o impedirá de ser um fato.

Cremos firmemente, por nossa conta, que a reencarnação, longe de ser contrária aos dogmas, dá de vários uma explicação lógica que os faz aceitar pela maioria daqueles que os repeliam, porque não os compreendiam; a prova disso está no grande número de pessoas reconduzidas à crença religiosa pelo Espiritismo. Mas admitamos essa incompatibilidade, se o quiserdes; nos colocamos

decididamente esta questão: "Quando a pluralidade das existências for reconhecida, o que não tardará, como uma lei natural; quando todo o mundo reconhecer esta lei como a única compatível com a justiça de Deus, e como podendo explicar sozinha o que, sem isso, é inexplicável, que fareis?" – Fareis o que fizestes para com o movimento da Terra e os seis dias da criação, e não será difícil conciliar o dogma com esta lei.

A. K.

(p. 262-266).

O Espiritismo numa distribuição de prêmio

Um dos nossos colegas da Sociedade Espírita de Paris nos comunica a carta seguinte, que dirigiu às diretoras do pensionato onde está uma de suas filhas, em Paris:

"Senhoras,

"Peço-vos permitir-me algumas reflexões sobre um discurso pronunciado na distribuição de prêmio de vosso pensionato; minha qualidade de pai de família, e sobretudo a de pai de uma de vossas alunas, me dá alguns direitos a esta apreciação.

"O autor desse discurso, estranho ao vosso estabelecimento, e professor, me foi dito, do colégio C…, consagrou-se a uma longa ironia, não sei verdadeiramente a propósito de que, sobre a ciência espírita e os médiuns. Que ele emitisse sua opinião, sobre esse assunto, em outra circunstância, eu o compreenderia; mas diante de um auditório como aquele ao qual falava, diante de pessoas

jovens confiadas aos vossos cuidados, permiti-me dizer que esta questão estava deslocada, e que foi mal escolhido seu tema para procurar produzir o efeito.

"Esse senhor disse, entre outras coisas, que "todas as pessoas que se ocupam de experiências de mesas e outros fenômenos ditos espíritas, ou da ordem psicológica são malabaristas, ingênuas ou estúpidas."

"Sou, senhoras, do número daqueles que se ocupam disso, e não o escondem, e tenho a certeza de não ter sido o único em vossa reunião. Não tenho a pretensão de ser sábio, como vosso orador, e a esse título posso ser talvez estúpido no seu ponto de vista; todavia, a expressão é bastante inconveniente quando dirigida a pessoas que não se conhece, e que se generaliza o pensamento; mas, certamente, minha posição e meu caráter me colocam ao abrigo do epíteto de malabarista. Esse senhor parece ignorar que essa estupidez conta hoje seus adeptos por milhões no mundo inteiro, e que esses pretensos malabaristas se encontram até nas classes mais elevadas da sociedade, sem que tivesse refletido que suas palavras podiam ir ao encontro de mais de um de seus ouvintes. Se provou, por essa saída intempestiva, uma falta de tato e da arte de bem viver, provou igualmente que falava de uma coisa que jamais estudou.

"Quanto a mim, senhoras, há quatro anos, estudo, observo, e o resultado de minhas observações me convenceu, como tantos outros, que nosso mundo material pode, em certas circunstâncias, pôr-se em relação com o mundo

espiritual. As provas desse fato, tive-as aos milhares, por toda parte, em todos os países que visitei, e sabei que vi muitas delas, em minha família, com minha mulher que é médium sem ser uma malabarista, com parentes, com amigos que, como eu, procuram a verdade.

"Não penseis, senhoras, que acreditei no primeiro golpe, sem exame; como disse, estudei e observei conscienciosamente, friamente, com calma e sem tomar partido, e não foi senão depois de maduras reflexões que tive a felicidade de me convencer da realidade dessas coisas. Digo a felicidade, porque, eu o confessarei, o ensinamento religioso que tinha recebido, não sendo suficiente para esclarecer minha razão, tornara-me cético. Agora, graças ao Espiritismo, às provas patentes que ele fornece, não o sou mais, porque pude me assegurar da imortalidade da alma e de suas consequências. Se está aí o que esse senhor chama uma estupidez, ao menos deveria se abster de dizê-lo diante de vossos alunos, que poderão bem, e muito mais cedo do que não o pensais talvez, se darem conta dos fenômenos dos quais se lhes levantou o véu. Bastar-lhes-á para isso entrar no mundo; a nova ciência nele faz grandes e rápidos progressos, eu vos asseguro. Então, não há a temer que elas façam esta reflexão: Se se nos induziu em erro sobre essas matérias; se se quis nos esconder a verdade, não pode ocorrer que se nos hajam enganado sobre outros pontos? Na dúvida, a mais vulgar prudência manda abster-se; em todos os casos, não era nem o lugar, nem o momento de tratar de

semelhante assunto.

"Acreditei dever, senhoras, vos comunicar as minhas impressões; buscai, eu vos peço, acolhê-las com a vossa bondade habitual.

"Aceitai, etc.

"A.GASSIER.

"38, rua da Chaussée-d'Antin."

Nota. – Difundindo-se o Espiritismo por toda a parte, é muito raro que uma assembleia qualquer não tenha mais ou menos adeptos. Entregar-se a saídas virulentas contra uma opinião que cresce sem cessar; servir-se, para esse propósito, de expressões ferinas diante de um auditório que não se conhece, é expor-se a molestar as pessoas mais respeitáveis, e, algumas vezes, ver-se chamado à ordem; fazê-lo numa reunião que, por sua natureza, manda mais do que toda outra a estrita observação das conveniências, onde toda palavra deve ter um ensinamento, é uma falta. Que uma dessas pessoas jovens, cujos pais se ocupam do Espiritismo, venha lhes dizer: "Sois malabaristas, ingênuos ou estúpidos," não poderiam se desculpar dizendo: "É o que se ensina na distribuição de prêmios?" Esse senhor teria tomado uma saída semelhante contra os protestantes, ou os judeus, dizendo que são todos heréticos e condenados às penas eternas; contra tal ou tal opinião política? Não, porque há poucos pensionatos onde não haja alunos cujos pais professam diferentes opiniões políticas ou religiosas, e temer-se-ia ferir estes

últimos. Pois bem! que ele saiba que há hoje, só na França, tantos Espíritas quantos há de judeus e protestantes, e que, antes que seja muito tempo, haverá tantos quantos há de católicos.

De resto, ali, como por toda a parte, o efeito irá direto contra a intenção. Eis uma multidão de moças curiosas, das quais muitas jamais ouviram falar dessas coisas, e que quererão saber o que são na primeira ocasião; tentarão a mediunidade, e, infalivelmente, mais de uma triunfará; elas disso falarão às suas companheiras, e assim por diante. Vós as proibis disso se ocuparem; amedrontá-las-eis com a ideia do diabo; mas isso será uma razão a mais para que façam às escondidas, porque quererão saber o que o diabo lhes dirá. Não ouvem elas todos os dias falar de bons diabos, de diabos cor-de-rosa? Ora, ali está o verdadeiro perigo, porque, com falta de experiência e sem guia prudente e esclarecido, poderão achar-se sob uma influência perniciosa, da qual não saberão se desembaraçar, e de onde podem resultar inconvenientes tanto mais graves que, em consequência da proibição que lhes terá sido feita, e por medo de uma punição, elas não ousarão nada dizer. Vós as proibis de escrever? Isto nem sempre é fácil: os donos da pensão disso sabem alguma coisa; mas que fareis com aquelas que se tornarão médiuns videntes e audientes? Tapar-lhe-eis os olhos e os ouvidos? Eis, senhor orador, o que pode produzir o vosso imprudente discurso, com o qual, provavelmente, ficastes muito satisfeito.

O resultado é todo outro entre as crianças levadas por seus pais àquelas ideias; primeiro, nada têm a esconder, e estão, assim, preservadas do perigo da inexperiência; depois, isso lhes dá, em boa hora, uma piedade razoável que a idade fortalece e não pode enfraquecer; tornam-se mais dóceis, mais submissas, mais respeitosas; a certeza que têm da presença de seus pais mortos que as veem sem cessar, com os quais podem conversar, e dos quais recebem sábios conselhos, é para elas um freio poderoso pelo temor salutar que lhes inspira. Quando a geração for ensinada nas crenças espíritas, ver-se-á a juventude diferente, mais estudiosa e menos turbulenta. Pode-se isso já julgar pelos efeitos que essas ideias produzem sobre os jovens que delas estão compenetrados.

(p. 267-269).

Perseguições

Tendo a zombaria se enfraquecido contra a couraça do Espiritismo, e servindo mais para propagá-lo do que para desacreditá-lo, seus inimigos tentam um outro meio que, nós o dizemos antecipadamente, não triunfará melhor e, provavelmente, fará ainda mais prosélitos; esse meio é a perseguição. Dizemos que lhe fará mais, por uma razão muito simples, é que tomando o Espiritismo a sério, com isto ele cresce enormemente de importância; e depois, liga-se tanto mais a uma causa quanto ela mais fez sofrer. Sem dúvida, lembra-se das belas comunicações que foram dadas sobre os

mártires do Espiritismo, e que publicamos na *Revista Espírita* do mês de abril último. Esta fase estava anunciada há muito tempo pelos Espíritos:

"Quando ver-se-á, disseram, a arma do ridículo impotente, tentar-se-á a da perseguição; não haverá mais mártires sangrentos, mas muitos terão de sofrer em seus interesses e em suas aflições; procurar-se-á desunir as famílias, reduzir os adeptos pela fome, aborrecê-los a golpes de alfinetes, às vezes, mais pungentes do que a morte; mas ali ainda encontrarão almas sólidas e fervorosas que saberão desafiar as misérias deste mundo, em vista do futuro melhor que as espera. Lembrai-vos das palavras do divino Salvador: "Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados." Tranquilizai-vos, no entanto; a era da perseguição, na qual logo entrareis, será de curta duração, e vossos inimigos dela não retirarão senão a vergonha, porque as armas que apontarão para vós se voltarão contra eles."

A era predita começou; assinalam-nos de diferentes lados atos que se lamenta serem feitos pelos ministros de um Deus de paz e de caridade. Não falaremos das violências feitas à consciência expulsando da Igreja aqueles que ali conduz o Espiritismo; tendo esse meio tido resultados quase negativos, procuraram outros mais eficazes; poderíamos citar localidades onde as pessoas que vivem de seu trabalho foram ameaçadas de se ver arrebatar seus recursos; outras onde os adeptos foram assinalados à animosidade pública fazendo correr contra eles os moleques da rua; outras em que

despedem da escola as crianças cujos pais se ocupam do Espiritismo; uma outra em que um pobre professor, primário foi destituído e reduzido à miséria, porque tinha em sua casa *O Livro dos Espíritos.* Temos deste último uma tocante prece em versos, onde respiram os mais nobres sentimentos, a piedade mais sincera; acrescentamos que um Espírita benfazejo estendeu-lhe mão segura; acrescentamos ainda que foi nessa circunstância vítima de uma infame traição por parte de um homem em quem tinha confiado, e que pareceu entusiasmado com esse livro.

Em pequena cidade onde o Espiritismo conta com um número bastante grande de partidários, um missionário disse do púlpito, nesta última quaresma: "Espero muito que no auditório não haja senão fiéis, e que não haja nem judeus, nem protestantes, nem Espíritas." Parece que ele contava muito pouco com sua palavra para converter aqueles que tivessem vindo ouvi-lo com o objetivo de se esclarecer. Em um município, perto de Bordeaux, quiseram impedir os Espíritas de se reunirem em mais de cinco, sob o pretexto de que a lei a isso se opunha; mas uma autoridade superior levou a autoridade local à legalidade. Resultou desse pequeno vexame que hoje os três quartos deste município são Espíritas. No departamento de Tarn-et-Garonne, os Espíritas de várias localidades querendo se reunir, foram assinalados como conspirando contra o governo. Esta acusação ridícula caiu bem depressa, como deveria ser, e dela se riu.

Como contra, nos foi citado um magistrado que disse:

"Praza a Deus que todo o mundo fosse Espírita, nossos tribunais teriam menos, e a ordem pública não teria nada a temer." Ele disse uma grande e profunda verdade; porque se começa a perceber a influência moralizadora que o Espiritismo exerce sobre as massas. Não é um resultado maravilhoso ver homens, sob o império desta crença, renunciarem à embriaguez, aos seus hábitos de deboche, aos excessos degradantes e ao suicídio; homens violentos se tornarem organizados, dóceis, pacíficos e bons pais de família; homens que blasfemavam o nome de Deus, orar com fervor, e se aproximar piedosamente dos altares? E são esses homens que expulsais da Igreja! Ah! pedi a Deus que, se reserva ainda à Humanidade dias de prova, haja muitos Espíritas; porque estes aprenderam a perdoar a seus inimigos, considerando como primeiro dever do cristão lhes estender a mão no momento do perigo, em lugar de lhes meter o pé sobre a garganta.

Um livreiro de Charente nos escreveu o que se segue:

"Não tenho medo de ostentar abertamente minhas opiniões espíritas; deixei de lado mesquinharias mundanas, sem me preocupar se, o que faço, não prejudicaria o meu comércio. Estava, entretanto, longe de esperar o que me ocorreu. Se o mal tivesse se detido em pequenos tormentos, ele não foi grande; mas, ah! graças àqueles que compreendem pouco a religião, tornei-me a ovelha negra da tropa, a peste do lugar; fui mostrado como precursor do Anticristo. Empregaram-se todas as influências, a calúnia

mesmo, para me fazer cair, para afastar meus clientes, para me arruinar em uma palavra. Ah! os Espíritos nos falam de perseguições, de mártires do Espiritismo; disso me orgulho, mas, certamente, sou do número das vítimas; minha família disso sofre, é verdade; mas tenho para minha consolação de ter uma mulher que partilha minhas ideias espíritas. Tarda-me para que meus filhos estejam na idade de compreender essa bela doutrina; prendo-me em esclarecê-los em nossas queridas crenças. Que Deus me conserve a possibilidade – o que quer que se faça para me tirá-la – de instruí-los e de prepará-los para lutarem a seu turno, se for preciso. Os fatos que narrais, em vossa Revista no mês de maio, têm uma analogia chocante com o que me aconteceu. Como o autor da carta, fui expulso impiedosamente do tribunal da penitência; meu cura queria, antes de tudo, fazer com que eu renunciasse às minhas ideias espíritas; resulta de sua imprudência que não me verá mais em seus ofícios; se fiz mal, deixo disso a responsabilidade ao seu autor."

Extraímos as passagens seguintes de uma carta que nos foi dirigida de uma aldeia do Vosges. Embora estejamos autorizados a não calar nem o nome do autor, nem o da localidade, nós não o fazemos por motivos de conveniência, que se apreciará; mas temos a carta nas mãos para dela fazer uso que creiamos útil. Ocorre o mesmo para todos os fatos que adiantamos, e que, segundo a sua maior ou menor importância, figurarão, mais tarde, na história do estabelecimento do Espiritismo.

"Não sou bastante versado na literatura para tratar dignamente o assunto que empreendo; todavia, tentarei me fazer compreender, na condição de que suprireis a falta de meu estilo e de minha redação, porque há vários meses queimo pelo desejo de me unir a vós por correspondência, a estando-o já pelos sentimentos desde que meu filho me enviou os preciosos livros contendo a instrução da Doutrina Espírita e a dos médiuns. Eu chegava do campo ao cair da noite; notei esses livros que o correio me trouxera; apressava-me em jantar e me deitar, tendo a vela acesa junto de meu leito, pensando ler até o momento em que o sono viesse me fechar os olhos, mas li toda a noite com uma tal avidez que não senti o menor desejo de dormir."

Segue a enumeração das causas que tinham levado nele a incredulidade religiosa absoluta, e que passamos por respeito humano.

"Todas essas considerações me passam diariamente no espírito; o desgosto se apoderou de mim; tinha caído num estado de ceticismo o mais endurecido; depois em minha triste solidão de tédio e de desespero, cria-me inútil à sociedade, tinha decidido pôr fim em meus dias tão infelizes pelo suicídio.

"Ah! senhor, não sei se alguém poderá jamais se fazer uma ideia do efeito que produziu sobre mim a leitura de *O Livro dos Espíritos;* a confiança renasceu, o amor de Deus se apoderou de meu coração e eu sentia como um bálsamo divino se derramando sobre todo o meu ser. Ah! dizia-me,

toda a minha vida procurei a verdade e a justiça de Deus e não encontrei senão o abuso e a mentira; e agora, sobre os meus velhos dias, tenho, pois, a felicidade de encontrar essa verdade tão desejada. Que mudança em minha situação que, de tão triste, tornou-se tão doce! Agora me encontro continuamente em presença de Deus e de seus Espíritos bem-aventurados, meu criador, protetores amigos fiéis; creio que as mais belas expressões dos poetas seriam insuficientes para pintar uma situação tão agradável; quando meu fraco peito pode permiti-lo, encontro minha distração no canto dos hinos e dos cânticos que creio ser-lhe o mais agradável; enfim, sou feliz graças ao Espiritismo. Recentemente escrevi ao meu filho que me enviando esses livros, me havia tornado mais feliz do que se me tivesse posto na cabeça a fortuna mais brilhante."

Segue o relato detalhado de tentativas de mediunidade feitas na aldeia entre vários adeptos e os resultados obtidos; entre eles se encontravam vários médiuns, dos quais um parecia bastante notável. Chamaram parentes e amigos, que vieram lhes dar provas incontestáveis de identidade, e Espíritos superiores que lhes deram excelentes conselhos.

"Todas essas evocações foram narradas aos ouvidos do Sr. cura, por compadres e comadres, que as desnaturaram em grande parte. A dezoito de maio último, o Sr. cura, dando o catecismo aos seus alunos da primeira comunhão, vomitou mil injúrias contra a casa C… (um dos principais adeptos) e

contra mim; depois ele dizia ao filho C…: "Tu, eu não te quero mais, mas em dois anos serás bastante forte para ganhar tua vida; aconselho-te a deixar teus pais, eles não são capazes de te dar bons conselhos." Eis um bom catecismo! Na véspera, ele subiu propositadamente ao púlpito para recomeçar o discurso que tivera com seus alunos um instante antes, dizendo com uma grande volubilidade que nada conhecemos do inferno, que não arriscamos nada para nos entregar ao roubo e à rapina para nos enriquecer às custas de outrem; que era nos dar aos sortilégios e às superstições da Idade Média, e mil outras invectivas.

"A esse propósito, escrevi uma carta ao Sr. procurador imperial de M…; mas antes de enviá-la quis consultar o Espírito de São Vicente de Paulo na nossa próxima reunião. Esse bom Espírito fez o médium escrever o que se segue: "Lembrai-vos destas palavras do Cristo: "Perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem." Depois do que, queimei minha carta.

A fama dessa doutrina se difunde em todas as aldeias vizinhas; várias me pediram e fazem pedir meus livros, mas não me restam mais; todos aqueles que compreendem um pouco a leitura querem lê-los e os passam de mão em mão."

"Depois de ter lido *O Livro dos Espíritos e* o dos *Médiuns,* meu primeiro cuidado foi tentar se podia ser médium. Durante oito dias nada tendo obtido, escrevi ao meu filho minha falta de sucesso. Como morava em sua casa um magnetizador, este lhe propôs me escrever uma carta que ele

magnetizaria, e que com isso eu podia fazer infalivelmente a evocação de minha defunta. O pobre magnetizador não pensava que me proporcionava as varas para fazer chicotear. Com isso tornei-me médium auditivo; coloquei-me de novo em posição de escrever e logo me foi dito ao ouvido: "Procuram enganar teu filho." Durante três dias consecutivos, com uma força progressiva, essa advertência vinha-me ao ouvido e tirava-me a atenção que devia pôr naquilo que fazia. Disso escrevi a meu filho para adverti-lo de desconfiar desse homem. Pelo retorno do correio, respondeu-me para me censurar as dúvidas que tinha contra esse homem, a quem dava toda a sua confiança. Poucos dias depois recebi dele uma nova carta, que mudava de linguagem, dizendo que tinha colocado à porta esse infeliz tratante que, vestindo-se por fora de um homem honesto, servia-se dessa pretensa qualidade para melhor prender suas vítimas. Colocando-o à porta, mostrou-lhe minha carta, que, a cem léguas de distância, o tinha pintado tão bem."

Esta carta não tem necessidade de comentários; vê-se que o discurso do Sr. cura produziu seu efeito no meio desses camponeses, como alhures. Se foi o diabo que tomou, nessa circunstância, o nome de São Vicente de Paulo, o Sr. cura deve com isso estar satisfeito! Temos razão em dizer que os próprios adversários fazem a propaganda e servem à nossa causa sem o querer? Dizemos, no entanto, que fato semelhante são antes exceções do que a regra; pelo menos gostamos de assim pensar; conhecemos muitos honrados

eclesiásticos que deploram essas coisas como impolíticas e imprudentes. Se nos assinalam alguns atos lamentáveis, nos assinalam também um bom número deles de um caráter verdadeiramente evangélico. Um sacerdote dizia a uma de suas penitentes que o consultava sobre o Espiritismo: "Nada chega sem a permissão de Deus; portanto, uma vez que essas coisas ocorrem, é que não podem ser senão por sua vontade." – Um moribundo fez chamar um sacerdote e lhe disse: "Meu pai, há cinquenta anos que não frequentava mais as igrejas e que já havia esquecido Deus; foi o Espiritismo que me conduziu de novo a ele e que é a causa que me fez vos chamar antes de morrer; dar-me-eis a absolvição? – Meu filho, responde o sacerdote, os objetivos de Deus são impenetráveis; rendei-lhe graça por vos ter enviado essa tábua de salvação: morrei em paz." – Poderíamos citar cem exemplos semelhantes.

(p. 270-275).

Revista Espírita de outubro 1862

Resposta ao *Abeille Agénaise*, pelo Sr. Dombre

Lê-se no *Abeille Agénaise* de 25 de maio de 1862, o artigo seguinte:

"Temos sob os olhos um escrito de uma graça encantadora, intitulado: *Entrevistas espíritas.* O autor, Sr. de Cazenove de Pradines, antigo presidente da Sociedade de agricultura, ciências e artes de Agen, a tudo recentemente

deixou ao Sr. Magen o prazer e o cuidado de dar-lhe leitura à nossa Academia. Inútil dizer com que interesse essa comunicação foi acolhida.

O Sr. de Cazenove resume assim as doutrinas da nova seita, tirando-as de *O Livro dos Espíritos:*

"1º Os Espíritos de uma ordem elevada não fazem geralmente sobre a Terra senão estadas de uma curta duração.

"2º Os Espíritos vulgares nelas são, de alguma forma, *sedentários* e constituem *a massa* da população ambiente do mundo invisível. Eles conservaram, mais ou menos, os mesmos gostos e os mesmos pendores que tinham sob seu envoltório corpóreo. Não podendo satisfazer suas paixões, desfrutam daqueles que a elas se abandonam e os excitam.

"3º Só os Espíritos inferiores podem lamentar as alegrias que simpatizam com a impureza de sua natureza.

"4º Os Espíritos não podem degenerar; podem ficar estacionários, mas não retrogradam.

"5º Todos os Espíritos se tornarão perfeitos.

"6º Os Espíritos imperfeitos procuram se apoderar do homem, e dominá-lo; ficam felizes por fazê-lo sucumbir.

"7º Os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos inferiores ostentam, frequentemente, nomes veneráveis para melhor induzirem ao erro.

"Segundo esses dados, o Sr. de Cazenove, com a fineza e a sagacidade do talento que o caracterizam, compôs duas entrevistas nas quais toca as duas extremidades do corpo social. Pelo órgão de um médium (suposto), evoca de um lado os Espíritos inferiores, personificados na figura de um bandido célebre, de Cartouche, por exemplo, e os admite num singular colóquio que demonstra *a perversidade* de semelhante doutrina. De um outro lado, são os Espíritos de uma ordem elevada que entram em relação com os homens da época contemporânea. O contraste é intenso, sem dúvida, e ninguém não soube dar com mais fidelidade, de tato e de alegria, tudo o que a doutrina epicuriana, resumida em o Espírito de Horácio e de Lucrécio, encerra de resumos deploráveis e enganosos.

"Lamentamos vivamente não poder colocar por inteiro sob os olhos de nossos leitores o trabalho do Sr. de Cazenove. Teriam aplaudido, disto estamos certos, não só pela forma irrepreensível e perfeitamente acadêmica desse escrito, mas ainda pelo alto pensamento moral que o domina, uma vez que condena sem fraqueza um sistema cheio de seduções e de verdadeiros perigos.

"J. SERREI."

Resposta do Sr. Dombre.

Senhor redator,

Fui o primeiro a gostar das exposições sumárias finas e delicadas lançadas pelo Sr. De Cazenove de Pradines, no

domínio da Doutrina Espírita. O escrito, tendo por título: *Entrevistas espíritas,* que tenho em minha posse, e do qual ele fez menção em vossa estimada folha de domingo, 25 de maio, é com efeito de uma graça encantadora, e não desmente o caráter de sagacidade do talento que distingue seu autor. Esse escrito é uma flor da qual admiro as cores e o brilho, e da qual me guardarei, para o momento, de alterar o aveludado pelo contato da menor palavra de crítica indiscreta; mas vosso entusiasmo por esses diálogos picantes, mais espirituosos do que ofensivos para a Doutrina, vos fez anunciar erros que é do dever de todo bom Espírita, e do meu principalmente, de vos fazer notar.

Devo dizer primeiramente que as citações escolhidas, aqui e ali, em *O Livro dos Espíritos* são agrupadas com arte para apresentar a doutrina sob uma luz desfavorável; mas todo homem prudente de boa fé quererá ler por inteiro *O Livro dos Espíritos* e meditar.

1º Falais das *doutrinas da nova seita.* O Espiritismo, permiti-me vo-lo dizer, não é nem uma religião nem uma seita. O Espiritismo é um ensinamento dado aos homens pelos Espíritos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram. Sofremos, com o nosso desconhecimento, sua influência de todos os instantes; eles são uma potência da Natureza, como a eletricidade é uma outra delas sob outro ponto de vista; sua existência e sua presença se constatam por fatos evidentes e palpáveis.

2º Dissestes: *A perversidade de semelhante doutrina.*

Guardai-vos, o Espiritismo não é outro senão o cristianismo em sua pureza; não há outra divisa inscrita sobre sua bandeira do que: *Amor e caridade.* Está, pois, aí a perversidade?

3º Enfim, falais de um sistema *cheio de seduções e de verdadeiros perigos.* Sim, está cheio de seduções, cheio de atrativos, porque é belo, grande, justo consolador e digno, em todos os pontos, da perfeição de Deus. Seus perigos, onde estão? Em vão os procuram na prática do Espiritismo; nele não se encontra senão consolação e melhoramento moral. Perguntai em Paris, em Lyon, em Bordeaux, em Metz, etc., qual é o efeito produzido sobre as massas por essa nova crença. Lyon, sobretudo vos dirá em que fonte seus operários sem trabalho haurem tanta resignação e força para suportarem privações de todas as espécies.

Ignoro se as livrarias de Agen já estão providas dos livros adiante: *O que é o Espiritismo? – O Livro dos Espíritos – O Livro dos Médiuns;* mas desejo, de todo o meu coração, que vosso pequeno comentário desperte a atenção dos indiferentes, faça procurar essas obras e formar um núcleo espírita na sede de vosso departamento. Esta Doutrina, destinada a regenerar o mundo, caminha a passos de gigante, e Agen seria uma das últimas cidades onde o Espiritismo viria tomar direito de cidadania? Vosso pequeno artigo é, eu o considero assim, como uma pedra que levais ao edifício, e admiro uma vez mais os meios dos quais Deus se serve para chegar aos seus fins.

'Vossa imparcialidade e vosso desejo de chegar, pela discussão, à verdade, me são uma garantia de que admitireis, nas colunas de vosso jornal, uma carta em resposta ao vosso artigo de 25 de maio.

"Aceitai, etc.

"DOMBRE (de Marmande.)"

A esta carta o redator se limita, em seu jornal de 1O de junho, a dizer isto:

"O Sr. Dombre nos escreveu de Marmande a respeito de nossas reflexões sobre *O Livro dos Espíritos* e os diálogos que surgiriam ao honrado Sr. de Cazenove de Pradines. Esse *novo ensinamento,* como quer bem chamá-lo o Sr. Dombre, não poderia ter, aos nossos olhos, o mesmo valor e o mesmo prestígio que ele parece exercer com relação ao nosso espirituoso correspondente.

(O Sr. Dombre enviou várias vezes a este jornal peças de versos e outras.)

"Respeitamos as convicções de nossos contraditores, então mesmo que elas repousem sobre princípios errôneos; mas não cremos dever manter, apesar da defesa leal e sincera que o Sr. Dombre empreende dessa doutrina, a expressão de um sentimento sobre um sistema completamente fora dos caminhos da verdade.

"O *Abeille agénaise* não poderia, por consequência, se entregar à propaganda de ideias essencialmente perigosas, e o Sr. Dombre compreenderá todo o lamento que sentimos em

não poder nos associar à manifestação de seus desejos.

"J. SERRET."

Nota. – Reservar-se o direito de atacar, não admitir a resposta, é um meio cômodo de ter razão; resta saber se é o de chegar à verdade. Se uma doutrina que tem por base fundamental a caridade e o amor ao próximo, que torna os homens melhores, que fá-los renunciar aos hábitos de desordem, que dá a fé àqueles que não acreditavam em nada, que faz orar aqueles que não oravam mais, que conduz à união nas famílias divididas, que impede o suicídio; se, dizemos, uma tal doutrina é perversa, que serão, pois, as que são impotentes para produzir esses resultados? O Sr. Serret teme ajudar à propagação por uma polêmica, é porque ele gosta mais de falar sozinho. Pois bem! que fale só tanto quanto queira, o resultado disso não será menos o que foi por toda a parte: chamar a atenção e recrutar partidários para a Doutrina.

A.K.

(p. 301-304).

O Espiritismo e o Espírito maligno.

(Grupo Sainte-Gemme. – Médium, Sr. C…)

De todos os trabalhos aos quais a Humanidade se entrega, são preferíveis aqueles que aproximam mais a criatura de seu Criador, que a colocam a cada dia, a cada instante, no estado de admirar a obra divina que saiu e que

sai incessantemente de suas mãos onipotentes. O dever do homem é de se prosternar, de adorar sem cessar. Aquele que lhe deu os meios de se melhorar como Espírito, e de chegar assim à felicidade suprema, que é o objetivo final para o qual deve tender.

Se há profissões que, quase exclusivamente intelectuais, dão ao homem os meios de elevar o nível de sua inteligência, um perigo, e um grande perigo se acha colocado ao lado do benefício. À história de todos os tempos prova o que é esse perigo e quantos males ele pode engendrar. Estais dotados de uma inteligência superior: sob este aspecto estais mais próximos, do que vossos irmãos, da Divindade, e vos conduzis a negar essa própria divindade, ou dela fazer uma outra inteiramente contrária ao que é em realidade! Não se saberia mais repeti-lo, e não é preciso jamais deixar de dizê-lo: o orgulho é o inimigo mais obstinado do gênero humano. Tivésseis mil bocas, que todas deveriam dizer sem cessar a mesma coisa.

Deus vos criou a todos simples e ignorantes ([14]); tratai de avançar com um passo tão seguro quanto possível; isto depende de vós: Deus não recusa jamais a graça àquele que

[14] Esta proposição, tocando o estado primitivo das almas, formulada pela primeira vez em *O Livro dos Espíritos, é* por toda parte hoje repetida nas comunicações; ela encontra assim a sua consagração ao mesmo tempo nessa concordância e na lógica, porque nenhum outro princípio poderia melhor responder à justiça de Deus. Dando a todos os homens um mesmo ponto de partida, deu a todos a mesma tarefa a cumprir para chegar ao objetivo; ninguém é privilegiado pela Natureza; mas como têm seu livre arbítrio, uns avançam mais depressa e outros mais lentamente. Esse princípio de justiça é inconciliável com a doutrina que admite a criação da alma ao mesmo tempo que o corpo; comporta em si mesmo a pluralidade das existências, porque se a alma é anterior ao corpo, é que ela já viveu.

a pede de boa-fé. Todos os estados podem igualmente vos conduzir a um objetivo desejado, se vos conduzis segundo a senda da justiça, e se não fazeis para não dobrar vossa consciência à vontade de vossos caprichos. Há, no entanto, estados onde é mais difícil avançar do que em outros; também Deus terá em certa conta aqueles que, tendo aceito, como prova, uma posição ambígua, terão percorrido sem tropeçar esse caminho difícil, ou, pelo menos, terão feito, para se levantar de novo, todos os esforços humanamente possíveis.

É aí que é preciso ter uma fé sincera, uma força pouco comum para resistir aos arrastamentos fora do caminho de justiça; mas é aí também que se pode fazer um bem imenso aos seus irmãos infelizes. Ah! tem muito mérito aquele que toca o lamaçal sem que suas vestes nele sejam enlameadas, é preciso que uma chama bem pura brilhe nele! Mas também, que recompensa não lhe está reservada à saída dessa vida terrestre! ([15]).

Que aqueles que se encontrem em posição semelhante meditem bem estas palavras; que se compenetrem bem do Espírito que elas encerram, e se operará neles uma revolução benfazeja que fará suceder as doces efusões do coração aos

[15] Espanta-se que os Espíritos possam escolher uma encarnação num desses meios onde estão em contato incessante com a corrupção; entre aqueles que se encontram nessas posições ínfimas da sociedade, uns as escolheram por gosto, e para achar como satisfazer seus pendores ignóbeis; outros, por missão e por dever, para tentar tirar seus irmãos da lama, e para ter mais méritos em lutar, eles mesmos, contra perniciosos arrastamentos, e sua recompensa será em razão da dificuldade vencida. Tal entre nós é o operário que é pago em proporção do perigo que ele corre no exercício de sua profissão.

apertos do egoísmo.

Que fará, como disse o Evangelho, desses homens, homens novos?

E, para cumprir esse grande milagre, o que é preciso? É preciso que queiram bem reportar seu pensamento àquilo que estão destinados a se tornar depois de sua morte. Estão todos convencidos de que um amanhã pode não existir para eles; mas, amedrontados pelo sombrio e desolador quadro das penas eternas, nas quais recusam crer por intuição, se abandonam à corrente da vida atual; se deixam arrastar por essa cupidez febril que os leva a amontoar sempre, por todos os meios permitidos ou não; arruínam sem piedade um pobre pai de família, e prodigalizam ao vício somas que bastariam para fazer viver uma cidade inteira durante vários dias. Afastam os olhos do momento fatal. Ah! se pudessem olhá-lo em face e de sangue-frio como mudariam depressa de conduta, como se os veríamos solícitos a devolver ao seu legítimo proprietário esse pedaço de pão negro que tiveram *a* crueldade de lhe arrancar para aumentar, ao preço de uma injustiça, uma fortuna construída de injustiças acumuladas! Para isto o que é preciso? é preciso que a luz espírita brilhe; é preciso que se possa dizer, como um grande general disse de uma grande nação: *O Espiritismo é como o Sol, cego quem não o vê!* Os homens que se dizem e que se creem cristãos e que repelem o Espiritismo são bem cegos!

Qual é a missão da Doutrina que a mão onipotente do Criador semeou no mundo no momento presente? É de

conduzir os incrédulos à fé, os desesperados à esperança, os egoístas à caridade. Eles se dizem cristãos e lançam o anátema à doutrina de Jesus Cristo! É verdade que pretendem que é o Espírito maligno que, para melhor disfarçar, vem pregar essa doutrina no mundo. Infelizes cegos, pobres doentes, que Deus queira bem, em sua inesgotável bondade, fazer cessar vossa cegueira e pôr um termo aos males que vos obsidiam!

Quem vos disse que era o Espírito do mal? quem? disso não sabeis nada. Pedistes a Deus para vos esclarecer sobre esse assunto? Não, ou se o fizestes, tínheis uma ideia preconcebida. O Espírito do mal! Sabeis quem vos disse que é o Espírito do mal? foi o orgulho, o próprio Espírito do mal que vos leva a condenar, coisa revoltante, a condenar, digo, o Espírito de Deus representado pelos bons Espíritos que envia ao mundo para regenerá-lo!

Examinai pelo menos a coisa e, seguindo as regras estabelecidas, condenai ou absolvei. Ah! se quisésseis somente lançar um golpe de olhar sobre os resultados inevitáveis que deve trazer o triunfo do Espiritismo; se quisésseis ver os homens se considerando enfim como irmãos, todos convencidos de que, de um momento para outro, Deus lhes pedirá conta da maneira pela qual cumpriram a missão que lhes havia dado; se quisésseis ver por toda a parte a caridade tomando o lugar do egoísmo, o trabalho tomando por toda parte o lugar da preguiça; – porque, vós o sabeis, o homem nasceu para o trabalho: Deus

dele lhe fez uma obrigação à qual não pode se subtrair sem transgredir as ordens divinas; – se quisésseis ver de um lado esses infelizes que dizem: *Condenados neste mundo, condenados no outro, sejamos criminosos e gozemos;* e de outro esses homens de metal, esses açambarcadores da fortuna de todos, que dizem: *A alma é uma palavra; Deus não existe; se nada existe entre nós depois da morte, gozemos a vida; o mundo se compõe de exploradores e de explorados; gosto mais de fazer parte dos primeiros que dos segundos; depois de mim o dilúvio!* Se transportásseis vossos olhares sobre esses dois homens que, em ambos, personificam o roubo, a extorsão da boa companhia e a que conduz à prisão; se os vísseis transformados pelas crenças na imortalidade que lhes deu o Espiritismo, ousaríeis dizer que foi pelo Espírito do mal?

Vejo vossos lábios se franzirem de desdém, e vos ouço dizer: Somos nós que pregamos a imortalidade, e temos crédito para isto.

Ter-se-á sempre mais confiança em nós do que nesses sonhadores vazios que, se não são velhacos, sonharam que os mortos saíam de seus túmulos para se comunicarem com eles. A isto sempre a mesma resposta: Examinai, e se, convencidos uma boa vez, o que não pode faltar se sois sinceros, em lugar de maldizer, bendireis, o que deve estar sempre mais em vossas atribuições segundo a lei de Deus.

A lei de Deus, dela sois, segundo vós, os únicos depositários, e vos espantais que outros tomem uma

iniciativa que, segundo vós, não pertence senão unicamente a vós? Pois bem! escutai o que os Espíritos enviados de Deus encarregaram de vos dizer:

'Vós que tomais a sério vosso ministério, sereis benditos, porque tereis cumprido todas as obras, não só ordenadas, mas aconselhadas pelo divino Mestre. E vós que haveis considerado o sacerdócio como um meio de chegar humanamente, vós não sereis malditos, embora tenhais amaldiçoados a outros, mas Deus vos reserva uma punição mais justa.

"Virá o dia em que sereis obrigados a vos explicar publicamente sobre os fenômenos espíritas, e esse dia não está longe. Então vos encontrareis na necessidade de julgar, uma vez que vos erigistes em tribunal; de julgar quem? o próprio Deus, porque nada chega sem a sua permissão.

"Vede onde vos conduziu o Espírito do mal, quer dizer, o orgulho, em lugar de vos inclinar e de adorar, vos endurecestes contra a vontade Daquele único que tem o direito de dizer: *Eu quero,* e dizeis que o demônio é que quem diz: *Eu quero!*

"E, agora se persistis em não crer senão nas manifestações dos maus Espíritos, lembrai-vos das palavras do Mestre que acusavam de expulsar os demônios em nome de Belzebu: 'Todo reino dividido contra si mesmo perecerá."

HIPPOLYTE FORTOUL.

(p. 314-317).

Revista Espírita de dezembro 1862

O Espiritismo em Rochefort

Episódio da viagem do Sr. Allan Kardec.

Rochefort não é ainda um foco de Espiritismo, embora tenham alguns adeptos fervorosos e bastante numerosas simpatias pelas novas ideias; mas lá, menos do que em outro lugar, há a coragem de opinião, e muitos crentes se mantêm à parte. No dia em que ousarem se mostrar, será muita surpresa vê-los tão numerosos. Como não tínhamos visto senão algumas pessoas isoladas, contamos não nos deter ali senão por poucas horas; mas um viajante que se encontrava na mesma viatura nossa, tendo nos reconhecido pelo nosso retrato que vira em Marennes, preveniu seus amigos de nossa chegada; recebemos então um convite insistente e dos mais graciosos da parte de vários Espíritas que desejavam nos conhecer e receber instruções. Nossa partida foi, pois, adiada para o dia seguinte, e tivemos a alegria de passar a noite numa reunião de Espíritas sinceros e devotados.

Durante a noite recebemos um outro convite, em termos não menos obsequiosos, da parte de um alto funcionário e de altas notabilidades da cidade, que nos foram expressar o desejo de terem uma reunião no dia seguinte, à noite, o que foi causa de um novo adiamento da nossa partida. Não teríamos mencionado estes detalhes, se não fossem necessárias as explicações que cremos dever dar adiante, a propósito de um jornal da localidade. Nessa última

reunião, fizemos, no início da sessão, a alocução seguinte:

"Senhores,

"Embora não tivesse a intenção de passar senão algumas horas em Rochefort, o desejo que me manifestastes dessa reunião era muito sedutor, sobretudo pela maneira pela qual o convite foi feito, para que eu não me tivesse apressado para a ele ceder. Ignoro se todas as pessoas que me dão a honra de assistir a esta reunião são iniciadas na ciência espírita; suponho que vários são ainda novatos nessa matéria; poderia mesmo encontrar aqui quem me fosse hostil; ora, em consequência da ideia falsa que fazem do Espiritismo aqueles que não o conhecem, ou não o conhecem senão imperfeitamente, o resultado desta sessão poderia causar algumas decepções àqueles que não encontrassem aqui o que esperavam encontrar; devo, pois, explicar claramente o seu objetivo para que não haja equívoco.

"Devo antes de tudo vos edificar sobre o fito que me proponho em minhas viagens. Vou unicamente visitar os centros espíritas, e dar-lhes as instruções das quais possam ter necessidade; mas seria errado crer que vou pregar a Doutrina aos incrédulos. O Espiritismo é todo uma ciência que requer estudos sérios, como todas as ciências, e numerosas observações; para desenvolvê-la, é preciso fazer um curso em regra, e um curso de Espiritismo não poderia mais se fazer em uma ou duas sessões, como um curso de física ou astronomia. Para aqueles que não sabem dele a primeira palavra, sou obrigado a remetê-los à fonte, quer dizer, ao

estudo das obras, onde encontrarão todas as informações necessárias e a resposta à maioria das perguntas que poderiam dirigir, perguntas que, o mais frequentemente, versam sobre os princípios mais elementares. Eis porque, em minhas visitas, não me dirijo senão àqueles que, já sabendo, não têm necessidade do A B C, mas bem de um ensinamento complementar. Não vou, pois, *jamais* dar o que se chama de sessões, nem convocar o público para assistir a experiências ou a demonstrações, e ainda menos fazer exibição de Espíritos; aqueles que esperassem ver aqui semelhante coisa estariam num erro completo e devo apressar-me em desenganá-los.

"A reunião desta noite é, pois, de alguma sorte, excepcional e fora de meus hábitos. Pelos motivos que acabo de expor, não posso ter a pretensão de convencer aqueles que repelissem as próprias bases de meus princípios; não desejo senão uma coisa, é que na falta de convicção, levem a ideia de que o Espiritismo é uma coisa séria e digna de atenção, uma vez que fixa a atenção dos homens mais esclarecidos em todos os países. Que não seja aceito cegamente e sem exame, isto se concebe; mas haveria presunção em se inscrever falsamente contra uma opinião que conta seus mais numerosos partidários na elite da sociedade. As pessoas sensatas dizem: Há tantas coisas novas que vêm nos surpreender e que seriam absurdas há um século; vemos cada dia descobrir leis novas, revelar novas forças da Natureza, e seria ilógico admitir que a

Natureza tenha dito sua última palavra; antes de negar é, pois, prudente estudar e observar. Para julgar uma coisa é preciso conhecê-la; a crítica não é permitida senão àquele que fala do que sabe. Que se diria de um homem que, não sabendo a música, criticasse uma ópera? daquele que não tendo as primeiras noções da literatura, criticasse uma obra literária? Pois bem! Ocorre assim com a maioria dos detratores do Espiritismo: julgam sobre dados incompletos, frequentemente mesmo sobre o ouvir-dizer; também todas as suas objeções denotam a ignorância mais absoluta da coisa. Não se pode senão lhes responder: Estudai antes de julgar.

"Assim como tive a honra de vos dizer, senhores, ser-me-ia materialmente impossível vos desenvolver todos os princípios da ciência; quanto a satisfazer a curiosidade de quem quer que seja, há entre vós os que me conhecem bastante para saber que é um papel que jamais desempenhei. Mas na falta de poder vos expor a coisa em seus detalhes, pode ser útil vos fazer conhecer-lhe o objetivo e as tendências; é o que me proponho fazer; julgareis depois se esse objetivo é sério e se é permitido dele zombar. Peço-vos, pois, a permissão para vos ler algumas passagens do discurso que pronunciei nas grandes reuniões de Lyon e de Bordeaux. Para aqueles que não têm do Espiritismo senão uma ideia incompleta, deixa sem dúvida a questão principal no estado de hipótese, já que me dirijo a adeptos já instruídos; mas, à espera de que as circunstâncias dele tenham feito para vós uma verdade, podereis ver-lhe as

consequências, assim como a natureza das instruções que dou, e julgar por aí o caráter das reuniões a que vou assistir.

"Posso dizer, no entanto, que, no Espiritismo, nada é hipotético; de todos os princípios formulados em O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns, não há um só deles que seja o produto de um sistema ou de uma opinião pessoal; todos, sem exceção, são o fruto da experiência e da observação; não saberia reivindicar nenhum deles como sendo o produto de minha iniciativa; estas obras contêm o que aprendi, e não o que criei; ora, o que aprendi, outros podem aprendê-lo como eu; mas, como eu, lhes é preciso trabalhar; somente, lhes poupei a dificuldade dos primeiros trabalhos e das primeiras pesquisas."

Em continuação a esse preâmbulo, lemos alguns fragmentos do discurso pronunciado em Lyon e em Bordeaux, depois demos algumas explicações, necessariamente muito sumárias, sobre os princípios fundamentais do Espiritismo, entre outros sobre a natureza dos Espíritos e os meios pelos quais se comunicam, nos empenhando sobretudo em fazer ressaltar a influência moral que resulta das manifestações pela certeza da vida futura, e os efeitos dessa certeza sobre a conduta durante a vida presente.

Pelo preâmbulo, era impossível estabelecer a situação de maneira mais nítida, e melhor precisar o objetivo que nós nos propusemos, a fim de prevenir todo equívoco. Tivemos essa precaução, sabendo que a assembleia estava longe de ser homogênea e muito simpática. Isso não bastava

naturalmente para aqueles que esperavam ver uma sessão no gênero das do Sr. Home. Um dos assistentes declarou mesmo polidamente que não era o que ele esperava; nós o cremos sem dificuldade, uma vez que, em lugar de exibir coisas curiosas, vínhamos falar do moral; pediu mesmo com tanta insistência que déssemos provas da existência dos Espíritos, que forçoso foi dizer-lhe que não os tínhamos em nosso bolso para lhe mostrar; um pouco mais, creio, ter-lhe-ia dito: "Procurai bem."

Um jornalista, com pseudônimo de *Tony,* que assistia à reunião, pensou disso dar conta no *Spectateur,* jornal hebdomadário de teatros, número de 12 de outubro. Começa assim:

Seduzido pelo anúncio de uma noite espírita, apressei-me em ir ouvir um dos hierofantes mais acreditados dessa *ciência…* assim os adeptos qualificam o Espiritismo. Numeroso auditório esperava, com uma certa ansiedade, o desenvolvimento das bases dessa *ciência,* uma vez que *ciência* há. O Sr. Allan Kardec, autor dos livros dos *Espíritos* e dos *Médiuns,* ia nos iniciar em temíveis segredos! Movido por um sentimento de curiosidade muito compreensível e que nada tinha de hostil, esperávamos sair dessa sessão com uma meia convicção, se o professor, homem de uma habilidade não contestada, se desse ao trabalho de expor sua doutrina. O Sr. Allan Kardec disso pensou de outro modo, e é lamentável. Não se lhe pedia para evocar Espíritos, mas, pelo menos, para fornecer explicações claras ou mesmo elementares para *facilitar a experimentação dos profanos.*

O início caracteriza claramente o pensamento de

alguns dos ouvintes que criam ser *expectadores;* a palavra *seduzido* disso diz mais do que todo o resto. O que queriam, eram *explicações claras para facilitar a experimentação dos profanos;* dito de outro modo, uma receita que cada um, entrando em sua casa, pudesse se divertir evocando os Espíritos.

Segue uma tirada sobre a base da Doutrina: a caridade, e outras máximas que, disse ele, vêm diretamente do cristianismo e não ensinam nada de novo. Se um dia esse senhor se der ao trabalho de ler, saberá que o Espiritismo jamais teve a pretensão de trazer aos homens uma moral senão a do Cristo, e que não se dirige àqueles que a PRATIQUEM em sua pureza; mas como há muitos que não creem nem em Deus, nem em sua alma, nem nos ensinamentos de Cristo, ou que estão mais ou menos na dúvida, e dos quais toda moral se resume nestas palavras: *Cada um por si,* vem, provando a alma e a vida futura, dar uma sanção prática, uma necessidade a essa moral. Queremos muito crer que o Sr. Tony disso não tem necessidade, que tem uma fé viva, uma religião sincera, uma vez que toma a defesa do cristianismo contra o Espiritismo, embora umas más-línguas o acusem de ser um pouco materialista; queremos muito crer, dissemos, que ele pratique a caridade como verdadeiro cristão; que, a exemplo do Cristo, seja brando e humilde; que não tenha nem orgulho, nem vaidade, nem ambição; que seja bom e indulgente para todo mundo, mesmo para seus inimigos; que,

em uma palavra, ele tenha todas as virtudes do divino modelo; mas, pelo menos, com isso não aborreça os outros. Ele prossegue:

O Espiritismo tem a pretensão de evocar os Espíritos. Os Espíritos, é verdade, não se submetem aos caprichos e às exigências. Podem, se necessário, revestir um corpo reconhecível, mesmo roupas, e não entram em relação com os médiuns senão com a condição de estarem envolvidos de uma camada fluídica da mesma natureza… porque não de natureza contrária, como em eletricidade? A *ciência* do Espiritismo não explica.

Lede e o vereis.

Não sei se os adeptos se retiraram satisfeitos; mas, seguramente, os ignorantes sinceramente desejosos de se instruírem nada levaram dessa sessão, se isso não é que o Espiritismo não se demonstra. É a falta do professor, ou o Espiritismo não revela seus arcanos senão aos fiéis? Não vo-lo diremos… e com razão.

TONY.

CONCLUSÃO. – *O Espiritismo não se demonstra.* O Sr. Tony deveria explicar claramente, uma vez que gosta tanto de explicações claras, porque está demonstrado para milhões de homens que não são nem tolos e nem ignorantes. Que se dê ao trabalho de estudar e o saberá, se, como o disse, está tão desejoso de se instruir; mas uma vez que acreditou dever dar conta publicamente de uma reunião que não tinha nada de pública, como se fosse tratar do relatório de um espetáculo onde se vai, *seduzido,* atraído pelo cartaz,

deveria, para ser imparcial, narrar as palavras que dissemos no começo.

Seja como for, não temos senão que nos louvar da urbanidade que presidiu à reunião, e aproveitamos esta circunstância para dirigir ao funcionário eminente, senhor La Maison, nossos agradecimentos pela sua acolhida cheia de benevolência e de cordialidade, e a iniciativa que tomou de pôr seu salão à nossa disposição. Pareceu-nos útil provar-lhe, assim como à sociedade de elite reunida em sua casa, as tendências morais do Espiritismo, e a natureza do ensino que damos nos centros que vamos visitar.

O Sr. Tony ignora se os adeptos ficaram satisfeitos; em seu ponto de vista, evidentemente, a sessão foi sem resultado; quanto a nós, preferimos ter deixado em alguns ouvintes a impressão de um moralista aborrecido do que a ideia de um obsequiador de representações. Um fato certo, é que nem todo o mundo partilha sua opinião sem falar dos adeptos que ali se encontravam, e dos quais recebemos calorosos testemunhos de simpatia, citaremos dois senhores que, no fim da sessão, nos perguntaram se as instruções que havíamos lido seriam publicadas, acrescentando que tinham feito do Espiritismo uma ideia inteiramente falsa, mas que ouviam agora sob uma outra luz, compreendendo-lhe o lado sério e útil, e se propunham fazer dele um estudo aprofundado. Não tivéssemos obtido senão esse resultado e estaríamos satisfeitos. É reconhecer-lhe pouco valor, dirá o Sr. Tony; seja, mas ignora que dois grãos que frutificam se

multiplicam; e, aliás, temos a certeza de que todos os que semeamos nessa circunstância não estarão perdidos, e que o próprio vento levantado pelo Sr. Tony terá levado alguns deles sobre uma terra fértil.

O Sr. Florentin Blanchard, livreiro de Marennes, acreditou dever responder ao artigo do Sr. Tony por uma carta que foi inseria nos *Tablettes des deux Charentes* de 25 de outubro.

Réplica do Sr. Tony onde se encontra esta conclusão:

"O Espiritismo superexcita lastimosamente o espírito dos crédulos, agrava o estado das mulheres de uma grande irritabilidade nervosa, torna-as loucas ou as *mata,* se elas persistem em suas aberrações.

"O Espiritismo é uma doença; a esse título, deve ser combatido. Além disso, entra no quadro das coisas… malsãs que estuda a higiene pública e moral."

Aqui nós pegamos o Sr. Tony em fragrante delito de contradição. No primeiro artigo narrado acima, disse que, vindo à sessão, estava "movido por um sentimento de curiosidade muito compreensível e que nada tinha de hostil." Como compreender que não fosse hostil a uma coisa que disse ser *uma doença, uma coisa malsã,* etc.?

Mais longe ele disse que *esperava explicações claras ou mesmo elementares para facilitar a experimentação dos profanos.* Como poderia desejar ser iniciado, ele e os profanos, na experimentação de uma coisa que disse poder

tornar louco e MATAR? Por que veio? Por que não desviou seus amigos de virem assistir ao ensino de uma coisa tão perigosa? Por que lamenta que esse ensino não respondeu à sua expectativa, não tendo sido tão completo como o desejava? Uma vez que, na sua opinião, essa coisa é tão perniciosa, em lugar de nos fazer uma censura por termos sido tão pouco explícitos, disso deveria nos felicitar.

Outra contradição. Uma vez que veio à reunião para saber o que é, o que quer e o que pode o Espiritismo; que nos censura de não lhe ter ensinado, é, pois, que não o sabia; ora, uma vez que não o estudou, como sabe que é tão perigoso? Portanto, julga-o sem conhecê-lo. Assim, de sua autoridade privada, ele decide que uma coisa é má, malsã e que pode MATAR, então que vem de declarar que não sabe o que é. Essa é a linguagem de um homem sério? Há críticos que se refutam de tal modo por eles mesmos, que basta assinalá-los, e que seria supérfluo ligar-lhes importância. Em outras circunstâncias, uma alegação como esta de *matar* poderia ser demandado por calúnia, porque é levar uma acusação da última gravidade contra nós e contra uma classe imensamente numerosa, hoje, de homens mais honrados.

Isto não é tudo. Esse segundo artigo foi seguido de vários outros nos quais desenvolve sua tese.

Ora, eis o que se lê no *Spectateur* de 26 de outubro, por ocasião da primeira carta do Sr. Blanchard:

A redação do *Spectateur recebeu* de Marennes, com a assinatura de Florentin Blanchard, uma carta em resposta ao nosso

primeiro artigo do dia 12, quando esse artigo já estava composto. A redação lamenta que a exigüidade de seu formato não lhe permita abrir suas colunas para uma controvérsia sobre o Espiritismo. *Os Tablettes, a* pedido expresso do *Spectateur,* deram essa carta *in-extenso.*

Reservamo-nos para responder em seu tempo e trataremos de não ceder, como seu autor, às inspirações de um *Espírito inconveniente.*

TONY.

Depois, em seguida a uma segunda carta do Sr. Blanchard, inserida desta vez no *Spectateur,* lê-se:

Concedemo-vos, a hospitalidade com prazer, Sr. Florentin Blanchard, mas não será preciso disso abusar. Vossa carta deste dia me acusa de não ter estudado o Espiritismo. Como o entendeis? Sem dúvida, não quereis discutir com iluminados, e a esse título não faço o vosso negócio; de acordo!…

Que me respondais, senhor, a algumas proposições que terminam minha última carta… em lugar de me acusar vagamente? Esta correspondência prolongada é sem interesse, permiti-me não mais continuá-la.

Retomarei proximamente a sequência de meus artigos sobre o Espiritismo, mas só de tempo em tempo, porque a pouca extensão do *Spectateur* não lhe permite estudos longos sobre esse divertido assunto.

Depois, tereis muito o que fazer, senhor, não tomamos os Espíritas a sério e não saberíamos considerar o Espiritismo como uma *ciência.*

TONY.

Assim, eis que está claro: o Sr. Tony quer atacar o Espiritismo, arrastá-lo na lama, qualificá-lo de coisa malsã, dizer que ele *mata,* sem dizer, no entanto, quantas pessoas matou, mas não quer controvérsia; seu jornal é bastante grande para seus ataques, mas é muito pequeno para a réplica. Falar sozinho é muito cômodo. Esqueceu que, em razão da natureza e da personalidade de seus ataques, a lei poderia obrigá-lo a uma inserção de uma resposta duplamente extensa, apesar da exiguidade de seu jornal.

Completando as particularidades de nossa estada, quisemos mostrar que nem procuramos, nem solicitamos essa reunião e, por conseguinte não *seduzimos* ninguém para vir nos ouvir; também tivemos o cuidado de dizer, sem cerimônia, no início, qual era a nossa intenção; aqueles que isso desapontava estavam livres para se retirarem. No presente nos felicitamos pela circunstância fortuita, ou melhor, providencial que nos fez permanecer, uma vez que provocou uma polêmica que não pode senão servir à causa do Espiritismo, fazendo-o conhecer pelo que ele é: uma coisa moral, e não por aquilo que não quer ser: um espetáculo para a satisfação dos curiosos; e dando, uma vez mais, à critica a oportunidade de mostrar a lógica de seus argumentos.

Agora, senhor Tony, ainda duas palavras eu vos peço. Para adiantar publicamente coisas como aquelas que escrevestes, é preciso estar bem seguro de seu fato, e deveis ter interesse em prová-los. É muito cômodo discutir sozinho, e, no entanto, não entendo estabelecer convosco nenhuma

polêmica; não tenho tempo para isto e, aliás, vossa folha é muito pequena para admitir a crítica e a refutação; depois, seja dito sem vos ofender, sua influência não vai muito longe. Ofereço-vos melhor do que isso, que é de vir a Paris, diante da Sociedade que presido, quer dizer, diante de cento e cinquenta pessoas, sustentar e provar o que adiantais; se estais certo de estar na verdade, nada deveis temer, e vos prometo sob palavra de honra que, por meio da *Revista Espírita,* vossos argumentos e os efeitos que tereis produzido irão da China ao México, passando por todas as capitais da Europa.

Notai, senhor, que vos faço levar a melhor, porque não é na esperança de vos converter, ao que não me prendo de todo, que vos faço essa proposta; ficareis, pois, perfeitamente livre de guardar vossas convicções; é para oferecer às vossas ideias contra o Espiritismo a ocasião de uma grande repercussão. Para que saibais a quem ireis fazê-lo, dir-vos-ei dos que se compõe a Sociedade: advogados, negociantes, artistas, homens de letras, sábios, médicos, capitalistas, bons burgueses, oficiais, artesãos, príncipes, etc.; o todo entremeado de um certo número de senhoras, o que vos garante uma correção irrepreensível sob o aspecto da urbanidade; mas muito atentos até a medula dos ossos, como cinco ou seis milhões de adeptos, dessa *coisa malsã que estuda a higiene pública e a moral,* que deveis ardentemente desejar curar.

(p. 363-371).

O Espiritismo é possível?

(Extraído do *Écho de Sétif de* 18 de setembro de 1862.)

Tal é o título de um muito sábio e muito profundo artigo, assinado por Jalabert, publicado com esta epígrafe: *Mens agitat molen,* pelo *Écho de Sétif,* um dos jornais mais acreditados da Argélia. Lamentamos que sua extensão não nos permita reportá-lo por inteiro, porque não pode senão perder a interrupção do encadeamento dos argumentos pelos quais o autor chega, por uma sequência de argumentos, da criação do corpo e do Espírito por Deus, à ação do Espírito sobre a matéria, depois à possibilidade das comunicações entre o Espírito livre e o Espírito encarnado. Suas deduções são tão lógicas que, a menos de negar Deus e a alma, não se pode impedir de dizer: Isto não pode ser de outro modo. Dele não citaremos senão alguns fragmentos e sobretudo a conclusão.

Quando Fulton expôs a Napoleão l o seu sistema de aplicação do vapor à navegação, ele afirmou e se ofereceu para provar que, se seu sistema era verdadeiro em teoria, não era menos verdadeiro na prática.

Que lhe respondeu Napoleão? – Que em teoria, sua ideia não era realizável, e, com este fim de não receber *a priori,* sem ter nenhuma conta nem das experimentações já feitas pelo imortal mecânico, nem das que lhe pedia para fazer e que fez, o grande Imperador não pensou mais nem em Fulton, nem em seu sistema, até o dia em que o primeiro

barco a vapor apareceu no horizonte de Sainte-Hélène.

Coisa singular sobretudo num século de observações físicas, de ciências materialistas e de *positivismo!.* Mais de uma vez, o *fato,* só por isso que é extraordinário, inaudito, novo, o *fato,* permite-se dizê-lo, é *afastado* por uma simples exceção de *direito.*

É assim que, para não falar senão dessas manifestações de Espíritos, que lembra a expressão de *Espiritismo,* ouvimos de homens, aliás, sérios e instruídos, exclamarem, zombeteiros, depois de uma narração conscienciosa de certas dessas manifestações vistas ou atestadas por homens inteligentes, convencidos e de boa fé: Deixai, pois, a vós vosso Espiritismo e vossas manifestações, e vossos *médiuns!* O que contais não é possível!

– Não é possível! Pois bem, seja! Mas, por favor, ó gênios transcendentais, dignai-vos vos lembrar da palavra célebre de um Antigo, e, antes de nos atingir com os vossos soberbos desdéns, consenti, eu vos peço, ouvir-nos.

Quereis ler estas linhas por inteiro, – seriamente, atentamente, – e depois, a mão sobre a vossa consciência e a sinceridade sobre os vossos lábios, ousai, ousai negar a possibilidade, a *racionalidade* do Espiritismo!

……

Dizeis: Eu não compreendo esse mistério! – mas para nós como para vós, o movimento material produz um movimento espiritual, a matéria agitada pelo pensamento, o

corpo movido pelo Espírito, é o incompreensível! Mas o incompreensível não é o impossível. Negar essa ação, negar essa influência, negar essa comunicação! Não mais criação, não mais encarnação, não mais de Redenção, não mais de distinção entre a alma e o corpo, não mais de variedade na unidade, – não mais Deus, – não mais corpo, – não mais Espírito, – não mais razão. – O caos, o caos ainda e sempre o caos, ou, o que é pior, o panteísmo ou o nihilismo.

Resumamos. Filosoficamente, fisiologicamente, religiosamente, o Espiritismo não é nem irracional, nem absurdo.

Portanto, ele é *possível.*

O homem *age* – sobre si mesmo por seu verbo interior ou sua vontade e por seus sentidos, – sobre seus semelhantes, por seu verbo exterior ou sua palavra, e pelos seus sentidos ainda. Por que, pois, só pelo seu verbo interior, não se comunicaria com Deus, com o anjo e com os Espíritos, em uma palavra, com qualquer outro ser *incorpóreo* por natureza, ou acidentalmente *corporificado,* liberto dos sentidos?

O Espírito é uma força, uma força *agindo* sobre a matéria, quer dizer, sobre um ser nada tendo de comum com ele, inerte, não inteligente. E, no entanto, existem relações do criador à criação, do anjo ao homem, como da alma do homem ao corpo do homem e, por ele, ao mundo exterior.

Mas, de Espírito a Espírito, o que impediria uma ação,

uma comunicação recíproca? Se o Espírito se comunica com os seres de uma natureza oposta à sua, não se conceberia verdadeiramente que não pudesse se comunicar com os seres de uma natureza idêntica.

De onde viria o obstáculo? – Da distância? – Mas, entre Espíritos, não há distância. "O ar está cheio deles," disse São Paulo, – para nos fazer compreender que eles gozam, de alguma sorte, da ubiquidade divina. De uma diferença hierárquica? Mas a hierarquia aí nada faz; desde que são Espíritos, sua natureza o exige, agem e se comunicam entre si. – De sua estada momentânea nos laços corporais? – Mas, nesse caso, salvo a diferença dos meios de comunicação, ela mesma não o fará menos. Meu Espírito comunica com o vosso, e vosso Espírito, tanto quanto o meu, habita um corpo. Por mais forte razão, comunicar-se-á com um Espírito *livre,* ou *libertado* de toda matéria, – quer se trate de um Espírito de anjo ou de uma alma de homem.

Há mais! Longe de que nada impede, tudo, ao contrário, favorece semelhante comunicação."Deus é amor" e tudo o que tenha qualquer coisa de divina, participa do amor. Mas o amor vive de comunicações, de *comunhões;* Deus ama o homem: também comunica-se com ele, – no Éden, pela palavra, – sobre o Sinai pela escrita, – no estábulo de Belém e sobre o cume do Calvário por seu Verbo encarnado, – sobre o altar, por seu Verbo *transubstanciado* no pão e no vinho eucarísticos.

……

Temos, pois, por certo que as comunicações de alma a alma, de Espírito a Espírito, são mais possíveis ainda do que as do Espírito à matéria.

Agora, qual será o instrumento, o meio de comunicação dos seres entre si!

Entre os seres corpóreos, essa comunicação se opera pelo movimento, como é o verbo dos corpos;

Entre seres puramente espirituais, pelo pensamento ou pela palavra interior, que é como o movimento dos Espíritos;

Entre seres ao mesmo tempo espirituais e corpóreos, por esse mesmo pensamento revestido de um sinal ao mesmo tempo corpóreo e espiritual, pela palavra exterior;

Entre um ser espiritual e corpóreo, de uma parte, e um ser simplesmente espiritual, de outra, *comumente* pela palavra interior, se manifestando fora por um *sinal* material.

……

E, que será esse sinal? -Todo objeto material, movendo-se, num momento dado, de um movimento com significado previamente convencionado, sob a única influência, direta ou indireta, da vontade ou da palavra interior do Espírito com o qual quiser se pôr em comunicação.

……

Recomendamos este artigo ao Sr. Tony, de Rochefort; eis um de seus confrades que diz tudo ao contrário dele; um diz branco,

o outro diz negro; quem tem razão? Há entre eles esta diferença, que um sabe e que o outro não sabe. Deixamos ao leitor o cuidado de pesar as duas lógicas.

O mesmo jornal publicou vários artigos sobre o mesmo assunto, por outros escritores, e que, como este, levam a marca de uma profunda observação e de um estudo sério. Disto voltaremos a falar.

(p. 371-374).

Resposta a um senhor de Bordeaux

Um senhor de Bordeaux nos escreveu uma carta, muito polida, de resto, mas contendo uma crítica do ponto de vista religioso ao artigo publicado no número de novembro sobre a *Origem da linguagem,* artigo que, seja dito de passagem, encontrou numerosos admiradores. Não contendo essa carta nem assinatura nem endereço, fizemos com ela o caso que se deve fazer com toda carta sem nome: lançamo-la no fogo.

(p. 384).

Revista Espírita de janeiro 1863

Carta sobre o Espiritismo

Extrato do *Renard,* jornal hebdomadário de Bordeaux, de 1 de novembro de 1862.

Ao Sr. Redator-chefe do Renard.

Senhor Redator,

Se o assunto que aqui abordo não vos parece nem muito repisado, nem muito extensamente tratado, rogo-vos inserir esta carta no mais próximo número de vosso estimado jornal:

Algumas palavras sobre o Espiritismo: É uma questão tão controversa e que hoje ocupa tanto do espírito que tudo o que se pode escrever, sobre esse assunto, um homem leal e seriamente convencido não pode parecer, a ninguém, nem ocioso nem ridículo.

Não quero impor minhas convicções a quem quer que seja; não tenho nem idade, nem experiência, nem inteligência necessárias para ser um Mentor; quero dizer somente, a todos aqueles que, não conhecendo desta teoria senão o nome, estão dispostos a acolher o Espiritismo por zombarias ou um desdém sistemático: Fazei como fiz; tentai primeiro vos instruir, e tereis em seguida o direito de ser desdenhoso ou zombador.

Há um mês, senhor redator, eu tinha apenas uma ideia vaga do Espiritismo; sabia só que essa descoberta, ou essa utopia, para a qual uma palavra nova foi inventada, repousava sobre fatos (verdadeiros ou falsos), de tal modo sobrenaturais, que eram rejeitados antecipadamente por todos os homens que não creem em nada daquilo que os espanta, que não seguem jamais um progresso senão a reboque de todo o seu século, e que, novos São Tomes, não estão persuadidos senão quando tocaram. Como eles, confesso, estava muito disposto a rir dessa teoria e de seus

adeptos; mas, antes de rir, quis saber de que riria, e me apresentei numa sociedade de Espíritas, a casa do Sr. E. B. Diga-se de passagem, o Sr. B., que me pareceu um espírito direito, sério e esclarecido, é cheio de uma convicção bastante forte para deter o sorriso sobre os lábios de gracejador de mau gosto; porque, o que quer que se diga, uma convicção sólida sempre se impõe.

No fim da primeira sessão eu não ria mais, mas duvidava ainda, e o que sentia sobretudo era um extremo desejo de me instruir, uma impaciência febril de assistir a novas provas.

Foi o que fiz ontem, senhor redator, e não mais duvido agora. Sem falar de algumas comunicações pessoais que me foram feitas sobre coisas ignoradas tanto do médium quanto de todos os membros da Sociedade, vi fatos, que considero irrecusáveis.

Sem fazer aqui, compreendeis porque, nenhuma reflexão sobre o grau de instrução ou da inteligência do médium, declaro que é impossível *a* qualquer outro senão a um Bossuet ou a um Pascal responder imediatamente, de maneira tão clara quanto possível, com uma velocidade por assim dizer mecânica, e num estilo conciso, elegante e correto, várias páginas sobre perguntas tais como esta: "Como se pode conciliar o livre arbítrio com a presciência divina", quer dizer, sobre os problemas mais difíceis da metafísica. Eis o que vi, senhor redator, e muitas outras coisas ainda que não acrescentarei nesta carta, já muito

longa; escrevo isto, eu o repito, a fim de inspirar, se o posso, a alguns de vossos leitores, o desejo de se instruir; talvez em seguida estarão convencidos como eu.

TIBULLELANG,

antigo aluno da Escola Politécnica.

(p. 15-16).

Algumas palavras sobre o Espiritismo

(Extrato do *Écho de Sétif,* Argélia, de 9 de novembro de 1862.)

Já há algum tempo, o mundo se agita, estremece e procura; o mundo, a alma em pena, tem grandes necessidades.

Admitamos que o Espiritismo não existe, que tudo o que dele se diz seja o resultado do erro, da alucinação de alguns espíritos doentes; mas não é nada ver seis milhões de homens à espera da mesma doença em sete a oito anos?

Por mim, nele encontro muitas coisas: encontro o pressentimento de grandes acontecimentos, porque, em todos os tempos, na véspera de épocas marcantes, o mundo sempre ficou inquieto, turbulento mesmo, sem se dar conta de seu mal-estar. O que há de certo hoje, é que depois de ter atravessado uma época de materialismo assustador, sente a necessidade de uma crença espiritualista raciocinada; quer crer com conhecimento de causa, se posso me expressar assim. Eis as causas de seu mal-estar, se admitimos que haja doença.

Dizer que não há nada no fundo desse movimento, é ser temerário.

Um escritor, que não tenho a honra de conhecer, vem de dar um artigo, profundamente pensado, no *Écho de Sétif,* de 18 de setembro último. Ele mesmo confessa que não conhece o Espiritismo. Procura se é possível, se ele pode existir, e suas pesquisas levaram-no a concluir que o Espiritismo não é impossível.

O que quer que seja, os Espíritas têm o direito de alegrar-se hoje, uma vez que homens de elite querem muito consagrar uma parte de seus estudos à procura do que uns chamam uma verdade e os outros um erro.

No que me concerne, posso atestar um fato: é que vi coisas que não se podem crer sem tê-las visto.

Há uma parte muito esclarecida da sociedade que não nega precisamente o fato, mas pretende que as comunicações que se obtêm vêm diretamente do inferno. É o que não posso admitir em presença de comunicações como esta: "Crede em Deus, criador e organizador das esferas, amai a Deus criador e protetor das almas… *Assinado:* GALILEU.

O diabo não teve que falar sempre como isso; porque, se assim fora, os homens ter-lhe-iam dado uma reputação que não teria merecido. E se é verdade que haja faltado com o respeito para com Deus, reconheçamos que ele bem colocou a água em seu vinho.

Tão incrédulo que fui, não podia me persuadir que Deus jamais permitiria ao nosso Espírito se comunicar, com o nosso desconhecimento, com o Espírito de uma pessoa viva; no entanto, muito me foi preciso render-me à evidência. Pensei, e um adormecido me respondeu claramente, categoricamente; nenhum som, nenhum tremor se produziu em meu cérebro. O Espírito do adormecido, pois, correspondeu-se com o meu, com o seu desconhecimento! eis o que atesto. Antes desta descoberta, pensava que Deus pusera uma barreira intransponível entre o mundo material e o mundo espiritual. Enganei-me, eis tudo. E parece que, quanto mais era incrédulo, mais Deus quis me desenganar pondo, sob meus olhos, fatos extraordinários e patentes.

Quis escrever eu mesmo, a fim de não ser mistificado por um terceiro; minha mão jamais fez o menor movimento. Coloquei a pena na mão de um menino de quatorze anos, e ele dormiu sem que eu o desejasse. Vendo isto, retirei-me para o meu jardim, com a convicção de que essa pretensa verdade não era senão um sonho; mas, reentrando em minha casa, notei que o menino tinha escrito. Aproximei-me para ler, e vi, com minha grande surpresa, que o menino respondera a todos os meus pensamentos. Protestante sempre, apesar desse fato e querendo confundir o adormecido, fiz mentalmente uma pergunta sobre a história antiga. Sem hesitar, o adormecido respondeu-a categoricamente.

Detenhamo-nos aqui, e apresentemos, em poucas

palavras, algumas observações.

Suponhamos que não haja tido a intervenção dos Espíritos de um outro mundo, sempre é que o Espírito do adormecido e o meu estavam em perfeita concordância. Eis, pois, um fato, penso eu, que merece ser estudado. Mas há homens tão sábios que não têm mais nada para estudar e que preferem dizer-me que sou um louco.

Um louco, seja, mas mais tarde veremos bem aquele, ou aqueles, que estão no erro.

Se tivesse articulado uma única palavra, se tivesse feito o menor sinal, não me teria entregue; mas não me mexi, não falei: que digo eu, não respirei!

Pois bem! há um sábio que queira conversar comigo sem dizer uma palavra ou sem me escrever? Há algum deles que queira traduzir meu pensamento sem me conhecer, sem me ter visto? E o que é muito mais, não posso enganá-lo, mesmo lhe falando, e isto, sem que disso desconfie? Isto não podia se fazer com o médium em questão. Tentei muitas vezes, não tive sucesso.

Se me permitirdes, vos darei, em continuação, algumas das comunicações que obtive.

C***

(p. 16-18).

Revista Espírita de fevereiro 1863

Sermões contra o Espiritismo

Uma carta de Lyon, datada de 7 de dezembro de 1862, contém a passagem seguinte, que uma testemunha ocular e auricular nos confirmou de viva voz:

"Tivemos aqui o bispo do Texas, da América, que pregou, terça-feira última, 2 de dezembro, às oito horas da noite, na igreja Saint-Nizier, diante de um auditório de quase duas mil pessoas, entre as quais se encontravam um grande número de Espíritas. Aí! Não parecia muito instruído na nossa doutrina; pode-se julgá-lo por este curto resumo:

"Os Espíritas não admitem o inferno nem a preces nas igrejas, eles se fecham em seus quartos e ali oram, Deus sabe que preces!… Não há senão duas categorias de Espíritos: os perfeitos e os ladrões; os assassinos e os canalhas… Venho da América, onde esses infames começaram; pois bem! Posso vos assegurar que, há dois anos, não se ocupa mais de tudo nesse país. Foi-me dito que aqui, nesta cidade de Lyon, tão renomada pela sua piedade. Havia muitos Espíritas; isso não pode ser; não o creio. Estou bem seguro, caros irmãos e irmãs, que não há entre vós um único médium, nem uma única médium, porque, vede os Espíritas não admitem nem o casamento, nem o batismo, e todos os Espíritas são separados de suas mulheres, etc., etc…"

"Estas várias frases podem dar uma ideia do resto. O que teria dito o orador se soubesse que quase um quarto de

seus ouvintes era composto de Espíritas? Quanto à sua eloquência, não posso dizer senão uma coisa, é que, por momentos, ela parecia do frenesi; ele parecia perder o fio de suas ideias e não sabia o que queria dizer; se eu não temesse servir-me de um termo irreverente, diria que ele patinhava. Creio verdadeiramente que era impelido por alguns Espíritos a dizer todos esses absurdos, e de maneira tal que, vos asseguro, não se estaria em dúvida de estar num lugar santo; também todo mundo ria. Alguns de seus partidários foram os primeiros a julgar do efeito que produzira o sermão, mas não deveram estar muito satisfeitos, porque, uma vez fora, cada um tratou de rir e de dizer seu pensamento; vários mesmo de seus amigos deploravam os desvios aos quais se entregou, e compreendiam que o objetivo fora completamente errado. Com efeito, não poderia fazer melhor para recrutar adeptos, e foi o que aconteceu durante a sessão. Uma senhora, que se achava ao lado de um muito bom Espírita de meu conhecimento, disse-lhe: "Mas o que é, pois, esse Espiritismo e esses médiuns, dos quais se fala tanto, e contra os quais esses senhores estão tão furiosos?" A coisa tendo-lhe sido explicada: Oh! disse ela, chegando em minha casa, vou conseguir os livros e tentarei escrever".

"Posso vos assegurar que se os Espíritas são tão numerosos em Lyon, é graças alguns sermões do gênero desse. Lembrai-vos que, há três anos, quando não se contava aqui senão algumas centenas de Espíritas, eu vos escrevi, em consequência de uma pregação colérica conta a Doutrina, e

que produziu um excelente efeito: "Ainda alguns sermões como este, e em um ano o número de adeptos será decuplicado." Pois bem! hoje decuplicado, graças também aos ignóbeis e mentirosos ataques de alguns órgãos de imprensa. Todo o mundo, até o simples operário que, sob suas vestes grosseiras, tem mais bom senso do que se crê, diz que não se ataca com tanto furor senão uma coisa que para isso valha a pena, é porque se quis ver por si mesmo, e quando se reconheceu a falsidade de certas afirmações, que denotavam ignorância e malevolência, a crítica perdeu todo o crédito, e, em lugar de afastar do Espiritismo, ela conquistou partidários. Ocorrerá o mesmo, muito esperamos, com o sermão do monsenhor do Texas, cuja maior imperícia foi dizer que "todos os Espíritas estão separados de suas mulheres", quando temos aqui, sob nossos olhos, numerosos exemplos de lares outrora divididos, e onde o Espiritismo levou à união e à concórdia. Cada um diz naturalmente que, uma vez que os adversários do Espiritismo lhe atribuem ensinos e resultados cuja falsidade está demonstrada pelos fatos e pela leitura dos livros que dizem tudo ao contrário, nada prova a verdade das outras críticas. Creio que se os Espíritas lioneses não temessem faltar com o respeito ao monsenhor do Texas, ter-lhe-iam votado um requerimento de agradecimentos. Mas o Espiritismo nos torna caridosos, mesmo para com os nossos inimigos".

Uma outra carta, de uma testemunha ocular, contém a passagem seguinte:

"O orador de Saint-Nizier partiu desse dado de que o Espiritismo tivera seu tempo nos Estados Unidos, e que não se falava dele há dois anos. Era, pois, segundo ele, um assunto da moda: esses fenômenos eram sem consistência, e não valiam a pena serem estudados; tinha procurado ver e não vira nada. No entanto, mostrava a nova doutrina como atentatória aos laços de família, à propriedade, à constituição da sociedade, e denunciando-a como tal às autoridades competentes.

"Os adversários se prendiam a um efeito mais surpreendente, e não a uma simples negação representada de maneira bastante ridícula; porque não ignoram o que se passa na cidade, a marcha do progresso e a natureza das manifestações. Também a questão retornou, domingo dia 14, em Saint-Jean, e esta vez um pouco melhor tratada.

"O orador de Saint-Nizier negara os fenômenos; o de Saint-Jean reconheceu-os, afirmou-os: "Ouvem-se, disse ele, golpes nas paredes; no ar, vozes misteriosas; se tem, realmente, relações com os Espíritos, mas quais Espíritos? Podem não ser bons, porque os bons são dóceis e submissões às ordens de Deus, que proibiu a própria evocação dos Espíritos; portanto, aqueles que vêm não pode ser senão mais".

Contaram-se bem três mil pessoas em Saint-Jean; entre elas, trezentas pelos menos irão à descoberta.

"O que contribuirá, certamente, para fazer refletirem

as pessoas honestas ou inteligentes que compõem o auditório, são as afirmações singulares do orador, – digo singulares por polidez. – "O Espiritismo, disse ele, *vem destruir a família, aviltar a mulher, pregar o suicídio, o adultério e o abortamento, preconizar o comunismo, dissolver a sociedade*". Depois convidou os paroquianos que, por acaso, tivessem livros espíritas a levá-los a esses senhores que os queimariam, como São Paulo fez a respeito das obras heréticas.

"Não sei se esses senhores encontrarão muitas pessoas bastante zelosas para irem esgotar, o dinheiro à mão, as lojas de nossas livrarias. Alguns Espíritas estavam furiosos; a maioria se alegrava, porque compreendiam que era uma boa coisa.

"Assim, do alto do segundo púlpito da França vem de se proclamar que os fenômenos espíritas são verdadeiros; toda questão se reduz, pois, em saber se são bons ou maus Espíritos, e se não é senão aos maus que Deus permite vir".

O orador de Saint-Jean afirma que não pode ser senão os maus; e eis um outro que modifica um pouco a solução. Escrevem-nos de Angoulême que, quinta-feira, 5 de dezembro último, um pregador assim se exprimiu em seu sermão: "Sabíamos *todos* que se podiam evocar os Espíritos, e isso há muito tempo; mas *só* a Igreja pode fazê-lo; não é permitido aos outros homens tentarem corresponder-se com eles por meios físicos; para mim, é uma heresia". O efeito produzido foi todo contrário ao que se esperava".

É, pois, muito evidente que os bons e os maus podem se comunicar, porque se só os maus tivessem esse poder, não é provável que a Igreja se reservasse o privilégio de chamá-los.

Duvidamos que dois sermões, pregados em Bordeaux em outubro último, tenham servido melhor à causa de nossos antagonistas. Eis a análise que deles foi feita por um ouvinte; os Espíritas puderam ver se, sob esse disfarce, reconhecem sua doutrina, e se os argumentos que se lhes opõem são de natureza a abalar sua fé. Quanto a nós, repetimos o que dissemos alhures: Enquanto não se atacar o Espiritismo com melhores armas, nada se tem a temer.

"Lamentarei sempre, disse o narrador, não ter ouvido o primeiro desses sermões, que ocorreu na capela Margaux, a 15 de outubro último, se minhas informações estão certas. Segundo o que testemunhas dignas de fé me reportaram, a tese desenvolvida foi esta:

"Os Espíritos podem se comunicar aos homens. Os bons se comunicam só na Igreja. Todos aqueles que se manifestam fora da Igreja são maus, porque fora da Igreja não há salvação. – Os médiuns são infelizes que fizeram pacto com o diabo e dele, ao preço de sua alma, que lhe venderam, recebem manifestações de todas as espécies, fossem elas extraordinárias para não dizer miraculosas". – Silêncio sobre outras citações mais estranhas ainda; eu mesmo não as tenho entendido, temeria exagerá-las.

No domingo seguinte, 19 de outubro, tive a felicidade de assistir ao segundo sermão. Informei-me quanto ao nome do pregador; foi-me respondido que era o Padre Lapeyre, da companhia de Jesus.

"O Padre Lapeyre fez a crítica de *O Livro dos Espíritos,* e, certamente, seria preciso uma extraordinária dose de boa vontade para reconhecer essa admirável obra nas teorias desprovidas de bom senso que o pregador pretendia ali ter encontrado. Limitar-me-ei a vos mostrar os pontos que me feriram mais, preferindo ficar abaixo da verdade antes que atribuir ao nosso adversário o que não teria dito, ou o que eu teria mal compreendido.

"Segundo o Padre Lapeyre, *"O Livro dos Espíritos* prega o comunismo, a partilha dos bens, o divórcio, a igualdade entre todos os homens e, sobretudo, entre o homem e a mulher, a igualdade entre o homem e seu Deus, porque o homem, levado por esse orgulho que os anjos perderam, não aspira a nada menos do que se tornar semelhante a Jesus Cristo; ele arrasta os homens ao *materialismo* e aos prazeres sensuais, porque o trabalho de aperfeiçoamento pode se fazer sem o concurso de Deus, apesar dele mesmo, pelo efeito dessa força que quer que tudo se aperfeiçoe gradualmente; ele preconiza a metempsicose, essa loucura dos Antigos, etc."

Passando em seguida à rapidez com a qual as ideias novas se propagam, constata com pavor quanto o diabo que as ditou é hábil e velhaco, quanto soube habituar com arte,

de maneira a fazê-los vibrar com força nos corações pervertidos das crianças deste século de incredulidade e de heresia. "Este século, exclama, ama tanto a liberdade, e se lhe vêm oferecer o livre exame, o livre arbítrio, a liberdade de consciência! Este século gosta tanto da igualdade, e se lhe mostra o homem à altura de Deus! Gosta tanto de luz, e com traço de pena se rasga o véu que esconde os santos mistérios!

"Depois atacou a questão das penas eternas, e fez sobre esse assunto, palpitante de emoções, magníficos movimentos oratórios: "Crê-lo-íeis, meus muito caros irmãos; acreditaríeis até onde foi a impudência desses filósofos novos, que creem fazer desabar sob o peso dos sofismas a santa religião do Cristo! Pois bem, os infelizes, dizem que não há inferno, dizem que não há purgatório! Para eles não mais de *relações benditas que ligam os vivos às almas daqueles que perderam!* Não mais o santo sacrifício da missa! E por que celebrá-la? essas almas não se purificam por si mesmas e sem trabalho nenhum, pela eficácia dessa força irresistível que, sem cessar, as atrai para a perfeição?

"Sabeis quais são as autoridades que vêm proclamar essas doutrinas ímpias, marcadas na fronte com o sinal inapagável desse inferno que quereriam aniquilar? Ah! meus irmãos, essas são as mais sólidas colunas da Igreja: os São Paulo, os São Agostinho, os São Luís, os São Vicente de Paulo, os Bossuet, os Fénelon, os Lamennais*,* e todos esses homens de elite, santos homens que, durante sua vida,

combateram para o estabelecimento das verdades inabaláveis, sobre as quais a Igreja construiu seus fundamentos, e que vem declarar hoje que seu Espírito, liberto da matéria, estando mais clarividente, perceberam que suas opiniões eram errôneas, e que é tudo ao contrário que é preciso crer".

O pregador, passando em seguida à pergunta que o autor da Carta *de um católico* dirige a um Espírito para saber se, praticando o Espiritismo, ele é herético acrescenta:

"Eis a resposta, meus irmãos: ela é curiosa, e o que é mais curioso ainda, o que nos mostra a maneira, a mais evidente, que o diabo, apesar de suas velhacarias e sua habilidade, deixa sempre perceber seu verdadeiro caráter, foi o próprio nome do Espírito que deu essa resposta; eu vos dizia há pouco".

"Segue a citação dessa resposta, que termina assim: 'Estás de acordo com a Igreja sobre todas as verdades que te fortalecem no bem, que aumenta em tua alma o amor de Deus e o devotamento aos teus irmãos? Sim; pois bem! tu és católico." Depois acrescenta: Marcai.. Zenon!… Zenon! um filósofo grego, um pagão, um idólatra que, do fundo do inferno onde queima há vinte séculos, vem nos dizer que se pode ser católico o não crer nesse inferno que o tortura, e que espera todos aqueles que, como ele, não morrerem humildes e submissos no regaço da santa Igreja.. Mas, insensatos e cegos que sois, com toda a vossa filosofia, não teríeis senão essa prova, essa única prova de que a doutrina

que proclamais emana do demônio, que ela seria mil vezes suficiente!”

“Depois de longos desenvolvimentos sobre essa questão e sobre o privilégio exclusivo que a Igreja tem de expulsar os demônios, ajunta:

“Pobres insensatos, que vos divertis falando aos Espíritos e pretendeis exercer sobre eles alguma influência! Não tomeis, pois, que, como aquele do que fala São Lucas, esses Espíritos batedores, barulhentos, – e são bom nomeados, meus muito caros irmãos – não vos pergunte também: E vós, quem sois? Quem sois para vir nos perturbar? Crede-vos submeter-nos impunemente aos vossos caprichos sacrílegos? e que, agarrando as cadeiras e mesas que fazeis girar, não se apoderem de vós, como se apoderaram dos filhos de Sceva, e não vos maltratem de tal modo que não sejais forçados a fugir nus e feridos, e reconhecendo, mas muito tarde, toda abominação que há em jogar assim com os mortos.

“Diante desses fatos tão patentes, e que falam tão alto, que nos resta a fazer? Que temos a dizer? Ah! meus caros irmãos! Guardai-vos com cuidado do contágio! Repeli com horror todos as tentativas que os maus não deixarão de fazer depois de vos arrastar com eles ao abismo! Mas, ah!, já é muito tarde para fazer tais recomendações; o mal já fez rápidos progressos. Esses livros infames, ditados pelo príncipe das trevas, a fim de atrair em seu reino uma multidão de pobres ignorantes, estão de tal modo

esparramados que se, como outrora em Éfeso, se calculasse o preço dos que circulam em Bordeaux, ultrapassar-se-ia, disto estou seguro, a soma enorme de cinquenta mil moedas de prata (170000 francos de nossa moeda; chamada de uma citação feita em outra parte de seu sermão); e não estaria admirado que, entre os numerosos fiéis que me escutam, haja alguns deles que já se deixaram arrastar ao lê-los. Aqueles não podemos dizer senão isto: Depressa, aproximai-vos do tribunal da penitência; depressa, vinde abrir vossos corações aos vossos guias espirituais. Cheios de doçura e de bondade, e seguindo em todos os pontos o magnânimo exemplo de São Paulo, nos apressaremos em vos dar a absolvição; Mas, como ele, não vo-la daremos senão com a condição expressa de nos trazer esses livros de magia que fizeram vos perder. E desses livros, muito caros irmãos, o que faremos deles? sim, que faremos deles? Como São Paulo, deles faremos uma grande pilha na praça pública, e, como ele, nós mesmos lhes colocaremos o fogo. Não faremos senão uma curta observação sobre esse sermão é que o autor se enganou da data, e que talvez, novo Epimênides, dormiu depois de quatorze séculos. Um outro fato que disso ressalta é a constatação do rápido desenvolvimento do Espiritismo. Os adversários de uma outra escola o constatam também com desespero, tanto é grande seu amor pela razão humana. Lê-se no *Moniteur de la Moselle,* de 7 de novembro de 1 852: "O Espiritismo faz perigosos progressos. Invade o grande, o pequeno, o médio e o semi-mundo. *Magistrados, médicos, pessoas sérias* dão também nesse erro." Achamos essa

afirmação repetida na maioria das críticas atuais; é que, em presença de um fato tão patente seria preciso vir do fundo do Texas para adiantar, diante de um auditório, onde se encontram mais de mil espíritas, que há dois anos dele não se ocupa mais. Então, por que tanta cólera se o Espiritismo está morto e enterrado? O P. Lapeyere, ao menos não se ilude; seu próprio medo lhe exagera a extensão do pretenso mal, uma vez que avalia numa cifra fabulosa o valor dos livros espíritas esparramados em Bordeaux somente: em todos os casos, é reconhecer um grande poder à ideia o que quer que seja, em presença de todas essas afirmações, ninguém nos taxará de exagero, quando falamos dos rápidos progressos da Doutrina; que uns os atribuem ao poder do diabo, lutando com vantagem contra Deus, os outros a um acesso de loucura que invadiu todas as classes da sociedade, de tal sorte que o círculo das pessoas sensatas vai todos os dias se restringindo, e logo não terá mais lugar senão para alguns indivíduos; que uns e os outros deplorem esse estado de coisa, cada um do seu ponto de vista, e se perguntem: Onde vamos? grande Deus!" lhes é permitido: disso não ressalta menos esse fato de que o Espiritismo passa por cima de todas as barreiras que se lhe opõem; portanto, se é uma loucura, logo não haverá mais do que loucos sobre a Terra: conhece-se o provérbio; se é obra do diabo, logo não haverá mais do que condenados, e se aqueles que falam em nome de Deus não podem detê-lo, é que o diabo é mais forte do que Deus. Os Espíritas são mais respeitosos do que isso para com a Divindade; não admitem que haja um ser podendo lutar

com ela de poder a poder, e sobretudo se impor sobre ela; de outro modo os papéis estariam mudados, e o diabo tornar-se-ia o verdadeiro senhor do Universo. Os Espíritas dizem que Deus sendo soberano sem partilha, nada chega no mundo sem a sua permissão; portanto, se o Espiritismo se difunde com a rapidez do relâmpago, o que quer que se faça para detê-lo, é preciso nisso ver um efeito da vontade de Deus; ora, sendo Deus soberanamente justo e bom, não pode querer a perda de suas criaturas, nem fazê-las tentar, com a certeza, em virtude de sua presciência, que elas sucumbirão, para precipitá-las nos tormentos eternos. Hoje, o dilema está colocado; está submetido à consciência de todos; o futuro se encarrega da conclusão.

Se fazemos essas citações, é para mostrar a que argumentos os adversários do Espiritismo se reduziram para atacá-lo; com efeito, é preciso estar muito desprovido de boas razões para recorrer a uma calúnia como aquela que o representa pregando a desunião da família, o adultério, o abortamento, o comunismo, o transtorno da ordem social. Temos necessidade de refutar semelhantes afirmações? Não, porque basta remeter ao estudo da Doutrina, à leitura do que ela ensina, e é o que se faz de todos os lados. Quem poderá crer que pregamos o comunismo depois das instruções que demos sobre esse assunto no discurso reportado *in extenso* na narração de nossa viagem em 1862? Quem poderá ver uma excitação à anarquia nas palavras seguintes que se encontram na mesma brochura, página 58: "Em todo estado

de causa, os Espíritas devem ser os primeiros a dar o exemplo da submissão às leis, nos casos em que para isso forem chamados".

Adiantar semelhantes coisas num país longínquo, onde o Espiritismo seria desconhecido, onde não houvesse nenhum meio de controlo, isso poderia produzir algum efeito; mas afirmá-lo do alto do púlpito, no meio de uma população espírita que lhe dá, incessantemente, um desmentido para suas informações e seu exemplo, por imperícia, e não se pode impedi-lo de dizer que é preciso estar preso de singular vertigem para se iludir a esse ponto, e não compreender que, falar assim, é servir à causa do Espiritismo.

Estar-se-ia errado, no entanto, crendo que é a opinião de todos os membros do clero; ocorre muito, ao contrário, que não a partilham, e disso conhecemos um bom número que deplora esses desvios, mais nocivos à religião do que à Doutrina Espírita. Essas são, pois, opiniões individuais que não podem fazer lei; e o que prova que são apreciações pessoais é a contradição que existe entre eles. Assim, ao passo que um declara que todos os Espíritos que se manifestam são necessariamente maus, uma vez que desobedecem a Deus comunicando-se, um outro reconhece que há bons e maus, que só os bons vão à Igreja, e os maus ao vulgo. Um acusa o Espiritismo de aviltar a mulher, um outro o reprova por elevá-la ao nível dos direitos do homem; um pretende que ele "arrasta os homens ao materialismo e aos prazeres sensuais;" e um outro, o Sr. cura Marouzeau,

reconhece que ele destrói o materialismo.

O Sr. abade Marouzeau, em sua brochura, assim se exprime: verdadeiramente, ao ouvir os partidários das comunicações de além-túmulo, isso seria um preconceito da parte do clero de combater *quando mesma* o Espiritismo. Por que, pois, supor aos padres tão pouco de inteligência e de bom senso, uma teimosia estúpida? Por que crer que a Igreja que, em todos os tempos, deu tantas provas de prudência, de sabedoria e de alta inteligência, para discernir o verdadeiro do falso, seja hoje incapaz de compreender o interesse de seus filhos? Por que condená-la sem ouvi-la? Se ela se recusa a reconhecer vossa bandeira, é que vosso estandarte não é o sou; tem as cores que lhe são essencialmente hostis; é *que ao lado do bem que fazeis, combatendo o horrendo materialismo,* ela vê um perigo real para as almas e a sociedade." E em outra parte: "Concluamos de tudo isso que o Espiritismo deve se limitar a combater o materialismo, a dar ao homem provas palpáveis de sua imortalidade por meio das manifestações de além-túmulo bem constatadas".

De tudo isto ressalta um fato capital, é que todos esses senhores estão de acordo sobre a *realidade das manifestações;* somente cada um a aprecia sua maneira. Negá-las, com efeito, seria negar a verdade das Escrituras, e os próprios fatos sobre os quais se apoiam a maioria dos dogmas. Quanto a maneira de encarar a coisa, pode-se, desde o presente, constatar em que sentido se faz a unidade e se pronuncia a opinião pública, que tem também seu *veto.*

Disso resulta ainda um outro fato, é que a Doutrina Espírita comove profundamente as massas; ao passo que uns nela veem um fantasma apavorante, outros nela veem o anjo da consolação e da liberdade, e uma nova era de progresso moral para a Humanidade.

Uma vez que citamos a brochura do Sr. abade Marouzeau, perguntar-se-nos-à, talvez, porque ainda não a respondemos, uma vez que nos era pessoalmente dirigida. Disso se pôde ver o motive na narração de nossa viagem, a propósito das refutações. Quando tratamos uma questão, o fazemos do ponto de vista geral, abstração das pessoas que não são, aos nossos olhos, senão individualidades se apagando diante das questões de princípios. Falaremos do Sr. Marouzeau oportunamente, assim como de alguns outros, quando examinarmos o conjunto das objeções; para isso era útil esperar que cada um tivesse dito sua palavra, grande ou pequena, – viram-se acima algumas delas bastante grossas, – para apreciar a força da oposição. Respostas especiais e individuais teriam sido prematuras e, sem cessar, a recomeçar. A brochura do Sr. Marouzeau foi um tiro de fuzil; nós lhe pedimos perdão por colocá-lo na condição dos simples atiradores, mas a sua modéstia cristã com isso não se ofenderá. Prevenido de um levante geral, nos pareceu conveniente deixar descarregar todas as armas, mesmo a grossa artilharia que, como se vê, vem de dar, a fim de julgar sua importância; ora, até o presente, não temos a nos lamentar dos vazios que ela fez em nossas fileiras, uma vez

que, ao contrário, seus tiros ricochetearam contra ela. De um outro lado não era menos útil deixar a situação se desenhar, e se convirá que, há dois anos, o estado das coisas, longe de imperar para nós, cada dia vem nos emprestar uma nova força. Responderemos, pois, quando julgarmos oportuno; até o presente não houve tempo perdido, uma vez que ganhamos terreno sem cessar, sem isso, e que nossos adversários, eles mesmos, se encarregam de tornar, nossa tarefa mais fácil. Não temos, pois, senão que deixá-los fazer.

(p. 41-51).

Sobre a loucura espírita

Resposta ao Sr. Burlet, de Lyon.

O folhetim da *Presse*, de 8 de janeiro de 1863, contém o artigo seguinte, tirado do *Salut public de Lyon,* e que a *Gironde* de Bordeaux se apressou em reproduzir, crendo nele achar uma boa fortuna contra o Espiritismo:

CIÊNCIAS

"O Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, leu recentemente à Sociedade das ciências médicas, dessa cidade, o interessante trabalho sobre o Espiritismo, considerado como causa de alienação mental. Em presença da epidemia que maltrata, neste momento e sociedade francesa, sem dúvida, não será desprovido de utilidade mencionar os fatos contidos no relatório do Sr. Burlet.

"O autor descreveu com cuidado seis casos de loucura,

dita aguda, observadas por ele mesmo no hospital de Antiquaille, e nos quais segue-se sem dificuldade a relação direta entre a alienação mental o as práticas espíritas O Sr. doutor Carrier disse ele, de sua parte teve ocasião, e há algum tempo, de tratar e de ver curar, em seu serviço, três mulheres que a Espiritismo havia tornado ouças. De resto, não há um único médico ocupando-se especialmente da alienação mental, que não haja tido a oportunidade, em mais ou em menos número de casos análogos, sem falar bem entendido, das *perturbações intelectuais* ou *afetivas que, sem irem até o ponto que se convencionou chamar a loucura, não deixam senão de alterar a razão e de tornar* o *comércio daqueles que os* apresentam *desagradável e* bizarro, essa influência da *pretensa* Doutrina Espírita está hoje bem demonstrada pela ciência. As observações que estabelecem contar-se-iam por milhares, "Sim, disse o Sr. Burlet, em outras partes da França, os casos de loucura causados pela doutrina dos médiuns são tão frequentes quanto no departamento que habitamos, e não há razão para que não o seja assim, nos parece fora de dúvida que o Espiritismo pode tomar lugar na classe das causas mais fecundas de alienação mental". Terminando, o autor exorta os pais e mães de família, os chefes de oficina, etc., a velarem para que seus filhos ou seus empregados não vão jamais la essas reuniões espíritas chamadas de grupos, e nas quais, acrescenta ele o perigo para a razão, certamente, não é o único a temor".

"Portanto, é de uma incontestável utilidade dar

publicidade aos fatos desse gênero, conscienciosamente recolhidos, como os do interno dos hospitais de Lyon. Não que houvesse a menor chance para que agissem sobre os indivíduos já atingidos pela epidemia: o caráter de sua loucura é precisamente a fade convicção de serem os únicos de posse da verdade. Em sua humildade, se creem coro o dom de comunicar-se com os Espíritos, e tratam orgulhosamente da ciência que ousa duvidar de seus poderes. Vitimas da alucinação que os possui, sua premissa admite, e raciocina em seguida com uma *lógica irrepreensível,* que não faz senão fortalecê-los em sua aberração. Mas pode se conservar a esperança de agir sobre as inteligências ainda sadias que estivessem tentadas a se expor às seduções do Espiritismo, mostrando-lhes o perigo, e garanti-las assim contra esse perigo. E bom saber que as práticas espíritas e a frequência dos médiuns, – que são os verdadeiros alucinados, – é necessariamente malsã para a razão. Só os caracteres fortemente temperados podem resistir, Os outros ali deixam sempre urna parto, pequena ou grande, de seu bom senso."

"A. SANSON".

Este artigo pode fazer a tendência dos sermões relatados no artigo precedente; nele se pode ver, senão uma comunidade de origem, pelo menos uma intenção idêntica: a de levantar a opinião contra o Espiritismo por meios onde se descobrem a mesma boa fé ou a mesma ignorância das coisas. Notai a graduação que seguiu os ataques desde o famoso e desajeitado artigo da *Gazette de Lyon* (ver a

Revista Espírita do mês de outubro de 1860, página 254); isso não era então senão uma chata zombaria onde os operários dessa cidade foram achincalhados, ridicularizados, e sua profissão comparada a suplícios. Não era, com efeito, uma imperícia insigne senão de derramar o desprezo sobre os trabalhadores e os instrumentos que fazem a prosperidade de uma cidade como Lyon? Depois então, a agressão tomou um outro caráter: vendo a impotência do ridículo, e não podendo impedir-se de constatar o terreno que as ideias espíritas ganham a cada dia, toma-o sobre um tom mais lamentável; é em nome da Humanidade, *em presença da epidemia que castiga neste momento sobre a sociedade francesa,* que ela vem mostrar os perigos dessa *pretensa* doutrina que torna o *comércio daqueles que a professam desagradável e bizarro.* Elogio pouco lisonjeador para as senhoras de todas as classes, até mesmo as princesas, que creem nos Espíritos. Parece-nos, no entanto, que as pessoas violentas e irascíveis tornadas brandas e boas pelo Espiritismo, não dão provado um caráter muito mau e são menos desagradáveis do que antes, e que entre os não espíritas não se encontram senão pessoas amáveis e benevolentes. Se bem que se vejam numerosas famílias onde o Espiritismo levou a paz e a união, é em nome de seu interesse que se abjuram os operários de não retornarem "a essas reuniões chamadas grupos, onde podem perder sua razão e muitas outras coisas", acham, sem dúvida que a conservariam muito melhor indo ao cabaré do que permanecendo em sua casa. Não tendo dado resultado o sarcasmo, eis agora que os adversários chamam a ciência em

sua ajuda; não mais a ciência zombeteira representada pelo músculo estalante do Sr. Jobert (de Lamballe) (ver a *Revista Espírita* de junho de 1859, página 141), mas a ciência séria, condenando o Espiritismo tão seriamente quanto condenou outrora a aplicação do vapor à marinha, e tantas outras utopias que se teve mais tarde a fraqueza de tomar por verdades. E quais são seus representantes nessa séria questão? E o Instituto de França? Não, é o Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, quer dizer, estudante de medicina, que faz suas primeiras armas lançando um relatório contra o Espiritismo. Falou, e por ele o Sr. Sanson (da *Pressa),* a ciência tornou-se sua sentença, sentença que, provavelmente, não será mais sem apelação do que a dos doutores que condenaram a teoria de Harvey sobre a circulação do sangue, e lançaram contra seu autor "libelos e diatribes mais ou menos virulentas e grosseiras." *(Dicionário das origens.)* Seja dito, entre parênteses, um trabalho curioso a fazer seria uma monografia sobre os erros dos sábios.

O Sr. Burlet observou, disse ele, seis casos de loucura aguda produzida pelo Espiritismo; mas como é pouco sobre uma população de 300.000 almas, da qual a décima pelo menos é espírita, teve o cuidado de acrescentar que seriam os contados por milhares se, nas outras partes da França, os casos de loucura causados pela doutrina dos médiuns são tão frequentes quanto no departamento que habitamos, e não há razão para que assim não seja."

Com o sistema das suposições se vai muito longe,

como se vê. Pois bem! vamos mais longe do que ele, e diremos, não por hipótese, mas por afirmação, que, num tempo dado, não se contarão loucos senão entre os Espíritas. Com efeito, a loucura é uma das enfermidades da espécie humana; mil causas acidentais podem produzi-las, e aprova disso é que houve loucos antes que o Espiritismo fosse questão, e que todos os loucos não são Espíritas. O Sr. Burlet nos concederá muito este ponto. Em todos os tempos houve loucos, e os haverá sempre; portanto, se todos os habitantes de Lyon fossem Espíritas, não se encontrariam loucos senão entre os Espíritas, absolutamente como num país todo católico, não há loucos senão entre os católicos. Observando-se a marcha da Doutrina desde alguns anos, poder-se-ia, até um certo ponto, prever o tempo que e necessário para isso. Mas não falemos senão do presente.

Os loucos falam daquilo que os preocupa; é bem cedo que aquele que jamais tivesse ouvido falar do Espiritismo, dele não falará, ao passo que, no caso contrário, dele falará como o faria de religião de amor, etc. Qualquer que seja a causa da loucura, o número de loucos falando dos Espíritos aumentará, pois, naturalmente com o número dos adeptos. A questão é saber se o Espiritismo é uma causa eficiente de loucura, O Sr. Burlet o afirma do alto de sua autoridade de interno, dizendo que: "Essa influência está hoje bem demonstrada pela ciência." Daí, exclamando com ardor, apela aos rigores da autoridade, como se uma autoridade qualquer pudesse impedir o curso de uma ideia e sem pensar que as

ideias não são jamais propagadas senão sob o império da perseguição. Tomam-se, pois, sua opinião e a de alguns homens que pensam como ele para os decretos da ciência? Parece ignorar que o Espiritismo conta em suas fileiras com um grande número de médicos distintos, que muitos grupos e sociedades são presididas por médicos que, também eles, são homens de ciência, e que chegam a conclusões todas contrárias às suas. Quem, pois, tem razão a dele ou a dos outros? Neste conflito entre a afirmação e a negação, quem é que se pronunciará em última instância? O tempo, a opinião, a consciência da maioria, e a própria ciência que se renderá à evidência, como se rendeu em outras circunstâncias.

Diremos ao Sr. Burlet: E contrário aos mais simples preceitos da lógica deduzir uma consequência geral de alguns fatos isolados, e à qual outros fatos podem dar um desmentido. Para apoiar vossa tese, seria preciso um outro trabalho do que aquele que fizestes. Dissestes ter observado seis casos; creio-vos sob palavra: mas o que é que isso prova? Teríeis observado o dobro ou o triplo deles, mas isso não provaria mais, se o total dos loucos não ultrapassou a média. Suponhamos essa média de 1000 para tomar um número redondo; as causas habituais da loucura sendo sempre as mesmas, se o Espiritismo pode provocá-la, é uma causa a mais a se acrescentar a todas as outras, e que deve aumentar a cifra da média. Se, depois da introdução das ideias espíritas, essa média, de 1000 se tivesse evado a 1200, por exemplo, e que essa diferença fosso precisamente

dos casos de loucura espírita, a questão mudaria de face; mas enquanto não for provado que, sob a influência do Espiritismo, a média dos alienados aumentou, a exibição que se lhe faz de alguns casos isolados nada prova, senão a intenção de lançar o descrédito sobre as ideias espíritas e de amedrontar a opinião.

No estado atual das coisas, fica mesmo a conhecer o valor dos casos isolados que se colocaram à frente, e de saber se todo alienado que fala dos Espíritos deve sua loucura ao Espiritismo, e para isso seria preciso um julgamento imparcial e desinteressado. Suponhamos que o Sr. Burlet se torne louco, o que pode lhe acontecer tanto quanto a um outro; – quem sabe mesmo? talvez antes do que a um outro; – não haveria nada de espantoso em que, preocupado com a ideia que ele combateu, dela falasse em sua demência? Seria preciso disso concluir que foi a crença nos Espíritos que o teria tornado louco? Poderemos citar vários casos, dos quais um fez grande ruído, e onde foi provado que os indivíduos estavam pouco ou nada ocupados do Espiritismo, ou tiveram ataques de loucura característicos bem anteriores. A isto é preciso acrescentar os casos de obsessão e de subjugação, que se confundem com a loucura, e que se trata como tais com grande prejuízo para a saúde das pessoas que disso são afetadas, assim como explicamos nos nossos artigos sobre Morzine. São os únicos que se poderia, à primeira vista, atribuir ao Espiritismo, se bem que não esteia provado que se encontrem em grande número nos indivíduos que a isso são

os mais estranhos, e que, por ignorância da causa, são tratados com contrassenso.

É verdadeiramente curioso ver certos adversários que não creem nem nos Espíritos, nem em suas manifestações, pretenderem que o Espiritismo seja uma causa de Loucura. Se os Espíritos não existem, ouse não podem se comunicar com os homens, todas essas crenças são quimeras que nada têm de real, Perguntamos, então, como nada pode produzir alguma coisa? Essa ideia, dirão, essa ideia é falsa; ora, todo homem que professa uma ideia falsa desarrazoa. Qual é, pois, essa ideia tão funesta à razão? ei-la *Temos uma alma que vive depois da morte do corpo; essa alma conserva suas afeições da vida terrestre,* e *pode se comunicar com os vivos.* Segundo eles, é mais sadio crer no nada depois da morte; ou bem, o que vem a ser o mesmo, que a alma perde sua individualidade, se confunde no todo universal, como as gotas d'água no Oceano. É fato que, com esta última ideia, não se tem mais necessidade dose inquietar com a sorte de seus próximos, e que não se tem senão que pensar em si, em beber bem, em comer bem nesta vida, o que é todo proveito para o egoísta. Se a crença contrária é uma causa de loucura, por que há tantos loucos entre as pessoas que não creem em nada? É, direis, que essa causa não é a única. De acordo; mas, então, por que gostaríeis que essas causas não possam atingir um Espírita como um outro; e por que pretenderíeis tornar o Espiritismo responsável por uma febre ou por um golpe de sol? Convidai a autoridade para punir com rigor

contra as ideias espíritas porque, segundo eles, elas perturbam o cérebro; mas, por que não chamais também a vigilância da autoridade sobre as outras causas? Em vossa solicitude pela razão humana, da qual vos fazeis o tipo, fizestes o resumo dos inumeráveis casos de loucura produzida pelos desesperos do amor? Por que não convidais a autoridade para proscrever o sentimento amoroso? Está averiguado que todas as revoluções são marcadas por um recrudescimento notável nas afecções mentais; está aí, pois, uma causa eficiente bem manifesta, uma vez que ela aumenta o número da média; por que não aconselhais aos governantes para interditarem as revoluções como coisa malsã? Uma vez que o Sr. Burlet fez o resumo *enorme* de seis casos de loucura supostamente espírita, sobre uma população de 300.000 almas, convidamos os médicos espíritas para fazerem a de todos os casos de loucura, de epilepsia e outras afecções causadas pelo medo do diabo, ou o aterrorizante quadro das torturas eternas do inferno, e o ascetismo das reclusões claustrais.

Longe de admitir o Espiritismo como uma causa de aumento da loucura, dizemos que é uma causa atenuante que deve diminuir o número de casos produzidos pelas causas comuns. Com efeito, entre essas causas, é preciso colocar em primeira linha os desgostos de toda natureza, as decepções, as afeições contrariadas, os revezes de fortuna, as ambições frustradas. O efeito dessas causas está em razão da impressionabilidade do indivíduo; se houvesse um meio de

atenuar essa impressionabilidade, isso seria, sem contradita, o melhor preservativo; pois bem! esse meio está no Espiritismo, que amortece o contragolpe moral, que faz receber com resignação as vicissitudes da vida; tal que teria se suicidado por um revés, haure na crença espírita uma força moral que lhe faz receber seu mal com paciência; não só não se matará mas, em presença da maior adversidade, conservará sua fria razão, porque tem uma fé inalterável no futuro. Dar-lhe-íeis essa calma com a perspectiva do nada? Não, por que não entrevê nenhuma compensação, e senão tiver nada para comer, poderá vos comer. A fome é uma terrível conselheira para aquele que crê que tudo termina com a vida; pois bem! o Espiritismo faz sentir mesmo a fome, porque faz ver, compreender e esperar a vida que segue a morte do corpo; eis a sua loucura.

A maneira pela qual o verdadeiro Espírita encara as coisas deste mundo e do outro, leva-o a domar em si as mais violentos paixões, mesmo a cólera e a vingança. Depois do artigo insultante da *Gazette de Lyon,* que lembramos mais acima, um grupo de uma dúzia de operários nos diz: "Se não fôssemos Espíritas, iríamos dar uma sova no autor para lhe ensinar a viver, e se estivéssemos em revolução, colocaríamos fogo na loja de seu jornal; mas somos Espíritas; lamentamo-lo e pedimos a Deus perdoar-lhe". Que dizeis dessa loucura, Sr. Burlet? Em semelhante caso o que teríeis preferido, ter relações com loucos dessa espécie, ou com homens que não temem nada? Pensai que, hoje, há deles

mais de vinte mil em Lyon. Pretendeis servir aos interesses da Humanidade, e não compreendeis os vossos! Pedi a Deus que um dia não tenhais que lamentar que todos os homens não sejam Espíritas; é ao que, vós e os vossos, trabalhareis com todas as vossas forças. Semeando a incredulidade solapais os fundamentos da ordem social; levais à anarquia, às reações sangrentas; nós, nós trabalhamos para dar a fé àqueles que não creem em nada; a difundir uma crença que torna os homens melhores uns para com os outros, que lhes ensina a perdoar seus inimigos, a se olharem como irmãos sem distinção de raças, de castas, de seitas, de cor, de opinião política ou religiosa; uma crença, em uma palavra, que faz nascer o verdadeiro sentimento da caridade, da fraternidade e dos deveres sociais.

Perguntai a todos os chefes militares que têm subordinados espíritas sob suas ordens, quais são aqueles que conduz com mais facilidade, que melhor observa a disciplina sem o emprego do rigor? Perguntai aos magistrados, aos agentes da autoridade que têm administrados espíritas nas classes inferiores da sociedade, quais são aqueles entre os quais há mais ordem e tranquilidade; sobre os quais a lei tem menos a recair; onde há menos tumulto a apaziguar, desordens a reprimir?

Numa cidade do Sul, um comissário de polícia nos dizia: Desde que o Espiritismo se difundiu na minha circunscrição tenho dez vezes menos do mal do que antes". Perguntai, enfim, aos médicos espíritas quais são os doentes

nos quais encontram menos afecções causadas pelos excessos de todos os gêneros? Eis uma estatística um pouco mais concludente, creio, do que os vossos seis casos de alienação mental. Se tais resultados são uma loucura, glorifico-me em propagá-lo. Onde esses resultados foram hauridos? Nos livros que alguns gostariam de lançar ao fogo; nos grupos que recomendais aos operários para fugirem. Que se vê nesses grupos, que pintais como o túmulo da razão? Homens, mulheres, crianças que escutam com recolhimento uma doce e consoladora moral, em lugar de ir ao cabaré perder seu dinheiro e sua saúde, ou fazer barulho na praça pública; que delas saem com o amor de seus semelhantes no coração, em lugar do ódio e da vingança.

Eis da parte do autor do artigo precitado uma singular confissão: Vítimas da alucinação que os possui, suas premissas admitidas raciocinam em seguida com uma lógica irrepreensível que não faz senão afirmar-lhes em sua aberração. Singular loucura em Verdade, que raciocina com uma lógica irrepreensível! Ora, qual é essa premissa? dissemo-lo há pouco: A alma sobrevive ao corpo, conserva sua individualidade e suas afeições, e pode se comunicar cornos vi vos, O que pode provar a verdade de uma premissa, se não for a lógica irrepreensível das deduções? Quem diz irrepreensível, diz inatacável, irrefutável; portanto, se as deduções de uma premissa são inatacáveis, é que elas satisfazem a tudo, e não se pode nada opor-lhe; portanto, se essas deduções são verdadeiras, é que a premissa é

verdadeira, porque a verdade não pode ter um erro por princípio. De um princípio falso, sem dúvida, pode-se deduzir consequências aparentemente lógicas, mas isso não é senão uma lógica aparente, dito de outro modo, sofismas, e não uma lógica irrepreensível, porque ela deixará sempre uma porta aberta à refutação. A verdadeira lógica à aquela que satisfaz plenamente a razão ela não pode ser contestada; a falsa lógica não é senão um falso raciocínio sempre contestável. O que caracteriza as deduções de nossa premissa, é que são baseadas sobre a observação dos fatos; em Segundo lugar, que elas explicam, de maneira racional, o que, sem isso, é inexplicável, a casa passo, com dificuldades insolúveis. A teoria espírita, dizemos, está baseada sobre fatos, mas sobre milhares de fatos, se reproduzindo todos os dias, e observados por milhões de pessoas; a vossa, sobre meia dúzia observados por vós. Eis uma premissa da qual cada um pode tirar a conclusão.

(p. 51-59).

Revista Espírita de março 1863

A luta entre o passado e o futuro

Uma verdadeira cruzada ocorre neste momento contra o Espiritismo, assim como isso nos foi anunciado: de diversos lados se nos assinalam escritos, discursos e mesmo atos de violência e de intolerância: todos os Espíritas devem se alegrar com isso, porque é a prova evidente de que o Espiritismo não é uma quimera. Fariam tanto barulho por uma mosca que voa?

O que excita, sobretudo, essa grande cólera é a prodigiosa rapidez com a qual a ideia nova se propaga, apesar de tudo o que se fez para detê-la. Também nossos adversários, forçados pela evidência de reconhecer que esse progresso invade as classes mais esclarecidas da sociedade e mesmo os homens de ciência, se reduziram a deplorar esse arrastamento fatal que conduz a sociedade inteira aos manicômios A zombaria esgotou seu arsenal de piadas e de sarcasmos, e essa arma, que se diz tão terrível, não pôde colocar os galhofeiros de seu lado, prova de que não tem matéria para rir. Não é menos evidente que ela não tirou um único partidário à Doutrina, longe disso, uma vez que aumentaram a olhos vistos. A razão disso é bem simples: reconheceu-se prontamente tudo o que há de profundamente religioso nessa Doutrina que toca as cordas mais sensíveis do coração, que eleva a alma para o infinito, que faz reconhecer a Deus àqueles que o tinham desconhecido: ela arrancou tantos homens ao desespero, acalmou tantas dores, cicatrizou tantas feridas morais, que os tolos e os chatos gracejos derramados sobre ela inspiraram mais desgosto do que simpatia. Os zombadores em vão se incomodaram sem proveito para fazer rir às suas custas; há coisas das quais, instintivamente, sente-se que não se pode rir sem profanação.

No entanto, se algumas pessoas, não conhecendo a Doutrina senão pelos gracejos sem graça, puderam crer que não se tratava senão de um sonho oco, de elucubração de um

cérebro danificado, o que se passa é bem-feito para desenganá-los. Ouvindo tantas declamações iradas, devem dizer a si mesmo que é mais sério do que não pensavam.

A população pode se dividir em três classes: os crentes, os incrédulos e os indiferentes. Se o número dos crentes centuplicou depois de alguns anos, isso não pode ser senão às custas das duas outras categorias. Mas os Espíritos que dirigem o movimento acharam que as coisas não iam ainda bastante depressa. Há ainda, disseram a si mesmos, muitas pessoas que não ouviram falar do Espiritismo, sobretudo no campo; é tempo de que a Doutrina ali penetre; além disso, é preciso despertar os indiferentes adormecidos. A zombaria fez seu trabalho de propaganda involuntária, mas tirou todas as flechas de seu estojo, mas as setas que ela dispara ainda são menos cortantes; é um fogo muito pálido agora. E preciso alguma coisa mais vigorosa, que faça mais barulho do que o tinir dos folhetins, que repercuta mesmo nas solidões; é preciso que a última aldeia ouça falar do Espiritismo. Quando a artilharia voltar, cada um se perguntará: O que há? e quererá ver.

Quando fizemos a pequena brochura: O *Espiritismo em sua mais simples expressão,* perguntamos aos nossos guias espirituais que efeito ela produziria. Foi-nos respondido: ela produzirá um efeito ao qual não esperas, quer dizer, teus adversários ficarão furiosos em ver uma publicação destinada, pelo seu extremo preço pouco elevado, a ser difundida em massa e penetrar por toda a parte. Anunciado te foi um

grande desdobramento de hostilidades, tua brochura dele será o sinal. Não te preocupes com isso, conheces o fim. Eles se irritam em razão da dificuldade em refutar teus argumentos. – Uma vez que assim é, dissemos, essa brochura, que deveria ser vendida por 25 centavos, será dada por duas moedas. O acontecimento justificou essas previsões, e disso nos felicitamos.

Tudo o que se passa, aliás, foi previsto e deveria ser para o bem da causa. Quando virdes alguma grande manifestação hostil, longe de vos amedrontar com ela, alegrai-vos, porque foi dito: o estrondo do rato será o sinal da aproximação dos tempos preditos. Orai então, meus irmãos; orai sobretudo pelos vossos inimigos, porque serão tomados de uma verdadeira vertigem.

Mas nem tudo ainda se cumpriu: a chama da fogueira de Barcelona não subiu tão alto. Se ela se renova em alguma parte, guardai-vos de extingui-la, porque ela se elevará mais, semelhante a um farol, será vista de longe, e ficará na lembrança das idades. Deixai, pois, fazer e em nenhuma parte opondo a violência à violência; lembrai-vos de que o Cristo disse a Pedro para guardar sua espada na bainha. Não imiteis as seitas que se entre dilaceraram em nome de um Deus de paz, que cada um chamava em ajuda aos seus furores. A verdade não se prova pelas perseguições, mas pelo raciocínio: as perseguições, em todos os tempos, foram a arma das más causas, e daqueles que tomam o triunfo da força bruta pelo da razão. A perseguição é um meio mau de

persuasão: pode momentaneamente abater o mais fraco, convencê-lo, jamais; porque, mesmo na aflição em que o tiver mergulhado, exclamará, como Galileu em sua prisão: *e pur si muove!* Recorrer à perseguição é provar que se conta pouco com o poder de sua lógica. Não useis, pois, de represálias: à violência opondo a doçura e uma inalterável tranquilidade; restitui aos vossos inimigos o bem pelo mal: por aí dareis um desmentido às suas calúnias, e forçá-los-eis a reconhecer que vossas crenças são melhores do que eles dizem.

A calúnia, direis; pode-se ver com sangue-frio nossa Doutrina indignamente deturpada por mentiras? acusada de dizer o que não disse, de ensinar o contrário do que ela ensina, de produzir o mal ao passo que não produz senão o bem? A própria autoridade daqueles que têm uma tal linguagem não pode dobrar a opinião, retardar o progresso do Espiritismo?

Incontestavelmente está aí seu o objetivo; atingi-lo-ão? É uma outra questão, e não hesitamos em dizer que chegam a um resultado todo contrário: o de se desacreditarem e à sua causa. A calúnia, sem contradita, é uma arma perigosa e pérfida, mas tem dois gumes e fere sempre aquele que dela se serve. Recorrer à mentira para se defender é a mais forte prova de que não se tem boas razões para dar, porque, tendo-as, não se deixaria de fazê-las valer. Dizeis que uma coisa é má, se tal é vossa opinião: gritai-o sobre os telhados, se bom vos parece, cabe ao público julgar

se estais no erro ou na verdade; mas deturpá-la para apoiar vosso sentimento desnaturá-la, é indigno de todo homem que se respeita. Nos relatórios das obras dramáticas e literárias, veem-se frequentemente apreciações muito opostas; um crítico louva exageradamente o que um outro achincalha: é seu direito: mas o que se pensaria daquele que, para sustentar a sua censura faria o autor dizer o que não disse, lhe emprestaria maus versos para provar que sua poesia é detestável?

Ocorre assim com os detratores do Espiritismo: pelas suas calúnias mostram a fraqueza de sua própria causa e a desacreditam fazendo ver a que lamentáveis extremismos são obrigados a recorrer para sustentá-la. De que peso pode ser uma opinião fundada sobre erros manifestos? De duas coisas uma, ou esses erros são voluntários, e então se vê a má fé; ou são involuntários, e o autor prova sua inconsequência falando do que não sabe; num e noutro caso perde todo direito à confiança.

O Espiritismo não é uma Doutrina que caminha na sombra; ele é conhecido, seus princípios são formulados de maneira clara, precisa, e sem ambiguidade. A calúnia, pois, não poderia atingi-lo; basta, para convencê-la de impostura, dizer: lede e vede. Sem dúvida, é útil desmascará-la: mas é preciso fazê-lo com calma, sem aspereza nem recriminação, irritando-se a opor, sem discursos supérfluos, o que é do que não é; deixai aos vossos adversários a cólera e as injúrias, guardai para vós o papel da força verdadeira: o da dignidade

e da moderação.

De resto, não é preciso exagerar as consequências dessas calúnias, que levam consigo o antídoto de seu veneno, e são em definitivo mais vantajosas do que nocivas. Forçosamente, elas provocam o exame de homens sérios que querem julgar as coisas por si mesmos, e nisso são excitados em razão da importância que se lhe dá; ora, o Espiritismo, longe de temer o exame, provoca-o, e não se lamenta senão de uma coisa, é que tantas pessoas dele falam como os cegos das cores; mas graças aos cuidados que nossos adversários tomam em fazê-lo conhecer, esse inconveniente logo não existira mais, e é tudo o que pedimos. A calúnia que ressalta desse exame engrandece-o em lugar de rebaixá-lo.

Espíritas, não lamenteis, pois, essas deturpações: não tirarão nenhuma das qualidades do Espiritismo; ao contrário, as farão ressaltar com mais estrondo pelo contraste, e se voltarão para a confusão dos caluniadores: essas mentiras, certamente, podem ter por efeito imediato enganar algumas pessoas, e mesmo desviá-las; mas o que é isso? O que são alguns indivíduos perto das massas? Sabeis, vós mesmos, quanto o seu número é pouco considerável. Que influência isso pode ter sobre o futuro? Esse futuro vos está assegurado: os fatos realizados vos respondem por ele e cada dia vos traz a prova da inutilidade dos ataques de nossos adversários. A doutrina do Cristo não foi caluniada, qualificada de subversiva e de ímpia? Ele mesmo não foi tratado como velhaco e como impostor? Perturbou-se com

isso? Não, porque sabia que seus inimigos passariam e que a sua doutrina ficaria. Assim o será com o Espiritismo. Singular coincidência! Não é outro senão o chamado à pura lei do Cristo, e é atacada com as mesmas armas! Mas seus detratores passarão; é uma necessidade à qual ninguém pode se subtrair. A geração atual se extingue todos os dias, e com ela vão os homens imbuídos dos preconceitos de um outro tempo; a que se ergue está nutrida de ideias novas, e sabeis, aliás, que se compõe de Espíritos mais avançados que devem fazer, enfim, a lei de Deus reinar sobre a Terra. Olhai, pois, as coisas de mais alto; não as vejais do ponto de vista restrito do presente, mais estendei vossos olhares para o futuro e dizei a vós mesmos: O futuro é nosso; que nos importa o presente, que nos fazem as questões de pessoas, as pessoas passam, as instituições ficam. Pensai que estamos num momento de transição; que assistimos à luta entre o passado que se debate e se coloca para trás, e o futuro que nasce e se coloca para adiante. Quem levará a melhor? O passado é vicioso e caduco, – falamos das ideias, – ao passo que o futuro é jovem, e caminha para a conquista do progresso que está nas leis de Deus. Os homens do passado se vão com ele; os do futuro chegam; saibamos, pois, esperar com confiança e nos felicitemos por sermos os primeiros pioneiros encarregados de arrotear o terreno. Se temos o trabalho, teremos o salário. Trabalhemos, pois, não para uma propaganda colérica e irrefletida, mas com a paciência e a perseverança do trabalhador que sabe o tempo que lhe é preciso para chegar à colheita. Semeemos a ideia,

mas não comprometamos a colheita por um ensinamento intempestivo e por nossa impaciência, antecedendo a estação própria para cada coisa. Cultivemos, sobretudo as plantas férteis que não pedem senão produzir são bastante numerosas para ocupar todos os nossos instantes, sem usar nossas forças contra rochas irremovíveis que Deus se encarrega de abalar e destruir, quando chegar seu tempo, porque se tem a força de elevar as montanhas, tem a de abaixá-las. Tiremos a figura, e digamos simplesmente que há resistências que seria supérfluo procurar vencer, e que se obstinam mais por amor-próprio, ou por interesse, do que por convicção; seria perder seu tempo procurar trazê-los a si; não cederão senão diante da força da opinião. Recrutemos os adeptos entre as pessoas de boa vontade, que não faltam; aumentemos a falange de todos aqueles que, cansados da dúvida e assustados com o nada materialista não pedem senão crer, e logo o número deles será tal que os outros acabarão por se render à evidência. Esse resultado já se manifesta, e esperai, dentro em pouco, a ver em vossas fileiras aqueles que nela não esperáveis senão os últimos.

(p. 69-74).

Os falsos irmãos e os amigos desajeitados

Assim como demonstramos em nosso artigo precedente, nada poderia prevalecer contra a destinação providencial do Espiritismo. Do mesmo modo que ninguém pode impedir a queda daquele que, nos decretos divinos:

homens, povos ou coisas, deve cair, ninguém pode deter a marcha do que deve ir adiante. Esta verdade, com relação ao Espiritismo, ressalta dos fatos realizados, e muito mais ainda de um outro ponto capital. Se o Espiritismo fosse uma simples teoria, um sistema, poderia ser combatido pai Um outro sistema, mas ele repousa sobre uma lei natural, tudo tão bem quanto o movimento da Terra. A existência dos Espíritos é inerente à espécie humana: não se pode, pois, fazer que não seja, e não se pode mais proibi-los de se manifestar quanto não se pode impedir o homem de caminhar. Não têm necessidade, para isso, de nenhuma permissão, e se riem de todas as proibições, porque não é preciso perder de vista que, além das manifestações mediúnicas propriamente ditas, há manifestações naturais e espontâneas, que se produziram em todos os tempos e se produzem todos os dias, entre uma multidão de pessoas que jamais ouviram falar dos Espíritos. Quem poderia, pois, se opor ao desenvolvimento de uma lei da Natureza? Sendo essa lei obra de Deus, insurgir-se contra ela é se revoltar contra Deus. Estas considerações explicam a inutilidade dos ataques dirigidos contra o Espiritismo. O que os Espíritas têm a fazer, em presença dessas agressões, é continuar pacificamente seus trabalhos, sem fanfarrice, com a calma e a confiança que dá a certeza de chegar ao objetivo.

No entanto, se nada pode deter a marcha geral, há circunstâncias que podem lhe trazer entraves parciais, como uma pequena barragem pode abrandar o curso de um rio sem

impedi-lo de correr. Desse número são as providências inconsequentes de certos adeptos mais zelosos do que prudentes, que não calculam bastante a importância de seus atos ou de suas palavras; por aí produzem, nas pessoas ainda não iniciadas na Doutrina, uma impressão desfavorável, muito mais própria *para* afastá-las do que as diatribes dos adversários, O Espiritismo, sem dúvida, está muito difundido, mas o seria ainda mais se todos os adeptos tivessem sempre escutado os conselhos da prudência, e sabido conter-se numa sábia reserva. Sem dúvida, é preciso ter em conta a intenção, mas é cedo que mais de um justificou o provérbio: *Mais vale um inimigo confesso do que um amigo desajeitado.* O pior disto, é fornecer armas aos adversários que sabem habilmente explorar uma imperícia. Não saberíamos, pois, senão recomendar aos Espíritas para refletirem maduramente antes de agir: em semelhante caso a prudência manda não se referir à sua opinião pessoal. Hoje, que de todos os lados se formam grupos ou sociedades, nada é mais simples do que se concordar antes de agir. O verdadeiro Espírita, não tendo em vista senão o bem da coisa, sabe fazer abnegação do amor-próprio; crer em sua própria infalibilidade, recusar em aceitar a opinião da maioria, e persistir num caminho que se demonstra mau e comprometedor, não é o fato de um verdadeiro Espírita isto seria dar prova de orgulho, senão foro fato de uma obsessão.

Entre as imperícias, é preciso colocar, em primeira linha, as publicações intempestivas ou excêntricas, porque

são os fatos que mais repercutem. Nenhum Espírita ignora que os Espíritos estão longe deterem a soberana ciência; muitos dentre eles sabem disso menos do que certos homens, e, como certos homens também, não têm menos a pretensão de tudo saber. Sobre todas as coisas, têm sua opinião pessoal, que pode ser justa ou falsa; ora, como os homens ainda, são geralmente aqueles que têm as ideias mais falsas que são os mais obstinados. Esses falsos sábios falam de tudo, excitam os sistemas, criam utopias, ditam as coisas mais excêntricas, e ficam felizes de encontrar intérpretes complacentes e crédulos que aceitam suas elucubrações de olhos fechados. Essas espécies de publicações têm gravíssimos inconvenientes, porque o médium engana-se a si mesmo, frequentemente seduzido por um nome apócrifo, as dá como coisas sérias das quais a crítica se apodera com pressa para denegrir o Espiritismo, ao passo que, com menos presunção, bastar-lhe-ia aconselhar-se com seus colegas para ser esclarecido. É muito raro que, nesse caso, o médium não ceda à injunção de um Espírito que quer, ai! ainda como certos homens, a toda força ser impresso; com mais experiência, saberia que os Espíritos verdadeiramente superiores aconselham, mas não se impõem nem gabam jamais, e que toda prescrição imperiosa é um sinal suspeito.

Quando o Espiritismo for completamente assistido e conhecido, as publicações dessa natureza não terão mais inconvenientes do que os maus tratados de ciências não têm

em nossos dias; mas no início, nós o repetimos, elas têm um lado muito deplorável. Não se saberia, pois, em fato de publicidade, trazer mais circunspecção, nem calcular com mais cuidado o efeito que pode ser produzido sobre o leitor. Em resumo, é um grave erro crer-se obrigado a publicar tudo o que ditam os Espíritos, uma vez que, se há os bons e esclarecidos, há os maus e ignorantes; importa fazer uma escolha muito rigorosa de suas comunicações, podando tudo o que é inútil, insignificante, falso ou de natureza a produzir uma impressão ma. É preciso semear, sem dúvida, mas semear a boa semente e em tempo oportuno.

Passemos a um assunto mais sério ainda, os *falsos irmãos.* Os adversários do Espiritismo, alguns pelo menos, porque pode e deve haver os de boa fé, não são, como se sabe, muito escrupulosos sobre a escolha dos meios: tudo é para eles de boa guerra, e quando não se pode tomar uma cidadela de assalto, ela é minada por baixo. Na falta de boas razões, que são as armas leais, se os vê, todos os dias derramar sobre o Espiritismo a mentira e a calúnia. A calúnia é odiosa, eles bem o sabem, e a mentira pode ser desmentida, e também procuram fatos para se justificarem; mas como encontrar fatos comprometedores entre pessoas sérias, se não for os produzidos por si mesmo ou por associados? O perigo não está nos ataques de viva força: nem está nas perseguições, nem mesmo na calúnia, como vimos; mas está nas astúcias ocultas empregadas para desacreditar e arruinar o Espiritismo por si mesmo.

Triunfarão? É o que examinaremos dentro em pouco.

Já chamamos a atenção sobre essa manobra no relatório de nossa viagem em 1862 (página 45), porque, no nosso caminho, recebemos três beijos de Judas dos quais não fomos vítima, embora nada tenham manifestado; de resto deles havíamos sido prevenidos antes de nossa partida, assim como as armadilhas que nos seriam estendidas. Mas ficamos de olho sobre eles, certo de que um dia mostrarão as suas verdadeiras intenções, porque é tão difícil a um falso Espírita arremedar sempre o verdadeiro Espírita, do que um mau Espírita simular um Espírito superior; nem um nem o outro podem sustentar por muito tempo seu papel.

De várias localidades nos assinalam indivíduos, homens ou mulheres, com antecedentes e com relações suspeitas, cujo zelo aparente pelo Espiritismo não inspira senão uma medíocre confiança, e não estamos surpresos de encontrar os três Judas dos quais falamos: há-os no baixo e no alto da escala. De sua parte, frequentemente, é mais que do zelo; é do entusiasmo, uma admiração fanática. Segundo ele seu devotamento vai até o sacrifício de seus interesses, e apesar disso não atraem nenhuma simpatia: um fluido malsão parece envolvê-los: sua presença nas reuniões ali lança um manto de gelo. Acrescentemos que há os que cujos meios de existência *tornam-se* um problema, em província, sobretudo onde todo o mundo se conhece.

O que caracteriza principalmente esses pretensos adeptos é sua tendência em fazer o Espiritismo sair de seus

caminhos de prudência e de moderação pelo seu ardente desejo do triunfo da verdade; a impelir as publicações excêntricas, a se extasiar de admiração diante das comunicações apócrifas mais ridículas, e que eles têm o cuidado de difundir; a provocar, nas reuniões, assuntos comprometedores sobre a política e a religião, sempre para o triunfo da verdade que não precisam ter sob o alqueire; seus elogios sobre os homens e as coisas são golpes de turíbulo a quebrar cinquenta faces: são os Fanfarrões do Espiritismo. Outros são mais adocicados e mais insinuantes; sob seu olhar oblíquo e com palavras melosas, sopram a discórdia, pregando a desunião; lançam jeitosamente sobre o tapete questões irritantes ou formas, assunto de natureza a provocar dissidências; excitam um ciúme de preponderância entre os diferentes grupos, e ficam encantados em vê-los se lançarem pedra, e, em favor de algumas divergências de opinião sobre certas questões de forma e de fundo, o mais frequentemente provocadas, levantar bandeira contra bandeira.

Alguns fazem, em seu dizer, um excessivo consumo de livros espíritas, do qual os livreiros quase não se apercebem, e uma propaganda exagerada; mas, por efeito do acaso, a escolha de seus adeptos é infeliz; uma fatalidade leva-os a se dirigirem de preferência a pessoas exaltadas, às ideias obtusas, ou que já deram sinais de aberração; depois, apresentando-se ocasião a deploram gritando-a por toda parte, constata-se que essas pessoas se ocupam do Espiritismo, do qual na maior parte do tempo não

compreenderam a primeira palavra. Aos livros espíritas que esses apóstolos zelosos distribuem generosamente, frequentemente, acrescentam não críticas, isso seria imperícia, mas livros de *magia* e de *feitiçaria,* ou escritos políticos pouco ortodoxos, ou diatribes ignóbeis contra a religião, a fim de que, apresentando-se a ocasião, fortuita ou não, se possa, numa verificação, confundir o todo reunido.

Como é mais cômodo ter as coisas sob a mão, para ter comparsas dóceis, o que se acha por toda parte, há os que organizam ou fazem organizar reuniões onde se ocupa, de preferência, daquilo que o Espiritismo precisamente recomenda para não se ocupar, e onde se tem o cuidado de atrair estranhos que não são sempre os amigos; ali o sagrado e o profano são indignamente confundidos; os nomes mais veneráveis são misturados às práticas mais ridículas da magia negra, com acompanhamento de sinais e palavras cabalísticas, talismãs, tripés sibilinos e outros acessórios; alguns a isso acrescentam, como complemento, e às vezes como produto lucrativo, a cartomancia, a quiromancia, a marca de café, o sonambulismo pago, etc.; Espíritos complacentes, que ali encontram intérpretes não nomes complacentes, predizem o futuro, dizem a sorte, descobrem os tesouros escondidos e os tios da América, indicam, se for preciso, o curso da Bolsa e os números vencedores da loteria; depois, um belo dia, a justiça intervém, ou bem vê-se num jornal o relatório de uma sessão de Espiritismo à qual o autor assistiu e conta o que viu, com seus próprios olhos viu.

Tentareis reconduzir todas essas pessoas a ideias mais sadias? Seria tempo perdido, e se compreende o porquê: a razão e o lado sério da Doutrina não são seu negócio; é o que os mais atormenta; dizer-lhes que prejudica a causa, que dão armas aos seus inimigos, é elogiá-los; sendo seu objetivo desacreditá-la, tendo ar de defendê-la. Instrumentos, não temem nem de comprometer os outros levando-os sob o rigor da lei, e nem de se colocar eles mesmos, porque sabem ali encontrar compensação.

Seu papel não é sempre idêntico; varia segundo sua posição social, suas aptidões, a natureza de suas relações e o elemento que os faz agirem; mas o objetivo é sempre o mesmo. Nem todos empregam meios tão grosseiros, mas que nem por Isso são menos pérfidos. Lede cedas publicações supostamente simpáticas à ideia, mesmo em aparência defensiva da ideia, pesai-lhes todos os pensamentos, e vede se, ás vezes, ao lado do uma aprovação colocada à guisa de cobertura e de etiqueta, não descobrireis, lançado como por acaso, um pensamento insidioso, uma insinuação de duplo sentido, um fato contado de maneira ambígua e podendo se interpretar num sentido desfavorável. Entre eles há os menos velados, e que, sob o manto do Espiritismo, são evidentemente feitos tendo em vista suscitar divisões entre os adeptos.

Perguntar-se-nos-ão, sem dúvida, se todas as torpezas das quais acabamos de falar são invariavelmente o fato de manobras ocultas, ou uma comédia representada num

objetivo interessado, e se elas não podem ser também o de um movimento espontâneo; em uma palavra, se todos os Espíritas são homens de bom senso e incapazes de se enganar?

Pretender que todos os Espíritas são infalíveis seria tão absurdo quanto a pretensão de nossos adversários deterem, só eles, o privilégio da razão. Mas se há os que se enganam, é, pois, que menosprezam o sentido e o objetivo da Doutrina; nesse caso, sua opinião não pode fazer lei, e é ilógica ou desleal, segundo a intenção, de tomar a ideia individual pela ideia geral, e de explorar uma exceção. Ocorreria o mesmo tornando-se as aberrações de alguns sábios pelas regras da ciência. Aqueles diremos: Se quereis saber de que lado está a presunção de verdade, estudai os princípios admitidos pela imensa maioria, se não for ainda a unanimidade absoluta dos Espíritas do mundo inteiro.

Os crentes de boa fé podem, pois, se enganar, e não consideramos um crime não pensarem como nós: se, entre as torpezas relatadas acima, fossem elas o fato de uma opinião pessoal, não se poderia nisso ver senão desvios isolados, lamentáveis, dos quais seria injusto fazer recair a responsabilidade sobre a Doutrina, que os repudia vivamente; mas se dizemos que podem ser o resultado de manobras interesseiras, é que nosso quadro foi tomado sobre modelos. Ora, como é a única coisa que o Espiritismo haja, verdadeiramente, que temer no momento, convidamos todos os adeptos sinceros a se manterem em guarda evitando as

armadilhas que se poderia estender-lhes. Para esse efeito, não poderiam ser mais circunspectos sobre os elementos a introduzir em suas reuniões, nem repelir com muito cuidado todas as sugestões que tendessem a desnaturar-lhe o caráter essencialmente moral. Mantendo ali a ordem, a dignidade e a seriedade que convêm a homens sérios, se ocupando de uma coisa séria, fecharão o acesso aos mal intencionados que se retirarão quando reconhecerem que ali nada têm a fazer. Pelos mesmos motivos, devem declinar toda solidariedade com as reuniões formadas fora das condições prescritas pela sã razão e os verdadeiros princípios da Doutrina, se não podem conduzi-los para um bom caminho.

Como se vê, há um a grande diferença, certamente, entre os falsos irmãos e os amigos desajeitados, mas, sem o querer, o resultado pode ser o mesmo: desacreditar a Doutrina. A nuança que os separa, frequentemente, não está senão na intenção, o que faz que se possa, algumas vezes, confundi-los e, vendo-os servir os interesses do partido adverso, supor que foram ganhados por ele. A circunspecção é, pois, nesse momento, sobretudo, mais necessária do que nunca, porque não é preciso esquecer que palavras, ações ou escritos inconsiderados são explorados, e que os adversários se encantam em poderem dizer que isso vem dos Espíritas.

Nesse estado de coisas, compreende-se quais armas a especulação, em razão dos abusos aos quais pode dar lugar, podem oferecer aos detratores para apoiar sua acusação de malabarismos. Isso pode, pois, em certos casos, ser uma

armadilha estendida da qual é preciso desconfiar. Ora, como não há malabarismo filantrópico, a abnegação e o desinteresse absoluto dos médiuns tiram aos detratores um de seus mais poderosos meios de difamação interrompendo toda discussão sobre esse assunto.

Levar a desconfiança ao excesso seria um erro muito grave, sem dúvida, mas num tempo de luta, e quando se conhece a tática do inimigo! a prudência se torna uma necessidade que não exclui, de resto, nem a moderação, nem a observação das conveniências das quais jamais se deve desistir. Aliás, não se poderia equivocar-se sobre o caráter do verdadeiro Espírita; há nele uma franqueza de maneiras que desafia toda suspeita, sobretudo quando é corroborada pela prática dos princípios da Doutrina. Que se levante bandeira contra bandeira como procuram fazê-lo nossos antagonistas, o futuro de cada um está subordinado à soma de consolações e de satisfação morar que trazem; um sistema não pode prevalecer sobre um outro senão com a condição de ser mais lógico, e do qual a opinião pública é o soberano juiz; em todos os casos, a violência, as injúrias e a aspereza são maus antecedentes e uma recomendação pior ainda.

Resta a examinar as consequências desse estado de coisas. Essas astúcias podem, sem contradita, momentaneamente trazer algumas perturbações parciais, por isso é preciso desmanchá-las tanto quanto possível, mas elas não poderiam prejudicar o futuro; primeiro porque não terão senão um tempo, uma vez que são uma manobra da oposição

que cairá pela força das coisas; em segundo lugar que, o que quer que se diga e que se faça, não tirará jamais, a Doutrina, seu caráter distintivo, sua filosofia racional nem sua moral consoladora. Será estranho torturá-la e deturpá-la, fazer os Espíritos falarem à sua vontade, ou recolher comunicações apócrifas para lançar contradições como obstáculos, não se fará prevalecer um ensinamento solado, fosse ele verdadeiro e não suposto contra aquele que é dado de todas as partes, O Espiritismo se distingue de todas as outras filosofias naquilo que não é o produto da concepção de um único homem, mas de um ensino que cada um pode receber sobre todos os pontos do globo, e tal é a consagração que recebeu *O Livro dos Espíritos.* Este livro, escrito sem equívoco possível e ao alcance de todas as inteligências, será sempre a expressão clara e exata da Doutrina, e a transmitirá intacta àqueles que virão depois de nós. As cóleras que provoca são um indício do papel que está chamado a desempenhar, e da dificuldade de lhe opor alguma coisa de mais séria, O que fez o rápido sucesso da Doutrina Espírita são as consolações e as esperanças que ela dá; todo sistema que, pela negação dos princípios fundamentais, tendesse a destruir a própria fonte dessas consolações, não poderia ser acolhido com mais favor.

É preciso não perder de vista que estamos, como dissemos, em momento de transição, e que nenhuma transição se opera sem conflito. Que não se admire, pois, em verse agitarem as paixões em jogo, as ambições comprometidas, as pretensões frustradas, e cada um tentar

recobrar o que vê lhe escapar, aterrando-se ao passado; mas pouco a pouco tudo isso se apaga, a febre se acalma, os homens passam, e as ideias novas ficam. Espíritas, elevai-vos pelo pensamento, levai vossos olhares vinte anos à frente, e o presente não vos inquietará.

(p. 74-80).

Morte do Sr. Guillaume Renaud, de Lyon.

No domingo, 1º. de fevereiro, ocorreram em Lyon, os funerais do Sr. Guillaume Renaud, antigo oficial, medalha de Sainte-Hélène, um dos mais antigos e mais fervorosos Espíritas dessa cidade, muito conhecido entre seus irmãos em crença. Embora professasse, sobre alguns pontos de forma que combatemos, *e* pouco importante de resto e que não tocam o fundo da Doutrina, ideias particulares que não eram partilhadas por todos, não era menos por isso geralmente querido e estimado por causa da bondade de seu caráter e de suas eminentes qualidades morais, e se estivéssemos em Lyon nesse momento, ficaríamos felizes de lançar algumas flores em seu túmulo. Que ele receba aqui, assim como a sua família e seus amigos particulares, este testemunho de nossa afetuosa lembrança.

O Sr. Renaud, homem simples e modesto, não era quase conhecido fora de Lyon, e, no entanto, sua morte repercutiu até numa aldeia da Haute-Saône, onde ela foi contada do púlpito, no domingo 8 de fevereiro, da seguinte maneira:

O vigário da paróquia, conversando com seus paroquianos dos *horrores* do Espiritismo, acrescentou que "o chefe dos Espíritas de Lyon tinha morrido há três ou quatro dias; que tinha recusado os sacramentos; que não havia em seu enterro senão dois ou três Espíritas, sem parentes nem padres; se o chefe dos Espíritas (fazendo alusão ao Sr. Allan Kardec) viesse a morrer, o lamentaria se fizesse como o de Lyon. Depois concluiu dizendo que não negava nada dessa doutrina, que não afirmava nada, senão que é o demônio que age contra a vontade de Deus."

Se quiséssemos revelar todas as falsidades que se debitam ao Espiritismo, para tentar mudar seu objetivo e seu caráter, com isso encheríamos nossa Revista. Como isso pouco nos inquieta, deixamos dizer, nos limitamos a recolher as notas que nos são dirigidas, para utilizá-las ulteriormente, se houver lugar, na história do Espiritismo. Nas circunstâncias das quais acabamos de falar, trata-se de um fato material sobre o qual o Sr. vigário, sem dúvida, foi mal informado, porque não queremos supor que ele haja querido conscientemente induzir ao erro. Sem dúvida, teria feito melhor pondo menos pressa e esperando informações mais exatas.

Acrescentaremos que, nessa comunidade, fez-se, há pouco tempo, a propósito da morte de um de seus habitantes, difundir o boato – algum mau cômico sem dúvida – que a sociedade dos *Irmãos batedores,* composta de sete ou oito indivíduos da comunidade, queria fazer ressuscitar os

mortos colocando-lhes, sobre a fronte, emplastros, feitos com uma pomada preparada pela Sociedade Espírita de Paris; que essa sociedade dos Irmãos batedores ia visitar todas as noites o cemitério para fazer os mortos reviverem. As mulheres e os jovens do quarteirão ficaram amedrontados ao ponto de não mais ousar sair de casa, com medo de reencontrarem o defunto.

Não seria preciso mais do que isso para impressionar lastimosamente algum cérebro fraco ou doentio, e se um acidente ocorresse, apressar-se-ia em colocá-lo à conta do Espiritismo.

Voltemos ao Sr. Renaud. Durante sua doença, inúteis esforços foram tentados para que fizesse uma abjuração autêntica de suas crenças espíritas. No entanto, o venerável padre o confessa e lhe dá absolvição. É verdade que, depois disso, quis-se retirar o direito de confissão e a absolvição foi declarada nula pelo clero de Saint-Jean como tendo sido dada *inconsideradamente; é* um caso de consciência que não nos encarregamos de resolver. De onde esta reflexão muito justa, feita em público, que aquele que recebe a absolvição antes de morrer não pode saber se ela é válida ou não, uma vez que, com as melhores intenções um padre pode dá-la de maneira inconsiderada. O clero se recusou, pois, obstinadamente em receber o corpo na igreja, não tendo o Sr. Renaud querido retratar nenhuma das convicções que lhe tinham dado tanta consolação e fez suportar com resignação as provas da vida.

Por um sentimento de conveniência que se apreciará,

e em razão das pessoas que seríamos forçados a designar, passamos em silêncio as lamentáveis manobras que foram tentadas, as mentiras que foram apresentadas para provocar a desordem nessa circunstância. Limitar-nos-emos a dizer que foram completamente frustradas pelo bom senso e pela prudência dos Espíritas, que receberam esse assunto de provas da benevolência da autoridade. Recomendações tinham sido feitas, por todos os chefes de grupos, para não responder a nenhuma provocação.

Com a recusa do clero em conceder as preces da Igreja, o corpo foi levado diretamente da casa para o cemitério, seguido de perto por mil pessoas, entre as quais se encontravam umas cinquenta mulheres e jovens, o que não é de hábito em Lyon. Sobre o túmulo uma prece da circunstância foi lida por um dos assistentes e escutada por todo mundo, a cabeça descoberta, num religioso recolhimento. A multidão silenciosa retirou-se em seguida, e tudo terminou, como tinha começado, com a mais perfeita ordem.

Como contraste diremos que nosso antigo colega, Sr. Sanson, recebeu todos os sacramentos antes de morrer; que foi levado à igreja, e acompanhado por um padre ao cemitério, se bem que tivesse declarado de antemão, de maneira formal, que era Espírita e não renegava nenhuma de suas convicções. "Se, no entanto, disse-lhe o padre, eu colocasse essa condição para minha absolvição, que faríeis? – Lastimaria isso, respondeu o Sr. Sanson, mas persistiria,

porque vossa absolvição nada valeria. – Como isso? Não credes, pois, na eficácia da absolvição? – Sim, mas não creio na virtude de uma absolvição recebida por hipocrisia. Escutai-me: o Espiritismo não é somente para mim uma crença, um artigo de fé, é um fato tão patente quanto a vida. Como quereis que negue um fato que me está demonstrado como a luz que nos clareia, e ao qual devo a cura miraculosa de minha perna? Se o fizesse, isto seria dos lábios e não do coração; seria perjúrio: daríeis, pois, a absolvição a um perjuro; digo que ela nada valeria, porque a daríeis na forma e não no fundo. Eis porque prefiro disso abster-me. – Meu filho, respondeu o padre, sois mais cristão do que muitos daqueles que dizem sê-lo."

Tivemos estas palavras do próprio Sr. Sanson.

Circunstâncias semelhantes às do Sr. Renaud podendo se apresentar, ali ou noutra parte, esperamos que todos os Espíritas seguirão o exemplo daqueles de Lyon, e que, em nenhum caso, não desistirão da moderação, que é uma consequência dos princípios da Doutrina, e a melhor resposta a dar aos seus detratores, que não procuram senão pretextos para motivar seus ataques.

O Sr. Renaud, evocado no grupo central de Lyon, trinta e seis horas depois de sua morte, deu a comunicação seguinte:

"Estou ainda um pouco embaraçado para me comunicar *e, se* bem que encontre aqui rostos amigos e

corações simpáticos, me sinto quase acanhado, ou, melhor dizendo, meu pensamento é um pouco novo. Oh! senhora B…, que diferença e que encantamentos em minha posição! Muito obrigado pela vossa constante afeição; obrigado, senhora V…, pelas vossas boas visitas, pelo vosso acolhimento.

"Perguntais e quereis saber o que me ocorreu desde ontem. Comecei a me desligar de meu corpo pela manhã; parecia-me que me evaporava; sentia meu sangue congelar em minhas veias, e acreditava que iria desmaiar; pouco a pouco perdi a percepção das ideias e dormi com uma certa dor compressiva; depois, despertei, e então vi ao meu redor *os* Espíritos que me cercavam, que me felicitavam; ali tive um pouco de confusão: não distinguia bem os mortos e os vivos; as lágrimas e as alegrias perturbaram um pouco a minha cabeça, e de todos os lados ouvia me chamarem, como me chamam ainda nesse momento. Sim, graças aos verdadeiros amigos que me protegeram, evocado e encorajado nessa dura passagem, porque há sofrimento nesse desligamento, e não é sem uma dor bastante viva que o Espírito deixa o corpo, compreendo o grito de chegada, me explico o suspiro da partida. Já fui evocado várias vezes, e depois me cansei como um viajante.

"Antes de partir, consenti em me permitir retornar e vos apertar a mão a todos?

"G. RENAUD."

(p. 81-84).

Revista Espírita de abril 1863

Os sermões continuam e não se assemelham

Escreveram-nos de Chauny, em 7 de março de 1863:

Senhor,

Venho tentar vos dar a análise de um sermão que nos foi pregado ontem pelo Sr. abade X…, estranho à nossa paróquia. Esse padre, que, de resto, é muito bom pregador, nos explicou, tanto quanto é possível fazê-lo, o que é Deus e o que são os Espíritos. Não devia ignorar que tinha um número muito grande de Espíritas em seu auditório, também sentimos uma vivíssima satisfação de ouvir falar dos Espíritos e de suas relações com os vivos.

"Não me explico de outro modo, disse ele, todos os fatos miraculosos, todas as visões, todos os pressentimentos, senão pelo contato daqueles que nos são caros e que nos precederam no túmulo; e se não temo levantar um véu muito misterioso, ou de vos falar de coisas que não seriam compreendidas por todos, me entendi por muito tempo sobre esse assunto. Sinto-me inspirado, e, obedecendo à voz de minha consciência, não poderia muito vos pedir em guardarem boa lembrança de minhas palavras: Crer nesse Deus de que todos os Espíritos emanam, e a quem deveremos nos reunir um dia."

Esse sermão, senhor, dito com um acento de doçura,

de benevolência e de convicção, aliado ao coração, bem melhor do que os discursos furiosos onde se procura em vão a caridade pregada pelo Cristo; estava ao alcance de todas as inteligências; também todos os compreenderam e saíram reconfortados, em lugar de desencorajados e tristes pelos quadros do inferno e das penas eternas, e tantos outros assuntos em contradição com a sã razão.

"Aceitai, etc

V…"

Este sermão, obrigado Deus, não é único desse gênero; foram-nos assinalados vários outros deles no mesmo sentido, mais ou menos acentuados, que foram pregados em Paris e nos departamentos; e, coisa bizarra, num sentido diametralmente oposto, pregados no mesmo dia, na mesma cidade, e quase na mesma hora. Isso nada tem de surpreendente, porque há muitos eclesiásticos esclarecidos que compreendem que a religião não pode senão perder de sua autoridade ao se inscrever em falso contra a irresistível marcha das coisas, e que, como todas as instituições, ela deve seguir o progresso das ideias, sob pena de receber mais tarde o desmentido dos fatos realizados. Ora, quanto ao Espiritismo, é impossível que muitos desses senhores não estejam no estado de se convencerem por si mesmos da realidade das coisas; conhecemos pessoalmente mais de um desses casos. Um deles nos disse um dia: 'Pode-se me proibir de falar em favor do Espiritismo, mas me obrigar a falar contra a minha convicção, a dizer que tudo isso é obra do

demônio, quando tenho a prova material do contrário, é o que não farei jamais'

Dessa divergência de opinião ressalta um fato capital, é que a doutrina exclusiva do demônio é uma opinião individual que deverá, necessariamente, curvar-se diante da experiência e da opinião geral. Que alguns persistam em suas ideias até *in extremis*, é possível, mas eles passarão, e com eles as suas palavras.

(p. 120-121).

Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo

O ardor dos adversários em recolher, e sobretudo em desnaturar os fatos que creem poder comprometer o Espiritismo, é verdadeiramente incrível; está num ponto que não haverá logo um acidente qualquer do qual não o tornem responsável.

Um fato lamentável ocorreu recentemente em Tours, e não podia faltar de ser explorado pela crítica, foi o suicídio de dois indivíduos que se esforçaram por atribuir ao Espiritismo.

O jornal *le Monde* (antigo *Univers religieux),* e depois dele vários jornais, publicaram sobre esse assunto um artigo do qual extraímos as passagens seguintes:

"Um casal muito avançado em idade, Sr. e senhora ***, ainda bem de saúde e gozando de uma renda que lhes permitia viver comodamente, se entregou há dois anos às operações do Espiritismo. Quase toda noite se reuniam em

sua casa um certo número de operários, homens e mulheres, e pessoas jovens dos dois sexos, diante dos quais nossos dois Espíritas faziam suas evocações, *pelo menos pretendiam fazê-las.*

"Não falaremos das questões *de toda espécie* das quais se pedia solução aos Espíritos nessa casa. Aqueles que conheciam essas duas pessoas! há muito tempo, e seus sentimentos sobre a religião, jamais se surpreenderam das cenas que poderiam se produzir em sua casa. *Estranhas a toda ideia cristã, estavam lançados na magia, onde passavam por mestres hábeis* e *completos.*

……

"Um e o outro estavam convencidos, há pouco tempo, que os Espíritos lhes convidavam vivamente a deixar a Terra, a fim de gozar num outro mundo, o mundo supra-terrestre, de maior soma de felicidade. Com efeito, não duvidando que seria assim, como maior sangue frio, consumaram um duplo suicídio, que fez hoje um grande escândalo na cidade de Tours.

……

Assim, é hoje o suicídio que se tem a constatar como resultado do Espiritismo e de *sua doutrina:* ontem eram casos de loucura, sem falar das desordens domésticas e de *outras desordens* às quais o Espiritismo, *tão frequentemente,* tem dado ocasião. Isto não basta para fazer compreender aos homens que não querem escutar a voz da religião, a quais

perigos estão expostos entregando-se a essas tenebrosas e estúpidas práticas?

Notemos primeiro que se esses dois indivíduos *pretendiam fazer evocações,* é que não a faziam realmente; portanto, se não faziam evocações reais era uma quimera, e os Espíritos não podem lhes ter dado maus conselhos.

Eram Espíritas, quer dizer, Espíritas de coração e não de nome? O artigo constata que *eles eram estranhos a toda ideia cristã;* além disso, que passavam por *mestres hábeis e completos em tato de magia;* ora, está constatado que o Espiritismo é inseparável das ideias religiosas, e sobretudo cristãs; que a negação destas é a negação do Espiritismo; que ele condena as práticas da magia, com as quais nada tem de comum; que denuncia como supersticiosa a crença na virtude dos talismãs, sinais cabalísticos e palavras sacramentais; portanto, essas pessoas não eram Espíritas, uma vez que estavam em contradição com os princípios do Espiritismo. Para homenagear a verdade, diremos que, tomadas as informações acima, resulta que essas pessoas não se ocupavam de magia, e que, sem dúvida, quis se aproveitar da circunstância para unir seu nome ao Espiritismo.

O artigo disse, além disso que, em sua casa, eram feitas aos Espíritos *perguntas de toda espécie,* O Espiritismo diz expressamente que não se podem dirigir aos Espíritos todas as espécies de perguntas; que eles vêm para nos instruir e nos tornar melhores, e não para se ocuparem dos

interesses materiais; que é se equivocar sobre os objetivos das manifestações nelas vendo apenas um meio de conhecer o futuro, de descobrir tesouros ou heranças, de fazer invenções ou descobertas científicas para se ilustrar ou se enriquecer sem trabalho; em uma palavra, que os Espíritos não vêm ler a sorte; portanto, fazendo aos Espíritos *perguntas de toda espécie,* o que é muito real, esses indivíduos provam a sua ignorância do próprio objetivo do Espiritismo.

O artigo não disse que disso fizessem negócio, e, com efeito, assim não era, de outro modo lembraríamos o que foi dito cem vezes a respeito dessa exploração e de suas consequências, das quais o Espiritismo sério não pode assumir a responsabilidade *legal* ou outra, não mais do que assume a das excentricidades daqueles que não o compreendem; não toma a defesa de nenhum dos abusos que poderiam ser cometidos em seu nome, por aqueles que dele tomassem a forma ou a *máscara* sem assimilar-lhe os princípios

Uma outra prova de que esses indivíduos ignoravam um dos pontos fundamentais da Doutrina Espírita é que o Espiritismo prova, não por uma simples teoria moral, mas por exemplos numerosos e terríveis, que o suicídio é severamente punido; que aquele que crê escapar às misérias da vida por uma morte voluntária, antecipada sobre os desígnios de Deus, cai num estado muito mais infeliz. O Espírita sabe, pois, disso não se pode duvidar, que pelo

suicídio, troca-se um estado mau passageiro por um pior, que pode durar muito tempo; é o que teriam sabido esses indivíduos se tivessem conhecido o Espiritismo. O autor do artigo, adiantando que essa doutrina conduz ao suicídio, pois, falou, ele mesmo, de uma coisa que não conhecia.

Não estamos de nenhum modo surpresos do resultado produzido pelo barulho que se fez desse acontecimento. Apresentando-o como uma consequência da Doutrina Espírita, estimulou-se a curiosidade e cada um quis conhecer por si mesmo essa Doutrina, com direito a repeli-la se fosse tal como se a apresentava; ora, reconheceu-se que da dizia tudo ao contrário daquilo que se lhe fazia dizer; ela não pode, pois, senão ganhar em ser conhecida, do que nossos adversários parecem se encarregar com ardor com o qual não podemos senão lhes ser agradecido, salvo, no entanto, da intenção. Se por suas diatribes produzem uma pequena perturbação *local* e *momentânea,* não tarda em ser seguida de uma recrudescência no número de adeptos; é o que se vê por toda a parte.

Se, pois, se nos escrevem de Tours, esses indivíduos creram dever misturar os Espíritos em sua fatal resolução e às suas excentricidades bem conhecidas, é evidente que nada compreenderam do Espiritismo, e que disso não se pode tirar nenhuma conclusão contra a Doutrina; de outro modo seria preciso pronunciar as doutrinas mais sérias e mais sagradas dos abusos, e mesmo dos crimes cometidos em seu nome por pobres insensatos ou fanáticos. A senhora F… pretendia ser

médium, mas todos aqueles que a ouviram conversar, jamais puderam tomá-la a sério. As ideias muito conhecidas, os exageros e as excentricidades do casal, e sobretudo da mulher, lhes fizeram impiedosamente fechar as portas do círculo espírita de Tours, onde *não foram admitidos em unia única sessão."*

O jornal precitado não estava melhor informado sobre as verdadeiras causas desse suicídio. Nós as haurimos nas peças autênticas depositadas num notário de Tours, assim como numa carta que nos foi escrita a esse respeito pelo Sr. X., procurador judicial dessa cidade.

Os esposos F…, idosos, a mulher de sessenta e dois anos e o marido de oitenta, longe de estar no bem-estar, foram levados ao suicídio pela perspectiva da *miséria única.* Tinham amontoado uma pequena fortuna num comércio de tecido de algodão em Nouvelle-Orléans; arruinados por falências, vieram a Nantes, depois a Tours, com alguns restos de seu naufrágio. Uma renda vitalícia de 480 fr., que era seu principal recurso, lhes faltou em 1856, em consequência de uma nova falência. Já por três vezes, e bem antes que o Espiritismo estivesse em questão, tinham tentado o suicídio. Nestes últimos tempos, perseguidos por antigos credores, um processo infeliz acabara de arruiná-los e de lhes fazer perder a coragem e a razão.

A carta seguinte, escrita pela senhora F… antes de sua morte, e que se encontra entre as peças acima relatadas, e assinadas pelo presidente do tribunal, *ne varietur,* fez

conhecer-lhe o verdadeiro motivo. Transcrevemo-la textualmente com a ortografia original:

"Senhor e senhora B…, antes de seguir para o céu, quero me entender convosco uma última vez, aceitai meus últimos adeuses, se bem que, espero, no entanto, que nos reveremos, como parto antes de vós vou reservar o vosso lugar para quando o momento vier quero vos dar parte de nosso projeto, depois de nossas adversidades nutrimos no nosso coração, um desgosto que não pude apagar, é mais do que um tédio, tudo me torna pesado, tenho constantemente o coração cheio de amargura, é preciso que vos diga que, há seis anos, que o negócio de nossa casa nada está ainda acabado, seria preciso talvez completar ainda dois mil francos como vemos que disso não poderemos sair senão com grandes privações, que é preciso sempre recomeçar sem ver o fim, é preciso isso acabar, agora somos velhos e as forças começam a nos abandonar, falta a coragem, a parte não é mais igual, é preciso terminar com isso e combinamos a determinação. Rogo-vos muito aceitar meus desejos muito sinceros.

Sabe-se hoje em Tours a que se ater sobre as verdadeiras causas desse acontecimento, e o barulho que se fez a esse respeito volta em proveito do Espiritismo, porque, disse nosso correspondente, dolo se fala por toda parte, se quer saber o justo e o que isso é, e desde esse momento as livrarias da cidade venderam mais livros espíritas do que não o tinham ainda feito.

E verdadeiramente curioso ver o tom lamentável de alguns, a cólera furiosa de alguns outros, e no meio de tudo isso o Espiritismo prosseguindo em sua marcha ascendente, como um soldado que toma de assalto sem se inquietar com a metralha. Os adversários, vendo a zombaria impotente, depois de terem dito que era um fogo-fátuo, dizem agora que é um cão raivoso.

(p. 121-125).

Revista Espírita de maio 1863

Algumas refutações

Assinalam-nos, de diferentes pontos, novas pregações contra o Espiritismo, todas no mesmo espírito daquelas das quais vos falamos, e como isso não e sempre senão a variante do mesmo pensamento, em termos mais ou menos escolhidos, cremos supérfluo dar-lhes a análise; limitamo-nos a realçar certas passagens, que fazemos seguir de algumas reflexões.

"Meus irmãos, um cristão que fala aos *cristãos,* e como tal temos o direito de nos admirar em veto Espiritismo crescer entre nós. O que é o Espiritismo, eu vos pergunto, se não for uma reunião de horrores que só a loucura pode justificar?"

A isso nada temos a responder, se não for que todas as pregações feitas nessa cidade não puderam deter o crescimento do Espiritismo, assim como o constata o orador; portanto, os argumentos que se lhe opõem são menos

imperiosos do que os seus; portanto, se as pregações vêm de Deus, e o Espiritismo do diabo, é que o diabo é mais poderoso do que Deus. Nada é brutal como um fato: ora, o lato de propagação do Espiritismo em consequência mesma das pregações é notório, pois, é que se encontram argumentos que dão mais convencimento do que os de seus adversários. E uma trama de horrores seja; mas haveis de convir que se esses mesmos Espíritos viessem afluir em todas as vossas ideias, em lugar de demônios, com isso vos faríeis santos, e, longe de condenar as evocações, as encorajaríeis.

"Nosso século não respeita mais nada; mesmo a cinza dos túmulos não foi poupada, uma vez que insensatos ousam chamar os mortos para conversar com eles. No entanto, assim e, e eis onde chega esse pretenso século de luzes: conversar com os fantasmas".

Conversar com os mortos não é o fato deste século, uma vez que a história de todos os povos prova que se o fez em todos os tempos; a única diferença é que se o faz por toda parte hoje e sem os acessórios supersticiosos com os quais se cercavam outrora as evocações; que se o faz com um sentimento mais religioso e mais respeitoso. De duas uma: ou a coisa é possível, ou ela não o é; se ela não o é, é uma crença ilusória, como a de crer na fatalidade da sexta-feira, na influência do sal derramado; não vemos, pois, que ai haja tantos horrores, e que se falta ao respeito conversando com pessoas que não estão ali: se os mortos vêm conversar conosco, isso não pode ser senão com a permissão de Deus,

a menos que se pretenda que venham sem a sua permissão ou contra a sua vontade, o que implicaria que Deus não se ocupa disso, ou que as evocações são mais poderosas do que Deus. Mas notai as contradições: de um lado dizeis que só o diabo se comunica, e de um outro que se perturba as cinzas dos mortos, chamando-os; se for o diabo, não são os mortos, portanto, não se os perturba e não se lhes falta ao respeito; se esses são os modos, pois, é que não é o diabo. Seria preciso ao menos vos pôr de acordo sobre esse ponto capital. Admitindo que sejam os mortos, reconhecemos que haveria profanação em chamá-los levianamente, por causas fúteis e sobretudo fazendo deles um negócio lucrativo, coisas todas que condenamos, não assumindo mais a responsabilidade daqueles que se afastam dos princípios do Espiritismo sério, que não assomais a dos falsos devotos Que não tem da religião senão a máscara, que pregam o que não praticam, ou que especulam sobre as coisas santas. Certamente as evocações feitas nas condições burlescas supostas por um eloquente orador, que citamos mais longe, seria um sacrilégio, mas, graças a Deus, ali não estamos, e não cremos que a do Sr. Viennois, igualmente narrada adiante, esteja neste caso.

"Fui testemunha, eu mesmo, desses fatos, e ouvi pregar a moral, a caridade, é verdade; mas sobre o que se apoia essa moral, essa caridade? Ai! sobre nada, porque pode se chamar moral uma doutrina que nega as penas eternas?"

Se essa moral leva a fazer o bem sem o medo das

penas eternas, com isso ela tem mais mérito. Outrora acreditava-se na impossibilidade de manter os escolares sem o medo da palmatória: eles eram melhores? Não; hoje dela não se serve mais e eles não são piores, ao contrário; portanto, o regime atual é preferível. Julga-se a bondade do um meio pelos seus efeitos. Aliás, a quem se dirige essa moral? àqueles precisamente que não creem nas penas eternas, e a quem damos um freio que aceitam, ao passo que vós não lhes dais nada, uma vez que não aceitam o vosso. Impedimos de crer na condenação absoluta a quem isso convém? Não, de maneira alguma. Ainda uma vez não nos dirigimos àqueles que têm a fé e a quem essa fé hasta, mas àqueles que não a têm ou que duvidam. Amá-lo-íeis mais se permanecessem na incredulidade absoluta? isto seria pouco caridoso. Tendes medo de que não vos levem as ovelhas? é que não tendes grande confiança no poder de vossos meios para retê-las; é que tendes medo de que elas não sejam atraídas pela erva tenra do perdão e da misericórdia divina. Credes, pois, que aquelas que flutuam incertas preferirão os carvões do inferno? De um outro lado, quem devo estar mais convencido das penas eternas senão aqueles que são nutridos no seio da Igreja? Ora, dizei por que essa perspectiva não deteve todos os escândalos, todas as atrocidades, todas as prevaricações às leis divinas e humanas, das quais a história está cheia, e que se reproduzem incessantemente em nossos dias? São crimes, sim ou não? Se, pois, aqueles que fazem profissão dessa fé não se detiveram, como quereis que o sejam aqueles que nisso não creem? Não é preciso ao homem

esclarecido de nossos dias um freio, aquele que a sua razão admite; ora, a crença nas penas eternas, útil talvez para uma outra época, teve seu tempo; ela se extingue todos os dias, e agiríeis inutilmente, não darias mais a vida a esse cadáver que faríeis reviver, os usos e costumes e as ideias da Idade Média. Se a Igreja católica crê a sua segurança comprometida pelo desaparecimento dessa crença, é preciso lamentá-la de repousar sobre uma base tão frágil, porque, se ela tem o verme roedor, é o dogma das penas eternas.

"Também, disso apelo à moralidade do todas as almas honestas; disso apelo aos magistrados, porque são responsáveis por todo o mal que uma semelhante heresia atrai sobre nossas cabeças".

Não sabíamos que, na França, os magistrados estivessem encarregados de perseguir as heresias, uma vez que entre eles, se há católicos, há também protestantes e judeus, heréticos que estariam assim encarregados de perseguirem a si mesmos e de se condenarem; que os há entre os funcionários da mais alta classe.

"Sim, os Espíritas, não temo declará-lo aqui vivamente, não são somente passíveis da polícia correcional, do Tribunal imperial, mas, ouvi-o bem, são ainda passíveis do Tribunal criminal, porque são falsários; assinam comunicações de nomes honrados que, certamente, não teriam assinado, quando vivos, aqueles que se faz tão bem conversar hoje".

Os Espíritas, verdadeiramente, são muito felizes de que Confúcio, Sócrates, Platão, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, Fénelon, etc., não possam vir processá-los por crime de falsa escrita particular. Mas, nisso pensa teriam uma tábua de salvação nos Tribunais criminais onde são julgáveis: porque lá estão os jurados que se pronunciam segundo sua consciência: ora, entre eles há também protestantes e judeus: há mesmo, coisa abominável, filósofos, incrédulos, horríveis livres pensadores, que, tendo em vista as nossas detestáveis leis modernas, se acham por toda parte; portanto, se somos acusados de fazer Santo Agostinho dizer alguma coisa heterodoxa, acharemos sempre jurados para nos absolver. Ó perversidade do século! dizer que em nossos dias Voltaire, Diderot, Lutero, Calvino, João Huss, Arius, teriam sido jurados pelo direito de nascimento, que teriam podido ser juizes, prefeitos, ministros da justiça e mesmo dos cultos! Vede-os, esses tratantes do inferno, se pronunciarem sobre uma questão de heresia! porque, para condenar a assinatura de Fénelon, posta abaixo de uma comunicação supostamente herética, é preciso julgar a questão da ortodoxia, e quem será competente no júri?

"E, no entanto, uma coisa seria bem fácil para interditar semelhantes *crimes enormes!* Que seria preciso fazer? a menor das coisas: e mesmo sem lhes fazer a honra da faixa do comissário, podeis colocar um sargento de cidade na entrada de cada grupo para dizer: não se passa. Pinto-vos o mal, descrevo-vos o remédio, nada de mais, nada de

menos, porque os poupo da inquisição".

Muito obrigado, mas não há grande mérito em oferecer o que não se tem, e, infelizmente para vós, não tendes mais a inquisição, sem o que seria duvidoso que nos poupasse dela. Que não dizeis, pois, aos magistrados para interditarem a entrada dos templos judeus e protestantes onde se pregam publicamente dogmas que não são os vossos? Quanto aos Espíritas não têm nem templos, nem padres, mas têm grupos, que para vós é a mesma coisa a entrada dos quais basta colocar um sargento de cidade para que tudo seja dito; é bem simples, com efeito; mas não vos esqueçais de que os Espíritos forçam todas as senhas e entram por toda parte sem pedir a permissão, mesmo em vossa casa, porque ali tendes ao vosso lado os que vos escutam, sem que disso desconfieis, e, o que é mais, falam aos vossos ouvidos; fazei voltai bem vossas lembranças e vereis que tivestes mais de uma manifestação sem procurá-la.

Pareceis ignorar uma coisa, que é bom que saibais. Os grupos espíritas não são de nenhum modo necessários; são simples reuniões onde ficam felizes de se reencontrarem pessoas que pensam do mesmo modo: e a prova disso é que há hoje na França mais de seiscentos mil Espíritas dos quais noventa e nove por cento não fazem parte de nenhum grupo, e nele jamais puseram o pé; que numa multidão de cidades não há nenhum deles; que nem os grupos, nem as sociedades, abrem suas podas ao público para pregarem suas

doutrinas aos transeuntes; que o Espiritismo se prega por si mesmo e pela força das coisas, porque ele responde a uma necessidade da época que essas ideias estão no ar e são aspiradas por todos os poros da inteligência; que o *contágio está* no exemplo daqueles que são felizes de suas crenças e que se encontram por toda parte, no mundo, sem ir procurá-los nos grupos. Assim, não são os grupos que fazem a propaganda, uma vez que não chamam o primeiro que chega: ela se faz, passo a passo, de indivíduo a indivíduo; portanto, admitamos a interdição de todas as reuniões, os Espíritas delas seriam tirados para permanecer em suas casas e se reunir em família, assim como isso se faz em milhares de lugares, sem que o Espiritismo disso sofra, muito ao contrário, uma vez que sempre censuramos as grandes assembleias como mais nocivas do que úteis, sendo reconhecida a intimidade como a condição mais favorável ás manifestações. Interditareis as reuniões de famílias? Colocais um sargento de cidade para vigiar o que se passa no canto do fogo? Não se o faz na Espanha; não se o faz em Roma, onde há mais Espíritas e médiuns do que pensais. Não faltaria mais do que isso para fazer crescer ainda mais a importância do Espiritismo.

Admitamos agora a interdição legal dos grupos, sabeis o que fariam esses Espíritas que acusais de semear a desordem? Diriam: "Respeitemos a lei; *dura lex, sed lex;* damos o exemplo, e mostramos que se pregamos a união, a paz e a concórdia, isso não é para nos transformar em

promotores de perturbações. As sociedades organizadas não são uma condição necessária para a existência do Espiritismo; não há entre elas nenhuma solidariedade material que possa ser quebrada pela sua supressão: o que os Espíritos nelas ensinam, ensinarão do mesmo modo no colóquio; porque o Espiritismo tem esse privilégio estranho de ter por toda parte seu foco de ensinamento; seu sinal de reunião é o amor de Deus e do próximo, e para colocar em prática, não se tem necessidade de reuniões oficiais, o estende sobre seus inimigos como sobre seus amigos". Todo o mundo pode dele dizer outro tanto, e a autoridade não encontrou mais de uma vez da resistência, ali onde ela teria devido encontrar o mais da submissão? Se os Espíritas fossem pessoas turbulentas e também pervertidas quanto o pretendeis, por que é que nos centros onde são mais numerosos os funcionários encarregados de manterem a ordem têm menos trabalho o que faria dizer a um deles que se todos os seus administrados fossem Espíritas, poderia fechar a sua repartição? Por que é que, entre os militares espíritas, há menos penas disciplinares?

Depois, não pensais que há agora Espíritas por toda a parte, do alto ao baixo da escala social; que há reuniões e médiuns até nas casas daqueles dos quais invocais o apoio contra nós, Vede, pois, que vosso meio é insuficiente: é preciso procurar um outro meio. – Temos os raios do púlpito. – Está bem, e dele usais largamente, mas não vedes que por toda parte onde é fulminada, o número de Espíritas aumenta?

– Temos as censuras da Igreja e a excomunhão. – Isso é melhor, mas bateis ainda no vazio; ainda uma vez, o Espiritismo não se dirige nem a vós nem àqueles que estão convosco não vai procurá-los e dizer-lhes: deixai a vossa religião e segui-me, sereis condenados se não o fizerdes; não, é mais tolerante do que isso, e deixa a cada um sua liberdade de consciência. Dirige-se, como dissemos, à massa inumerável de incrédulos, dos que duvidam e dos indiferentes; aqueles não estão convosco, e vossas censuras não podem atingi-los, Retornam a vós, e os repelis, é muito simplesmente imperícia. Se alguns dos vossos os seguem é que vossos argumentos não são bastante fortes para retê-los, e não 6 com o rigor que a isso chegareis. O Espiritismo agrada porque não se impõe e se aceita pela vontade e o livre exame; nisso é de nossa época; ele agrada pela sua doçura, pelas consolações que proporciona nas adversidades, pela inabalável fé que dá no futuro, na bondade e na misericórdia de Deus; além disso, se apoia sobre fatos patentes, materiais, irrecusáveis, que desafiam toda negação; eis o segredo de sua propagação tão rápida; que lhe opondes? sempre a condenação eterna, mau meio pelo tempo que encurta; depois a deturpação de suas doutrinas; vás o acusais de pregar o abortamento, o adultério e todos os crimes; àqueles que não o conhecem? Mas entre eles muitos querem saber o que ocorre com essa abominável doutrina: leem, e vendo que ela diz tudo o contrário daquilo que se lhe fez dizer, vos deixam para segui-lo, e isso sem que vá procurá-los.

A posição, eu o sei, é embaraçadora: porque vos dizeis: Se falamos contra o Espiritismo, lhe recrutamos partidários; se nos calamos, ele caminha sozinho. Que fazer então? Outrora dizia-se Deixai passar a justiça do rei; agora é preciso dizer: Deixemos passar a justiça de Deus.

(continua no próximo número.)

(p. 142-148).

Um argumento terrível contra o Espiritismo

História de um asno.

Num sermão pregado recentemente contra o Espiritismo, porque a palavra de ordem é dada sobre toda linha para persegui-lo, assim como aos seus partidários, o orador, querendo lhe dar um golpe mortal, contou a historieta seguinte:

"Há três semanas, uma senhora perdeu seu marido. Um médium se apresentou para propor-lhe uma conversa com o defunto, e talvez desfrutar de sua visão. A visão não ocorreu, mas o defunto explicou à sua mulher, pela mão do médium, que não foi julgado digno de entrar na morada dos bem-aventurados, e que se viu obrigado a se reencarnar *imediatamente,* para expiar seus grandes pecados. Começou a ser onde? A um quilômetro dali, na casa de um moleiro, e na pessoa de um asno roído de pancadas. Julgai da dor da pobre senhora, que corre à casa do moleiro, *abraça o humilde animal* e propõe a sua compra. O moleiro foi duro no negócio,

mas enfim cedeu a uma grande bolsa de dinheiro, e o senhor Aliboron ocupa há quinze dias um apartamento particular na casa da senhora, cercado de mais cuidados, que jamais seu semelhante experimentou *desde que aprouve a Deus criar essa raça estimável".*

Não duvidamos que o auditório haja sido bem convencido por essa historieta; mas, o que temos de testemunhas que ouviram, é que a maior parte achou que estaria melhor seu lugar num folhetim engraçado do que no púlpito, pelo fundo e pela escolha das expressões. Sem dúvida, o orador ignorava que o Espiritismo ensina, sem equívoco, que a alma ou Espírito não pode animar o corpo de um animal. *(O Livro dos Espíritos,* nº 118, 612 e 613.)

O que nos espanta mais ainda, é o ridículo lançado sobre a dor em geral, com a ajuda de um conto de pura invenção e em termos que não brilham pela dignidade. Além disso, é dever de um padre tratar tão livremente a obra de Deus por estas palavras pouco reverentes: "Desde que aprouve a Deus criar essa raça estimável." O assunto foi tanto mais mal escolhido para fazer graça, que se poderia objetar que tudo é respeitável nas obras de Deus, e que Jesus não se achou desonrado em entrar em Jerusalém montado sobre um dos indivíduos dessa raça.

Que se coloque em paralelo o burlesco quadro da dor dessa pretensa viúva com o da viúva verdadeira, do qual demos acima o relato, e que se diga qual dos dois é o mais edificante, o mais cheio de um verdadeiro sentimento

religioso e de respeito pela Divindade; enfim, o que estaria melhor colocado no púlpito da verdade.

Admitamos o fato que contais, senhor pregador, quer dizer, não a encarnação num asno, mas a credulidade da viúva com essa encarnação, como castigo, que lugar lhe teríeis dado? As chamas eternas do inferno, perspectiva ainda menos consoladora, porque essa mulher viúva, sem dúvida, teria respondido: "Gosto mais ainda de saber meu marido no corpo de um asno do que queimado durante a eternidade". Suponde agora que ela tivesse que escolher entre vosso quadro de torturas sem fim e o que nos deu mais acima o Espírito do Sr, Viennois, crede que ela teria hesitado? Conscienciosamente não o pensais, porque, por vossa própria conta, não hesitaríeis.

(p. 151-153).

Algumas palavras sérias a propósito dos golpes de Bengala

Um de nossos correspondentes nos escreveu de uma cidade do Sul:

"Venho hoje vos fornecer uma nova prova de que a cruzada da qual vos falei se traduz de mil formas. Assisti ontem a uma reunião onde se discutia calorosamente pró e contra o Espiritismo. Um dos assistentes expôs o fato seguinte: As experiências do Sr. Allan Kardec não são melhores daquelas das quais falamos há pouco. O Sr. Kardec se guarde bem de contar em sua Revista todas as

mistificações e as tribulações que tolera, Sabeis, por exemplo, que no ano último, no mês de setembro, numa reunião de mais ou menos treze pessoas, que ocorreu na casa do mesmo Sr. Kardec, todos os assistentes foram roçados por golpes de bengala pelos Espíritos. Estava eu em Paris nessa época, e tenho esse detalhe de uma pessoa que acabara de assistir a essa reunião e que me mostrou, sobre sua espádua, o lugar pisado por um golpe violento que ela recebera, – Não vi a bengala, disse-me, mas senti o golpe."

"Não lenho necessidade de vos dizer que desejo ser esclarecido sobre esse ponto, e que vos seria muito reconhecido pelas explicações que teríeis a bondade de me dar, etc."

Não iríamos entreter nossos leitores com um fato tão insignificante, se não nos fornecesse o motivo de uma instrução que pode ter sua utilidade neste momento, porque não o finalizaríamos, se nos fosse preciso realçar todos os contos absurdos que se lhe debita.

Resposta. – Meu caro senhor, o fato do qual me falais está nas coisas possíveis, e dela há mais de um exemplo; dizer que se passou em minha casa, é, pois, reconhecer explicitamente a manifestação dos Espíritos; no entanto, a forma do relato denota uma intenção da qual não posso ser muito agradecido ao autor; esse pode ser um crente, mas seguramente não é benevolente e esquece a base da moral espírita: a caridade. Se o fato reportado tivesse ocorrido, assim como o pretende a pessoa tão bem informada, eu não

teria guardado de passá-lo sob silêncio, porque isso seria um fato capital que não se poderia pôr em dúvida, uma vez que teria tido, como se disse, trinta testemunhas levando sobre suas espáduas a prova da existência dos Espíritos. Infelizmente para vosso narrador, não há uma palavra de verdade nesse relato; dou-lhe, pois, um desmentido formal assim como àquele que afirma ter assistido a uma sessão, e os coloca, a um e a outro, no desafio de vir sustentar suas afirmativas diante da Sociedade de Paris, como o fazem a duzentas léguas.

Os fazedores de contos não pensam em tudo e se prendem em sua própria armadilha; foi o que ocorreu nessa circunstância, porque há, para o fato tão positivamente afirmado por uma testemunha supostamente ocular, uma impossibilidade material, é que a Sociedade suspende suas sessões de 15 de agosto a 1º de outubro; que, partindo de Paris no fim do mês de agosto, não estarei de volta senão em 20 de outubro; que, por consequência, no mês de setembro estaria em plena viagem; portanto, como vedes, é um dos álibis dos mais autênticos.

Se, pois, a pessoa em questão levava sobre suas espáduas a marca dos golpes de bengala, uma vez que não houve reunião em minha casa, é que ela recebeu em outra parte, e que, não querendo dizer nem onde nem como, achou prazer em acusar disso os Espíritos, o que era menos comprometedor e eliminava toda explicação.

Em verdade, fazeis muita honra, meu caro senhor, a

esse pequeno conto ridículo, de alinhá-lo entre os atos de cruzada contra o Espiritismo: há-os tantos dessa natureza que seria preciso não ter nenhuma outra coisa a fazer para realçá-los. A hostilidade se traduz por atos mais sérios, e que, no entanto, não são mais inquietantes. Tomais as diatribes de nossos adversários a peito; pensai, pois, que quanto mais se debate para combater o Espiritismo, mais provam a sua importância; se isso não fora senão um mito ou um sonho oco, não se inquietariam tanto com ele: o que os torna tão furiosos e tão obstinados contra ele, é vê-lo avançar contra vento e maré, e de sentir restringir-se cada vez mais o círculo no qual se movem.

Deixai, pois, os maus gracejadores inventar contos para dormir de pé, e outros lançarem o veneno da calúnia, porque semelhantes meios são a prova de sua impotência para atacar com boas razões. O Espiritismo nada tem a temer-lhes, ao contrário; são as sombras que fazem ressaltar a luz; os mentirosos o são às expensas de invenção, e os caluniadores pela vergonha que jorra sobre eles, O Espiritismo tem a sorte de todas as verdades novas que levantam as paixões das pessoas das quais podem machucar as ideias ou os interesses; ora, vede se todas as grandes verdades que foram combatidas, com a maior obstinação, não superaram todos os obstáculos que lhe foram opostos, se uma só sucumbiu sob os ataques de seus inimigos; as ideias novas, que não brilharam senão com um brilho passageiro, caíram por si mesmas, e porque não tinham nelas a vitalidade

que só a verdade dá; são aquelas que foram menos atacadas, ao passo que aquelas que prevaleceram o foram com mais violência.

Não penseis que a guerra dirigida contra o Espiritismo tenha chegado ao seu apogeu; não, é preciso ainda que certas coisas se cumpram para abrir os olhos dos mais cegos. Não posso nem devo disso dizer mais para o momento, porque não devo entravar a marcha necessária dos acontecimentos; mas vos digo espera: Quando ouvirdes invectivas coléricas, quando virdes atos de hostilidade material, de qualquer parte que venha, longe de vós com isso perturbar-vos, aplaudi-os tanto mais quanto poderão ter mais ressonância, é um dos sinais anunciados do próximo triunfo. Quanto aos verdadeiros Espíritas, devem se distinguir pela moderação, é deixar aos seus antagonistas o triste privilégio das injúrias e das personalidades que não provam nada, senão uma falta de saber viver primeiro, e a penúria de boas razões em seguida.

Algumas palavras ainda, eu vos peço, para aproveitar a ocasião, sobre a conduta a ter com relação aos adversários. Tanto é do dever de todo bom Espírita esclarecer aqueles que, de boa fé, procuram sê-lo, tanto é inútil discutir com os antagonistas de má fé ou de propósito, que, frequentemente mesmo, estão mais convencidos do que o parecem, mas não querem confessá-lo; com estes toda polêmica é ociosa, porque é sem objetivo e não pode ter por resultado fazer-lhe mudar de opinião. Muitas pessoas de boa vontade nos

reclamam, para não perdermos nosso tempo com os outros.

Tal é a linha de conduta que todo tempo tenho aconselhado, e tal é a que, invariavelmente, eu mesmo tenho seguido, tendo sempre me abstido de ceder às provocações que me foram feitas para descer na arena da controvérsia. Se por vezes relevo certos ataques e certas afirmações errôneas, é para mostrar que não é a possibilidade de responder que falta, e dar aos Espíritas meios de refutação na necessidade. Aliás, há as que reservam para mais tarde; não tendo nenhuma impaciência, observo tudo com calma e sangue frio; espero com confiança que choque o momento oportuno, porque sei que ele virá, deixando os adversários se empenharem num caminho sem saída para eles. A medida de suas agressões não está preenchida, e é preciso que esteja; o presente prepara o futuro. Não há até aqui nenhuma objeção séria que não se encontre refutada em meus escritos; não posso, pois, senão a eles enviar para não me repetir sem cessar com todos aqueles que apraze falar daquilo que não sabe a primeira palavra. Toda discussão torna-se supérflua com pessoas que não leram, ou se o fizeram, tomam, premeditadamente o contrário daquilo que está dito.

As questões pessoais se apagam diante da grandeza do objetivo e do conjunto do movimento irresistível que se opera nas ideias; pouco importa, pois, que tal ou tal seja contra o Espiritismo, quando sabe-se que não está no poder de quem quer que seja impedir de se cumprirem os fatos: é o que a experiência confirma cada dia.

Digo, pois, a todos os Espíritas: continuai a semear a ideia; difundi-a pela doçura e pela persuasão, e deixai aos nossos antagonistas o monopólio da violência e da acrimônia aos quais não recorreram senão quando não se sentem bastante fortes pelo raciocínio.

Vosso todo devotado,

A. K.

(p. 153-156).

Revista Espírita de Junho 1863

Algumas refutações

(2º artigo – Ver o número de maio).

Toda ideia nova tem necessariamente, contra ela todos aqueles dos quais choca as opiniões e os interesses. Alguns creem os da Igreja comprometidos, não o pensamos, mas a nossa opinião não faz lei, – é porque nos atacam em seu nome com um furor ao qual não faltam senão as grandes execuções da Idade Média; Os sermões, as instruções pastorais lançam o raio sobre toda a linha; as brochuras e os artigos dos jornais chovem como o granizo, pela maioria comum cinismo de expressão muito pouco evangélico. Em vários é uma raiva que chega ao frenesi. Por que, pois, exibem forças e tanta cólera? Porque dizemos que Deus perdoa ao arrependimento e que as penas não serão eternas senão para aqueles que não se arrependerão jamais; e porque proclamamos a clemência e a bondade de teus, somos

heréticos destinados à execração, e a sociedade está perdida: *mostra-nos* como perturbadores intima-se a autoridade pata nos perseguir em nome da *moral* e da *ordem* pública; dizem *que* não cumprem seu dever deixando-nos tranquilos!

Um interessante problema se apresenta aqui. Pergunta-se por que essa fúria contra o Espiritismo antes que contra tantas outras teorias filosóficas ou religiosas bem menos ortodoxas? A Igreja fulminou contra o materialismo que nega tudo, como o faz contra o Espiritismo que se limita à interpretação de alguns dogmas? Esses dogmas e muitos outros não foram muitas vezes negados, discutidos, controvertidos numa multidão de escritos que ela deixa passar desapercebidos? Os princípios fundamentais da fé: Deus, a alma e a imortalidade, não foram publicamente atacados sem que ela com isso se comovesse? Jamais o saint-simonismo, o fourierismo, a própria Igreja do abade Chatel não levantaram tanta cólera, sem falar de outras seitas menos conhecidas, tais como os *fusionistas,* cujo chefe acaba de morrer, que têm um culto, seu jornal, e não admitem a divindade do Cristo; *os católicos apostólicos* que não reconhecem *o* papa, que têm seus padres e bispos casados, suas igrejas em Paris e na província, onde fazem batismos, casamentos e enterros. Por que, pois, o Espiritismo que não tem nem culto nem igreja, e cujos padres não estão senão na imaginação, levanta tanta animosidade? Coisa fora do comum! o partido religioso e o partido materialista, que são a negação um do outro, se dão as mãos para nos

pulverizar é a sua palavra. O espírito humano apresenta verdadeiramente singulares esquisitices quando está cego pela paixão, e a história do Espiritismo terá agradáveis coisas a registrar.

A resposta está inteiramente nesta conclusão da brochura do Rev. Pe. Nampon [16]: "Em geral nada é mais *abjeto, mais degradante, mais vazias de fundo e de atrativo na forma do que essas publicações, cujo sucesso fabuloso é um dos sintomas os mais alarmantes da nossa época.* Destruí-os, pois, com isso não perdereis nada. Com o dinheiro que se dispensa em Lyon por essas inépcias, ter-se-iam facilmente fundado alguns lugares a mais nos hospícios de alienados, atravancados depois da invasão do Espiritismo. E que faremos dessas brochuras malsãs? Faremos delas o que o grande apóstolo *delas* fez em Éfeso; e por aí conservaremos, em nosso meio, o império da razão e da fé, e preservaremos as vítimas dessas lamentáveis ilusões de uma multidão de decepções na vida presente e das chamas da eternidade infeliz".

Esse *sucesso fabuloso,* eis o que confunde os nossos adversários; não podem compreender a inutilidade de tudo o que fazem para entravar essa ideia que escapa sob suas armadilhas, se endireita sob seus golpes, e prossegue sua marcha ascendente sem tomar cuidado com as pedras que lhe atiram. Isto é um fato adquirido, e constatado muitas

[16] Discurso pregado na igreja de São João Batista, em presença de Sua Eminência o cardeal Arcebispo de Lyon, em 14 e 21 de dezembro de 1862, pelo Rev. Pe. Nampon, da Companhia de Jesus, pregador do Advento.

vezes pelos adversários de uma e de outra categoria, em suas pregações e em suas publicações; todos deploram o *progresso inaudito dessa epidemia que ataca* mesmo *os homens de ciência, os médicos e os magistrados.* E preciso em verdade vir do Texas para dizer que o Espiritismo está morto e dele não se fala mais. (Ver a *Revista* de fevereiro de 1863, página 41.)

Para triunfar, que faremos? Iremos pregar o Espiritismo nas praças? Convocamos o público às nossas reuniões? Temos missionários de propaganda? Temos o apoio da imprensa? Temos, enfim, todos os meios de ação ostensivos e *secretos* que possuís e dos quais usais tão largamente? Não; para recrutar partidários nós nos damos mil vezes menos de trabalho do que tomais para afastá-los. Contentamo-nos em dizer: "Lede, e se isto vos convém, retomai a nós"; fazemos mais, dizemos: lede o pró e o contra e comparai. Respondemos aos vossos ataques sem fel, sem animosidade, sem amargor, porque não temos cóleras; longe de nos lamentar das vossas, nós as aplaudiremos, porque servem à nossa causa. Eis entre as milhares unia prova da força persuasiva dos argumentos de nossos adversários, Um senhor que vem de escreverá Sociedade de Paris para pedir dela fazer parte, começa assim sua carta: A leitura de a *Questão* do sobrenatural os modos e os vivos, do Pe. Matignon, *da* Questão *dos Espíritos, do Sr.* de Mirville, do *Espírito batedor,* do doutor Bronson, e, enfim, de diferentes artigos contra o Espiritismo não fizeram senão me ligar mais

completamente doutrina de O *Livro* dos *Espíritos,* e me deram o mais vivo desejo de fazer parte da Sociedade Espírita de Paris, para poder continuar o estudo do Espiritismo de maneira mais contínua e mais frutífera".

A paixão cega, às vezes, ao ponto de fazer cometer singulares inconsequências. Na passagem citada mais acima, *o* Rev. Pe. Nampon disse que: "*Nada é mais vazio de atrativo do que essas publicações, cujo sucesso fabuloso,* etc." Não se apercebeu que essas duas proposições se destroem uma pela outra; uma coisa sem atrativo não poderia ter um sucesso qualquer, porque não pode ter sucesso senão com a condição de ter atrativo; com mais forte razão quando esse sucesso é fabuloso.

Acrescenta ele que, com o dinheiro despendido em Lyon para essas inépcias, ter-se-iam facilmente fundado alguns lugares a mais nos hospícios de alienados dessa cidade, sobrecarregados depois da invasão do Espiritismo Teriam sido necessário, é verdade, fundar trinta a quarenta mil lunares, em Lyon somente, uma vez que todos os Espíritas são loucos. Por outro lado, uma vez que são inépcias, isso não tem nenhum valor; por que, pois, lhes dar as honras de tantos sermões, pastorais, brochuras? A esta questão do emprego do dinheiro sabemos que, em Lyon, muitas pessoas, sem dúvida mil pensantes, disseram que com os dois milhões fornecidos em oferenda a São Pedro, ter-se-ia podido dar pão a muitos operários infelizes durante o inverno, ao passo que a leitura dos livros espíritas lhes deu a

coragem *e* a resignação para suportarem sua miséria sem se revoltarem,

O Pe. Nampon não foi mais feliz em suas citações. Numa passagem de *O Livro dos Espíritos,* nos fez dizer.'Há tanta distância entre a alma do animal e a alma do homem, *quanta entre* a *alma do homem* e a *alma de Deus.* (Nº. 597.) Nós colocamos: *que entre a alma do homem* e *Deus,* o que é muito diferente; *alma de Deus* implica uma espécie de assimilação entre Deus as criaturas corpóreas. Concebe-se a omissão de uma palavra por inadvertência ou erro tipográfico; mas não se lhe acrescenta sem intenção; por que essa adição que desnatura o sentido do pensamento, se não for para nos dar urna cor materialista os olhos daqueles que se contentarão em ler a citação, sem verificá-la no original? Um livro que apareceu pouco antes de O Livro dos Espíritos, e que contém toda uma teoria teogônica e cosmogônica, faz de Deus um ser muito de outro modo material, uma vez que dele faz um composto de todos os globos do Universo, moléculas do Ser universal, que tem um estômago, come e digere, e do qual os homens são os maus produtos de sua digestão; e, no entanto, nenhuma palavra foi dita para combatê-la: todas as cóleras se concentraram sobre O Livro dos Espíritos; seria isso, pois, porque em seis anos chegou à décima edição, e que está difundido em todos os países do mundo?

Não se contentam em criticar, mas mutilam e desnaturam as máximas para acrescentar o horror que deve

inspirar essa abominável doutrina, e nos põe em contradição conosco mesmo. Foi assim que o Pe. Nampon, citando uma frase da introdução de O Livro dos Espíritos, página XXXIII, disse: ‘Cedas pessoas, vós mesmo dizeis, entregando-se a esses estudos perderam a razão". Temos assim o ar de reconhecer que o Espiritismo conduz à loucura; ao passo que, lendo todo o parágrafo XV, a acusação cai precisamente sobre todos aqueles que a lançam. Assim é que, tomando-se os fragmentos de frase de um autor, poder-se-ia fazê-lo enforcar; os próprios autores mais sagrados não escapariam a essa dissecação. E com esse sistema que certos críticos esperam dar a mudança sobre as tendências do Espiritismo e fazer crer que ele preconiza o abono, o adultério, o suicídio quando lhes demonstra peremptoriamente a criminalidade e as funestas consequências para o futuro.

O Pe. Nampon vai mesmo até se apoderar das citações feitas com o objetivo de refutar cedas ideias: “O autor, disse ele, chama algumas vezes Jesus-Cristo Homem-Deus; mas em outro lugar (O Livro dos Médiuns, página 368), num diálogo com um médium que, tomando o nome de Jesus, dizia-lhe: “Não sou Deus, mas sou seu filho,” ele replica logo: “Sois, pois, Jesus?” Sim, acrescenta o Pe. Nampon, Jesus é chamado Filho de Deus, é, pois, num sentido ariano, e sem ser por isso consubstancial ao Pai.”

De início, não era um médium que se dizia Jesus, mas bem um Espírito, o que é muito diferente, e a citação é precisamente feita para mostrar o embuste de certos

Espíritos, e ter os médiuns em guarda contra seus subterfúgios. Pretendeis que o Espiritismo nega a divindade do Cristo; onde vistes essa proposição formulada em princípio? É, dizeis, a consequência de toda a doutrina. Ah! se entrássemos nesse terreno das interpretações, poderíamos ir mais longe do que não quereis. Se disséssemos, por exemplo, que o Cristo não tinha chegado à perfeição, que teve necessidade das provas da vida corpórea para progredir; que sua paixão lhe foi necessária para subir em glória, teríeis razão por que dele faríamos, não mesmo *um puro Espírito*, enviado sobre a Terra com uma missão divina, mas um simples mortal, a quem o sofrimento era necessário para ele mesmo progredir. Onde achais que dissemos isto? Pois bem, o que jamais dissemos, o que jamais diremos, é o que dizeis.

Vimos ultimamente, no parlatório de uma casa religiosa de Paris, a inscrição seguinte, impressa em caracteres grandes e afixada para a instrução de todos: *"Foi preciso que o Cristo sofresse para entrarem sua glória, e não foi senão depois de ter bebido em grandes tragos na torrente da tribulação e do sofrimento que foi elevado ao mais alto dos céus"* (Salmo 109, v. 8.) É o comentário desse versículo cujo texto é: *"'Ele beberá no caminho a égua da torrente, e será por aí que erguerá sua cabeça (De torrente in via bibet: propterea exultabit caput)", Se, pois* "FOI PRECISO *que o Cristo sofresse para entrar em sua glória; se* NÁO PÔDE *ser elevado ao mais alto dos céus senão pelas tribulações e o sofrimento",* é que antes não estava nem na glória nem no

mais alto dos céus, portanto, não era Deus; Seus sofrimentos não eram pois só em proveito da Humanidade, uma vez que eram necessários ao seu próprio adiantamento. Dizer que o Cristo tinha necessidade de sofrer para se elevar, é dizer que não era perfeito antes de sua vinda: não conhecemos protesto mais enérgico contra a sua divindade. Se tal é o sentido desse versículo do salmo que se canta às vésperas, todos os domingos cantam a não divindade do Cristo.

Com o sistema das interpretações se vai muito longe, dizemos: se quiséssemos citar as de alguns concílios sobre este outro versículo: *"O Senhor está à vossa direita, ele abaterá os reis no dia de sua cólera",* seria fácil provar que disso tiramos a justificação do regicida.

"A vida futura, disse ainda o Pe. Nampon, muda inteiramente de face (com o Espiritismo). A mortalidade da alma se reduz a uma permanência material, sem identidade moral, sem consciência do passado."

É um erro; o Espiritismo jamais disse que a alma fosse sem consciência do passado; dele perde momentaneamente a lembrança durante a vida corpórea, mas "quando o Espírito reentra em sua vida primitiva (a vida espírita), todo o seu passado se desenrola diante dele; vê as faltas que cometeu e que são a causa de seu sofrimento, e o teria podido impedir de cometê-las; compreende que a posição que lhe é dada é justa, e procura em tão a existência que poderia reparar a que vem de se escoar. (*O Livro dos Espíritos*, nº. 393.) Uma vez que há lembrança do passado, consciência do eu, há,

pois, identidade moral; uma vez que a vida espiritual é a vida normal do Espírito, que as existências corpóreas não são senão pontos na vida espírita, a imortalidade não se reduz a uma *permanência material*; o Espiritismo, como se vê, diz tudo ao contrário. Desnaturando-o assim, o Pe. Nampon não tem por desculpa a ignorância, porque suas citações provam que leu, mas tem o erro de fazer citações truncadas, e de lhe fazer dizer tudo ao contrário do que ele disse.

O Espiritismo é acusado, por alguns, de estar fundado sobre o mais grosseiro materialismo, porque admite o perispírito, que tem propriedades materiais. E ainda uma falsa consequência tirada de um princípio incompletamente informado. Jamais o Espiritismo confundiu a *alma* com o *perispírito*, que não é senão um envoltório, como o corpo dele é um outro Tivesse ela dez envoltórios, isso não tiraria nada à sua essência imaterial Não ocorre o mesmo com a doutrina adotada pelo concílio de Viena, em Dauphiné, em sua segunda sessão, em 3 de abril de 1312. Segundo essa doutrina "a autoridade da Igreja ordena crer que a alma não é senão a forma substancial do corpo; que não há ideias natas, e declara heréticos aqueles que negarem a materialidade da alma" Raoul Fornier, professor de direito, ensina positivamente a mesma coisa em seus discursos acadêmicos sobre a origem da alma, impressos em Paris em 1619, com a aprovação e os elogios de vários doutores em teologia.

É provável que o concílio, se fundando sobre os fatos

numerosos de manifestações espíritas visíveis e tangíveis, narradas nas Escrituras, manifestações que não podem ser senão materiais, uma vez que ferem os sentidos, confundiu a alma com o seu envoltório fluídico ou perispírito, do qual o Espiritismo nos demonstra a distinção. Sua doutrina é, pois, menos materialista do que a do concílio.

"Mas abordemos sem hesitar o homem da França, que é o mais avançado em seus estudos. *Para constatar a identidade do Espírito que fala, é preciso*, disse o Sr. Allan Kardec, *estudar sua linguagem*. Pois bem! seja. Conhecemos por seus escritos autênticos o pensamento certo e, consequentemente, a *linguagem* de São João, de São Paulo, de Santo Agostinho, de Fénelon, etc., como, pois, ousais vos atribuir em vossos livros a esses grandes gênios pensamentos e sentimentos muito contrários àqueles que ficaram para sempre consignados em suas obras?".

Assim, admitis que esses personagens não puderam se enganar em nada; que tudo o que escreveram é a expressão da verdade; que retornariam hoje corporalmente e deveriam ensinar tudo o que ensinaram outrora; que retornando em Espírito, não devem negar nenhuma de suas palavras. No entanto, Santo Agostinho olharia como uma heresia a crença na redondeza da Terra e nos antípodas. Sustentaria a existência dos íncubos e dos súcubos, e creria na procriação pelo comércio dos homens com os Espíritos. Credes que ele não possa, a esse respeito, pensar, como Espírito, de outro modo que não pensava como homem, e que professaria essas

doutrinas hoje? Se suas ideias deveram se modificar sobre certos pontos, puderam fazê-lo sobre outros. Se se enganou, ele, gênio incontestavelmente superior, por que não VOS enganaríeis vós mesmos, e é preciso, por respeito pela ortodoxia, negar-lhe o direito, dizemos melhor, o mérito de retratar seus erros?

"Atribuís a São Luís esta sentença ridícula, sobretudo em sua boca, contra a eternidade das penas: *Supor Espíritos incuráveis, é negar a lei do progresso." (O Livro dos Espíritos, nº.* 1007.)

Não é assim que ela está formulada. A esta pergunta: Há Espíritos que não se arrependem jamais? São Luís respondeu: "Há aqueles cujo arrependimento é muito tardio, mas pretender que não se melhorarão jamais, isso seria negara lei do progresso e dizer que a criança não pode se tornar adulta." A primeira forma poderia parecer ridícula; por que, pois, sempre truncar e desnaturar as frases? A quem pensam enganar? àqueles que não lerão senão esses comentários inexatos? Mas o número deles é muito pequeno perto daqueles que querem conhecer a fundo as coisas sobre as quais vós mesmos chamais a atenção: ora, a comparação não pode ser senão favorável ao Espiritismo.

Nota. Para a edificação de todos, recomendamos a leitura da brochura intitulada: *Do Espiritismo, pelo Rev. Pe. Nampon, da Companhia de Jesus, Casa Girard et Josserand, Lyon, praça Bellecour, nº. 3O; Paris, rua Cassette, nº. 5,* rogando consentir em ler, em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro*

dos Médiuns, os textos *completos,* citados abreviadamente ou alterados na brochura acima.

(p. 169-175).

Orçamento do Espiritismo ou exploração da credulidade humana.

Sob esse título, um antigo oficial reformado, ex-representante do povo na assembleia Constituinte em 1848, publicou em Argel uma brochura na qual, procurando provar que o objetivo do Espiritismo é uma gigantesca especulação, estabeleceu cálculos de onde resulta para nós rendas fabulosas, que deixam bem longe para trás delas os milhões com os quais tão generosamente nos gratificou um certo abade de Lyon (V. a *Revista* de junho de 1862, página 179). Para pôr nossos leitores a par desse interessante inventário, citamo-lo textualmente, assim como as conclusões do autor. Esse extrato dará uma ideia do que pode ser o resto da brochura do ponto de vista da apreciação do Espiritismo.

"Sem nos deter em analisar todos os artigos concernentes, em aparência, as provas do neofitismo e a disciplina da Sociedade, chamaremos a atenção do leitor sobre os artigos 15 e 16. Tudo está ali.

"Ver-se-á ali que, sob o *pretexto* de subvencionar as despesas da Sociedade, cada membro titular paga: 1º uma entrada de 10 fr.; 2º uma cotização anual de 24 fr., e que cada associado livre paga uma cotização de 20 fr. por ano.

"As cotizações se pagam integralmente pelo ano, quer

dizer, adiantado: o Sr. Allan Kardec toma suas precauções contra as deserções.

"Ora, pelo *entusiasmo* que se nota por toda parte pelo Espiritismo, cremos ser modesto não contando nele para Paris senão 3000 associados, tanto titulares quanto livres. As cotizações produzem, pois, por ano, 63000 fr., sem contar as entradas que serviram para montar o negócio.

"Não contaremos senão para a lembrança os benefícios feitos sobre a venda de *O Livro dos Espíritos* e *dos Médiuns.* No entanto, devem ser considerados, porque não conhecemos pouco uma obra que haja tido *maior voga,* voga fundada sobre o insaciável desejo que leva o homem a descobrir o mistério da vida futura.

"Mas, no que precede, não mostramos ainda a fonte mais abundante dos proveitos. Existe uma revista mensal espírita. publicada pelo Sr. Allan Kardec, coletânea indigesta que ultrapassa de longe as lendas maravilhosas da antiguidade e da Idade Média, e cuja assinatura é de 10 fr. por um ano para Paris: 12 e 14 fr. para a província e o estrangeiro.

"Ora, qual é aquele dos numerosos adeptos do Espiritismo que, por falta de 10 fr. por ano (em torno de 90 centavos por mês), se privaria de sua parte de aparições, de evocações, de manifestações de Espíritos e de lendas? Não se pode contar, pois, na França e no estrangeiro, menos de 30.000 assinantes da *Revista,* produzindo um total anual

de…….…… 300.000 fr.

"Os quais, juntados aos 63 000 fr. de cotização 63.000

dão um total de……. 363.000 fr.

"As despesas a deduzir são:

"1º O aluguel da sala das sessões da Sociedade, os salários dos secretários, do tesoureiro, dos criados e de bom número de médiuns. Cremos estar acima da realidade levando estas despesas a…….…… 40.000 fr.

"O preço de custo da *Revista:* Um número de 32 páginas não custa mais de 20 centavos; os 12 números do ano somarão 2 fr. 40 c. que, repetidos 30000 vezes, dá uma cifra de……. 72.000

Total das despesas…….. 112.000 fr.

"Tirando essas despesas dos 363 000 fr., resta para o Sr. Allan Kardec um benefício anual líquido de 260 000 fr., sem contar o da venda de *O Livro dos Espíritos* e *dos Médiuns.*

No passo que caminha a epidemia, logo a metade da França será espírita, *se isto já não está feito,* e como não se pode ser bom Espírita se não se é, pelo menos, associado livre e assinante da *Revista,* há a probabilidade de que sobre 20 milhões de habitantes! dos quais se compõe essa metade, haveria 5 milhões de associados e outro tanto de assinantes da *Revista;* consequentemente, o rendimento dos presidentes e vice-presidentes das sociedades espíritas será de 100

milhões por ano, e o do Sr. Allan Kardec, proprietário da *Revista* e soberano pontífice, 38 milhões.

"Se o Espiritismo ganhar a outra metade da França, essa renda será dobrada, e, se a Europa se deixar infestar, isso não será mais por milhões que será preciso contar, mas bem por bilhões.

"Pois bem, ingênuos Espíritas! que pensais dessa especulação baseada sobre a vossa simplicidade? Ter leis acreditado que, do jogo das mesas girantes, pudessem sair semelhantes tesouros, e estais edificados agora com o ardor que põe a fundar sociedades os propagadores da doutrina?

"Não se tem razão em dizer que a insensatez humana é uma mina inesgotável a explorar?

"Examinemos agora os meios postos em prática pelo Sr. Allan Kardec, e sua habilidade como especulador será a única coisa que não se poderá colocar em dúvida.

"Compreende que, na voga universal das mesas girantes, se encontra toda pronta, e sem bolsa aberta, a coisa mais difícil a se proporcionar, *a publicidade.*

"Ora, em tais circunstâncias, promete, por meio das mesas girantes, desvendar os mistérios do futuro e da vida futura, e consequentemente tudo disposto para escutar suas revelações. Em seguida, pensando que os cultos existentes podem lhe arrebatar bom número de adeptos, proclama sua decadência. Lê-se na brochura: *O Espiritismo em sua mais simples expressão* (p.15): "Do ponto de vista religioso, o

Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras; *mas é independente de todo culto particular.*

"Essa doutrina, bem-feita para seduzir o número sempre crescente dos homens que não querem suportar nenhuma hierarquia social, não podia deixar de ter seu efeito.

(*Obs.* Há, pois, muitos deles, segundo vós, a quem o jugo da religião é insuportável!)

"O que nos surpreende estranhamente é que, autorizando a pregação do Espiritismo o governo não viu que essa audaciosa tentativa contem em germe a abolição possível de sua própria autoridade; porque, enfim, quando a epidemia tiver ainda aumentado, não é possível que, sobre a injunção dos Espíritos, a abolição de uma autoridade que pode ameaçar a existência do Espiritismo seja decretada?

"Poder-se-ia, sem perigo, permitir as sociedades espíritas: mas não era mais sábio interditar-lhes as publicações?

"Fosse a seita encerrada no recinto das salas de sessões e jamais teria, provavelmente, ultrapassado a importância das representações de *Conus* ou de Robert-Houdin.

"Mas a lei é ateia, disse a filosofia moderna, e foi em virtude desse paradoxo que um homem pôde proclamar a decadência da autoridade da Igreja.

"Esse exemplo, diga-se de passagem, demonstraria, aos olhos dos menos clarividentes, a sabedoria dos legisladores da antiguidade, que não acreditavam que a ordem material pudesse coexistir com a desordem moral e que tinham tão intimamente ligado, em seus códigos, as leis civis e as leis religiosas.

"Se estava no poder da Humanidade destruir as criações espirituais de Deus, o primeiro efeito do Espiritismo seria de arrancar a Esperança do coração do homem.

"Que esperaria o homem neste mundo, se adquirisse a convicção (não dizemos a prova) que depois da morte, teria à sua disposição e indefinidamente várias existências corpóreas?

"Esse dogma, que não é outra coisa senão a metempsicose renovada de Pitágoras, não é de natureza a enfraquecer nele o sentimento do dever e fazê-lo dizer neste mundo: Para mais tarde os assuntos sérios? A Caridade tão fortemente recomendada pelo Cristo e pela Igreja e da qual o próprio Espiritismo toma para fazer a pedra angular de seu edifício, não recebe dele um golpe mortal?

"Um outro efeito do Espiritismo é de transformar a Fé, que é um ato de livre arbítrio e de vontade, numa cega credulidade.

"Assim, para fazer ter êxito a especulação do Espiritismo ou das mesas girantes, o Sr. Allan Kardec prega uma doutrina cuja tendência é a destruição da Fé, da

Esperança e da Caridade.

"No entanto, que o mundo cristão se tranquilize, o Espiritismo não prevalecerá contra a Igreja. "Reconhecer-se-á todo o valor de um princípio religioso (Como disse o Sr. bispo de Argel, em sua carta de 13 de fevereiro de 1863 aos curas de sua diocese), porque basta a si mesmo para vencer todas as apalpadelas, todas as oposições e todas as resistências"

"Mas há verdadeiros Espíritas? – Nós o negaremos enquanto um homem sentir que a Esperança não está apagada em seu coração.

"Que há, pois, no Espiritismo? Nenhuma outra coisa senão um especulador e ingênuos. E do dia em que a autoridade temporal compreender a solidariedade com a autoridade moral e se limitar somente a interditar as publicações espíritas, essa moral especulação cairá para não mais se levantar."

O jornal de Argel, o *Akhbar*, de 28 de março de 1863, num artigo tão benevolente quanto a brochura, reproduzindo uma parte desses argumentos, conclui que está bem e devidamente provado, por cálculos autênticos, que o Espiritismo nos dá atualmente uma renda positiva de 250.000 fr. por ano, O autor da brochura vê as coisas mais largamente ainda, urna vez que suas previsões levam-no, daqui a poucos anos, a 88 milhões, quer dizer, uma cifra superior à lista civil dos mais ricos soberanos da Europa. Não nos prendamos, certamente, ao trabalho de combater cálculos que se refutam

pelo seu próprio exagero, mas que provam uma coisa é o pavor que causa aos adversários a rápida propagação do Espiritismo, ao ponto de fazê-los dizer as maiores inconsequências.

Admitamos, com efeito, por um instante, a realidade dos números do autor, não seria o mais enérgico protesto conta as ideias atuais, que desabariam no mundo inteiro diante da ideia emitida por um único homem, desconhecido há seis anos apenas? Não é reconhecer o irresistível poder dessa ideia? Tende ela, dizeis, a suplantar a religião e para prová-lo, vós a apresentais adotada dentro em pouco por vinte milhões, depois por quarenta milhões de habitantes só na França: depois exclamais: "Não a religião não pode perecer." Mas se vossas previsões se realizam, que restará para a religião? Façamos também uma pequena estatística de números segundo o autor: Na França, 36 milhões de habitantes; Espíritas, 40 milhões; resta para os católicos O menos 4 milhões; uma vez que, segundo vós, não se pode ser católico e Espírita. Se a Igreja é tão facilmente transtornada por um individuo com a ajuda de uma ideia extravagante, não é isso reconhecer que ela repousa sobre urna base bem frágil'? Dizer que pode ser comprometida por um absurdo é fazer medíocre elogio do poder de seus argumentos e entregar o segredo de sua própria fraqueza. Onde, pois, então, está sua base inabalável? Desejamos à Igreja um defensor mais forte e sobretudo mais lógico do que o autor da brochura. Não há nada mais perigoso que um

amigo imprudente.

Não se pensa em tudo; o autor não pensou que, querendo nos denegrir, exalta a nossa importância, e o meio que emprega vai justamente contra o seu objetivo. Sendo o dinheiro o deus de nossa época, àquele que mais o possui, não faltam cortesãos atraídos pela esperança do saque. Os milhões com os quais nos gratifica, longe de afastá-los de nós, colocariam mesmo os príncipes aos nossos pés. Que diria o autor se, uma vez que não temos filhos, o façamos nosso legatário de algumas dezenas de milhões? Acharia a fonte má? Seria bem capaz de fazê-lo dizer que o Espiritismo é bom para alguma coisa.

Segundo ele, uma das fontes de nossas imensas rendas é a Sociedade de Paris, que supõe ter ao menos 3.000 membros. Poderíamos perguntar-lhe, primeiro, com que direito vem se imiscuir nos negócios privados; mas passamos por cima disso. Urna vez que se considera capaz de tanta exatidão, e isso é preciso quando se quer provar através de números, se tivesse se dado ao trabalho de ler somente a ata da Sociedade, publicada na *Revista* de junho de 1862, teria podido se fazer urna ideia mais verdadeira de seus recursos, e do que ele chama o orçamento do Espiritismo.

Haurindo suas informações em outra parte que em sua imaginação, teria sabido que a Sociedade, alinhada oficialmente entre as sociedades científicas, não é nem uma confraria nem uma congregação, mas uma simples reunião de pessoas ocupando-se do estudo de uma ciência nova que ela

aprofunda; que longe de visar ao número, que seria mais nocivo do que útil aos seus trabalhos. o restringe antes que não aumente, pela dificuldade das admissões; que em lugar de 3000 membros, jamais teve cem: que não retribui nenhum de seus funcionários, nem presidentes, vice-presidentes ou secretários: que não emprega nenhum médium pago, e sempre se levantou contra a exploração da faculdade medianímica; que jamais recebeu um centavo das visitas que admite sempre em pequeno número, não abrindo amais suas podas ao público: que fora dos membros *pagantes*, nenhum Espírita é seu tributário; que os membros honorários não pagam nenhuma cotização; que não existe entre ela e as outras sociedades espíritas nenhuma afiliação, nem nenhuma solidariedade material; que o produto das cotizações amais passa pelas mãos do presidente: que toda despesa, por mínima que seja, não pode ser feita sem a opinião da comissão; enfim, que seu orçamento do 1862 foi Liquidado por um encaixe de 429 fr. 40 cent.

Esse magro resultado infirma a importância crescente do Espiritismo? Não, ao contrário, porque prova que a Sociedade de Paris não é uma especulação para ninguém. E quando o autor procura provocar a animosidade contra nós, dizendo aos adeptos que se arruínam em nosso proveito, responderão muito simplesmente que é uma calúnia, porque não se lhes pede nada, e porque nada pagam. Poder-se-ia dizer o mesmo de todo o mundo, e não se poderia reenviar a outros o argumento do autor por números mais autênticos do

que os seus? Quanto aos trinta mil assinantes da Revista, nós os desejamos. Caluniais, caluniais, disse um autor, disso resta sempre alguma coisa" Sim, certamente, disso resta sempre alguma coisa que, cedo ou tarde, recai sobre o caluniador.

Injúrias, calúnias, invenções manifestas, até o imiscuir-se na vida privada tendo em vista lançar a desconsideração sobre um indivíduo e sobre uma classe numerosa de indivíduos, essa brochura, que ultrapassou de muito todas as diatribes até hoje publicadas, tem todas as condições requeridas para ser deferida à justiça. Não o fizemos, apesar das solicitações que nos foram dirigidas a esse respeito, porque é uma boa fortuna para o Espiritismo, e não gostaríamos, ao preço de maiores injúrias ainda, que não tivesse sido publicada. Nossos adversários, não podendo fazer melhor para se desacreditarem a si mesmos, mostrando a que tristes expedientes se reduziram para nos atacar, e até que ponto o sucesso das ideias novas os apavora, poderíamos dizer, os faz perder a cabeça.

O efeito dessa brochura foi o de provocar urna imensa gargalhada em todos aqueles que nos conhecem, e são numerosos; quanto àqueles que não nos conhecem, deveu-lhes inspirar um vivo desejo de conhecer esse Nababo improvisado, que recolhe milhões mais facilmente do que não se recolhem os grossos centavos, e não tem senão que lançar uma ideia para nela ligar a população de todo um império; ora, como, segundo o autor, não une senão os tolos, disso

resulta que esse império não é composto senão de tolos do alto a baixo da escala. A história da Humanidade não oferece nenhum exemplo de semelhante fenômeno. O Autor tivesse sido pago por esse resultado que não tivesse melhor vencido, não temos, pois, nada a lamentar disso ([17]).

(p. 169-181).

Revista Espírita de julho 1863

As aparições simuladas no teatro

"Senhor,

"Os adversários do Espiritismo acabam de imaginar, para o combate, uma nova tática; ela consiste em fazer aparecer no teatro espectros e fantasmas impalpáveis que se representam como sendo os do Espiritismo: essas aparições ocorrem todas as noites na sala Robin, boulevard do Temple. Assisti, ontem, à segunda representação, e não foi sem espanto que ouvi o Sr. Robin dizer aos seus espectadores: que se propunha, por suas experiências, combater a estranha crença, de cortas pessoas, que imaginam que os Espíritos fazem mover mãos ou as mesas girarem.

"Jamais compreendi, senhor, por minha conta, a analogia que pode ali ter entre essas imitações criadas pela física recreativa e as manifestações espíritas, que estão nas

[17] Escreveram-nos da Argélia, damo-lo com toda reserva, que o autor da brochura fez parte de um grupo espírita: que seu zelo pela causa o tinha feito nomear presidente; mas que mais tarde, não tendo querido renunciar a certos projetos desaprovados dos outros membros, havia sido riscado da lista.

leis da Natureza; também de tais manobras quase não são de temer para os adeptos do Espiritismo; entretanto, como não é preciso deixar surpreender a boa fé do público, devo vos informar desses fatos, a fim de que lhes consagreis um artigo especial na *Revista,* se julgardes conveniente; e como tenho o hábito de agir, não na sombra, mas à luz do dia, vos autorizo a fazer de minha carta o uso que vos agrade".

"Recebei, etc.

"SIMOND,

"Estudante de direito em Paris"

Há algum tempo, fala-se de uma peça fantástica que se monta no teatro Châtelet, e onde se devem, por um procedimento novo e secreto, fazer aparecer em cena sombras-fantasmas impalpáveis. Parece que o segredo foi descoberto, uma vez que o Sr. Robin o explora neste momento. Como não o vimos, nada podemos dizer sobre o mérito da imitação; desejamos-lhe que seja menos grosseira da que tinham imaginado o Sr. e Sra. Guirrood, Americanos do Canadá (Alguns traduzem: Girod de Saint-Flour), para simular a transmissão do pensamento através das muralhas, e que devia desacreditar, sem retorno, os médiuns e os sonâmbulos: desejamos sobretudo que a sua invenção não desempenhe a mesma funesta partida que a deles. O que quer que seja, o Sr. Simond tem perfeitamente razão de pensar que tais manobras não são, do nenhum modo, de temer, porque, do fato de que se pode imitar uma coisa, não

se segue que a coisa não existe; os falsos diamantes nada roubam do valor dos diamantes finos; as flores artificiais não impedem de que haja as flores naturais. Pretender provar que certos fenômenos não existem porque se pode imitá-los, seria absolutamente como se aquele que fabrica o vinho Champagne com a poeira da água de Seltz pretendesse provar por aí que o champagne e a preguiça não existem senão na imaginação. Jamais a imitação foi mais engenhosa, mais sagaz e mais modo desacreditado o sonambulismo, ao contrário, porque depois de se ter visto a pintura, se quis ver o original espiritual do que a da dupla vista por Robert Houdin, e, no entanto, isso não tem de nenhum

O Sr. e Sra, Guirrood tinham a pretensão de desacreditar os médiuns fazendo passar todos os fenômenos espíritas pelas destrezas da escamoteação; ora, como esses fenômenos são o pesadelo de certas pessoas, tinham recolhido as adesões, *exibidas em seus prospectos,* de vários padres e bispos espiritofóbios, encantados com o golpe mortal dado ao Espiritismo; mas, em sua alegria, esses senhores não tinham refletido que os fenômenos espíritas vinham demonstrar a possibilidade dos fatos miraculosos: que provar, se fosse possível, que esses fenômenos não são senão formas de destreza, é provar que pode ocorrer o mesmo com os milagres; que, por consequência, desacreditar uns era desacreditar os outros. Jamais se pensa em tudo. Estando de alguma forma usadas as habilidades do Sr. Guirrood, esses senhores farão agora causa comum como Sr. Robin para suas

aparições?

O *Indépendance belge,* que não gosta do Espiritismo, não sabemos muito por quê, uma vez que não lhe fez mal, falando desse novo truque cênico, num número de junho, exclamava: Eis a religião do Sr. Allan Kardec escoada a fundo; como o Espiritismo vai se levantar daí?" Notai que esta última questão foi muitas vezes colocada por todos aqueles que pretenderam lhe dar o golpe mortal, sem disso excetuar o Sr. abade Marouzeau, e que nisso não se porta mais mal. Diremos ao *Indépendance* que é provar uma ignorância completa da própria base do Espiritismo crer que ele repousa sobre as aparições, e que tirar-lhas é tirar-lhe a alma. Se o fatio das manifestações fosse oficialmente controvertido, a religião disso sofreria mais do que o Espiritismo, uma vez que os três quartos dos milagres mais importantes não têm outro fundamento. A arte cênica é a arte de imitação por excelência, desde o frango de papelão até as mais sublimes virtudes, e não se segue que não se deva crer nem nos frangos verdadeiros nem nas virtudes. Esse novo gênero de espetáculo pela sua estranheza, vai aguçar a curiosidade pública, e será repetido em todos os teatros, porque fará ganhar dinheiro; fará falar do Espiritismo mais ainda talvez do que os sermões, precisamente por causa da analogia que os jornais vão se esforçar por estabelecer. E preciso muito se persuadir de que tudo o que tende a preocupar a opinião, leva forçosamente ao exame, não fosse senão por curiosidade, e é do exame que saem os adeptos. Os sermões

o representam sob um aspecto sério e terrível, como um monstro invadindo o mundo e ameaçando a Igreja até em seus fundamentos: os teatros vão se dirigir à multidão dos curiosos, de sorte que aqueles que não frequentam os sermões, dele ouvirão falar no teatro, e aqueles que não frequentam o teatro, dele ouvirão falar no sermão; há-os como se vê para todo o mundo. E verdadeiramente uma coisa admirável ver por que meios as forças ocultas que dirigem esse movimento chega a fazê-lo penetrar por toda a parte, servindo-se daqueles mesmos que querem transtorná-lo. E bem certo que, sem os sermões de um lado e os gracejos dos jornais de um outro, a população espírita seria hoje dez vezes menos numerosa do que não o é.

Dizemos, pois, que essas imitações, mesmo supondo-as tão perfeitas quanto possível, não podem trazer nenhum prejuízo: dizemos mesmo que elas são úteis. Com efeito, eis o Sr. Robin que, com a aluda de um procedimento qualquer, produz diante dos espectadores coisas espantosas, que afirma serem as mesmas do Espiritismo e que os médiuns produzem; ora, entre os assistentes, mais de um dirá: 'Uma vez que com o Espiritismo se pode fazer a mesma coisa, estudemos o Espiritismo, aprendamos a ser médium, poderemos ver em nossa casa tanto quanto quisermos, e sem pagar, o que se vê aqui". Entre eles muitos reconhecerão o lado sério da questão, e é assim que, sem o querer, servem àqueles que quem prejudicar.

O que as pessoas sérias temem é que esses

malabarismos não enganem certas pessoas sobre o verdadeiro caráter do Espiritismo. Aí, sem dúvida, está o lado mau, mas o inconveniente é sem importância, porque o número daqueles que se deixariam enganar é mínimo; aqueles mesmo que diriam: "Isso não e senão isto!" terão, cedo ou tarde, a ocasião de reconhecer que é outra coisa; e, à espera disso, a ideia se difunde, familiariza-se com palavra que, sob o manto burlesco, penetra por toda parte; é pronunciada sem desconfiança, e quando a palavra é alguma parte, a coisa está muito perto de aí estar.

Que isso seja uma manobra dos adversários do Espiritismo, ou simplesmente uma combinação pessoal para forçar a receita, é preciso convir que é desajeitada; haveria mais destreza da parte do casal Robin e participantes a negar toda paridade com o Espiritismo ou o magnetismo: porque, proclamando essa paridade, é reconhecer uma concorrência, – falamos do seu ponto de vista comercial –, é dar o desejo de ver essa concorrência, é confessar que podem abster-se deles.

Uma vez que estamos no capítulo das imperícias, eis urna como já dela houve tanto; lamentamos fazê-la figurar ao lado da do casal Robin e Guirrood, mas é a analogia do resultado que a isso nos força. De resto, uma vez que os dignatários da Igreja não acreditaram abaixo deles patrocinar um prestidigitador contra o Espiritismo, não poderão se escandalizar de encontrar um sermão neste capítulo.

Um de nossos correspondentes nos escreveu de

Bordeaux:

"Caro mestre, acabo de receber uma carta de minha irmã, que habita a pequena cidade do B…; ela se desespera por não encontrar ninguém com quem possa conversar sobre o Espiritismo, quando os adversários de nossa cara Doutrina vieram tirá-la do embaraço. Algumas pessoas, tendo ouvido falar dele vagamente, acreditaram dever se dirigir aos Carmelitas para se informarem do que era: estes, não contentes de desviá-los dele, pregaram quatro sermões sobre o assunto, dos quais eis as principais conclusões:

"Os médiuns são possuídos do demônio: não agem senão com o objetivo de interesse, e não se servem de seu poder senão para fazer encontrar os tesouros escondidos ou os objetos preciosos que são perdidos, mas, ao contato de uma santa relíquia, vede-os se enrijecerem e se torcerem em horríveis convulsões.

"Os tempos preditos pelos evangelhos estão chegados; os médiuns não são outros senão os falsos profetas anunciados pelo Cristo; logo terão por chefe o Anticristo. Farão milagres e prodígios espantosos; por esse meio ganharão para a sua causa os três quartos da população do globo, o que será o sinal do fim dos tempos, porque Jesus descerá sobre uma nuvem celeste e, de um só sopro, precipita-los-á nas chamas eternas."

"Disso resultou que toda a cidade ficou emocionada; por toda parte se fala do Espiritismo; não se contenta com a

explicação do padre, quer se saber mais, e minha irmã, que não via ninguém, tem dias em que recebe mais de trinta visitas: ela envia sempre a *O Livro dos Espíritos,* que dentro em pouco, estará em todas as mãos, e muitos daqueles que o têm já se dizem que isso não se parece de todo com o quadro que dele fez o pregador, que dele disse mesmo tudo ao contrário; também contamos agora com vários adeptos sérios, graças a esses sermões, sem os quais o Espiritismo não teria penetrado, há muito tempo, nessas regiões recuadas.

Não tínhamos razão de dizer que é ainda uma imperícia e teremos razão de querer que os adversários trabalhem tão bem por nós'? Mas não é a última; esperamos a maior de todas, que coroará a obra. Há um ano cometendo uma delas muito grave, que nos guardamos de revelar, porque é preciso que vá até o fim, mas da qual se verão um dia as consequências. Há mais ou menos dois anos, perguntávamos a um de nossos guias espirituais por que meio o Espiritismo poderia penetrar nos campos. Responderam-nos: "Pelos curas. – *Perg.* Será isso voluntariamente ou involuntariamente de sua parte? – R. Involuntariamente no início; voluntariamente mais tarde. Dentro em pouco farão uma propaganda da qual não podeis prever a importância. Não vos inquieteis nada e deixai fazer: os Espíritos velam e sabem o que é preciso."

A primeira parte da predição, como se vê, cumpriu-se não se pode melhor. De resto, todas as fases por onde passa

o Espiritismo nos foram anunciadas, e todas as que devem percorrer ainda, até seu estabelecimento definitivo, no-lo são igualmente, e cada dia se verifica o acontecimento.

É em vão que procuram dissuadir do Espiritismo apresentando-o sob cores assustadoras, O efeito, como se vê, é todo outro do que aquele que se espera: para dez pessoas desviadas, há cem delas reunidas. Isso prova que ele tem, por si mesmo, um irresistível atrativo, sem falar daquele do fruto proibido. Isso nos traz à memória a pequena historieta seguinte:

Um proprietário, um dia, fez vir à sua casa um tonel de excelente vinho: mas, como temia a infidelidade de seus servidores, colocou esta etiqueta em grandes caracteres: *Horrível vinagre.* Ora, o tonel deixando escapar algumas gotas, um deles teve a curiosidade de degustá-lo na ponta do dedo, e achou que era vinagre era bom, Foi dito de um para o outro, se bem que, cada um vindo ali haurir, ao cabo de algum tempo o tonel se encontrava vazio. Como o proprietário dava às suas pessoas vinho ordinário para beber, diziam entre si: Isto não vale o horrível vinagre.”

Será bom dizer que o Espiritismo é do vinagre, não se fará senão àqueles que o degustaram não o achando doce; ora, aqueles que dele terão gostado o dirão aos outros, e todos quererão dele beber.

(p. 204-209).

Primeira carta ao cura Marouzeau

Senhor cura,

Espantai-vos de que, depois de dois anos, não haja respondido à vossa brochura contra o Espiritismo: estais no erro, porque depois de seu aparecimento tratei em muitos artigos de minha Revista a maioria das questões que levantais. Sei bem que teríeis desejado uma resposta pessoal, uma contra-brochura; que eu tomasse os vossos argumentos um a um para vos dar o prazer da réplica: ora, tive o irreparável erro de nem mesmo vos nomear, mas vossa modéstia, disto estou seguro, disso não me faz um crime. Reparei hoje essa omissão, mas não creiais que seja para estabelecer convosco uma polêmica, não, limito-me a algumas simples reflexões e a vos explicar os meus motivos.

Dir-vos-ei de início que se não respondi diretamente à vossa brochura, é que me tínheis anunciado que ela deveria enterrar todos vivos; portanto, quis esperar o acontecimento, e constato com prazer que não estamos mortos: que mesmo o Espiritismo está um pouco mais vivaz do que antes; que o número das sociedades se multiplica em todos os países; que por toda a parte onde se prega, contra ele o número dos adeptos aumentou: que este crescimento está em razão da violência dos ataques; isto não são hipóteses, mas fatos autênticos que, em minha posição e pela extensão de minhas relações, estou melhor do que quem quer que seja no estado de verificar. Constato, além disso, que os indigentes aos quais os padres zelosos proibiram de receber os vales de pão dados pelos Espíritas caridosos, porque era o pão do diabo,

não estão mortos para vê-los comer; que os padeiros aos quais se disse para não recebê-los, porque o diabo os tiraria, não perderam um só deles; que os industriais aos quais, sempre por zelo evangélico, se quis cortarem os alimentos tirando suas práticas, encontraram uma compensação nos novos clientes que lhes valeram o crescimento do número dos adeptos. Desaprovais, disto não tenho dúvida, essa maneira de atacar o Espiritismo, mas esses fatos não existem menos. Esses meios, convireis com isto, não são quase próprios para levarem à religião àqueles que dera se afastam; o medo pode reter momentaneamente, mas é um laço frágil que se rompe na primeira ocasião; os únicos laços sólidos são os do coração, cimentados pela convicção; ora, a convicção não se impõe pela força.

A vossa brochura, vós o sabeis, senhor cura, foi seguida de um grande número de outras; a vossa tem sobretudo um mérito, o da perfeita urbanidade; quereis nos matar polidamente, ovos sou grato por isso; mas por toda a parte os argumentos são os mesmos, enunciados mais ou menos agradavelmente, e em francês mais ou menos correto; para refutá-las todas, artigo por artigo, seria necessário me repetir sem cessar, e, francamente, tenho coisas mais importantes a fazer; isso era, aliás, sem utilidade, e ireis compreendê-lo.

Sou um homem positivo, sem entusiasmo, julgando tudo friamente; raciocino segundo os fatos e digo: Uma vez que os Espíritas são mais numerosos do que nunca, apesar da

brochura do Sr. Marouzeau e todos os outros, apesar de todos os sermões e pastorais, é que os argumentos que ali se fazem valer não persuadiram as massas, que produziram um efeito contrário: ora, julgar o valor da causa por seus efeitos, creio que é a lógica elementar: desde então para que refutá-las? Uma vez que nos servem em lugar de nos prejudicarem, devemos nos guardar de por-lhes obstáculos. Vejo as coisas de um outro ponto de vista que o vosso, senhor abade; como um general que observa o movimento da batalha, julgo a força dos golpes, não o barulho que fazem, mas o efeito que produzem; é o conjunto que vejo, ora, o conjunto é satisfatório, é tudo o que é preciso. Respostas individuais seriam, pois, sem utilidade. Quando trato de maneira geral as questões levantadas por algum adversário, não é para convencê-lo, a isto não me prendo de nenhum modo, e ainda menos para fazê-lo renunciar à sua crença, que respeito quando é sincera, é unicamente para a instrução dos Espíritas, e porque ali encontro um ponto para desenvolver ou para esclarecer, Refuto os princípios e não os indivíduos; os princípios ficam, e os indivíduos desaparecem; é por isso que pouco me inquieto com as personalidades que talvez amanhã não serão mais e das quais não se falará mais, qualquer que seja a importância que procurem se dar. Vejo o futuro bem mais do que o presente, o conjunto e as coisas importantes mais do que os fatos isolados e secundários. Conduzir ao bem é aos nossos olhos a verdadeira conversão. Um homem arrancado aos seus maus pendores e levado a Deus e a caridade *para todos* pelo Espiritismo é para nós a

vitória mais útil; é a que nos causa a maior alegria, e agradecemos a Deus por no-la dar tão frequentemente. Para nós a vitória mais honrosa não consiste em tirar o indivíduo de tal ou tal culto, de tal ou tal crença, pela violência ou pelo medo, mas tirá-lo do mal pela persuasão. Prezamos acima de tudo as convicções sinceras e não aquelas que são obtidas pela força ou não têm senão as aparências.

É assim, por exemplo, que, em vossa brochura, perguntais quais milagres o Espiritismo pode invocar em seu favor, e que isso respondi no número de fevereiro de 1862, página 40, pelo artigo intitulado: *o Espiritismo é provado por milagres?* e ao mesmo tempo respondi a todos aqueles que fizeram a mesma pergunta. Pedis os milagres do Espiritismo? mas haverá um maior do que a sua propagação estranha, para e contra tudo, apesar dos ataques dos quais é objeto, apesar sobretudo dos golpes tão terríveis que lhe destes? Não está ai um fato da vontade de Deus? "Não, direis, é a vontade do diabo. Então convinde que a vontade do diabo se impõe sobre a de Deus, e que é mais forte do que a Igreja, uma vez que a Igreja não pode detê-lo. Mas esse não é o único milagre que o Espiritismo fez; ele o faz todos os dias, levando a Deus os incrédulos, convertendo ao bem aqueles que se dão ao mal, dando a força de vencer as más paixões. Pedi-Lhe milagres! mas o fato narrado acima da jovem A.. não é um deles? Por que a religião não o fez e deixou-o fazer ao Espiritismo, quer dizer, ao diabo? – Não está aí o que se chama um milagre. – Mas a Igreja não qualifica certas

conversões de miraculosas? – Sim, mas essas são as conversões de heréticos à fé católica. De sorte que a conversão do mal ao bem não e, na vossa opinião, um milagre: preferiríeis um sinal material: a liquefação do sangue de santo Janeiro, a cabeça de uma estátua que se move numa igreja, uma aparição no céu, como a cruz de Migné. O Espiritismo não faz dessas espécies de milagres: os únicos aos quais dá um valor infinito e dos quais se glorifica, são as transformações morais que ele opera.

Senhor abade, o tempo me apressa e o espaço me falta: uma outra vez vos direi ainda algumas palavras que poderão vos servir para a nova obra que preparais e que deve aniquilar o Espiritismo e os Espíritas para sempre. Desejo-lhe melhor chance que na primeira. Algumas passagens deste número poderão talvez vos esclarecer sobre as dificuldades que tereis que superar para ter sucesso.

Recebei etc.

ALLAN KARDEC

(p. 218-220).

Revista Espírita de agosto 1863

Ainda uma palavra sobre os espectros artificiais e ao Sr. Oscar Comettant

A revista hebdomadária do *Siècle de* 12 de julho de 1863, contém o parágrafo seguinte:

"Fora dessas questões importantes, há as de uma

outra ordem que não é preciso, não mais, negligenciar, entre outras a questão tão viva dos espectros. Vistes os espectros? Depois de oito dias o espectro é o único assunto que alegra a conversação. Também cada teatro tem seus espectros, espectros de honestos velhacos que roubaram, pilharam, assassinaram, e que retornam, sombras impalpáveis, passeando na hora de meia-noite no quinto ato de um drama fortemente construído. Esse segredo do espectro ou, para falar a linguagem dos bastidores, esse *truque,* pago. diz-se, tão caro a um Inglês, é de uma simplicidade de tal modo elementar, que todos os teatros tiveram seus espectros no mesmo dia, este exagerando sobre aquele; depois do teatro o espectro passou para o salão, onde faz as belas noites dos senhores e madames, tomados como de uma tarântula dessa amável espectromania. Eis um divertimento que chega a propósito para explicar muitos prodígios, e quero sobretudo falar dos prodígios do Espiritismo. Tem-se falado muito desses Espíritas que evocam os mortos e os mostram a uma pequena comissão de crentes terrificados; pode-se, com a ajuda de um simples truque, fazer o mesmo trabalho sem passar por um grande feiticeiro. Essa evocação geral dos espectros dá um golpe funesto ao maravilhoso, hoje que está provado que não é mais difícil fazer aparecer os fantasmas do que as pessoas em carne e osso, O célebre Sr. Fome, ele mesmo, já deveu baixar de sessenta e cinco por cento na estima de seus numerosos admiradores.

"O ideal cai em pó ao tocar o real. O real é o truque.

"EDMOND TEXIER."

Tínhamos razão para dizer que, a propósito desse novo procedimento fantasmagórico, os jornais não deixariam de falar do Espiritismo; já o *Indépendance belge* também se esfregou as mãos exclamando: Como os Espíritas vão sair dessa? Diremos simplesmente a esses senhores de se informarem como se porta o Espiritismo. O que ressalta mais claramente desses artigos e, como sempre, a prova da ignorância mais absoluta do assunto que atacam. Com efeito, é preciso não saber dele a primeira palavra, para crer que os Espíritas se reúnem para fazer aparecer fantasmas; ora, o que é o mais singular é que não os vimos jamais, mesmo os dos teatros, embora, no dizer desses senhores, estejamos grandemente interessados na questão.

O Sr. Robin, o prestidigitador citado em nosso artigo precedente, do mês de julho, vai mais longe: não é apenas o *Espiritismo* que ele pretende demolir, é a própria Bíblia; na sua alocução cotidiana aos seus espectadores, afirma que a aparição de Samuel a Saul ocorreu pelo mesmo procedimento que o seu. Não pensávamos que a ciência da ética estivesse tão avançada nessa época, entre os Hebreus, que não passavam por muito sábios. Nessa conta, sem dúvida, foi por meio de algum *truque* que Jesus apareceu aos seus discípulos.

Os falsos espectros não produzindo o resultado esperado, sem dúvida, logo veremos surgir algum novo estratagema. Terão seu tempo, como tudo o que não tem por

resultado senão satisfazer a curiosidade; esse tempo será talvez mais curto do que não se crê, porque se deixa depressa o que não deixa nada no espírito. Os teatros, pois, bem disso se aproveitem enquanto têm o privilégio de atrair a multidão pelo atrativo da novidade. Sua aparição terá sempre tido a vantagem de fazer falar do Espiritismo e difundir-lhe a ideia; era um meio, como um outro, de excitar muitas pessoas a se inquirirem da verdade.

Que diremos do folhetim do Sr. Oscar Comettant sobre o livro do Sr. Home, publicado no *Siècle,* do dia 15 de julho de 1863? Nada, senão que é a melhor das propagandas para fazer vender a obra e do qual o Espiritismo aproveitará. E útil que, de tempos em tempos, haja dessas chicotadas para despertar a atenção dos indiferentes. Se o artigo não é espírita, nem espiritualista, pelo menos é espirituoso? Deixamos aos outros o cuidado de se pronunciarem.

Há, no entanto, alguma coisa de boa nesse artigo, é que o autor, a exemplo de vários de seus confrades, cai com a maior violência sobre aqueles que fazem um ofício da faculdade mediúnica; censura, com uma justa severidade, os abusos que disso resulta, e por aí contribui para desacreditá-los, isso do que o Espiritismo sério não poderia se lamentar, uma vez que ele mesmo repudia toda exploração desse gênero, como indigna do caráter exclusivamente moral do Espiritismo, e como um atentado ao respeito que se deve aos mortos. O Sr. Comettant tem o erro de generalizar o que seria, no máximo uma exceção muito rara, e sobretudo de

assemelhar os médiuns aos escamoteadores, aos ledores de cartas, aos ledores de sorte, aos saltimbancos, porque viu os saltimbancos tomarem o nome de médiuns, como se veem os charlatães se dizerem médicos. Parece ignorar que há médiuns entre os membros das famílias da classe mais elevada, que os há mesmo entre certos escritores renomados, tidos em grande estima por ele e seus amigos; que é notório que a senhora Émile de Girardin era uma excelente médium; estaríamos curiosos em saber se ele ousaria dizer-lhes em face que são fazedores de ingênuos.

Se aqueles que assim falam se dessem ao trabalho de estudar antes de falar, saberiam que o exercício da mediunidade exige um profundo recolhimento, incompatível com a leviandade de caráter e a multidão dos curiosos, e que não se deve esperar nada de sério nas reuniões públicas. O Espiritismo desaprova toda experiência de pura curiosidade, feitas com o objetivo de um passatempo, porque não se deve se divertir com essas coisas. Os Espíritos, quer dizer, as almas daqueles que deixaram a Terra, de nossos parentes e de nossos amigos, o que não tem nada de agradável, Vêm nos instruir, nos moralizar, e não para alegrar os ociosos; não vêm nem predizer o futuro, nem descobrir os segredos o os tesouros escondidos; vêm nos ensinar que há uma outra vida, e como é preciso se conduzir para nela ser feliz! o que é pouco recreativo para certas pessoas. Se não se crê na alma e na sobrevivência daqueles que nos foram caros, é sempre deslocado tornar essa crença em zombaria, não fosse senão

por respeito à sua memória. O Espiritismo nos ensina ainda que os Espíritos não estão às ordens de ninguém: que vêm quando querem e com quem querem; que quem que pretendesse tê-los à sua disposição e governá-los à vontade, pode, com razão passar por um ignorante ou um charlatão; que é ilógico, assim como irreverente, admitir que os Espíritos sérios estejam ao capricho do primeiro que chegue, que pretenda evocá-los, a toda hora e a tanto por sessão, para fazê-los desempenhar um papel de comparsa; que há mesmo um sentimento instintivo de repugnância ligado a ideia de que a alma do ser que se chora venha ao preço de dinheiro. Por outro lado, é princípio consagrado pela experiência que os Espíritos não se comunicam, nem facilmente nem voluntariamente, por certos médiuns, que entre estes últimos há os completamente repulsivos a certos Espíritos, o que se compreende facilmente quando se conhece a maneira pela qual se opera a comunicação, pela assimilação dos fluidos. Pode, pois, haver entre o Espírito e o médium atração ou repulsão, segundo o grau de afinidade simpática. A simpatia é fundada sobre as semelhanças morais e a afeição; ora, que simpatia pode o Espírito ter por um médium que não o chama senão por dinheiro? Dir-se-á, talvez, que o Espírito vem pela pessoa que o chama e não pelo médium, que não é se não um instrumento. De acordo, mas não e preciso menos nestes as condições fluídicas necessárias, essencialmente modificadas pelos sentimentos morais e pelas relações pessoais de Espírito a médium; é por isso que não há um médium que possa se gabar de se comunicar

indistintamente com todos os Espíritos, dificuldade capital para aquele que quisesse explorá-los. Eis o que ensinamos ao Sr, Comettant, uma vez que não o sabe, e o que destrói as assimilações que pretende estabelecer. A mediunidade real é uma faculdade preciosa, que adquire tanto mais valor quando seja empregada para o bem, e que é exercida religiosamente e com um completo desinteresse moral e material. Quanto à mediunidade *simulada, ou abusiva no que quer que seja,* nós a entregamos a todas as severidades da crítica, e é ignorar os princípios mais elementares do Espiritismo que disso se constitui o defensor, e que a repressão legal de um abuso, se ela ocorresse, fosse um revés: nenhuma repressão poderá atingir os médiuns que não farão profissão de sua faculdade e não se afastam do caminho moral que lhes é traçado pela Doutrina. As armas que os abusos fornecem aos detratores, sempre ardentes para agarrar as ocasiões de censura, a inventá-las mesmo quando não existam, fazem ressaltar melhor ainda, aos olhos dos Espíritas sinceros, a necessidade de mostrar que não há nenhuma solidariedade entre a verdadeira doutrina e aqueles que a parodiam.

(p. 245-248).

Revista Espírita de setembro 1863.

Segunda carta ao Sr. Cura Marouzeau

(Ver o nº de julho de 1863)

Senhor cura,

Em minha precedente carta, eu vos disse os motivos que me fazem não responder artigo por artigo à vossa brochura; não os lembrarei, e me limito a realçar algumas passagens.

Dissestes: Concluímos de tudo isso que o Espiritismo deve se limitar a combater o materialismo, a dar ao homem provas palpáveis de sua modalidade, por meio das manifestações de além-túmulo bem constatadas; que, fora desse caso, tudo nele não é senão incerteza, trevas espessas, ilusões, um verdadeiro caos que, como doutrina filosófico-religiosa, não é senão uma verdadeira utopia, assim como tantas outras, consignadas na história, e da qual o tempo fará boa justiça, a despeito do exército espiritual do qual vos constituístes general-em-chefe."

Concordai, primeiro, senhor abade, que as vossas previsões não se realizaram quase, e que o tempo não se apressa muito para fazer justiça ao Espiritismo. Se ele não sucumbir, não é preciso acusar-lhe a indiferença e a negligência do clero e de seus partidários; os ataques não faltaram: brochuras, jornais, sermões, excomunhões, fizeram fogo sobre toda a linha; nada faltou, nem mesmo o talento e o mérito incontestáveis de alguns dos combatentes. Se, pois, sob uma tão formidável artilharia as fileiras dos Espíritas aumentaram em lugar de diminuir, é que o fogo se desfez em fumaça. Ainda uma vez, uma regra de lógica elementar nos diz que se julga de uma força por seus efeitos; não pudestes deter o Espiritismo, portanto, ele vai mais depressa do que

vós; a razão disso é que vai adiante, ao passo que a vós vos empurra para trás, e o século caminha.

Examinando os diversos ataques dirigidos contra o Espiritismo, disso ressalta um ensinamento sério e triste ao mesmo tempo; os que vêm do partido cético e materialista são caracterizados pela negação, a zombaria mais ou menos espirituosa, por sarcasmos o mais frequentemente tolos e maçantes, ao passo que, e é lamentável dizê-lo, é-nos do partido religioso que se encontram as mais grosseiras injúrias, os ultrajes pessoais, as calúnias; é do púlpito que caem as palavras mais ofensivas; é em nome da Igreja que se tem publicado o ignóbil e mentiroso panfleto sobre o pretenso orçamento do Espiritismo. Disso dei algumas amostras na *Revista* e não disse tudo, por deferência, e porque sei que todos os membros do clero estão longe de aprovarem semelhantes coisas. É útil, no entanto, que mais tarde se saiba de que armas se serviram para combater o Espiritismo. Infelizmente os artigos e jornais são fugidios como as folhas que os contêm; as próprias brochuras não têm senão uma existência efêmera, e em alguns anos o nome dos mais fogosos e dos mais biliosos antagonistas será provavelmente esquecido!

Não há senão um meio de prevenir esse efeito do tempo, é de colecionar todas essas diatribes, de qualquer lado que venham, e delas fazer uma coletânea, que não será uma das páginas menos instrutivas da história do Espiritismo. Os documentos não me faltam para esse trabalho, e tenho o

desgosto de dizer que são as publicações feitas em nome da religião que, até este dia, deles fornece o mais forte contingente. Constato com prazer que vossa brochura, pelo menos, faz exceção sob o aspecto da urbanidade, senão o é pela força dos argumentos.

Segundo vós, senhor abade, tudo no Espiritismo não é senão incerteza, trevas espessas, ilusões, caos, utopias; então convinde que não é muito perigoso porque ninguém disso nada deve compreender. O que a Igreja pode ter de medo de uma coisa tão ridícula? Se assim não é, por que esse desdobramento de forças? Ao ver essa fúria, dir-se-ia que ela tem medo. Comumente não se atira o canhão de alarme contra uma mosca que voa. Não há contradição em dizer de um lado que o Espiritismo é temível, que ameaça a religião, e de outro que isso não é nada?

Na passagem precitada, eu relevo ao passar um erro, involuntário sem dúvida, porque não suponho que, a exemplo de alguns de vossos colegas, alteraríeis conscientemente a verdade pelas necessidades da causa. Dissestes: "A despeito do exército espiritual do qual vos *constituístes* o general-em-chefe." Perguntar-vos-ei, primeiro, o que entendeis por *exército espiritual;* é o exército dos Espíritos ou o dos Espíritas? A primeira interpretação vos faria dizer um absurdo o segundo uma falsidade, naquilo que é notório que jamais me *constituí* o chefe do que quer que seja. Se os Espíritas me dão esse título, é por um sentimento espontâneo de sua parte, em razão da confiança que muito querem me

conceder, ao passo que dais a entender que me impus e que disso tomei a iniciativa, coisa que nego formalmente. De resto, se o sucesso da Doutrina que professo me dá uma certa autoridade sobre os adeptos, é uma autoridade puramente moral, da qual não uso senão para lhes recomendar a calma, a moderação e a abstenção de todas as represálias para com aqueles que o tratam mais indignamente, para lembrá-los em uma palavra, a prática da caridade, mesmo para com os seus inimigos.

A parte mais importante desse parágrafo é aquela em que dizeis que "o Espiritismo deve se limitar a combater o materialismo, e a provar a mortalidade da alma pelas manifestações de além-túmulo". O Espiritismo é, pois, bom para alguma coisa. Se as manifestações de além-túmulo são úteis para destruir o materialismo e provar a mortalidade da alma, não é, pois, o diabo que se manifesta; para chegar a essa prova que ressalta, segundo vós, dessas manifestações, é preciso que nelas se reconheça seus parentes e seus amigos; os Espíritos que se comunicam são, pois, as almas daqueles que viveram. Assim, senhor abade, estais em contradição com a doutrina professada por vários de vossos ilustres confrades, a saber que só *o diabo pode se comunicar.* Aí está um ponto de doutrina ou uma opinião pessoal? No segundo caso, uma não tem mais autoridade do que a outra, no primeiro, roçais a heresia.

Há mais: uma vez que as comunicações de além-túmulo são úteis para combater a incredulidade sobre a base

fundamental da religião: a existência e a modalidade da alma; urna vez que o Espiritismo *deve* delas se servir para esse fim, é, pois, permitido a cada um de procurar na evocação o remédio para a dúvida que só a religião não pôde vencer: consequentemente, é permitido a todo crente, a todo bom católico, a todo padre mesmo, delas usar para reconduzir ao redil as ovelhas desgarradas. Se o Espiritismo tem meios para dissipar as dúvidas que a religião não pôde destruir, oferece, pois, recursos que a religião não possui, de outro modo, não haveria um incrédulo na religião católica: por que, pois, repele ela o meio eficaz de salvar as almas? De um outro lado, como conciliar a utilidade que reconheceis nas comunicações de além-túmulo com a proibição formal que a Igreja faz de evocar os mortos? Uma vez que é de princípio rigoroso que não se pode ser católico sem se conformar escrupulosamente aos preceitos da Igreja, que o menor desvio em seus mandamentos é uma heresia, eis-vos, senhor abade, muito e devidamente herético, porque declarais bom o que ela condena. Dissestes que o Espiritismo não é senão caos e incerteza; sois, pois, muito mais claro? De que lado está a ortodoxia sobre este ponto, uma vez que uns pensam de um modo e outros o contrário? Como quereis que se esteja de acordo quando vós mesmos estais em contradição com vossas palavras? Vossa brochura é intitulada: *Refutação* COMPLETA *da doutrina espírita do ponto de vista religioso.* Quem diz *completo,* diz absoluto: se a refutação é completa, ela não deve deixar nada subsistir; e eis que do próprio ponto de vista religioso, reconheceis uma utilidade imensa no que a

Igreja proíbe! E uma utilidade maior do que conduzir a Deus os incrédulos? Vossa brochura teria sido melhor intitulada: *Refutação da doutrina demoníaca da Igreja.* De resto, não é a única contradição que poderia levantar. Mas, tranquilizai-vos, porque não sois o único dissidente: conheço, de minha parte, bom número de eclesiásticos que não creem mais do que vós na comunicação exclusiva do diabo; que se ocupam de evocações com toda a segurança de consciência; que mesmo não creem mais do que eu nas penas irremissíveis e na condenação eterna absoluta! de acordo nisso com mais de um Pai da Igreja, assim como vos será demonstrado mais tarde. Sim, muito mais de eclesiásticos do que não se pensa, encaram o Espiritismo de um ponto mais elevado; tocados da universalidade das manifestações e do espetáculo imponente dessa marcha irresistível, nele veem a aurora de uma era nova e um sinal da vontade de Deus, diante da qual se inclinam no silêncio.

Dissestes, senhor abade, que o Espiritismo deveria se deter em tal ponto e não ir além. E preciso em tudo ser consequente consigo mesmo. Para que essas almas possam convencer os incrédulos de sua existência, é preciso que elas falem; ora, pode-se impedi-las de dizerem o que querem? E minha falta se elas vêm descrever sua situação, feliz ou infeliz, de outro modo do que o ensina a Igreja? se elas vêm dizer que já viveram e que reviverão ainda corporalmente? que Deus não é nem cruel, nem vingativo, nem inflexível, como é representado, mas bom e misericordioso? se, sobre

todos os pontos do globo onde são chamadas para se convencer da vida futura, elas dizem a mesma coisa? E minha falta, enfim, se o quadro que elas fazem do futuro reservado aos homens é mais sedutor do que aquele que ofereceis? se os homens preferem a misericórdia à condenação? Quem fez a Doutrina Espírita? São suas palavras, e não minha imaginação; são os próprios atores do mundo invisível, as testemunhas oculares das coisas de além-túmulo que a ditaram, e ela não foi estabelecida senão sobre concordância da imensa maioria das revelações feitas de todos os lados e por milhares de pessoas que jamais vi. Não fiz, pois, em tudo isso senão recolher e coordenar metodicamente o ensino dado pelos Espíritos sem ter nenhuma conta às opiniões isoladas, adotei as da maioria, afastando todas as ideias sistemáticas, individuais, excêntricas ou em contradição com os dados positivos da ciência.

Desses ensinamentos e de sua concordância, assim como da observação atenta dos fatos, ressalta que as manifestações espíritas nada têm de sobrenatural, mas são, ao contrário, o resultado de uma lei da Natureza, desconhecida até este dia, como o foram por muito tempo as da gravidade, do movimento dos astros, da formação da Terra, da eletricidade, etc. Desde então que esta lei está na Natureza, ela é obra de Deus, a menos de dizer que a Natureza é obra do diabo; essa lei, explicando uma multidão de coisas inexplicáveis sem isso, converteu tantos incrédulos quanto à existência da alma do que o fato propriamente dito

das manifestações, e a prova disso está no grande número de materialistas reconduzidos a Deus unicamente pela leitura das obras, sem terem visto nada. Teria sido melhor que ficassem na incredulidade, com o risco mesmo de não estarem inteiramente na ortodoxia católica?

A Doutrina Espírita não é, pois, obra minha, mas dos Espíritos ora, se esses Espíritos são as almas dos homens, ela não pode ser a obra do demônio. Se fosse minha concepção pessoal, vendo seu prodigioso sucesso, não poderia senão me felicitar por isso; mas não poderia me atribuir o que não é meu. Não, ela não e a obra de um só, nem homem nem Espírito, que, quem quer que fosse, não teria podido lhe dar uma sanção suficiente, mas de uma multidão de Espíritos e aí está o que faz a sua força, por que cada um está em condições de receber-lhe a confirmação. O tempo, como dissestes, dela fará boa justiça? Seria preciso para isso que ela deixasse de ser ensinada, quer dizer, que os Espíritos cessassem de existir e de se comunicarem por toda a Terra; seria preciso, além disso, que ela deixasse de ser lógica e de satisfazer às aspirações dos homens. Acrescentais que esperais que eu retorne de meu erro; não o penso, e, francamente, não são os argumentos de vossa brochura que me farão mudar de opinião, nem desertar do posto onde a Providência me colocou, posto onde tenho todas as alegrias morais a que um homem pode aspirar sobre a Terra, vendo frutificar aquilo que semeou. E uma felicidade muito grande e bem doce, vos asseguro, a visão dos felizes que se faz, de

tantos homens arrancados ao desespero, ao suicídio, à brutalidade das paixões e conduzidos ao bem; uma única de suas bênçãos me paga largamente de todas as minhas fadigas e de todos os insultos; essa felicidade não está no poder de ninguém de ma tirar; não a conheceis, uma vez que gostaríeis de ma tirar; eu vo-la desejo de toda minha alma; tentai-a, e vereis.

Senhor abade, eu vos adio para dez anos para ver o que então pensareis da Doutrina.

Aceitai, etc.

ALLAN KARDEC.

(p. 275-279).

Sermões sobre o Espiritismo

Pregados na catedral de Metz, nos dias 27, 23 e 29 de maio de 1863, pelo Rev. Pe Letierce, da Companhia de Jesus: – refutados por um Espírita de Metz, e precedidos de considerações sobre a loucura espírita ([18]).

Embora não conheçamos pessoalmente o autor desse opúsculo, podemos dizer que é a obra de um Espírita esclarecido e sincero; e somos felizes de ver a defesa do Espiritismo feita por mãos hábeis que sabem aliar a força do raciocínio à moderação, que é o apanágio da verdadeira força. Os argumentos dos adversários ali são combatidos com

[18] Brochura in-1 2– Preço: 1 fr.: pelo correio. 1 fr. 10 c.— Paris, casa dos Srs. Didier, 35, cais dos Auqustins: Ledoyen, Palais-Soyal: Metz, casa Linden, 1, rua Pierre-Hardie.

urna lógica à qual não sabemos que lógica poder-se-ia opor, porque não há delas senão uma séria, aquela cujas deduções não deixam nenhum lugar à réplica, e achamos que a do autor está nesse caso. Sem dúvida, errado ou com razão, pode-se sempre replicar, pois há pessoas com as quais não se tem nunca a última palavra, tratando de provar-lhes que fez luz ao meio dia; mas esse não é daqueles que se trata de ter razão; pouco importa que sejam ou não convencidos de seu erro; também não é a eles que se dirige, mas ao público, juiz em última instância das boas e das más causas. Há no espírito das massas um bom sentido que pode falhar nos indivíduos isolados, mas cujo conjunto é como a resultante das forças intelectuais e do senso comum.

A brochura da qual se trata reúne, na nossa opinião, as vantagens do fundo e da forma; quer dizer, que, à justeza do raciocínio, junta a correção e a elegância do estilo, que não estragam nada jamais e tornam a leitura, de todo o escrito, mais atraente e mais fácil. Não duvidamos que esse escrito não seja acolhido com a simpatia que merece por todos os Espíritas; nós o recomendamos com toda a confiança e sem restrição; contribuindo para difundi-lo, prestarão serviço à causa.

(p. 285).

Revista Espírita de outubro 1863

Da proibição de evocar os mortos

Alguns membros da Igreja se apoiam sobre a proibição de Moisés para proscrever as comunicações com os Espíritos; mas se sua lei deve ser rigorosamente observada sobre este ponto, deve sê-lo igualmente sobre todos os outros, pois, por que seria ela boa no que concerne às evocações, e má em outras partes? E preciso ser consequente; reconhecendo-se que sua lei não está mais em harmonia com os nossos costumes e nossa época para cedas coisas, não há razão para que não sela assim em sua proibição com respeito às evocações. Aliás, é preciso se reportar aos motivos que o fizeram fazer essa proibição, motivos que, então, tinham sua razão de ser, mas que hoje, seguramente, não existem mais. Quanto à pena de mude, que deveria seguir a infração a essa proibição, é preciso considerar que nisso era muito pródigo, e que em sua legislação draconiana, a severidade do castigo não era sempre um indício da gravidade da falta, O povo hebreu era turbulento, difícil de conduzir, e não podia ser domado senão pelo terror. Aliás, Moisés não tinha grande escolha em seus meios de repressão; não tinha nem prisões, nem casas de correção, e seu povo não era de natureza a sentir o medo de penas puramente morais; não podia, pois, graduar sua penalidade como se faz em nossos dias. Ora, era-lhe preciso, para respeito à sua lei, manter a pena de morte para todos os casos onde a aplicava? Por que, aliás, faz-se reviver com tanta insistência esse artigo quando se passa sob silêncio o começo do capítulo que proíbe aos padres de possuírem os bens da Terra e de ter parte em alguma herança, por que o próprio Senhor é seu herdeiro?

(Deuteronômio, cap. XVIII).

Há duas partes distintas na lei de Moisés: a lei de Deus propriamente dita, promulgada sobre o monte Sinai, e a lei civil, ou disciplinar apropriada aos costumes e ao caráter do povo; urna é invariável, a outra se modifica segundo os tempos, e não pode vir ao pensamento de ninguém que possamos ser governados pelos mesmos meios que os Hebreus no deserto, não mais do que a legislação da Idade Média não poderia se aplicar à França do século dezenove. Quem pensaria, por exemplo, em fazer reviver hoje este artigo da lei mosaica: Se um boi fere com seu chifre um homem ou uma mulher, e que a pessoa com isso morra, o boi será lapidado sem nenhuma remissão, e não se comerá de sua carne, e o senhor do boi será absolvido. Ora, que diz Deus em seus mandamentos? "Não terás outro Deus senão eu; não tomarás o nome de Deus em vão; honra a teu pai e a tua mãe; não matarás; não cometerás adultério; não furtarás não dirás falso testemunho; não cobiçarás o bem de teu próximo.' Eis uma lei que é de todos os tempos e de todos os países, e que, por isso mesmo, tem um caráter divino mas não há a questão da proibição de evocar os mortos; de onde é preciso concluir que essa proibição era uma simples medida disciplinar e de circunstância.

Mas Jesus não veio modificar a lei mosaica, e sua lei não é o código dos cristãos? Não disse ele: "Aprendestes que foi dito aos Antigos tal e tal coisa; e eu vos digo tal outra coisa?" Ora, em nenhuma parte, no Evangelho, não faz

menção da proibição de evocar os mortos; é um ponto bastante sério para que o Cristo não o haja omitido em suas instruções, então que tratou das questões de uma ordem muito mais secundária; ou bem é preciso pensar, com um eclesiástico a quem se fez essa objeção, que "Jesus se esqueceu de falar disso?"

Não sendo admissível o pretexto da proibição de Moisés, apoia-se sobre o que a evocação é uma falta de respeito para com os modos, dos quais não é preciso perturbar as cinzas. Quando essa evocação é feita religiosamente e com recolhimento, não se vê o que ela tem de desrespeitos; mas há uma resposta peremptória a fazer a essa objeção, é que os Espíritos vêm voluntariamente quando chamados, e mesmo espontaneamente sem serem chamados; que testemunham a sua satisfação em se comunicarem com os homens, e se lamentam, frequentemente, do esquecimento em que são deixados às vezes. Se estivessem perturbados em sua quietude ou descontentes como nosso chamado, o diriam ou não viriam. Se vêm, é, pois, que isso lhes convém, porque não sabemos que esteja no poder de quem quer que seja constranger os Espíritos, seres impalpáveis, a se desviarem do dever se não o querem, uma vez que não se pode lhes prender o corpo.

Alega-se uma outra razão: as almas, diz-se, estão no inferno ou no paraíso; as que estão no inferno dele não podem sair: as que estão no paraíso estão inteiramente em sua beatitude, e muito acima dos mortais para se ocuparem

deles: restam aquelas que estão no purgatório: mas estas são sofredoras e têm que pensar em sua própria salvação antes de tudo: portanto, nem umas nem as outras podem vir, é só o diabo que vem em seu lugar. No primeiro caso, seria bastante racional supor que o diabo, o autor e instigador da primeira revolta contra Deus, em rebelião perpétua, que não sente nem remorso nem arrependimento do que faz, seja mais rigorosamente punido do que as pobres almas que ele arrasta ao mal, e que, frequentemente não são culpadas senão de uma falta temporária da qual têm amargos remorsos; longe disso, é tudo o contrário que ocorre; essas almas infelizes são condenadas a sofrimentos atrozes, sem tréguas riem graças durante a eternidade, sem terem um único instante de alívio, e, durante esse tempo, o diabo, autor de todo esse mal, goza de toda a sua liberdade, corre o mundo para recrutar vítimas, toma todas as formas, dá a si mesmo todas as alegrias, faz travessuras, diverte-se mesmo em interromper o curso das leis de Deus, uma vez que pode fazer milagres; em verdade, para as almas culpadas, é de invejar a sorte do diabo; e Deus o deixa sem nada dizer, sem lhe opor nenhum freio, sem permitir aos bons Espíritos de virem ao menos contrabalançar suas tentativas criminosas! De boa fé, isto é lógico? e aqueles que professam uma tal doutrina podem jurar, com a mão sobre a consciência que se colocariam no fogo para sustentarem que é a verdade?

O segundo caso levanta uma dificuldade também tão grande. Se as almas que estão na beatitude não podem

deixar sua morada afortunada para virem em socorro dos mortais, é que, seja dito de passagem, seria unia felicidade muito egoísta; por que a Igreja invoca a assistência dos santos que, eles, devem gozar da maior soma possível de beatitude? Por que diz aos fiéis para invocá-los nas enfermidades, nas aflições, e para se preservarem dos flagelos? Por que, segundo ela, os santos, a própria Virgem, vêm se mostrar aos homens e fazer milagres? Deixam, pois, o céu para virem sobre a Terra? Se podem deixá-lo, por que outros não o fariam?

Todos os motivos alegados para justificar a proibição de comunicar com os Espíritos não podem sustentar uni exame sério, é preciso que haja um outro não confessado; esse motivo poderia bem ser o medo de que os Espíritos, muito clarividentes, não viessem esclarecer os homens sobre certos pontos, e fazê-los conhecer exatamente o que ocorre no outro mundo, e as verdadeiras condições para ser feliz ou infeliz; é porque, do mesmo modo que se diz a uma criança: "Não vá lá, há um lobisomem;" diz-se aos homens: Não chameis os Espíritos, são o diabo". Mas se agirá inutilmente; proibindo-se aos homens de chamarem os Espíritos, não impedirão os Espíritos de virem até os homens, tirar a lâmpada de debaixo do alqueire.

(p. 311-314).

Tendo Moisés proibido de se evocarem os mortos, é permitido fazê-lo?

(Bordeaux: Médium, senhora Collingnon.)

Nota. – Esta comunicação foi dada num grupo espírita de Bordeaux, em resposta à pergunta acima. Antes que dela tivéssemos conhecimento, tínhamos feito o artigo precedente sobre o mesmo assunto; nós a publicamos apesar disso, precisamente por causa da concordância das ideias. Muitas outras, em diversos lugares, foram obtidas sobre o mesmo sentido, o que prova o acordo dos Espíritos a esse respeito. Não sendo essa objeção mais sustentável do que todas aquelas que se opõem às relações com os Espíritos, cairá do mesmo modo.

O homem é, pois, tão perfeito que crê inútil medir suas forças? e sua inteligência é tão desenvolvida que possa suportar toda a luz?

Quando Moisés trouxe aos Hebreus uma lei que pudesse fazê-los sair do estado de servidão no qual viviam, e reavivar neles a lembrança de seu Deus que tinham esquecido, foi obrigado a medir a luz à força de sua visão, e a ciência à força de seu entendimento.

Por que não perguntais assim: Por que Jesus se permitiu refazer a lei? Por que disse: "Moisés vos disse: Dente por dente, olho por olho, e eu vos digo: Fazei o bem àqueles que vos querem o mal; bendizei àqueles que vos maldizem: perdoai àqueles que vos perseguem"

Por que Jesus disse: "Moisés disse: que aquele que quer deixar sua mulher lhe dê a carta de divórcio. Mas eu vos

digo: Não separeis o que Deus uniu.”

Por quê? É que Jesus falava a Espíritos mais avançados na encarnação do que não o eram ao tempo de Moisés. E que é preciso proporcionar a lição à inteligência do aluno. E que vós, que questionais, que duvidais, não chegastes ao ponto cru que deveis estar, e não sabeis ainda o que sabereis um dia.

Por quê? Mas perguntais, pois, a Deus por que criou a erva dos campos, da qual o homem civilizado chegou a fazer a sua alimentação? por que fez árvores que não deveriam crescer senão em certos climas, sob certas latitudes, e que o homem chegou a aclimatar por toda a parte?

Moisés disse aos Hebreus: *“Não evoqueis os mortos!”* como se diz às crianças: Não *toqueis no* Jogo!

Não foi a evocação que, pouco a pouco, havia degenerado entre os Egípcios, os Caldeus, os Moabitas e todos os povos da antiguidade, em idolatria? Não teriam tido a força de suportar a ciência, teriam se queimado, e o Senhor quisera preservar alguns homens, a fim de que pudessem servir e perpetuar seu nome e sua fé.

Os homens eram perversos e dispostos às evocações perigosas. Moisés preveniu o mal, O progresso deveria se fazer entre os Espíritos como entre os homens; mas a evocação ficou conhecida e praticada pelos príncipes da Igreja; a vaidade, o orgulho, são tão velhos quanto a Humanidade; portanto, os chefes da sinagoga usavam da

evocação, e, muito frequentemente, a usavam mal; também a cólera do Senhor, com frequência, pesava sobre eles.

Eis por que Moisés disse: "Não evoqueis os mortos." Mas essa própria proibição prova que a evocação era usual entre o povo, e foi ao povo que ele a proibiu.

Deixai, pois, dizer àqueles que perguntam por quê? Abri-lhes a história do globo que eles cobrem com seus pequenos passos, e perguntai-lhes por que, depois de tantos séculos acumulados, sapateiam tanto por tão pouco avançar? E que sua inteligência não é bastante desenvolvida; é que a rotina os oprime: é que querem fechar os olhos apesar dos esforços que se fazem para lhos abrir.

Perguntai por que Deus é Deus? por que o Sol os ilumina?

Que estudem, que procurem, e na história da antiguidade verão porque Deus quis que esse conhecimento desaparecesse em parte, a fim de reviver com mais brilho, então que os Espíritos encarregados de reportá-la teriam mais força e não fali riam sob o seu peso.

Não vos inquieteis, meus amigos, com questões ociosas, objeções sem motivo que vos são dirigidas. Fazei sempre o que acabais de fazer: perguntai e vos responderemos com prazer. A ciência está Com aquele que a procura; ela surge então para se mostrar a ele. A luz clareia aqueles que abrem seus olhos, mas as trevas se espessam para aqueles que querem fechá-los. Não é àqueles que

perguntam que é preciso recusar, mas àqueles que fazem objeções no Único objetivo de extinguir a luz, ou que não ousam olhá-la Coragem, meus amigos, estamos prontos para vos responder todas as vezes que isso for necessário.

SIMÉON por MATHIEU.

(p. 314-316).

Sermões sobre o Espiritismo

Pregados na catedral de Metz, a 27, 28 e 29 de maio de 1883, pelo Rev. Pe. Letierce, da companhia de Jesus, refutados por um espírita de Metz.

Precedido de considerações sobre a loucura espírita [19]

Somos sempre felizes em ver adeptos sérios entrarem na liça quando, à lógica da argumentação, juntam a calma e a moderação das quais não se deve jamais se afastar, mesmo para com aqueles que não usam os mesmos procedimentos a nosso respeito. Felicitamos o autor desse opúsculo por ter sabido reunir essas duas qualidades em seu muito interessante e muito conscienciosо trabalho, que será, disso não duvidamos, acolhido com o favor que merece. A carta colocada na cabeça de sua brochura é um testemunho de simpatia que não saberíamos melhor reconhecer senão citando-a textualmente, porque é uma prova da maneira pela qual ele compreende a Doutrina, do mesmo modo que os pensamentos seguintes, que toma por epígrafe:

[19] Brochura in-18. – Preço: 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 10 c. – Em Paris, Didier e Companhia, Ledoyen – em Metz: Linden, Verronais, livrarias.

"Cremos que há fatos que não são visíveis ao olhar, não tangíveis a mão; que o microscópio nem o escalpelo podem atingir, tão perfeitos que se os suponham; que escapam igualmente ao gosto, ao odor e ao ouvido, e que, no entanto, são suscetíveis de serem constatados com uma certeza absoluta. (Ch. Jouffroy, prefácio das *Esquisses de philosophie morale,* p. 5.)

"Não creiais em todo Espírito, mas colocai-o à prova para verse vêm de Deus". *(Evangelho.)*

"Senhor e caro mestre,

"Dignar-vos-eis aceitar a dedicatória desse modesto discurso de defesa em favor do Espiritismo, deste grito de indignação contra os ataques que ouvi dirigir contra a nossa sublime moral? Isso seria para mim o testemunho mais certo de que essas páginas são ditadas pelo espírito da moderação que admiramos todos os dias em vossos escritos, e que deveria nos guiar em todas as nossas lutas. Aceitai-o como o ensaio inexperiente de um de vossos recentes adeptos, como a profissão de fé de um verdadeiro crente. Se meus esforços forem felizes, deles atribuirei o sucesso ao vosso alto patrocínio; se minha voz inábil não encontrar ecos, ao Espiritismo não faltarão outros defensores, e terei para mim, com a satisfação de minha consciência a felicidade de ter sido aprovado pelo apóstolo imortal de nossa filosofia."

Extraímos dessa brochura a passagem seguinte de um dos sermões do Rev. Pe. Letierce, a fim de dar uma ideia do

poder de sua lógica.

"Não há nada de chocante para a razão, em admitir, num certo limite, a comunicação dos Espíritos dos mortos com os vivos; essa comunicação é sempre compatível com a natureza da alma humana, e delas se encontram bastante numerosos exemplos no Evangelho e na *Vida dos santos;* mas eram santos, eram apóstolos. Para nós, pobres pecadores, que, sobre a rampa escorregadia da corrupção, não teríamos frequentemente necessidade senão de mão segura para nos conduzir para o bem, não é um sacrilégio, um insulto à justiça divina, senão ir pedir aos bons Espíritos que Deus espalhou ao nosso redor, conselhos e preceitos para a nossa instrução moral e filosófica? Não é uma audácia ímpia rogar ao Criador para nos enviar anjos guardiões pata nos lembrar, sem cessar, a observação de suas leis, a caridade, o amor por nossos semelhantes, e nos ensinar o que é preciso fazer, na medida de nossas forças, para chegar o mais rapidamente possível ao grau de perfeição que eles mesmos alcançaram?

"Esse apelo que fazemos às almas dos justos, em nome da bondade de Deus, não é ouvido senão pelas almas dos maus, em nome das forças infernais. Sim, os Espíritos se comunicam conosco, mas esses são os Espíritos condenados; suas comunicações e seus preceitos são, é verdade, tais que poderiam nos ditar os anjos mais puros; todos os seus discursos respiram as virtudes mais sublimes, das quais as menores devem ser para nós um ideal de perfeição ao qual

podemos com dificuldade atingir nesta vida; mas isso não é senão uma armadilha para nos atrair, um mel recobrindo o veneno pelo qual o demônio quer matar nossa alma.

Com efeito, as almas dos modos, com Allan Kardec, são de três classes: aquelas que chegaram ao estado de Espíritos puros, aquelas que estão sobre o caminho da perfeição, e as almas dos maus, As primeiras, por sua própria natureza, não podem se entregar ao nosso chamado; seu estado de pureza lhes torna impossível toda comunicação com a do homem, encerrada num tão grosseiro envoltório. Que viriam elas fazer, aliás, sobre a Terra? para nos pregar exortações que não saberíamos compreender? As segundas têm muito a trabalhar para o seu aperfeiçoamento moral para poderem perder tempo a conversar conosco; essas não são ainda as que nos assistem em nossas reuniões, Que resta, pois, para nós? Eu o disse, as almas dos condenados, e estas ao menos não fazem orar para virem; todas dispostas a se aproveitarem de nosso erro e de nossa necessidade de instrução, chegam em multidão junto a nós para nos arrastar, com elas, ao abismo onde as mergulhou a justa punição de Deus".

ALLAN KARDEC.

(p. 323-324).

Revista Espírita de novembro 1863

Ordem do Monsenhor Bispo de Argel contra o Espiritismo

O Mons. bispo de Argel publicou, em data de 18 de agosto último, uma brochura endereçada aos senhores curas de sua diocese, sob este título: *Carta circular e ordem sobre a superstição dita Espiritismo.* Citamos dela as passagens seguintes, que fazemos seguir de algumas observações.

Tínhamos o pensamento de untar uma modesta página a esses luminosos anais, desonrando, das alturas do bom senso e da fé, como merece sê-lo, o *Espiritismo* que, renovação da mais velha e da mais grosseira idolatria, veio se abater sobre a Argélia Pobre colônia! Depois de tantas cruéis provas, lhes seria preciso ainda uma prova deste gênero!'

Pobre colônia! Com efeito, não seria bem mais próspera se, em lugar de tolerar e proteger a religião dos indígenas, tivesse então se formado suas mesquitas e suas sinagogas em igrejas, e se não se tivesse detido o zelo do proselitismo! E verdade que a guerra santa, guerra de extermínio como a das cruzadas, duraria ainda, que centenas de milhares de soldados teriam perecido, que teríamos sido talvez forçados a abandoná-la; mas o que é isso quando se trata do triunfo da fé! Ora, eis bem um outro flagelo; o Espiritismo que vem, em nome do Evangelho, proclamar a fraternidade entre os deferentes cultos, e cimentar a união inscrevendo sobre sua bandeira: *Fora da caridade não há salvação.*

"Mas diversas considerações, senhor cura, nos retiveram até este dia. De início, hesitamos em revelar essa vergonha nova, acrescentada a tantas misérias exploradas,

com uma amarga ironia, pelos inimigos de nossa cara e nobre Argélia. De outra parte, sabemos que o *Espiritismo* quase não penetrou entre nos senão em certas cidades, onde os desocupados se contam em maior número; onde a curiosidade, sem cessar excitada, se nutre avidamente de tudo o que se apresenta com um caráter de novidade; onde a necessidade de brilhar e de se distinguir da multidão não fica sempre estranha, mesmo para as inteligências de mais ou menos importância, ao passo que o maior número de nossas pequenas cidades e de nossos campos ignoram, e, certamente, nada têm com isso a perder, até no nome bizarro e pretensioso de *Espiritismo.* Pensamos, enfim, que tais práticas não estão jamais destinadas a viver uma vida muito longa, porque o desabuso vem depressa para os escândalos de imaginação, que contundem quase sempre com sua própria vergonha. Assim ocorreu com os malabarismos de Cagliostro e de Mesmer; assim o furor das mesas girantes acalmou-se, sem deixar atrás delas senão o ridículo de seus arrastamentos e de suas lembranças."

Se o próprio nome do Espiritismo é desconhecido na maioria das pequenas cidades e dos campos da Argélia, a carta-circular do Mons. bispo de Argel, distribuída profusamente, é um excelente meio de fazê-lo conhecer, excitando a curiosidade que não se deterá, certamente, pelo medo do diabo. Tal foi o efeito bem averiguado de todos os sermões pregados contra o Espiritismo, que, de notoriedade pública, contribuíram poderosamente para multiplicar os

adeptos. A circular do Mons. de Argel teria um efeito contrário? é mais do que duvidoso. Lembrar-nos-emos sempre desta palavra profética, e que está tão bem realizada, de um Espírito a quem perguntávamos, há dois anos, por qual meio o Espiritismo penetraria nos campos; ele nos respondeu: Pelos padres. – voluntariamente ou involuntariamente! – Involuntariamente de início, voluntariamente mais tarde".

Lembramos ainda que, quando da nossa primeira viagem a Lyon, em 1860, os Espíritas ali eram número de algumas centenas somente. Nesse mesmo ano um sermão virulento foi pregado contra eles, e nos escreveram: Ainda dois ou três sermões como este, e estaremos logo decuplicados." Ora, os sermões não fazem falta nesta cidade, como cada um sabe; e o que cada um sabe também, é que no ano seguinte havia cinco ou seis mil Espíritas, e que desde o terceiro ano ali se contavam mais de trinta mil. Pobre cidade lionesa! O que se sabe ainda, é que a maioria dos adeptos se encontra entre os operários, que hauriram nesta Doutrina a força de suportar pacientemente as rudes provas que atravessaram, sem procurar na violência e na espoliação o necessário que lhes faltava; é que pedem hoje, e creem na justiça de Deus, se não creem nas dos homens; é que compreendem a palavra de Jesus: "Meu reino não é deste mundo" Dizei por que, com vossa doutrina das penas eternas que preconizais como um freio indispensável, jamais detivestes nenhum excesso, ao passo que a máxima "Fora da

caridade não há salvação' é onipotente! Faça o céu que não tenhais jamais necessidade de vos colocar sob sua égide! Mas se Deus vos reserva ainda dias nefastos, lembrai-vos de que aqueles mesmos a quem recusastes o pão da esmola, porque eram Espíritas, serão os primeiros a partilhar convosco seu pedaço de pão; porque compreendem esta palavra: Perdoai aos vossos inimigos, e fazei o bem àqueles que vos perseguem.

Mas o que tem o Espiritismo de tão temível, uma vez que não ocupa senão os desocupados de algumas cidades? uma vez que tais práticas não estão jamais destinadas a viver uma bem longa vida? uma vez que deve ter a sorte dos malabarismos de Cagliostro, de Mesmer o das mesas girantes? Pelo que é de Cagliostro, é preciso colocá-lo fora de causa, tendo em vista que o Espiritismo sempre declinou toda solidariedade com ele, apesar da persistência de alguns adversários para unir seu nome ao do Espiritismo, como fizeram com todos os escamoteadores e charlatães. Quanto a Mesmer, é preciso estar bem pouco ao corrente do que se passa, para ignorar que o magnetismo está mais difundido do que jamais o foi, e que é hoje professado por notabilidades científicas. E verdade que se ocupam pouco agora das mesas girantes, mas é preciso convir que elas têm, no entanto, feito um caminho bastante bom, uma vez que foram o ponto de partida dessa terrível doutrina que causa tanta insônia a esses senhores, Foram elas o alfabeto do Espiritismo; se, pois, delas não se ocupam mais, é que não se procura mais

soletrar quando se sabe ler. Cresceram eras tanto que não as reconheceis mais.

Depois de ter falado de sua viagem à França, que leve um pleno sucesso, o Mons. de Argel acrescenta:

"Nossa primeira e incessante preocupação do retorno era de publicar uma instrução pastoral contra a superstição em geral, e em particular contra a do *Espiritismo,* O *Evangelho segundo Renan* não nos tendo desviado senão oito dias".

Eis, é preciso nisso convir, uma singular confissão. A obra do Sr. Renan, que solapa o edifício por sua base e que teve tão grande repercussão, não preocupou Sua Grandeza senão oito dias, ao passo que o Espiritismo absorve toda sua atenção. "Chego em tudo às pressas, disse ele, embora oprimido pelas fadigas de uma longa viagem, sem repousar, monto sobre o prejuízo, Temos um novo e rude adversário no Sr. Renan, mas este nos inquieta pouco: caminhemos direito ao Espiritismo, porque é o mais urgente.' E uma grande honra para o Espiritismo, porque é reconhecer que é muito mais temível, e não pode ser temível senão com a condição de ser lógico. Se não tem nenhuma base séria, assim como o pretende o monsenhor, para que esse desdobramento de forças? Viu-se jamais disparar o canhão contra uma mosca que voa? Quanto mais os meios de ataque são violentos, mais se exalta a sua importância; eis porque não nos lamentamos disso.

Aprendemos, dizeis, a disso não duvidar, que os verdadeiros cristãos, os sinceros católicos, pensam poder associar Jesus Cristo e Belial, os mandamentos da Igreja com os procedimentos do Espiritismo".

É um pouco tarde para disso vos aperceber, porque há três anos que o Espiritismo está implantado e prospera na Argélia, que não se acha aí mais mal. Aliás, a brochura do Sr. Leblanc de Prébois, publicada em nome e para a defesa da Igreja, deveu vos ensinar que há na França, neste momento, segundo seus cálculos, vinte milhões de Espíritas, quer dizer, a metade da população, e que dentro em pouco a outra metade será ganha; ora, a Argélia faz parte da França.

"Se, diz a circular, dirigindo-se aos curas da diocese, encontram-se em suas paróquias *Espíritas* de alguma condição que possam ser, em geral os descrentes, as mulheres vaidosas, as cabeças fracas, formando sempre o grosso dos cortejos supersticiosos, que o padre não hesite em declará-lhes que não há nenhuma transação possível entre o catolicismo e o Espiritismo; que, em suas experiências, não pode ali haver *senão uma destas três coisas:* malabarismos da parte de uns, alucinação da parte de outros, e, indo ao pior, senão uma evocação diabólica".

Se não há transação possível, é mais deplorável para o catolicismo do que para o Espiritismo, porque este ganha terreno todos os dias, o que quer que se faça para detê-lo, que fará o catolicismo quando a previsão do Sr. Leblanc de Prébois estiver realizada? Se coloca todos os Espíritos na

porta da Igreja, que ficará dentro? Mas aí não está a questão para o momento: ela virá em tempo e lugar. O último membro de frase tem urna alta importância da parte de um homem como monsenhor de Argel. que deve pesar a importância de todas as suas palavras. Segundo ele, não pode haver no Espiritismo senão uma destas três coisas: malabarismo, alucinação, e, indo ao pior, intervenção diabólica. Notai bem que não são as três coisas juntas, mas somente uma das três que é possível; o monsenhor não parece muito certo da qual, uma vez que a intervenção diabólica não é senão um pior caminho. Ora, se for do malabarismo e da alucinação, isso não é nada de sério, e não há intervenção diabética; se for obra do diabo, é alguma coisa de positivo, então não há nem malabarismo nem alucinação. Na primeira hipótese, é preciso convir que, fazer tanto barulho por um simples malabarismo ou uma ilusão, e bater-se contra os moinhos de vento, papel pouco digno da seriedade da Igreja; na segunda, é reconhecer ao diabo uma força maior do que a da Igreja, ou à Igreja uma enorme fraqueza, uma vez que não pode impedir o diabo de agir, que ela não pôde mesmo, apesar de todos os exorcismos, dele livrar os possessos de Morzine.

"Estivemos lá, senhor cura, de nosso Labor apostólico, quando recebemos numerosos artigos de jornais, brochuras, livros, e notadamente um discurso (o do Padre Nampon), onde, salvo as ideias gerais, encontramos muito claramente e muito nitidamente exposto o que iríamos vos dizer em

seguida, a propósito do Espiritismo. Como não gostamos de refazer sem necessidade o que julgamos estar bem-feito, vos convidamos a vos proporcionar algumas dessas obras, e ao menos um exemplar desse discurso, que vos esclarecerá suficientemente sobre os procedimentos, a doutrina e as consequências do Espiritismo".

Estamos encantados em saber que a obra do Pe. Nampon e julgada, pelo príncipe dos padres, uma obra bem-feita e junto à qual nada tem de melhor a fazer. E uma tranquilidade para os Espíritas, saber que o Reverendo Padre esgotou todos os argumentos em que não se pode nada acrescentar. Ora, como esses argumentos, longe de deter o impulso do Espiritismo, recrutaram-lhe partidários, é da parte desses antagonistas se mostrar satisfeitos com o pouco. Quanto a *esclarecer suficientemente* os senhores curas sobre a doutrina, não pensamos que os textos alterados e truncados, dos quais o do Pe. Nampon não tem falta, assim como o demonstramos (*Revista* de junho de 1863), sejam próprios para lhes *dar dela* uma ideia bem justa. É preciso estar com muito poucas razões para usar semelhantes meios que desacreditam a causa que deles se serve.

"Antes de qualquer coisa, não seria deplorável encontrar na Argélia cristãos sérios que hesitassem em se pronunciar energicamente contra o Espiritismo; uns sobre o pretexto de que há abaixo alguma coisa de verdade, outros por esse motivo que viram os materialistas forçados a retornarem, por meio do Espiritismo, à crença na outra vida?

Ilógica ingenuidade das duas partes!"

Assim, não é nada conduzir à crença em Deus e na vida futura a *materialistas forçados;* o Espiritismo com isso não é menos uma coisa má. Jesus, no entanto, disse que uma árvore má não pode dar bons frutos. E, pois, um mau fruto que o de dar a fé àquele que não a tem? Urna vez que não pudestes levar esses incrédulos forçados, e que o Espiritismo neles triunfou, qual é, pois, a melhor das duas árvores? E evidente que, sem o Espiritismo, esses materialistas forçados teriam ficado materialistas: uma vez que o monsenhor quer destruir a toda força o Espiritismo, que conduz as almas a Deus, é que, aos seus olhos, essas almas não podendo ser conduzidas pela Igreja, é preterível que morram na incredulidade. Isso nos lembra esta palavra pronunciada num púlpito de uma pequena cidade: "Gosto mais que os incrédulos fiquem fora da Igreja do que entrem pata o Espiritismo". Não são inteiramente as palavras do Cristo que disse: "Gosto mais da misericórdia do que do sacrifício". Ou esta outra, pronunciada alhures: "Prefiro ver os operários saírem bêbados (sic) do cabaré do que sabê-los Espíritas". Isso é da demência; não ficaríamos surpresos que acessos de raiva contra o Espiritismo produzissem urna verdadeira loucura.

"Que apesar da voz da consciência, os homens, educados nos princípios do cristianismo e tendo-os infelizmente esquecido, negado em seu coração, e combatido em seus livros, tentem transigir com esses princípios,

admitindo uma imortalidade da *alma,* um purgatório e um inferno tudo diferentes da imortalidade da alma, do purgatório e do inferno dos Evangelhos, tiverem ganho. pelo Espiritismo, alguma coisa para a e para sua salvação, qual cristão poderá se imaginar, uma vez que não puseram no lugar senão as mais sacrílegas blasfêmias da crença!"

Em que o purgatório dos Espíritas difere do dos Evangelhos, uma vez que os Evangelhos dele nada dizem? Dele falam tão pouco quanto os Protestantes, que seguem a letra do Evangelho, não o admitem. Quanto ao inferno, o Evangelho está longe de ter nele colocado as caldeiras ferventes que ali colocam o catolicismo, e de ter dito, como nos ensinaram em nossa infância, e como se pregou há três ou quatro anos em Montpellier, que Os anjos tiram as tampas dessas caldeiras para que os eleitos se entretenham com a visão dos sofrimentos dos condenados" Eis um singular lado da beatitude dos bem-aventurados: não sabemos que Jesus disso haja dito uma palavra. O Espiritismo, é verdade, não admite semelhantes coisas; se for um motivo de reprovação que seja, pois, reprovado!

"Far-se-lhes-á compreender igualmente que é a renovação das teorias pagãs caídas no desprezo dos sábios, antes mesmo da aparição do Evangelho, que, introduzindo a *metempsicose,* ou a transmigração das almas, o Espiritismo mata a individualidade pessoal, e coloca no nada a responsabilidade moral que destruindo a ideia do purgatório e do inferno eternamente pessoal, abre o caminho a todas as

desordens, a todas as moralidades.”

Se alguma coisa foi tomada às teorias pagãs, seguramente foi o quadro das torturas do inferno. Depois, não vemos claramente como, depois de ter admitido um purgatório qualquer, neguemos a ideia do purgatório. Quanto à metempsicose dos Antigos, longe de tê-la introduzido, o Espiritismo a combateu de todos os tempos, e demonstrou-lhe a impossibilidade Quando, pois, se cessará de fazer dizer ao Espiritismo o contrário daquilo que disse? A pluralidade das existências que admite, não como um sistema, mas como uma lei da Natureza provada por fatos, dela difere essencialmente Ora, contra uma lei da Natureza, que é necessariamente obra de Deus, não há nem sistema que possa prevalecer, nem anátemas que possam anulá-la, não mais do que anular o movimento da Terra e os períodos da criação. A pluralidade das existências, o renascimento, querendo-se, é uma condição inerente à natureza humana como a de dormir, e necessária ao progresso da alma. E sempre deplorável para uma religião, quando ela se obstina em se manter afastada dos conhecimentos adquiridos porque chega um momento em que, sendo transbordada pela onda irresistível das ideias, perde seu crédito e sua influência sobre todos os homens instruídos; crer-se comprometido pelas ideias novas é confessar a fragilidade de seu ponto de apoio; é pior ainda quando ela soa o alarme diante do que chama uma utopia. E uma coisa curiosa, com efeito, ver os adversários do Espiritismo se esgrimirem a dizer que é um

sonho oco, sem importância e sem vitalidade, e gritar sem cessar a violência!

Segundo a máxima: "Conhece-se a qualidade da árvore pelo seu fruto a melhor maneira de julgar as coisas é estudar-lhes os efeitos. Se, pois, como se pretende, a negação do inferno eternamente pessoal abre o caminho a todas as desordens e a todas as moralidades, segue-se: 1º que a crença nesse inferno abre o caminho a todas as virtudes; 2º que quem se entregue a atos morais não teme as penas eternas, e senão as teme, é que não crê nelas. Ora, quem deve nisso crer melhor que aqueles que os ensinam? quem deve estar penetrado desse medo, impressionado pelo quadro das torturas sem fim, melhor do que aqueles que noite e dia foram embalados nessa crença? Onde essa crença e esse medo deveriam estar com toda a sua força? onde deveria haver mais moderação e moralidade, se isso não for no próprio centro do catolicismo? Se todos aqueles que professam esse dogma e fazem dele uma condição de salvação estivessem isentos de censuras, suas palavras, seguramente, teriam mais peso, mas quando se veem tão escandalosas desordens entre aqueles mesmos que pregam o medo do inferno, disso é preciso concluir que não creem naquilo que pregam. Como esperam persuadir aqueles que são inclinados à dúvida? Matam o dogma por seu próprio exagero e pelo seu exemplo. O dogma das penas eternas, julgado por seus frutos, não os dando bons, e uma prova de que a árvore é má; e entre esses maus frutos é preciso

colocar o número imenso de incrédulos que faz cada dia. A Igreja a isso se agarra como a uma corda de salvação, mas essa corda está tão usada, que logo deixará ir a nau à deriva. Se jamais a Igreja devesse periclitar, isso seria pelo absolutismo de seus dogmas do inferno, das penas eternas, e da supremacia que ela concede ao diabo no mundo. Não se podendo ser católico sem crer nesse inferno e na condenação eterna, é preciso convir que o número dos verdadeiros católicos está desde hoje singularmente reduzido, e que mais de um Pai da Igreja pode ser considerado como maculado de heresia.

"Não será inútil acrescentar, senhor cura, que a paz das famílias está gravemente perturbada pela prática do Espiritismo; que um grande número de cabeças nisso já perderam o sentido, e que os hospícios da América, da Inglaterra e da França regurgitam, desde o presente, de suas muito numerosas vítimas; de tal sorte que se o Espiritismo propagasse suas conquistas, seria preciso mudar o nome de Petites-Maisons para Grandes-Maisons".

Se o Monsenhor de Argel tivesse haurido suas informações em outra parte senão nas fontes interessadas teria sabido o que ocorre com esses pretensos loucos, e não teria se entregue ao eco do um conto inventado pela má-fé, e do qual o ridículo ressalta pelo próprio exagero. Um primeiro jornal falou de quatro casos, dizia-se, constatados num hospício; um outro jornal, citando o primeiro, colocou-os em quarenta; um terceiro, citando o segundo, colocou-os em

quatrocentos, e acrescenta que se vai aumentar o hospício, e todos os jornais hostis de repetir à porfia dessa história: depois o Monsenhor de Argel, levado por seu zelo, retomando-a desde os alicerces, a amplia ainda dizendo que as casas de alienados da França, da Inglaterra e da América *transbordam* de vítimas da nova doutrina. Coisa curiosa, cita a Inglaterra que é um dos países onde o Espiritismo está menos difundido, e onde há certamente menos adeptos do que na Itália, na Espanha e na Rússia.

Que uma brochura efêmera e sem importância, que um jornal pouco difícil sobre a fonte das novidades que narra, avancem um fato arriscado pela necessidade da causa, não há nisso nada de espantoso, embora isso não seja mais moral: mas um documento episcopal, tendo um caráter oficial, não deveria conter coisas de uma autenticidade de tal modo averiguada, que deveria escapar até mesmo à suposição de inexatidão, mesmo involuntária.

Quanto à paz das famílias perturbadas pela prática do Espiritismo, não conhecemos nesse caso senão aquelas em que as mulheres, enganadas por seus confessores, foram solicitadas a abandonar o teto conjugal para se subtraírem às influências demoníacas trazidas pelos seus maridos espíritas. Em caso contrário, são numerosos os exemplos de famílias outrora divididas cujos membros se reaproximaram depois dos conselhos de seus Espíritos protetores e sob a influência da Doutrina que, a exemplo de Jesus, prega a união, a concórdia, a doçura, a tolerância, o esquecimento das

injúrias, a indulgência para com as imperfeições de outrem, e conduz à paz onde reinava a cizânia. E ainda aí o caso de dizer que se julga a qualidade da árvore pelo seu fruto. E um fato averiguado que, quando há divisão nas famílias, a cisão parte sempre do lado da intolerância religiosa.

A carta pastoral termina pela ordem seguinte:

"A essas causas, e o Espírito Santo evocado, temos ordenado e ordenamos o que segue:

"Art. 1º. A prática do Espiritismo ou a invocação dos mortos é interditada a todos e a cada um na diocese de Argel.

"Art. 2. Os confessores recusarão a absolvição a quem não renuncie a toda participação, seja como médium, seja como adepto, seja como simples testemunha em sessões privadas ou públicas, ou, enfim, em uma operação qualquer de Espiritismo.

"Art. 3. Em todas as cidades da Argélia o nas paróquias rurais onde o Espiritismo se introduziu com algum estrondo, senhores curas lerão publicamente esta carta no púlpito, o primeiro domingo depois de sua recepção. Por toda a parte, alhures, será comunicada em particular, segundo as necessidades.

"Dada em Argel, a 18 de agosto de 1863."

É a primeira ordem Lançada para o efeito de interditar oficialmente o Espiritismo numa localidade. E ela de 18 de agosto de 1863; esta data marcará nos anais do Espiritismo, como a de 9 de outubro de 1860, dia para sempre memorável

do auto-de-fé de Barcelona, ordenado pelo bispo dessa cidade, Os ataques, as críticas, os sermões nada tendo produzido de satisfatório, quis-se dar um golpe pela excomunhão oficial. Vejamos se o objetivo será melhor alcançado.

Pelo primeiro artigo, a ordem se dirige a *todos* e a *cada um* na diocese de Argel, quer dizer, que a proibição de se ocupar do Espiritismo é feita a todos os indivíduos sem exceção. Mas a população não se compõe somente de católicos fervorosos; compreende, sem falar dos judeus, os protestantes e os muçulmanos, todos os materialistas, panteístas, incrédulos, livres pensadores, céticos e indiferentes, cujo número é incalculável; figuram no contingente nominal do catolicismo, porque foram nascidos e batizados nessa religião, mas em realidade eles mesmos se puseram tora da Igreja; nossa conta o Sr. Renam e tantos outros figuram na população católica. Sobre todos os indivíduos que não estão na estrita ortodoxia, a ordem é, pois, sem importância; assim o será por toda a parte onde semelhante proibição for feita. Sendo, pois, materialmente impossível que uma interdição dessa natureza, de qualquer parte que venha, alcance todo o mundo, por um que não será desviado, haverá cem deles que continuarão a disso se ocupar.

Depois colocam-se de lado os Espíritos que vêm sem ser chamados, mesmo junto daqueles a quem se proíbe de recebê-los; que falem àqueles que não querem escutá-lo; que

passem através das paredes quando lhes fechem a porta. Aí está a maior dificuldade, para a qual falta um artigo na ordem acima. Essa ordem não toca, pois, senão os católicos fervorosos; ora, frequentemente temos repetido, o Espiritismo vem dar a fé àqueles que não creem em nada os que estão na dúvida; àqueles que têm uma fé inabalável e a quem essa fé basta, e diz: guardai-a, e não procureis dela vos desviar; não diz a ninguém: "Mudai vossa crença para vir a mim;" há bastante a colher no campo dos incrédulos. Assim, a proibição não pode alcançar aqueles a quem o Espiritismo se dirige, e não alcança senão aqueles aos quais não se dirige. Jesus não disse: "Não são aqueles que se portam bem que têm necessidade de médicos." Se estes últimos vêm a ele, sem que os procure, é que nele encontram consolações e certezas que não encontram em outra parte, e neste caso passarão sobre a proibição.

Eis logo três meses que essa ordem foi dada, e já se pode apreciar-lhe o efeito. Desde o seu aparecimento, mais de vinte cartas nos foram escritas da Argélia, todas as quais confirmam o resultado previsto. Veremos o que delas há no próximo número.

(p. 336-346).

Revista Espírita de dezembro 1863

O Espiritismo na Argélia

A respeito de nosso artigo do mês último, sobre a

ordem do Mons., o bispo de Argel, várias pessoas nos perguntaram se lho havíamos endereçado. Ignoramos se alguém se encarregou desse cuidado; quanto a nós, não o fizemos, e eis a nossa razão:

Não temos nenhuma intenção de converter o Mons. de Argel às nossas opiniões. Teria ele podido ver, no envio direto desse artigo, uma espécie de desafio de nossa parte, o que não está no nosso caráter, O Espiritismo, ainda uma vez, deve ser aceito livremente e não violentar nenhuma consciência; deve atrair a ele pelo poder de seu raciocínio, acessível a todos, e pelos bons frutos que dá; deve realizar esta palavra do Cristo: Outrora o céu era ganho pela violência, hoje, o é pela doçura.” De duas coisas uma: ou o Mons. de Argel prende-se a não falar senão daquilo que sabe, ou não se prende a isso, No primeiro caso, deve por si mesmo pôr-se ao corrente da questão, e não se limitar aos escritos que são abundantes em seu sentido, se não quiser se expor a cometer lamentáveis erros: no segundo caso, isso seria trabalho perdido procurar abrir os olhos a quem quer fechá-los.

É um grave erro crer que a sorte do Espiritismo depende da adesão de tal ou aí individualidade: ele se apoia sobre urra base mais sólida: o assentimento das massas, nas quais as opiniões dos mais pequenos tem seu peso como a dos mais maiores. Não é uma única pedra que faz a solidez de um edifício, porque uma pedra pode ser derrubada; mas o conjunto de todas as pedras que lhe servem de fundação.

Numa questão de um tão vasto interesse, a importância das individualidades, consideradas em si mesmas, se apaga de alguma sorte; cada um traz seu contingente de ação, mas que alguns faltem ao chamado, o conjunto com isso não sofre.

Em sua opinião, o Mons. de Argel acreditou dever fazer o que fez: estava em seu direito; dizemos mais: tinha muito que fazê-lo uma vez que agiu segundo a sua consciência; se o resultado não responde sua espera, é que tomou caminho falso, eis tudo. Não nos pertence procurar mudar suas ideias, e, por esse motivo, não tínhamos que endereçar-lhe nossa refutação. Não escrevemos para ele, mas para a instrução dos Espíritas de todos os países, a fim de tranquilizá-los sobre as consequências de uma tentativa que provavelmente terá imitadores. Pouco importa, pois, a medida em si mesma: o essencial era provar que nem esta nem outras podem atingir o objetivo que se propôs: o aniquilamento do Espiritismo.

Em tese geral, em todas as nossas refutações, jamais tivemos em vista os indivíduos, porque as questões pessoais morrem com as pessoas, O Espiritismo vê as coisas de mais alto; liga-se às questões de princípio, que sobrevivem aos indivíduos. Num tempo dado, todos os detratores atuais do Espiritismo estarão mortos; uma vez que, quando vivos, não detiveram seu impulso, ou poderão ainda menos quando não estiverem mais aqui; muito ao contrário, mais de um, reconhecendo seu erro, secundará como Espírito o que havia combatido como homem, assim como o fez luz o bispo de

Barcelona, que recomendamos às preces de todos os Espíritas, segundo o desejo que manifestou. Vede já se, antes de partir, mais de um antagonista não está morto moralmente! De todos os escritos que pretendem pulverizar a Doutrina, quantos sobreviveram? Um ano ou dois bastaram para colocar a maioria no esquecimento, e aqueles que fizeram mais barulho não lançaram senão um fogo de palha, já extinto ou se extinguindo a cada dia; ainda alguns anos, e isso não será mais questão, serão procurados como raridades. Ocorre o mesmo com as ideias espíritas? Os fatos respondem à pergunta. E de presumir que depois de seus autores virão adversários mais temíveis que terão razão do Espiritismo? E pouco provável, porque não é nem o talento, nem a boa vontade, nem a alta posição que faltam àqueles hoje; são todo fogo e todo ardor; o que lhes falta, são argumentos que levem a melhor sobre os do Espiritismo, e certamente não é por falta de procurá-los; ora, a ideia espírita ganhando sem cessar partidários, o número dos adversários diminuirá em proporção, e se verão forçados a aceitar um fato realizado.

De resto, já dissemos que o clero não é unânime na sua reprovação contra o Espiritismo; conhecemos pessoalmente vários eclesiásticos que são muito simpáticos a esta ideia, e aceitando-lhe todas as consequências; eis disso uma prova bem característica. O fato seguinte, do qual podemos garantir a autenticidade, é muito recente.

Num compartimento da estrada de ferro se

encontravam dois senhores, um sábio, materialista e ateu ao grau supremo, e seu amigo, ao contrário, muito espiritualista. Discutiam calorosamente e sustentavam cada um a sua opinião. Numa estação subiu um Jovem abade que escutou primeiro a conversação, depois nela tomou parte. Dirigindo-se ao incrédulo, disse-lhe: Parece, senhor, que não credes em nada, nem mesmo em Deus?

É a verdade, eu o confesso, senhor abade, e ninguém ainda pôde me provar que estou no erro. – Pois bem!! eu vos convido a ir aos Espíritas, e crereis. – Como! senhor abade, que me tendes semelhante linguagem? – Sim, senhor, e digo-o porque é minha convicção. Sei, por experiência, que quando a religião é impotente para vencer a incredulidade, o Espiritismo dela triunfa. – Mas, que pensará vosso bispo se souber o que me dizeis aqui?

– Pensaria disso o que quisesse, e dir-lho-ia a ele mesmo, que tenho por hábito não esconder meu modo de pensar.

Foi esse próprio sábio que contou o fato a um de seus amigos, de quem o temos.

Eis um outro deles não menos significativo. Um de nossos fervorosos adeptos, tendo ido ver um de seus tios, cura de uma aldeia, encontrou-o ocupado em ler *O Livro dos Espíritos.* Transcrevemos textualmente o relato que nos deu de sua conversação. Ora essa! meu tio, ledes este livro, e não tendes medo de ser condenado? Sem dúvida, é para refutá-lo

em vossos sermões? – Ao contrário, essa doutrina me tranquiliza sobre o futuro, porque compreendo hoje muitos mistérios que não tinha podido compreender, mesmo no Evangelho. E tu, é que conheces isto? – Como, pois, se o conheço! Sou Espírita de coração e de alma, e além disso um pouco médium. – Então, meu caro sobrinho, toca aqui! Jamais pudemos nos entender sobre a religião, agora nos compreenderemos. Por que não me falaste ainda disso? – Temia vos escandalizar. – Tu me escandalizavas outrora muito mais por tua incredulidade. – Se era incrédulo, fostes vós a sua causa. – Como assim? – Não fostes vós que me educastes? E o que foi que me ensinastes com relação à religião? Quisestes sempre me explicar o que vós mesmo não compreendíeis; depois, quando vos questionava e que não sabíeis o que me responder, dizíeis: "Cala-te, infeliz! é preciso crer e não procurar compreender. Tu não serás jamais senão um ateu. Agora, sou eu talvez que poderia vos servir de exemplo. Também, sou eu que me encarrego de instruir meu filho; ele tem dez anos, e vos asseguro que é mais crente do que eu não o era em sua idade, nas vossas mãos, e não temo que perca jamais a sua fé, porque compreende tudo tão bem quanto eu. Se vísseis como ele ora com fervor, como é dócil, laborioso, atento a todos seus desejos, seríeis disso edificado. Mas, dizei-me, meu tio, é que pregais o Espiritismo aos vossos paroquianos? – Disso não é o bom desejo que me impede, mas tu compreendes que isto não é possível. – E que vós lhes falastes sempre ria fornalha do diabo, como no meu tempo? Posso vos dizer isto agora sem

vos ofender; mas, verdadeiramente, isso nos fazia rir muito; entre vossos ouvintes, vos certifico que não havia somente três ou quatro boas mulheres que acreditavam naquilo que dizíeis; as jovens, que são comumente muito medrosas, iam "brincar com o diabo", saindo do sermão. Se esse receio teve tão pouco poder sobre pessoas do campo, naturalmente supersticiosas, julgai de que isso deve ser naqueles que são esclarecidos. Ah! meu caro tio, é grande tempo de mudar de bateria, porque o diabo terminou seu tempo. – Bem o sei, e o pior de tudo isso, é que a maioria não crê mais em Deus do que no diabo, é porque estão mais frequentemente no cabaré do que na igreja. Estou, asseguro-te, algumas vezes muito embaraçado para conciliar meu dever e minha consciência: traio de tomar um meio-termo; falo mais frequentemente de moral, dos deveres para com a família e a sociedade, apoiando-me sobre o Evangelho, e vejo que sou melhor compreendido e melhor escutado, – Que resultado pensais que se obteria pregando-lhes a religião do ponto de vista do Espiritismo? – Fizeste-me tua confissão, vou te fazer a minha e falar-te com o coração aberto. Tenho a convicção de que, antes de dez anos, não haverá um único incrédulo na paróquia, e que todos serão homens honestos; o que lhes falta é a fé neles não há mais dela, e seu ceticismo, não tendo o contrapeso o respeito humano que a educação dá, tem alguma coisa de bestial. Falo-lhes de moral, mas a moral sem a fé não tem base, e o Espiritismo lhes daria essa fé; porque essas pessoas, apesar de sua falta de instrução, têm muito de bom senso; raciocino mais do que não se crê, mas

são extremamente desconfiadas, e essa desconfiança faz que queiram compreender antes de crer: ora, não há para isso nada melhor do que o Espiritismo. – A consequência daquilo que dissestes, meu tio, é que, se esse resultado é possível numa paróquia, o é igualmente nas outras; se, pois, todos os curas da França pregassem apoiando-se sobre o Espiritismo, a sociedade seria transformada em poucos anos. E a minha opinião. – Pensais que isso chegará um dia? – Disso tenho a esperança. – E eu, tenho a certeza de que antes do fim deste século ver-se-á essa mudança. Dizei-me, meu tio, sois médium?

– Silêncio! (*baixinho)* Sim! – E que vos dizem os Espíritos? – Dizem-me que (Aqui o bom cura fala tão baixo que seu sobrinho não pode ouvir.)

Dissemos que a ordem do Mons. de Argel não tinha detido o impulso do Espiritismo nesse país; o extrato seguinte de duas cartas, entre muitas outras análogas, pode disso dar uma ideia.

"Caro e venerado mestre, venho hoje, confirmando-vos minha precedente cada, e por ocasião da circular do Mons. bispo de Argel, vos renovar a segurança da ligação inviolável de todos os Espíritas de nosso grupo à santa e sublime doutrina do Espiritismo, que não se chegará jamais a nos persuadir se a obra é do diabo, porque nos arrancou da dúvida e do culto da matéria, e que ela nos torna melhores uns para com os outros, mesmo por nossos inimigos, por quem fazemos cada dia uma prece. Continuamos, como pelo

passado, a nos reunir e a receber as instruções de nossos Espíritos protetores, que nos asseguram que tudo isso que se passa é para o melhor e segundo as vistas da Providência. Todos nos dizem que os tempos estão próximos em que as grandes mudanças vão se operar nas crenças às quais o Espiritismo servirá de laço para levar todos os homens à fraternidade…"

Uma outra carta disse: A ordem do Mons. bispo de Argel tem fornecido ao nosso cura o assunto de um sermão fulminante contra o Espiritismo, mas isso ocorreu por conta de sua eloquência; engano-me, porque fez uma tão forte impressão sobre vários zombadores, que estes, vendo o Espiritismo levado a sério pela autoridade eclesiástica, disseram a si mesmos que ali deveria ter alguma coisa de sério; puseram-se, pois, a estudá-lo, e agora não têm nada mais disso e são dos nossos. De resto, o número dos Espíritas continua a aumentar e vários novos grupos estão em vias de se formar".

Toda a nossa correspondência é no mesmo sentido, e não nos assinala uma única defecção, mas somente alguns indivíduos que sua posição, dependente da autoridade eclesiástica, obriga a não se porém em evidência, sem cessarem, no entanto, de se ocupar do Espiritismo na intimidade ou no silêncio do gabinete. Podem-se impor os atos exteriores, mas não dominar a consciência. A comunicação adiante prova que, não mais entre os Espíritos do que entre os homens, o impulso não se abrandou.

Sétif, 17 de setembro de 1863.

"Venho a vós, meus amigos, cheio de alegria, vendo o Espiritismo fazer rápidos progressos, tomar cada dia novas forças, no meio dos entraves que lhe opõem. Essas forças não são unicamente do número, mais ainda as da união, da fraternidade, da caridade. Tende, pois, confiança, esperança e coragem caminhando nessa santa rota do progresso espírita, do qual nenhum poder humano vos deterá.

"No entanto, esperai a Luta, e preparai-vos para sustentá-la. Vossos inimigos que estão ali vos forjam pesadas cadeias com as quais esperam vos ter e vos domar. Que farão contra a vontade de Deus, que vos protege? Os fundamentos de sua fé se elevarão apesar de todos os empecilhos, Os servidores do Todo-Poderoso estão cheios de ardor e de zelo; não se deixarão abater; resistirão a todos os ataques; caminharão na senda, quando mesmo e sempre; os entraves, as cadeias se quebrarão como se fossem de vidro.

Eu vos digo, velai, orai estendei a mão aos infelizes, abri-lhe os olhos que estão fechados; que vossos corações e vossos braços estejam abertos a todos sem exceção. Espíritas, vossa tarefa é bela! o que há de mais belo, de mais consolador, do que esse pacto de união entre os vivos e os modos? Que imensos serviços poderemos nos dar mutuamente! Por vossas preces a Deus, falando do fundo do coração, muito podeis para o alívio das almas que sofrem, e quanto o benefício é doce ao coração daquele que o praticar Que tocante harmonia senão a das bênçãos que tereis

merecido! Ainda uma vez, orai elevando vossa alma ao céu, e ficai persuadidos de que cada uma de vossas preces será escutada e abrandará uma dor.

Compreendei bem que quanto mais conduzirdes os homens a vos imitar, mais o conjunto de vossas preces terá poder. Tomai os homens pela mão, e conduzi-los no verdadeiro caminho onde engrossarão a vossa falange. Pregai a boa doutrina, a doutrina de Jesus, a que o próprio Divino Mestre ensina em suas comunicações, que não fazem senão repetir e confirmar a doutrina dos Evangelhos. Aqueles que viverem verão coisas admiráveis, eu vo-lo digo.

"P. É preciso responder a essa ordem pela imprensa? – R. Meu Deus, permiti-me dizer-lhes o que penso! Estabeleceram eles uma rota; fazem-na varrer para que o povo ali passeie com mais comodidade e em maior número; também a multidão vem ali se espremer Deveis compreender a minha linguagem, um pouco enigmática. Vosso dever de Espírita é de lhes mostrar que tem liberta urna porta em lugar de fechá-la.

"São José".

Nota. Esta comunicação foi obtida por um operário, médium completamente iletrado, e que sabia apenas assinar; desde que é médium, escreveu um pouco, mas muito dificilmente. Não se pode, pois, supor que a dissertação acima seja a obra de sua imaginação.

(p. 361-366).

Elias e João Batista

Refutação.

Uma carta que nos foi endereçada contêm a passagem seguinte: Acabo de ter uma discussão com o cura daqui sobre a Doutrina Espírita: a respeito da reencarnação, disse-me para dizer-lhe qual dos corpos tomará o Espírito de Elias no último julgamento anunciado pela Igreja para se apresentar diante de Jesus Cristo; se será seu primeiro ou seu segundo. Não pude responder-lhe: ele riu e disse-me que não éramos fortes, os senhores Espíritas."

Não sabemos qual dos dois provocou a discussão; em todos os casos, há sempre imprudência em se envolver numa controvérsia quando não se sente com força para sustentá-la. Se a iniciativa veio de nosso correspondente, lembrar-lhe-emos o que não cessamos de repetir, que "o Espiritismo se dirige àqueles que não creem ou que duvidam, e não àqueles que têm uma fé e que essa fé basta; que não diz a ninguém para renunciar as suas crenças para adotar as nossas," e nisso é consequente nos princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professam, Por esse motivo, não saberíamos aprovar as tentativas, feitas por cedas pessoas, para converter às nossas ideias o clero de qualquer comunhão que seja. Repetiremos, pois, a todos os Espíritas: Acolhei com solicitude os homens de boa vontade; dai a luz àqueles que a procuram, porque com aqueles que creem tê-la não triunfareis não violenteis até de ninguém, não mais do clero do que dos laicos, porque vindes semear os campos

áridos; colocai a luz em evidência, para que aqueles que querem vê-la a olhem: mostrai os frutos da árvore, e dai de comer àqueles que tem fome, e não àqueles que dizem estar saciados. Se os membros do clero vêm a vós com intenções sinceras e sem pensamento dissimulado, fazei por eles o que fazeis para os outros vossos irmãos: instruí aqueles que o pedirem, mas não procureis conduzir à força àqueles que crerem sua consciência convidada a pensar de outro modo do que vós; deixai-lhes até que têm, como pedis que vos deixem a vossa; mostrai-lhes, enfim, que sabeis praticar a caridade segundo Jesus. Se atacam os primeiros, é então que se tem o direito de resposta e de refutação; se abrem a liça! e permitido segui-los sem se afastar, no entanto, da moderação da qual Jesus deu o exemplo aos seus discípulos; se nossos adversários disso de afastam por si mesmos, e preciso deixar-lhes esse triste privilégio que jamais é uma prova da verdadeira força. Se nós mesmos entramos há algum tempo no caminho da controvérsia, e se nós erguemos a uva lançada por algum dos membros do clero, se nos dará essa justiça que nossa polêmica jamais foi agressiva; se não tivessem atacado primeiro, sou nome jamais seria pronunciado por nós. Sempre desprezamos as injúrias e o personalismo dos quais fomos objetos, mas era de nosso dever tomar a defesa de nossos irmãos atacados e de nossa Doutrina indignamente desfigurada, uma vez que se chegou até a dizer, em pleno púlpito, que ela pregava o adultério e o suicídio. Dissemos e o repetimos, essa provocação era inábil porque ela conduz, forçosamente, ao exame de certas

questões que teria sido de urna melhor política deixar adormecidas, porque uma vez aberto o campo, não se sabe onde pode deter-se; mas o medo é mau conselheiro.

Isto dito, vamos tentar dar ao Sr., o cura citado mais acima, a resposta à pergunta que propôs. Todavia, não podemos nos impedir de notar que se seu interlocutor não era tão forte quanto ele em teologia, ele mesmo não parecia muito forte sobre o Evangelho. Sua questão retorna àquela que foi posta a Jesus pelos Saduceus; não tinha, pois, senão que se referir à resposta de Jesus, que tomamos a liberdade de lembrar-lhe, uma vez que não a sabe.

"Naquele dia, os Saduceus, que negam a ressurreição, vieram encontrá-lo e lhe propuseram uma questão, dizendo-lhe: "Mestre, Moisés ordenou que se alguém morresse sem filhos, seu irmão esposasse sua mulher, e suscitasse filhos ao seu irmão morto. Ora, havia entre nós sete irmãos, dos quais o primeiro, tendo esposado uma mulher, morreu: e não tendo tido filhos, deixou sua mulher ao seu irmão. A mesma coisa ocorreu ao segundo, ao terceiro e a todos os outros até o sétimo. Enfim, essa mulher morreu depois deles todos. Então, pois, que a ressurreição chegue, ia qual desses sete seria mulher, uma vez que o foi de todos?

"Jesus lhes respondeu: 'Estais no erro, não compreendendo as Escrituras nem o poder de Deus: porque *depois da ressurreição os homens não terão mulher, nem* as *mulheres marido; mas serão como* OS ANJOS DE DEUS NO CÉU. E pelo que é da ressurreição dos mortos, não lestes

estas palavras que Deus vos disse: Eu sou Deus de Abraão, o Deus do Isaac e o Deus de Jacó? Ora, Deus não é o Deus dos mortos, mas dos vivos. (São Mateus, cap. XXII, de 23 a 32.)

Uma vez que, depois da ressurreição, os homens serão *como os anjos do céu,* e que os anjos não têm corpo carnal, mas m corpo etéreo e fluídico, os homens não ressuscitarão, pois, não ais em carne e osso. Se João Batista foi Elias, não é senão na mesma alma tendo tido duas vestes deixadas em duas épocas diferentes sobre a Terra, e que não se apresentará nem com uma nem com a outra, mas com o envoltório etéreo próprio ao mundo invisível. Se as palavras de Jesus não vos parecem bastante claras, lede as de São Paulo (que reportamos adiante na página 372), elas são ainda mais explícitas. Duvidais de que João Batista foi Elias? Lede São Mateus, cap. XI, v. 13,14, 15: "Porque até João, todos os profetas, tão bem quanto a lei, profetizaram; e se quereis compreender o que vos digo, é *ele mesmo que* é *esse Elias que deve vir* Que ouça aquele que tem ouvidos para ouvir". Aqui não há nenhum equívoco; os termos são claros e categóricos, e para não ouvir é necessário não ter ouvidos, ou querer fechá-los. Sendo estas palavras uma afirmação positiva, de duas coisas uma: Jesus disse a verdade, ou está enganado. Na primeira hipótese, é a reencarnação atestada por ele; na segunda, é a dúvida lançada sobre todos os seus ensinamentos, porque se está enganado sobre um ponto, pôde se enganar sobre os outros: escolhei.

Agora, senhor cura, permiti que, ao meu turno, vos

dirija uma pergunta, à qual, sem dúvida, vos será fácil responder.

Sabeis que a Gênese, assinalando seis dias para a criação, não só da Terra, mas do Universo inteiro: sol, estrelas, Lua, etc., havia contado sem a geologia e a astronomia; que Josué havia contado sem a lei da gravidade universal; parece-me que o dogma da ressurreição da carne contou sem a química. E verdade que a química é uma ciência diabólica, como todas as que fazem ver claro ali onde se gostaria que se visse perturbação; mas, embora isso seja de sua origem, ela nos ensina uma coisa positiva, é que o corpo do homem, do mesmo modo que todas as substâncias orgânicas animais e vegetais, é composto de elementos diversos dos quais os princípios são: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono. Ela nos ensina ainda, – e notai que é um resultado da experiência, – que na morte esses elementos se dispersam e entram na composição de outros corpos, se bem que, ao cabo de um tempo dado, o corpo inteiro é absorvido. Está ainda constatado que o terreno que tem em abundância as matérias animais em decomposição são os mais férteis, e é na vizinhança dos cemitérios que os ímpios atribuem a fecundidade proverbial dos jardins dos Srs. curas do campo. Suponhamos, pois, senhor cura, que as batatas-inglesas sejam plantadas na vizinhança de uma fossa; essas batatas-inglesas vão se alimentar dos gases e dos sais provenientes da decomposição do corpo morto; essas batatas-inglesas vão servir para engordar as galinhas; essas galinhas, vós as

comereis, as saboreareis; de tal sorte de que vosso próprio corpo será formado de moléculas do corpo do indivíduo que está modo, e que isso não será menos dele embora tendo passado por intermediários. Teríeis, pois, em vos, partes que pertenceram a um outro. Ora, quando ressuscitardes ambos no dia do julgamento, cada um com vosso corpo, como fareis? Guardareis o que tendes de outro, ou o outro vos retomará o que lhe pertence, ou bem ainda teríeis alguma coisa da batata-inglesa ou da galinha? Questão pelo menos tão séria quanto aquela de saber se João Batista ressuscitará com o corpo de João ou de Elias Coloco-a em sua maior simplicidade, mas julgai do embaraço se, como isto é certo, tiverdes em vós as porções de cem indivíduos. Está ai, propriamente falando, a ressurreição da carne; mas diferente é a do Espírito, que não leva seu despojo com ele. Vede, adiante, o que disse São Paulo.

Uma vez que estamos no caminho de perguntas, eis uma outra delas, senhor cura, que ouvimos fazer por incrédulos: ela é estranha, é verdade, ao assunto que nos ocupa, mas é trazida por um dos fatos narrados acima. Segundo a Gênese, Deus criou o mundo em seis dias, e repousou no sétimo; é esse repouso do sétimo dia que é consagrado pelo do domingo, e cuja estrita observação é uma lei canônica. Se, pois, assim como o demonstra a geologia, esses seis dias, em lugar de serem de vinte e quatro horas, são de alguns milhões de anos, qual será a duração do dia de repouso? Como importância, esta pergunta vale bem as

outras duas.

Não creiais, senhor cura, que essas observações sejam o resultado de um desprezo das santas Escrituras; não, muito ao contrário; nós lhe damos talvez uma maior homenagem que vós mesmos. Levando em tonta a forma alegórica, nela procuramos o espírito que vivifica, ali encontramos grandes verdades, e por ali levamos os incrédulos a nelas crerem e a respeitá-las; ao passo que se prendendo à letra que mata, se lhes faz dizer coisas absurdas e se aumenta o número dos céticos.

(p. 367-370).

Revista Espírita de março 1864

A jovem obsidiada de Marmande

(Continuação)

Narramos, no número precedente (página 46), a notável cura obtida por meio da prece, pelos Espíritas de Marmande, de uma jovem obsidiada dessa cidade. Uma carta posterior confirma o resultado dessa cura, hoje completa. O rosto da criança, alterada por oito meses de torturas, retomou a sua frescura, sua aparência física e sua serenidade.

A qualquer opinião que se pertença, qualquer ideia que se tenha do Espiritismo, toda pessoa animada de um sincero amor ao próximo deveu se alegrar de ver a tranquilidade reentrar nessa família, e o contentamento suceder à aflição. É

lamentável que o Sr. cura da paróquia não haja crido dever associar-se a esse sentimento, e que essa circunstância lhe tenha fornecido o texto de um discurso pouco evangélico numa de suas práticas dominicais. Suas palavras, tendo sido ditas em público, são do domínio da publicidade. Se se tivesse limitado a uma crítica leal da Doutrina no seu ponto de vista, disso não falaríamos, mas cremos dever realçar os ataques que dirigiu contra as pessoas mais respeitáveis, tratando-as de saltimbancos, a propósito do fato acima.

"Assim, disse ele, o primeiro *engraxate que chegue* poderá, pois, se for médium, evocar o membro de uma família honrada, quando ninguém nessa família poderá fazê-lo? Não creiais nesses absurdos, meus irmãos; é do malabarismo, é da asneira. De fato, que vedes nessas reuniões? Carpinteiros, marceneiros, carpinteiros de carro, que sei ainda?…..Algumas pessoas me perguntaram se eu tinha contribuído para a cura da criança. "Não, lhes respondi; não estou nisso em nada; não sou médico."

"Não vejo lá, dizia aos pais, senão uma afecção orgânica da alçada da medicina;" acrescentando que se tivesse acreditado que as preces pudessem operar algum alívio, tê-las-ia feito há muito tempo.

Se o Sr. cura não crê na eficácia da prece em semelhante caso, fez bem em não falar disso; de onde é preciso concluir que, sendo homem consciencioso, se seus pais tivessem vindo lhe pedir missas pela cura da criança, ter-lhe-ia recusado o pagamento, porque se fosse aceito,

teria feito pagar por uma coisa que considera sem valor. Os Espíritas creem na eficácia das preces pelas doenças e as obsessões; eles pediram, curaram, e não pediram nada; bem mais, se seus pais estivessem na necessidade, lhes teriam dado.

"Esses são, disse ele, os charlatães e os malabaristas." Desde quando foram vistos charlatães fazerem seu ofício por nada? Fizeram dar aos doentes os amuletos? Fizeram sinais cabalísticos? Pronunciaram palavras sacramentais ligando-lhes uma virtude eficaz? Não, porque o Espiritismo condena toda prática supersticiosa; eles oraram com fervor, em comunhão de pensamentos; essas preces eram do malabarismo? Aparentemente não; uma vez que tiveram sucesso, é que foram escutadas.

Que o Sr. cura trate o Espiritismo e as evocações de absurdos e de asneiras, disso é o senhor, se tal é sua opinião, e ninguém tem nada a lhe dizer. Mas quando, para denegrir as reuniões espíritas, disse que não se veem ali senão carpinteiros, marceneiros e carpinteiros de carro, etc., não é para apresentar essas profissões como degradantes, e aqueles que as exercem como pessoas desprezíveis? Esqueceis, pois, senhor cura, que Jesus era carpinteiro, e que seus apóstolos eram todos pobres artesãos ou pescadores. E evangélico lançar, do alto do púlpito, o desdém sobre a classe dos trabalhadores que Jesus quis honrar nascendo entre eles? Haveis compreendido a importância de vossas palavras quando dissestes: "O primeiro engraxate que chegue poderá,

pois, evocar o membro de uma família honrada?" Vós o desprezais muito, pois, esse pobre engraxate quando limpa os vossos sapatos? Oh quê! porque sua posição é humilde não o achais digno de evocar a alma de um nobre personagem? Temeis, pois que essa alma não seja enlameada quando, por ela, se estenderão para os céus as mãos enegrecidas pelo trabalho? Credes, pois, que Deus faz uma diferença entre a alma do rico e a do pobre? Jesus não disse: Amai ao vosso próximo como a vós mesmos? Ora, amar seu próximo como a si mesmo, é não fazer nenhuma diferença entre si mesmo e o próximo; é a consagração do princípio: Todos os homens são irmãos, porque são filhos de Deus. Deus recebe com mais distinção a alma do grande do que a do pequeno? a do homem a quem fizestes um pomposo serviço, largamente pago, do que aquela do infeliz a quem não concedestes senão as mais curtas preces? Falais do ponto de vista exclusivamente mundano, e vos esquecestes que Jesus disse: "Meu reino não é deste mundo; lá as distinções da Terra não existem mais; lá, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos?" Quando ele disse: "Há várias moradas na casa de meu pai," isto significa que há ali uma para o rico e uma para o proletário? uma para o senhor e uma para o servidor? Não; mas que ali há uma para o humilde e uma outra para o orgulhoso, porque ele disse: "Que aquele que quiser ser o primeiro no céu seja o servidor de seus irmãos sobre a Terra." E, pois, àqueles que vos apraz chamar profanos de vos lembrar o Evangelho?

Senhor cura, em todas as circunstâncias, tais palavras seriam pouco caridosas, sobretudo no templo do Senhor, onde não deveriam ser pregadas senão palavras de paz e de união entre todos os membros da grande família; no estado atual da sociedade, é uma imperícia, porque é semear os fermentos do antagonismo. Que tivésseis uma tal linguagem na época em que os servos, habituados a dobrar-se sob o jugo, se acreditavam de uma raça inferior, porque se lhes havia dito, conceber-se-ia; mas na França de hoje, onde todo homem honesto tem o direito de levantar a cabeça, quer seja ele plebeu ou patrício é um anacronismo. Se, como é provável, houvesse no auditório carpinteiros, marceneiros, carpinteiros de carros e engraxates, deveram ser mediocremente tocados desse discurso; quanto aos Espíritas, sabemos que pediram a Deus para perdoar ao orador suas imprudentes palavras, e que eles mesmos perdoaram àquele que lhes disse: Racca; é o conselho que damos a todos os nossos irmãos.

(p. 80-83).

Extrato da ordem do Mons. bispo de Strasbourg.

Citamos pura e simplesmente a passagem dessa ordenação concernente ao Espiritismo, sem comentários e sem reflexões. Dando sua opinião sobre esse assunto, do ponto de vista teológico, o monsenhor está em seu direito, e desde que não ataca senão as coisas e não às pessoas, nada há a dizer; não haveria ali a discutir senão sua teoria, ora, é o

que foi feito tantas vezes, e seria supérfluo se repetir, tanto mais quanto ali não encontramos nenhum argumento novo. Colocamo-la sob os olhos de nossos leitores, a fim de que todos possam dela tomar conhecimento, e tirarem proveito segundo o julgarem a propósito.

"O demônio se esconde sob todas as formas possíveis, para eternizar sua conspiração contra Deus e os homens, para continuar sua obra de sedução. No paraíso, está disfarçado sob a forma da serpente; se for preciso, ou se isso puder contribuir para a realização de seus projetos, transforma-se em anjo de luz, como o provam mil exemplos consignados na história.

"Numa época mais recente, retirou mesmo do arsenal do inferno armas usadas na época e cobertas de ferrugem das quais se tinha servido em tempos mais recuados, mais particularmente no segundo ou terceiro século, para combater o cristianismo. As mesas girantes, os Espíritos batedores, as evocações, etc., são tantos artifícios, e Deus o permite para o castigo dos homens ímpios, curiosos e levianos. Se os maus gênios, como o asseguram as santas Escrituras, enchem o ar, se se unem aos homens em seus corpos e em suas almas (vede o livro de Job e muitas outras passagens das Escrituras), se podem fazer falar de madeira, uma pedra, uma serpente, as cabras, uma mula; se, junto do lago de Genesaré, recebem, a seu próprio pedido, a permissão de entrar nos animais imundos, lhes é também possível falar por meio de mesas, de escrever com os pés de

uma mesa ou de uma cadeira, de adotar a linguagem e de imitar a voz dos mortos ou dos ausentes, de contar coisas que nos são desconhecidas ou que nos parecem impossíveis, mas que, em sua qualidade de Espíritos podem ver e ouvir. Todavia, infelicidade aos homens insensatos, ociosos, imprevidentes e criminosamente indiscretos que procuram seu passatempo nos malabarismos diabólicos, que não temem recorrer a esses meios supersticiosos e proibidos para chegarem ao conhecimento do futuro e de outros mistérios que o demônio ignora ou não conhece senão imperfeitamente! Quem gosta do perigo perecerá no perigo; quem joga com as serpentes venenosas não escapará ao seu dardo assassino; quem se precipita nas chamas será reduzido a cinzas; quem procura a sociedade dos mentirosos e dos velhacos se tornará necessariamente sua vítima. Está aí um comércio com os maus anjos, aos quais os profetas do Antigo Testamento dão o nome que não se leva de boa vontade numa cátedra cristã. Quando essas evocações ocorrem, o maligno Espírito poderá bem-dizer, de início, uma ou outra verdade, e falar segundo os desejos dos curiosos, a fim de ganhar sua confiança. Mas as pessoas impacientes de penetrar os mistérios são seduzidas, ofuscadas, quando se aproxima de seus lábios a taça envenenada; são saciadas de todas as espécies de mentiras e de impiedades, são despojadas de todos os princípios cristãos, de todos os piedosos sentimentos. Feliz aquele que se apercebe a tempo que caiu entre mãos diabólicas e que pode, com o socorro de Deus, repelir os laços dos quais estava carregado!…"

Enquanto nossos antagonistas permanecerem no terreno da discussão teológica, convidamos aqueles de nossos irmãos que querem bem ouvir nossos conselhos, a se absterem de toda recriminação, porque a liberdade de opinião deve ser para eles quanto para nós. Ó Espiritismo não se impõe, aceita-se; ele dá suas razões e não acha mau que as combata, uma vez que isso seja com armas leais, e remete-se ao bom senso público para pronunciar-se. Se ele repousa sobre a verdade, triunfará apesar de tudo; se seus argumentos são falsos, a violência não os tornará melhores. O Espiritismo não quer ser acreditado sob palavra; ele quer o livre exame; sua propaganda se faz dizendo: Vede o pró e o contra; julgai o que satisfaça melhor vosso julgamento, o que responda melhor às vossas esperanças e às vossas aspirações, o que toque mais vosso coração, e decidi-vos em conhecimento de causa.

Censurando, em nossos adversários, o inconveniente das palavras e as personalidades, os Espíritas não devem incorrer na mesma censura; a moderação fez a sua força; nós os adjuramos para disso não renunciar. Em nome dos princípios do Espiritismo, e no interesse da causa, declinamos toda solidariedade com toda polêmica agressiva e inconveniente de qualquer parte que venha.

Ao lado de alguns fatos lamentáveis, como o de Marmande, deles poderíamos citar bom número de um outro caráter, se não temêssemos atrair desagregação aos seus autores, é porque não o fazemos senão com a maior reserva.

Uma senhora que conhecemos pessoalmente, bom médium, fervorosa Espírita assim como seu marido, estava, há seis meses, em artigo da morte; ela hauria em sua crença e em sua fé no futuro uma consoladora resignação nesse momento supremo, que via se aproximar sem temor. A seu pedido, o cura da paróquia, respeitável velhinho, veio para administrar-lhe. Sabeis, disse-lhe ela, que somos Espíritas; me dareis, apesar disso, os sacramentos da Igreja? -Por que não? respondeu o bom cura; esta crença vos consola; torna-vos ambos piedosos e caridosos; não vejo nada de mal nisso, conheço, *O Livro dos Espíritos;* não vos direi que me convenceu sobre todos os pontos, mas contém a moral que todo cristão deve seguir, e não vos censuro por lê-lo; somente, se há bons Espíritos, há deles também os maus; é contra estes que é preciso vos pôr em guarda; são estes que é preciso vos interessar em distinguir. Aliás, vede, meu filho, a verdadeira religião consiste na prece do coração e na prática de boas obras; tendes fé em Deus, orais com fervor, assistis vosso próximo tanto quanto o podeis, posso, pois, vos dar a absolvição."

(p. 83-85).

Uma rainha médium.

Não teríamos tomado a iniciativa do fato seguinte, mas não temos nenhum motivo de nos abster, uma vez que está reproduzido em vários jornais, entre outros a *Opinion nationale* e o *Siècle* de 22 de fevereiro de 1864, segundo o

Bulletin diplomatique.

"Uma carta emanando de uma pessoa bem informada revela que, recentemente, num conselho privado, onde era agitada a questão dinamarquesa, a rainha (Vitória) declarou que nada faria sem consultar o *príncipe Albert,* e, com efeito, depois de ter se retirado algum tempo em seu gabinete, ela retornou dizendo: que o príncipe se pronunciara contra a guerra. Este fato e *outros semelhantes* transpiraram e deram nascimento ao pensamento de que seria oportuno estabelecer uma regência."

Tínhamos, pois, razão quando escrevemos que o Espiritismo tem adeptos até sobre os degraus dos tronos; teríamos podido dizer: até sobre os tronos. Mas vê-se que os próprios soberanos não escapam à qualificação dada àqueles que creem nas comunicações de além-túmulo. Os Espíritas, que são tratados como loucos, devem se consolar de estar em tão boa companhia. O contágio é, pois, grande, uma vez que sobe tão alto! Entre os príncipes estrangeiros sabemos um bom número deles que têm essa pretensa fraqueza, uma vez que fazem parte da Sociedade Espírita de Paris. Como se quer que a ideia não penetre a sociedade inteira quando ela parte de todos os graus da escala?

O Sr. cura de Marmande pode ver por aí que não há médiuns senão entre os engraxates.

O *Journal de Poitiers,* que narra o mesmo fato, o faz seguir desta reflexão:

"Cair assim no domínio dos Espíritos, não é abandonar o das únicas realidades que têm direito de conduzir o mundo?"

Somos, até um certo ponto, da opinião do jornal, mas num outro ponto de vista. Para ele os Espíritos não são realidades, porque, segundo certas pessoas, não há de realidades senão naquilo que se vê e que se toca; ora, nessa conta, Deus não seria uma realidade, e, no entanto, quem ousaria dizer que ele não conduz o mundo? que nele não há acontecimentos providenciais para conduzir a tal resultado determinado? Pois bem! os Espíritos são os instrumentos de sua vontade; eles inspiram os homens, os solicitam, com seu desconhecimento, a fazer tal ou tal coisa, a agir num sentido antes que num outro, e isto nas grandes resoluções como nas circunstâncias da vida privada. Sob esse aspecto, pois, não somos da opinião do jornal.

Se os Espíritos inspiram de maneira oculta, é a fim de deixar ao homem seu livre arbítrio e a responsabilidade de seus atos. Se ele recebe a inspiração de um mau Espírito, pode estar *certo* de receber, ao mesmo tempo, a de um bom Espírito, porque Deus não deixa jamais o homem sem defesa contra as más sugestões; cabe a ele pesar e decidir segundo a sua consciência.

Nas comunicações ostensivas por via medianímica, o homem não deve mais fazer abnegação de seu livre arbítrio; seria um erro regular cegamente e sem exame todos os seus passos e providências segundo o conselho dos Espíritos,

porque os há que podem ter ainda as ideias e os preconceitos da vida; não há senão os Espíritos muito superiores que disso estão isentos. Os Espíritos dão seu conselho, sua opinião; em caso de dúvida, pode-se discutir com eles como se fazia quando vivos; então pode-se pesar a força de seus argumentos. Os Espíritos verdadeiramente bons não se recusam jamais a isso; aqueles que repelem todo exame, que prescrevem uma submissão absoluta, provam que contam pouco sobre a bondade de suas razões para convencer, e devem ser tidos por suspeitos.

Em princípio, os Espíritos não vêm para nos conduzir ao limite; o objetivo de suas instruções é nos tornar melhores, dar a fé àqueles que não a têm, e não nos *poupar o trabalho de pensar por nós mesmos.*

Eis o que não sabem aqueles que criticam as relações de além-túmulo; acham-nos absurdas, porque as julgam sobre a ideia que se fazem delas, e não sobre a realidade que não conhecem. Não é preciso, não mais, julgar as manifestações sobre os abusos ou as falsas aplicações que dela podem fazer algumas pessoas, não mais do que não seria racional julgar a religião pelos maus sacerdotes; ora, para saber se há boa ou má aplicação de uma coisa, é preciso conhecê-la, não superficialmente, mas a fundo. Se fordes a um concerto para saber se a música é boa, e se *os* músicos a executam bem, é preciso, antes de tudo, saber a música.

Estando isto posto, pode servir de base para apreciar o fato do qual se trata. Censurar-se-ia a rainha se ela tivesse

dito: “Senhores, o caso é grave, permiti-me recolher-me um instante e orar a Deus para me inspirar a resolução que devo tomar?” O príncipe não é Deus, é verdade; mas como ela é piedosa, é provável que terá pedido a Deus para inspirar a resposta do príncipe, o que se torna o mesmo; ela o faz intervir como intermediário, em razão da afeição que lhe tem.

As coisas podem ainda ter se passado de outra maneira. Se quando vivo o príncipe, a rainha tinha o hábito de nada fazer sem seu conselho, estando este morto, pede-lhe a opinião como se estivesse vivo, e não *porque é Espírito,* porque, para ela, ele não está morto; está sempre junto dela, seu guia, seu conselheiro oficial; não há entre ambos senão o corpo de menos; se o príncipe vivesse ela teria feito o mesmo; não há, pois, nada de mudado em sua maneira de agir.

Agora, a política do príncipe-Espírito é boa ou má? é o que não nos compete examinar. Ó que devíamos salientar é a opinião daqueles a quem pareceu bizarro, pueril, estúpido mesmo que uma pessoa em seu bom senso possa crer na realidade de alguém que não tem mais corpo, porque lhes apraz pensar que eles mesmos, quando estiverem mortos, não serão mais nada do todo. Aos seus olhos, a rainha não fez um ato mais sensato do que se ela tivesse dito: “Senhores, vou interrogar minhas cartas, ou um astrólogo.”

Se esse fato é sem grande consequência para a política, não ocorre o mesmo do ponto de vista espírita, pela repercussão que teve. A rainha poderia seguramente se

abster de dizer o motivo de sua ausência e que tal era o conselho do príncipe. Dizê-lo numa circunstância tão solene era fazer ato de alguma sorte público de crença nos Espíritos e em suas manifestações, e se reconhecer médium; ora, quando um tal exemplo vem de uma cabeça coroada, isto pode bem dar a coragem da opinião aos colocados menos alto.

Não se pode senão admirar a fecundidade dos meios empregados pelos Espíritos para obrigar os incrédulos a falar do Espiritismo e fazer sua ideia penetrar em todas as classes da sociedade. Nesta circunstância, forçoso lhe é criticar com comedimento.

(p. 85-87).

Revista Espírita de maio 1864

Curso público de Espiritismo em Lyon e em Bordeaux

Não se trata aqui, como se poderia crê-lo, de uma demonstração aprovadora da Doutrina, mas, ao contrário, de uma nova forma de ataque, sob um título atraente e um tanto enganador, porque aquele que sob a fé do programa, irá lá crendo assistir a lições de Espiritismo, será muito desapontado. Os sermões estão longe de terem o resultado que deles se espera; não se dirigem, aliás, senão aos fiéis; depois exigem uma forma muito solene, muito exclusivamente religiosa; ao passo que a tribuna de ensino permite maneiras mais livres, mais familiares; o orador

eclesiástico faz abstração de sua qualidade de sacerdote: torna-se professor. Esse meio triunfará? Ó futuro no-lo ensinará.

O Sr. abade Barricand, professor da Faculdade de Teologia de Lyon, começou no Pequeno-Colégio uma série de lições públicas sobre, ou melhor, contra o magnetismo e o Espiritismo. O jornal *la Vérité,* em seu número do dia 10 de abril de 1864, dá a análise de uma sessão consagrada ao Espiritismo, e salienta várias afirmações do orador; promete manter seus leitores ao corrente da continuação, ao mesmo tempo que trata de refutá-lo, o que, disso não duvidamos cumprirá muito bem, a julgá-lo pelo seu início. A conveniência e a moderação da qual deu prova até este dia, em sua polêmica, nos são garantia de que dela não renunciará nesta circunstância, no caso mesmo onde seu contraditor dela se afastar.

Enquanto o Sr. abade Barricand permanecer sobre o terreno da discussão dos princípios da Doutrina, estará em seu direito; não podemos estar descontente de não ser de nossa opinião, de dizê-lo, e de procurar provar que tem razão. Gostaríamos que, em geral, o clero fosse partidário do livre exame, como nós mesmos o somos. O que está fora do direito de discussão são os ataques pessoais, e sobretudo as personalidades maldosas; é quando, pelas necessidades de sua causa, um adversário desnatura os fatos e os princípios que quer combater, as palavras e os atos daqueles que os defendem. Semelhantes meios são sempre uma prova de

fraqueza e testemunham pouca confiança que tem nos argumentos tirados da própria culpa. São esses desvios da verdade que é essencial salientar na ocasião, permanecendo tudo no limite das conveniências e da urbanidade.

A *Vérité* resume assim como se segue uma parte da argumentação do Sr. abade Barricand:

"Quanto aos Espíritas que são muito mais numerosos, igualmente me empenho em vos provar que descem hoje do pretensioso pedestal sobre o qual o Sr. A. Kardec os fazia dominar em 1862. Em 1861, com efeito, o Sr. Kardec efetuou uma viagem em toda a França, viagem da qual complacentemente deu conta ao público. Oh! então, senhores, tudo estava para o melhor; os adeptos dessa escola se contavam por trinta mil em Lyon, por dois ou três mil em Bordeaux, etc., etc. O Espiritismo parecia ter invadido toda a Europa! Ora, o que se passa em 1863? O Sr. A. Kardec não faz mais viagem… não mais de relatório enfático! É que, provavelmente, constatou bom número de deserções, e a fim de não desencorajar o que resta ainda de Espíritas, por um estado pouco a seu favor, julgou prudente e sagaz abster-se. Perdão, senhores, eu me engano, o Sr. A. Kardec consagra algumas páginas de sua *Revista Espírita* (janeiro de 1864), a nos dar algumas notícias gerais sobre a campanha de 1863. Mas aqui, não mais cifras ambiciosas! Mas disso se guarda bem e com razão!… O Sr. Kardec se contenta em nos anunciar que o Espiritismo está sempre florescente, mais florescente do que nunca. Como prova ao apoio, cita a criação

de dois novos órgãos da escola, a *Ruche* de Bordeaux e a *Vérité* de Lyon; a *Vérité* sobretudo, que veio, disse ele, *colocar-se como atleta temível, por seus artigos de uma lógica tão apertada, que não deixam nenhuma presa à crítica.* Espero, senhores, vos demonstrar sexta-feira que a *Vérité* não é assim tão terrível quanto se quer dizê-lo.

"É fácil ao Sr. Allan Kardec colocar esta afirmação: *O Espiritismo está mais poderoso do que nunca,* e de citar como principal prova a *Ruche e a Vérité!* Senhores, que co-média tudo isso!… Esses dois jornais podem bem existir, sem ser precisamente obrigado a concluir que o Espiritismo dê um passo adiante?… Se me objetardes que esses jornais têm despesas e que para pagá-las são necessários assinantes ou se impor sacrifícios por muito deprimentes, vos responderei ainda: Comédia!… A caixa do Sr. A. Kardec está bem abastecida, diz-se; não é justo, racional, que venha em ajuda aos seus discípulos?"

O redator da *Vérité,* Sr. Edoux, acompanha essa citação da nota seguinte: "Ao sair do curso, tivemos um momento de conversa com o Sr. abade Barricand que, de resto nos recebeu de maneira muito cortês. Nosso objetivo era oferecer-lhe uma coleção da *Vérité,* a fim de que dela fale comodamente."

Veremos se o Sr. Barricand será mais feliz do que seus confrades, e se encontrará, enfim, o que tantos outros procuraram: argumentos esmagadores contra o Espiritismo. Mas para que tanto trabalho, uma vez que este morreu? Uma

vez que o Sr. Barricand o crê, deixemos-lhe essa doce crença, porque isso não será nem mais nem menos.

Não temos nenhum interesse de dissuadi-lo. Diremos somente que se não tem motivos de segurança mais sérios do que aqueles que faz valer, suas razões não são quase nada concludentes, e se todos os seus argumentos contra o Espiritismo são da mesma força, podemos dormir tranquilos.

Pode-se admirar que um homem sério tire conclusões tão arriscadas do que não fizemos de viagens no ano último, e se imiscua em nossos atos privados supondo o pensamento que devêramos ter para viajar ou não. De uma suposição ele tira uma consequência absoluta, o que não é de uma lógica muito rigorosa, porque, se as premissas não estão certas, a conclusão não saberia sê-lo. Isso não é responder, direis; mas não temos nenhuma intenção de satisfazer a curiosidade de quem quer que seja; o Espiritismo é uma questão humanitária; seu futuro está na mão de Deus, e não depende de tal ou tal providência de um homem. Lamentamos que o Sr. abade Barricand o veja de um ponto de vista tão estreito.

Quanto a saber se nossa caixa está bem ou mal abastecida, nos parece que supor o que há no fundo da bolsa de alguém, que não deu o direito de nela olhar, poderia passar por indiscrição; fazendo disso um texto de um ensino público, é uma violação da vida privada; supor o uso que uma pessoa deva fazer daquilo que se *supõe* que ela deva possuir, pode, segundo as circunstâncias roçar à calúnia.

Parece que o sistema do Sr. Barricand é de proceder por suposições e por insinuações; com um semelhante sistema, pode-se se expor a receber desmentidos; ora, nós lhe damos um formal desmentido a respeito de todas as alegações, suposições e deduções acima relatadas. Discuti quanto quiserdes os princípios do Espiritismo, mas o que fazemos ou não fazemos, o que temos ou não temos, é estranho à questão. Um curso não é uma diatribe; é uma exposição séria, completa e conscienciosa do assunto que se trata; se é contraditória, a lealdade quer que se coloque em frente os argumentos pró e contra, a fim de que o público julgue de seu valor recíproco; às provas é preciso opor provas mais preponderantes; é dar uma pobre ideia da força de seus próprios argumentos, procurando lançar o descrédito sobre as pessoas. Eis como compreendemos um curso, sobretudo da parte de um professor de teologia que deve, antes de tudo, procurar a verdade.

Bordeaux também tem seu curso público de Espiritismo, quer dizer, contra o Espiritismo, pelo Rev. Pe. Delaporte, professor da faculdade de teologia dessa cidade. A *Ruche* o anuncia nestes termos:

"Assistimos quarta-feira última, 13 do corrente, ao curso público de dogma, no qual o Rev. Pe. Delaporte tratou esta questão:

Da hipótese de uma nova religião revelada pelos Espíritos, ou o Espiritismo. O sábio professor não tendo ainda concluído, seguiremos com atenção suas lições, e dele

daremos conta com essa imparcialidade e essa moderação das quais um Espírita não deve jamais se afastar".

O *Sauveur des peuples,* em seus números de 17 e 24 de abril, dá o relatório das duas primeiras lições e delas faz uma crítica séria e cerrada que não deve deixar de causar algum embaraço ao orador. Assim, eis dois professores de teologia de incontestável talento, que, nos dois principais centros do Espiritismo na França, empreendem contra ele uma nova guerra, e se acham lutando, sobre os dois pontos com defensores que têm o que lhes responder. É que hoje se encontra o que era mais raro há alguns anos: homens que estudaram seriamente, e que não temem se estar sempre lutando. O que disso sairá? Um primeiro resultado inevitável: o exame mais aprofundado da questão por todo o mundo; aqueles que não leram quererão ler; aqueles que não viram quererão ver. Um segundo resultado será o de fazê-lo tomar a sério por aqueles que nele não veem ainda senão uma mistificação, uma vez que sábios teólogos o julgam digno de fazer o assunto de uma discussão pública séria. Um terceiro resultado, enfim, será de fazer calar o medo do ridículo que retém ainda muitas pessoas. Quando uma coisa é publicamente discutida por homens de valor, pró e contra, não se teme mais dela falar por si mesmo.

Do púlpito religioso a discussão passará muito seriamente na cátedra científica e filosófica. Essa discussão, pela elite dos homens inteligentes, terá por efeito esgotar os argumentos contraditórios que não poderão resistir à

evidência dos fatos.

A ideia espírita, sem dúvida, está muito difundida; mas não se pode dizer que está ainda no estado de opinião individual; o que se passa hoje tende a dar-lhe postura na opinião geral, e lhe determinará, num tempo próximo, o lugar oficial entre as crenças recebidas.

Aproveitamos com alegria a ocasião que nos é oferecida para dirigir as nossas felicitações e nossos encorajamentos a todos aqueles que, desafiando todo medo, tomam resolutamente na mão a causa do Espiritismo; somos felizes em ver o número deles que cresce todos os dias. Que perseverem, e verão logo os apoios se multiplicarem ao seu redor; mas que se persuadam também que a luta não terminou, e que a guerra a céu aberto não é mais de se temer; o inimigo mais perigoso é aquele que age na sombra e, frequentemente, se esconde sob uma máscara falsa. Nós lhes diremos, pois: Desconfiai das aparências; julgai os homens não pelas suas palavras, mas por seus atos; temei sobretudo as armadilhas.

(p. 152-155).

Revista Espírita de junho 1864

Conspirações contra a fé.

A história registrará a singular lógica dos contraditores do Espiritismo, da qual vamos dar algumas outras amostras.

Dirigem-nos do departamento da Haute-Marne a

ordenação do Mons. o bispo de Langres, onde se nota a passagem seguinte:

"… E eis o (a fé) que os homens que se dizem os amigos da humanidade, da liberdade e do progresso, mas que na realidade, a sociedade deve contar entre os seus mais perigosos inimigos, se esforçam, por todos os meios, de extirpar do coração das populações cristãs. Porque, é preciso dizê-lo, nossos muito caros irmãos, e é nobre dever vos advertir disso, a nós que estamos encarregados de velar pela guarda de vossas almas, a fim de que nossas advertências vos tornem prudentes e precavidos: Talvez jamais se viu uma conspiração mais odiosa, mais vasta, mais perigosa, mais sabiamente, quer dizer, mais satanicamente organizada contra a fé católica, do que a que existe hoje. Conspirações de sociedades secretas, que trabalham na sombra para aniquilar, se o pudessem, o catolicismo; conspiração do protestantismo que, por uma propaganda ativa, procura se insinuar por toda parte; conspiração dos filósofos racionalistas e anticristãos, que rejeitam, sem razão e contra toda razão, o sobrenatural e a religião revelada, e que se esforçam para fazer prevalecer no mundo letrado sua falsa e funesta doutrina; conspiração das sociedades espíritas que, pela superstição prática da evocação dos Espíritos, se entregam, e incitam outros a se entregarem, à pérfida maldade do espírito de mentira e de erro; conspiração de uma literatura ímpia ou corrupta; conspiração dos maus jornais e dos maus livros, que se propagam de maneira

assustadora, na sombra de uma tolerância ou de uma liberdade que se gaba como um progresso do século, como uma conquista daquilo que se chama o espírito moderno, e que não é isso menos um encorajamento para o gênio do mal, um justo motivo de dor para uma nação católica, uma armadilha e um perigo muito evidente para todos os fiéis, a qualquer classe a que pertençam, que não são suficientemente instruídos da religião, e o número deles é grande, infelizmente; conspiração, enfim, desse materialismo prático que não vê, que não procura, que não persegue senão o que interessa ao corpo e ao bem-estar físico; que não *se* ocupa mais da alma e de seus destinos como se não existissem, e cujo exemplo pernicioso seduz e arrasta facilmente as massas. Tais são, para notar, nossos muito caros irmãos, os perigos que correm hoje a fé… etc."

Estamos perfeitamente de acordo com o monsenhor no que toca às funestas consequências do materialismo; mas pode se admirar de vê-lo confundir, na mesma reprovação, o materialismo que nega tudo: a alma, o futuro, Deus, a Providência, com o Espiritismo que vem combatê-lo e dele triunfa pelas provas materiais que dá da existência da alma, precisamente com a ajuda dessas mesmas evocações pretensamente supersticiosas. Seria porque ele triunfa ali onde a Igreja é impotente? O monsenhor partilharia a opinião desse eclesiástico que dizia do púlpito: “Prefiro um ateu que não crê em nada a um Espírita que crê em Deus e em sua alma.” É uma opinião como outra, e não se podem disputar

os gostos. Qualquer que seja *a* do monsenhor sobre esse ponto, ficaremos encantados se consentisse em resolver as duas questões seguintes: "Como ocorre que, com a ajuda dos meios poderosos de ensino que a Igreja possui para fazer a verdade brilhar a todos os olhos, ela não haja podido deter o materialismo, ao passo que o Espiritismo, nascido ontem, reconduz cada dia incrédulos endurecidos? – O meio pelo qual se alcança um objetivo é pior do que aquele com a ajuda do qual não se o alcança?"

O monsenhor expõe uma profusão de conspirações que se dirigem ameaçadoras contra a religião; sem dúvida, não refletiu que, por esse quadro pouco tranquilizados para os fiéis, vai precisamente contra seu objetivo, e pode provocar mesmo, nestes últimos, deploráveis reflexões. Ao ouvi-lo, os conspiradores seriam cedo os mais numerosos.

Ora, que adviria num Estado se toda a nação conspirasse? Se a religião se vê atacada por tão numerosas coortes, isso não provaria em favor das simpatias que ela encontra. Dizer que a fé ortodoxa está ameaçada é confessar a fraqueza de seus argumentos. Se está fundada sobre a verdade absoluta, ela não pode temer nenhum argumento contrário. Soar o alarme, em semelhante caso, é da imperícia.

(p. 179-180).

Uma instrução de catecismo

Num catecismo de perseverança da diocese de

Langres, por ocasião da ordenação acima relatada, foi feita uma instrução sobre o Espiritismo e dado como assunto a tratar pelos alunos.

Eis a narração textual de um deles:

"O Espiritismo é a obra do diabo que o inventou. Entregar-se a isso, é colocar-se em relação direta com o demônio. Superstição diabólica! Deus *frequentemente permite essas coisas para reavivar* a *fé dos fiéis.* O demônio faz o bom, faz o santo; ele cita as palavras das Escrituras santas."

Esse meio de reavivar a fé nos parece muito mal escolhido.

"Tertuliano, que viveu no segundo século, nos conta que faziam as cabras e as mesas falarem; é a essência da idolatria. Essas operações satânicas eram raras em certos países cristãos, e hoje são muito comuns. Esse poder do demônio é mostrado em todo seu estrondo na aparição do protestantismo.

Eis as crianças muito convencidas do grande poder do demônio; não seria de temer que isso lhes fizesse duvidar um pouco do poder de Deus, quando se vê o primeiro se impor tão frequentemente sobre o segundo?

"O Espiritismo nasceu na América, no seio de uma família protestante, chamada Fox. O demônio apareceu primeiro por golpes que despertavam em sobressalto; enfim, impaciente com os golpes, procurou-se o que isso poderia

ser. A filha do Sr. Fox se pôs a dizer um dia; Bate aqui, bate lá, e batia-se onde ela queria."

Sempre a excitação contra os protestantes! Eis, pois, crianças instruídas pela religião no ódio contra uma parte de seus concidadãos, frequentemente contra os membros de sua própria família! Felizmente o espírito de tolerância que reina em nossa época aí faz contrapeso, sem isso ver-se-ia renovarem-se as cenas sangrentas dos séculos passados.

"Essa heresia logo se tornou vulgar; cedo contou com quinhentos mil sectários. Os Espíritos invisíveis se prendem a fazer todas as espécies de coisas. À simples pergunta de um indivíduo, mesas carregadas de várias centenas de livros se moviam; mãos sem corpo se faziam ver. Eis o que se passa na América, e isso chegou à França pela Espanha. Primeiro, o Espírito foi forçado por Deus e os anjos para dizer que era o diabo, para que não prenda mais em suas armadilhas as pessoas honestas."

Cremos estar bastante ao corrente da marcha do Espiritismo, e jamais ouvimos dizer que ele veio para a França pela Espanha. Seria um ponto da história do Espiritismo a retificar?

Vê-se, da confissão dos adversários do Espiritismo, com que rapidez a ideia nova ganhou terreno; uma ideia que, apenas eclodida, conquista quinhentos mil partidários não é sem valor e prova o caminho que fará mais tarde; também, há dez anos daqui, um deles lhe traz a cifra de vinte milhões

só na França, e predisse que dentro em pouco a heresia terá ganhado outros vinte milhões. (Ver a *Revista Espírita,* de junho de 1863.) Mas então, se todo mundo é herético, que restaria à ortodoxia? Não seria o caso de aplicar a máxima: Quando todo mundo está errado, todo mundo tem razão? Que teria respondido o instrutor, se uma criança terrível de seu jovem auditório lhe tivesse feito esta pergunta: "Como ocorre que a primeira pregação de São Pedro não teve senão três mil Judeus convertidos, ao passo que o Espiritismo, que é obra de Satã, fez logo em seguida quinhentos mil adeptos? É que Satã é mais poderoso do que Deus? – Talvez lhe tivesse respondido: "É porque eram protestantes."

"Satã disse que é um bom Espírito; mas é um mentiroso. Um dia se quis fazer uma mesa falar; ela não quis responder; acreditou-se que era a presença de eclesiásticos, que estavam lá, que a isso impediam. Enfim, dois golpes violentos vieram advertir que o Espírito estava ali. Perguntou-se-lhe: – Jesus Cristo é filho de Deus? – Não. – Reconheces a santa Eucaristia? – Sim. – A morte de Jesus Cristo aumentou teus sofrimentos? – Sim."

Há, pois, eclesiásticos que assistem a essas reuniões diabólicas. A criança terrível teria podido perguntar por que, quando eles vêm, não fazem o diabo fugir?

"Eis uma cena diabólica." Eis o que dizia o Sr. Allan Kardec: A esperteza dos Espíritos mistificadores ultrapassa tudo o que se pode imaginar: eram dois Espíritos, um fazendo o bom e o outro o mau; ao cabo de alguns meses um disse: –

Aborreço-me em vos repetir as palavras melosas que não penso. – És, pois, o Espírito do mal? – Sim. – Não sofres por não falar de Deus, da santa Virgem e dos santos? – Sim. – Queres o bem ou o mal? – O mal. – Não eras tu o Espírito que falou há pouco? – Não. -Onde estás? – No inferno.

– Sofres? – Sim. – Sempre? – Sim. – És submisso a Jesus Cristo?

– Não, a Lúcifer. – Ele é eterno? – Não. – Gostas do que tenho na mão? (eram medalhas da santa Virgem) – Não: acreditei vos inspirar confiança; o inferno me reclama, adeus!"

O relato é muito dramático, sem dúvida, mas aquele que provar que nele estamos por alguma coisa será muito hábil. É triste ver a que expedientes se é obrigado a recorrer para dar a fé. Esquece-se que essas crianças se tornarão grandes e refletirão. A fé que repousa sobre tais provas têm razão de temer as conspirações.

"Acabamos de ver o Espírito do mal forçado a confessar que era tal. Eis uma outra frase que o lápis escreveu por um médium: "Se queres te entregar a mim, alma, espírito e corpo, satisfarei teus desejos; se queres estar comigo, escreve teu nome sob o meu;" e ele escreveu: *Giefle* ou Satã. O médium tremia, e não escrevia; tinha razão. *Todas* essas sessões terminam com estas palavras: *Queres alistar-te?* "O demônio queria que se fizesse um pacto com ele. Entrega-me tua alma! disse um dia a alguém. – Quem és

tu? respondeu-se. – Eu sou o demônio. – Que queres? – Ter-te. O purgatório não é mais; os celerados, os maus, tudo isso ao céu."

Que dirão essas crianças quando forem testemunhas de algumas evocações, e que, em lugar de um pacto infernal, ouvirão os Espíritos dizerem: "Amai a Deus acima de todas as coisas, e a vosso próximo como a vós mesmos; praticai a caridade ensinada pelo Cristo; sede bons para todo mundo, mesmo para vossos inimigos; orai a Deus, e segui seus mandamentos para serdes felizes neste mundo e no outro?

"Todos esses prodígios, todas essas coisas extraordinárias, vêm dos Espíritos das trevas. O Sr. Home, fervoroso Espírita, nos disse que algumas vezes o solo estremesse sob os pés, os apartamentos tremem, arrepia-se; uma mão invisível vos apalpa sobre os joelhos, as espáduas; uma mesa que salta. Pergunta-se-lhe: Estás tu ali? – Sim. – Dê provas disso. E a mesa se ergue duas vezes!"

Ainda uma vez, tudo isso é muito dramático; mas, entre os jovens ouvintes, mais de um, sem dúvida, desejou ver e não deixará de fazê-lo na primeira ocasião. Encontrar-se-ão também moças impressionáveis, de organização delicada, que, ao menor prurido, crerão sentir a mão do diabo e se sentirão mal.

"Todas essas coisas são ridículas; a santa Igreja, nossa mãe de todos, nos faz ver que isso não é senão uma mentira".

Se tudo isso é ridículo e mentira, por que, pois, dar-lhe tanta importância? Por que assustar as crianças com quadros que não têm nenhuma realidade? Se há mentira, não é nesses mesmos quadros?

"Por exemplo, a evocação dos mortos, não é preciso crer que sejam nossos parentes que nos falam; é Satã que nos fala e que se dá por um morto. Certamente estamos em comunicação pela comunhão dos santos. Temos, na vida dos santos, exemplos de aparição de mortos; mas é um milagre da sabedoria divina, e esses milagres são raros. Eis o que se nos disse: Os demônios se dão algumas vezes por mortos; se dão algumas vezes também por santos."

Algumas vezes, não sempre; portanto, pode ocorrer que o Espírito que se comunica não seja um demônio.

"Podem fazer muito outra coisa. Um dia, um médium que não sabia desenho, reproduziu, a mão conduzida por um Espírito, as imagens de Jesus Cristo e da Santa Virgem, que apresentadas a alguns de nossos melhores artistas, foram julgadas dignas de serem expostas."

Ouvindo isso, um aluno poderia bem-dizer: Se um Espírito pode conduzir-me a mão para fazer meu dever e me fazer ganhar um prêmio! Tentemos!

"Saul consultou a Pitonisa de Endor, e Deus permitiu que Samuel lhe aparecesse para dizer-lhe: Por que perturbas meu repouso? Amanhã estarás comigo no túmulo. Nossos Sauis de salão deveriam pensar muito nessa história. São

Felipe de Neri nos disse: Se a santa Virgem vos aparecesse, ou mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo, *escarrai-lhe no rosto,* porque isso não seria senão uma mentira do demônio para vos induzir em erro.

Em que se torna então a aparição de Nossa Senhora da Salette a duas pobres crianças? Segundo essa instrução de catecismo, deveriam escarrar-lhe no rosto.

"Nosso santo pai o papa Pio IX proibiu expressamente entregar-se a essas coisas. Mons. o bispo de Langres, e muitos outros ainda, fizeram isso igualmente. Há perigo para a sua vida: dois velhos se suicidaram, porque os Espíritos lhes disseram que depois de sua morte gozariam duma felicidade infinita; perigo para a razão: vários médiuns se tornaram loucos, e se contam numa casa de alienados mais de quarenta indivíduos que o Espiritismo tornara loucos."

Não conhecemos ainda a bula do papa que proíbe expressamente de se ocupar com essas coisas; se ela existisse, Mons. de Langres e outros não teriam deixado de mencioná-la. A história dos dois velhos, aos quais fez alusão, é inexata; foi provada, por peças oficiais, depositadas em tribunal, e notadamente duas cartas escritas por eles antes de sua morte, que se suicidaram em consequência de perdas de dinheiro, e do medo de cair na miséria (Ver a *Revista Espírita* de abril de 1863). A de quarenta indivíduos doentes numa casa de alienados não é mais verídica. Estar-se-ia muito embaraçado em justificá-la pelos nomes desses pretensos loucos, dos quais um primeiro jornal trouxe o nome

de quatro, um segundo de quarenta, um terceiro de quatrocentos, um quinto disse que se trabalhava para o aumento do hospício. Um instrutor de catecismo deveria haurir essas notícias históricas em outro lugar do que nos boatos de jornais. As crianças às quais se vende seriamente semelhantes coisas as aceitam de confiança; quanto mais a confiança for grande, mais forte será a reação no sentido inverso quando, mais tarde, vêm a saber a verdade. Isto dito em geral e não exclusivamente para o Espiritismo.

Se analisamos esse trabalho de uma criança, seja bem entendido que não é a opinião da criança que refutamos, mas a da qual sua narração é o resumo. Se se pesquisassem com cuidado todas as instruções dessa natureza, estar-se-ia menos espantado dos frutos que delas se recolhem mais tarde. Para instruir a criança é preciso um grande tato e muito de experiência, porque não se imagina a importância que pôde ter uma única palavra imprudente que, do mesmo modo que a semente de uma má erva, germina nessas jovens imaginações como numa terra virgem.

Parece que os adversários do Espiritismo não acham que a sua ideia esteja bastante difundida; dir-se-ia que impelidos, apesar deles, a engenhar os meios de difundi-la ainda mais. Depois dos sermões, cujo resultado é conhecido, não se poderia encontrar um mais eficaz do que fazê-lo o assunto das instruções e dos deveres do catecismo. Os sermões agem sobre a geração que se vai; essas instruções dispõem ali a geração que chega. Estaríamos, pois, bem

errados em não lhes ser agradecidos.

(p. 180-185).

Revista Espírita de julho 1864

Reclamação do Sr. Abade Barricand

O número *da Revista* do mês de junho estava composto e em parte tirado, quando nos chegou a carta adiante do Sr. abade Barricand, ao qual fizemos responder o que segue:

"Senhor.

"O Sr. Allan Kardec encarrega-me de vos acusar o recebimento da carta que lhe endereçastes, *e* vos dizer que era supérfluo requerer para inseri-la na *Revista;* bastaria que lhe tivésseis dirigido uma retificação motivada para que a considerasse como um dever de imparcialidade e de lhe fazer direito. O número da *Revista* de 1º de junho, estando tirado no momento do recebimento de vossa carta, ela não poderá aparecer senão no número seguinte.

"Recebei, etc."

"Lyon, 19 de maio 1864.

"Senhor,

"Acabo de ler, no número da *Revista Espírita* domes de maio de 1864, um artigo onde meu curso é de tal modo mascarado e desfigurado, que me vejo na necessidade de lhe dar uma resposta, para destruir a impressão desfavorável que

esse artigo por certo deixou aos vossos leitores, com respeito à minha pessoa e ao meu ensinamento.

"Esse artigo é intitulado: *Curso público de Espiritismo em Lyon.* Jamais se viu figurar essa designação sobre nenhum de meus programas, e se alguém foi ao meu curso na crença de que assistiria a lições de Espiritismo, não é, como o insinuais, porque foi seduzido por um título *atraente e um pouco enganador,* mas unicamente porque não se deu ao trabalho de ler o que levam nossos cartazes.

"Ensinais aos vossos leitores que o *journal* LA VÉRITÉ *salienta várias de nossas afirmações,* e além disso que se *encarrega* de nos *refutar, ao que, disso não duvidamos,* acrescentais, e *cumprirá muito bem, julgando-o por seu início.* Mas não dais a conhecer essas afirmações. Nosso contraditor afirma, e é verdade, que *não é necessário ter feito a sua teologia para ter uma caneta,* e que não teme de vos perseguir *unicamente com as armas da razão e da fé em Deus que o Espiritismo dá;…* que a *tese paradoxal* que *sustentamos não se discute;…* que não *cederemos com dificuldade por acompanhar o Espiritismo ao cemitério, mas que não é preciso se apressar muito em soar o dobre de finados;…* que, por sua própria conta, está em condições *de amamentar por si mesmo, e sem muita dificuldade, essa pequena criança que se chama a Verdade;… que o sangue do futuro corre mais quente do que nunca nas veias do Espírita, e que tem a confiança íntima de que um dia nos será dado o tom definitivo do mais magnífico* TE DEUM.

"O Sr. Allan Kardec está muito senhor, seguramente, de se imaginar que essas afirmações copiam as nossas e de prometer, aos seus leitores, que, julgando-o, pelo seu início, o diretor da *Vérité* cumprirá sem dificuldade atarefa que se impôs de nos refutar; mas nós temos dificuldade em crer que, fora da escola espírita, tenha-se a mesma opinião, e não iríamos mesmo até supor que, se aprouvesse ao Sr. diretor da *Revista Espírita* de colocar inteiramente sob os olhos de seus assinantes o artigo onde nosso antagonista inicia a luta, muitos dentre eles teriam hesitado em considerá-lo como um início que promete uma refutação maravilhosa de nossas lições contra o Espiritismo.

"Mas digais talvez: o resumo que a *Vérité* dá de uma parte de vossa argumentação não a reproduziu com fidelidade? Não, senhor, esse resumo não é senão uma burlesca paródia dela. Tudo ali está falsificado, e nossa linguagem, e nossas ideias, e nosso raciocínio. Essas expressões altivas: *Fiz-me muito em vos provar, pretensioso pedestal… relatório enfático, cifras ambiciosas, comédia que tudo isso. A caixa do Sr. Allan Kardec está bem abastecida, não é justo que ela venha em ajuda aos seus discípulos,* etc., jamais entraram nas lições, e o Sr. diretor da *Vérité* ter-se-ia poupado o trabalho de colocá-la sobre nossa conta, se tivesse compreendido ou querido compreender o verdadeiro estado da questão que tratamos diante dele.

"De que se trata, com efeito? De dar *a* conhecer ao nosso auditório qual era, no fim de 1862 e no fim de 1863, a

situação do Espiritismo em Lyon. Ora, para não nos apoiarmos senão sobre os dados que nenhum espírita pode recusar, em lugar de falar de vossas viagens e de supor o que poderia conter a vossa caixa, estamos contentes de pôr em oposição a vossa brochura intitulada: *Viagem espírita em 1862,* e vosso artigo da *Revista Espírita* (janeiro de 1864), no qual dais conta, aos vossos assinantes, da situação do Espiritismo em 1863. Da diferença tão marcante de tom e de linguagem que se nota nesses dois documentos, acreditamos dever concluir, não como nos fez dizer a *Vérité,* que o Espiritismo está morto ou morrendo, mas que sofre, pelo menos em Lyon, um tempo de parada, se é que já não entrou num período de decadência. Em apoio a essa conclusão, lembramos as confissões do diretor da *Vérité;* porque, enquanto o Sr. Allan Kardec afirma que em 1862 podia-se, sem exagero, contar de 25 a 30 mil Espíritas lioneses, o Sr. Edoux não tem dificuldade de reconhecer que seu número hoje não passa de dez mil; ora, que outro nome, senão o de decadência, pode-se dar a uma tão sensível diminuição?

"Nada era mais fácil, isso nos parece, do que tomar o verdadeiro sentido de uma tão simples argumentação, *e* dele fazer uma análise exata; mas o Sr. diretor da *Vérité,* em lugar de se limitar a reproduzir fielmente a nossa exposição, pensou que seria mais picante dar aos seus leitores a bonita mostra de nosso curso que inseriu em seu jornal.

"Foi, todavia, nesse relatório, onde se descobre a cada linha a falta de lógica e de sinceridade, que acreditastes

poder dar por fundamento a essas insinuações malévolas que tendem a nos apresentar, aos vossos leitores, como um homem *que se imiscui em vossos atos particulares,* que *de uma simples suposição tira uma consequência absoluta;* que *supões o que há no fundo de vossa caixa para disso fazer um texto de um ensino público.* Tais acusações, lançadas ao acaso e sem sombra de provas, cai por si mesmas: basta, segundo a palavra de um antigo autor, trazê-las a luz para refutá-las: *Vestra exposuisse refellisse est.*

Acreditastes dever, terminando vosso artigo, nos ensinar como se deve fazer um curso de teologia; guardar-nos-emos muito de querer, ao nosso turno, vos dar a lição; mas que nos seja permitido, pelo menos, vos dar o conselho caridoso, se quereis vos poupar de muitos desmentidos, de não aceitar doravante, senão com uma certa desconfiança, os relatórios de vossos correspondentes; porque, para emprestar a linguagem de nosso bom La Fontaine:

> Nada é mais perigoso do que um ignorante amigo,
>
> Mais vale um sábio inimigo.

"Eu vos peço, e por necessidade vos requeiro, inserir integralmente esta resposta em vosso próximo número. "Aceitai a segurança de meus sentimentos distintos.

"A. Barricand.

"Decano da Faculdade de Teologia."

As palavras contra as quais reclama o Sr. abade

Barricand são estas: "É fácil ao Sr. Allan Kardec colocar esta afirmativa: *O Espiritismo está mais poderoso do que nunca,* e de citar como principal prova da criação da *Ruche* e da *Vérité!* Senhores, comédia que tudo isso!… Esses dois jornais podem bem existir, sem serem precisamente obrigados a concluir que o Espiritismo deu um passo avante…Se me objetais que esses jornais têm despesas, e que para pagá-las são necessários assinantes, ou sem impor sacrifícios muito deprimentes, eu responderia ainda: Comédia!… A caixa do Sr. Allan Kardec está bem abastecida, diz-se; não é justo, racional, que venha em ajuda aos seus discípulos?"

Elas são extratos textuais do jornal *la Vérité* de 10 de abril de 1864; não fizemos senão acrescentar as reflexões muito naturais que nos sugeriram, dizendo que não reconhecemos a ninguém o direito de supor o fundo de nossa bolsa, e de prejulgar o uso que fazemos daquilo que se supõe que possuímos, e ainda menos disso fazer o texto de um ensino público. (Ver a *Revista* do mês de maio, pág. 154.).

Sem procurar se o Sr. Barricand pronunciou as palavras que ele contesta, ou o equivalente, pode-se admirar de que não haja pedido, desde o início, a retificação ao jornal ao qual não fizemos senão lhes emprestar. Esse jornal é de 10 de abril; aparece em Lyon todas as semanas e lhe é endereçado; ora, sua carta é de 19 de maio, e cinco números tinham aparecido no intervalo. De duas coisas uma: essas palavras são justas ou elas são falsas; se são falsas, é que o redator, que declara, no artigo, ter assistido à lição do

professor, inventou-as; como ocorre então, nesse mesmo artigo, ele protesta contra a alegação de ser subvencionado por nós, dizendo que não tem necessidade do socorro de ninguém, e pode caminhar sozinho? Seria, pois, estranho desprezo. Como ocorre que, em presença desta dupla afirmação, o Sr. Barricand tenha deixados passar mais de um mês sem protestar? Seu silêncio, então que não podia isso ignorar, deveu ser considerado por nós como um assentimento, porque é muito evidente que, se tivessem sidos retificados na *Vérité,* nós não os teríamos reproduzido.

O Sr. abade Barricand retorna, em sua carta, sobre a tese que sustentou concernente à suposta decadência do Espiritismo, restringindo, todavia, a importância de suas expressões. Uma vez que esse pensamento o tranquiliza, nós lhe o deixamos de boa vontade, porque não temos nenhum interesse em dissimulá-lo. Que ele tire, pois, da ausência de estipulações precisas sobre o número de Espíritas todas as induções que queira, isso não impedirá às coisas seguirem seu curso. Pouco nos importa que nossos adversários creiam ou não creiam no progresso do Espiritismo; ao contrário, quanto menos nisso crerem, menos disso se ocuparão, e mais nos deixarão tranquilos; de boa vontade nos faremos mesmo os mortos se isso puder lhe ser agradável. Caberia a eles não nos despertar; mas enquanto crerem, fulminarão, anatematizarão, usarão de violência e perseguições, e não farão crer a ninguém que somos mortos seriamente.

Até o presente o clero acreditava que um meio de

amedrontar com respeito ao Espiritismo, e de fazê-lo repelir, era de exagerar desmedidamente o número de seus adeptos. Em muitos sermões, ordenações e publicações de todos os gêneros, estes não estavam apresentados como invadindo a sociedade e colocando, pelo seu crescimento, a Igreja em perigo? Afirmamos o progresso das ideias espíritas que, melhor do que quem que seja, estamos em condições de constatar; mas jamais caímos nesses cálculos hiperbólicos; jamais dissemos, como um certo pregador, que só em Bordeaux venderam-se, em pouco tempo mais de 170.000 francos de nossos livros. Não fomos nós que dissemos que havia 20 milhões de Espíritas na França, nem, como numa obra recente, 600 milhões no mundo inteiro, o que equivaleria a mais da metade da população total do globo. O resultado desses quadros foi diferente daquilo que deles se esperava; ora, se quiséssemos proceder por indução, suporíamos o Sr. abade Barricand de querer seguir uma tática contrária, atenuando os progressos do Espiritismo ao invés de exaltá-los. O que quer que seja, a estatística exata dos Espíritas é uma coisa impossível, tendo em vista o número imenso de pessoas simpáticas à ideia, e que não têm nenhum motivo de se porém em evidência, não sendo os Espíritas arregimentados como numa confraria. Enganar-se-ia muito tomando-se por base o número dos grupos oficialmente conhecidos, tendo em vista que não há a milésima parte dos adeptos que os frequentam; conhecemos tais cidades onde não existe nenhuma sociedade regular, e onde há mais Espíritas do que numa tal outra que delas conta várias.

Dissemos, aliás, as sociedades não são de nenhum modo uma condição necessária à existência do Espiritismo; elas se formam hoje, que cessem amanhã, sem que a sua marcha seja entravada no que quer que seja; *o Espiritismo é uma questão de fé e de crença e não de associação.*

Quem partilha nossas convicções a respeito da existência e da manifestação dos Espíritos, e das consequências morais que disso decorrem, é Espírita de fato, sem que tenha necessidade de estar inscrito num registro de matrícula ou de receber um diploma. Uma simples conversação basta para fazer conhecer aqueles que são simpáticos à ideia ou que a repelem, e, por aí, julga-se se ela ganha ou perde terreno.

A avaliação aproximada do número dos adeptos repousa sobre as relações íntimas, porque não existe nenhuma base para o estabelecimento de uma cifra rigorosa, cifra, de resto, incessantemente variável; tal carta, por exemplo, vai nos revelar toda uma família espírita, e, frequentemente, várias famílias, das quais não tínhamos nenhum conhecimento. Se o Sr. Barricand visse a nossa correspondência, talvez mudasse de opinião, mas nós não a temos.

A oposição que se faz a uma ideia está sempre em razão de sua importância; se o Espiritismo fosse uma utopia, dele não se teria ocupado mais do que de tantas outras teorias; a obstinação da luta é indício certo de que se o toma a sério. Mas se há luta entre o Espiritismo e o clero, a história

dirá quais foram os agressores. Os ataques e as calúnias dos quais foi objeto forçaram devolver as armas que se lhe lançaram, *e* de mostrar os lados vulneráveis de seus adversários; estes, assediando-o, detiveram sua caminhada? Não; é um fato adquirido. Se o tivessem deixado em repouso, o próprio nome do clero não teria sido pronunciado, e talvez aquele nisso teria ganho. Atacando-o em nome dos dogmas da Igreja, forçou a discussão do valor das objeções e, por isso mesmo, de entrar sobre um terreno que não tinha a intenção de abordar. A missão do Espiritismo é combater a incredulidade pela evidência dos fatos, de conduzir a Deus aqueles que o desconhecem, de provar o futuro àqueles que creem no nada; por que, pois, a Igreja lança anátema àqueles a quem dá essa fé, mais do que quando não acreditavam em nada? Repelindo aqueles que creem em Deus e em sua alma por ele, é constrangê-los a procurar um refúgio fora da Igreja. Quem, o primeiro, a proclamar que o Espiritismo era uma religião nova com seu culto e seus sacerdotes, se não foi o clero? Onde, até o presente, viram-se o culto e os sacerdotes do Espiritismo? Se jamais tornar-se uma religião, foi o clero que terá provocado.

(p. 193-199).

O Espiritismo em Constantinopla

Sob esse título, o jornal de Constantinopla publicou, no mês de março último, três artigos muito extensos sobre, ou melhor, contra o Magnetismo e o Espiritismo, que têm, nessa

capital, numerosos e fervorosos adeptos. Como em todas as críticas em geral, neles procuramos em vão alguns argumentos sérios, ao passo que ali vimos a prova evidente de que o autor fala de uma coisa que não conhece, ou que não conhece senão superficialmente; ele julga o Espiritismo sobre as aparências, sobre o ouvir-dizer, sobre a leitura de alguns fragmentos incompletos, sobre o relato de alguns fatos excêntricos repudiados pelo próprio Espiritismo, isso lhe parece suficiente para pronunciar um julgamento. Como se vê, é uma nova amostra da lógica de nossos antagonistas. O que parece ter lido melhor é o Sr. de Mirville, a magia do Sr. Dupotet e ávida do Sr. Home; mas da ciência espírita propriamente dita, não se veem nem estudos nem observações sérias.

Estamos longe de pretender que aquele que estuda o Espiritismo deve necessariamente aprová-lo; mas, se está de boa fé, em sua própria censura não se afastará da verdade; não nos fará dizer o contrário daquilo que dizemos, o que chegará necessariamente se não sabe tudo o que dissemos. Não reconheceríamos por crítico sério senão aquele que, saindo das generalidades, opusesse aos nossos argumentos peremptórios, e provasse, sem réplica possível, que os fatos sobre os quais nos apoiamos são falsos, controversos e radicalmente impossíveis; é o que ninguém ainda fez, não mais o redator do jornal de Constantinopla do que os outros. O Espiritismo foi atacado de todas as maneiras, com todas as armas que se acreditou mais mortíferas; nada foi poupado

para aniquilá-lo, nem mesmo a calúnia; não será o mais medíocre escritor que, num opúsculo ou num folhetim, não se sinta lisonjeado em lhe dar um golpe de misericórdia; entre seus adversários, se encontram homens de um valor real que deveram rebuscar até o fundo o arsenal das objeções, com um ardor tanto maior quanto tinham interesse em abafá-lo. No entanto, o que quer que se haja feito, não só ele está ainda de pé, mas se estende cada dia mais; se implanta por toda parte; o número de seus adeptos cresce sem cessar; isto é um fato notório. Que é preciso disso concluir? é que não se lhe pode opor nada de sério e de concludente. Nosso contraditor de Constantinopla será mais feliz? Disso duvidamos muito se não tem melhores argumentos para fazer valer. Seus artigos, longe de deter o movimento espírita no Oriente, não podem senão favorecê-lo, como fizeram todos os do mesmo gênero, porque se voltam exatamente no mesmo círculo; é por isso que não temos de outro modo que nos preocupar com isso. Limitar-nos-emos a citar alguns fragmentos que resumem a opinião do autor.

Não há uma das objeções feitas contra o Espiritismo que não encontre sua refutação em nossas obras; se nos fosse necessário realçar todos os absurdos debitados a esse respeito, nos seria preciso, sem cessar, nos repetir, o que é inútil, uma vez que, em definitivo, essas críticas não tendo nenhum fundo sério servem bem mais do que prejudicam.

"Ao lado dos práticos hábeis, tais quais os mágicos como o Sr. Dupotet, ou os médiuns como o Sr. Home, vêm se

colocar os operadores de uma ordem diferente, nas primeiras linhas dos quais figura o Sr. Allan Kardec. Este pode ser apresentado como o padrão sobre o qual são calcados todo um quadro de Espíritas cuja boa fé não poderia ser colocada em dúvida.

"Os Espíritas de Constantinopla pertencem, assim como já o dissemos, a essa escola literária e artística, que milita principalmente por seus escritos, dos quais a *Revista Espírita* de Allan Kardec é o tipo mais perfeito. Foram os adeptos dessa categoria que estabeleceram a Doutrina. A teoria dos Espíritos não tem nenhum segredo para eles; também desdenham, o mais frequentemente, recorrer aos procedimentos materiais empregados pelos médiuns do comum. Eles têm manifestações diretas. Seu procedimento, tão simples quanto eles mesmos, consiste em pegar, como o faria o primeiro profano que chegasse, um lápis comum com ajuda do qual se colocam em relação imediata com os Espíritos, e escrevem sob seu ditado. Entre outras vantagens, esse método lhes permite colocar toda modéstia de lado, e de dar, às suas próprias obras, os louvores mais exagerados, cobrindo-se com o nome dos seus supostos autores.

"Antes de crer na exatidão de um médium escrevente *mecânico,* gostar-se-ia de ver escrever por um idiota alguma bela página, tal como os Espíritos que agem por via mediúnica jamais a ditaram. O médium *intuitivo é* mais aceitável; mas nos parece muito difícil que a experiência ensine a distinguir o pensamento do Espírito do do médium.

O papel desempenhado por este último pode, de resto, se explicar facilmente. Na maioria dos casos, é sincero, *e* é antes a ele do que aos operadores da ordem dos Srs. Home e Dupotet que se aplicaria com justeza o julgamento dado pelo Sr. conde Gasparin. Quanto à opinião do Sr. de Mirville, não há lugar de discutir aqui, porque está perfeitamente averiguado que nenhum médium, em Constantinopla pelo menos, não é feiticeiro.

"Se nos fosse preciso defender os Espíritas contra acusações tão odiosas quanto aquelas que rejeitamos aqui, nos bastaria demonstrar sua completa *inocência* em citar alguns dos ensinos que os Espíritos dão.

"Os diferentes planetas que circulam no espaço são povoados como nossa Terra. As *observações astronômicas* induzem a pensar que os meios onde vão seus habitantes respectivos são bastante diferentes para necessitar de organizações corpóreas diferentes; mas o *perispírito se* acomoda à variedade dos tipos e permite ao Espírito que ele recobre se encarnar na superfície de planetas diferentes.

"O estado moral, intelectual e físico desses mundos forma uma série progressiva, na qual nossa Terra não ocupa nem o primeiro nem o último lugar; no entanto, ela é um dos globos mais materiais e mais atrasados. Há os que onde o mal moral é desconhecido; onde as artes e as ciências são levadas a um grau de perfeição que não podemos compreender; onde a organização física não está sujeita nem aos sofrimentos, nem às doenças; onde os *homens* vivem em

paz, sem procurar se prejudicar, isentos de desgostos e de cuidados."

"Com meus novos instrumentos, esta noite, verei homens na lua…" disse em alguma parte o rei Alphonse; mais feliz do que ele, os Espíritas os viram, mas é muito errado que invejem a sorte dos lunáticos; nada poderia, cremos, impedi-los de gozar desses mundos comodamente.

"Vê-se, por tudo o que precede, ao que se reduz o maravilhoso e o sobrenatural do Espiritismo; basta, para reduzi-los a nada, examinar todos os fatos que citamos, sem partidarismo antecipado de nele encontrar as práticas da feitiçaria mais repreensível, ou a ação de um fluido dos quais os sábios negam a existência. Para quem quiser se dar ao trabalho de assistir às suas sessões sem se condenar a tomar os fatos que produzem por aquilo que eles os dão, *os* Srs. Home e Dupotet, assim como todos os operadores da mesma ordem, serão muito evidentemente mistificadores interessados. Suas operações são mais ou menos comparáveis, no que concerne à habilidade, às do Sr. Bosco, e este tem a mais a sinceridade, o que não permite levar mais longe a comparação entre eles."

"Bem diferentes dos mágicos dos quais acabamos de falar, os médiuns da categoria do Sr. Allan Kardec, categoria à qual pertencem geralmente os Espíritas de Constantinopla, são ao contrário os mistificados. Todos os seus esforços tendem a tornar cada vez mais completa a mistificação que dão a si mesmos. Apesar de toda boa vontade que nisso se

possa pôr, é verdadeiramente impossível levar a sério nenhuma de suas práticas. Todavia, é permitido lamentar que pessoas honestas passem assim a maior parte de seu tempo a se compenetrarem de erros que para elas se tornam realidade. Por inofensivos que possam parecer no fundo esses erros, não é menos verdadeiro que eles não podem produzir senão resultados funestos, uma vez que tomam o lugar da verdade; é nesse sentido que são condenáveis."

Os próprios Espíritas de Constantinopla se encarregaram de responder, por dois artigos que o jornal publicou em seus números de 21 e 22 de março último. Um é de um médium que dá conta da maneira pela qual a faculdade se desenvolve nele e triunfou de sua incredulidade. O outro, que reproduzimos adiante, está em nome de todos.

"Senhor redator,

'Vosso jornal acaba de publicar três longos artigos intitulados: *o Espiritismo em Constantinopla,* em seguida dos quais vimos vos pedir consentir em nos dar lugar para as poucas linhas seguintes:

"O VERDADEIRO ESPIRITISMO EM CONSTANTINOPLA"

"A doutrina que se baseia sobre a crença de um Deus infinitamente justo e infinitamente bom: o amor infinito; que indica por objetivo, aos Espíritos criados por esse mesmo Deus, a marcha para a perfeição cada vez mais completa; e por castigo, no estado de Espírito, a percepção perfeita desse objetivo com o desgosto de dele estar distanciado, ao mesmo

tempo que a necessidade de recomeçar essa marcha ascensional por novas encarnações… A doutrina que ensina a moral mais pura: ali está mesmo a que o Cristo ex-punha tão bem por estas simples palavras: *Amai-vos uns aos outros…* Uma tal doutrina de amor, dizemos claramente, pode perfeitamente abster-se das manifestações que o autor dos artigos, *O Espiritismo em Constantinopla,* depois de ter prometido explicá-la, fora do Espiritismo, limita-se a qualificar de mistificações.

"Mas essas manifestações, hoje tão completamente averiguadas, e das quais se encontra a prova a quase cada página da história humanitária, Deus as permite continuamente, a fim de dar a todos a prova da solidariedade que existe entre os Espíritos encarnados e os não encarnados; e isto, a fim de que uns e outros se ajudem mutuamente, e que o ser espiritual, chamado à vida eterna, possa alcançar mais facilmente e sobretudo mais seguramente o objetivo providencial assinado à criação.

Se os fatos de onde decorrem semelhantes teorias, que são a base da Doutrina Espírita, podem ser tomados, *por certas pessoas,* por mistificações, ao menos deveriam elas indicar-lhes as razões, e, o que valeria ainda mais, apresentar outras *teorias mais racionais* e sobretudo mais verdadeiras.

"Agora, chamai a verdade *feitiçaria, magia, prestidigitação* e outros epítetos ainda mais ridículos, não impedireis, a *esta verdade* de se propagar e de estender seus raios benfazejos sobre todo o gênero humano.

"Eis por que o Espiritismo se propagou tão rapidamente sobre toda a superfície da Terra; e, apesar das críticas do gênero dos supracitados artigos, isso não impede seus adeptos de se contarem por milhões.

"OS ESPÍRITAS DE CONSTANTINOPLA"

Dirigimos aos nossos irmãos Espíritas de Constantinopla, tanto em nosso nome pessoal quanto no dos membros da Sociedade de Paris, as sinceras felicitações que sua resposta merece, ao mesmo tempo digna e moderada. A carta seguinte, que a esse respeito nos escreveu o Sr. Repôs, advogado, presidente da Sociedade Espírita de Constantinopla, testemunha muito bem seu devotamento à causa da Doutrina, para que não nos façamos um dever e um sincero prazer de publicá-la, a fim de que os Espíritas de todos os países saibam que têm na capital do Oriente irmãos sobre a fraternidade dos quais podem contar. Falando do Oriente, não devemos nos esquecer os de Smirna; eles também têm direito a todas as suas simpatias.

"Constantinopla, 15 de junho de 1864."

"Caro mestre e muito honrado irmão em Espiritismo,

"Recebi, em tempo a vossa boa carta de 8 de abril último, que me deu o maior prazer, assim como aos irmãos Espíritas, aos quais não deixei de dar-lhes conhecimento em sessão.

"Todos os Espíritas de Constantinopla se juntam a mim, em conjunto, para assegurar de nossos sentimentos

fraternos a vós e a todos os Espíritas que fazem parte da Sociedade de Paris; e todos, vos agradecendo pelos encorajamentos que nos dais para nos ajudar a combater por nossa grande causa, ficai bem persuadido de que não falharemos na tarefa que empreendemos, e que todos os nossos esforços tenderão à propagação da verdade, do amor ao bem, e da emancipação intelectual dos outros homens, nossos irmãos em Deus, devêssemos sustentar as lutas mais obstinadas contra os nossos inimigos. Se há homens bastante servis e bastante frouxos para ousar combater a verdade, há também os bastante independentes e bastante corajosos para defendê-la, obedecendo nisso ao sentimento de justiça e de amor fraterno que fazem do ser humano um verdadeiro filho de Deus.

"Foi com um interesse muito vivo que li os detalhes interessantes contidos em vossa supradita carta, com relação ao progresso do Espiritismo na França e por todas as outras partes; esperamos que, no futuro, a ideia crescerá cada vez mais, e desejamo-lo ardentemente para nossos irmãos terrestres, de todos os países e de todas as religiões.

"O jato poderoso da revelação jorra de todas as partes: cego quem não o vê, imprudente quem o nega, insensato quem o combate procurando reprimi-lo em sua fonte; sua água pura e límpida, não parte do pé do trono eterno para se derramar em doce e fecundo orvalho sobre toda a Terra, que ela deve regenerar? Nenhuma força humana poderá, pois, comprimi-la!… E, com efeito, não

vemos que, desde que um jato surge em qualquer parte, se alguém faz esforços para comprimi-lo, logo se veem milhares de jatos surgirem em todas as direções e em todos os degraus da escala social? tanto é verdade que a vontade divina é onipotente, e que num momento dado nenhum obstáculo pode lhe ser oposto sob pena de ser derrubado e esmagado pelo carro brilhante da justiça e da verdade.

"Caro mestre, tenho um bem doce dever a cumprir, o de vos cumprimentar, tanto em meu nome como em nome de todos os nossos irmãos do Oriente, daquilo que as nossas obras sofreram a condenação da muito santa inquisição do pensamento, quero dizer, a condenação do *Index*. Rejubilai-vos, pois, com todos os nossos irmãos, se vossas obras levantaram tão altas cóleras que não puderam vos atingir senão se ridicularizando e deixando ver, cada vez mais a realidade. Esse julgamento já foi declarado nulo e o dito pelo não dito pela opinião pública de todos os países.

"Sem dúvida, recebestes os jornais de Constantinopla que lhe remeti, e nos quais se achava a maior parte dos artigos publicados contra o Espiritismo e contra os Espíritas. Vistes as nossas duas pequenas respostas; como as achou? Aqui elas produziram bom efeito, e agora fala-se do Espiritismo mais do que nunca. Esperamos impacientemente o que direis para nos ajudar a combater o embuste e a mentira, que são o único apanágio dos inimigos de nossa bela Doutrina.

"Aqui a perseguição surda que anunciastes começou;

um de nossos irmãos, devido à sua qualidade de Espírita, perdeu seu emprego; outros são perseguidos, ameaçados em seus mais caros interesses de família, ou em seus meios de existência, pelas manobras tenebrosas dos eternos inimigos da luz, e que ousam dizer que o Espiritismo é a obra do anjo das trevas! Se é assim que creem abafá-lo, enganam-se. A perseguição, longe de deter, faz engrandecer toda ideia que vem do alto; apressa a sua eclosão e sua maturidade, porque é o adubo que a fecunda; ela prova a ausência de todo meio inteligente para combatê-la. É que a ideia cristã foi abafada no sangue dos mártires?

"Até à vista, caro mestre; crede em meu devotamento muito sincero por vós e nossos irmãos Espíritas de Paris, aos quais vos peço fazer meus cumprimentos.

"B. REPOS júnior, advogado."

(p. 205-211).

Extrato do Progrès Colonial, Jornal Da Ilha Maurício

De 28 de março de 1864.

Ao Senhor Redator do PROGRÈS COLONIAL.

Senhor,

Conhecendo vosso liberalismo e sabendo também que vos ocupais do Espiritismo, consenti na cortesia de inserir em vosso próximo número a carta que vos envio, dirigida ao Sr. abade de Régnon, vos deixando a liberdade de fazer as reflexões que julgais conveniente fazê-lo, no interesse da

verdade.

Contando com a vossa imparcialidade, ouso acreditar que me abrireis as colunas de vosso jornal, para todas as reclamações do gênero daquela que tenho a honra de vos enviar.

Sou, senhor, vosso muito humilde servidor,

C.

Ao Senhor abade de RÉGNON.

"Port-Louis, 26 de março de 1864.

"Senhor abade,

"Em vossa conferência de quinta-feira última (24 de março), atacastes o Espiritismo, e gosto de crer que o fizestes de boa fé, se bem que os argumentos dos quais vos servistes contra ele não hajam talvez sido de uma inteira exatidão.

"Há a lamentar por nós, Espíritas bem convencidos, que hauristes em outra parte senão no conhecimento positivo dessa ciência; estudando-a um pouco, teríeis aprendido que rejeitamos, assim como vós, todas as comunicações emanadas de Espíritos grosseiros ou enganadores, que com a menor experiência é fácil de reconhecer, e que nos ligamos somente àquelas que se apresentam de maneira clara, racional, e segundo as leis de Deus, que, vós o sabeis como nós, permitiu em todos *os* tempos as manifestações espíritas; as santas Escrituras estão aí para disto fazer fé.

"De resto, não negais a existência dos Espíritos, ao contrário; somente não admitis deles senão os maus; eis a diferença que existe entre nós.

"Estamos seguros de que há os bons, e que seus conselhos, quando são seguidos, e todo verdadeiro Espírita nisso não falha, conduzem mais almas a Deus e fazem muito mais prosélitos para a religião do que não pensais. Mas compreender e praticar esta ciência, assim como todas as outras, é preciso primeiro dela se instruir e conhecê-la a fundo.

"Convido-vos, pois, senhor abade, primeiro no vosso interesse, depois no daqueles que têm a felicidade de vos ouvir, a ler uma das principais obras que apareceram sobre este assunto, *O Livro dos Espíritos,* ditado por eles ao Sr. Allan Kardec, presidente da Sociedade Espírita de Paris, composta de pessoas sérias e muito instruídas, em sua maioria.

"Ali, vereis como só os ignorantes se deixam enganar por falsos nomes e palavras mentirosas, e que *pelos frutos é muito fácil reconhecer a arvorei* Tenho necessidade, de resto, de vos lembrar da 4ª epístola de São João, versículos 1,2,3, sobre a maneira de provar os Espíritos?

"Sim, convenho com isto, o Espiritismo é uma ciência que, assim como o que há de melhor neste mundo, pode algumas vezes produzir grandes males, quando é exercido por aqueles que não a estudaram e a praticam ao acaso; mas

deveis, pois, vós homem sábio, julgá-la assim sem conhecê-la?

"E nossa bela religião cristã, em nome da qual um tão grande número de insensatos, de ignorantes, e mesmo de celerados cometeram tantos crimes, e fazem derramar tanto sangue, é preciso, pois, também julgá-la sobre as ações loucas ou criminosas desses infelizes?

"Não, senhor abade, não é nem justo, nem racional ter um julgamento temerário sobre coisas das quais primeiro não se estar assegurado; deixai a superfície, ide ao fundo para o estudo; então dela podereis tratar com conhecimento de causa e vos escutaremos com recolhimento, porque, então, estareis sem dúvida na verdade, e não sorriremos mais em nos falando baixinho:

"Ele fala do que ignora."

"UM ESPÍRITA."

Se o Espiritismo tem detratores, tem também por toda a parte defensores, mesmo nas regiões mais distantes; o autor desta carta publicou-a em folhetins, nesse mesmo jornal, um romance muito interessante do qual o Espiritismo forma a base e que contribuiu poderosamente para difundir estas ideias no país. Disso daremos conta ulteriormente.

(p. 214-215).

Extrato da *Revista Espírita D'Anvers*, sobre a cruzada contra o Espiritismo

(Número de junho de 1863.)

"Decididamente o Espiritismo é uma coisa horrível, porque jamais nem ciência, nem doutrina herética, nem o próprio ateísmo, não levantaram contra si um tão forte motim no seio da Igreja, quanto o fez o Espiritismo. Todos os recursos imagináveis, louváveis ou não, foram postos em jogo para abafá-lo primeiro, e depois, quando a impossibilidade desse aniquilamento foi demonstrada, para desnaturá-lo e apresentá-lo sob um aspecto negro de pecados. Pobre Espiritismo! não pedia senão um pequeno lugar ao sol para fazer o mundo desfrutar gratuitamente de seus benefícios; não pedia a essas pessoas que, na qualidade de discípulos em título do Cristo, do Homem-Amor, são levados a colocar a palavra de caridade inscrita em letras brilhantes sobre seus paramentos, e não lhes pedia senão poder conduzir, ao bom caminho, esses milhares de ovelhas que não foram capazes de nele se manter; não lhes pedia senão poder secundá-lo em sua obra de devotamento, curando-o por uma esperança fundada os pobres corações roídos pela gangrena da dúvida, – a esse pedido tão desinteressado, tão puro de intenção, não respondeu senão por um decreto de prescrição! Verdadeiramente se veem estranhas coisas neste mundo: os mensageiros oficiais da caridade condenam mais de nove décimos dos homens por que escapam à sua influência e condenam mais profundamente aqueles que querem salvar esses infelizes!

"Sem dúvida, pois, o Espiritismo é coisa muito culpável

uma vez que é de tal modo combatido, e é muito espantoso que uma doutrina tão perversa haja caminhado tanto em um tão curto lapso de tempo. Mas o que deve parecer muito mais espantoso ainda, é que esse abominável Espiritismo é tão solidamente estabelecido e tão lógico, que todos os argumentos que se lhe opõem, longe de fazê-lo abater e reduzi-lo a nada, longe mesmo de abalá-lo, vêm todos, ao contrário, contribuir, pela sua inanidade e sua impotência manifestas, à sua solidificação e à sua propagação. É, com efeito, aos entraves que quiseram suscitar-lhe, que ele deve em notável parte a rapidez de sua extensão, e as pregações sem freio de certos de nossos adversários, certamente, não ajudaram pouco a generalizá-lo. Está ele assim na ordem das coisas: a verdade nada tem a temer de seus detratores, e são eles mesmos que contribuem involuntariamente para fazê-la triunfar. O Espiritismo é um imenso foco de calor e de luz, e que sopra sobre esse braseiro, além de que infalivelmente se não queima um pouco, não obtêm outro resultado senão que reavivá-la mais.

"Entretanto, mandamentos e conferências parecem insuficientes para destruir o Espiritismo (estamos longe de negar essa insuficiência patente), também a Congregação romana vem colocar no *Index* todos os livros do Sr. Allan Kardec, livros que contêm o ensino universal dos Espíritos, e aos quais, Espíritas, todos nos ligamos. Que se nos permita fazer a este respeito as duas reflexões seguintes: Os livros espíritas em questão encerram em toda a sua pureza e com

os desenvolvimentos que o estado atual do espírito humano exige, os ensinos e os preceitos de Jesus, em que os Espíritos reconhecem um Messias: condenar estes livros, não é, pois, condenar ao mesmo tempo as palavras do Cristo, e colocar estes livros no *Index,* não é colocar ali de alguma sorte os evangelhos que estão de acordo conosco? Parece-nos que sim, mas é verdade que não o somos *infalíveis* como vós! Segunda reflexão: Esta medida que se toma hoje, não é tanto que seja pouco tardia? Por que esperar tão longo tempo? Além de que é mais ou menos inexplicável (a menos de crer que o Espiritismo vos pareça de tal modo verdadeiro e que estais de tal modo persuadidos de seu triunfo, que haveis hesitado por muito tempo em atacá-lo decididamente de frente, e que um interesse pessoal muito poderoso (porque não vos faremos a injúria de crer-vos ultra-ignorantes) só vós pudestes decidir a fazê-lo), além disso, dizemos nós, que é mais ou menos inexplicável, é ainda muito inábil. Com efeito, *O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns* e *A Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo,* estão atualmente nas mãos de milhares de pessoas, e duvidamos muito que a condenação da Congregação de Roma possa fazer achar agora mau e abjeto o que cada um julgou grande e nobre.

"O que quer que seja, os livros espíritas estão colocados no *Index.* Tanto melhor, porque muitos daqueles que ainda não os leram os devorarão; tanto melhor! porque de dez pessoas que os percorrerem, pelo menos sete serão convencidas, ou fortemente abaladas e desejosas de estudar

os fenômenos espíritas; tanto melhor! porque os nossos próprios adversários, vendo seus esforços não chegarem senão a resultados contrários àqueles que deles esperavam, se juntarão a nós, se possuem a sinceridade, o desinteresse e as luzes que seu ministério comporta. Assim o quer, aliás, a lei de Deus: nada no mundo pode ficar eternamente estacionário, mas tudo progride, e a ideia religiosa deve seguir o progresso geral, se ela não quiser desaparecer.

"Que os nossos adversários, pois, continuem a sua cruzada. Já colocaram em jogo as ordenações, os sermões, os cursos públicos, as influências ocultas e frequentemente vitoriosas na aparência, por causa do estado dependente daqueles sobre os quais elas pesam tiranicamente; usaram do auto-de-fé, queimando publicamente nossos livros em Barcelona; não podendo ali queimar senão alguns exemplares e estes se substituindo em número espantoso, puseram-nos, enfim, no *Index.* A inquisição não sendo, ah! mais tolerada, embora esteja bem longe de não mais existir sob uma outra forma e com a ajuda das influências ocultas das quais acabamos de falar, não lhes resta mais senão a excomunhão de todos os Espíritas em massa, quer dizer, de uma notável fração de homens e, em particular, de uma muito notável fração de cristãos (não falamos senão dos Espíritas confessos, porque o número daqueles que o são sem sabê-lo é inapreciável)".

(p. 215-218).

Revista Espírita de agosto 1864.

Resposta do redator de *La Vérité* à reclamação do Sr. Abade Barricand

Caro Senhor Allan Kardec,

Serieis bastante bom para inserir as poucas linhas seguintes no mais próximo número de vossa Revista?

Fiquei muito surpreendido, abrindo vosso último número (julho de 1864), de encontrar ali uma carta assinada Barricand, na qual esse teólogo me toma a partir do assunto do relatório que publiquei sobre um de seus cursos antiespíritas. (*La Vérité* de 10 de abril de 1864.)

As observações muito judiciosas das quais fizestes seguir esse inqualificável e muito tardio protesto, certamente, ter-me-iam dispensado de respondê-lo eu mesmo, *se* não tivesse medo de que, aos olhos de alguns, meu silêncio passasse por um defeito ou uma falta. Declaro abertamente que a minha consciência não poderia se associar à censura grave que me é feita de ter travestido, *falsificado* o curso do qual se trata; eu o afirmo diante de Deus: Se nem sempre reproduzi as mesmas frases, as mesmas palavras pronunciadas por meu contraditar, estou *convencido* de lhes ter dado o verdadeiro sentido.

Segundo isso, que a alta inteligência do Sr. abade Barricand julgue a minha muito ínfima e muito pesada por não ter podido agarrar o tema verdadeiro de seu discurso, através dos caminhos sinuosos, mas floridos, onde o

conduziu; que o Sr. abade Barricand tire dessa premissa a indução que, em semelhante ocorrência, não me é mais permitido nem afirmar, nem negar; é, minha fé, muito possível! Neste caso, e para ser fiel aos meus princípios de tolerância, consentiria quase repreender-me por ter defendido *la Vérité* e os outros jornais espíritas contra as acusações ilusórias, eclodidas em meu cérebro em delírio; a me bater no peito por ter compreendido que em lugar de soar o dobre de finados sobre nossas cabeças, contentar-se-ia, parece, em nos tatear o pulso.

Assim se acalmará, eu o espero, a ira do Sr. decano da Faculdade de teologia; assim estarão reabilitados aos olhos do mundo a sua pessoa e o seu ensino.

Aceitai, etc.

E. EDOUX,

Diretor de La Vérité.

(p. 245-246).

L'Avenir

Moniteur du Spiritisme.

Durante muito tempo estivemos sozinhos lutando para sustentar a luta iniciada contra o Espiritismo, mas eis que os defensores surgiram dos diversos lados e entraram audaciosamente na liça, como para dar um desmentido àqueles que pretendem que o Espiritismo com isso se vai. Primeiro *la Vérité* em Lyon; depois em Bordeaux: *la Ruche, le*

Sauveur, la Lumière; na Bélgica: a *Revista Espírita d'Anvers;* em Turim: os *Annalis du Spiritisme en Italie.* Estamos felizes em dizer que todos bravamente sustentaram a bandeira, e provaram aos nossos adversários que encontrariam com quem contar. Se damos justos elogios à firmeza das quais esses jornais deram prova, as suas refutações cheias de lógica, devemos sobretudo louvá-las por não terem se afastado da moderação, que é o caráter essencial do Espiritismo, ao mesmo tempo que a prova da verdadeira força; de não terem seguido nossos antagonistas sobre o terreno da personalidade e da injúria, sinal incontestável de fraqueza, porque não se chega a esse extremismo senão quando se está sem boas razões. Aquele que, em presença de argumentos sérios, os faz valer; não os substitui, ou se guarda de enfraquecê-los por uma linguagem indigna de uma boa causa.

Em Paris, um recém-chegado se apresenta sob o título sem pretensão de o *Avenir, Moniteur du Spiritisme.* A maioria de nossos leitores já o conhece, assim como seu redator-chefe, Sr. d'Ambel, e puderam julgá-lo pelas suas primeiras armas; o melhor reclame é o de provar o que se pode fazer; em seguida é o grande júri da opinião que pronuncia o veredicto; ora, não duvidamos que não lhe seja favorável, a julgá-lo pela acolhida simpática que recebeu em seu aparecimento.

A ele, pois, também as nossas simpatias pessoais, adquiridas de antemão por todas as publicações de natureza

a servir validamente à causa do Espiritismo; porque não poderíamos conscienciosamente apoiar nem encorajar aquelas que, pela forma ou pelo fundo, voluntariamente ou por imprudência, lhes seriam antes nocivas do que úteis, prestando-lhe flanco aos ataques e às críticas fundadas de nossos inimigos. Em semelhante caso, a intenção não pode ser refutada pelo fato.

Cartas sobre o Espiritismo

Escritas a eclesiásticos pela senhora J. B., com essa epígrafe de circunstância, e que é o sinal característico de nossa época:

> Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não poderíeis suportá-las agora. – Quando esse Espírito de verdade vier, vos ensinará toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas a virem. – E quando vier, convencerá o mundo no que respeita ao pecado, no que respeita à justiça, e no que respeita ao julgamento. (S. João, cap. XVI, v. 8, 12, 13.)

As reflexões que fizemos acima, a propósito do *Avenir,* não se aplicam somente às folhas periódicas, mas às publicações de toda natureza, volumes ou brochuras, cujo número se multiplica sem cessar, e cujos autores são igualmente combatentes que tomam parte na luta, e trazem sua pedra ao edifício. Saudação fraternal de boas vindas a todos esses defensores, homens e mulheres, que, sacudindo o jugo dos velhos preconceitos, arvoram a bandeira sem pensamento dissimulado pessoal, sem outro interesse do que aquele do bem geral, e fazem ecoar o grito libertador e emancipador da Humanidade: *Fora da caridade não há*

salvação! Apenas esse grito foi pronunciado pela primeira vez, e todos compreenderam que encerrava toda uma revolução moral há muito tempo pressentida e desejada, e que encontra ecos simpáticos nas cinco partes do mundo. Foi saudada como a aurora de um futuro feliz, e, em alguns meses, tornou-se a palavra de união de todos os Espíritas sinceros; é que depois de uma tão longa e tão cruel luta contra o egoísmo, fazia, enfim, entrever o reino da fraternidade.

A brochura que anunciamos aqui é devida a uma senhora, membro da Sociedade Espírita de Paris, excelente médium, chefe de um grupo particular admiravelmente dirigido e a quem não se poderia censurar senão por um excesso de modéstia, se pudesse ali haver excesso no bem. Se ela não assinou seu escrito senão por iniciais, é que pensou que um nome desconhecido não é uma recomendação, e que não se prende de nenhum modo a se colocar como escritora; mas ela não tem por isso menos a coragem de sua opinião, da qual não faz mistério a ninguém.

A senhora J. B. é sinceramente católica, mas católica muito esclarecida, o que quer tudo dizer; sua brochura é escrita nesse ponto de vista, e, por isto mesmo, se dirige principalmente aos eclesiásticos. É impossível refutar com mais talento, elegância na forma, moderação e lógica, os argumentos que uma fé exclusiva e cega opõe às ideias novas. Recomendamos este interessante trabalho aos nossos leitores; eles podem sem medo propagá-lo entre as pessoas

de uma suscetibilidade desconfiada com relação à ortodoxia, e dá-la em resposta aos ataques dirigidos contra o Espiritismo do ponto de vista religioso.

(p. 251-253).

Revista Espírita de setembro 1864

Influência da música sobre os criminosos, os loucos e os idiotas

A Revista musical do *Siècle,* de 21 de junho de 1864, continha o artigo seguinte:

"Sob este título: *Um Orfeão sob os ferrolhos,* o Sr. de Pontécoulant acaba de publicar uma excelente notícia em favor de uma boa causa. Parece que o diretor de uma casa central de detenção concebeu a engenhosa ideia de fazer penetrar a música nas celas dos condenados; compreendeu que seu dever não era só punir, mas de corrigir.

"Para agir com certeza sobre o caráter do prisioneiro, magoado pelo castigo, dirigiu-se diretamente à música. Começou por criar uma escola de canto. Os detentos que eram distinguidos por sua boa conduta consideravam como uma recompensa fazer parte desse orfeão.

"O penitenciário se encontrava assim transformado. Cerca de mil pensionistas mais ou menos, escolheram cem que foram chamados a concorrer aos primeiros ensaios. O efeito foi muito grande sobre o moral desses infelizes. Uma infração às regras poderia fazê-los mandar embora da escola;

eles se organizaram para respeitar obrigações, até então desdenhadas por eles.

"A fim de melhor fazer compreender a importância que dão à instituição desses coros, lembrarei que o silêncio lhes era habitualmente imposto. Eles pensam, não falam. Poderiam esquecer sua língua, da qual momentaneamente não mais se serviam. Nessas condições, compreende-se, esses trechos de conjunto, falados e cantados, lhes cai como um maná do céu. É a ocasião de se reunir, de ouvir vozes, de quebrar sua solidão, de se emocionar, de existir.

"Eu o repito, os resultados são excelentes. Sobre setenta cantores dos quais o orfeão se compõe esse ano, dezesseis graças puderam ser concedidas. Não é concludente?

"Esquecia-me de dizer que a experiência foi feita em Melun. É uma prova para encorajar, um exemplo a seguir. Quem sabe? esses corações endurecidos sentirão talvez seu gelo fundir-se, e cuidarão de amar ainda alguma coisa. Em lhes ensinando a cantar, se lhes ensina não mais maldizerem. Seu isolamento se povoa, sua cabeça se acalma, e o trabalho forçado lhes parece menos duro. Depois de seu tempo terminado, frequentemente encurtado pela aplicação e a boa conduta, sairão de outro modo do que pervertidos pelo ódio.

"Visitei um dia a casa de saúde do doutor B…, em companhia de um *alienista;* percorrendo o caminho, este último dizia:

– As duchas! as duchas!… Não conheço senão as duchas e a camisa de força. É a panaceia… Todos os outros paliativos são insuficientes quando se está em presença de um louco furioso.

"Nesse momento gritos atraíram a nossa atenção ao fundo do jardim.

– Escuta, retomou ele, percebo um deles que vai sofrer um dos dois suplícios, talvez mesmo todos os dois. Quereis que o sigamos? deles vereis o efeito.

"O pobre-diabo se debatia desesperadamente na mão de seus guardas. Tinha ameaça na boca, fogo nos olhos. Tentar um apaziguamento parecia impossível sem o concurso dos grandes meios.

"De repente, uma voz se fez ouvir na outra extremidade do jardim. Vinha de um pavilhão isolado, que se teria acreditado sem ninguém, com sua vinha virgem e seus parasitas pendendo do teto, num buquê de espinheiros em flor. A voz cantava o romance do *Saulo,* de Desdêmona.

"Detive-me para escutá-lo. Não sei se devo a impressão que senti à influência da atmosfera do lugar, mas o que afirmo é que jamais, em tempo algum, não me senti tão profundamente comovido. Soube depois que a cantora era uma senhora do mundo, à qual as infelicidades tinham feito perder a razão.

"O louco furioso se deteve logo, cessando de se debater e de blasfemar.

" – A voz! a voz! disse ele… Silêncio!

"E, de ouvido atento, não sentia mais do que o êxtase.

"Ele tinha se acalmado.

– Pois bem! disse eu ao *alienista* embaraçado, que dizeis de vosso famoso tópico?

"Ele teria se deixado cortar em pedaços antes de retroceder sobre sua brutal afirmativa. As pessoas sistemáticas são assim feitas. Os fatos nada provam sobre elas. Tratam o que as contrariam como uma exceção. Não tenteis combatê-las; têm sua ideia fixa, e quando tiverdes dispensado todos os vossos argumentos, rirão na cara. Nada de concessão! está-se convencido ou não se está.

"Em vários hospitais de alienados, notadamente em Bicêtre, compreende-se o partido que se pode tirar da música, e dela se serviu vitoriosamente. As missas ali são cantadas pelos loucos; salvo raros acidentes, tudo se cumpre segundo o programa, sem que se tenham que reprimir os menores desvios.

"Há uma doença mais horrível do que a loucura; quero falar do cretinismo. Os loucos têm suas horas de lucidez; algumas vezes mesmo não são afetados senão de uma mania. Falam razoavelmente sobre todos os assuntos, exceto sobre aquele que os faz divagar. Um se crê de vidro e vos recomenda tocá-lo com precaução; o outro vos aborda e vos diz, mostrando um de seus vizinhos: 'Vede bem esse pequeno moreno? Ele se pretende o filho de Deus; mas sou eu, o

Cristo." Um terceiro vos convida a suas grandes caças, em seu parque esplêndido; ele ouve a matilha, os criados que o apoiam, as fanfarras que lhe respondem, a presa a gritar; é feliz em seu sonho; é quase sempre um ambicioso caído mais ou menos longe do objetivo perseguido. Todos os curáveis e os incuráveis têm um ponto de referência para a sua imaginação.

"Mas os outros, mas os idiotas, os cretinos, que lhes resta? Estão agachados no ângulo de um muro, sobre uma pedra, a face apatetada, como um horrível pacote de carne, não tendo jamais um brilho de inteligência, e não possuindo mesmo instinto dos animais inferiores. Estão muito perdidos, não é, de corpo e de alma? muito rebaixados em sua dignidade de homens, muito degradados, muito paralíticos física e moralmente? têm ouvidos para não ouvirem, olhos para não verem, sentidos aniquilados; são mortos-vivos.

Tentou-se em vão ressuscitar alguma coisa neles, ora pela rudeza, ora pela doçura. Era de desesperar.

"Então vocalizaram-se notas em sua presença, até que repetissem maquinai mente. E ensinaram-lhes motivos simples e curtos que repetiram. Eles cantam agora; é uma festa para eles cantar. Pelo canto, se os prende; é sua punição ou sua recompensa; eles obedecem; têm consciência de suas ações. São ocupados com os mesmos trabalhos; ei-los no caminho de uma semi-reabilitação intelectual.

"Há regiões onde essa cruel enfermidade se reproduz

incessantemente. E o ar ou a água que a provoca?

"Certa manhã, depois de uma noite de caça laboriosa através da vertente meridional dos Pireneus, eu tinha entrado na cabana de um pastor, para me refrescar. Ali encontrei o pai fraco, sua mulher débil, e três crianças mirradas, das quais uma enovelada sobre uma cama de palha apodrecida. Como eu examinava esse infeliz embrutecido, o pai me disse:

"– Oh! aquele jamais viveu; nasceu como é, o cretinismo o toma um sobre três por aqui. Paguei a minha dívida.

"– Ele vos reconhece? perguntei-lhe.

"– Nem eu, nem seus irmãos; ele permanece na posição em que o vedes; não desperta do entorpecimento senão quando o sol se deita e chamo os rebanhos esparsos, então ele se agita, parece contente, como se alguma coisa feliz chegasse.

"– A que credes poder atribuir esse movimento?

"– Não sei.

"– De que sinal vos servis?

"– Do refrão de todos os pastores.

"– Vejamos, dizei esse refrão, como se os animais fossem reentrar.

"O velho dócil foi até a porta, e, de pé sobre o planalto, as mãos em cometa, recomeçou seu canto de chamada. Um fato estranho se produziu: a criança doente se

levantou de um salto, dando gritos inarticulados. Adivinhou-se que queria falar. Expliquei que a música agia poderosamente sobre os seus nervos. O pai compreendeu, e me disse em seu dialeto acentuado:

"– Eu sei canções; eu lhas direi.

"Dois anos mais tarde, tive ocasião de rever essas pobres pessoas, às quais levava uma camurça ferida.

"A criança tinha se tornado dócil.

"Publiquei a história antes que se pensasse em se servir da música como procedimento curativo em casos semelhantes. Meu relato foi considerado como uma fábula.

"O meio prático fez seu caminho depois, com os cretinos como com os loucos, – o que não impediu o meu *alienista* de sustentar que nada não valem a camisa de força e as duchas. Disso está seguro."

Não sabemos se o autor do artigo, Sr. Chadeuil, é antiespiritualista, mas o que é certo, é que é antiespírita antes de qualquer outro, a se julgar pelos sarcasmos que não poupou à crença nos Espíritos, quando acreditou disso encontrar ocasião em sua *Revista musical.* Para negar uma doutrina baseada sobre fatos, e aceita por milhões de indivíduos, ele viu, observou e estudou? Consultou escrupulosamente todas as fontes? Seus próprios artigos testemunham da ignorância do que fala. Sobre o que, pois, se apoia ele para afirmar que é uma crença ridícula? Sobre a sua opinião pessoal, que acha ridícula a ideia dos Espíritos se

comunicando aos homens, absolutamente como todas as ideias novas de alguma importância foram achadas ridículas pelos homens, mesmo os mais capazes. É assim, sem disso duvidar, a aplicação destas notáveis e verídicas palavras de seu artigo:

"As pessoas sistemáticas são feitas assim. Os fatos nada podem sobre elas. Tratam o que as contraria como uma exceção. Não tentai combatê-las; elas têm sua ideia fixa, e quando tiverdes despendido todos os vossos argumentos, vos rirão na cara."

Não é sempre a história da trave e da palha no olho? É verdade que não sabemos se essa reflexão é dele ou de Sr. de Pontécoulant; o que quer que seja, ele a cita com elogio, portanto, é que a aceita. Mas deixemos aí a opinião do Sr. Chadeuil, que pouco nos importa, e vejamos o artigo em si mesmo, que constata um fato importante: a influência da música sobre os criminosos, os loucos e os idiotas.

De todos os tempos, reconheceu-se à música uma influência salutar para o abrandamento dos costumes; a sua introdução entre os criminosos seria um progresso incontestável e não poderia ter senão resultados satisfatórios; ela comove as fibras entorpecidas da sensibilidade, e as predispõe a receber as impressões morais. Mas isto é suficiente? Não; é um trabalho sobre um terreno inculto, que é preciso semear de ideias próprias a fazerem, sobre essas naturezas desencaminhadas uma profunda impressão. É preciso falar à alma depois de ter amolecido o coração. O que

lhes falta é a fé em Deus, em sua alma e no futuro; não uma fé vaga, incerta, incessantemente combatida pela dúvida, mas uma fé fundada sobre a certeza, a única que pode torná-la inabalável. Sem dúvida, a música pode a isso predispor, mas ela não a dá. Por isso não é menos uma auxiliar que não é preciso negligenciar. Essa tentativa e muitas outras, às quais a Humanidade e a civilização não podem senão aplaudir, testemunham uma louvável solicitude para o moral dos condenados; mas resta ainda alcançar o mal em sua raiz; um dia se reconhecerá toda a extensão que se pode tirar nas ideias espíritas, cuja influência já está provada pelas numerosas transformações que elas operam sobre as naturezas em aparência as mais rebeldes. Aqueles que aprofundaram essa doutrina e meditaram sobre as suas tendências e as suas consequências inevitáveis, só eles podem compreender o poder do freio que ela opõe aos arrastamentos perniciosos. Esse poder prende-se a que ela se dirige à própria causa desses arrastamentos, que é a *imperfeição do Espírito,* ao passo que *a* maior parte do tempo não se a procura senão na *imperfeição da matéria.* O Espiritismo, como doutrina moral, hoje não está mais no estado de simples teoria; entrou na prática, ao menos para um grande número daqueles que lhe admitem o princípio; ora, segundo o que se passa, e em presença dos resultados produzidos, pode-se afirmar sem medo que a diminuição dos crimes e delitos será proporcional à sua vulgarização. É o que um futuro próximo se encarregará de demonstrar. À espera disso, que a experiência se faça numa mais vasta escala, se

faça todos os dias individualmente. A *Revista* disso fornece numerosos exemplos; limitar-nos-emos a lembrar as cartas dos dois prisioneiros, publicadas nos números de novembro de 1863, página 350, e fevereiro de 1864, página 44.

Deixamos aos nossos leitores o cuidado de apreciar o fato acima, relativo à loucura; sem contradita, é a mais amarga crítica dos alienistas que não conhecem senão as duchas e a camisa de força. O Espiritismo vem lançar uma luz toda nova sobre as doenças mentais, demonstrando a dualidade do ser humano, e a possibilidade de agir isoladamente sobre o ser espiritual e sobre o ser material. O número sem cessar crescente dos médicos que entram nesta nova ordem de ideias, necessariamente, conduzirá a grandes modificações no tratamento dessas espécies de afecções. Abstração feita de ideia espírita propriamente dita, a constatação dos efeitos da música em semelhante caso é um passo no caminho espiritualista da qual os alienistas, geralmente, estão afastados até este dia, com grande prejuízo dos doentes.

O efeito produzido sobre os idiotas e os cretinos é ainda mais característico. Os loucos, quase sempre, foram homens inteligentes; ocorre de outro modo com os idiotas e os cretinos, que parecem votados, pela própria Natureza, a uma nulidade moral absoluta. O Espiritismo experimental vem ainda lançar aqui a luz provando, pelo isolamento do Espírito e do corpo, que esses são, geralmente, Espíritos desenvolvidos e não atrasados, como poder-se-ia crer, mas

unidos a corpos imperfeitos. A igualdade de inteligência, há esta diferença entre o louco e o cretino, que o primeiro é provido, no nascimento do corpo, de órgãos cerebrais constituídos normalmente, mas que se desorganizam mais tarde; ao passo que o segundo é um Espírito encarnado num corpo cujos órgãos atrofiados, desde o princípio, jamais lhe permitiram manifestar livremente o seu pensamento; está na situação de um homem forte e vigoroso a quem se teria tirado a liberdade de seus movimentos. Esse constrangimento, para o Espírito, é um verdadeiro suplício, porque ele não tem menos a faculdade de pensar, e sente, como Espírito, a abjeção em que o coloca a sua enfermidade. Suponhamos, pois, que num instante dado se possa, por um tratamento qualquer, desligar os órgãos, o Espírito recobraria a sua liberdade, e o maior cretino se tornaria um homem inteligente; seria como um prisioneiro saindo de sua prisão, ou como um bom músico posto em presença de um instrumento completo, ou ainda, como um mudo recobrando a palavra.

O que falta ao idiota não são as faculdades, mas as cordas cerebrais respondendo a essas faculdades pelas suas manifestações. Na criança normalmente constituída, o exercício das faculdades do Espírito leva ao desenvolvimento dos órgãos correspondentes, que não oferecem nenhuma resistência; no idiota, a ação do Espírito é impotente para provocar um desenvolvimento, permanecendo num estado rudimentar, como um fruto abortado. A cura radical do idiota,

portanto, é impossível; tudo o que se pode esperar é uma ligeira melhora. Para isto, não se conhece nenhum tratamento aplicável aos órgãos; é ao Espírito que é preciso se dirigir. Estudando as faculdades das quais se descobre o germe, é preciso provocar-lhe o exercício de parte do Espírito, e então este, superando a resistência, poderá obter uma manifestação, se não completa, pelo menos parcial. Se há um meio externo de agir sobre os órgãos, sem contradita, é a música. Ela chega a abalar essas fibras entorpecidas, como um grande barulho que chegue ao ouvido de um surdo; o Espírito a isso se comove, como numa lembrança, e sua atividade, provocada, redobra esforços para vencer os obstáculos.

Para aquele que não vê no homem senão uma máquina organizada, sem levar em conta a inteligência que preside ao funcionamento desse organismo, tudo é obscuridade e problema nas funções vitais, tudo é incerteza no tratamento das afecções; é por isso que, o mais frequentemente, se fere ao lado do mal; bem mais: tudo são trevas nas evoluções da Humanidade, tudo é apalpadela nas instituições sociais; é por isso que se faz, tão frequentemente, falso caminho. Admiti, somente a título de hipótese, a dualidade do homem, a presença de um ser inteligente independente da matéria, preexistente e sobrevivente ao corpo, que não é para ele senão um envoltório temporário, e tudo se explica. O Espiritismo, por experiências positivas, fez desta hipótese uma realidade, nos

revelando a lei que rege as relações do Espírito e da matéria.

Ride, pois, céticos, da Doutrina dos Espíritos, saída do vulgar fenômeno das mesas girantes, como a telegrafia elétrica saiu das rãs dançantes de Galvani; mas pensai que, negando os Espíritos, estais negando a vós mesmos, e que se riu das maiores descobertas.

(p. 255-264).

O novo bispo de Barcelona

Escrevem-nos da Espanha, a 1º de outubro de 1864:

"Caro mestre,

"Tomo a liberdade de vos dirigir a nova ordenação que o Mons. Pantaléon, bispo de Barcelona, vem de publicar no jornal: *El Diaro de Barcelona,* de 31 de julho. Como podereis notá-lo, quis caminhar sobre as marcas de seu predecessor. Para mim, Espírita sincero, perdoo-lhe os palavrões que nos dirige, mas não posso me impedir de pensar que poderia empregar a ciência que possui de maneira mais aproveitável para o bem da fé e de seus semelhantes. Para não citar senão um exemplo, temos, a cada instante, o espetáculo desses abomináveis cursos de toureiro, nos quais os pobres cavalos, depois de terem dispensado sua existência ao serviço do homem, vêm morrer desventrados nessas tristes arenas, a maior alegria de uma população ávida de sangue e cujos jogos bárbaros desenvolvem os maus instintos.

"Eis contra o que deveríeis fulminar, Monsenhor, e não

contra o Espiritismo que vos conduz, cada dia, ao redil as ovelhas que havíeis perdido; porque eu, que creio sinceramente em Deus, que reconheço a sua grandeza nos menores detalhes da Natureza, antes de ser Espírita, não podia me aproximar de uma igreja, tanto aos meus olhos havia dessemelhança entre aqueles que se dizem os representantes de Deus sobre a Terra e essa grande figura do Cristo, que o Evangelho nos mostra todo amor e abnegação. Sim, dizia-me, Jesus se sacrifica por nós; faz sua entrada triunfal em Jerusalém, coberto de burel, montado sobre um asno; e vós, que vos dizeis seus representantes, estais cobertos de seda, de ouro e de diamantes. Está aí o desprezo das riquezas que o divino Messias pregava aos seus apóstolos? Não; e no entanto, eu vos confesso, Monsenhor, desde que sou Espírita, pude reentrar em vossas igrejas, pude ali orar a Deus com fervor, apesar da música mundana que ali desempenha ares de ópera; pude orar pensando que, entre todas essas pessoas reunidas, talvez houvesse aquelas a quem essa pompa teatral fosse útil para elevar sua alma a Deus; então pude perdoar o vosso luxo, e compreendê-lo num certo sentido. Vede, pois, bem, Monsenhor, que não é sobre os Espíritas que deveríeis trovejar; e se tendes, como disso não duvido, unicamente o bem de vosso rebanho em vista, retornai de vossa maneira de ver sobre o Espiritismo, que não nos prega senão o amor de nossos semelhantes, o perdão das injúrias, a doçura, a caridade e mesmo o amor por nossos inimigos.

"Caro mestre, perdoai-me estas poucas linhas que me foram sugeridas por essa nova ordenação. O Espiritismo veio reavivar a minha fé, me explicando todas as misérias da vida que, até então, a minha inteligência não havia podido compreender. Persuadido pessoalmente de que trabalhamos por nosso adiantamento e o da Humanidade, não cessarei de propagar esta doutrina no círculo que me cerca, empregando para isso uma convicção profunda e os meios que Deus me deu.

"Dignai-vos receber, caro mestre, etc."

Damos a seguira tradução do Monsenhor o bispo. Nós a reproduzimos *in extenso* para não lhe enfraquecer a importância. Mons. de Barcelona passa com razão por um homem de mérito; portanto, deveu reunir os argumentos mais poderosos contra o Espiritismo; nossos leitores julgarão se é mais feliz do que seus confrades, e se o golpe de misericórdia nos será dado do outro lado dos Pireneus. Limitamo-nos a juntar-lhe algumas notas.

"Nós, D. D. Pantaléon Monserra e Navarro, pela graça de Deus e da Santa-Sé apostólica, bispo de Barcelona, cavaleiro grande cruz da Ordem americana de Isabel a Católica, do Conselho de Sua Majestade, etc.

"Aos nossos amados e fiéis diocesanos,

"O homem, colocado sobre a Terra como num lugar de trevas que lhe impede de ver as coisas colocadas numa ordem superior, não pode dar um passo para procurá-las se

não estiver esclarecido pelo facho da fé. Se ele se separa desse guia, não fará senão tropeçar, caindo hoje no extremo da incredulidade que tudo nega, e amanhã no da superstição que tudo crê. Nossa época, que pretende se conduzir pela razão e os sentidos, não admitindo por verdadeiro senão o que lhe mostrem esses falaciosos testemunhos, se vê atravessada por uma imensa corrente de ideias se arrastando em consequência, a negação do sobrenatural e uma excessiva credulidade. Uma e outra são o produto do orgulho da inteligência humana, que repugna prestar uma atenção razoável à palavra revelada de Deus. A geração atual se vê obrigada a assistir a esse triste espetáculo que nos dão hoje os povos mais avançados em ciência e em civilização. Os Estados Norte-Americanos, essa nação chamada modelo, que algumas partes da França, aí compreendida a colônia de Argel, empenham-se, há algum tempo, no estudo ridículo e na aplicação do Espiritismo que vem, sob esse nome, ressuscitar as antigas práticas da necromancia pela evocação dos Espíritos invisíveis, que repousam no lugar de sua destinação, colocado além do túmulo, e que os consultam para descobrir os segredos ocultos sob o véu estendido por Deus entre o tempo e a eternidade".

Nota. Se fosse repreensível ter relações com os Espíritos, seria preciso que a Igreja impedisse estes de virem sem ser chamados; porque é notório que há uma multidão de manifestações espontâneas entre as próprias pessoas que nunca ouviram falar do Espiritismo. Como as senhoritas Fox, nos Estados Unidos, as primeiras que revelaram a sua presença naquele país, foram postas

no caminho das evocações, se isso não foi pelos Espíritos que vieram se manifestar a elas, então que nisso pensavam o mínimo do mundo? Por que esses Espíritos deixaram seu lugar, que lhes estava assinalado além do túmulo? Foi com ou sem a permissão de Deus?

O Espiritismo não saiu do cérebro de um homem como um sistema filosófico criado pela imaginação; se os *próprios Espíritos não tivessem se manifestado, não teria havido Espiritismo.* Se não se pode impedi-los de se manifestarem, não se pode deter o Espiritismo, não mais do que não se pode impedir um rio de correr, a menos que se lhe suprima a fonte. Pretender que os Espíritos não se manifestem é uma questão de fato e não de opinião; contra a evidência não há negação possível.

"Esse desejo exagerado de tudo conhecer por meios ridículos e reprovados não é outro senão o fruto dessa necessidade, desse vazio que o homem sente quando rejeitou tudo o que lhe foi proposto como verdade pela sua soberana legítima e infalível: a Igreja."

N. Se o que essa soberana infalível propõe como verdade é demonstrada como erro pelas observações da ciência, é falta do homem se a repele? A Igreja é infalível, quando condena às penas eternas àqueles que creem no movimento da Terra e nos antípodas? Quando ela condena, ainda hoje, aqueles que creem que a Terra não foi formada em seis vezes vinte e quatro horas? Para que a Igreja fizesse acreditar sob palavra, seria preciso que ela não ensinasse nada que pudesse ser desmentido pelos fatos.

"Num momento de ardor de tudo conhecer por si mesmo, ele repeliu como superstição esta mesma verdade, porque seu entendimento não a compreendia ou não

concordava com as noções que dela tinha recebido. Mas, mais tarde, julgou necessário o que havia desprezado; quis se reabilitarem sua fé; examinou de novo, e segundo esse exame foi feito por pessoas de uma imaginação viva, ou por outras de um temperamento nervoso e irritável, elas admitiram, em seu sistema de crença, tudo o que acreditaram ver e ouvir dos Espíritos evocados num momento de melancólica exaltação."

N. Não havíamos jamais pensado que a *fé,* quer dizer, a adoção ou a rejeição das verdades ensinadas pela Igreja, depois de exame por aquele que quer sinceramente a ela retornar, fosse uma questão de temperamento. Se, para lhe dar a preferência sobre outras crenças, não precisa ser nem nervoso nem irritável, nem ter uma imaginação viva, há muitas pessoas que dela estão fatalmente excluídas em consequência de sua compleição. Cremos, nós, que neste século de desenvolvimento intelectual, a fé é uma questão de *compreensão.*

"Foi assim que se chegou a criar uma religião que, renovando os desvios e as aberrações do paganismo, ameaça levar a sociedade ávida de maravilhoso à loucura, à extravagância e ao cinismo mais imundo (y al cinismo más inmundo)."

N. Eis ainda um príncipe da Igreja que proclama, num ato oficial, que o Espiritismo é uma religião que se cria. É aqui o caso de repetir o que já dissemos a este respeito: Se jamais o Espiritismo se tornar uma religião, foi a Igreja que, a primeira, ter-lhe-á dado a ideia. Em todos os casos, essa religião nova, se tanto é que seja uma, se afastaria do paganismo pelo fato capital de que ela não

admite um inferno localizado, com penas materiais, ao passo que o inferno da Igreja, com suas chamas, suas forcas, suas caldeiras, suas lâminas de navalhas, seus pregos que rasgam os condenados, e seus diabos que atiçam o fogo, é uma cópia ampliada do Tártaro.

"O propagador dessa seita de modernos iluminados, Allan Kardec, ele mesmo confessa em seu *O Livro dos Espíritos,* dizendo: "Que às vezes aqueles se comprazem em responder ironicamente e de maneira equivocada que desconcerta os infelizes que os consultam." E, se bem que advirta da necessidade que há de discernir os Espíritos sérios dos Espíritos superficiais, não pode nos dar as regras necessárias a esse discernimento, confissão que revela toda a vaidade e toda a falsidade do Espiritismo, com suas deploráveis consequências."

N. Reenviamos o Mons. de Barcelona ao *O Livro dos Médiuns* (cap. XXIV, página 327).

"Se esse sistema, que estabelece um monstruoso comércio entre a luz e as trevas, entre a verdade e o erro, entre o bem e o mal, em uma palavra, entre Deus e Belial, não tem prosélitos na Espanha, há, disso não se pode duvidar, ardentes propagadores, e a metrópole de nossa diocese é o teatro escolhido para pôr em prática todos os meios que podem sugerir o Espírito de mentira e de perdição. A prova disso está na introdução fraudulenta que se opera, apesar do zelo empregado pelas autoridades locais, de milhares de exemplares de O *Livro dos Espíritos,* escrito pelo primeiro pregador dessas mentiras, Allan Kardec, e traduzido

em espanhol".

N. É bastante difícil conciliar essas duas afirmativas, a saber: que o Espiritismo *não* tem prosélitos na Espanha, e que há, disso não se pode duvidar, ardentes propagadores. Não se compreende a vantagem que, num país onde não há Espíritas, se encontre a venda fácil de *O Livro dos Espíritos* aos milhares.

"Lendo essa produção original, nos dissemos: cada século tem suas preocupações, seus erros favoritos, e os de nosso século são uma tendência a negar o que é invisível e a não procurar a certeza senão na matéria sensível; não seria, pois, coisa incrível, se não a tivéssemos visto, que o século dezenove, tão rico em descobertas sobre as leis da Natureza, tão rico em observações e em experiências tenha vindo a adotar os sonhos da magia e das aparições dos Espíritos com a única evocação de um simples mortal? E, no entanto, isso é! E essa nova heresia, importada, segundo as aparências, de países idolatras aos povos do novo mundo, invadiu o antigo, e encontrou adeptos e partidários neste, apesar do facho do Cristianismo que o clareia há dezoito séculos, e condena semelhantes ridicularias, apesar da luz que difundiu sobre toda a sua superfície e particularmente sobre toda a Europa."

N. Uma vez que o Mons. de Barcelona se espanta de que o século dezenove aceite tão facilmente o Espiritismo, apesar de suas tendências positivas e da riqueza de suas descobertas em relação às leis da Natureza, dir-lhe-emos que foi precisamente a aptidão a essas descobertas que produziu esse resultado. As relações do mundo visível e do mundo invisível são uma das grandes leis naturais que estava reservada ao século dezenove revelar ao

mundo, assim como tantas outras leis. O Espiritismo, fruto da experiência e da observação, baseado sobre fatos positivos até hoje incompreendidos, mal estudado e ainda mais mal explicado, é a expressão dessa lei; por isso mesmo vem destruir o fantástico, o maravilhoso e o sobrenatural falsamente atribuído a esses fatos, fazendo-os reentrar na categoria dos fenômenos naturais. Como ele vem explicar *o* que era inexplicável, que demonstra o que adianta *e* dá-lhe razão, que não quer ser acreditado sob palavras, que provoca o exame e não quer ser aceito senão com conhecimento de causa, por esses motivos, responde às ideias e às tendências positivas do século. Sua fácil aceitação, longe de ser uma anomalia é uma consequência de sua natureza que lhe dá lugar entre as ciências de observação. Se ele estivesse cercado de mistérios e se tivesse exigido uma fé cega, se o repeliria como um anacronismo.

Jovem ainda, encontra oposição, como todas as ideias novas de uma certa importância; tem contra ele:

1º Aqueles que não creem senão na matéria tangível, e negam todo poder intelectual fora do homem;

2º Certos sábios que creem que a Natureza não tem segredos para ele, ou que só a eles compete descobrir o que está ainda oculto;

3º Aqueles que, em todos *os* tempos, se esforçaram por entravar a marcha ascendente do espírito humano, porque temem que o desenvolvimento das ideias, fazendo ver muito claro, prejudique o seu poder e os seus interesses;

4º Enfim, por aqueles que, não tendo tomado partido, e não o conhecendo, julgam-no sobre a deturpação que lhe fazem sofrer seus adversários, tendo em vista desacreditá-lo.

Esta categoria compõe a grande maioria dos opositores; mas

ela diminui todos os dias, porque todos os dias o número daqueles que estudam aumenta; as prevenções caem diante de um exame sério, e se prende tanto mais a coisa sobre a qual se reconhece ter se enganado. A julgá-lo pelo caminho que o Espiritismo fez em tão curto espaço de tempo, é fácil prever que dentro em pouco não terá mais contra ele senão os antagonistas de partido tomado; e como eles formam uma pequeníssima minoria, sua influência será nula; eles mesmos sofrerão a influência da massa, e serão forçados a seguir a torrente.

A manifestação dos Espíritos não é somente uma crença, é um fato; ora, diante de um fato, a negação é sem valor, a menos de provar que ele não existe, e é o que ninguém ainda demonstrou. Como sobre todos os pontos do globo a realidade do fato é cada dia constatada, crê-se no que se vê; é o que explica a impotência dos negadores para deterem o movimento da ideia. Uma crença não é ridícula senão quando ela é falsa, e não o é mais desde que repouse sobre uma coisa positiva; o ridículo é para aquele que se obstina em negar a evidência.

"Isto deve vos convencer, meus caros filhos e irmãos, da necessidade que o homem tem de crer, e que quando despreza as verdadeiras crenças, abraça com entusiasmo mesmo as falsas. Foi porque o profundo Pascal disse, num de seus pensamentos: "Os incrédulos são os homens mais levados a tudo crerem." O Espírito de trevas prende os homens por joguete e por instrumento de seus maus desígnios, servindo-se de sua vaidade, de sua credulidade, de sua presunção para fazerem de si mesmos os propagadores e os após-tolos do que riram na véspera, do que qualificam de invenção quimérica e de espantalho para as almas fracas."

"Não, meus irmãos, a verdadeira fé, a doutrina do cristianismo, o ensino constante da Igreja, têm sempre reprovado a prática dessas evocações que levam a crer que o homem tem sobre os Espíritos um poder que não pertence senão unicamente a Deus. "Não está no poder de um mortal que as almas separadas dos corpos depois da morte lhe revelem os segredos que cobrem o véu do futuro." (Mat., XVI,4.)".

N. O Espiritismo diz também que não é dado aos Espíritos revelar o futuro, e condena formalmente o emprego das comunicações de além-túmulo como meio de adivinhação; diz que os Espíritos vêm para nos instruir e nos melhorar, e não para nos dizer a sorte; diz além disso que nada pode constranger os Espíritos a virem e a falarem quando não o querem. É desnaturá-lo maldosamente o objetivo de pretender que faz da necromancia. (O *Livro dos Médiuns,* cap. XXVI, página 386.)

"Se a sabedoria divina tivesse julgado útil à felicidade e ao repouso do gênero humano instruí-lo sobre as relações entre o mundo dos Espíritos e o dos seres corpóreos, ela no-lo teria revelado de maneira a que nenhum mortal pudesse ser enganado em suas comunicações; teria nos ensinado um meio para reconhecer quando nos tivessem dito a verdade, ou insinuado o erro, e não nos teria abandonado por este discernimento à luz da razão que é um brilho muito fraco para descobrir essas regiões que se estendem além da morte."

N. Uma vez que Deus permite hoje que essas relações existam, por que é preciso bem admitir que nada chega sem a

permissão de Deus,– é que ele julga útil à felicidade dos homens, a fim de lhes dar a prova da vida futura, na qual há tantos que não creem mais, e porque o número sem cessar crescente dos incrédulos prova que só a Igreja é impotente para retê-los nos redil. Deus lhe envia auxiliares nos Espíritos que se manifestam; repeli-los não é fazer prova de submissão à sua vontade; negá-los, é desconhecer o seu poder; injuriá-los é maltratar seus intérpretes, é agir como os Judeus com respeito aos profetas, o que fez Jesus derramar lágrimas sobre a sorte de Jerusalém.

"Quando, pois, um miserável mortal, desviado por sua imaginação pretende nos dar novidade sobre a sorte das almas no outro mundo; quando homens de visão curta têm a audácia de querer revelar à Humanidade e ao indivíduo sua destinação indefectível no futuro, usurpam um poder que pertence a Deus, e do qual não se despoja, se não for para o bem da própria Humanidade e dos povos, advertindo-os ou reprimindo-os por intermédio de enviados que, como os profetas, trazem com eles a prova de sua missão, nos milagres que operam, e no cumprimento constante daquilo que anunciaram".

N. Vós negais, pois, as predições de Jesus, uma vez que não reconheceis no que chega o cumprimento do que ele anunciou. Que significam estas palavras; "Derramarei o Espírito sobre toda a carne; vossas mulheres e vossas filhas profetizarão, vossos filhos terão visões e os velhos sonhos?"

"Podemos considerar como visionários aqueles que, abandonando a verdade e dando o ouvido às fábulas, querem que se escute como revelações os caprichos, os sonhos

fantásticos de sua imaginação em delírio. São Paulo, escrevendo a Timóteo, coloca-o em guarda contra tudo isso, ele e as gerações futuras, (l Tim. IV, *v.* 7.) O apóstolo já pressentia, dezoito séculos antes, o que à nossa época a incredulidade deveria oferecer para encher com alguma coisa o vazio que deixa na alma a ausência da fé."

N. Com efeito, a incredulidade é a praga da nossa época; deixa na alma um vazio imenso; por que, pois, a Igreja não a combate? Porque não pode ela reter os fiéis na fé? Os meios materiais e espirituais não lhe faltam, no entanto; não tem imensas riquezas, um inumerável exército de pregadores, a instrução religiosa da juventude? Se seus argumentos não triunfam da incredulidade, é, pois, que não são bastante peremptórios. O Espiritismo não vai sobre seus destroços: *ele faz o que ela não faz,* dirige-se àqueles em que é impotente em conduzir e triunfa dando-lhes a fé em Deus, em sua alma e na vida futura. Que se diria de um médico que, não podendo curar um doente, se opusesse a que ele aceitasse os cuidados de um outro médico que poderia salvá-lo?

É verdade que não preconiza um culto às expensas do outro, que não lança o anátema a ninguém, sem isso seria o bem-vindo daquele do qual teria abraçado a causa exclusiva; mas é precisamente porque *é* portador de uma palavra de união, à qual todos podem responder: "Fora da caridade não há salvação," que vem fazer cessar os antagonismos religiosos, que fizeram derramar mais sangue do que as guerras de conquistas.

"Depois de ter tentado a adivinhação, o sonambulismo pelo magnetismo animal, sem ter podido obter outra coisa senão a reprovação de todo homem sensato; depois de ter visto cair em descrédito as mesas girantes, desenterraram o

cadáver infecto desse Espiritismo com os absurdos da transmigração das almas; desprezando os artigos de nosso símbolo, tais como os ensina a Igreja, quiseram substituí-los por outros que os anulem, admitindo uma imortalidade da alma, um purgatório e um inferno muito diferentes daqueles que nos ensina nossa fé católica."

N. Isto é muito justo; o Espiritismo não admite um inferno onde há chamas, forcados, caldeiras e lâminas de navalha; não admite não mais de que isso seja uma alegria para os eleitos, levantar a tampa das caldeiras para ver nela ferver os condenados, talvez um pai, mãe ou filho; não admite que Deus se compraza em ouvir, durante a eternidade, os gritos de desespero de suas criaturas, sem ser tocado das lágrimas daqueles que se arrependem, mais cruel nisso do que esse tirano que fez construir um respiradouro ligando os calabouços de seu palácio ao seu quarto de dormir, para se dar o *prazer* de ouvir o gemido de suas vítimas; não admite, enfim, que a suprema felicidade consiste numa contemplação perpétua, que seria uma inutilidade perpétua, nem que Deus haja criado as almas para não lhes dar senão alguns anos ou alguns dias de existência ativa, e mergulhá-las em seguida, pela eternidade, nas torturas ou numa inútil beatitude. Se estiver aí a pedra angular do edifício, a Igreja tem razão de temer as ideias novas; não é com tais crenças que fechará o abismo escancarado da incredulidade.

"Com isso, como o disse muito a propósito o sábio bispo de Alger, tudo que pôde fazer os incrédulos foi mudar de face para arrastar essa porção de crentes, cuja fé simples e pouco esclarecida é fácil a se prestar a tudo o que é extraordinário, e, ao mesmo tempo, de conseguir opor um

novo obstáculo a conversão dessas almas amortalhadas na indiferença religiosa, que, vendo que se quer reduzir o cristianismo a um enredo de superstições, acabaram por blasfemar contra, ele e o seu autor."

N. Eis uma coisa bem singular! é o Espiritismo que impede a Igreja de converter as almas amortalhadas na indiferença religiosa; mas, então, porque não as converteu antes do aparecimento do Espiritismo? Ele é, pois, mais poderoso do que a Igreja? Se os indiferentes se ligam a ele de preferência, é que, aparentemente, o que ele dá lhes convém mais.

"A fim de que os homens de pouca fé não se escandalizem lendo as doutrinas de O Livro dos Espíritos, e não creiam, um único instante, que elas estão em harmonia com todos os cultos e todas as crenças, aí compreendida a fé católica, assim como o pretende Allan Kardec, lhes lembramos que as Escrituras santas as condenam como loucura, dizendo pela boca do Eclesiastes: "As adivinhações, os augúrios e os sonhos são coisas vãs, e o coração sofre com essas quimeras; todas as vezes que não serão enviados pelo Mais Alto, desconfiai disso; porque os sonhos entristecem os homens, e aqueles que se apoiam neles são caídos." (Ecl. XXXVI, *v.* 5, 7.)

"Jesus Cristo censura os seus discípulos por terem acreditado na visão de um fantasma, vendo-o caminhar sobre as águas, e não quer que disso se assegurem de outro modo senão pelos sinais que lhes dá da realidade de sua pessoa. (Luc. XXIV, *v.* 39.)

"A Igreja e os santos Pais, como intérpretes da palavra divina, constantemente repeliram esses meios enganadores pelos quais se crê que os Espíritos se comunicam com os homens, e a razão esclarecida os repele também, porque, compreendendo que, por ela só e sem o recurso da fé, não pode abarcar as coisas nem as verdades que se relacionam ao passado na ordem sobrenatural; como pode ela pretender alcançar, por si mesma, num estado de transporte, ou arrastada por uma imaginação ardente, o que não pode se verificar senão de uma maneira, num lugar, e em circunstâncias imprevistas?

"Se, pois, em outras ocasiões, elevamos a voz contra esse materialismo ímpio, essa incredulidade sistemática que nega a imortalidade da alma separada do corpo nos diferentes estados aos quais a destina a justiça divina pela eternidade, hoje nos vemos obrigados a protestar contra essa comunicação ativa que se atribui à evocação dos mortos, e que pretende revelar o que não é perceptível senão à penetração infinita de Deus.

"Não vos deixeis arrastar, meus irmãos, meus filhos amados, por essas fábulas vãs, recebendo os erros e as preocupações dos povos bárbaros e ignorantes, e todas as invenções absurdas de pessoas cujo espírito, enfraquecido pela falta da fé verdadeira e pela superstição, abjura a religião revelada pelo filho de Deus, corrompe a razão humana e expulsa a pureza da alma. Longe de nossos bem-amados diocesanos, e sobretudo desses leitores reputados,

com razão, esclarecidos e civilizados, de juntar a fé aos contos de sonhadores tais como Allan Kardec, homens de imaginação exaltada e em delírio! Longe de nós, pois, essa crença anticristã que faz os fantasmas saírem do túmulo, os Espíritos errantes; longe de vós essa superstição importada em nossa religião pelos pagãos convertidos ao cristianismo, e que os escritos de seus sábios apologistas dela afastarão logo."

N. Os Espíritas jamais fizeram os fantasmas saírem dos túmulos, pela razão muito simples de que nos túmulos não há senão o despojo mortal que se destrói e não ressuscita. Os Espíritos estão por toda a parte no espaço, felizes de estarem livres e desembaraçados do corpo que os fazia sofrer; é porque não se prendem aos seus restos, e fogem deles mais do que os procuram. O Espiritismo tem sempre repelido *a* ideia de que as evocações eram mais fáceis junto aos túmulos, de onde não se pode fazer sair o que ali não está. Não é senão no teatro que se veem essas coisas.

"Tende cuidado que vossos filhos, levados pela curiosidade da jovem idade, não leiam semelhantes produções, e não se impressionem com suas imagens que fizeram perder o senso comum a um grande número de pessoas, que gemem hoje nas casas de alienados, vítimas do Espiritismo.

"Fazei todos os vossos esforços, meus filhos e meus irmãos, para conservar pura a doutrina que nosso divino Mestre nos ensinou; tranquilizai-vos e apoiai-vos unicamente sobre sua santa palavra com respeito ao futuro. E sabendo que é à Providência divina, sempre sábia, que cabe conduzir o

homem através das vicissitudes desta vida, para provar a sua fé, e avivar a sua esperança, sem querer sondar vossa sorte futura, procurai assegurá-lo por meio das boas obras, tornando certa por elas a vossa vocação de filhos de Deus, chamados à herança do Pai celeste."

N. Antes de deter a curiosidade dos filhos, não seria preciso aguilhoar a dos pais, o que esse mandamento não pode deixar de produzir. Quanto à loucura, é sempre a mesma história, que começa ser singularmente usada, e cujo resultado não foi mais feliz do que a dos pretensos fantasmas. As experiências se fazem de todos os lados, muito mais ainda na intimidade das famílias do que em público, e os médiuns se encontrando por toda a parte, em todas as classes da sociedade, e de todas as idades, cada um sabe em que se prender sobre o verdadeiro estado das coisas; é por isso que os esforços que se fazem para mascarar o Espiritismo são sem importância. O número daqueles que de falsas alegações chegam a se enganar é muito fraco, e deles muitos, querendo ver por si mesmos, reconhecem a verdade. Como persuadir a uma multidão de pessoas que é noite, então que todos estão em condições de ver que é claro? Essa faculdade de controle prático, dada a todo o mundo, é um dos caracteres especiais do Espiritismo, e é o que faz a sua força. Isso ocorre de outro modo com doutrinas puramente teóricas que se pode combater pelo raciocínio; mas o Espiritismo é fundado sobre os fatos e as observações que cada um tem, sem cessar, sob a mão.

Toda a argumentação do Mons. de Barcelona se resume assim: As manifestações dos Espíritos são fábulas imaginadas pelos incrédulos para destruir a religião; não é preciso crer no que dizemos, porque só nós estamos de posse

da verdade; não examineis nada além, de medo que não sejais seduzidos.

"Para prevenir os perigos aos quais poderíeis sucumbir, e em virtude da autoridade divina que nos foi dada para vos assinalar e vos afastar disso, conforme *a* faculdade que nos é reconhecida pelo artigo 3 da última concordata, e de acordo com o que foi previsto pelos cânones sagrados, *e as* leis do reino, no tocante aos erros que assinalamos e combatemos, condenamos *O Livro dos Espíritos,* traduzido em espanhol sob o título de *El Libro de los Espíritos,* por Allan Kardec, como compreendido nos artigos 8 e 9 do catálogo promulgado em virtude da prescrição, para esse efeito, do concílio de Trento. Nós lhe proibimos a leitura a todos os nossos diocesanos, sem exceção, e lhes ordenamos entregar aos seus curas respectivos os exemplares que poderão cair em suas mãos, para que nos sejam remetidos com toda a segurança possível.

"Dado em nossa santa visita de Mataro, a 27 de julho de 1864."

PANTALEON, *bispo de Barcelona.*

Por ordem de S. E. S. Monsenhor bispo,

DON LÁZARO BAULUZ, *secretário.*

A proibição feita pelo Mons. de Barcelona a todos os seus diocesanos, sem exceção, de se ocupar do Espiritismo, está calcada sobre a do Mons. de Argel. Duvidamos muito que ela tenha mais sucesso, embora isso seja na Espanha; porque

neste país as ideias fermentam como em toda a parte, mesmo sem abafá-las, e talvez por causa do abafamento que elas ficam como em estufa quente. O auto-de-fé de Barcelona apressou a sua eclosão. O efeito que se tinha prometido dessa solenidade aparentemente não respondeu à espera, uma vez que não se renovou; mas a execução que não se usa mais fazer em público, se quer fazê-la em particular. Convidando seus administrados a lhe remeter todos os livros espíritas que lhes caírem nas mãos, o Mons. Pantaléon, sem dúvida, não tinha em vista deles fazer coleção. Sua interdição de evocar os Espíritos, é seu direito; mas em sua ordenação esqueceu uma coisa essencial, a de fazer proibição aos Espíritos de entrarem na Espanha.

Admira-se que o Espiritismo tome tão facilmente raiz no século dezenove; deve se admirar ainda mais de ver neste século ressuscitar os usos e costumes da idade média; e o que é surpreendente ainda, é que aí se encontram pessoas, instruídas de resto, compreendendo muito pouco a natureza e o poder da ideia, para crer que se pode deter-lhe a passagem, como se detém um pacote de mercadoria na fronteira.

Não lamenteis, monsenhor, de que os incrédulos e os indiferentes permaneçam surdos à voz dos pastores da Igreja, ao passo que se entregam à do Espiritismo; é que eles são mais tocados pelas palavras de caridade, de encorajamento e de consolo do que pelos anátemas. Crê-se conduzi-los por imprecações como a que pronunciou

recentemente o cura de Villemayor-de-Ladre contra um pobre mestre-escola que havia feito erro de desagradá-lo? Eis esta fórmula canônica narrada pela *Correspondência* de Madri, do mês de junho de 1864, e junto da qual a famosa imprecação de Camille é quase da doçura; o poeta pôde pô-la na boca de um pagão, e não ousou pô-la na de um cristão.

"Maldito seja Auguste Vincent; malditas sejam as vestes com as quais se cobre, a terra sobre a qual caminha, a cama onde dorme e a mesa onde come; malditos sejam o pão, e além disso, todos os outros alimentos dos quais se nutre, a fonte onde bebe, e além disso, todos os líquidos que toma.

"Que a terra se abra e que ele seja enterrado neste momento; que Lúcifer esteja ao seu lado direito. Ninguém pode falar com ele, sob pena de serem todos excomungados, somente lhe dizendo adeus; malditos também sejam seus campos, sobre os quais não cairá mais água, a fim de que nada lhe produzam; malditos sejam o jumento que monta, a casa onde mora e as propriedades que possui.

"Malditos sejam também seus pais, os filhos que tem e que tiver, que serão em pequeno número e maus; eles irão mendigar e não haverá ninguém que lhes dará esmola, e se lhe a derem, que não possam comê-la. Além do mais, que sua mulher, neste instante, fique viúva, seus filhos órfãos e sem pai."

É bem num templo cristão que podem ressoar tão horríveis palavras? É bem um ministro do Evangelho, um

representante de Jesus Cristo que pôde pronunciá-las? que, por uma injúria pessoal, lance um homem à execração de seus semelhantes, à condenação eterna e a todas as misérias da vida, seu pai, sua mãe, seus filhos presentes e futuros, e tudo que lhe pertence? Jesus jamais teve uma semelhante linguagem, ele que orava por seus carrascos, e que disse: "Perdoai aos vossos inimigos;" que nos faz cada dia repetir, na Oração dominical: "Senhor, perdoai as nossas ofensas, como nós perdoamos àqueles que nos ofenderam." Quando pronuncia a maldição contra os Escribas e os Fariseus, chama sobre eles a cólera de Deus? Não; mas lhes prediz as infelicidades que os esperam.

E vós vos espantais, monsenhor, do progresso da incredulidade! Espantai-vos antes de que no século dezenove a religião do Cristo seja tão mal compreendida por aqueles que estão encarregados de ensiná-la. Não estejais, pois, surpreso se Deus envia seus bons Espíritos para lembrar o sentido verdadeiro de sua lei. Eles não vêm destruir o Cristianismo, mas livrá-lo das falsas interpretações e dos abusos que os homens nele introduziram.

(p. 264-276).

Um suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo.

O *Moniteur* de 6 de agosto contém o artigo seguinte, que o *Siècle* reproduziu no dia seguinte:

"Ontem, quinta-feira, às duas horas depois do meio dia, um jovem, com a idade de apenas dezenove anos, filho

de um médico, se suicidou em seu domicílio do aterro dos Martyrs, se dando um tiro de pistola na boca.

"A bala despedaçou-lhe a cabeça e, no entanto, a morte não foi instantânea; conservou a sua razão durante alguns instantes, e, às perguntas que lhe foram dirigidas, respondeu que à parte do desgosto que iria causar ao seu pai, não tinha nenhum arrependimento do que havia feito. Depois o delírio se apossou dele, e, apesar dos cuidados com que o cercaram, morreu na mesma noite, depois de uma agonia de cinco horas.

"Há algum tempo esse infeliz jovem nutria, diz-se, pensamentos de suicídio, e presume-se, certo ou errado, que o estudo do Espiritismo, ao qual se entregou com ardor, não é estranho a essa fatal resolução."

Esta notícia, sem dúvida, circulará pela imprensa, como outrora a dos quatro pretensos loucos de Lyon, que foi a cada vez repetida com a adição de um zero, tanto nossos adversários procuram com avidez as ocasiões de encontrar do que falar mal contra o Espiritismo. A verdade não tarda a ser conhecida, mas que importa! espera-se que de uma boa pequena calúnia vendida ao povo reste sempre alguma coisa. Sim, disso fica alguma coisa: uma mancha sobre os caluniadores. Quanto à Doutrina, não se percebe que haja sofrido com isso, uma vez que não prosseguiu menos em sua marcha ascendente.

Felicitamos o diretor do *Avenir,* Sr. d'Ambel, em sua

pressa em se informar da verdadeira causa do acontecimento. Eis o que disse a esse respeito, em seu número de 11 de agosto de 1864:

"Confessamos que a leitura desse fato nos mergulhou na mais profunda estupefação. Nos é impossível não protestar contra a leviandade com a qual o órgão oficial acolheu uma semelhante acusação. O *Espiritismo é* completamente estranho ao ato desse infeliz jovem. Nós que somos vizinhos do lugar do sinistro, sabemos pertinentemente que tal não foi a causa desse suicídio espantoso. Não é senão com a maior reserva que devemos indicar a verdadeira causa dessa catástrofe; mas, enfim, a verdade é a verdade, e nossa Doutrina não pode ficar sob o golpe de uma tal imputação.

"Há muito tempo, esse jovem, que se apresenta como se entregando com ardor ao estudo de nossa Doutrina, havia fracassado em várias vezes em seus exames para o bacharelado. O estudo lhe era antipático, tanto quanto a profissão paterna; deveria proximamente passar por um outro exame, e foi em seguida de uma viva discussão com o seu pai que, temendo fracassar ainda, ele tomou e pôs em execução a fatal resolução.

"Acrescentamos que se tivesse realmente conhecido o *Espiritismo,* nossa Doutrina tê-lo-ia detido sobre a inclinação fatal, mostrando-lhe todo o horror que nos inspira o suicídio e todas as consequências terríveis que esse crime arrasta consigo. (Ver *O Livro dos Espíritos, p.* 406 e seguintes.)"

(p. 286-287).

Revista Espírita de novembro 1864

Um suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo

Vários jornais, depois do *Sémaphore* de Marseille, de 29 de setembro, se apressaram em reproduzir o fato seguinte:

"Uma casa da rua Paradis, antes de ontem à noite, foi o teatro de um doloroso acontecimento. Um industrial que tem uma loja de lâmpadas nessa rua se deu à morte, empregando, para realizar sua fatal resolução, uma forte dose de um veneno dos mais enérgicos.

"Eis em que circunstâncias cumpriu-se esse suicídio:

"Esse industrial dava, há algum tempo, sinais de um certo desarranjo do cérebro, talvez produzido em particular pelo abuso dos licores fortes, mas sobretudo pela prática do Espiritismo, esse flagelo moderno que já fez tão numerosas vítimas nas grandes cidades, e que ameaça agora exercer suas devastações até nos campos. Apesar de sua boa clientela, que lhe assegurava um trabalho frutífero, X… não estava, por outro lado, muito bem em seus negócios e, algumas vezes, se encontrava sem dinheiro para efetuar seus pagamentos. Por consequência, seu humor era geralmente sombrio e seu caráter rabugento."

O artigo constata que o indivíduo abusava dos licores fortes e que seus negócios estavam em mau estado,

circunstâncias que, muitas vezes, ocasionaram acidentes cerebrais e levaram ao suicídio. No entanto, o autor do artigo não admite essas causas senão como possíveis ou acessórias na circunstância da qual se trata, ao passo que atribui o acontecimento *sobretudo à prática do Espiritismo.*

A carta seguinte, que nos foi escrita de Marseille decide a questão, e faz ressaltar a boa fé do redator:

"Caro mestre,

"A *Gazette du Midi* e o *Sémaphore* de Marseille, de 29 de setembro, publicaram um artigo sobre o envenenamento voluntário de um industrial, atribuído à prática do Espiritismo. Tendo conhecido pessoalmente esse infeliz, que era da mesma loja maçônica minha, eu sei de maneira positiva que ele *jamais se ocupou do Espiritismo, não tinha lido nenhuma obra nem nenhuma publicação sobre esta matéria.* Eu vos autorizo a vos servir de meu nome, porque estou pronto para provar a verdade daquilo que adianto; na necessidade, todos os meus irmãos e os melhores amigos do defunto se farão um dever certificá-lo. Aprouvesse a Deus que tivesse conhecido e compreendido o Espiritismo, e nele teria encontrado a força de resistir aos funestos pendores que o conduziram a esse ato insensato.

"Aceitai, etc.

CHAVAUX,

"Doutor em medicina, 24, rua do Petit-Saint-Jean."

(p. 347-348).

Revista Espírita de março 1865

Processo Hillarie

Um assunto sobre o qual havíamos guardado um silêncio que se compreenderá facilmente, acaba de receber um desfecho que o coloca no domínio público; vários jornais das localidades vizinhas, tendo disso dado conta, cremos desde então oportuno dele falar, a fim de prevenir as falsas interpretações da malevolência com respeito à Doutrina Espírita, e provar que esta doutrina não cobre com o seu manto nada daquilo que é irrepreensível. Aliás, não estando nosso nome a ele misturado, não é inútil que se conheça a nossa maneira de ver. Este assunto concerne ao médium Hillaire, de Sonnac (Charente-Inférieure), com o qual já tivemos a ocasião de entreter nossos leitores.

Hillaire é um jovem, casado e pai de família, simples trabalhador, quase iletrado. A Providência dotou-o de uma notável faculdade medianímica muito múltipla, da qual se podem ver os detalhes na obra do Sr. Bez, intitulada: os *Milagres de nossos dias,* e que tem mais de uma relação com a do Sr. Home. Esta faculdade tem naturalmente chamado a atenção sobre ele; ela tinha adquirido uma celebridade local, ao mesmo tempo que lhe havia feito valer a simpatia de uns e a repreensão dos outros. Os elogios um pouco exagerados dos quais era objeto, produziram sobre ele sua má influência habitual. Os sucessos do Sr. Home tinham-lhe, de algum modo, subido à imaginação, assim como o atestam as cartas que nos escreveu. Ele sonhava um teatro maior do que a sua

aldeia; no entanto, apesar de suas instâncias para vê-lo vir a Paris, jamais quisemos apertar-lhe a mão. Seguramente, se nisso tivéssemos visto uma utilidade qualquer, o teríamos favorecido, mas estávamos convencidos, segundo as ideias e o caráter que lhe conhecíamos, que ele não estava à altura a nisso desempenhar um papel bastante preponderante em seu próprio interesse. Aliás, muito recentemente tínhamos visto um triste exemplo dessas ambições que levam para a capital, e que acabam por cruéis decepções. Elevando-o sobre um pedestal, se lhe prestou um mau serviço. Sua missão era local; num raio limitado, sobre uma certa população, poderia prestar grandes serviços à causa do Espiritismo, com a ajuda dos notáveis fenômenos que se produziam sob a sua influência; isso lhe rendeu propagando as ideias espíritas na região, mas poderia dar-lhe muito mais ainda, se tivesse permanecido em sua modesta esfera, sem abandonar o trabalho que o fazia viver, e que com mais prudência teria podido conciliar com o exercício da mediunidade. Infelizmente, a importância que se atribuía o tornou pouco acessível aos conselhos da experiência; como muitas pessoas, as teria voluntariamente aceito se estivessem conforme às suas ideias, do que suas cartas nos dão a prova! Vários indícios nos fizeram prever sua queda, mas estávamos longe de desconfiar porque causa ela chegaria. Somente nossos guias espirituais nos advertiram, mais de uma vez, para agir com ele com uma grande circunspecção, e de não nos colocarmos à frente, sobretudo, desviando de fazê-lo vir a Paris.

Por muita presunção de um lado, e muita fraqueza de outro, quebrou a sua missão no momento em que ela poderia adquirir o maior brilho. Cedendo a deploráveis arrastamentos, e talvez, somos levados a crê-lo, a pérfidas insinuações conduzidas com jeito, ele cometeu uma falta, em consequência da qual deixou o país, e da qual, mais tarde, teve que prestar conta diante da justiça. O Espiritismo, longe de com isso sofrer, assim como disso se gabam nossos adversários, saiu são e salvo dessa prova, como se o verá dentro em pouco. Vai sem dizer que se queria esforçar-se por fazer passar todas as manifestações do infeliz Hillaire como insignes malabarismos.

O lesado, nesse triste negócio, um daqueles que mais o tinha aclamado em sua glória passageira, e o tinha coberto com o seu patrocínio, nos escreveu depois da fuga dos culpados, para nos dar conta dos fatos em detalhe, e nos pedir o nosso concurso e o de nossos correspondentes, a fim de fazê-los deter. E termina dizendo: "É preciso lhes tirar todos os recursos para forçá-los a entrar na França, e aí poderemos fazê-los castigar pela justiça dos homens, à espera de que a desse Deus de misericórdia ela própria os *castigue,* porque fazem um mal muito grande ao Espiritismo. À espera de uma resposta de vossa mão, vou pedir a Deus para fazê-los descobrir. Sou todo vosso, irmão em Deus, etc."

Eis a resposta que lhe demos, nem desconfiar que se tornaria uma das peças do processo:

Senhor,

No retorno de uma longa viagem que acabo de fazer, encontrei a carta que me havíeis escrito concernente a Hillaire. Deploro, tanto quanto quem quer que seja, esse triste assunto, do qual o Espiritismo, no entanto, não pode receber nenhum prejuízo, porque não poderia ser responsável pelos atos daqueles que o compreendem mal. Quanto a vós, o mais lesado nessa circunstância, compreendo a vossa indignação, e o primeiro momento de desatino que deveu vos agitar, mas espero que a reflexão terá levado mais calma em vosso espírito. Se sois realmente Espírita, deveis saber que devemos aceitar com resignação todas as provas que apraza a Deus nos enviar, e que elas são expiações que merecemos por nossas faltas passadas. Não é rogando a Deus, como o fazes, de nos vingar daqueles de quem temos a lamentar, que se adquire o mérito das provas que nos são enviadas; bem ao contrário, perde-se delas o fruto, e se as atrai maiores. Não é uma contradição de vossa parte dizer que pediste *ao Deus de misericórdia* fazer com que os culpados sejam detidos, a fim de serem entregues à justiça dos homens? É o ofensor a lhe dirigir semelhantes preces, então que temos mais ou menos necessidade de sua misericórdia para nós mesmos, e esquecer que disse: *Sereis perdoados como tiverdes perdoado aos outros.* Uma tal linguagem não é nem cristã nem espírita, porque o Espiritismo, a exemplo do Cristo, nos ensina a indulgência e o perdão das ofensas. É uma bela ocasião para nós mostrar a grandeza e a magnanimidade, e provar que estais acima das misérias humanas. Desejo, por vós, que não a deixeis escapar.

Pensais que esse negócio fará mal ao Espiritismo; repito que não sofrerá com ele, apesar do ardor de seus adversários em explorar essa circunstância em seu proveito. Se ela devesse lhe fazer mal, isso não seria senão um efeito local e momentâneo, e nisso teríeis vossa parte de responsabilidade, pela pressa que pusestes em divulgá-la. Tanto pela caridade quanto pelo interesse que dizeis ter pela Doutrina, deveríeis ter feito tudo o que estava em vosso poder para evitar o escândalo; ao passo que, pela ressonância que lhe haveis dado, fornecestes armas aos nossos inimigos. Os Espíritas sinceros vos teriam agradecido pela vossa moderação, e Deus vos teria levado em conta esse bom sentimento.

Lamento profundamente terdes podido pensar que eu serviria, no que quer que seja, aos vossos desejos vingativos, tomando providências para entregar os culpados à justiça. Era vos enganar singularmente sobre o meu papel, meu caráter e minha inteligência dos verdadeiros interesses do Espiritismo. Se sois realmente, como o dizeis, meu irmão em Deus, implorai a sua clemência e não a sua cólera; porque aquele que chama essa cólera sobre outro corre o risco de fazê-la cair sobre si mesmo.

Tenho a honra de vos saudar cordialmente, com esperança de vos ver retornar às ideias mais dignas de um Espírita sincero.

A. K.

Eis agora o relatório que nos foi dirigido:

"Começado sexta-feira, o caso Hillaire terminou sábado à meia-noite. Vitet retirando sua queixa no momento em que o julgamento ia ser pronunciado, sua mulher foi inocentada. Restava somente Hillaire sob a ação da justiça. O ministério público concluiu pela culpabilidade e reclamou a aplicação dos artigos 336, 337, 338, etc., do Código Penal. O Tribunal, *declinando* a sua competência no que toca à apreciação *de todos os transportes e outros fatos medianímicos,* fazendo a aplicação do artigo 463, condenou Hillaire a um ano de prisão e às despesas. Esse julgamento é, aos nossos olhos, uma justa aplicação da lei escrita, se bem que foi achado um pouco severo para pessoas que não são de nenhum modo espíritas.

"Se fomos testemunhas do desenvolvimento das tristes torpezas às quais podem conduzir as fraquezas humanas, de um outro lado, assistimos a um belo espetáculo, quando ouvimos solenemente proclamar a ortodoxia da moral espírita; quando, durante as suspensões e na saída das audiências, ouvimos estas palavras repetidas em público: "Devemos invejar a felicidade daqueles que sua fé põe constantemente em presença daqueles que amaram, e cujo túmulo, ele mesmo, não pode mais separá-los."

"Vede, com efeito, essa multidão que num instante esse pretório não poderá mais conter, ali se espremem os membros de todas as posições sociais, desde a mais ínfima até a mais elevada. Pensai que esses homens vêm

simplesmente assistir aos vulgares debates de um sujo negócio em polícia correcional? à vergonha de dois infelizes que confessaram e contaram as circunstâncias de sua falta? Oh! não. O assunto em questão tem uma importância muito mais alta. O Espiritismo está em jogo; se vem ouvir a revelação que se terá trazido sobre a nova doutrina numa investigação de três meses; se vem gozar do ridículo que não pode faltar nem cair sobre esses pobres alucinados; mas essas esperanças pouco caridosas foram frustradas pela sabedoria do tribunal.

"O presidente começa por proclamar a liberdade de consciência mais absoluta; recomenda a todos o respeito pela crença religiosa de cada um; caminha ele mesmo até o fim neste caminho. Uma ocasião se apresenta de ler a carta de nosso mestre a Vitet (carta citada mais acima); toma-a e faz observar, depois da leitura, que, para ele, reconhecia ali uma voz digna dos primeiros Pais da Igreja; que jamais mais bela moral foi pregada numa melhor linguagem.

"Vinte testemunhas foram unânimes sobre a veracidade, para eles, dos transportes; nenhuma manifestou a menor suspeita. Daí a declaração de incompetência do tribunal. Somente Vitet, e seu doméstico Muson, contestaram o caminho miraculoso; mas no mesmo instante se lhe opôs uma ata redigida no mesmo dia por Vitet, escrita de sua mão, trazendo sua assinatura e a de Muson. Dois membros de nossa sociedade foram ouvidos. O presidente não temendo fazer nascer de sua destituição a discussão sobre certos

pontos da doutrina; um e o outro responderam perfeitamente e triunfou com a satisfação de todos os Espíritas.

"O advogado de Hillaire foi, e não podia ser senão muito curto, no que concerne especialmente ao chefe da acusação. Mas sobre a Doutrina, sobre os seus ensinamentos, sobre as suas consequências, os seus progressos no mundo; sobre a perseverança desses homens da localidade, pelo menos, dizia ele, nossos iguais em ciência, em inteligência, e em moralidade, em posição social; sobre os fatos publicados cada dia pela imprensa; sobre a multiplicidade das obras, dos jornais especiais, sempre falou com eloquência e convicção. Seu último lance foi a leitura de uma carta do Sr. Jaubert. Nesta carta, o Sr. Jaubert dá conta de que ele mesmo e seus amigos, ocupando-se de manifestações físicas, *viram e viram bem,* à luz das lâmpadas tão bem quanto à luz do dia, fatos análogos aos obtidos por Hillaire, dos quais dá conta nos menores detalhes. Esta leitura, seguida daquela, com um tom solene, da profissão de fé do próprio Sr. Jaubert, de um magistrado, vice-presidente em exercício de um tribunal civil, capital do departamento, esta leitura emocionou todo o auditório. (O *Journal de Saint-Jean-d'Angély,* de 12 de fevereiro, dá a análise desse notável recurso de defesa. Ver também a *Revue de l'Ouest,* de Niort, de 18 de fevereiro.)

"Em seu requisitório, o ministério público desonra naturalmente o culpado. Quanto aos fatos de manifestações, os explica por meios vulgares; cada um, diz ele, em seu salão, os produz à sua vontade, com a maior facilidade: a

menor habilidade basta. Cita fatos medianímicos históricos para os quais conclui pela alucinação. Pelo que concerne à Doutrina, sempre foi digno e respeitoso para com seus sectários derrotados. Sobretudo, calorosamente, aplaudiu a coragem, a sinceridade e a boa-fé das testemunhas que vieram afirmar sua crença, sem se deterem nem pelo medo dos sarcasmos e da zombaria, nem por seus interesses materiais, que poderiam com isso sofrer."

O Espiritismo não só saiu são e salvo dessa prova, saiu com as honras da guerra. O julgamento, é verdade, não proclamou a realidade das manifestações de Hillaire, mas as colocou fora de causa por sua declaração de incompetência; por isso mesmo não as declarou fraudulentas. Quanto à doutrina, obteve ali um estrondoso sufrágio. Para nós, é o ponto essencial, porque o Espiritismo está menos nos fenômenos materiais do que em suas consequências morais. Pouco nos importa que se neguem os fatos que são cada dia constatados sobre todos os pontos da Terra; o tempo não está longe em que todo o mundo será forçado a se render à evidência; o principal é que a doutrina que dele decorre seja reconhecida digna do Evangelho sobre o qual se apoia. Certamente, o Sr., o substituto, não é espírita; o presidente também não o é mais, que o saibamos; mas o que estamos felizes de constatar, é que a sua opinião pessoal não tira nada à sua imparcialidade.

Os elogios dados às testemunhas são uma brilhante homenagem prestada à coragem da opinião e à sinceridade

das crenças. Devemos a esses firmes sustentáculos de nossa fé um testemunho especial; apressamo-nos em lhos dar pelo requerimento seguinte, que lhes fizemos chegar.

Paris, 21 de janeiro de 1865.

O SR. ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DEVOTADOS NO CASO HILLAIRE.

Caros irmãos em Espiritismo,

Venho, tanto em meu nome pessoal quanto em nome da Sociedade Espírita de Paris, pagar um justo tributo de elogios a todos aqueles que, na triste circunstância nas quais fomos todos afligidos, sustentaram sua fé, defenderam a verdade com coragem, dignidade e firmeza. Um brilhante e solene testemunho lhes foi prestado pelos órgãos da justiça; o de seus irmãos em crença não poderia lhes faltar. Disso pedi a lista tão exata e tão completa quanto possível, a fim de inscrever seus nomes ao lado daqueles que têm muito mérito do Espiritismo. Isto não é para entregá-los a uma publicidade que feriria sua modéstia, e seria aliás, nos tempos que correm, mais nociva do que útil, mas nosso século é tão preocupado que é esquecido; é preciso que a memória dos devotamentos verdadeiros, puros de todo pensamento dissimulado de interesse, não seja perdida por aqueles que virão depois de nós. Os arquivos do Espiritismo lhes dirão aqueles que têm um direito legítimo ao seu reconhecimento.

Aproveito esta ocasião, caros irmãos, para conversar um instante convosco, sobre o assunto que nos preocupa.

À primeira vista, poder-se-ia temer as consequências desse caso para o Espiritismo. Não me inquietei com isto, como o sabeis, porque ela não poderia, em todos os casos, produzir senão uma emoção local e momentânea; porque a nossa Doutrina, não mais do que a religião, não pode ser responsável pelas faltas daqueles que não a compreendem. É em vão que nossos adversários se esforçam em apresentá-la como malsã e imoral; é preciso provar que ela provoca, desculpa ou justifica um único ato repreensível qualquer ou que ao lado de seus ensinos ostensivos ela tenha segredos sob os quais a consciência pode se colocar ao abrigo. Mas como, no Espiritismo, tudo se passa sob a luz, que ele não prega senão a moral do Evangelho, a prática do qual tende a conduzir os homens que dela se afastam, somente uma intenção malévola poderia imputar-lhe tendências perniciosas. Cada um podendo julgar por si mesmo seus princípios claramente proclamados e claramente formulados em obras ao alcance de todos, só a ignorância ou a má-fé podem desnaturá-los, assim como se fez com os primeiros cristãos acusados de todas as infelicidades e de todos os acidentes que ocorriam em Roma, e de corromper os costumes. O cristianismo, o Evangelho à mão, não podia sair vitorioso de todas essas acusações e da luta terrível empregada contra ele; assim ocorre com o Espiritismo que, ele também, tem por bandeira o Evangelho. Para a sua justificação, basta lhe dizer: Vede o que ensinam, o que recomendo e o que condeno; ora, o que é que condeno? Todo ato contrário à caridade, que é a lei ensinada pelo Cristo.

O Espiritismo não está somente na crença na manifestação dos Espíritos. O erro daqueles que o condenam é crer que ele não consiste senão na produção de fenômenos estranhos, e isso porque, não se dando ao trabalho de estudá-lo, dele não veem senão a superfície. Esses fenômenos não são estranhos senão para aqueles que não lhe conhecem a causa; mas quem as aprofunda nelas não vê senão os efeitos de uma lei, de uma força da Natureza que não se conhecia, e que, por isso mesmo, não são nem maravilhosos, nem sobrenaturais. Esses fenômenos provando a existência dos Espíritos, que não são outros senão as almas daqueles que viveram, provam, consequentemente, a existência da alma, a sua sobrevivência ao corpo, a vida futura com todas as suas consequências morais. A fé no futuro, encontrando-se assim apoiada sobre provas materiais, torna-se inabalável, e triunfa da incredulidade. Eis porque, quando o Espiritismo se tiver tornado a crença de todos, não haverá mais nem incrédulos, nem materialistas, nem ateus. Sua missão é a de combater a incredulidade, a dúvida, a indiferença; não se dirige, pois, àqueles que têm uma fé, e a quem essa fé basta, mas àqueles que não creem em nada, ou que duvidam. Ele não diz a ninguém para deixar a sua religião; respeita todas as crenças quando elas são sinceras. A liberdade de consciência, aos seus olhos, é um direito sagrado; se não a respeitasse, faltaria ao seu primeiro princípio que é a caridade. Neutro entre todos os cultos, será o laço que os reunirá sob uma mesma bandeira, a da fraternidade universal; um dia se estenderão a mão, em lugar

de se lançarem anátemas.

Os fenômenos, longe de serem a parte essencial do Espiritismo, dele não é senão o acessório, um meio suscitado por Deus para vencer a incredulidade que invade a sociedade; é sobretudo na aplicação de seus princípios morais. É nisso que se reconhecem os Espíritas sinceros. Os exemplos de reforma moral provocados pelo Espiritismo são já muito numerosos para que se possa julgar os resultados que produzirá com o tempo. É preciso que a sua força moralizadora seja bem grande para triunfar dos atos inveterados pela idade, e da leviandade da juventude.

O efeito moralizador do Espiritismo tem, pois, por causa primeira os fenômenos das manifestações que deu a fé; se esses fenômenos fossem uma ilusão, assim como os incrédulos o pretendem, seria preciso bendizer uma ilusão que dá ao homem a força de vencer seus maus pendores.

Mas se depois de dezoito séculos se veem ainda tantas pessoas que professam o cristianismo e o praticam tão pouco, é espantoso que, em menos de dez anos, todos aqueles que creem no Espiritismo não tenham dele tirado todo o proveito desejável? Entre eles, há os que não viram senão o fato material das manifestações, os que a curiosidade foi mais excitada do que o coração, que não foi tocado. Eis porque todos os Espíritas não são perfeitos. Isso nada tem de surpreendente em seu início, e se uma coisa deve admirar, é o número das reformas que se operaram nesse curto intervalo. Se o Espiritismo não triunfa sempre dos maus

arrastamentos de maneira completa, um resultado parcial não é um menor progresso o qual deve ser levado em conta, e, como cada um de nós tem seu lado fraco, isso deve nos tornar indulgentes. O tempo e novas existências acabarão o que foi começado; felizes aqueles que se pouparem novas provas!

Hillaire pertence a essa classe que o Espiritismo não fez, de alguma sorte, senão aflorar; foi por isso que faliu. – A Providência o havia dotado de uma notável faculdade, com a ajuda da qual ele fez muito bem; poderia com ela fazer muito mais, se não tivesse rompido sua missão por sua fraqueza. Não podemos nem condená-lo nem absolvê-lo; só a Deus pertence julgá-lo por não ter realizado a sua tarefa até o fim. Possa a expiação que sofre e um sério retorno sobre si mesmo merecer a sua clemência!

Irmãos, estendamos-lhe mão segura e oremos por ele.

(p. 86-93).

Revista Espírita de abril 1865

Desordem do império de Satã

Provas dadas ao fanatismo religioso de que os Espíritos não são demônios, em resposta as entrevistas sobre os Espíritos, do jesuíta Pé. Xavier Pailloux. Digressão histórica provocada por ele, e demonstração de que *Satã e o inferno* dos *satanistas* são um mito; seguidos de dados dos Espíritos sobre o estado póstumo do homem e de impressões depois

da morte;

Por L.-A-.G. Salgues (d'Angers).

Broch. pequena in-8º de 150 páginas – Angers, casa Lemesle e Cia. -Paris, Dentu, Palais-Royal. -Preço: 2fr.*

(p. 128).

Revista Espírita de maio 1865

Cartas do Sr. Salgues, d'Angers

Enviando-nos seu opúsculo: *A desordem do império de Satã,* que anunciamos em nosso último número, o Sr. Salgues quis juntar-lhe a carta seguinte que estamos felizes em publicar com sua autorização. Cada um apreciará, como nós, os sentimentos que ali estão expressos.

Angers, 9 de março de 1865.

Senhor e caro irmão em Deus,

É sob a impressão que me causou a leitura das comunicações dos Espíritos da senhora Foulon e do doutor Demeure *(Revista Espírita,* março de 1865), que tenho a honra de vos escrever para vos exprimir todo o prazer que ali encontrei, posso dizer muito do interesse, que é comumente o produto de vossa pena.

Venho de vos dirigir uma pequena brochura que vos rogo aceitar. Será para vós, e para todos os meus leitores, uma obra bem modesta; mas um velho de oitenta *e* dois anos, tendo a visão arruinada por excesso de trabalho e de

estudos, e, por isto, não podendo retocar, segundo seus desejos, o que escreveu, deve contar com a indulgência do público.

Os adversários católicos da pneumatologia mantêm, entre os fanáticos apostólicos, a opinião de que os Espíritos são demônios, que Satã é uma realidade, e prejudicam assim o desenvolvimento das boas doutrinas, como, com efeito, preciosas lições tão morais, tão consoladoras desses pretensos duendes. É em vão que as pessoas razoáveis negam estes últimos por uma simples negação persistente; convém provar, aos demonófobos, por detalhes desdobrados, que estão no erro; que o inferno dos cristãos é um mito, foi o que me determinou a escrever este opúsculo, sem pretensão de ocupar o lugar de um escritor.

Sendo assinante das publicações Espíritas de Bordeaux, acabo de enviar um exemplar de meu livro a cada um de seus autores. Deveria isso ser de outro modo junto a vós, senhor, de quem li sempre com zelo as produções desde o seu aparecimento. No entanto, pensareis que isso deveria ser com timidez, uma vez que fui adversário, não dos *Espíritas,* muito *honrados* para mim, mas do Espiritismo; não de maneira absoluta, mas por arrastamento, devendo, entretanto, repelir na ocasião uma linguagem que se me emprestava por *abuso* de minha assinatura; também acabei por interditar-me toda crítica, querendo ser amigo de todo mundo. Não quero, pois, mais do que observar, aproximar, comparar, esperar, aprender e julgar no silêncio do gabinete.

Hoje creio ainda que estamos longe de tudo saber, que em Espiritismo como em espiritualismo haveria oportunidade de *discutir como* os Espíritos certas questões da doutrina, mas não me prendo a isso no fundo; com a paciência chegaremos todos ao mesmo fim, à verdade absoluta e à vida eterna.

De resto, vejo que o *Espiritismo,* por toda a parte, faz felizes; *é* vossa obra gloriosa, e me aplico em fazer ler o mais possível os escritos que se difundem tanto hoje para consolidar a moralidade e os sentimentos religiosos, produzidos no caminho mais racional. Os homens sábios devem, pois, fazer votos *comigo* para que Deus vos conceda longos dias, em perfeita saúde. Creio que também se manifestou a meu respeito por terem Espíritos que, sem que nisso pensasse, e em diferentes lugares, me disseram que eu viveria muito tempo, o que já data de sete a oito anos. Talvez seja porque sempre tenha feito da propaganda com zelo, sem descanso, desde 1853, que por minha visão que muito sacrifiquei, tenho a força, a energia, a agilidade física e a vivacidade de um jovem, e que meus anos não transformam o meu aspecto.

Aceitai, pois, senhor e caro irmão, *a* segurança de minha alta consideração e de minhas cordiais saudações.

SALGUES.

Uma segunda carta do Sr. Salgues, de 11 de abril de 1865, contém a seguinte passagem:

"Um anúncio de meu opúsculo foi feito por um jornal

ao qual enviei um exemplar; devo censurarão autor por ter tomado sobre si para me dizer *adversário* IMPLACÁVEL *do Espiritismo.* Sob a impressão de dados fornecidos recentemente a Victor Hennequin por um mau Espírito, combati de boa fé a doutrina das encarnações; mas depois de ter reconhecido um grande número de incoerências *espiritualistas,* do mesmo modo que notei no Espiritismo certos detalhes que não captaram a minha confiança, acabei por me limitar a observações minuciosas, esperando com paciência o dia em que, de uma natureza mais perfeita, pudesse reconhecer a verdade a respeito de nosso destino depois da vida na matéria. No momento, me basta, pelos fatos e as comunicações dos Espíritos, de estar seguro de uma segunda vida no estado espiritual."

Resposta.

Meu caro senhor,

Recebi a carta que consentistes me escrever, assim como a brochura que a acompanhava, e da qual vos peço receber meus muito sinceros agradecimentos. Não tive ainda o tempo de tomar conhecimento dessa obra, mas não duvido de que nela não calastes da tarefa aos nossos antagonistas. A questão do demônio é o último cavalo de batalha ao qual se aferram; mas esse cavalo é muito paralítico, e a corda dessa âncora de salvação é tão usada, que não tardará a se romper e deixar ir o barco à deriva.

Estou feliz, senhor, pelos excelentes sentimentos que

consentistes me testemunhar, e de encontrar em vós uma moderação e uma imparcialidade que testemunham a elevação de vosso Espírito. O contrário me espantaria, eu o confesso, e é para mim uma grande felicidade ver que fui induzido em erro por falsas aparências. Se diferimos sobre alguns pontos da Doutrina, vejo com uma verdadeira satisfação que um grande princípio nos une, é este: Fora da caridade não há salvação.

Recebei, caro senhor, as fraternais saudações do vosso todo devotado,

ALLAN KARDEC.

(p. 140-143).

Revista Espírita de junho 1865

Os dois espiões

Um de nossos correspondentes, de São Petersburgo, nos dirige a tradução de um artigo publicado contra o Espiritismo, num jornal religioso dessa cidade: *Doukhownaïa Beceda* (Conversas religiosas). É um relato fornecido por duas pessoas jovens de Moscou, Srs***, que se apresentaram entre nós em novembro último, sob as aparências de homens da melhor companhia, se dizendo muito simpáticos ao Espiritismo, e que foram recebidos com as considerações que mandavam suas qualidades de estrangeiros. Absolutamente nada, em suas palavras nem em suas maneiras, traía a intenção que os trazia; era preciso que isso fosse assim para

desempenhar seu papel e cumprir a missão da qual estavam encarregados. Certamente, nossos adversários da França nos habituaram a relatórios que não brilham pela exatidão, em matéria de Espiritismo; mas lhes devemos esta justiça de que nenhum, pelo menos do nosso conhecimento, levou a calúnia tão longe. Isto teria sido difícil num jornal francês, porque a lei protege contra tais abusos, mas também porque muitas testemunhas oculares viriam constatar a verdade; mas, a seiscentas léguas, num país estranho e numa língua aqui desconhecida, isso era mais fácil. Devemos aos numerosos adeptos da Rússia uma refutação desse ignóbil panfleto, cujos autores são tanto mais repreensíveis quanto abusaram da confiança que haviam procurado inspirar. Introduzindo-se sob falsas aparências, como emissários de um partido, numa casa particular e numa reunião toda privada, que nunca é aberta ao público, e onde não se é admitido senão sob recomendação, para entregar à publicidade um relatório desfigurado e ultrajante, coloca-se abaixo dos espiões, porque os espiões, ao menos, dão uma conta exata daquilo que viram. É lamentável que isto seja ainda em nome da religião que se façam semelhantes coisas e que se as crê necessárias à sua sustentação. Não será por tais meios que se arruinará jamais o Espiritismo; se o engrandece pelo ódio que se lhe leva. Assim o foi com o Cristianismo em seu início; perseguindo-o, seus adversários trabalharam pela sua consolidação. Mas nessa época não se tinha a publicidade, e a calúnia podia manter-se por muito tempo; hoje a verdade se faz luz prontamente, e quando se diz maldosamente que uma

coisa é negra, todos podem encontrar ao seu lado a prova de que ela é branca, e o odioso da calúnia recai sobre seus autores.

As reflexões do jornal são as de todos os detratores que pertencem à mesma opinião; foram refutadas tantas vezes que seria inútil a isto retornar. No entanto, citaremos a passagem seguinte:

"Os Espíritas, com efeito, estão em comunicação direta com o mundo dos Espíritos, a tal ponto que os mais altos e mais sagrados personagens vêm ao seu chamado *ad libitum* ao capricho dos médiuns, como ao som de uma campainha? Não há aqui do charlatanismo e do embuste grosseiro, não da parte dos Espíritos que Allan Kardec ensina tão bem a distinguir, mas da parte do próprio chefe dessa mesma seita, tão sedutora para a imaginação de seus adeptos inexperientes? Duas cartas aqui reunidas, de Paris, provindas de pessoas *dignas de fé,* mas que não quiseram se nomear, podem dar uma resposta suficiente a essa delicada questão."

O Espiritismo jamais disse que os Espíritos, quaisquer que sejam, viessem à vontade de um médium qualquer; ao contrário, diz que eles não estão às ordens de ninguém; que vêm quando querem e quando o podem; faz mais, uma vez que demonstra as causas materiais que se opõem a que um Espírito se manifeste ao primeiro que chegue.

Se a comunicação dos Espíritos não é senão uma ideia sem fundamento e uma encenação, uma única pessoa dela deveria ter o monopólio; como ocorre que a sua realidade seja constatada há

anos por milhões de indivíduos, de todas as classes e de toda idade, em todos os países? Todo o mundo desempenha, pois, a comédia desde os príncipes até os plebeus, e isto em proveito de quem? O que é mais bizarro ainda, é que essa comédia leva a Deus os incrédulos, e faz orar aqueles que se riam da prece. Jamais se viram espetáculos de escamotagem produzir resultados tão sérios.

Quanto às cartas dos dois emissários, seria supérfluo realçar as tolas e grosseiras injúrias que elas encerram; bastar-nos-á citar alguns erros materiais para mostrar a fé que merece seu relatório sobre o resto.

Na hora convencionada, fomos nos recomendar a Allan Kardec. Ele mora numa das passagens constantemente cheias pela multidão. Uma inscrição em grandes letras anuncia que é lá que se realizam os mistérios do Espiritismo.

Debaixo da escada, há um pequeno escudo com estas palavras: *Revista Espírita, no segundo,* porque lá está o escritório do jornal, e que todo jornal estando sujeito ao público, deve indicar seu domicílio. Abaixo está escrito: *Sala de cursos,* porque a sala das sessões estava primitivamente destinada a cursos diversos, que jamais ocorreram desde que habitamos esse local. Nada há lá que anuncie a realização de mistérios quaisquer. Aí está uma primeira invenção desses senhores tão dignos de fé.

Eram cinco horas da tarde; estava sombrio e o Espírita não tinha luz. Por alamedas tortuosas fomos introduzido em seu escritório.

Os visitantes jamais foram introduzidos em meu escritório, mas num salão de recepção que, sem dúvida, não é o de um palácio, mas onde aqueles que não o acham dignos deles estão

perfeitamente livres de retornar.

Depois de nos ter convidado para sentar, pôs-se a continuar a conversa com um jovem nosso desconhecido. As palavras deste último nos fizeram compreender que era um médium recente, que se achava obsidiado pela força impura que lhe dá respostas sob a máscara de puros Espíritos; que de início as respostas são veladas por uma inocência perfeita, mas que, em seguida, o diabo se trai pouco a pouco. A voz, o ar aturdido do jovem, tudo denotava uma violenta agitação. O Espírita respondeu que uma pureza moral da vida, a moderação, eram necessárias para se comunicar com os Espíritos, e assim por diante; que no começo o médium comumente é perseguido pelos maus Espíritos, mas que depois chega aos bons. O tom desse discurso era o de um mestre ou de um preceptor. *Não há dúvida* de que tudo isso não era senão uma comédia encenada em nossa presença.

Esse jovem, nos lembramos, era simples operário que vinha nos pedir conselhos, como isto ocorre frequentemente. *Continuamos* nossa conversa com ele, porque aos nossos olhos um operário, homem honesto, tem direito a tanto mais considerações quanto sua posição seja mais humilde. É possível que isto não seja as ideias desses senhores, mas aqui virão quando, numa outra existência, se encontrarem na condição daqueles que tratam hoje com altivez. Quanto à comédia que, *ele não tem dúvida,* era encenada por eles, e é bastante singular que ela fosse preparada por eles quando não os esperávamos. Em sua chegada, o jovem estava só; uma vez que *continuamos a* conversa, é que ela tinha começado; então desempenhamos a comédia a dois. Em todos os casos, ela nada

tinha de muito interessante, e quando se fez tanto, fez-se alguma coisa melhor.

Graças a uma obscuridade interessante, o mestre não estava visível. Ele se dirigia a nós por uma pergunta que sondava nossa crença em Espiritismo, seu desenvolvimento em Moscou e assim por diante. Ele procedia com muita reserva até que conheceu nosso desejo. Nos foi trazida uma lâmpada; então, nos vimos diante de um senhor bastante corpulento, idoso, com a fisionomia bastante indulgente, os olhos singulares; eles penetravam, por assim dizer, o indivíduo: é o primeiro olhar, e, em segundo lugar, estavam marcados com uma certa fantasia. Olhei por muito tempo seus olhos notáveis ao mais alto grau em sua fisionomia comum.

Não sei porque atraí sua atenção, de sorte que me perguntou várias vezes se eu não era médium. Nossa conversa provando-lhe nosso *conhecimento em matéria de Espiritismo,* ele começou a se tornar mais comunicativo.

Vê-se qual era seu saber em Espiritismo e sobretudo sua sinceridade. Se, por uma linguagem astuciosa, acreditavam nos enganar, foram eles que encenaram a comédia.

Pôs-se a falar, em termos obscuros, da alma e dos Espíritos; sua voz foi primeiro calma, mas terminou seu discurso com uma ênfase singular. Tendo-lhe sido perguntado como distingue os bons Espíritos dos maus, respondeu que se punha preliminarmente cada Espírito *à* prova; *se o Espírito não contradissesse as opiniões morais e religiosas dos*

Espíritas, era anotado como puro Espírito. À minha pergunta: por que não se ocupava senão da solução das questões morais *e* não tocava nem as questões científicas, nem as questões *políticas* (esta pergunta o desagradou visivelmente, ele respondeu alguma coisa neste gênero: que os Espíritos com isso não se misturam.

A política, geralmente, é o terreno perigoso sobre o qual os falsos irmãos procuram conduzir os Espíritas. A moral, segundo eles, é coisa muito banal e muito vulgar; isso é muito repetido; é preciso do positivo. Um indivíduo decorado que tinha, sob uma aparência enganosa, se introduzido num grupo de operários, em Lyon, onde se encontravam também alguns militares, colocou esta pergunta: "O que é que os Espíritos pensam de Henri V?" A resposta dos Espíritos e do assistente não lhe deu desejo de recomeçar nem de retornar.

Depois de uma certa *hesitação,* nos *permitiu,* sexta-feira *à* noite, assistir *a* uma reunião dos Espíritas. Propunha-se questionar um coronel da guarda falecido há pouco, precedentemente médium. Dissemos-lhe adeus. A noite de sexta-feira me interessa e vos darei conta de tudo aquilo que ouvir e ver. Diz-se, no entanto, que ele toma *cem francos* por cada sessão. Se for verdade, me será, bem entendido, impossível ouvir e ver. *Eu sacrificarei dez francos,* mas não mais. Paris 2/14 de novembro de 1864.

Independentemente de nossos princípios muito conhecidos e nitidamente formulados nas obras, no fato de exploração do Espiritismo sob uma forma qualquer, mais de seis mil ouvintes que foram admitidos nas sessões da Sociedade Espírita de Paris desde a sua fundação, em 1º de abril de 1858, podem dizer se jamais um

único pagou a menor das coisas como retribuição obrigatória ou *facultativa;* se mesmo foi imposto a quem quer que seja, como condição de admissão, a compra de um único livro ou assinatura de Revista. Quando se explora o público, não é difícil sobre a escolha; visa-se o número. Não se conceberia, pois, *a hesitação* em admitir esses senhores; em lugar de lhes *permitir* virem, se lhes teria solicitado. Só por essas palavras eles se traem; mas não se pensa em tudo.

Desde o instante que tinham, supostamente, ouvido dizer que se pagaria cem francos por pessoa, e que não consentiam em lhe dar senão dez, como ocorre que não lhe sejam asseguradas durante a sessão? Era muito natural, necessário mesmo, nos perguntar para não ser apanhado de surpresa ao chegar. Há aqui uma insinuação pérfida, mas inábil. No relato que fazem da sessão a que assistiram, não falam de pagamento; ora, tendo dito que *sacrificariam* dez francos, dão a entender que não lhes custou nada. Recuaram diante de uma afirmação; mas disseram a si mesmos: "Lancemos a ideia, dela restará sempre alguma coisa;" mas quando ela não tem nada, nada pode restar. Sim, dela resta alguma coisa: a vergonha para o mentiroso.

De resto, não é a primeira vez que a malevolência e o ciúme empregaram esse meio para procurar desacreditar a Sociedade na opinião. Recentemente, em Nantes, um indivíduo afirmava que as entradas ali eram a cinco francos o lugar. Seria singular que, depois de oito anos que ela existe, não se saiba ainda se faz pagar 100 francos ou 5 francos. Em verdade, é preciso estar muito cego pelo desejo de prejudicar para crer enganar o público num fato tão material que recebe cada dia um desmentido, seja pelas pessoas que a ela assistem, seja pelos princípios que ela professa e que estão formulados inequivocamente em nossos escritos.

Dessa calúnia, no entanto, ressalta uma instrução. Do momento em que nossos adversários creem desacreditar a Sociedade dizendo que ela faz os visitantes contribuírem, é que consideram como mais honroso não fazer ninguém pagar; ora, uma vez que ela nada exige, que em lugar de visar ao número dos ouvintes, ela o restringe tanto quanto possível, é que não especula sobre eles; põe fim assim a toda suspeição de charlatanismo.

A circunstância do coronel que deveria ser evocado nos colocou no caminho da sessão à qual esses senhores assistiram; seu verdadeiro nome, não se encontrando na lista desse dia, tivemos por isso mesmo a prova de que se apresentaram sob um nome falso. Isso foi tanto mais fácil verificar, quanto naquele dia era uma sessão particular reservada aos membros da Sociedade, e na qual não tinham sido admitidos, por exceção, senão quatro ou cinco estrangeiros de passagem por Paris. Em nos enviando seu nome verdadeiro, nosso correspondente nos mostra que são os filhos de um alto funcionário eclesiástico russo.

Sexta-feira passada, às oito horas da noite, fomos à sessão da Sociedade Espírita. Chegamos cedo; os membros ainda não eram numerosos, de maneira que pudemos examinar bastante minuciosamente a sociedade. Um quarto bem grande continha várias fileiras de cadeiras. Do lado de uma das paredes encontrava-se uma mesa coberta com um pano verde, ao redor da qual as cadeiras estavam colocadas para os membros principais da Sociedade. Sobre a mesa se encontrava depositado um monte de papel branco e um montão de lápis apontados; nada mais. Acima da mesa pendia a imagem do Salvador abençoado.

Uma investigação tão minuciosa e levada até ao exame dos

papéis, é sofrivelmente indiscreta da parte de pessoas que se dizem fidalgas e admitidas por favor numa casa particular, e numa reunião que nada tem de pública.

Não há absolutamente nada suspenso acima da mesa. Contra a parede há uma pequena estatueta de São Luís, em roupa de rei, presidente espiritual da Sociedade, e que esses senhores, parece, tomaram pelo Cristo.

As paredes estavam ocupadas por quadros singulares. Examinei-os nos detalhes; o maior, pintado a carvão, representa um caixão com correntes caídas ao seu redor; um sítio singular com plantas fantásticas cercava o caixão. Uma inscrição explica que esse quadro foi pintado por *Allan Kardec.*

Esse quadro alegórico *é o do* qual falamos na Revista de novembro de 1862, página 347. Não há nem correntes nem plantas de nenhuma espécie. Embaixo há uma legenda que lhe dá a explicação, com esta inscrição aposta sobre o próprio quadro, e em evidência; "Pintura mediúnica. Quadro alegórico do advento e do triunfo do Espiritismo; pintado pelo Sr. *V…, jovem aluno em farmácia,* sem nenhum conhecimento da pintura nem do desenho. Lyon." Não sabemos como esses senhores puderam ver nessas palavras, que o quadro foi pintado por Allan Kardec. Isto dá a medida da exatidão de seu relatório, e da confiança que merece o resto.

Mais longe, toda uma série de quadros ou desenhos, não sei mais como chamá-los, feitos por diversas pessoas sob a influência dos Espíritos. Não posso vos dizer a impressão que produziram sobre mim todos esses quadros. Examinei-

me, examinei-me severamente, e achei que a posição do meu Espírito nesse momento era perfeitamente tranquila, cheia de sangue frio, de forma que a impressão que eu sentia à frente desse quadro era independente de minha imaginação. Esses quadros ou desenhos representam uma reunião insólita de linhas, pontos, círculos, uma reunião original que não tem nenhuma semelhança com o que quer que seja. Todos eles têm um certo gênero particular, sua independência em comum, mas completamente indefinível. Dir-se-ia que nada há de particular nesses pontos e linhas, e, no entanto, a impressão que deixam é uma das mais desagradáveis, semelhante a um pesadelo cansativo. Em uma palavra, esses desenhos não se parecem em nada com aquilo que sempre pudemos ver e, para mim, são repugnantes.

Nessa coleção de desenhos medianímicos se encontram: a casa de Mozart .publicada na Revista de agosto de 1858, e que todo mundo o conhece; uma cabeça de Cristo feita no México, e de um tipo admirado por todos conhecedores; um outro Cristo coroado de espinhos, modelado em terra da Sociedade Espírita de Madrid, e de uma execução notável; duas soberbas cabeças de mulher de perfil grego, desenhadas na Sociedade Espírita de Constantinopla; uma paisagem desenhada pela pluma do Sr. Jaubert, vice-presidente do tribunal de Carcassonne e que um artista consumado assinaria, etc. Eis as linhas e os pontos que turbilhonaram aos olhos desses senhores de maneira tão desagradável e tão repugnante. Estaríamos verdadeiramente tentados em crer que um Espírito maligno fascinou-os de maneira a ver tudo ao reverso, a fim de tornar seu relatório mais pitoresco.

Enfim, os membros da Sociedade se parecem em torno

de setenta. Como nas sociedades verdadeiras, havia lá também secretários. Leu-se primeiro um capítulo do Evangelho; em seguida a ata da sessão precedente. Confesso que não havia meio de escutar, sem rir, as diferentes informações. Por exemplo, em Lyon, um Espírito disse asneiras, por isso determinou-se excluí-lo do número dos Espíritos de boa conduta.

Em seguida, leu-se a necrologia do coronel espírita que deveria ser evocado durante essa sessão. Antes ele foi são-simoniano. Allan Kardec disse à Sociedade que lhe proporia perguntas sobre a relação do Espiritismo e do são-simonismo. Um dos assistentes querendo fazer algumas perguntas, mas o mestre declarou que os outros não devem *se meter* ali onde não são chamados.

Eu esperava sempre que se anunciasse *o aparelho* que deveria escrever, mas me enganava; Allan Kardec soou *a campainha,* e nos chegou da antecâmara um jovem com fisionomia de *velhaco,* em uma palavra, preparado, por um quarto de rubro, a ensinar de cor, fosse mesmo um meio livro, todas as espécies de absurdos. Foi-nos dito que era um médium.

Aqui não são mais simples inexatidões, é o cinismo da injúria e do ultraje. Basta citar tais palavras para difamá-las. Na França seus autores teriam sido justiçados pelos tribunais. Em matéria de inexatidão, diremos somente que, desde que a Sociedade existe, jamais houve uma campainha sobre a escrivaninha, e, por conseguinte, não teríamos podido soar. Os ouvidos desses senhores

tilintaram, como seus olhos tiveram miragem olhando os desenhos e a estatueta de São Luís.

O público, na maioria de velhos, era característico; quase a metade consistia em semiloucos. As pessoas jovens, extasiadas e despenteadas, seguiam muito atentas os movimentos do médium, e se achavam lá pessoas tão cegamente crentes, que era mesmo um pecado delas rir; não se podia senão lamentá-las.

Parece que é um pecado menor de mentir. É verdade que certas pessoas pensam que toda mentira feita por um bom motivo é desculpável; ora, denegrir o Espiritismo para alguns é um excelente motivo.

Que respondeu o Espírito? Ele respondeu, pela tagarelice de Allan Kardec que se pode admirar em suas obras.

O Espírito de que se trata é o do Sr. Bruneau, membro da Sociedade Espírita, antigo aluno da escola politécnica e coronel de artilharia, morto muito recentemente. Pode-se ver a ata de sua evocação na Revista de dezembro de 1864.

Allan Kardec *propôs evocar uma criança são-simoniana.*

Havia nesse dia na mesa não um, mas oito médiuns. Como se acabara de evocar o Sr. Bruneau, que fora são-simoniano e que se tinha sobre ele falado dessa doutrina, seu antigo chefe, o Padre Enfantin, se comunicou espontaneamente, e sem evocação, por um dos médiuns, e tomou parte na discussão. Foi, pois, o *Padre Enfantin* que o fiel narrador tomou por uma criança são-simoniana.

Quanto a nós, ficamos aborrecidos quanto desgostosos pelo aspecto de todas essas *pessoas;* nos levantamos e nos fomos dali. Assim acabou nossa visita espírita. No entanto, não pude me dar bem conta se é *trapaça ou loucura.* Mas, bastante! Paris, 9/21 de novembro de 1864.

O redator do jornal acrescenta: a pessoa que nos proporcionou essas duas cartas interessantes termina-as com a observação seguinte: "O relato *consciencioso* do testemunho ocular é muito importante, ainda mesmo que não explique tudo. Foi por esta razão que pensamos que o extrato atual não será desprovido de utilidade para as pessoas muito crédulas em fato de comunicação com os Espíritos."

As reflexões às quais os fatos da natureza deste dão lugar estão resumidas no artigo seguinte.

(p. 179-187).

Nova tática dos adversários do Espiritismo

Nenhuma doutrina filosófica dos tempos modernos jamais causou tanta emoção quanto o Espiritismo, jamais alguma foi atacada com tanta obstinação; está aí a prova evidente de que se lhe reconhece mais vitalidade e raízes mais profundas do que às outras, porque não se toma a picareta para arrancar um talo de erva. Os Espíritas, longe de se amedrontarem com isso, devem se rejubilar, uma vez que isso prova a importância e a verdade da Doutrina. Se esta não fosse senão uma ideia efêmera e sem consistência, uma mosca que voa não se lhe atiraria uma bala de canhão

vermelha; se ela fosse falsa, seria atacada vivamente com argumentos sólidos que não lhe teriam deixado triunfar; mas, uma vez que nenhum daqueles que se lhe opõe, puderam detê-la, é que ninguém encontrou o defeito da couraça; no entanto, não foi nem o talento nem a boa vontade que faltaram aos seus antagonistas.

Nesse vasto torneio de ideias, onde o passado entra em luta com o futuro, e que tem por campo fechado o mundo inteiro, o grande júri é a opinião pública; ela escuta o pró e o contra; ela julga o valor dos meios de ataque e de defesa, e se pronuncia por aquele que dá as melhores razões. Se um dos dois combatentes emprega armas desleais, é logo condenado; ora, há de mais desleais do que a mentira, a calúnia e a traição? Recorrer a semelhantes meios, é se confessar *vencido pela lógica; a* causa que fica reduzida a tais expedientes é uma causa perdida; não é um homem, nem alguns homens que pronunciam a sua sentença, é a Humanidade que a força das coisas e a consciência do bem arrastam para o que é mais justo e mais racional.

Vede, na história do mundo, se uma única ideia grande e verdadeira não triunfou sempre, alguma coisa que se haja feito para entravá-la. O Espiritismo nos apresenta, sob esse aspecto um fato inaudito, é o de uma rapidez de propagação sem exemplo. Esta rapidez é tal que seus próprios adversários estão aturdidos; também atacam-no com o furor cego de combatentes que perdem seu sangue frio, e se espetam em suas próprias armas.

No entanto, a luta está longe de terminar: é preciso, ao contrário, esperar vê-la tomar maiores proporções e um outro caráter. Seria por muito prodigioso e contrário ao estado atual da Humanidade, que uma doutrina que leva em si o germe de toda uma renovação, se estabeleça pacificamente em alguns anos. Ainda uma vez, não nos lamentemos disto; quanto mais a luta for rude, mais o triunfo será brilhante. Ninguém duvida que o Espiritismo cresceu pela oposição que se lhe fez; deixemos, pois, esta oposição esgotar seus recursos: ela não o engrandecerá senão mais quando tiver revelado sua própria fraqueza a todos os homens. O campo de combate do Cristianismo nascente era circunscrito; o do Espiritismo se estende sobre toda a superfície da Terra. O Cristianismo não pôde ser abafado sob as ondas de sangue; ele cresceu por seus mártires, como *a* liberdade dos povos, porque era uma verdade. O Espiritismo, que é o Cristianismo apropriado ao desenvolvimento da inteligência e livre dos abusos, crescerá mesmo sob a perseguição, porque ele também é uma verdade.

A força aberta é reconhecida impotente contra a ideia espírita, mesmo nos países onde ela se exerce com toda a liberdade; a experiência aí está para atestá-lo. Comprimindo a ideia sobre um ponto se a faz jorrar de todos os lados; uma compressão geral fá-la-ia explodir. No entanto, nossos adversários não renunciaram a isso; à espera, recorreram a uma outra tática: a das manobras surdas.

Muitas vezes já tentaram, e o farão ainda,

comprometer a Doutrina empurrando-a para um caminho perigoso ou ridículo para desacreditá-la. Hoje é semeando sorrateiramente a divisão, lançando tochas de discórdia que esperam lançar a dúvida e a incerteza nos espíritos, provocar fraquezas verdadeiras ou *simuladas e* pôr em confusão os adeptos. Mas não são os adversários confessos que poderiam agir assim; o Espiritismo, cujo início tem tantos pontos semelhantes com os do Cristianismo, deve também ter seus Judas, para que haja a glória de sair triunfante dessa nova prova. Às vezes, o dinheiro é um argumento que substitui a lógica. Não se viu uma mulher que confessou ter recebido 50 fr. para simular a loucura depois de ter assistido a uma única reunião espírita?

Não foi, pois, sem razão que, na *Revista* de março de 1863, publicamos o artigo sobre os *falsos irmãos;* esse artigo não agradou todo o mundo, e mais de um nele quis ver mais claro e quis abrir os olhos aos outros, todos nos apertando a mão em sinal de aprovação, do qual não fôramos o ingênuo. Mas que importa! Nosso dever é de premunir os Espíritas sinceros contra as armadilhas que lhes são estendidas. Quanto àqueles que os princípios muito rigorosos para eles sobre este ponto como sobre vários outros, nos alienaram, é que sua simpatia estava na superfície e não no fundo dos corações, e não temos nenhuma razão para disso celebrar. Temos a nos ocupar com coisas mais importantes do que da sua boa ou má vontade a nosso respeito. O presente é fugidio; amanhã não será mais; para nós, ele não é nada; o

futuro é tudo, e é para o futuro que trabalhamos. Sabemos que as simpatias verdadeiras nele nos seguirão; as que estão à mercê de um interesse material frustrado, ou de um amor-próprio insatisfeito, não merecem esse nome.

Quem toma seu ponto de vista fora da esfera estreita do presente não é mais perturbado pelas mesquinhas intrigas que se agitam ao seu redor; é o que nos esforçamos por fazer, e é o que aconselhamos àqueles que querem ter paz da alma neste mundo. (O *Evangelho Segundo o Espiritismo,* cap. II, *nº.* 15.)

A ideia espírita, como todas as ideias novas, não podia deixar de ser explorada por pessoas que, não tendo triunfado em nada por má conduta ou incapacidade, estão à espreita daquilo que é novo, na esperança de nele encontrar uma mina mais produtiva e mais fácil; se o sucesso não responde à sua espera, não se deve a eles, mas à coisa que declaram ser má. Essas pessoas não têm de espíritas senão o nome. Melhor do que quer que seja, pudemos ver essa astúcia, tendo sido muitas vezes o alvo de mira dessas explorações, às quais não quisemos apertar a mão o que não nos fez amigos.

Retornemos ao nosso assunto. O Espiritismo, nós o repetimos, tem ainda que passar por rudes provas, e é aí que Deus reconhece seus verdadeiros servidores pela sua coragem, pela sua firmeza e pela sua perseverança. Aqueles que um medo ou uma decepção abalassem são como esses soldados que não têm coragem senão em tempo de paz, e

dão no pé ao primeiro tiro. No entanto, a maior prova não será a perseguição, mas o conflito das ideias que será suscitado e com a ajuda do qual se espera romper a falange dos adeptos e impondo-lhe uma unidade que se faz na Doutrina.

Esse conflito, embora provocado numa má intenção, que vem dos homens ou dos maus Espíritos, é, no entanto, necessário e devendo trazer uma perturbação momentânea em algumas consciências fracas, terá por resultado definitivo a consolidação da unidade. Em todas as coisas, não é preciso julgar os pontos isolados, mas ver o conjunto. É útil que todas as ideias, mesmo as mais contraditórias e mais excêntricas, apareçam; elas provocam o exame e o julgamento, e se são falsas o bom senso lhes fará justiça; tombarão forçosamente diante da prova decisiva do controle universal, como tantas outras já tombaram. É este o grande critério que fez a unidade atual; é o que a arrematará, porque é o crivo que deve separar o bom e o mau grão, e a verdade nele não será senão mais brilhante quando sair do cadinho liberta de todas as suas escórias. O Espiritismo está ainda em ebulição; deixemos, pois, a escuma subir à superfície e se espalhar, e com isso não será senão mais cedo depurada; deixemos aos adversários a alegria maligna e pueril de soprar o fogo para provocar essa ebulição, porque, sem o querer, apressam sua depuração e seu triunfo, e eles mesmos se queimarão no fogo que acendem. Deus quer que tudo seja útil à causa, mesmo o que se faz com a intenção de

prejudicá-la. Não esqueçamos que o Espiritismo não está acabado; não fez ainda senão colocar suas estacas; mas para avançar com segurança, deve fazê-lo gradualmente, à medida que o terreno estiver preparado para recebê-lo, e bastante consolidado para nele pôr o pé com segurança. Os impacientes que não sabem esperar o momento propício comprometem as colheitas como comprometem a sorte das batalhas.

Entre os impacientes, sem dúvida, há os de muito boa-fé; eles gostariam de ver a coisa ir ainda mais depressa, mas se parecem a essas pessoas que creem fazer avançar o tempo avançando o pêndulo. Outros, não menos sinceros, são levados pelo amor-próprio para serem os primeiros a chegar; semeiam antes da estação e não recolhem senão frutos abortados. Ao lado destes, infelizmente, há outros que levam o carro a toda a pressa, na esperança de fazê-lo espalhar.

Compreende-se que certos indivíduos que gostariam de ser os primeiros nos censurem por não termos sido mais rápidos; que outros, por razões contrárias, nos censurem por irmos muito lentamente; mas o que é menos explicável é ver às vezes essa dupla censura feita pelo mesmo indivíduo, o que não é dar prova de muita lógica. Que sejamos aguilhoados para irmos à direita ou à esquerda, que não lhe sigamos menos, como fizemos até o presente, a linha que nos está traçada, e no fim da qual está o objetivo que queremos alcançar. Iremos adiante, ou esperaremos, nos apressaremos ou diminuiremos o passo segundo as circunstâncias, e não

segundo a opinião de tal ou tal.

O Espiritismo caminha através de adversários numerosos que, não tendo podido prendê-lo pela força, tentam prendê-lo pela astúcia; insinuam-se por toda a parte, sob todas as máscaras, e até nas reuniões íntimas, na esperança de ali surpreender um fato ou uma palavra que, frequentemente, terão provocado, e que esperam explorar em seu proveito. Comprometer o Espiritismo e torná-lo ridículo, tal é a tática com *a* ajuda da qual esperam primeiro desacreditá-lo, para terem mais tarde um pretexto de fazer-lhe interditar, se isso se pode, o exercício público. E a armadilha contra a qual é preciso estar em guarda, porque está estendida por toda a parte, e à qual, sem o querer, dão a mão aqueles que se deixam levar pelas sugestões dos Espíritos enganadores e mistificadores.

O meio de desmanchar essas maquinações é de seguir o mais exatamente possível a linha de conduta traçada pela Doutrina; sua moral, que lhe é a parte essencial, é inatacável; praticando-a não se dá ensejo a nenhuma crítica fundada, e a agressão não lhe é senão mais odiosa. Encontrar os Espíritas em falta e em contradição com seus princípios seria uma boa fortuna para seus adversários; também vede como eles se apressam de carregar o Espiritismo, de todas as aberrações e de todas as excentricidades das quais não poderia ser responsável. A Doutrina não é ambígua em nenhuma de suas partes; ela é clara, precisa, categórica em seus menores detalhes; só a ignorância e a má-fé podem se

equivocar sobre o que ela aprova ou condena. É, pois, um dever para todos os Espíritas sinceros e devotados repudiar e desaprovar abertamente, em seu nome, os abusos de todos os gêneros que poderiam comprometê-la, a fim de não assumir-lhes a responsabilidade; pactuar com esses abusos seria tornar-se cúmplice deles, e fornecer armas aos nossos adversários.

Os períodos de transição são sempre penosos de passar; o Espiritismo está nesse período; ele o atravessará com tanto menos dificuldade quanto seus adeptos usarem de mais prudência. Estamos em guerra; ali está o inimigo que espia, pronto a explorar a menor falta em seu proveito, e pronto para fazer colocar o pé na lama, se o puder.

Não nos apressemos, pois, em lançar a pedra ou a suspeita muito levianamente, e sobre as aparências que poderiam ser enganosas; a caridade, aliás, nos faz da moderação um dever, mesmo para com aqueles que são contra nós. A sinceridade, no entanto, mesmo em seus erros, tem maneiras de franqueza com as quais não se poderia equivocar, e que a falsidade não a simulará jamais completamente, porque cedo ou tarde manifesta seu verdadeiro caráter; Deus e os bons Espíritos permitem que ela se traia por seus próprios atos. Se uma dúvida atravessa o espírito, isso deve simplesmente ser um motivo de se colocar em reserva, o que se pode fazer sem faltar às conveniências.

(p. 187-191).

Revista Espírita de outubro 1865

Partida de um adversário do Espiritismo para o mundo dos Espíritos

Escrevem-nos de V…:

"Há algum tempo, um eclesiástico morreu na nossa vizinhança; era um adversário declarado do Espiritismo, mas não desses adversários coléricos, como deles se veem muitos, que suprem a falta de boas razões pela violência e pela injúria. Era um homem instruído, de uma inteligência superior; combatia com talento sem acrimônia, e sem se afastar das conveniências; infelizmente para ele, apesar de todo o seu saber e seu incontestável mérito, não pôde opor-lhe senão os lugares comuns usuais, e não encontrou, para derrubá-lo, nenhum desses argumentos que levam no espírito das massas uma irresistível convicção. Sua ideia fixa, ou, pelo menos, aquela que procurava sobretudo fazer prevalecer, era que o Espiritismo não seria senão um tempo; que sua rápida propagação não era senão um entusiasmo passageiro, e que cairia como todas as ideias utópicas.

"Tivemos a ideia de evocá-lo em nosso pequeno círculo; sua comunicação nos pareceu instrutiva, sob vários aspectos, e por isto vo-la dirigimos. Ela traz, em nossa opinião, uma marca incontestável de identidade.

"Eis a sua comunicação:

Perg. (ao guia do médium) Consentiríeis em ter a bondade de nos dizer se podemos fazer a evocação do Sr.

abade D…? – *Resp.* Sim, ele virá; mas, embora persuadido da realidade de vossos ensinamentos, do que a morte o convenceu, tentará ainda vos provar a inutilidade de vossos esforços para difundi-los de maneira séria. Hei-lo pronto a se apoiar sobre as dissensões momentaneamente suscitadas por alguns irmãos que se diziam para vos provar a insanidade de vossa doutrina. Escutai-o; sua linguagem vos fará conhecer a maneira pela qual devereis falar-lhe.

Evocação, – Caro Espírito do Sr. D…, esperamos que com a ajuda de Deus e dos bons Espíritos, consentireis em vos comunicar conosco. Todo sentimento de curiosidade, como podeis vê-lo, está longe do nosso pensamento. Nosso objetivo, provocando esta entrevista, é dela tirar uma instrução proveitosa para nós, e talvez igualmente para vós. Ser-vos-emos reconhecidos por aquilo que consentirdes nos dizer. – *Resp.* Tendes razão em me chamar, mas estáveis enganados em crer que poderia recusar vir *a* vós. Crede bem que meu título de adversário do Espiritismo não é um motivo para mim de guardar o silêncio; tenho boas razões para falar.

Minha vinda é uma confissão, uma afirmação de vossos ensinamentos; eu o sei e o reconheço. Estou convencido da realidade das manifestações que experimento hoje, mas isso não é uma razão para que lhe reconheça a excelência, e que admito como certo o objetivo que vos propondes. Sim, os Espíritos *se* comunicam, e não são só os *demônios,* como o ensinamos, e pudera! com toda a *razão; é* inútil que me estenda a este respeito, porque conheceis tão

bem quanto eu as razões que nos levam a agir assim. Certamente, os Espíritos de todas as espécies se comunicam; disto sou uma prova, porque, se bem que não tenha a vaidade de me crer um ser superior, seja por meus conhecimentos, seja pela minha moralidade, tenho bastante consciência de meu valor para me avaliar acima dessas categorias de Espíritos atormentados pela expiação das mais vis imperfeições. Não sou perfeito; pude, como todo outro, cometer faltas; mas eu o reconheço com orgulho, se fui homem de partido, fui ao mesmo tempo homem de bem, no inteiro sentido desta palavra.

Escutai-me, pois. Os padres podem errar em vos combater; não sei o que o futuro reserva, e não entrarei em discussão sobre o mais ou menos fundamento de sua oposição, verdadeiramente sistemática; mas também, examinando com cuidado todas as consequências de uma aceitação, eles não podem se impedir de reconhecer que causaríeis sua ruína social, ou pelo menos uma transformação tão absoluta que todo privilégio, toda separação com os outros homens, seriam de rigor aniquilados. Ora, não se renuncia a alegria de coração por uma realeza muito invejável, a um prestígio que eleva acima do comum, por riquezas que, por serem materiais, não são menos necessárias à satisfação do padre quanto ao homem comum. Pelo Espiritismo, não mais oligarquia clerical; o padre não é ninguém e é cada um; o padre é o homem de bem que ensina a verdade aos seus irmãos; é o obreiro caridoso que

ergue seu companheiro *caído;* vosso sacerdócio é a fé; vossa hierarquia, o mérito; vosso salário, Deus! É grande! é belo! mas é preciso muito dizê-lo, cedo ou tarde é a ruína, não do homem, que não pode senão ganhar com esses ensinamentos, mas da família clerical. Não se renuncia de boa vontade, eu o repito, a honras, ao respeito que se está habituado a recolher. Tendes razão, eu o quero muito! e, no entanto não podeis desaprovar nossa atitude à frente de vosso ensino; digo *nossa,* porque ela é ainda minha, apesar de tudo o que vejo e de tudo o que podereis me dizer.

Admitamos vossa doutrina confirmada; hei-la escutada, estendendo por toda a parte suas ramificações, no povo como na classe rica, no operário como no literato, e *será este último que vos prestará o concurso mais eficaz,* mas que resultaria de tudo isso? Na minha opinião, hei-lo:

Já se operaram divisões entre vós. Duas grandes seitas existem entre os Espíritas: os Espiritualistas da escola americana e os Espíritas da escola francesa; mas não consideremos senão esta última. Ela é una? não. Eis, de um lado, os *Puristas* ou *Kardecistas,* que não admitem cada verdade senão depois de um exame atento, *e* a concordância de todos os dados; é o núcleo principal, mas não é o único; diversos ramos, depois de terem se infiltrado nos grandes ensinos do centro, separam-se da mãe comum para formar seitas particulares; outros, não inteiramente destacados do tronco, emitem opiniões subversivas. Cada chefe de oposição tem seus aliados; os campos não estão ainda desenhados,

mas se formam, e logo eclodirá a cisão. Eu vo-lo digo, o Espiritismo, como as doutrinas filosóficas que o precederam, não poderá ter uma longa duração. Ele foi, cresceu; mas agora está no auge, e já desce. Faz sempre alguns adeptos, mas, como o Saint-Simonismo, como o Fourierismo, como os Teósofos, ele cairá, para ser talvez substituído, mas cairá, eu o creio firmemente.

No entanto, seu princípio existe: os Espíritos; mas não há também seus perigos? Os Espíritos inferiores podem se comunicar, está aí sua perda. Os homens, antes de tudo, são dominados por suas paixões, e os Espíritos dos quais acabo de falar estão habituados a excitá-los. Como há mais imperfeições do que qualidades em nossa Humanidade, é, pois, evidente que o Espírito do mal triunfará, e que se o Espiritismo pode alguma coisa, isso será certamente a invasão de um flagelo terrível para todos.

Sobre isto, concluo que, bom por essência, é mau por seus resultados, e que, assim, é prudente rejeitá-lo.

O médium. Caro Espírito, se o Espiritismo fosse uma concepção humana, eu seria de vossa opinião; mas se vos é impossível negar a existência dos Espíritos, não podeis, não mais, desconhecer, no movimento dirigido pelos seres invisíveis, a mão poderosa da Divindade. Ora, a menos de negar os vossos próprios ensinos, quando estáveis sobre esta Terra, não podereis admitir que a ação do homem possa ser um obstáculo à vontade de Deus, seu criador. De duas coisas uma, ou o Espiritismo é uma obra de invenção humana, e

como toda obra humana está sujeito à ruína; ou é a obra de Deus, a manifestação de sua vontade, e neste caso nenhum obstáculo poderia impedir-lhe nem mesmo retardar-lhe o desenvolvimento. Se, pois, reconheceis que existem Espíritos, e que esses Espíritos se comunicam para nos instruir, isto não pode estar fora da vontade divina, porque então existiria, ao lado de Deus, uma potência independente que destruiria sua qualidade de todo-poderoso e, por conseguinte, de Deus. O Espiritismo não saberia ser arruinado, pelo fato de algumas dissensões que os interesses humanos poderiam fazer nascer em seu seio. – *Resp.* Talvez tenhais razão, meu jovem amigo (o médium era um jovem), mas nisso me atenho ao que disse; cesso toda discussão a esse respeito. Estou à sua disposição para toda pergunta que quiserdes me colocar, isto à parte.

O médium. Pois bem! Uma vez que o permitis, sem insistir sobre um assunto que talvez vos será penoso prosseguir neste momento, vos pediremos para nos descrever a vossa passagem dessa vida na qual estais, de nos dizer se tivestes perturbação, e se, em vossa posição atual, podemos vos ser úteis. – Resp. Apesar de mim não posso me impedir de reconhecer a excelência desses princípios que ensinam ao homem o que é a morte, e que lhe dão a afeição por seres que lhe são totalmente desconhecidos. Mas… enfim, minha cara criança, vou responder à vossa pergunta. Não quero abusar de vosso tempo, e posso com poucas palavras satisfazer o vosso desejo.

Eu vos confessarei, pois, que no momento de morrer não estava sem apreensão. Era a matéria que me levava a lamentar essa existência? era a ignorância do futuro? não vos esconderei, eu tinha medo! Perguntais-me se fiquei perturbado; como o entendeis? Se quereis dizer com isso que a ação violenta da separação mergulhou-me numa espécie de letargia moral, da qual saí como de um sono penoso, sim, fiquei perturbado; mas se entendeis uma perturbação nas funções da inteligência: a memória, a consciência de si mesmo, não, eu não estive. No entanto, a perturbação existe para certos seres; talvez existirá também para mim, se bem que não o creia. Mas o que creio é que geralmente esse fenômeno não deve ocorrer imediatamente após a morte. Fiquei surpreso, é verdade, em ver a existência do Espírito tal qual a ensinais, mas isto não é da perturbação. Eis como entendo a perturbação, e em que condições eu a experimento.

Se não estou seguro da verdade de minha crença, se a dúvida entra na minha alma a respeito do que acreditava então, se uma modificação brusca se opera em mim, em minha maneira de ver, nisso, estou perturbado; mas a minha opinião é de que essa perturbação não deve se formar logo depois da morte. Se creio no que me diz minha razão, o ser, morrendo, deve permanecer tal qual era antes de passar…; não é senão mais tarde, então que o isolamento, a mudança que *se* opera gradualmente ao seu redor, modificam suas opiniões, quando seu ser sente um abalo moral, que faz

cambalear sua segurança primitiva, que a perturbação começa verdadeiramente.

Perguntai-me *se* podeis me ser útil em alguma coisa; minha religião me ensina que a prece é boa; vossa crença diz que ela é útil; orai, pois, por mim, estejais assegurados de meu reconhecimento. Apesar da dissidência que existe entre nós, por isso não estarei menos encantado em vir conversar algumas vezes convosco.

O abade D…

Nosso correspondente tinha razão em dizer que esta comunicação é instrutiva; ela o é com efeito sob muitos aspectos, e nossos leitores apanharão facilmente os sérios ensinamentos que dela ressaltam, sem que tenhamos necessidade de assinalá-los. Vemos ali um Espírito que, quando, havia combatido nossas doutrinas, e esgotado contra ela todos os argumentos que seu profundo saber poderia saber; sábio teólogo, é provável que não negligenciou nenhum deles. Como Espírito, há pouco desencarnado, reconhecendo as verdades fundamentais sobre as quais nos apoiamos, com isto não persistiu menos em sua oposição, e pelos mesmos motivos; ora, é incontestável que se, mais lúcido em seu estado espiritual, se tivesse encontrado argumentos mais peremptórios para nos combater, tê-los-ia feito valer; longe disto, parece ter medo de ver muito claro, e, no entanto, pressente uma modificação em suas ideias. Ainda imbuído das opiniões terrestres, a elas liga todos os seus pensamentos; o futuro o amedronta, e é por isto que

não ousa olhá-lo frente a frente.

Nós lhe repreendemos como se, quando vivo, tivesse escrito o que ditou depois de sua morte. Dirigimo-nos ao homem tanto quanto ao Espírito, respondendo assim àqueles que partilham sua maneira de ver, e poderiam nos opor os mesmos argumentos.

Dir-lhe-emos, pois:

Senhor abade, se bem que tenhais sido nosso adversário declarado sobre a Terra, nenhum de nós o vemos adversário hoje e jamais o teríamos pretendido quando estáveis vivo, primeiro porque nossa fé nos faz da tolerância uma lei, e que aos nossos olhos todas as opiniões são respeitáveis quando sinceras. A liberdade de consciência é um de nossos princípios; nós a queremos para os outros, como a queremos para nós. Só a Deus pertence julgar a validade das crenças, e nenhum homem tem o direito de lançar anátema em nome de Deus. A liberdade de consciência não tira o direito de discussão e de refutação, mas a caridade ordena não maldizer ninguém. Em segundo lugar, isso vos queremos tanto menos, quanto vossa oposição não trouxe nenhum prejuízo à Doutrina; servistes à causa do Espiritismo com o vosso desconhecimento, como todos aqueles que o atacam, ajudando a fazê-lo conhecer, e provando, em razão sobretudo de vosso mérito pessoal, a insuficiência das armas que se emprega para combatê-lo.

Permiti-me, agora, discutir algumas de vossas

proposições. Há uma delas sobretudo que me parece pecar, antes de qualquer outra, contra a lógica; é aquela onde dissestes que: "O Espiritismo bom por essência é mau por seus resultados." Pareceis ter esquecido esta máxima do Cristo, tornada proverbial por força de verdade: "Que uma boa árvore não pode dar maus frutos." Não se compreenderia que uma coisa boa, *em sua própria essência,* pudesse ser perniciosa.

Dissestes, em outra parte que o perigo do Espiritismo está na manifestação dos maus Espíritos que exploram, em proveito do mau, as paixões dos homens. Aí está uma das teses que sustentastes quando vivo. Mas ao lado dos maus Espíritos, há os bons que excitam ao bem, ao passo que, segundo a doutrina da Igreja, o poder de se comunicar não é dado senão aos demônios. Se, pois, achais o Espiritismo perigoso porque ele admite a comunicação dos maus Espíritos ao lado dos bons, a doutrina da Igreja, se fosse verdadeira, seria ainda muito mais perigosa, uma vez que ela não admite senão *a* dos maus.

De resto, não foi o Espiritismo que inventou *a* manifestação dos Espíritos, nem lhe é a causa se eles se comunicam; não faz senão constatar um fato que se produziu em todos os tempos, porque está na Natureza. Para que o Espiritismo deixasse de existir, seria preciso que os Espíritos deixassem de se manifestar. Se essa manifestação oferece perigos, não é preciso disto acusar o Espiritismo, mas à Natureza. A ciência da eletricidade é a causa das devastações

ocasionadas pelo raio? Seguramente, não; ela faz conhecer a causa do raio, e ensina os meios de evitá-lo. Ocorre o mesmo com o Espiritismo; ele faz conhecer a causa de uma influência perniciosa que age sobre o homem com o seu desconhecimento, e lhe indica os meios de dela se preservar, ao passo que quando o ignorava, a suportava e a ela se expunha sem desconfiar.

A influência dos maus Espíritos faz parte dos flagelos dos quais o homem é alvo neste mundo, como as enfermidades e os acidentes de todas as espécies, porque está sobre uma Terra de expiação e de prova, onde deve trabalhar para o seu adiantamento moral e intelectual; mas, ao lado do mal, Deus, em sua bondade, coloca sempre o remédio; ele deu ao homem a inteligência para descobri-lo; é a isto que conduz o progresso das ciências. O Espiritismo vem indicar o remédio a um desses males; ensina que para subtrair-se e neutralizar a influência dos maus Espíritos, é preciso se tornar melhor, domar seus maus pendores, praticar as virtudes ensinadas pelo Cristo: a humildade e a caridade; está aí, pois, o que chamais de maus resultados?

A manifestação dos Espíritos é um fato positivo, reconhecido pela Igreja; ora, a experiência vem hoje demonstrar que os Espíritos são as almas dos homens, e que é a razão pela qual há deles tantos imperfeitos. Se esse fato vem contradizer certos dogmas, o Espiritismo não é disso mais responsável do que não o foi a geologia por ter demonstrado que a Terra não foi feita em seis dias. O erro é

desses dogmas não estarem de acordo com as leis da Natureza. Por essas manifestações, como pelas descobertas da ciência, Deus quer conduzir o homem a crenças mais verdadeiras; repelir o progresso, portanto, é desconhecer a vontade de Deus; atribuí-lo ao demônio é blasfemar de Deus. Querer, bom ou malgrado, manter uma crença contra a evidência, e fazer de um princípio reconhecidamente falso a base de uma doutrina, é apoiar uma casa sobre uma escora carcomida; pouco a pouco a escora se quebra, e a casa cai.

Dissestes que a oposição da Igreja contra o Espiritismo tem sua razão de ser e a aprovais, porque causaria a ruína do clero, cuja separação do comum dos homens seria aniquilada. "Com o Espiritismo, dissestes, não mais oligarquia clerical; o padre não é ninguém e é cada um; é o homem de bem que ensina a verdade aos seus irmãos; é o obreiro caridoso que levanta seu companheiro caído; vosso sacerdócio é a fé; vossa hierarquia, o mérito; vosso salário, Deus! é grande! é belo! Mas não se renuncia a alegria de coração em uma realeza, a um prestígio que vos eleva acima do vulgo, a respeitos, a honras que se está habituado a recolher, a riquezas que, por serem materiais, não são menos também necessárias à satisfação do padre, que é a do homem comum."

Pois que! o clero seria, portanto, movido por sentimentos tão mesquinhos? Desconheceria a esse ponto estas palavras do Cristo: “Meu reino não é deste mundo,” que sacrificaria o interesse da verdade à satisfação do orgulho, da

ambição e das paixões mundanas? Não creria, pois, nesse reino prometido por Jesus Cristo, uma vez que a ele prefere o da Terra? Tornaria, pois, seu ponto de apoio no céu, somente em aparência, e para se dar um prestígio, mas em realidade para salvaguardar seus interesses terrestres! Preferimos crer que, se tal é o móvel de alguns de seus membros, não é o sentimento da maioria; se o fosse de outro modo, seu reino estaria bem perto de acabar, e vossas palavras seriam sua sentença, porque o reino celeste é o único eterno, ao passo que os da Terra são frágeis e instáveis.

Ide muito longe, senhor abade, em vossas previsões sobre as consequências do Espiritismo; mais longe do que nunca fui em meus escritos. Sem vos seguir sobre esse terreno, direi simplesmente, porque todos *os* pressentem, que o resultado inevitável será uma transformação da Sociedade; ele criará uma nova ordem de coisas, novos hábitos, novas necessidades; modificará as crenças, as relações sociais; fará, ao moral, o que fazem, do ponto de vista material, todas as grandes descobertas da indústria e das ciências. Essa transformação vos assusta, e é por isto que, pressentindo-a, a afastais de vosso pensamento; gostaríeis de não crer nisso; em uma palavra, fechais os olhos para não ver, e os ouvidos para não ouvir. Assim ocorre com muitos homens sobre a Terra. No entanto, se essa transformação está nos decretos da Providência, ela se cumprirá, o que quer que se faça; será preciso suportá-la de boa vontade ou à força e a isto se dobrar, como os homens

do antigo regime tiveram que sofrer as consequências da Revolução, que negavam também e declaradamente impossível antes que fosse cumprida. A quem lhe tivesse dito que em menos de um quarto de século todos os privilégios seriam abolidos, que uma criança não seria mais coronel ao nascer; que não se compraria mais um regime com uma tropa de bois; que o soldado poderia tornar-se marechal e o último aventureiro ministro; que os direitos seriam os mesmos para todos, que o fazendeiro teria voz igual nos negócios de seu país, ao lado de seu senhor, teriam aumentado as espáduas da incredulidade, e, no entanto, se um deles dormisse então e despertasse, como Epimênides, quarenta anos mais tarde, acreditaria se encontrar em um outro mundo.

E o medo do futuro que vos faz dizer que o Espiritismo não terá senão um tempo; procurais vos iludir, quereis prová-lo a vós mesmo, que acabais por crê-lo de boa-fé, porque isto vos tranquiliza.

Mas que razão dais para isso? A menos conclusiva de todas, assim como é fácil demonstrá-lo.

Ah! se provásseis peremptoriamente que o Espiritismo é uma utopia, que repousa sobre um erro material *de fato,* sobre uma base falsa, ilusória, sem fundamento, então teríeis razão; mas, ao contrário, afirmais a existência do princípio, e além disto a excelência desse princípio; reconheceis, e a Igreja reconhece como vós, a realidade do fato material sobre o qual ele repousa: O das manifestações. Esse fato pode ser

anulado? Não, não mais do que se possa anular o movimento da Terra. Uma vez que está na Natureza, se produzirá sempre; esse fato, incompreendido outrora, mas melhor estudado e melhor compreendido em nossos dias, carrega *em si mesmo* consequências inevitáveis; se não podeis aniquilá-lo, sois forçados a sofrer-lhe as consequências. Segui-o passo a passo em suas ramificações, e chegareis fatalmente a uma revolução das ideias; ora, uma mudança nas ideias conduz forçosamente a uma revolução na ordem das coisas. (Ver: *O que é o Espiritismo,* 6ª edição, pág. 128.).

Por outro lado, o Espiritismo não dobra as inteligências sob seu jugo; não manda uma crença cega; ele quer que a fé se apoie sobre a compreensão; é nisto, sobretudo, senhor abade, que diferenciamos na maneira de ver. Ele deixa, pois, a cada um uma inteira liberdade de exame, em virtude deste princípio, de que a verdade sendo *una,* deve, cedo ou tarde, se impor sobre o que é falso, e que um princípio fundado sobre o erro cai pela força das coisas. As ideias falsas, entregues à discussão, mostram seu lado fraco, e se apagam diante da força da lógica. Essas divergências são inevitáveis num início; são mesmo necessárias, porque ajudam a depuração e a postura da ideia fundamental, e é preferível que se produzam desde o começo, porque a doutrina verdadeira delas será mais cedo desembaraçada. Eis porque sempre dissemos aos adeptos: Não vos inquieteis com as ideias contraditórias que possam ser emitidas ou publicadas. Vede já, quantas morreram no nascimento! quantos escritos

dos quais já não *se* fala mais! Que procuramos? É o triunfo, quando mesmo, de nossas ideias? não, mas o da verdade. Se, entre as ideias contrárias, houver as que sejam mais verdadeiras do que as nossas, elas se imporão, e deveremos adotá-las; se são falsas, não poderão suportar a prova decisiva do controle do ensino universal dos Espíritos, único critério da ideia que sobreviverá.

Na assimilação que estabeleceis entre o Espiritismo e outras doutrinas filosóficas há falta de exatidão. Não foram os homens que fizeram o Espiritismo o que ele é, nem que farão o que será mais tarde; foram os Espíritos por seus ensinos: os homens não fizeram senão colocar em obra *e* coordenar os materiais que lhe são fornecidos. Esse ensino não está ainda completo, e não se deve considerar o que deram até este dia senão como os primeiros degraus da ciência; pode-se compará-lo às quatro regras por relação aos matemáticos, e não estamos nele ainda senão nas equações de primeiro grau; é porque muitas pessoas não lhe compreendem ainda nem a importância nem o alcance. Mas os Espíritos regulam seus ensinos à sua vontade, e não depende de ninguém fazê-los ir mais depressa ou mais suavemente se não quiserem; eles não seguem mais os impacientes que não se coloquem a reboque dos retardatários.

O Espiritismo não é mais a obra de *um único Espírito* como não é a de um *único homem;* é a obra *dos Espíritos* em geral. Segue-se que a opinião de um Espírito sobre um princípio qualquer não é considerada pelos Espíritos senão

como uma opinião individual, que pode ser justa ou falsa, e não tem valor senão quando é sancionada pelo ensino da maioria, dado sobre os diversos pontos do globo. Foi esse ensino universal que fez o que ele é, e que fará o que será. Diante desse poderoso critério caem necessariamente todas as teorias particulares que sejam o produto de ideias sistemáticas, seja de um homem, seja de um Espírito isolado. Uma ideia falsa pode, sem dúvida, agrupar *ao seu redor* alguns partidários, mas não prevalecerá jamais contra aquela que é ensinada por toda a parte.

O Espiritismo, que vem apenas de nascer, mas que já levanta questões da mais alta gravidade, coloca necessariamente em efervescência uma multidão de imaginações. Cada um vê a coisa de seu ponto de vista; daí a diversidade dos sistemas eclodidos em seu início, e dos quais a maioria já caiu diante da força do ensino geral. Ocorrerá o mesmo com todos aqueles que não estão na verdade; porque ao ensino divergente de um Espírito, dado por um médium, sempre se oporá o ensino uniforme de milhões de Espíritos, dado por milhões de médiuns. É a razão pela qual certas teorias excêntricas viveram apenas alguns dias, e não saíram do círculo onde nasceram; privadas de sanção, não encontram na opinião das massas nem ecos nem simpatias, e se, além disso, ferem a lógica e um vulgar bom senso, provocam um sentimento de repulsa que lhes precipita a queda.

O Espiritismo possui, pois, um elemento de

estabilidade e de unidade que tira de sua natureza e de sua origem, e que não é o próprio de nenhuma das doutrinas filosóficas de concepção puramente humana; é o escudo contra o qual virão sempre se quebrar todas as tentativas feitas para derrubá-lo ou dividi-lo. Essas divisões não podem jamais ser senão parciais, circunscritas e momentâneas.

Falais das seitas que, em vossa opinião, dividem os Espíritas, de onde concluís a ruína próxima de sua doutrina; mas vos esqueceis de todas aquelas que dividiram o Cristianismo desde seu nascimento, que o ensanguentaram, que o dividem ainda, e cujo número, até este dia, não se eleva a menos de trezentos e sessenta. No entanto, apesar das dissidências profundas sobre os dogmas fundamentais o Cristianismo ficou em pé, prova de que é independente dessas questões de controvérsias. Por que quereríeis que o Espiritismo, que se liga por sua própria base aos princípios do Cristianismo, e que não é dividido senão sobre questões secundárias se elucidando cada dia, sofresse divergência de algumas questões pessoais, quando tem um ponto de união tão poderoso: o controle universal?

O Espiritismo estaria, pois, hoje dividido em vinte seitas, o que não é e não será, que isso não levaria a nenhuma consequência porque é o trabalho de nascimento. Se divisões fossem suscitadas por ambições pessoais, por homens dominados pelo pensamento de se fazerem chefes de seitas, ou de explorarem a ideia em proveito de seu amor-próprio ou de seus interesses, estes seriam, sem contradita,

os menos perigosos. As ambições pessoais *morrem* com os indivíduos, e se aqueles que quiseram se elevar não têm por eles a verdade, suas ideias morrem consigo, e talvez antes deles; mas a verdade verdadeira não poderia morrer.

Estais no verdadeiro, senhor abade, dizendo que haverá ruínas no Espiritismo, mas isso não é como o entendeis. Essas ruínas serão a de todas as opiniões errôneas que fervem e se fazem luz; se todas estão no erro, todas elas cairão, isto é inevitável; mas se houver uma só delas que esteja na verdade, ela sobreviverá infalivelmente.

Duas divisões bastante marcantes, e às quais poder-se-ia realmente dar o nome de seitas, se formaram há alguns anos sobre o ensino de dois Espíritos que, se vestindo com nomes venerados, tinham captado a confiança de algumas pessoas; hoje, isso não é mais questão. Diante do que caíram? Diante do bom senso e da lógica das massas de uma parte, e diante do ensino geral dos Espíritos de acordo com esta mesma lógica.

Contestareis o valor deste controle universal pela razão de que os Espíritos não sendo senão as almas dos homens são igualmente sujeitos a erro? Mas estaríeis em contradição convosco mesmo. Não admitis que um concílio geral tem mais autoridade do que um concílio particular, porque é mais numeroso; que sua opinião prevalece sobre a de cada padre, de cada bispo, e mesmo sobre a do Papa? Que a maioria faz lei em todas as assembleias dos homens? E não quereríeis que os Espíritos, que governam o mundo sob as

ordens de Deus tivessem também seus concílios, suas assembleias? O que admitis entre os homens como sanção da verdade, o recusais aos Espíritos? Esqueceis, pois, que se, entre eles, há deles inferiores, e não é a eles que Deus confia os interesses da Terra, mas aos Espíritos superiores que venceram as etapas da humanidade e cujo número é incalculável? E como nos transmitem as instruções da maioria? É pela voz de um único Espírito ou de um único homem? Não, mas, como eu o disse, pela de milhões de Espíritos e de milhões de homens. É num único centro, numa cidade, num país, numa casta, num povo privilegiado como outrora os israelitas? Não, é por toda a parte, em todos os países, em todas as religiões, entre os ricos e entre os pobres. Como quereis que a opinião de alguns indivíduos, encarnados ou desencarnados, possa se impor sobre esse conjunto formidável de vozes? Crede-me, senhor abade, essa sanção universal vale quanto a de um concílio ecumênico.

O Espiritismo é forte, precisamente porque se apoia sobre essa sanção e não sobre opiniões isoladas. Proclama-se imutável no que ensina hoje, e diz que não tem mais nada a aprender? Não, porque seguiu até hoje, e seguirá no futuro, o ensino progressivo que lhe será dado, e aí ainda está para ele uma causa de força, uma vez que não se deixará jamais se distanciar pelo progresso.

Esperai ainda um pouco, senhor abade, e antes de um quarto de século, vereis o Espiritismo cem vezes menos dividido do que não o é hoje o Cristianismo, depois de dezoito

séculos.

Das flutuações que notastes nas sociedades ou reuniões espíritas, erradamente, concluístes na instabilidade da Doutrina. O Espiritismo não é uma teoria especulativa, fundada sobre uma ideia preconcebida; é uma questão de fato, e, consequentemente, de convicção pessoal; quem admite o fato e suas consequências é Espírita, sem que tenha necessidade de fazer parte de uma sociedade. Pode-se ser perfeito Espírita sem isso. O futuro do Espiritismo está no seu próprio princípio, princípio imperecível, porque está na Natureza e não em reuniões, formadas frequentemente em condições pouco favoráveis, compostas de elementos heterogêneos, e, consequentemente, subordinados a uma multidão de eventualidades.

As sociedades são úteis, mas nenhuma é indispensável, e todas viriam deixar de existir se o Espiritismo não prosseguisse menos em sua marcha tendo em vista que não é em seu seio que se forma o grande número de convicções. Elas estão muito mais para os crentes que a procuram nos centros simpáticos, do que para os incrédulos. As sociedades sérias e bem dirigidas, sobretudo, são úteis para neutralizar a má impressão daquelas onde o Espiritismo é mal apresentado ou desfigurado. A Sociedade de Paris não faz exceção à regra, porque não se arroga nenhum monopólio. Ela não consiste num mais ou menos grande número de seus membros, mas na ideia mãe que representa; ora, essa ideia é independente de toda reunião constituída, e,

o que quer que lhe aconteça, o elemento propagador com isso não subsistirá menos. Pode-se, pois, dizer que a Sociedade de Paris está por toda a parte onde se professem os mesmos princípios, desde o Oriente até o Ocidente, e que se ela morrer materialmente, a ideia sobreviverá.

O Espiritismo é uma criança que cresce, cujos primeiros passos são necessariamente vacilantes; mas, como as crianças precoces, fez em boa hora pressentir a sua força; é por isto que certas pessoas se assustam com ele e gostariam de abafá-lo no berço. Se tivesse se apresentado como um ser tão débil como o supondes, não teria causado tanta emoção, nem levantado tanta animosidade, e vós mesmos não teríeis procurado combatê-lo. Deixai, pois, a criança crescer, e vereis o que dará o adulto.

Previstes seu fim próximo; mas inumeráveis encarnados e desencarnados disseram-lhe também seu horóscopo num outro sentido. Escutai, pois, suas previsões, que se sucedem sem interrupção, há dez anos, e se repetem sobre todos os pontos do globo.

"O Espiritismo vem combater a incredulidade, que é o elemento dissolvente da sociedade, substituindo à fé cega, que se extingue, a fé raciocinada que vivifica.

"Ele traz o elemento regenerador da Humanidade, e será a bússola das gerações futuras.

"Como todas as grandes ideias renovadoras, deverá lutar contra a oposição dos interesses que magoará e das

ideias que derrubará. Suscitar-lhe-ão todas as espécies de entraves; empregarão contra ele todas as armas, leais ou desleais, que acreditarão próprias para derrubá-lo. Seus primeiros passos serão semeados de sarças e de espinhos. Seus adeptos serão denegridos, achincalhados, alvos da traição, da calúnia, da perseguição; terão dissabores e decepções. Felizes daqueles cuja fé não terá sido abalada nesses dias nefastos; que terão sofrido e combatido pelo triunfo da verdade, porque serão recompensados por sua coragem e sua perseverança.

"No entanto, o Espiritismo continuará à sua marcha através das armadilhas e dos escolhos; ele é inabalável, como tudo o que está na vontade de Deus, porque se apoia sobre as próprias leis da Natureza, que são as leis eternas de Deus, ao passo que tudo o que é contrário a essas leis cairá.

"Pela luz que lança sobre os pontos obscuros e controvertidos das Escrituras, levará os homens à unidade de crença.

"Dando as próprias leis da Natureza por base aos princípios de igualdade, liberdade e fraternidade, ele fundará o reino da verdadeira caridade cristã, que é o reino de Deus sobre a Terra, predito por Jesus Cristo.

"Muitos o repelem ainda, porque não o conhecem ou não o compreendem; mas quando reconhecerem que realizou as mais caras esperanças do futuro da Humanidade, o aclamarão, e, como o Cristianismo encontrou um

sustentáculo em São Paulo, ele encontrará defensores entre seus adversários da véspera. Da multidão surgirão homens de elite que tomarão a sua causa em mão, e a autoridade de sua palavra imporá silêncio aos seus detratores.

"A luta durará muito tempo ainda, porque as paixões, superexcitadas pelo orgulho e pelos interesses materiais, não podem se acalmar subitamente. Mas essas paixões se extinguirão com os homens, e o fim deste século não passará antes que a nova crença haja conquistado um lugar preponderante entre os povos civilizados, e, do século próximo datará a era da regeneração."

(p. 297-311).

Os irmãos Davenport

Os irmãos Davenport, que atraem neste momento um tão alto grau de atenção, são dois jovens de vinte e quatro e vinte e cinco anos, nascidos em Buffalo, no Estado de New York, e que se apresentam em público como médiuns. Sua faculdade, no entanto, é limitada a efeitos exclusivamente físicos, do qual o mais notável consiste em se fazer amarrar com cordas de maneira inextrincável, e em se encontrar desamarrados instantaneamente, por uma força invisível, apesar de todas as precauções tomadas para se assegurar de que são incapazes de fazê-lo por si mesmos. A isto juntam outros fenômenos mais conhecidos, como o transporte de objetos através do espaço, o toque espontâneo de instrumentos de música, o aparecimento de mãos luminosas,

os toques por mãos invisíveis, etc.

Os Srs. Didier, os editores de *O Livro dos Espíritos,* acabam de publicar uma tradução de sua biografia, contendo o relato detalhado dos efeitos que produzem, e que, salvo as cordas, têm numerosos pontos de semelhança com *os* do Sr. Home. A emoção que sua presença tem causado na Inglaterra e em Paris dá a esta obra um poderoso interesse de atualidade. Seu biógrafo inglês, o doutor Nichols, porque não foram eles que escreveram esse livro, mas que dele forneceram os documentos, tendo se limitado ao relato dos fatos, sem explicações, os editores franceses tiveram a feliz ideia de juntarem à sua publicação, para a compreensão das pessoas estranhas ao Espiritismo, nossos dois opúsculos: o *Resumo da lei dos fenômenos Espíritas, e O Espiritismo em sua mais simples expressão,* assim como numerosas notas explicativas no corrente do texto ([20]). Encontrar-se-á, pois, nessa obra, as informações que se poderá desejar sobre a conta desses senhores, e no detalhe dos quais não podemos entrar, tendo encarado a questão de um outro ponto de vista.

Diremos somente que sua aptidão à produção desses fenômenos se revelou, em sua infância, de maneira espontânea. Durante vários anos, percorreram as principais cidades da América setentrional, onde adquiriram uma certa reputação. Pelo mês de setembro de 1864, foram à Inglaterra, onde produziram uma viva sensação. Alternativamente ali foram aclamados, denegridos,

[20] Ver o Bulletin bibliographique.

ridicularizados e mesmo injuriados pela imprensa e pelo público; em Liverpool, notadamente, foram o objeto da mais insigne malevolência, ao ponto de ver sua segurança pessoal comprometida. As opiniões foram divididas a seu respeito; segundo uns, não eram senão hábeis charlatães; segundo outros, eram de boa-fé, e se podia admitir uma causa oculta aos seus fenômenos; mas, em suma, ali conquistaram pouquíssimos prosélitos à ideia espírita propriamente dita. Nesse país, essencialmente religioso, o bom senso natural repelia o pensamento de que seres espirituais viessem revelar a sua presença por exibições teatrais e de habilidades. A filosofia espírita sendo ali pouco conhecida, o público confundiu o Espiritismo com essas representações, e dele conceberam uma opinião mais contrária do que favorável à Doutrina.

É verdade que na França, o Espiritismo começou pelas mesas girantes, mas em condições muito diferentes; a mediunidade sendo imediatamente revelada num grande número de pessoas, de todas as idades e de todos os sexos, e nas famílias mais respeitáveis, os fenômenos se produziram em condições que excluíam todo pensamento de charlatanismo; todos puderam se assegurar por si mesmos, na intimidade, e por observações multiplicadas, da realidade dos fatos, aos quais um interesse poderoso se ligou quando, saindo dos efeitos puramente materiais, que nada diziam à razão, viram-se as consequências morais e filosóficas que dele decorriam. Se, em lugar disto, esse gênero de

mediunidade primitiva tivesse sido o privilégio de alguns indivíduos isolados, e que tivesse sido preciso ir comprar a fé diante dos teatros de saltimbancos, há muito tempo não seria mais questão dos Espíritos. A fé nasce da impressão moral. Ora, tudo o que é de natureza a produzir uma impressão má a repele em lugar de provocá-la. Haveria hoje muito menos incrédulos, em face do Espiritismo, se os fenômenos tivessem sempre sido apresentados de maneira séria. O incrédulo, naturalmente disposto à zombaria, não poderia ser levado a tomar a sério o que está cercado de circunstâncias que não recomendam nem o respeito nem a confiança. A crítica, que não se dá ao trabalho de aprofundar, forma sua opinião sobre uma primeira aparência desfavorável, e confunde o bom e o mau numa mesma reprovação. Pouquíssimas convicções se formaram nas reuniões tendo um caráter público, ao passo que a imensa maioria saiu das reuniões íntimas, cuja honorabilidade notória dos membros pode inspirar toda confiança e desafiar toda suspeita de fraude.

Na última primavera, e antes de haver explorado a Inglaterra, os irmãos Davenport vieram a Paris. Algum tempo antes de sua chegada, uma pessoa veio nos ver, de sua parte, para nos pedir para apoiá-los em nossa Revista. Mas sabe-se que não nos entusiasmamos facilmente, mesmo pelas coisas que conhecemos, com mais forte razão por aquelas que não conhecemos. Não podemos, pois, prometer um concurso antecipado, tendo por hábito não falar senão com conhecimento de causa. Na França, onde não eram

conhecidos senão pelos relatos contraditórios dos jornais, a opinião, como na Inglaterra, era dividida a seu respeito; não podíamos, pois, formular prematuramente, nem uma censura, que teria podido ser injusta, nem uma aprovação da qual poder-se-ia prevalecer; foi por isto que nos abstivemos.

À sua chegada, foram habitar o pequeno castelo de Gennevilliers, perto do Paris, onde ficaram vários meses sem informar o público de sua presença; ignoramos os motivos dessa abstenção. Nos últimos tempos, deram algumas sessões particulares das quais os jornais deram conta de maneira mais ou menos pitoresca. Sua primeira sessão pública foi, enfim, anunciada para 12 de setembro, na sala Hertz. Conhece-se o deplorável resultado dessa sessão que renovou, numa menor escala, as sessões tumultuadas de Liverpool, e na qual um dos espectadores, lançando-se sobre o tablado, quebra o aparelho desses senhores e mostrando uma tábua exclama: "Eis o truque." Esse ato inqualificável num país civilizado, pôs a confusão ao auge. A sessão não tendo acabado, devolve-se o dinheiro ao público; mas como tinha sido dado um número bastante grande de bilhetes de favor, e a conta de caixa constando um deficit de setecentos francos, foi assim provado que setenta assistentes, tendo entrado gratuitamente, dali saíram com dez francos a mais em seus bolsos, sem dúvida para se indenizarem das despesas de deslocamento.

A polêmica que se estabeleceu a respeito dos irmãos Davenport oferece vários pontos instrutivos que iremos

examinar.

A primeira questão que os próprios Espíritas se colocaram foi esta: esses senhores são ou não médiuns? Todos os fatos relatados em sua biografia entram no círculo das possibilidades medianímicas, porque efeitos análogos, notoriamente autênticos, foram muitas vezes obtidos sob a influência de médiuns sérios. Se os fatos, por si mesmos, são admissíveis, as condições nas quais se produzem se prestam, é preciso nisto convir, à suspeição. Aquilo que toca mais à primeira vista, é a necessidade da obscuridade que facilita evidentemente a fraude; mas isso não poderia ser ali uma objeção fundada. Os efeitos medianímicos não têm absolutamente nada de sobrenatural; todos, sem exceção, são devidos à combinação dos fluidos próprios do Espírito e do médium; esses fluidos, embora imponderáveis, não são menos da matéria sutil; há, pois, ali uma causa e um efeito de alguma sorte materiais, o que nos fez dizer em todos os tempos que os fenômenos espíritas, estando baseados sobre leis naturais, nada têm de miraculosos. Não pareceram maravilhosos, como muitos outros fenômenos, senão enquanto não se conheceram essas leis; as leis hoje conhecidas, o sobrenatural e o maravilhoso desapareceram para dar lugar à realidade. Também não há um único Espírita que se atribua o dom de milagres; é o que os críticos saberiam se se dessem ao trabalho de estudar aquilo de que falam.

Para retornar à questão da obscuridade, sabe-se que

em química há combinações que não podem se operar à luz; que composições e decomposições têm lugar sob a ação do fluido luminoso; ora, todos os fenômenos Espíritas, como dissemos, sendo resultado de combinações fluídicas, e esses fluidos sendo da matéria, não haveria nada de espantar em que, em certos casos, o fluido luminoso fosse contrário a essa combinação.

Uma objeção mais séria é a pontualidade com a qual os fenômenos se produzem a dias e horas fixados e à vontade. Essa submissão ao capricho de certos indivíduos é contrária a tudo o que se sabe da natureza dos Espíritos, e a repetição facultativa de um fenômeno qualquer tem sempre sido considerada, e deve ser, em princípio, considerada como legitimamente suspeita, *mesmo em caso de desinteresse,* com mais forte razão quando se trata de exibições públicas feitas num objetivo de especulação, e às quais repugna à razão pensar que os Espíritos possam se submeter.

A mediunidade é uma *aptidão natural* inerente ao médium, como a faculdade de produzir sons é inerente a um instrumento; mas do mesmo modo que para que um instrumento toque uma música é preciso um músico, para que um médium produza efeitos *medianímicos* são necessários os Espíritos. Os Espíritos vindo quando querem e *quando o podem,* disto resulta que o médium melhor dotado pode, às vezes, nada obter; é então como um instrumento sem músico. É o que se vê todos os dias; é o que ocorre com o Sr. Home que, frequentemente, tem meses inteiros sem

nada produzir, apesar de seu desejo, e fosse mesmo em presença de um soberano.

Resulta, pois, da própria essência da mediunidade, e se pode colocar como princípio ABSOLUTO, que um médium não está *jamais certo* de obter um efeito determinado qualquer, pela razão de que *isso não depende dele;* afirmar o contrário seria provar a ignorância completa dos princípios mais elementares da ciência espírita. Para *prometer a* produção de um fenômeno a propósito, é preciso ter à sua disposição meios materiais que não venham dos Espíritos. É o caso dos irmãos Davenport? Ignoramo-lo; cabe àqueles que seguiram suas experiências julgá-lo.

Fala-se de desafios, de apostas propostas a quem faria as exibições mais fortes; os Espíritos não são fazedores de torneios, e jamais um médium sério entraria em luta com alguém, e ainda menos com um prestidigitador; este dispõe de meios que lhe pertencem propriamente, o outro é instrumento passivo de uma vontade estranha, livre, independente, e da qual ninguém pode dispor sem seu consentimento. Se o prestidigitador diz que faz mais do que os médiuns, deixai-o dizê-lo; ele tem razão, uma vez que age infalivelmente; diverte seu público; é seu estado; ele se vangloria: é seu papel; ele faz propaganda: é uma necessidade da posição; o médium sério, sabendo que não há nenhum mérito pessoal naquilo que faz, é modesto; não pode se envaidecer daquilo que não é o produto de seu talento, nem prometer o que não depende dele.

No entanto, os médiuns fazem alguma coisa a mais; por seu intermédio os bons Espíritos inspiram a caridade e a benevolência por todos; ensinam aos homens se considerarem como irmãos, sem distinção de castas nem de seitas, a perdoar àqueles que lhes dizem injúrias, a vencer seus maus pendores, a suportar com paciência as misérias da vida, a olhar a morte sem medo pela certeza da vida futura; dão consolações aos aflitos, coragem aos fracos, esperança àqueles que não creem. Eis o que não ensinam nem os torneios de prestidigitadores, nem os dos Srs. Davenport.

As condições inerentes à mediunidade não poderiam, pois, se prestarem à regularidade e à pontualidade, que são a condição indispensável das sessões com hora fixa, onde é preciso a todo preço satisfazer o público. Se, no entanto, os Espíritos se prestam a manifestações desse gênero, o que não seria radicalmente impossível, uma vez que os há de todos os graus possíveis de adiantamento, não poderia ser, em todos os casos, senão Espíritos de baixo estágio, porque seria soberanamente absurdo pensar que Espíritos tanto seja pouco elevados viessem se divertir fazendo exibição. Mas, nesta própria hipótese, o médium não estaria menos à mercê desses Espíritos, que podem deixá-lo no momento em que sua presença seria necessária, e fazer falhar a representação ou a consulta. Ora, como antes de tudo é preciso contentar àquele que paga, se os Espíritos faltarem, trata-se de passar sem eles; com um pouco de habilidade, é fácil enganar; é o que ocorre muitas vezes a médiuns dotados na origem de

faculdades reais, mas insuficientes para o objetivo que se propuseram.

De todos os fenômenos Espíritas aqueles que melhor se prestam à imitação são os efeitos físicos; ora, se bem que as manifestações reais tenham um caráter distintivo e não se produzam senão em condições especiais bem determinadas, a imitação pode se aproximar da realidade ao ponto de iludir as pessoas, sobretudo as que não conhecem as leis dos fenômenos verdadeiros. Mas de que não se pode imitá-los, seria tão ilógico concluir que não existem quanto o seria pretender que não haja verdadeiros diamantes porque há suas imitações.

Não fazemos aqui nenhuma aplicação pessoal; colocamos princípios fundados sobre a experiência e a razão, e de onde tiramos esta consequência: que só um exame escrupuloso, feito com um perfeito conhecimento dos fenômenos Espíritas, pode fazer distinguir a fraude da mediunidade real. E acrescentamos que a melhor de todas as garanti-as é o respeito e a consideração que se dão à pessoa do médium, sua moralidade, sua honradez notória, seu desinteresse absoluto, material e moral. Ninguém deixará de convir que, em semelhante circunstância, as qualidades do indivíduo não constituem um precedente que impressione favoravelmente, porque elas afastam até a suspeição da fraude.

Não julgamos os Srs. Davenport, e longe de nós pôr em dúvida a sua honradez; mas à parte as qualidades

morais, de que não temos nenhum motivo de suspeita, é preciso confessar que se apresentam em condições pouco favoráveis para acreditar seu título de médium e que foi ao menos com uma grande leviandade que certos críticos se apressaram de qualificá-los como apóstolos e grandes sacerdotes da doutrina. O objetivo de sua viagem à Europa está claramente definido nesta passagem de sua biografia:

"Creio, sem cometer erro, que foi em 27 de agosto que os irmãos Davenport deixaram New York, levando consigo, em consequência de uma debilidade sobrevinda, ao Sr. William Davenport, uma ajuda na pessoa do Sr. William Fay, que não é preciso confundir com o Sr. Melleville Fay, que, segundo não sei que gênero de autoridade, fez, diz-se, descobrir no Canadá, tentando produzir manifestações semelhantes, pelo menos que o parecem. Estavam acompanhados do Sr. Palmer, muito conhecido como *empresário e agente de negócios* no mundo dramático e lírico, e a quem, graças à sua experiência, foi confiada a parte material e econômica do empreendimento."

Está, pois, averiguado que esse foi um empreendimento conduzido por um empresário e agente de negócios dramáticos. Os fatos relatados na biografia estão, dissemos, nas possibilidades medianímicas; a idade e as circunstâncias nas quais começaram a se manifestar, afastam o pensamento da fraude. Tudo tende, pois, a provar que esses jovens eram realmente médiuns de efeitos físicos, como se encontram muitos deles em seu país, onde a

exploração dessa faculdade passou a hábito e nada tem de chocante para a opinião. Eles amplificaram suas faculdades naturais, como o fazem outros médiuns exploradores, para aumentar seu prestígio e suprir a falta de flexibilidade dessas mesmas faculdades, é o que não afirmamos, porque disso não temos nenhuma prova; mas, admitindo a integridade dessas faculdades, diremos que se iludiram sobre a acolhida que delas faria o público europeu, apresentadas sob forma de espetáculo de curiosidade, e em condições tão contrárias aos princípios do Espiritismo filosófico, moral e religioso. Os Espíritas sinceros e esclarecidos que ali são numerosos, na França sobretudo, não podiam aclamá-los nessas condições, nem considerá-los como apóstolos, supondo mesmo uma perfeita sinceridade de sua parte. Quanto aos incrédulos, cujo número é grande também, e que ainda são da alta sociedade na imprensa, a ocasião de exercer sua verve zombeteira era muito bela para deixá-la escapar. Esses senhores, pois, têm oferecido o mais largo flanco à crítica, e lhe deram o direito que cada um compra na porta de um espetáculo qualquer. Ninguém duvida que se se tivessem apresentado em condições mais sérias, teriam recebido uma outra acolhida; teriam fechado a boca aos detratores. Um médium é forte quando pode dizer ousadamente: "Quanto vos custou para vir aqui, e quem vos forçou a vir? Deus me deu uma faculdade que pode me retirar quando lhe aprouver, como pode me retirar a visão ou a palavra. Não a uso senão para o bem, no interesse da verdade, e não para satisfazer a curiosidade ou servir aos meus interesses; dela não recolho senão a pena do

devotamento; não procuro nela nem mesmo a satisfação do amor-próprio, uma vez que ela não depende de mim. Considero-a como uma coisa santa, porque me coloca em relação com o mundo espiritual, e me permite dar a fé aos incrédulos e as consolações aos aflitos. Eu consideraria como um sacrilégio traficar com ela; porque não me creio no direito de vender a assistência dos Espíritos que vêm gratuitamente. Uma vez que não tiro dela nenhum proveito, não tenho, pois, nenhum interesse em vos enganar." O médium que pode falar assim é forte, o repetimos; é uma resposta sem réplica e que manda sempre o respeito.

A crítica, nessa circunstância, foi mais do que malévola; foi injusta e injuriosa, e englobou na mesma reprovação todos os Espíritas e todos os médiuns aos quais não foram poupados os epítetos mais ultrajantes, sem pensar até em que altura feria e atingia as famílias mais honradas. Não realçaremos as expressões que não desonram senão aqueles que as pronunciam. Todas as convicções sinceras são respeitáveis; e todos vós que proclamais incessantemente a liberdade de consciência, como um direito natural, respeitai-a, ao menos, em outro. Discuti as opiniões: é vosso direito; mas a injúria sempre foi o pior de todos os argumentos, e jamais o de uma boa causa.

Nem toda a imprensa é solidária com esses afastamentos da decência; entre os críticos a respeito dos irmãos Davenport, os há onde o espírito não exclui nem as conveniências nem a moderação, e que se portam bem.

Aquelas que iremos citar fazem precisamente ressaltar o lado fraco de que falamos. É tirada do *Courrier de Paris du Monde illustré,* número de dezembro de 1865, e assinada *Neuter.*

"Uma primeira objeção parece-me bastar para demonstrar que os bons jovens que deram uma sessão pública na sala Hertz, eram moços ágeis aos exercícios dos quais os mundos superiores ficaram completamente estranhos. Essa objeção, eu atiro da *própria regularidade com a qual exploram seu pretenso poder miraculoso.* Como! se asseguraram, dos Espíritos que vinham se produzir em público em seu *benefício,* e eis que os irmãos Davenport tratam esses Espíritos, que antes de tudo não são seus empregados, com tanta sem cerimônia quanto um diretor de teatro ditando leis às suas coristas! Sem pedir aos seus compadres sobre-humanos se o dia lhes convém, se estão fatigados, se o calor não os incomoda, afixam para uma data fixa, para uma hora determinada, e será preciso que os seres fluídicos desviem de seu dever nessa data, entrando em cena na hora certa, executem suas diversões musicais com a precisão de um músico a quem seu café-concerto outorga um cachê de cinco francos!

"Francamente, é se fazer *do mundo Espírita uma ideia bem mesquinha,* de no-lo representar assim como povoado de gênios comandados, de duendes empregados que vão para a cidade ao sinal do patrão. Como! jamais de descanso para esses figurantes supra-terrestres! Quando a flexão do mais humilde cabotino lhe dá o direito de fazer mudar o

espetáculo, as almas da troupe Davenport são escravas a quem está proibido um pobre feriado. Vale bem a pena habitar planetas fantásticos para disso ser reduzido a esse grau de servidão.

"E para que tarefa os convoca, essas infelizes almas de além-túmulo! Para fazê-las passar suas mãos – as mãos de almas!!! – através das portas de um armário! *Para depreciá-los até às exibições de saltimbancos!* para constrangê-las a se exibirem com as guitarras, esses instrumentos grotescos, os quais não querem nem mesmo os trovadores que arrulham nas calçadas piscando o olho para as moedas de cinco centavos!…"

Não é, com efeito, colocar o dedo sobre a ferida? Se o Sr. Neuther soubera que o Espiritismo diz precisamente a mesma coisa, embora de maneira menos espirituosa, não teria dito: "Mas não está aí do Espiritismo!" absolutamente como vendo um empírico ele se diz: "Não está aí a medicina." Ora, do mesmo modo que nem a ciência nem a religião são solidários com aqueles que delas abusam, o Espiritismo não é solidário com aqueles que lhe tomam o nome. A má impressão do autor vem, pois, não da pessoa dos irmãos Davenport, mas das condições nas quais se colocam frente a frente com o público, e a ideia ridícula que as experiências feitas em tais condições dão do mundo espiritual, que o próprio incrédulo fica chocado de ver explorar e arrastar sobre os palcos. Essa impressão foi a da crítica em geral, que a traduziu em termos mais ou menos polidos; ela será a

mesma todas as vezes em que os médiuns não estiverem em condições de natureza a fazer respeitar a crença que professam.

O eco dos irmãos Davenport é uma aventura galante para os adversários do Espiritismo, que se apressam, no entanto, em cantar vitória, e achincalhando o melhor possível seus adeptos em lhes proclamando que está ferido de morte, como se o Espiritismo estivesse encarnado nos irmãos Davenport. O Espiritismo não está encarnado em ninguém; ele está na Natureza, e não depende de ninguém para vencer a caminhada, porque aqueles que tentam fazê-lo trabalham pelo seu adiantamento. O Espiritismo não consiste em se fazer amarrar com cordas, não mais do que em tal ou tal experiência física; não tendo jamais tomado esses senhores sob seu patrocínio, e não os tendo jamais apresentado como as colunas da Doutrina, que eles nem mesmo conhecem, não recebe nenhum desmentido de seu infortúnio. Seu eco não é, pois, um para o Espiritismo, mas para os exploradores do Espiritismo.

De duas coisas uma, ou são hábeis escamoteadores, ou são médiuns verdadeiros. Se são charlatães, devemos estar contentes com todos aqueles que ajudam a desmascará-los; sob este aspecto, devemos agradecimentos particulares ao Sr. Robin, porque nisso presta um serviço assinalado ao Espiritismo que não teria podido senão sofrer no caso em que suas fraudes fossem acreditadas. Todas as vezes que a imprensa assinalou os abusos, *as* explorações ou

as manobras de natureza a comprometer a doutrina, os Espíritas, sinceros, longe de disso se lamentarem o aplaudiram. Se são médiuns verdadeiros, as condições nas quais se apresentam sendo de natureza a produzir uma impressão desfavorável, não podem servir utilmente à causa. Num e noutro caso, o Espiritismo não tem nenhum interesse em tomar fato e causa por eles.

Agora qual será o resultado definitivo de todo esse barulho? Hei-lo:

A crônica que, nestes tempos de calor tropical, descansa de alimentos, ali ganha um assunto que se apressa em agarrar para encher suas colunas viúvas de acontecimentos políticos, de novidades teatrais ou de salões.

O Sr. Robin nela encontrou para seu teatro de prestidigitação uma excelente publicidade que muito habilmente explorou, e que lhe desejamos muito frutífero, porque todos os dias ali fala dos Espíritas e do Espiritismo.

A crítica ali perde um pouco de consideração pela excentricidade e incivilidade de sua polêmica.

Os mais mal partilhados, materialmente falando, talvez sejam os Srs. Davenport, cuja especulação se encontra singularmente comprometida.

Quanto ao Espiritismo será ele que com isso ganhará evidentemente mais. Seus adeptos o compreendem tão bem que não se comovem de nenhum modo com o que se passa e lhe esperam o resultado com confiança. Na província, onde

estão, mais ainda do que em Paris, como alvo das zombarias de seus adversários, contentam-se em lhes responder: Esperai, e dentro em pouco vereis que será morto e enterrado.

O Espiritismo com isso ganhará primeiro uma imensa popularidade, e de ser conhecido, pelo menos de nome por uma multidão de pessoas que dele não tinham ouvido falar. Mas em seu número, muitos não se contentam com o nome; sua curiosidade é excitada pelo fogo circulante de ataques; querem saber o que ocorre com essa doutrina supostamente tão ridícula; eles irão à fonte, e quando virem que dela não se lhes deu senão a paródia, dir-se-ão que não está aí uma coisa tão má. O Espiritismo com isto ganhará, pois, em ser melhor compreendido, melhor julgado, e melhor apreciado.

Aí ganhará ainda em pôr em evidência os adeptos sinceros, devotados e com os quais se pode contar, e distingui-los dos adeptos de nome, que não tomam da doutrina senão as aparências ou a superfície. Seus adversários não faltarão em explorar as circunstâncias para suscitar divisões ou enfraquecimentos reais ou simulados, com a ajuda dos quais esperam arruinar o Espiritismo. Depois de terem fracassado por todos os outros meios, está aí seu supremo e último recurso, mas que não lhes triunfará melhor, porque se destacarão do tronco como os galhos mortos que não dão nenhuma seiva, *e o* tronco privado dos ramos parasitas com isto não será senão mais vigoroso.

Esses resultados, e vários outros, que nos afastemos

de enumerar, são inevitáveis, e não estaríamos surpresos se os bons Espíritos não tivessem provocado todo esse movimento preparado senão para ali chegar mais prontamente.

(p. 311-321).

Revista Espírita de novembro 1865.

Da crítica a propósito dos irmãos Davenport

(2º artigo.)

A agitação causada pelos irmãos Davenport começa a se acalmar, depois do cerco lançado pela imprensa contra eles e o Espiritismo, não restam mais do que alguns atiradores que queimam, aqui e ali, seus últimos cartuchos, à espera de que um outro assunto venha alimentar a curiosidade pública. De quem é a vitória? O Espiritismo está morto? É o que não se tardará a saber. Suponhamos que a crítica tenha matado os Srs. Davenport, o que não nos concerne, que resultaria disto? O que dissemos em nosso artigo precedente. Em sua ignorância do que é o Espiritismo, ela atirou sobre esses senhores, absolutamente como um caçador que atira sobre um cão, crendo atirar sobre uma lebre; o cão está morto, mas a lebre corre sempre.

Assim o é com o Espiritismo, que não foi e nem poderia ser atingido pelos golpes que dão ao seu flanco. A crítica, pois, desprezou o que teriam facilmente evitado se tivesse se dado ao trabalho de verificar a etiqueta. As

advertências, no entanto, não lhe faltaram; alguns escritores confessaram mesmo a afluência das refutações que lhes chegavam de todas as partes, e isto da parte de pessoas *as mais honradas.* Isto não deveria lhes fazer abrir os olhos? Mas não; estavam empenhados num caminho, e não queriam recuar; seria preciso quando mesmo ter razão. Muitas dessas refutações nos foram dirigidas; todas se distinguem por uma moderação que contrasta com a linguagem de nossos adversários, e a maioria é de uma perfeita justeza de apreciação. Ninguém seguramente, pretendeu impor sua opinião a esses senhores; mas a imparcialidade faz sempre um dever admitir as retificações para colocar o público em condições de julgar o pró e o contra; ora, como é mais cômodo ter razão quando se fala sozinho, muito pouco dessas retificações viram a luz da publicidade; quem sabe mesmo se a maioria foi lida? É preciso, pois, estar contente com os jornais que se mostraram menos exclusivistas. Desse número está o *Journal des Pyrénées-Orientales,* que em seu número de 8 de outubro, contém a carta seguinte:

"Perpignan, 5 de outubro de 1865.

"Senhor Gerente,

"Não venho me lançar na polêmica, somente solicito vossa equidade em me permitir, por uma única vez, responder aos vivos ataques que contém a *carta parisiense,* publicada no último número de vosso jornal, contra os Espíritas e o Espiritismo.

"Os verdadeiros Espíritas, como os verdadeiros católicos, não se dão em espetáculo público; são penetrados do respeito de sua fé, aspiram ao progresso moral de todos, e sabem que não é nos teatros de feira que se fazem aos prosélitos.

"Eis pelo que concerne os irmãos Davenport.

"Haveria muito a dizer para refutar os erros do autor desses ataques irônicos; direi somente que Deus, tendo dado livre arbítrio ao homem, atentar contra sua liberdade de crer, de pensar, é se colocar acima de Deus, por conseguinte, um enorme pecado de orgulho.

"Dizer que essa nova ciência fez progressos imensos, que muitas cidades contam com grande número de adeptos, que têm seus escritórios, seus presidentes, e que essas reuniões contêm homens sábios, eminentes por sua posição na sociedade civil e militar, na advocacia, na magistratura, não é confessar que o Espiritismo está baseado sobre a verdade?

"Se o Espiritismo não é senão um erro, por que, pois, tanto vos ocupar dele? O erro não tem senão uma duração efêmera, é um fogo fátuo que dura algumas horas e que desaparece. Se, ao contrário, é uma verdade, agireis inutilmente, não podereis nem destruí-la nem detê-la; a verdade é como a luz: não há senão os cegos que lhe negam a beleza.

"Diz-se também que o Espiritismo ocasionou casos de

alienação mental; eu direi isto: o Espiritismo não ocasionou mais a loucura do que o Cristianismo ou outros cultos não são causa de casos de idiotismo que se encontram, frequentemente, entre os praticantes das diferentes religiões; os espíritos mal conformados estão sujeitos à exaltação e aos desarranjos. Deixemos, pois, uma vez por todas, este último argumento no arsenal com as armas fora de uso.

"Termino esta resposta dizendo que o Espiritismo nada vem destruir, senão a crença nos castigos eternos. Ele nos afirma na fé em Deus; nos torna evidente que a alma é imortal e que o espírito se depura e progride pelas reencarnações; nos prova que as diferentes posições sociais têm sua razão de ser; ensina-nos a suportar as nossas provas, quaisquer que sejam; enfim, nos demonstra que não há senão um único caminho que conduz a Deus: o amor do bem, a caridade!

"Aceitai, Senhor Gerente, meus agradecimentos e minhas solícitas saudações.

"Tenho a honra de ser vosso servidor,

"BREUX."

Todas as refutações que temos sob os olhos, e que todas foram dirigidas aos jornais, protestam contra a confusão que se fez entre o Espiritismo e as sessões dos Srs. Davenport. Se, pois, a crítica persiste em torná-los solidários, é que ela muito o quer.

Nota. – Num outro artigo, que a falta de espaço nos

força a remeter ao próximo número, examinaremos as proposições mais importantes que ressaltam da polêmica levantada a propósito dos Srs. Davenport.

(p. 330-333).

Revista Espírita de dezembro 1865

Modo de protesto de um espírita contra os ataques de certos jornais

Um de nossos correspondentes nos escreve o que segue:

"Eis o que escrevi, há dois anos, ao Sr. Nefftzer, diretor do jornal *le Temps:*

"Eu era assinante de vosso jornal, cujas tendências e opiniões me eram simpáticas; é, pois, com pesar que não contínuo minha assinatura; permiti-me de vos dar os motivos. No vosso número de 3 de junho, vos esforçastes em lançar o ridículo sobre o Espiritismo e os Espíritas, contando uma história mais ou menos autêntica, sem citar nem nomes, nem data, nem lugar, o que é cômodo. Procurais estabelecer, tema hoje obrigatório dos materialistas, incomodados enormemente pelo Espiritismo, que esta crença leva à loucura. Sem dúvida, os espíritos fracos, tendo já tendências a um desarranjo das faculdades cerebrais, puderam perder inteiramente a cabeça em se ocupando do Espiritismo, como lhes teria ocorrido sem isto, e como isto ocorre àqueles que se ocupam de química, de física ou astronomia, e mesmo aos

escritores que não creem nos Espíritos. Não nego, não mais, que haja charlatães que exploram o Espiritismo, por que qual é a ciência que possa escapar ao charlatanismo? Não temos charlatães literários, industriais, agrícolas, militares, políticos, destes últimos sobretudo? Mas concluir daí contra o Espiritismo em geral, é pouco lógico e pouco sensato. Antes de lançar uma acusação dessa natureza, seria preciso conhecer *a* coisa da qual se fala; mas isto não é senão, muito frequentemente, a menor das preocupações daquele que escreve; decide-se, decide-se a torto e a direito o que é mais fácil do que aprofundar e aprender.

"Se jamais sentistes grandes infelicidades, vivas dores, crede-me, senhor, estudai o Espiritismo; só ali encontrareis a consolação e as verdades que vos farão suportar vossos desgostos, vossas decepções ou vossos desesperos, o que valeria mais do que o suicídio. Que gostaríeis nos dar de melhor do que essa bela e consoladora filosofia cristã? O culto dos interesses materiais, do bezerro de ouro? Talvez seja o que convém ao temperamento da generalidade dos felizes do dia, mas é preciso outra coisa para aqueles que não querem mais o fatalismo, a superstição, as práticas ridículas e grosseiras da Idade Média, quanto do ateísmo, do panteísmo, e da incredulidade sistemática do décimo-oitavo e do décimo-nono séculos.

"Permiti-me, senhor, vos convidar a ser mais prudente em vossas diatribes contra o Espiritismo, porque elas se dirigem hoje, só na França, a alguma coisa como trezentas ou

quatrocentas mil pessoas.

"BLANC DE LALÉSIE,

"Proprietário em Genouilly perto de Joncy (Saône-et-Loire)."

"Os jornais nos informaram, há poucos dias, da morte do único filho do Sr. Nefftzer. Eu não sei se essa infelicidade o terá feito lembrar de minha carta.

"Venho de dirigir, ao Sr. Émile Aucante, administrador do jornal l'*Univers illustré,* a carta adiante:

"Sou assinante, há dezoito meses, do *l'Univers illustré,* e desde essa época, não há quase números onde vosso cronista de pseudônimo Gérôme não haja julgado útil, para ocupar sua pena, de ridicularizar, sobre todos os tons, o Espiritismo e os Espíritas. Até aí, essa diversão, um pouco fastidiosa pela sua frequência, é muito inocente: o Espiritismo não se porta ali pior. Mas, o Sr. Gérôme, percebendo, sem dúvida, que se inquieta pouco com seus gracejos, muda a linguagem, e, no número de 7 de outubro, trata todos os Espíritas em massa de idiotas; do gracejo, passa à injúria, e não teme de insultar milhares de pessoas também instruídas, também esclarecidas, também inteligentes quanto ele. porque creem ter uma alma imortal e pensam que esta alma, numa outra vida, será recompensada ou punida segundo seus méritos ou seus deméritos. O Sr. Gérôme não tem semelhantes preconceitos; fez, pois! Sem dúvida, ele crê que come, que bebe, que reproduz sua espécie, nem mais nem menos do que meu cão ou meu cavalo; disso lhe dou muito

minha felicitação.

"Se o Sr. Gérôme se dignasse receber um conselho, me permitiria convidá-lo a não falar senão das coisas que conhece, e calar-se sobre as que não conhece, ou pelo menos, estudá-las, o que lhe seria fácil com sua alta e incontestável inteligência. Ele aprenderia, do que não duvido certamente, que o Espiritismo não é outra coisa que o Cristianismo desenvolvido, e que as manifestações dos Espíritos, que foram de todos os tempos, nada fazem à doutrina, que por isso não existe menos, com ou sem manifestações.

"Mas que falo eu de Espíritos a um homem que não crê senão no seu, e que ignora talvez se tem uma alma! Enfim, que o Sr. Gérôme esteja enrolado sob a bandeira do materialismo, do panteísmo ou do paganismo, – este último valeria mais, porque nele se crê, pelo menos na existência da alma e na vida futura, pouco importa! Mas, que saiba, respeitando *a* si mesmo, respeitar as crenças de seus leitores. É evidente que não me seria possível continuar a dar meu dinheiro para me fazer insultar, e se essas injúrias devem continuar, terei o desgosto de deixar de ser vosso assinante…"

O Sr. de Lalésie é modesto avaliando o número dos Espíritas da França em trezentos ou quatrocentos mil; teria podido dobrar este número sem exagero, e estaria ainda bem abaixo dos cálculos do autor de uma brochura que pretendia nos pulverizar, e o levava a 20 milhões. De resto, um

recenseamento exato dos Espíritas é coisa impossível, pela razão de que não são arregimentados, que não formam nem uma corporação, nem uma incorporação, nem uma congregação, cujos membros são registrados e podem ser contados.

O Espiritismo é uma crença; quem crê na existência e na sobrevivência das almas, e na possibilidade das relações entre os homens e o mundo espiritual, é Espírita, e muitos o são intuitivamente, sem jamais terem ouvido falar nem do Espiritismo nem dos médiuns. É-se Espírita por convicção, como outros são incrédulos; por isto, não há de nenhum modo necessidade de fazer parte de uma sociedade, e a prova é que não há a milésima parte dos adeptos que frequentam as reuniões. Para dele fazer o recenseamento, não há nenhum registro matrícula a consultar; seria preciso fazer, junto de cada indivíduo, uma enquete, com efeito de lhe perguntar o que pensa. Todos os dias se descobrem, pela conversação, pessoas simpáticas à ideia, e que só por isso são Espíritas, sem que tenham necessidade de terem um diploma ou de fazerem um ato público qualquer. O número deles cresce todos os dias; o fato é constatado pelos nossos próprios adversários, que reconhecem com temor que esta crença invadiu todas as classes da sociedade, desde o alto até o baixo da escala. É, pois, uma opinião com a qual é preciso contar hoje, e que tem isto de particular, que não está circunscrita nem a uma classe, nem a uma casta, nem a uma seita, nem a uma nação, nem a um partido político; ela tem

representantes por toda a parte, nas letras, nas artes, nas ciências, na medicina, na magistratura, na advocacia, no exército, no comércio, etc.

O número dos Espíritas, na França, seguramente ultrapassa de muito o dos assinantes de todos os jornais de Paris; é evidente que entram por uma notável parte entre esses mesmos assinantes; é, pois, àqueles que o pagam que os senhores jornalistas dizem injúrias; ora, como o disse com razão o Sr. de Lalésie, não é agradável dar seu dinheiro para ouvir achincalhar ou injuriar; foi por isso que cessou suas assinaturas aos jornais onde *se* via maltratado em sua crença, e não há ninguém que não ache sua maneira de agir muito lógica.

Quer dizer que para agradar aos Espíritas os jornais devem adotar suas ideias? De nenhum modo. Todos os dias eles discutem opiniões que não compartilham, mas não injuriam àqueles que as professam. Esses escritores não são judeus, e, no entanto, não se permitiriam lançar o anátema e o desprezo sobre os judeus em geral, nem tornar sua crença em ridículo. Por que isto? Porque, dizem eles, é preciso respeitar a liberdade de consciência. Por que esta liberdade não existiria para os Espíritas? Não são cidadãos como todo o mundo? Reclamam eles exceções e privilégios? Não pedem senão uma coisa: o direito de pensarem como o entendem. Aqueles que inscrevem sobre sua bandeira: Liberdade, igualdade, fraternidade, desejariam, pois, criar na França uma classe de párias?

(p. 366-369).

Revista Espírita de fevereiro 1866

Antropofagia

Lê-se no Siècle de 26 de dezembro de 1865:

"O almirantado inglês vem de se dirigir às cidades marítimas que fazem armamentos para a Oceania uma circular, na qual anuncia que, há algum tempo, nota-se entre os habitantes das ilhas do grande Oceano um redobramento da antropofagia. Nessa circular, convida os capitães dos navios do comércio a tomar todas as precauções necessárias para evitar que seus tripulantes sejam vítimas desse terrível costume.

"Há mais ou menos um ano, as tripulações de quatro navios foram devoradas pelos antropófagos das Novas-Hébridas, da baía de Jervis ou da Nova Caledônia, e todas as medidas devem ser tomadas para evitar a renovação de tão cruéis infelicidades."

Eis como o jornal te Monde explica essa recrudescência da antropofagia:

"Tivemos o cólera, a epizootia, a varíola; os legumes, os animais estão doentes. Eis uma epidemia mais dolorosa ainda que o almirantado inglês nos faz conhecer; os selvagens da Oceania redobram, diz-se, a antropofagia. Vários fatos horríveis vieram ao conhecimento dos lordes do almirantado. As tripulações de vários navios ingleses

desapareceram. Ninguém duvida que nossas autoridades marítimas não tomam também medidas, porque dois navios franceses foram atacados, os tripulantes presos e devorados pelos selvagens. O espírito, se detém diante desses horrores, dos quais todos os esforços de nossa civilização não puderam triunfar. Quem sabe de onde vêm essas criminosas civilizações?

"Que palavra de ordem foi dada a todos esses pagãos disseminados sobre centenas de milhares de ilhas nas imensidades do mar do Sul? Sua paixão monstruosa, um momento apaziguada, reaparece ao ponto de chamar a repreensão, de inquietar os poderes da Terra. É desses problemas dos quais só o dogma católico pode dar a solução. O espírito das trevas age em certos momentos com toda a liberdade. Antes dos acontecimentos graves, ele se agita, impele suas criaturas, as sustenta e as inspira. Grandes acontecimentos se preparam. A revolução cresce na hora chegada de proceder ao coroamento do edifício; ela se recolhe para a luta suprema; ela se processa na pedra principal da abóbada da sociedade cristã. A hora é grave, e parece que a Natureza inteira a pressente e lhe entrevê a gravidade."

Espantamo-nos de não ver, entre as causas desse desdobramento de ferocidade nos selvagens, figurar o Espiritismo, este bode expiatório de todos os males da Humanidade, como o foi outrora o Cristianismo em Roma. Isso pode ser implicitamente compreendido, como sendo,

segundo alguns, a obra do Espírito das trevas. "Só o dogma católico, disse te Monde, pode dar a explicação desse problema." Não vemos que a explicação que ele dá seja tão clara, nem o que o espírito revolucionário da Europa tem de comum com esses bárbaros. Encontramos mesmo nesses dogmas uma complicação da dificuldade.

O antropófagos são homens: disto ninguém jamais duvidou. Ora, o dogma católico não admitindo a preexistência da alma, mas a criação de uma alma nova no nascimento de cada corpo, disto resulta que Deus criou naquele lugar almas de comedores de homens, e aqui almas capazes de se tornarem santas. Por que esta diferença? É um problema do qual a Igreja jamais deu a solução, e, no entanto, é uma chave de abóbada essencial. Segundo sua doutrina, a recrudescência da antropofagia não pode explicar-se senão assim: foi que nesse momento agradou a Deus criar um maior número de almas antropófagas; solução pouco satisfatória e sobretudo pouco consequente com a bondade de Deus.

A dificuldade aumenta considerando-se o futuro dessas almas. Em que se tornam elas depois da morte? São tratadas do mesmo modo que aquelas que têm consciência do bem e do mal? Isto não seria nem justo nem racional. Com seu dogma, a Igreja, em lugar de explicar, está num impasse do qual ela não pode sair senão pelo constante fim de não admitir o mistério, que não é preciso procurar compreender, espécie de *non possumos* que interrompe as questões

embaraçosas.

Pois bem! esse problema que a Igreja não pode resolver, o Espiritismo encontra-lhe a solução mais simples e mais racional na lei da pluralidade das existências, à qual todos os seres estão submetidos, e em virtude da qual progridem. As almas dos antropófagos são assim almas próximas de sua origem, cujas faculdades intelectuais e morais são ainda obtusas e pouco desenvolvidas, e em quem, por isto mesmo, dominam os instintos animais.

Mas essas almas não estão destinadas a permanecer perpetuamente nesse estado inferior, que as privaria para sempre da felicidade das almas mais adiantadas; elas crescem em razão; se esclarecem, se depuram, se melhoram, se instruem em existências sucessivas. Revivem nas raças selvagens, enquanto elas não tenham ultrapassado os limites da selvageria. Chegadas a um certo grau, elas deixam esse meio para se encarnar numa raça um pouco mais avançada; desta em uma outra, e assim por diante, sobem em grau em razão dos méritos que adquirem e das imperfeições das quais se despojam, até que tenham alcançado o grau de perfeição do qual a criatura é suscetível. O caminho do progresso não está fechado para ninguém; de tal sorte que a alma mais atrasada pode pretender a suprema felicidade. Mas umas, em virtude de seu livre arbítrio, que é o apanágio da Humanidade, trabalham com ardor para a sua depuração, para a sua instrução, para se despojarem dos instintos materiais e dos cueiros de sua origem, porque a cada passo

que dão para a perfeição veem mais claro, compreendem melhor e são mais felizes; aquelas avançam mais prontamente, gozam mais cedo: aí está a sua recompensa. Outras, sempre em virtude de seu livre arbítrio se atrasam no caminho, como escolares preguiçosos e de má vontade, ou como obreiros negligentes; chegam mais tarde, sofrem por mais longo tempo: aí está a sua punição, ou, querendo-se, o seu inferno. Assim se confirma, pela pluralidade das existências progressivas, a admirável lei de unidade e de justiça que caracteriza todas as obras da criação. Comparei esta doutrina à da Igreja sobre o passado e o futuro das almas, e vede qual é a mais racional, a mais conforme a justiça divina, e que melhor explica as desigualdades sociais.

A antropofagia, seguramente, é um dos mais baixos graus da escala humana sobre a Terra, porque o selvagem que não come seu semelhante já está em progresso. Mas de onde vem a recrudescência desse instinto bestial? Há que se notar primeiro que ela não é senão local, e que, em suma, o canibalismo desapareceu em grande parte da Terra. Ela é inexplicável sem o conhecimento do mundo invisível, e de suas relações com o mundo visível. Pelas mortes e pelos nascimentos, eles se alimentam um do outro, se derramam incessantemente um no outro. Ora, os homens imperfeitos não podem fornecer ao mundo invisível almas perfeitas, e as almas más, se encarnando, não podem fazer senão homens maus. Quando as catástrofes, os flagelos, levam ao mesmo tempo um grande número de homens, é uma chegada em

massa de almas no mundo dos Espíritos. Essas mesmas almas devendo reviver, em virtude da lei da Natureza e para o seu adiantamento, as circunstâncias podem igualmente reconduzi-las em massa sobre a Terra.

O fenômeno de que se trata prende-se, pois, simplesmente da encarnação acidental, em meios ínfimos, de um maior número de almas atrasadas, e não à malícia de Satã, nem à palavra de ordem dada às populações da Oceania. Ajudando o desenvolvimento do sentido moral dessas almas, durante sua estada terrestre, e é a missão dos homens civilizados, elas melhoram; e quando retomarem em uma nova existência corpórea para avançarem ainda, farão homens menos maus do que eram, mais esclarecidos, com instintos menos ferozes, porque o progresso adquirido jamais se perde. É assim que se cumpre gradualmente o progresso da Humanidade.

Le Monde está na verdade, dizendo que grandes acontecimentos se preparam. Sim, uma grande transformação se elabora na Humanidade. Já os primeiros estremecimentos do parto se fazem sentir; o mundo corpóreo e o mundo espiritual se agitam, porque é a luta entre o que acaba e o que começa. Em proveito de quem será essa transformação? Sendo o progresso a lei providencial da Humanidade, ela não pode ocorrer senão em proveito do progresso. Mas as grandes criações são laboriosas; não é sem abalos e sem grandes dilaceramentos do solo, que se extirpam dos terrenos a desmoitar as más ervas que têm

longas e profundas raízes.

(p. 47-50).

Novo e definitivo enterro do Espiritismo

Quantas vezes não se disse que o Espiritismo estava morto e enterrado! Quantos escritores se gabaram de lhe ter dado o golpe de misericórdia, uns porque disseram grandes palavras temperadas com muito sal, os outros porque descobriram um charlatão vestindo-se com o nome de Espírita, ou alguma imitação grosseira de um fenômeno! Sem falar de todos os sermões, pastorais e brochuras da mesma fonte dos quais o menos importante acreditava ter lançado o raio, a aparição dos espectros no teatro foi saudada por um hurra! em toda a linha. "Temos o segredo desses Espíritas, dizem insistentes os jornais, pequenos e grandes, desde Perpignan até Dunkerque; jamais se levantarão desse acidente imprevisto!" Os espectros passaram, e o Espiritismo ficou de pé. Depois vieram os irmãos Davenport, apóstolos e grandes sacerdotes do Espiritismo que eles não conhecem, e que nenhum Espírita conhece. Lá, ainda, o Sr. Robin teve a glória de salvar uma segunda vez a França e a Humanidade, tudo em fazendo muito bem seus negócios de teatro; a imprensa trançou coroas a esse corajoso defensor do bom senso, a esse sábio que tinha descoberto as astúcias do Espiritismo, como o Sr. doutor Jobert (de Lamballe) tinha descoberto a astúcia do músculo estalante. No entanto, os irmãos Davenport partiram sem as honras de guerra; o

músculo estalante foi por água abaixo, e o Espiritismo se porta muito bem. Evidentemente, isto prova uma coisa, é que ele não consiste nem nos espectros do Sr. Robin, nem nas cordas e nos tamborins dos Srs. Davenport, nem no músculo curto-perônio ([21]). É, pois, ainda um golpe fracassado; mas esta vez, eis o bom, o verdadeiro e é impossível que o Espiritismo dele não se levante:

O *Evenement,* o *Opinion nationale* e o *Grand Journal que o* ensinam e que o *afirmam.* Uma coisa bastante bizarra é que o Espiritismo se compraz em reproduzir todos os fatos que se lhe opõem, e que, segundo seus adversários, devem matá-lo. Se os cresse tão perigosos, os calaria. Eis do que se trata:

O célebre ator inglês Sothem vem de escrever, a um jornal de Glascow, uma carta que dá o último golpe no Espiritismo. Este jornal lhe censurava atacar, sem comedimento, os irmãos Davenport e os adeptos das influências ocultas, depois de ele mesmo ter dado sessões de Espiritismo na América, sob o nome de Sticart, que era, então, seu pseudônimo de teatro. O Sr. Sothem confessou muito bem ter frequentemente mostrado aos seus amigos que ele era capaz de executar todos os malabarismos dos Espíritas, e mesmo ter feito charlatanices ainda mais maravilhosas; mas jamais suas experiências foram

[21] Ver a *Revista Espírita* de junho de 1859, página 41: O músculo estalante. O *Moniteur* e outros jornais anunciaram, há algum tempo, que o Sr. doutor Jobert (de Lamballe) estava atacado de alienação mental, e se encontrava atualmente numa casa de saúde. Este triste acontecimento, seguramente, não é o efeito de sua crença nos Espíritos.

executadas fora de um pequeno círculo de amigos e de conhecidos. Jamais fez pagar um centavo a quem quer que seja; ele mesmo fazia as despesas de suas experiências, em consequência das quais ele e seus amigos se reuniam em uma alegre ceia.

"Com o concurso de um americano muito ativo, obteve os mais curiosos resultados: a aparição de fantasmas, o ruído dos instrumentos, as assinaturas de Shakespeare, as mãos invisíveis passando nos cabelos dos espectadores, aplicando-lhes bofetadas, etc., etc.

"O Sr. Sothem sempre disse que todas essas destrezas eram o resultado de combinações engenhosas, de agilidade e de destreza, sem que os Espíritos do outro mundo nelas tivessem alguma parte.

"Em resumo, o célebre artista declarou que desafia os Hume, os Davenport, e todos os Espíritas do mundo, a fazerem alguma manifestação que ele não possa ultrapassar.

"Jamais entendeu fazer ofício de sua agilidade, mas somente desconcertar os velhacos, que ultrajam a religião e roubam o dinheiro do público, fazendo-o crer em uma força sobrenatural, que eles mantêm relações com o outro mundo, que podem evocar a alma dos mortos, o Sr. Sothem não toma circunlóquios para dizer a sua opinião; e diz as coisas por seus nomes e chama um cão e os Rollets… de gatunos."

Os Srs. Davenport tinham contra eles duas coisas que nossos adversários reconheceram: as exibições teatrais e a

exploração. Crendo de boa-fé, pelo menos gostamos de pensá-lo, que o Espiritismo consiste em exibições da parte dos Espíritos, os adversários esperam que os Espíritas venham a tomar fato e causa por esses senhores; ficaram um pouco desapontados quando os viram, ao contrário, desaprovarem esse gênero de manifestações como nocivas aos princípios da Doutrina, e demonstrar que é ilógico admitir que os Espíritos estejam a toda hora às ordens do primeiro que chegar, que quisesse deles se servir para ganhar dinheiro. Certos críticos têm mesmo, por seu próprio movimento, feito valer esse argumento contra os Srs. Davenport, sem desconfiarem que defendem a causa do Espiritismo. A ideia de colocar em cena os Espíritos e de fazê-los servir de comparsas num objetivo de interesse em fazer experimentar um sentimento geral de repulsa, quase de desgosto, mesmo nos incrédulos, que disseram a si mesmos: "Não cremos nos Espíritos, mas se os há, não é em tais condições que devem se mostrar, e devem ser tratados com mais respeito." Não creiam em Espíritos vindo a tanto por sessão, nisto tinham perfeitamente razão; de onde é preciso concluir que as exibições de coisas extraordinárias e a exploração são os piores meios de fazer prosélitos. Se o Espiritismo patrocinasse essas coisas, este seria seu lado fraco; seus adversários o compreendem tão bem, que é sobre o qual não negligenciam nenhuma ocasião de ferir, crendo atingir a Doutrina. O Sr. Gérôme, do *Univers ilustré,* respondendo ao Sr. Blanc de Lalésie (ver nossa Revista de dezembro), que lhe censurava por falar daquilo que não

conhecia, disse: "Praticamente estudei o Espiritismo nos irmãos Davenport, isto me custou 15 francos. É verdade que hoje os irmãos Davenport trabalham nos preços brandos: por 3 ou 5 francos se lhes pode ver a farsa; os preços de Robin, finalmente!"

O autor do artigo sobre *a* jovem cataléptica de Souabe, que não é de nenhum modo espírita (ver o n. de janeiro, página 18), tem o cuidado de fazer ressaltar, como um título de confiança nesses fenômenos extraordinários, que os pais não pensam de nenhum modo tirar partido das estranhas faculdades de sua filha.

A exploração da ideia espírita é, pois, muito e devidamente um assunto de descrédito. Os Espíritas desaprovam a especulação, é por isto que se tem o cuidado de apresentar o ator Sothem como completamente desinteressado, na esperança de fazerem dele um argumento vitorioso. É sempre essa ideia de que o Espiritismo não vive senão de fatos maravilhosos e de malabarismos.

Que a crítica fira, pois, tanto quanto queira sobre os abusos, que ela desmascare os truques e as astúcias dos charlatães, o Espiritismo, que não usa de nenhum procedimento secreto, e cuja doutrina é toda moral, não pode senão ganhar em ser desembaraçado dos parasitas que dele fazem um degrau, e daqueles que lhe desnaturam o caráter. O Espiritismo teve por adversários homens de um valor real, como saber e como inteligência, que desdobraram contra ele, sem sucesso, todo o arsenal da argumentação. Veremos se o

ator Sothem triunfará melhor do que os outros em enterrá-lo. Ele o estaria há muito tempo se tivesse repousado sobre os absurdos que lhe emprestam. Se, pois, depois de ter matado o malabarismo e desacreditado as práticas ridículas ele existe sempre, é que há nele alguma coisa de mais sério que não se pôde alcançar.

(p. 58-61).

Os quiproquós

A avidez com a qual os detratores do Espiritismo agarram as menores notícias que creem lhe ser desfavoráveis, os expõem a um singular equívoco. Sua pressa em publicá-las é tal que não se dão o tempo de verificar-lhe a exatidão. Para que, aliás, se dar tal trabalho! a verdade do fato é uma questão secundária; desde que dela jorre o ridículo, é o essencial. Às vezes, essa precipitação tem seus inconvenientes, e em todos os casos atesta uma leviandade que está longe de acrescentar em valor da crítica.

Outrora, os saltimbancos chamavam-se muito simplesmente *escamoteadores;* este nome tendo caído em descrédito, substituíram-no pela palavra *prestidigitadores,* mas que lembrava ainda muito o astuto. O célebre Conte foi, cremos, o primeiro que se decorou com o título de *físico* e que obteve o privilégio, sob a Restauração, de colocar sobre seus cartazes e sobre a tabuleta de seu teatro: *Físico do rei.* Desde então, não houve medíocre escamoteador correndo as feiras que não se intitulasse também: *físico, professor de*

física, etc., maneira como uma outra de lançar a poeira nos olhos de um certo público que, disso não sabendo mais, coloca os de boa-fé na mesma linha dos físicos da Faculdade de ciências. Seguramente, a arte da prestidigitação tem feito imensos progressos, e não se pode contestá-lo em alguns daqueles que a praticam com brilho, conhecimentos especiais, um talento real, e um caráter honrado; mas isso não é sempre senão a arte de produzir ilusões com mais ou menos habilidade, e não uma ciência séria tendo seu lugar no Instituto.

O Sr. Robin adquiriu nesse gênero uma celebridade à qual não contribui pouco o papel que desempenhou no negócio dos irmãos Davenport. Esses senhores, errados ou com razão, pretenderam que operavam com a ajuda dos Espíritos; era de sua parte um novo meio de atiçar a curiosidade saindo dos caminhos batidos? Não é aqui o lugar de examinar a questão. O que quer que seja, unicamente por isto que se disseram agentes dos Espíritos, aqueles que não os querem por preço algum gritaram Alto lá! O Sr. Robin, homem hábil a agarrar isto oportunamente, logo se aproveita; declara produzir os mesmos efeitos por simples destreza; a crítica, crendo os Espíritos mortos, canta vitória, o proclama vencedor.

Mas o entusiasmo é cego, e, às vezes, comete estranhas imperícias. Há muitos Robin no mundo, como há muitos Martin.

Eis que um Sr. Robin, professor de física, vem de ser

eleito membro da Academia das ciências. Mais dúvida: este não pode ser senão o Sr. Robin, o físico do boulevard do Temple, o rival dos irmãos Davenport, que cada noite ataca os Espíritos em seu teatro, e sem mais amplamente informado, um jornal sério, o *Opinion nationale,* em seu folhetim de sábado, 20 de janeiro, publicou o artigo seguinte:

"Os acontecimentos da semana estão errados. Deles havia, no entanto, bastante curiosos. Por exemplo, a eleição de Charles Robin na Academia de ciência. Havia muito tempo que defendíamos aqui no interesse de sua candidatura; mas se pregava muito alto contra ele em mais de um lugar. O fato é de que esse nome de Robin tem alguma coisa de diabólica. Lembrai de Robin dês Bois. O herói das *Memóires du Diable* não se chama Robin? É um físico tão sábio quanto amável, o Sr. Robin, que prendeu o guizo no pescoço dos Davenport. O guizo cresceu, cresceu; tornou-se mais enorme e mais retumbante do que o sino grande de Notre-Dame; os pobres farsantes, espantados com o barulho que faziam, deveram fugir para *América, e a* própria América não os quer mais. Grande vitória do bom senso, derrota do sobrenatural! Ele contava tomar uma revanche na Academia das ciências, e fez esforços heroicos para excluir esse inimigo, esse positivista, esse descrente ilustre que se chama Charles Robin. E eis que no próprio seio da Academia tão bem-pensante, o sobrenatural *é* ainda batido. Charles Robin vai sentar-se à esquerda do Sr. Pasteur. E não estamos mais no tempo das doces fábulas, no tempo feliz e lamentado em que o cajado

do pastor se impunha a Robin carneiro!

ED. ABOUT."

Para quem é a mistificação? Estaríamos verdadeiramente tentados de crer que algum Espírito maligno conduziu a caneta do autor do artigo.

Eis um outro quiproquó que, por ser menos divertido, não prova menos a leviandade com a qual a crítica acolhe, sem exame, tudo o que ela crê contrário ao Espiritismo, que ela se obstina, apesar de tudo o que foi dito, a encarnar nos irmãos Davenport; de onde ela conclui que tudo o que é um eco para esses senhores é um eco para a Doutrina, que não é mais solidária com aqueles que lhe tomam nisso o nome, do que a verdadeira física não é solidária com aqueles que usurpam o nome de físico.

Vários jornais se apressaram em reproduzir o artigo seguinte, depois do *Messager franco-américan;* eles deveriam, no entanto, melhor do que ninguém saber que tudo o que é impresso não é palavra do Evangelho:

"Esses pobres irmãos Davenport não podiam escapar ao ridículo que espera os charlatães de toda a espécie. Cridos e enaltecidos nos Estados Unidos, onde por muito tempo cunharam moeda, depois descobertos e zombados na capital da França, menos fácil a sofrer o *humbug,* seria preciso que recebessem, na própria sala de suas grandes explorações em New-York, o último desmentido que mereciam.

"Esse desmentido, é seu antigo companheiro e

compadre, o Sr. Fay, que acaba de lhes dar publicamente na sala do Cooper Institute, sábado à noite, em presença de numerosa assembleia.

"Ali, o Sr. Fay a tudo revelou, os segredos do famoso armário, os segredos das cordas e dos nós e de todas as astúcias portão longo tempo empregadas com sucesso. Comédia humana! E dizer que há pessoas, sérias e instruídas, que admiraram e defenderam os irmãos Davenport, *e* que chamaram *Espiritismo* as farsas talvez toleradas em carnaval!"

Não temos que tomar fato e causa pelos Srs. Davenport, dos quais sempre condenamos as exibições como contrárias aos princípios da sã Doutrina Espírita. Mas, qualquer opinião que se faça ao seu assunto, devemos a bem da verdade dizer que é erradamente que se tem inferido esse artigo que estavam em New-York e ali foram zombados. Temos de fonte certa que, deixando Paris, retornaram à Inglaterra, onde ainda estão neste momento. O Sr. Fay, que teria revelado seus segredos, não é seu cunhado, William Fay, que os acompanha, mas um chamado H. Melleville Fay, que produzia efeitos semelhantes na América, e o qual é assunto em sua biografia, com a recomendação de não confundi-los. Não há nada de espantoso em que esse senhor, que lhes fazia concorrência, tenha julgado a propósito de aproveitar de sua ausência para lhes pregar peça, e desacreditá-los em seu proveito. Nessa luta ao fenômeno não se poderia ver o Espiritismo. É o que dá a entender o fim do

artigo, por esta frase: "E dizer que há pessoas sérias que chamaram espiritismo as farsas que seriam talvez toleradas em carnaval!" Esta exclamação tem todo o ar de uma censura dirigida a todos aqueles que confundem coisas tão disparadas.

Os irmãos Davenport forneceram aos detratores do Espiritismo a ocasião ou o pretexto de um formidável levante geral, em presença do qual ele permaneceu de pé, calma e impassível, continuando sua rota sem se perturbar com o barulho que se fazia ao seu redor. Um fato digno de nota é que seus adeptos, longe de se assustarem com isto, foram unânimes em considerar essa efervescência eminentemente útil à sua causa, certos de que o Espiritismo não pode senão ganhar em ser conhecido. A crítica caiu a braços curtos sobre os Srs. Davenport, crendo matar neles o Espiritismo; se este não gritou foi porque não se sentiu atingido. O que ela matou, foi precisamente o que condenamos e desaprovamos: A exploração, as exibições públicas, o charlatanismo, as manobras fraudulentas, as imitações grosseiras de fenômenos naturais que se produzem em condições diferentes, o abuso de um nome que representa uma doutrina toda moral, de amor e de caridade. Depois desta rude lição, cremos que será temerário tentar a fortuna por semelhantes meios.

Disso resulta, é verdade, uma certa confusão momentânea no espírito de algumas pessoas, uma espécie de hesitação muito natural naqueles que não entenderam senão

a censura lançada com parcialidade, sem fazer a parte do verdadeiro e do falso; mas desse mal saiu um grande bem: o desejo de conhecer, que não pode senão voltar-se em proveito da Doutrina.

Obrigado, pois, à crítica por ter feito, com ajuda dos poderosos meios de que dispõe, o que os Espíritas não teriam podido fazer por eles mesmos; ela adiantou a questão em vários anos, e convenceu, uma vez mais, seus adversários da impotência. De resto, o público tem de tal modo sido repisado com o nome dos Davenport, que isto começa a lhe parecer tão fastidioso quanto o grito de Lambert; para a crônica, é tempo que lhe chegue algum novo assunto para explorar.

(p. 61-64).

Revista Espírita de março 1866

O Espiritismo e a magistratura

As perseguições judiciárias contra os Espíritas. – Cartas de um juiz de instrução.

O Espiritismo conta em suas fileiras com mais de um magistrado, assim como dissemos muitas vezes, não somente na França, mas na Itália, na Espanha, na Bélgica, na Alemanha, e na maioria dos países estrangeiros. A maior parte dos detratores da Doutrina, que creem ter o privilégio do bom senso, e tratam de insensatos quem não partilha seu ceticismo com relação às coisas espirituais, não dizemos *sobrenaturais,* uma vez que o Espiritismo não as admite,

espanta-se que o homem de inteligência e de valor deem, segundo eles, num semelhante má direção. Os magistrados não são livres para terem sua opinião, sua fé, sua crença? não há entre eles católicos, protestantes, livre-pensadores, francos-maçons? Quem, pois, poderia incriminar aqueles que são Espíritas? Não estamos mais no tempo em que o teriam destituído, e talvez queimado, o juiz que tivesse ousado afirmar publicamente que é a Terra que gira.

Coisa estranha! há pessoas que gostariam de fazer reviver esse tempo para os Espíritas. No último levante geral, não foram vistos homens, que se dizem apóstolos do livre pensamento, assinalá-los à punição das leis como malfeitores, excitar as populações a persegui-los, estigmatizá-los e lançar-lhes injúria à face nas folhas públicas e nos panfletos? Isto foi, num momento, não mais da zombaria, mas uma verdadeira raiva, que, graças ao tempo em que vivemos, se exalou em palavras. Foi necessária toda a força moral da qual se sentem animados os Espíritas, toda moderação da qual os próprios princípios da Doutrina fazem uma lei, para conservar a calma e o sangue frio em semelhante circunstância e se abster de represálias que poderiam se tornar lamentáveis. Este contraste tocou todos os homens imparciais.

O Espiritismo é, pois, uma associação, uma afiliação tenebrosa, perigosa para a sociedade, obedecendo a uma palavra de ordem? seus adeptos fazem um pacto entre eles? Só a ignorância, a má fé podem adiantar tais absurdos, uma vez que sua doutrina nada tem de secreto para ninguém, e

que agem à luz do dia. O Espiritismo é uma filosofia como outra que se aceita livremente se ela convém, e que se rejeita se não convém; que repousa sobre uma fé inalterável em Deus e no futuro, e que não obriga moralmente seus adeptos senão a uma coisa: considerar todos os homens como irmãos, sem *exceção de crença*, e fazer o bem mesmo àqueles que nos fazem o mal. Porque, pois, um magistrado não poderia dizer-se abertamente seu partidário, a declarar boa, se acha boa como se pode dizer partidário da filosofia de Aristóteles, de Descartes ou de Leibnitz? Receia-se que sua justiça não sofra com isto? que isto não o torna mais indulgente para os adeptos? Algumas observações a esse respeito, naturalmente, encontram aqui seu lugar.

Num país como o nosso, onde as opiniões e as religiões são livres pela lei, seria uma monstruosidade perseguir um indivíduo porque ele crê nos Espíritos e em suas manifestações. Se, pois, um Espírita fosse denunciado à justiça, não seria por causa de sua crença, como se fazia numa outra época, mas porque teria cometido uma infração à lei; é, pois, a falta que se persegue e não a crença, e, se fosse culpado, seria justamente passível da lei. Para incriminar a Doutrina, seria preciso ver se ela encerra algum princípio ou máxima que *autorizasse* ou *justificasse a* falta; se, ao contrário, nela se encontra a condenação a essa falta e instruções em sentido oposto, a Doutrina não poderia ser responsável por aqueles que não a compreendem ou não a praticam. Pois bem! que se investigue a Doutrina Espírita com

imparcialidade, e desafiamos nela encontrar uma única palavra sobre a qual se possa apoiar para cometer um ato qualquer repreensível aos olhos da moral, ou com relação ao próximo, ou mesmo que possa ser mal interpretado, porque tudo nela é claro e inequívoco.

Quem se conforma aos preceitos da Doutrina não poderia, pois, incorrer em perseguições judiciárias, a menos que se persiga nele a própria crença, o que reentraria nas perseguições contra a fé. Não temos ainda conhecimento de perseguições desta natureza na França, nem mesmo no estrangeiro, salvo a condenação, seguida do auto-de-fé de Barcelona, e ainda foi uma sentença do bispo e não do tribunal civil, e não se queimaram senão os livros. A qual título, com efeito, perseguir-se-iam pessoas que não pregam senão a ordem, a tranquilidade, o respeito às leis; que praticam a caridade, não só entre elas, como nas seitas exclusivistas, mas para com todo o mundo; portanto, o objetivo principal é de trabalhar para a sua própria melhoria moral; que abjuram, contra seus inimigos, todo sentimento de ódio e de vingança? Os homens que professam tais princípios não podem ser perturbadores da sociedade; seguramente, não são eles que lhe levam a perturbação, e foi o que fez dizer a um comissário de polícia que se todos os seus administrados fossem Espíritas ele poderia fechar seu escritório.

A maioria das perseguições, em semelhante caso, têm por objeto o exercício ilegal da medicina, ou acusações de

charlatanismo, malabarismos ou trapaça, pela via da mediunidade. Diremos primeiro que o Espiritismo não pode ser responsável por indivíduos que tomam indevidamente a qualidade de médium, não mais do que a ciência verdadeira não é responsável pelos escamoteadores que se dizem físicos. Um charlatão pode, pois, dizer que opera com a ajuda dos Espíritos, como um prestidigitador diz que opera com a ajuda da física; é um meio como outro de lançar poeira aos olhos; tanto pior para aqueles que nisto se deixam prender. Em segundo lugar, o Espiritismo, condenando a exploração da mediunidade, como contrária aos princípios da Doutrina do ponto de vista moral, e demonstrando além disto que ela não deve nem pode ser um ofício nem uma profissão, todo médium que não tire de sua faculdade nenhum proveito *direto* ou *indireto, ostensivo* ou *dissimulado* descarta, por isto mesmo, até a suspensão de trapaça ou de charlatanismo; desde que não é solicitado por nenhum interesse material, o malabarismo seria sem objetivo. O médium que compreende o que há de sério e de santo em um dom dessa natureza creria profaná-lo fazendo-o servir às coisas mundanas, por ele e pelos outros, ou se dele faz um objeto de divertimento e de curiosidade; ele respeita os Espíritos como ele mesmo gostaria que se o respeitasse quando for Espírito, e não os coloca em exibição. Além disto, ele sabe que a mediunidade não pode ser um meio de adivinhação; que ela não pode descobrir tesouros, heranças, nem facilitar o triunfo nas chances aleatórias, e jamais lera a sorte, nem por dinheiro nem por nada; portanto, jamais terá discussões com a

justiça. Quanto à mediunidade de cura, ela existe, isto é certo; mas está subordinada a condições restritivas que excluem a possibilidade de ter consultório aberto, sem suspeita de charlatanismo. É uma obra de devotamento e de sacrifício, e não de especulação. Exercida com desinteresse, prudência e discernimento, e encerrada nos limites traçados pela Doutrina, ela não pode cair sob o golpe da lei.

Em resumo, o médium segundo os objetivos da Providência e o Espiritismo, que seja artesão ou príncipe, porque há dela no palácio e nas choupanas, recebeu um mandato que cumpre religiosamente e com dignidade; ele não vê em sua faculdade senão um meio de glorificar a Deus e de servir ao seu próximo, e não um instrumento para servir seus interesses ou satisfazer a sua vaidade; se se faz estimar e respeitar por sua simplicidade, sua modéstia e sua abnegação, o que não é o fato daqueles que procuram disso fazer um degrau.

A justiça, punindo os médiuns exploradores, aqueles que fazem mal uso de uma faculdade real, ou *simulam uma faculdade que não têm,* não ferem, pois, a Doutrina, mas o abuso; ora, o Espiritismo verdadeiro e sério, que não vive de abuso, não pode aí ganhar senão em consideração, e não poderia tomar sob seu patrocínio aqueles que não podem senão desviar a opinião pública sobre sua conta; tomando fato e causa por eles, assumiria a responsabilidade daquilo que fazem, porque aqueles não são verdadeiramente Espíritas, fossem mesmo realmente médiuns.

Enquanto não se persegue num Espírita, ou naqueles que se dão por tais, senão os atos repreensíveis aos olhos da lei, o papel do defensor é de discutir o ato em si mesmo, abstração feita da crença do acusado; seria um erro grave procurar justificar o ato em nome da Doutrina; deve, ao contrário, prender-se a demonstrar que ela lhe é estranha; o acusado cai, então, no direito comum.

Um fato incontestável é que quanto mais os conhecimentos de um magistrado são extensos e variados, mais está apto a apreciar os fatos sob os quais é chamado a se pronunciar. Num caso de medicina legal, por exemplo, é evidente que aquele que não fosse totalmente estranho à ciência saberia julgar melhor o valor dos argumentos de acusação e de defesa do que aquele que dela não soubesse a primeira palavra. Num assunto onde o Espiritismo estivesse em causa, e hoje ele está na ordem do dia, ele pode se apresentar incidentemente, como principal ou acessório, numa multidão de casos, há um interesse real para os magistrados em saber, pelo menos, o que é, sem ser tido por isto como Espírita. Num dos casos precitados eles poderiam incontestavelmente melhor discernir o abuso da verdade.

O Espiritismo se infiltrando cada vez mais nas ideias, e tomando já lugar entre as crenças recebidas, não está longe o tempo em que não será mais permitido a todo homem esclarecido ignorar o que há de justo nesta Doutrina como não o é hoje de ignorar os primeiros elementos das ciências. Ora, como ele toca a todas as questões científicas e morais,

compreender-se-á melhor uma multidão de coisas que, à primeira vista lhe parecem estranhas. É assim, por exemplo, que o médico nele descobrirá a verdadeira causa de certas afecções, que o artista nele haurirá numerosos assuntos de inspirações, que será em muitas circunstâncias uma fonte de luz para o magistrado e para o advogado.

É nesse sentido que o aprecia o Sr. Jaubert, o honrado vice-presidente do tribunal de Carcassonne. Nele, é mais do que um conhecimento acrescentado aos que possui, é um assunto de convicção, porque lhe compreende a importância moral. Embora não tendo jamais ocultado sua opinião a esse respeito, convencido de estar no verdadeiro e da força moralizadora da Doutrina, hoje que a fé se extingue no ceticismo, quis dar-lhe o apoio da autoridade de seu nome, no momento mesmo em que estava mais violentamente atacado, desafiando resolutamente a zombaria, e mostrando a seus adversários o pouco-caso que faz por si mesmo de seus sarcasmos. Em sua posição, e tendo em vista as circunstâncias, a carta que nos pediu para publicar, e que inserimos no número de janeiro último, é um ato de coragem do qual todos os Espíritas sinceros guardarão preciosamente a lembrança. Ela marcará na história do estabelecimento do Espiritismo.

A carta seguinte, que igualmente estamos autorizados a publicar, toma lugar ao lado da do Sr. Jaubert. É uma dessas adesões decididamente explícitas e motivadas à qual a posição do autor dá tanto mais peso quanto ela é espontânea,

uma vez que não tínhamos a honra de conhecer esse senhor. Ele julga a Doutrina unicamente pela impressão das obras, porque não tinha nada visto. É a melhor resposta à acusação de inépcia e de malabarismo lançadas sem distinção contra o Espiritismo e seus adeptos.

21 de novembro de 1865.

"Senhor,

"Permiti-me, novo e fervoroso adepto, de vos testemunhar todo o meu reconhecimento por me ter, pelos vossos escritos, iniciado na ciência espírita. Por curiosidade li *O Livro dos Espíritos;* mas depois de uma leitura atenta, a admiração, depois a convicção mais completa sucederam em mim a uma desconfiada incredulidade. Com efeito, a doutrina que dele decorre dá a solução mais lógica, mais satisfatória para a razão, de todas as questões que tão seriamente preocuparam os pensadores de todas as épocas, para definir as condições da existência do homem sobre esta Terra, explicar as vicissitudes que incumbem à Humanidade, e determinar seus fins últimos. Esta admirável doutrina é incontestavelmente a sanção da moral mais pura e a mais fecunda, a exaltação demonstrada da justiça, da bondade de Deus e da obra sublime da criação, assim como a base *mais segura, a mais firme da ordem social.*

"Não tive o testemunho de manifestações espíritas, mas este elemento de prova, de nenhum modo contrário aos ensinos de minha religião (a religião católica), não é necessário à minha convicção. Primeiro basta-me encontrar

na ordem da Providência a razão de ser da desigualdade das condições sobre a Terra, em uma palavra, a razão de ser do mal material e do mal moral.

"Com efeito, minha razão admite plenamente, como justificando a existência do mal material e moral, a alma saindo simples e ignorante das mãos do Criador, enobrecida pelo livre arbítrio, progredindo por provas e expiações sucessivas, e não chegando à soberana felicidade senão adquirindo a plenitude de sua essência etérea, pela libertação completa dos constrangimentos da matéria, que, alterando em tudo as condições da beatitude, deve ter servido para o seu adiantamento.

"O que de mais racional que, nesta ordem de ideias, os Espíritos, nas diferentes fases de sua depuração progressiva, comuniquem-se entre si de um mundo ao outro, encarnado ou invisível, para se esclarecerem, se entre ajudarem, concorrerem reciprocamente pelo seu adiantamento, facilitar as suas provas e entrar no caminho da reparação, do arrependimento e do retorno para Deus! O que de mais racional, digo eu, do que uma tal continuidade, um tal fortalecimento dos laços de família, de amizade e de caridade que, unindo os homens em sua passagem sobre a Terra, devem, como fim último, reuni-los um dia em uma única família no seio de Deus!

"Que sublime traço de união: o amor partindo do céu para abarcar com seu sopro divino a Humanidade inteira, povoando o universo imenso, e conduzi-la a Deus para fazê-la

participar da beatitude eterna da qual esse amor é a fonte! O que de mais digno da sabedoria, da justiça e da bondade infinita do Criador! Que grandiosa ideia da obra da qual o Espiritismo revela assim a harmonia e a imensidade, erguendo um canto do véu que não permite ainda ao homem penetrar-lhe todos os segredos! Quantos homens não tinham lhe restringido a incomensurável grandeza, encerrando a Humanidade num ponto imperceptível, perdido no espaço e não concedendo senão a um pequeno número de eleitos a felicidade eterna reservada a todos! Depreciaram assim o divino artesão às proporções ínfimas de suas percepções, das aspirações tirânicas, vingativas e cruéis inerentes às suas percepções.

"Enfim, basta à minha razão encontrar nesta santa doutrina a serenidade da alma, coroando uma existência resignada às tribulações providenciais da vida honestamente preenchida pelo cumprimento de seus deveres e a prática da caridade, o fortalecimento em sua fé, pela solução das dúvidas que comprimem as aspirações em direção a Deus, e, enfim, essa plena e inteira confiança na justiça, na bondade e a misericordiosa e paternal solicitude de seu Criador.

"Aceitai, senhor, contar-me entre vossos irmãos em Espiritismo e aceitai, etc.

BONNAMY, *juiz de instrução."*

Uma comunicação dada pelo Espírito do pai do Sr. Bonnamy provocou a carta seguinte. Não reproduziremos

essa comunicação, devido ao seu caráter íntimo e pessoal, mas dele publicamos adiante uma segunda que é de um interesse geral.

"Senhor e caro mestre, mil vezes obrigado por ter consentido em evocar meu pai. Havia tanto tempo que eu não tinha ouvido essa voz amada! Extinta para mim há muitos anos, ela revive, pois, hoje! Assim se realiza o sonho de minha imaginação entristecida, sonho concebido sob a impressão de nossa dolorosa separação. Que doce, que consoladora revelação, tão cheia de esperança para mim! Sim, vejo meu pai e minha mãe no mundo dos Espíritos, velando por mim, prodigalizando-me o benefício dessa ansiosa solicitude com a qual me cercavam na Terra; minha santa mãe, em sua terna preocupação do futuro, me penetrando de seu eflúvio simpático para conduzir-me a Deus e mostrar-me o caminho das verdades eternas que cintilam para mim numa distante nebulosa!

"Quanto eu seria feliz se, conforme o desejo expresso pelo meu pai de se comunicar de novo, sua evocação fosse julgada útil ao progresso da ciência espírita, e reentrar na ordem dos ensinos providencias reservados à obra! eu encontraria assim, em vosso jornal, os elementos das instruções espíritas, misturados algumas vezes às doçuras das conversas de família. É um simples desejo, vós o compreendeis, caro mestre; tomo uma larga parte nas exigências da missão que vos incumbe, para fazer de um tal voto um pedido.

"Dou plenamente as mãos à publicidade de minha carta; de boa vontade levarei meu grão de areia ao erguimento do edifício espírita; feliz se, ao contato de minha convicção profunda, as dúvidas se apagassem para alguns, e se os incrédulos pensassem dever refletir mais seriamente!

"Permiti-me, caro mestre, vos dirigir algumas palavras de simpatia e de encorajamento para vosso duro labor. O Espiritismo é um farol providencial do qual a brilhante e fecunda luz deve abrir todos os olhos, confundir o orgulho dos homens, comover todas as consciências; sua irradiação será irresistível; e que tesouros de consolação, de misericórdia e de amor dos quais sois o distribuidor!

"Aceitai, etc.

"BONNAMY.

A LEI HUMANA

Instrução do Espírito do Sr. Bonnamy pai.

A lei humana, como todas as coisas, é submetida ao progresso; progresso lento, insensível, mas constante.

Por admiráveis que sejam, para certas pessoas, as legislações antigas dos Gregos e dos Romanos, são bem inferiores às que governam as populações avançadas de vosso tempo! – Que vemos nós, com efeito, na origem de todo povo? – Um código de costumes devendo haurir sua sanção na força e tendo por motor o mais absoluto egoísmo. Qual é o objetivo de todas as legislações primitivas? – Destruir o mal e seus instrumentos para a maior paz da

sociedade. Cuidou-se do criminoso? – Não. – Fere-o para corrigi-lo e mostrar-lhe a necessidade de conduta mais moderada com relação aos seus concidadãos? Tem-se em vista a sua melhoria? -Absolutamente nada; é exclusivamente para preservar a sociedade de seus golpes, sociedade egoísta que rejeita, impiedosamente, de seu seio tudo o que lhe pode perturbar a tranquilidade. Assim, todas as repreensões são excessivas e a pena de morte é a mais geralmente aplicada.

Isto é concebível, quando se considera a ligação íntima que existe entre a lei e o princípio religioso. Ambos avançam de acordo para um objetivo único, sustentando-se mutuamente.

A religião consagra os gozos materiais e todas as satisfações dos sentidos? A lei dura e excessiva fere o criminoso para desembaraçar a sociedade de um hóspede inoportuno. A religião se transforma, consagra a vida da alma e sua independência da matéria? Ela reage também sobre a legislação, lhe demonstra a responsabilidade que lhe incumbe, no futuro do violador da lei; daí, a assistência do ministro, qualquer que seja, nos últimos momentos do condenado. Se o fere ainda, mas já se tem cuidado desse ser que não morre inteiramente com seu corpo e cuja parte espiritual vai receber o castigo que os homens infligiram ao elemento material.

Na idade média e desde a era cristã, a legislação recebeu do princípio religioso uma influência cada vez mais notável. Ela perde pouco de sua crueldade, mas seus móveis

ainda absolutos e cruéis mudaram completamente de direção.

Tanto como a ciência, a filosofia e a política, a jurisprudência tem suas revoluções, que não devem se operar senão lentamente para serem aceitas pela generalidade dos seres que elas interessam. Uma nova instituição, para dar fruto, não deve ser imposta. A arte do legislador é de preparar os espíritos de maneira a fazê-la desejar e considerar como um benefício… Todo inovador, de quais boas intenções esteja animado, por louváveis que sejam seus desígnios, será considerado como um déspota do qual é preciso sacudir o jugo, se quiser se impor, fosse mesmo por benefícios. – O homem, por seu princípio, é essencialmente livre, e quer aceitar sem constrangimento. Daí as dificuldades que encontram os homens muito avançados para o seu tempo; daí as perseguições das quais são sobrecarregados. Eles vivem no futuro! de um século ou dois em adiantamento sobre a massa de seus contemporâneos, não podem senão fracassar e se quebrar contra a rotina refratária.

Na idade média, pois, não se tinha cuidado com o futuro do criminoso; pensava-se na recipiência de sua alma, era amedrontado com os castigos do inferno, as chamas eternas que lhe infligiria, por um arrastamento culposo, um Deus infinitamente justo e infinitamente bom!

Não podendo se elevar à altura de Deus, os homens para se engrandecerem o reduziam às suas mesquinhas proporções! Inquietava-se com o futuro do criminoso; pensava-se em sua alma, mas não por ela mesma, mas em

razão de uma nova transformação do egoísmo, que consistia em se colocar a consciência em repouso, reconciliando o pecado com seu Deus.

Pouco a pouco, no coração e no pensamento de um pequeno número, a iniquidade de semelhante sistema pareceu evidente. Eminentes Espíritos tentaram modificações prematuras, mas que, todavia, deram fruto em estabelecendo precedentes sobre os quais se baseia a transformação que se realiza hoje em todas as coisas.

Sem dúvida, por muito tempo ainda, a lei será repressiva e castigará os culpados. Não chegamos ainda a esse momento em que somente a consciência da falta será o mais cruel castigo daquele que a tiver cometido; mas o vedes todos os dias, as penas se abrandam; tem-se em vista a moralização do ser; criam-se instituições para preparar a sua renovação moral; torna-se seu rebaixamento útil a si mesmo e à sociedade. O criminoso não será mais a fera da qual é preciso a todo preço purgar o mundo; será o filho desviado do qual é preciso reformar o julgamento falseado pelas más paixões e a influência de um meio perverso!

Ah! o magistrado e o juiz não são os únicos responsáveis e os únicos a agirem nesse assunto; todo homem de coração, príncipe, senador, jornalista, romancista, legislador, professor e artesão, todos devem por mão à obra e trazer seu óbolo à regeneração da Humanidade.

A pena de morte, vestígio infamante da crueldade

antiga, desaparecerá pela força das coisas. A repreensão, necessária no estado atual, se abrandará a cada dia; e, em algumas gerações, somente a condenação, a colocação fora da lei de um ser inteligente será o último grau da infâmia, até que, de transformação em transformação, só a consciência de cada um será juiz e carrasco do criminoso.

E a que se deverá todo esse trabalho? Ao Espiritismo, que, desde o começo do mundo, age por suas revelações sucessivas, como mosaísmo, cristianismo e Espiritismo propriamente dito! – Por toda a parte, em cada período, sua influência benfazeja brilha em todos os olhos, e há ainda seres bastante cegos para não reconhecê-la, bastante interessados em abatê-la para negar-lhe a existência! Ah! esses são de se lamentar, porque lutam contra uma força invencível: contra o dedo de Deus.

BONNAMY pai *(Méd.,* Sr. Desliens).

(p. 76-85).

Revista Espírita de abril 1866

A Saint-Charlemagne no colégio de Chartres

Ao colégio de Chartres teve-se este ano a ideia de juntar à solenidade do banquete da Saint-Charlemagne uma conferência literária. Dois alunos de filosofia sustentaram uma controvérsia, cujo assunto era o *Espiritismo.* Eis o relatório que dela nos dá o *Journal de Chartres* de 11 de março de 1866:

"Para fechar a sessão, dois alunos de filosofia, Srs. Ernest Clément e Gustave Jumentié, expuseram, num diálogo vivo e animado, uma questão que tem o privilégio de apaixonar hoje muitas cabeças: queremos dizer o *Espiritismo.*

"J. censura em seu companheiro, todo tempo tão jovial, um ar sombrio e selvagem que o faz parecer a um autor de melodramas, e lhe pergunta de onde pode provir uma tão grande mudança.

"C. responde que desembocou a cabeça, a primeira numa doutrina sublime, o Espiritismo, que veio confirmar de maneira irrefutável a imortalidade da alma e as outras concepções da filosofia espiritualista. Isto não é uma quimera, como o pretende seu interlocutor; é um sistema apoiado sobre fatos autênticos, tais quais as mesas girantes, os médiuns, etc.

"Certamente, retorna J., não serei bastante insensato, meu pobre amigo, para discutir contigo sobre loucos sonhos, dos quais todo o mundo hoje está completamente desenganado; e quando não se faz mais do que caçoar dos Espíritas, não irei, por uma vã disputa, dar às vossas ideias mais peso do que elas merecem e lhes fazer a honra de uma refutação séria. As admiráveis experiências dos Davenport demonstraram qual era vossa força e a fé que seria preciso ter em vossos milagres. Mas, felizmente, eles receberam a justa punição de seu embuste; depois de alguns dias de um triunfo usurpado, foram forçados a retornar para sua pátria, e nos provaram uma vez mais que não há senão um passo do

Capitole à rocha Tarpéienne.

'Vejo bem, disse a seu turno C., que não és partidário do progresso. Deverias, ao contrário, compadecer-te da sorte desses infortunados. Todas as ciências, em seu início, tiveram seus detratores. Não se viu Fulton repelido pela ignorância e tratado como um louco? Não se viu também Lebon desconhecido em sua pátria, morrer miseravelmente sem ter gozado de seus trabalhos? E, no entanto, hoje a superfície dos mares está sulcada de barcos a vapor, e o gás derrama por toda a parte sua viva luz.

"J. Sim, mas essas invenções repousam sobre bases sólidas; a ciência era o guia desses gênios e deveria forçar a posteridade mais esclarecida a reparar os erros de seus contemporâneos. Mas quais são as invenções dos Espíritas? Qual é o segredo de sua ciência? Todo o mundo pôde admirá-lo; todo o mundo pôde aplaudir ao engenhoso mecanismo de sua varinha…

"C. Ainda as zombarias? Eu te disse, no entanto, há entre os adeptos do Espiritismo pessoas muito honradas, pessoas cuja convicção é profunda.

"J. isso não é muito verdadeiro; mas o quê que isso prova? Que o bom senso não é uma coisa tão comum quanto se pensa, e que, como disse o poeta da Raison:

> Um tolo sempre encontra um mais tolo que o admira.

"C. Boileau não teria falado da sorte se tivesse visto as mesas girantes. Que tens a dizer contra isto?

"J. Que jamais pude mover a menor mesinha.

"C. É porque és um profano; para mim, jamais a mesa me resistiu. Eu afiz girar que pesava 200 quilogramas, com as baixelas, os pratos, as garrafas…

"J. Tu me farias tremer pela mesa de Saint-Charlemagne, se o apetite dos convivas não tivesse sido tão prudentemente desguarnecido…

"C. Não te falo dos chapéus; mas lhe imprimiria uma rotação possante ao mais leve contato.

"J. Não me admiro se tua pobre cabeça girou com eles.

"C. Mas, enfim, tuas zombarias não são razões; é o argumento da impotência. Não provas nada, não refutas nada.

"J. É que tua doutrina não é senão um nada, uma quimera, um gás incolor, impalpável, – gosto mais do gás para a iluminação, – uma exalação, um vapor, uma fumaça. - Na verdade, minha escolha está feita, gosto mais daquela do Champagne. – Ó Miguel Cervantes! Porque foi preciso que tivesses nascido dois séculos mais cedo! É ao teu imortal Dom Quixote que cabia reduzir em pó o Espiritismo. Ele brandiu sua lança valorosa contra os moinhos de vento. E, no entanto, eles giram bem! Como teria partido em dois os armários falantes e sonantes! E tu, seu fiel escudeiro, ilustre Sancho Pança, é tua filosofia profunda, é só a moral sublime que seria capaz de desfazer essas graves teorias.

"C. Dissestes bem, senhores filósofos, negais o

Espiritismo porque não sabeis o que dele fazer, porque ele os embaraça.

"J. Oh! Não me causa nenhum embaraço, e sei bem o que dele faria se tivesse voz no capítulo. Espíritas, magnetizadores, sonâmbulos, armários, mesas falantes, chapéus girantes, com as cabeças que eles cobram, eu os enviarei todos fazer um passeio… em Bonnevau." "Algumas pessoas se espantarão, se escandalizarão talvez de ver os alunos do colégio de Chartres abordarem, sem outras armas senão o gracejo, uma questão que se intitula *a mais séria dos tempos modernos.* Francamente, depois da ventura tão recente dos irmãos Davenport, pode-se censurar aos jovens de se alegrarem com essa mistificação? Essa idade não tem piedade.

"Sem dúvida, poder-se-ia, retornando uma de suas frases de efeito, ensinar a essas malignas crianças que as grandes descobertas, frequentemente, passam pela rocha Tarpeia antes de chegar ao Capitólio, e que, para o Espiritismo, o dia da reabilitação talvez não esteja longe. Já os jornais nos anunciam que um músico de Bruxelas, que é ao mesmo tempo Espírita, pretende estar em relação com os Espíritos de todos os compositores mortos; que vai nos transmitir suas inspirações e que dentro em pouco teremos obras *verdadeiramente* póstumas de Beethoven, de Mozart, de Weber, de Mendelssohn!… Pois bem! seja; os escolares são de boa composição: quiseram rir, riram; quando for o tempo de pedir desculpas, eles as pedirão."

Ignoramos com que objetivo permitiu-se tratar esta questão numa solenidade de colégio; mas duvidamos, no entanto, que seja por simpatia pelo Espiritismo e tendo em vista propagá-lo entre os alunos. Alguém disse a esse respeito que isso se assemelhava a certas conferências em uso em Roma, mas quais havia o advogado de Deus e o advogado do diabo. O que quer que seja, é preciso convir que os dois combatentes não eram muito fortes, nem um nem o outro; sem dúvida, teriam sido mais eloquentes se tivessem conhecido melhor seu assunto, que quase nada estudaram, como se vê, senão nos artigos de jornais a propósito dos irmãos Davenport. O fato por isso não tem menos sua importância, e se o objetivo foi desviar os jovens do estudo do Espiritismo, duvidamos muito que foi atingido, porque a juventude é curiosa. Até o presente o nome do Espiritismo não havia atravessado senão clandestinamente a porta dos colégios, e não era pronunciado senão em segredo; ei-lo agora oficialmente instalado sobre os bancos, onde fará seu caminho. Uma vez que a discussão é permitida, será bem preciso estudá-lo; é tudo o que pedimos. As reflexões do jornal a este propósito são extremamente judiciosas.

(p. 116-119).

Carta do Sr. F. Blanchard ao Jornal *La Liberté*

Pedem-nos inserir a carta seguinte, dirigida ao Sr. redator-chefe do jornal *la Liberté.*

"Senhor,

"É preciso, é verdade, encher as colunas de um jornal, mas quando esse *enchimento* está cheio de insultos dirigidos àqueles que não pensam como vossos redatores, pelo menos como aquele que escreveu essa baixeza, a respeito dos irmãos Davenport, número de segunda-feira, é permitido achar mau dar seu dinheiro àqueles que não temem de vos tratar de tolo, de ignorante, etc. Ora, eu sou Espírita, e disto agradeço a Deus. Também quando minha assinatura de vosso jornal tiver terminado, ficai certos de que não será renovada.

"Vossa folha leva um título sublime; não mintais, pois, a esse título, e sabei que essa palavra implica o respeito das opiniões de cada um. Não esqueçais, sobretudo, que *Liberdade e Espiritismo são* absolutamente a mesma coisa. Esta sinonímia vos espanta? Lede, estudai essa doutrina que vos parece tão nociva; então, podereis prestar um serviço à *Vérité* e à *Liberte* que levais tão alto, mas que ofendeis.

"FLORENTIN BLANCHARD, livraria, em Marennés."

"P. S. Se a minha assinatura não vos parece bastante legível, a chancela que fecha minha carta vos edificará".

(p. 127).

Revista Espírita de julho 1866

Estatística da loucura

O *Moniteur* de 16 de abril de 1866, contém um relatório quinquenal dirigido ao Imperador pelo Ministro da Agricultura, do comércio e dos trabalhos públicos, sobre o

estado de alienação mental na França. Esse relatório, muito extenso, sabiamente e conscienciosamente feito, é uma prova da solicitude que o Governo leva nesta grave questão de humanidade. Os documentos preciosos que ele encerra atestam uma observação atenta. Eles nos interessando tanto mais que são o desmentido formal e autêntico das acusações lançadas pelos adversários do Espiritismo, designado por eles como causa preponderante da loucura. Dele extraímos as passagens mais relevantes.

Esses documentos constatam, é verdade, um crescimento considerável no número dos alienados, mas ver-se-á que o Espiritismo lhe é completamente estranho. Esse número que, nos asilos especiais, era em 1835, de 10.539, encontrava-se, em 1861, 30.229; é, pois, um aumento de 19.700 em 26 anos, sendo em média 750 por ano, assim como resulta do quadro seguinte:

Em 1º de janeiro		Em 1º de janeiro		Em 1º de janeiro	
1835	10.539	1844	16.255	1853	23.795
1836	11.091	1845	17.089	1854	24.524
1837	11.429	1846	18.013	1855	24.896
1838	11.982	1847	19.023	1856	25.485
1839	12.577	1848	19.570	1857	26.305
1840	13.283	1849	20.231	1858	27.028
1841	13.887	1850	20.061	1859	27.878
1842	15.280	1851	21.353	1860	28.761
1843	15.786	1852	22.495	1861	30.239

O relatório constata, além disso, o fato capital de que o aumento foi progressivo, ano a ano, de 1835 a 1846, e que, desde então, esteve em decrescimento, como indica o quadro adiante:

Período de 1836 a 1841, crescimento anual de 5,4%

de 1841 a 1846, 5,94%

de 1846 a 1851, 3,71%

de 1851 a 1856, 3,87%

de 1856 a 1861, 3,14%

"Em presença dessa diminuição, disse o Sr. Ministro, que igualmente produziu, como o estabelecerei mais longe, nas admissões, é provável que o crescimento inteiramente excepcional na população de nossos asilos se deterá logo.

"O número de doentes que podiam convenientemente abrigar nossos asilos era, no fim de 1860, de 31.550. O efetivo dos doentes mantidos na mesma época se elevava a 30.239. 0 número de lugares disponíveis, consequentemente, não era senão de 1.321.

"Do ponto de vista da natureza de sua enfermidade, os doentes em tratamento em 1º de janeiro de cada um dos anos 1856 – 1861 (únicos anos para os quais a distinção foi feita) se classificam assim como se segue:

Anos.	Loucos	Idiotas	Cretinos
1856	22.602	2.840	43
1857	23.283	2.976	46

1858	23.851	3.134	43
1859	24.395	3.443	40
1860	25.147	3.577	37
1861	26.450	3.746	43

"O fato saliente deste quadro é o aumento considerável, com relação aos loucos, do número dos idiotas tratados nos asilos. Ele foi, em cinco anos, de 32%, ao passo que, no mesmo intervalo, o efetivo dos loucos não se elevou senão de 14%. Esta diferença é a consequência da admissão, nos asilos, de um grande número de idiotas que permaneciam anteriormente no seio das famílias.

"Dividido por sexos, o efetivo da população total dos asilos oferece, cada ano, um excedente numérico do sexo feminino sobre o sexo masculino. Eis as cifras constatadas para os doentes presentes no fim de cada um dos anos 1854 – 1860:

Anos	Sexo masculino	Sexo feminino
1854	12.036	12.860
1855	12.221	13.264
1856	12.632	13.673
1857	12.930	14.098
1858	13.392	14.486
1859	13.876	14.885
1860	14.582	15.657

"A média anual, calculada sobre esse período de seis anos, é, para 100 doentes, de 51,99 mulheres e 48,10 homens. Esta desproporção dos dois sexos, que se reproduz cada ano desde 1842, com pequenas diferenças, é muito notável em presença da superioridade numérica bem constatada do sexo masculino nas admissões, onde se contam 52,91% homens doentes admitidos. Ela é devida, como foi explicado na precedente publicação, à maior mortalidade destes últimos, e, além disso, que sua permanência no asilo é notavelmente menos longa que a das mulheres.

"A partir de 1856, os doentes em tratamento nos asilos, foram classificados segundo as chances de cura que seu estado parecia oferecer. As cifras adiante resumem os fatos constatados para a categoria dos loucos em tratamento em 1º de janeiro de cada ano:

Anos	Presumivelmente Curáveis	Presumivelmente Incuráveis	Totais
1856	4.404	18.198	22.602
1857	4.389	18.894	23.283
1858	4.266	19.585	24.851
1859	4.613	19.782	24.395
1860	4.499	19.648	25.147

"Assim, mais dos quatro quintos dos loucos mantidos em nossos asilos não oferecem nenhuma chance de cura. Este triste resultado é a consequência da incúria ou da ternura cega da maioria das famílias, que não se separam

senão o mais tarde possível de seus alienados, quer dizer, quando seu mal inveterado não deixa nenhuma esperança de cura.

"Sabe-se com que cuidado os médicos de nossos asilos de alienados, no momento da admissão de um doente, procuram determinar a causa de sua loucura, a fim de poder chegar a atacar o mal em seu princípio e aplicar-lhe um remédio apropriado à sua natureza. Tão escrupulosas, tão conscienciosas essas investigações médicas, seus resultados, não é preciso esquecê-lo, estão longe de equivalerem aos fatos suficientemente estabelecidos. Com efeito, não repousam senão sobre apreciações cuja exatidão pode oferecer diferentes circunstâncias. Primeiro, é a extrema dificuldade em descobrir, entre as diversas influências que sofreu a razão do doente, a causa decisiva, aquela da qual a alienação saiu. Mencionamos em seguida a repugnância das famílias em fazerem ao médico confidências completas. Talvez seja preciso ter em conta igualmente a tendência atual da maioria dos médicos em considerar as causas morais como inteiramente secundárias e acidentais, para atribuir de preferência o mal à causas puramente físicas.

"É sob o benefício dessas observações que vou abordar o exame dos quadros relativos às causas presumíveis da alienação dos 38.988 doentes admitidos de 1856 a 1860.

"A loucura se produziu, mais frequentemente, sob a influência de causas físicas do que de causas morais? Eis os fatos recolhidos sobre esse ponto (eliminação feita da

hereditariedade), para os loucos admitidos em cada um dos cinco anos do período 1856 -1860:

Anos	Causas físicas	Causas morais
1856	2.730	1.724
1857	3.213	2.171
1858	3.202	2.217
1859	3.277	1.986
1860	3.444	2.259
Totais	15.866	10.357

"Segundo essas cifras, sobre 1.000 casos de loucura, 607 foram relacionados a causas físicas e 393 a causas morais. A loucura se produziria, pois, mais frequentemente, sob influências físicas. Esta observação é comum a um e ao outro sexo, com esta diferença, todavia, de que, para as mulheres, o número de casos cuja origem foi atribuída a causas morais é relativamente mais elevado do que para os homens.

"Os 15.866 casos, onde a loucura apareceu provocada por uma causa física, se decompõe assim como se segue:

Efeito da idade (demência senil)	2.098
Privação e miséria	1.008
Onanismo e abusos venéreos	1.026
Excessos alcoólicos	3.455
Vício congênito	474
Doenças próprias da mulher	1.592
Epilepsia	1.498

Outras doenças do sistema nervoso	1.136
Pancadas, quedas, feridas, etc.	398
Doenças diversas	2.866
Outras causas físicas	1.164
Total	15.866

Quanto aos fenômenos de ordem moral, aqueles que parecem produzir, o mais frequentemente, a loucura, são: primeiro os desgostos domésticos e a exaltação dos sentimentos religiosos; depois vêm, em seguida, os reveses de fortuna e a ambição frustrada. Eis, de resto, o enunciado detalhado dos 10.357 casos de loucura considerados como a consequência imediata de diversos incidentes da vida moral:

Excesso de trabalho intelectual..... 358

Desgostos domésticos..... 2.549

Desgostos resultantes da perda da fortuna..... 851

Desgostos resultantes da perda de uma pessoa querida..... 803

Desgostos resultantes da ambição frustrada..... 520

Remorsos..... 102

Cólera..... 123

Alegria..... 31

Pudor ferido..... 69

Amor..... 767

Ciúme..... 456

Orgulho..... 368

Acontecimentos políticos..... 123

Passagem súbita de uma vida ativa para uma vida inativa e *vice-versa*..... 82

Isolamento e solidão..... 115

Aprisionamento simples..... 113

Aprisionamento celular..... 26

Nostalgia..... 78

Sentimentos religiosos levados ao excesso..... 1.095

Outras causas morais..... 1.728

Totais..... 10.357

"Em suma, abstração feita da hereditariedade, resulta das observações recolhidas sobre os doentes admitidos em nossos asilos de alienados, durante o período 1856-1860, que, de todas as causas que concorrem para provocar a loucura, a mais comum é o alcoolismo. Em seguida, vêm os desgostos domésticos, a idade, as doenças de diferentes ordens, a epilepsia, a exaltação religiosa, o onanismo e as privações de todas as espécies.

"O quadro seguinte dá o número dos paralíticos, epilépticos surdos-mudos, escrofulosos e os que têm bócio entre os doentes admitidos pela primeira vez de 1856 a

1860:

Loucos diotas cretinos

Paralíticos……..…… 3.775……..…….. 69

Epilépticos…… 1.763……. 347

Surdos-mudos……..…… 133…… 61

Escrofulosos…… 381……146

Portadores de bócio……. 123…… 32

"A loucura se complica com a paralisia muito mais frequentemente entre as mulheres. Entre os epilépticos, há, igualmente, mais homens do que mulheres, mas numa proporção menor.

"Procurando-se agora, distinguindo-se os sexos, em algumas proporções, as curas se produziram cada ano, relativamente ao número dos doentes tratados, obtém-se os resultados que seguem:

Ano	Homens	Mulheres	2 sexos
1854	8,93%	8,65%	8,79%
1855	8,92%	8,81%	8,86%
1856	8,00%	7,69%	7,83%
1857	8,11%	7,45%	7,62%
1858	8,02%	6,74%	7,37%
1859	7,69%	6,71%	7,19%
1860	7,05%	6,95%	7,00%

"Vê-se que, se a loucura é curável, o número proporcional das curas é ainda muito restrito, apesar das melhorias de toda natureza levadas no tratamento dos doentes e a apropriação dos asilos. De 1856 a 1860, a proporção média das curas foi, para os loucos dos dois sexos reunidos, de 8,24 sobre 100 doentes tratados. É o duodécimo somente. Esta proporção seria muito mais elevada se as famílias não tivessem o erro grave de não se separarem de seus alienados senão quando a doença já tomou proporções inquietantes.

Um fato digno de nota é que o número proporcional dos homens curados excede, cada ano, o das mulheres. Sobre 100 loucos tratados, contou-se em média, de 1856 a 1860, 8,69 curas para os homens e 7,81 somente para as mulheres, seja em torno de um nono a mais para os alienados do sexo masculino.

"Entre os 13.687 loucos saídos depois da cura, de 1856 a 1860, os há somente 9.789 para os quais se pôde determinar as influências diversas que tinham ocasionado sua afecção mental. Eis o resumo das indicações recolhidas sob esse ponto de vista:

Causas físicas..... 5.253 curados.

Causas morais..... 4.536

Total.....9.789

"Representando por 1.000 esse número total, encontra-se que, entre 536 doentes curados, a loucura tinha

sobrevindo em consequência de causas físicas, e, em 464, em consequência de influências morais. Estas proporções numéricas diferem muito sensivelmente daquelas precedentemente constatadas, naquilo que concerne às admissões de 1856 a 1860, onde se contou, sobre 1.000 admitidos, somente 393 doentes cuja loucura tinha uma causa moral. De onde resulta que essa categoria de doentes, as curas obtidas teriam sido relativamente mais numerosas do que entre aqueles cuja loucura teve uma causa física.

"Quase a metade dos casos curados, para os quais a causa do mal foi reconhecida, era devida às circunstâncias seguintes: alcoolismo, 1.738; desgostos domésticos, 1171; doenças diversas, 761; doenças próprias da mulher, 723; exaltação dos sentimentos religiosos, 460.

"Entre 1.522 doentes curados, constatou-se uma predisposição hereditária. *É* uma proporção de 15% com relação ao número dos loucos curados."

Desses documentos, resulta primeiro que o crescimento da loucura, constatado desde 1835, é de perto de vinte anos anterior o aparecimento do Espiritismo na França, quando se ocupou das mesas girantes, como divertimento antes do que como coisa séria, senão desde 1852, e da parte filosófica senão desde 1857. Em segundo lugar, esse aumento seguiu cada ano numa marcha ascendente de 1835 a 1846; de 1847 a 1861, ela foi diminuindo de ano em ano; e a diminuição foi maior de 1856 a 1861, precisamente no período em que o Espiritismo

tomava seu desenvolvimento. Ora, foi precisamente também por essa época que se publicavam brochuras, e que os jornais se apressavam em repetir que as casas de alienados estavam cheias de loucos espíritas, a tal ponto que várias tinham sido obrigadas a aumentar suas dependências; até que se contavam deles por mais de quarenta mil. Como se poderia tê-los mais de 40.000 então que o relatório constata um número máximo de 30.339? Em qual fonte mais certa do que da autoridade desses senhores hauriram suas informações? Provoquem uma investigação: ei-la feita tão minuciosamente quanto possível, e veja se ela lhes dá *razão.*

O que ressalta igualmente do relatório, é o número dos idiotas e dos cretinos, que entra por uma parte considerável na conta geral, e o aumento anual desse número, que, evidentemente, não pode ser atribuído ao Espiritismo.

Quanto às causas predominantes da loucura elas foram, como se vê, minuciosamente estudadas, *e,* no entanto, o Espiritismo ali não figura nem nominalmente nem por alusão. Teria ele passado desapercebido se, como alguns o pretendem, tivesse só ele povoado as casas de alienados?

Não pensamos que se atribua ao ministro o pensamento de ter querido poupar os Espíritas abstendo-se de mencioná-los se tivesse tido lugar de fazê-lo. Em todos os casos, certos números viriam recusar toda a parte preponderante do Espiritismo no estado das coisas; se o fora de outro modo, as causas morais superariam em número

sobre as causas físicas, ao passo que foi ao contrário o que teve lugar; o número dos alienados reputados incuráveis não seria quatro e cinco vezes maior do que os dos doentes presumidos curáveis, e a relação não diria que os quatro quintos de loucos mantidos nos asilos não oferecem nenhuma chance de cura.

Enfim, em presença do desenvolvimento que toma cada dia o Espiritismo, o ministro não diria que em razão da diminuição que se produziu, é provável que o crescimento inteiramente excepcional na população dos asilos se deterá logo.

Em resumo, esse relatório é a resposta mais peremptória que se possa fazer àqueles que acusam o Espiritismo de ser uma causa preponderante da loucura. Aqui não são nem hipóteses nem raciocínios, são números autênticos opostos a números de fantasia, fatos materiais opostos às alegações mentirosas de seus detratores interessados em desacreditá-lo na opinião.

(p. 205-212).

Revista Espírita de setembro 1866

Os irmãos Davenport em Bruxelas

Os irmãos Davenport vêm de passar algum tempo na Bélgica, onde deram pacificamente suas representações; temos numerosos correspondentes nesse país e, nem por eles nem pelos jornais, soubemos que esses senhores tenham por

ali sido alvo das cenas lamentáveis que tiveram lugar em Paris. É que os Belgas dariam lições de urbanidade aos Parisienses? Poder-se-ia crê-lo comparando as duas situações. O que é evidente é que em Paris havia uma posição antecipada, uma conspiração organizada contra eles; e a prova disto é naquilo que se os ataca antes de saber o que irão fazer, antes mesmo que tivessem começado. Que se vaie aquele que fracassa, que não tem o que anuncia, é um direito que se compra por toda a parte onde se paga na entrada; mais que se o achincalhe, que se o insulte, que se o maltrate, que se quebrem seus instrumentos, antes mesmo que entre em cena, o que não se permitiria ao último bufão da feira; qualquer que seja a maneira pela qual se considerem esses senhores, tais procedimentos são inescusáveis num povo civilizado.

De que são acusados? de se darem por médiuns; de pretender que operem com ajuda dos Espíritos? Se era de sua parte um meio fraudulento para despertar a curiosidade do público, quem é que teria o direito de disso se lamentar? Seriam os Espíritas que poderiam achar mau ver a exibição de uma coisa respeitável. Ora, quem é que se lamenta, que criou o escândalo, a impostura e a profanação? Precisamente aqueles que não creem nos Espíritos. Mas entre aqueles que gritam mais alto que não os há, que fora do homem nada há, *a* força de ouvir falar de manifestações, alguns acabam, senão por crer, ao menos por temer que ali não haja alguma coisa. O temor que os irmãos Davenport não viessem prová-

lo muito claramente desencadeou contra eles uma verdadeira cólera, que, se se tivesse tido a certeza que não eram senão hábeis escamoteadores, não haveria mais razão de ser do que aquela que seria dirigida contra qualquer escamoteador. Sim, disto estamos convencidos, o medo de vê-los triunfar foi a causa principal dessa hostilidade que havia antecipado a sua aparição em público, e preparado os meios de fazer abortar sua primeira sessão.

Mas os irmãos Davenport não foram senão um pretexto; não era à sua pessoa que se queria, era ao Espiritismo, ao qual acreditaram poderem dar uma sanção, e que, com grande desprazer de seus antagonistas, frustrado o efeito da malevolência pela prudente reserva da qual jamais desistiram, apesar de tudo o que se fez para fazê-los dela sair. Para muitas pessoas, é um verdadeiro pesadelo. Seria preciso conhecê-lo muito pouco para crer que esses senhores, colocando-se em condições que ele desaprova, poderiam lhe servir de auxiliares. No entanto, serviram sua causa, mas o foi dela fazendo falar na ocasião, e a crítica lhe deu a mão, sem o querer, provocando o exame da Doutrina. Há que se notar que todo o barulho que se fez ao redor do Espiritismo foi a obra desses mesmos que queriam abafá-lo. O que quer que se tenha feito contra ele, jamais gritou; foram seus adversários que gritaram, como se se acreditassem já mortos.

Extraímos do *Office de publicité,* jornal de Bruxelas, que, diz-se, tira 25.000, as passagens seguintes de dois

artigos publicados nos números de 8 e 22 de julho último, sobre os irmãos Davenport, assim como duas cartas de refutação lealmente inseridas nesse mesmo jornal. O assunto, embora um pouco gasto, não deixa de ter seu lado instrutivo.

CRÔNICA BRUXELENSE.

"É bem verdade que tudo chega e que não é preciso dizer: "Fonte, não beberei de tua água." Se me tivesse dito que jamais veria o armário dos irmãos Davenport nem esses ilustres feiticeiros eu teria sido homem a jurar que isso não seria nada, porque basta que se diga de alguém que é feiticeiro para me tirar toda curiosidade a seu respeito. O sobrenatural e a feitiçaria não têm inimigo mais teimoso do que eu. Eu não iria ver um milagre quando se o mostrasse por nada: essas coisas me inspiram a mesma distância do que os bezerros de duas cabeças, as mulheres de barba e todos os monstros; eu acho idiotas os Espíritos batedores e as curas sábias, e não há superstição que me possa fazer fugir até o fim do mundo. Julgai se, com tais disposições eu teria podido ir engrossar a multidão nos irmãos Davenport, quando se os dizia em comércio regular com os Espíritos! Confesso que a ideia não me teria vindo, não mais, de desmascarar sua velhacaria, de quebrar seu armário e provar que não eram realmente feiticeiros, porque me parece que teria dado por aí a prova de que eu mesmo havia acreditado em suas pompas e em suas obras. A mim teria parecido infinitamente mais simples afastar, desde o início, essa pretensa feitiçaria e supor, que tendo enganado tantas

pessoas, deveriam ser pessoas ágeis em seus exercícios. Quanto a compreender, disso não estaria muito preocupado. Desde que os Espíritos ali não se misturassem, para quê? E se tivesse havido muitos pobres Espíritos, em outro mundo, para vir fazer este negócio de compadres, *para que ainda?*

"Li ao tempo com muita atenção, ainda que tivesse do que melhor empregar meu tempo, a maioria dos livros em uso dos Espíritas, e ali encontrei tudo o que seria preciso para fazer, se necessário, uma religião nova, mas não do que me converter a essa velha novidade. Todos os Espíritos consultados, e dos quais citaram-se as respostas, não disseram nada que não tivesse sido dito antes deles, e em melhores palavras do que não o redisseram. Eles nos ensinam que é preciso amar o bem e detestar o mal, que a verdade é o contrário da mentira, que a alma é imortal, que o homem deve tender, sem cessar, a se tornar melhor, e que a vida é uma prova, todas coisas que se sabia já muito bem há vários milhares de anos, e pela revelação das quais era inútil evocar tantos ilustres mortos e até personagens que, por célebres que são também, têm, no entanto, o erro de não ter existido. Não falo mesmo do Judeu Errante, mas imaginais que eu tivesse evocado Dom Quixote e que ele viesse, isto não me seria do último prazer?

"Eu não tinha mais do que uma única objeção a respeito dos irmãos Davenport, desde que não fossem mais do que hábeis escamoteadores; essa objeção se resumia nisto, que, *todo o Espiritismo afastado de boa graça e de um*

comum acordo, seus exercícios poderiam bem não serem senão mediocremente divertidos. É provável que a ideia não me teria vindo de ir vê-los, se o oferecimento me sendo obsequiosamente feito de ali me conduzir, eu não tinha considerado senão crônica necessária, que tudo não é rosa na vida e que o cronista deve ir onde vai o público e se aborrecer pouco, sob a condição de desforra. Resolvido a fazer as coisas conscientemente, e iria primeiro, durante o dia, à sala do *círculo artístico e literário,* onde se estava ocupado em montar o famoso armário. Eu o vi, incompleto ainda, à luz do dia, e despojado de toda a sua "poesia." Se forem necessárias às ruínas a solidão e as sombras do anoitecer, são necessários aos "truques" dos prestidigitadores, a luz do gás, a multidão crédula e a distância. Mas os irmãos Davenport são bons jogadores e jogavam cartas sobre a mesa. Podia-se ver, e entrar quem quisesse. Um doméstico americano montava o armário com tranquilidade; as guitarras, os tamborins, as cordas, as campainhas estavam lá misturados com os cofres, as roupas, pedaços de tapetes, tecidos de embalagem; o todo ao abandono, à mercê de qualquer um, e como um desafio à curiosidade. Isso parecia dizer: Tornai, retornai, examinai, procurai, rebuscai, esforçai-vos! Não sabereis nada.

"Não há nada de mais insolentemente simples do que o armário. É um armário para tecidos de linho, roupas, e que não tem inteiramente o ar de ser feito para abrigar os Espíritos. Pareceu-me de nogueira; tem na frente três partes

em lugar de duas, e parece cansado das viagens que fez ou dos assaltos que suportou. Lancei-lhe um golpe de olhar, não muito perto, porque, por aberto que estava, pensava que um móvel tão misterioso deveria sentir o fechamento, como a gaiola mágica na qual se escondia Mozart quando criança.

"Declaro formalmente que a menos de ali colocar meu linho ou minhas roupas, não teria sabido o que fazer do armário dos irmãos Davenport. Cada um em seu ofício. Eu o revi à noite, isolado sobre o estrado, diante da rampa: ele já tinha um ar monumental. A sala estava cheia, como jamais o foram os dias em que Mozart, Beethoven e seus intérpretes fizeram sozinhos as despesas do serão. O mais belo público que se podia ter: os mais amáveis, os mais espirituosos, as mais alegres mulheres de Bruxelas, depois os conselheiros da Corte de cassação, os presidentes políticos, judiciários e literários; todas as academias, os senadores, os ministros, os representantes, os jornalistas, os artistas, os construtores, os marceneiros, *'que eram como um buquê de flores!'* O honorável Sr. Rogier, ministro dos assuntos estrangeiros, estava nesse serão, onde lhe acompanhava o antigo presidente da Câmara. O Sr. Vervoort, que, lembrando as grandezas humanas, não conservou senão a presidência do Círculo, encantadora realeza, aliás. A essa visão, me senti tranquilo. Um de nossos melhores pintores, o Sr. Robie, fez eco ao meu pensamento em me dizendo: "Vedes! a Áustria e a Prússia podem se bater quanto quiserem. Uma vez que a crise europeia não perturba de outro modo nosso ministro em

assuntos estrangeiros, é que a Bélgica pode dormir em paz." Isto me pareceu peremptório, vós o julgareis do mesmo modo, e, sabendo que o Sr. Rogier assistiu sorrindo ao serão dos irmãos Davenport, dormireis tranquilamente. É o que melhor tendes a fazer.

"Vi todos os exercícios dos irmãos Davenport, *e de modo algum procurei compreender-lhes o mistério.* Tudo o que posso dizer, sem sonhar de nenhum modo em diminuir seu sucesso, o que me é impossível ter o menor prazer naquelas coisas. Elas não me interessam. Amarraram em minha presença os irmãos Davenport; eles os amarraram mesmo muito bem, dizem; em seguida colocaram-lhes farinha nas mãos, depois as fecharam em seu armário, abaixou-se o gás e ouvi no armário um grande ruído de guitarras de campainhas e tamborins. De repente o armário se abriu – bruscamente, um tamborim rolou violentamente até os meus pés, e os irmãos Davenport apareceram, desligados, saudando o público e sacudindo diante dele a farinha que lhes tinham colocado nas mãos. Foram muito aplaudidos; eis aqui!

– Enfim, como explicais isto?

– Há pessoas no Círculo que o explicam muito bem; quanto a mim, incomodei-me sem proveito lá em cima, não me sinto, absolutamente, com nenhum ciúme de me explicar. Eles se desligaram, eis tudo, e destreza da farinha é feita jeitosamente. Acho os preparativos longos, o ruído aborrecido, e o todo pouco divertido. E nada de espírito, nem

no singular nem no plural.

– Assim, não credes?

– Tanto feito; creio no aborrecimento que senti.

– E o Espiritismo, credes nele?

– É a pergunta de Sganarelle a dom Juan. Logo ireis me perguntar se creio no Moine-Bourru. Eu vos responderei, como dom Juan, que creio que dois e dois fazem quatro, e que quatro e quatro fazem oito. Ainda não sei se, vendo o que se passa na Alemanha e noutra parte, não serei forçado a fazer reservas.

– Sois, pois, um ateu?

– Não. Sem modéstia, sou o homem mais religioso da Terra.

– Assim, credes em Deus, na imortalidade da alma, na…

– Creio. É minha felicidade e minha esperança.

– E tudo isto se concilia convosco: quatro e quatro fazem oito!

– Precisamente. Tudo está nesse lugar. É uma *bela língua quanto o turco.*

– Ides, pois, à missa!

– Não, mas não vos impeço de ir lá. O pássaro sobre o galho, o verme luzente na erva, os globos no espaço e meu coração cheio de adoração me cantam a missa noite e dia.

Amo a Deus apaixonadamente, sem medo. Que quereis que eu faça, com isto, as religiões e as outras variedades do davenportismo?

– E o Espiritismo, e Allan Kardec?

– Creio que o Sr. Allan Kardec, que faria muito bem em se chamar pelo seu verdadeiro nome, é um tão bom cidadão quanto vós e eu. Sua moral não difere da moral vulgar, que me basta. Quanto às suas revelações, gosto tanto do armário dos Davenport, com ou sem guitarras. Vi as revelações dos Espíritos; seu estilo não vale o de Bossuet, e, salvo os empréstimos feitos às obras dos homens ilustres, é pesado e frequentemente chato. *Eu não gostaria de escrever como o mais forte do bando:* meu editor dir-me-ia que o macarrão é bom, mas que não é preciso dele abusar. O Espiritismo o é no sobrenatural e nos dogmas, desconfio desse bloco enfarinhado. Eu disse, há cinco anos, falando da Doutrina, porque é bem uma doutrina: há tudo o que existe para *improvisar* uma religião nova. Valeria mais ser muito simplesmente religioso e nisso manter-se nas revelações do universo.

"Eu a vejo despontar essa religião. Já é uma seita, e considerável, porque não podeis imaginar o número e o sério das cartas que já recebi por ter aflorado ultimamente o Espiritismo. Ele tem seus fanáticos, terá seus intolerantes, seus sacerdotes, porque o dogma se presta à ação intermediária, uma vez que os Espíritos têm classes e preferências. Tão logo que houver dez por cento a ganhar

com esse novo dogma, se lhe verá um clero. Eu o creio destinado a herdar o catolicismo, em razão desses lados sedutores. Esperai somente que os hábeis nele se misturem, e os profetas e os evocadores privilegiados levarão através do mistério da coisa, que é doce e poética, como as ervas parasitas num campo de trigo.

"Eis duas cartas que me foram endereçadas. Elas vêm de pessoas leais, crédulas e convictas; é por isto que as publico.

"Ao Sr. Bertram.

"Há quatro anos, eu era o que se pode chamar um franco retardatário; católico sincero, eu acreditava nos milagres, no diabo, na infalibilidade papal; assim, teria aceito sem hesitar a Encíclica de Pio IX com todas as suas consequências na ordem pública.

"Mas para que esta confissão de um desconhecido? dir-me-eis. Na verdade, senhor Bertram, vou vo-lo informar, com risco de excitar vossa verve zombeteira ou *de vos fazer desculpar até o fim do mundo.*

"Vi um dia, em Anvers, uma mesinha (vulgarmente chamada mesa falante) que me respondeu a uma pergunta mental em meu idioma natal, desconhecido dos assistentes; entre eles havia Espíritos fortes, maçons que não acreditavam nem em Deus nem na alma; a coisa lhes deu a refletir, leram com avidez as obras espíritas de Allan Kardec, eu fiz como eles, sobretudo quando vários sacerdotes me asseguraram

que esses fenômenos eram exclusivamente a obra do… demônio, e eu vos asseguro, eu, que não lamento o tempo que isso me custou, muito ao contrário. Encontrei nesses livros não só uma solução racional e muito natural do fenômeno acima, mas uma saída a muitas das questões, a muitos problemas que me coloquei no tempo; nisso teríeis encontrado matéria para uma religião nova, mas crede-me, senhor Bertram, que nisso haveria um grande mal, se a ocasião se apresentar? O catolicismo está de tal modo em relação com as necessidades de nossa sociedade que ele não possa ser nem rejuvenescido nem substituído vantajosamente? Ou bem credes que a Humanidade possa se abster de toda crença religiosa? O liberalismo proclama belos princípios, mas ele é em grande parte cético e materialista; nestas condições ele não reunirá jamais a ele as massas, tão pouco quanto o catolicismo ultramontano; se o Espiritismo for chamado a se tornar um dia uma religião, será a religião natural bem desenvolvida e bem compreendida, e esta certamente não é novidade; é como dizeis: uma velha novidade; mas é também um terreno neutro onde todas as opiniões, tanto políticas quanto religiosas, poderão se estender um dia a mão.

"O que quer que seja, depois que me tornei Espírita, algumas más-línguas me acusam de ter me tornado livre pensador; é verdade que a partir dessa época, do mesmo modo que os Espíritos fortes dos quais falei acima, não creio mais no sobrenatural nem no diabo; mas, em compensação,

todos cremos um pouco mais em Deus, na imortalidade da alma, na pluralidade das existências; filhos do século dezenove, percebemos um caminho seguro e queremos impelir o carro do progresso e não retardá-lo. Vede, pois, que o Espiritismo tem ainda coisa boa, se pode operar tais mudanças. – E agora, para vir aos irmãos Davenport, seria errado fugir das experiências, ou concluir deliberadamente contra elas, pelo fato mesmo de que são novas; quanto mais os fatos que se nos apresentam são extraordinários, mais merecem ser observados conscienciosamente e sem ideias preconcebidas, porque, quem poderia se gabar de conhecer todos os segredos da Natureza? Jamais vi os irmãos Davenport, mas li o que a imprensa francesa escreveu por sua conta, e fiquei admirado da má fé que ela nisso colocou. Os amadores poderão ler frutiferamente: *As forças naturais desconhecidas,* por Hermes. (Paris, Didier, 1865); é uma refutação do ponto de vista da ciência às críticas dirigidas contra eles. Se é verdade que esses senhores não se dão por Espíritas e que não conhecem a Doutrina, o Espiritismo não tem que lhes tomar a defesa; tudo o que se pode dizer é que os fatos semelhantes àqueles que apresentam são possíveis em virtude de uma lei natural hoje conhecida e pela intervenção dos Espíritos inferiores; somente, até aqui, esses fatos não eram ainda produzidos em condições tão pouco favoráveis, a horas fixas e com tanta regularidade.

"Espero, senhor, que acolhereis estas observações desinteressadas e que lhes dareis a hospitalidade em vosso

jornal; possam elas contribuir para elucidar uma questão mais interessante, aos vossos leitores, do que poderiam supô-lo.

"Vosso assinante,

"H. VANDERYST."

"Ei-la publicada! Não se me acusará de colocar "a luz sob o alqueire".

"Primeiro, não tenho alqueire; em seguida, sem a sombra da zombaria, não vejo aqui muito a luz. Jamais fiz objeção à moral do Espiritismo; ela é pura. Os Espíritas são honestos e benfazejos, seus donativos para as creches mo provaram. Se prendem aos seus Espíritos superiores e inferiores, não vejo nisso inconveniente. É um assunto entre o seu instinto e a sua razão.

"Há um pos-scriptum na carta, ei-lo:

"Permiti-me que chame vossa atenção sobre uma obra que vem de ter as honras do *Index*: A pluralidade das existências da alma, por Pezzani, advogado, onde essa questão é tratada fora da revelação espírita."

"Passemos à outra carta:

(Segue uma segunda carta no mesmo sentido que a precedente, e que termina assim:)

"Tenho convicção de que, no dia em que a imprensa se envolver em desenvolver tudo o que o Espiritismo encerra de belo, o mundo fará progressos imensos, moralmente. Tornar

sensível ao homem que todos levam em si a verdadeira religião, *a consciência,* deixá-lo em presença de si mesmo para responder por seus atos diante do Ser supremo, que coisa importante! Não seria matar o materialismo que faz tanto mal no mundo? Não seria uma barreira contra o orgulho, a ambição, a inveja, todas as coisas que tornam os homens infelizes? Ensinar ao homem que ele deve fazer o bem para merecer sua recompensa: há certamente homens que estão convencidos de tudo isto, mas quanto sobre a generalidade? E pode-se ensinar tudo isso ao homem; por minha parte, evoquei meu pai, e segundo as respostas que recebi, a dúvida não é mais possível.

"Se tivesse a felicidade de manejar a caneta como vós, trataria o Espiritismo como chamado a nos inculcar uma moral doce e agradável. Meu primeiro artigo teria por título: *O Espiritismo ou a destruição de todo o fanatismo. A queda dos jesuítas e de todos aqueles que vivem da credulidade do homem.* Haurem-se todas essas ideias no excelente livro de Allan Kardec. Quanto gostaria que tivésseis a minha maneira de encarar o Espiritismo! Como faríeis bem à moral! Mas, meu caro Bertram, como pudeste encontrar do sobrenatural, da feitiçaria no Espiritismo? Não acho mais extraordinário que nos comuniquemos com os nossos parentes e nossos amigos num outro mundo, por meio do fluido que nos coloca em relação com eles, não acho extraordinário que nos comuniquemos com os nossos irmãos deste globo a distâncias fabulosas por meio do fio elétrico!"

***

O todo publicado sem observação e sem comentário, para provar somente que o Espiritismo, na Bélgica, tem partidários ardorosos em sua fé. A seita, positivamente, faz progressos, e o catolicismo terá logo a contar com ela.

"A imprensa parisiense não foi de má-fé com os irmãos Davenport; o que o faz bem ver, *é* que estes não ostentam mais pretensões ao sobrenatural. Não dão mais sessões a cinquenta francos por cabeça, ao menos pelo que sei; no entanto, creio que as pessoas que quisessem pagar seu lugar a esse preço lá não seriam mal recebidas. Para concluir, afirmo que seus exercícios não me parecem feitos para exercer uma grande influência sobre o futuro das sociedades humanas.

"BERTRAM."

Depois das duas cartas que se acaba de ler, não teremos senão pouca coisa a dizer sobre esse artigo; sua moderação contrasta com a acrimônia da maioria daqueles que escreveram outrora sobre o mesmo assunto. O autor, pelo menos não contesta aos Espíritas o direito de ter uma opinião que respeite, embora não a partilhe; ao encontro de certos apóstolos do progresso, reconhece que a liberdade de consciência é para todo o mundo; já é alguma coisa. Concorda mesmo que os Espíritas têm do bom e são de boa-fé. Constata, enfim, os progressos da Doutrina e confessa que ela tem um lado sedutor. Não faremos, pois, senão curtas

observações.

O Sr. Bertram quer muito nos ter por um tão bom cidadão quanto ele, e lhe agradecemos por isso; mas acrescenta que faríamos também muito bem nos chamar pelo verdadeiro nome. Nos permitimos, de nossa parte, perguntar-lhe por que assina seus artigos *Bertram,* em lugar de *Eugène Landois,* o que não tira nada às suas qualidades pessoais, porque sabemos que é o principal organizador da creche de Saint-Josse-Tennoode, da qual se ocupa com a mais louvável solicitude.

Se o Sr. Bertram tivesse lido os livros espíritas com tanta atenção quanto o diz, saberia se os Espíritas são bastante simples para evocar o Judeu Errante ou dom Quixote; saberia o que o Espiritismo aceita e o que desaprova; não se afligiria em apresentá-lo como uma religião, porque, com o mesmo título, todas as filosofias seriam religiões, uma vez que é de sua essência discutir as próprias bases de todas as religiões: Deus, e a natureza da alma. Compreenderia, enfim, que se jamais o Espiritismo se tornasse uma religião, não poderia se fazer intolerante sem negar seu princípio que é *a* fraternidade universal, sem distinção de seita e de crença; sem abjurar sua divisa: Fora da *caridade não há salvação,* símbolo mais explícito do amor ao próximo, da tolerância e da liberdade de consciência. Jamais disse: "Fora do Espiritismo não há salvação." Se uma religião se encaixasse no Espiritismo, com exclusão desses princípios, não seria mais o Espiritismo.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica que toca a todas as questões humanitárias; pelas modificações profundas que ela traz nas ideias, faz encarar as coisas de um outro ponto de vista; daí, para o futuro, inevitáveis modificações nas relações sociais; é uma mina fecunda onde as religiões, como as ciências, como as instituições civis, haurirão elementos de progresso; mas do fato de que ela toca em certas crenças religiosas, não constitui mais um culto novo quanto não é um sistema particular de política, de legislação ou de economia social. Seus templos, suas cerimônias e seus sacerdotes estão na imaginação de seus detratores e daqueles que têm medo de vê-la se tornar religião.

O Sr. Bertram critica o estilo dos Espíritos e coloca o seu bem acima: é seu direito, e nós não lho disputaremos. Não lhe contestamos mais esse ponto do que em fatos morais os Espíritos não nos ensinam nada de novo; isto prova uma coisa, é que os homens, por isso, não são mais culpáveis de praticá-la tão pouco. É preciso, pois, se admirar de que Deus, em sua solicitude, a repete-lhes sob todas as formas? Se, sob esse aspecto, o ensino dos Espíritos é inútil, o do Cristo o é igualmente, uma vez que não faz senão desenvolver os mandamentos do Sinai; os escritos de todos os moralistas são semelhantemente inúteis, uma vez que não fazem senão dizer a mesma coisa em outros termos. Com esse sistema, quantas pessoas cujos trabalhos seriam inúteis! sem compreendê-lo os cronistas que, por condição, nada devem

inventar.

Está, pois, convencionado que a moral dos Espíritos é velha como o mundo, o que nada tem de surpreendente, uma vez que a moral, não sendo outra coisa senão a lei de Deus, essa lei deve ser *de* toda a eternidade, *e* que a criatura nada pode acrescentar à obra do Criador. Mas não há nada de novo no modo de ensino? Até o presente, o código de moral não havia sido promulgado senão por algumas individualidades; foi reproduzido nos livros que nem todo o mundo lê ou não compreende. Pois bem! hoje esse mesmo código é ensinado, não mais por alguns homens, mais por milhões de Espíritos, que foram homens, em todos os países, em cada família, e, por assim dizer, em cada indivíduo. Credes que aquele que tivesse sido indiferente à leitura de um livro, que tivesse tratado as máximas que ele encerra como lugares comuns, não será de outro modo muito impressionado se seu pai, sua mãe, ou um ser que lhe é caro e que respeita, vem dizer-lhe, fosse mesmo num estilo inferior ao de Bossuet: "Não estou perdido como acreditaste; estou lá junto de ti, vejo-te e ouço-te, te conheço melhor do que quando estava vivo, porque leio em teu pensamento; para ser feliz no mundo onde estou, eis a regra de conduta a seguir; tal ação é boa e tal outra é má, etc." Como o vedes, é um ensino direto, ou se gostais mais, um novo meio de publicidade, tanto mais eficaz quanto vá direto ao coração; que não custa nada; que se dirige a todo o mundo, ao pequeno como ao grande, ao pobre como ao rico, ao ignorante como ao sábio, e que desafia o

despotismo humano que quisesse colocar-lhe uma barreira.

Mas, direis, isto é possível? não é uma ilusão? Essa dúvida seria natural se tais comunicações não fossem feitas senão por um único homem privilegiado, porque nada provaria que ele não se engana; mas quando milhares de indivíduos delas recebem semelhantes todos os dias e em todos os países do mundo, é racional pensar que todos são alucinados? Se o ensino do Espiritismo estivesse relegado nas obras espíritas, não teria conquistado a centésima parte dos adeptos que possui; esses livros não fazem senão resumir e coordenar esse ensino, o que faz seu sucesso, é que cada um encontra em seu particular a confirmação do que encerram.

Será fundado dizer que o ensino moral dos Espíritos é supérfluo, quando se tiver provado que os homens são bastante bons para deles não ter mais necessidade; até lá, não é preciso se admirar de vê-lo repetir sob todas as formas e em todos os tons.

Que me importa, dizeis, senhor Bertram, que haja ou não Espíritos! É possível que isto vos seja indiferente, mas não o é do mesmo modo para todo o mundo. É absolutamente como se dissésseis: "Que me importa que haja habitantes na América, e que o cabo elétrico venha me prová-lo!" Cientificamente, é alguma coisa quanto a prova do mundo invisível; moralmente, é muito; porque os Espíritos povoam o espaço que se crê desabitado, é a descoberta de todo o mundo, a revelação do futuro e do destino do homem, uma revolução em suas crenças; ora, se a coisa existe, toda

negação não poderá impedi-la de existir. Seus resultados inevitáveis merecem muito que se preocupem com ela. Sois homem de progresso, e repelis um elemento de progresso? um meio de melhorara Humanidade, de cimentar a fraternidade entre os homens? uma descoberta que conduz à reforma dos abusos sociais contra os quais reclamais sem cessar? Credes em vossa alma imortal, *e* não vos importais de nenhum modo de saber o que ela se torna, em que se tornaram vossos parentes e vossos amigos? Francamente, isso é pouco racional. Não é, direis, no armário dos irmãos Davenport que eu o encontrarei; de acordo; jamais dissemos que estivesse lá o Espiritismo. No entanto, esse mesmo armário, precisamente porque, errado ou certo, ali fez intervir os Espíritos, e fez falar muito dos Espíritos, mesmo aqueles que não criam neles; daí as pesquisas e os estudos que não seriam feitos se esses senhores não fossem dados por simples prestidigitadores. Se os Espíritos não estavam em seus armários, bem puderam provocar esse meio para fazer sair uma multidão de pessoas de sua indiferença. Vedes que vós mesmos, com o vosso desconhecimento, fostes levado a semear a ideia entre vossos numerosos leitores, o que não teríeis feito sem esse famoso armário.

Quanto às verdades novas que ressaltam das revelações espíritas fora da moral, remetemos ao artigo publicado na *Revista* de janeiro de 1865, sob o título de: *O que ensina o Espiritismo.*

(p. 257-269).

O Espiritismo não pede mais do que ser conhecido

É um fato averiguado que, depois que a crítica implicou com ao Espiritismo, ela mostrou a mais completa ignorância de seus princípios mais elementares; ela o provou superabundantemente em lhe fazendo dizer precisamente o contrário do que diz, em lhe atribuindo ideias diametralmente opostas às que professa. Para ela, tendo dado um Espiritismo de fantasia, se diz: "Ele deve dizer e pensar tal coisa;" em uma palavra, ela julgou sobre o que pensou o que ele poderia ser, e não sobre o que é realmente. Sem dúvida, ele era muito fácil de se esclarecer; mas, para isto, seria preciso ler, estudar, aprofundar uma doutrina toda filosófica, sondar a importância das palavras; ora, está aí um trabalho sério que não é do gosto de todo o mundo, muito fatigante mesmo para algum. A maioria dos escritores, encontrando nos escritos de seus confrades um julgamento inteiramente feito, de acordo com suas ideias céticas, aceitaram-lhe o fundo sem mais exame, se limitando a bordar algumas variantes na forma; é assim que as ideias mais falsas se propagaram como ecos na *Imprensa,* e daí numa parte do público.

Isto, no entanto, não podia ter senão um tempo. A Doutrina Espírita, que nada tem de escondido, que é clara, precisa, sem alegorias nem ambiguidades, sem fórmulas abstratas, deveria acabar por ser melhor conhecida; a própria violência com a qual era atacada, com isso deveria provocar o exame; e foi o que ocorreu, e foi o que levou à reação que se observa hoje. Não quer dizer que todos aqueles que a

estudam, mesmo seriamente, devam dela se fazer apóstolos; não certamente; mas é impossível que um estudo atento, feito sem prevenção, não atenue ao menos a prevenção que se lhe concebeu, se ela não a dissipa completamente. Era evidente que a hostilidade da qual o Espiritismo era objeto deveria levar a esse resultado; foi por isso que nós jamais nos inquietamos.

Porque o Espiritismo faz menos barulho neste momento, algumas pessoas pensam que há estagnação em sua marcha progressiva; mas contam elas por nada a mudança completa que se opera na opinião? É uma conquista insignificante o ser considerado de um olhar menos-mau? O Espiritismo desde o início reuniu a todos aqueles a quem essas ideias estavam, por assim dizer, em estado de intuição; não teve senão que se mostrar para ser por eles aceito com solicitude; é o que explica seu crescimento numérico rápido. Hoje, que colheu o que estava maduro, ele age sobre a massa refratária; o trabalho é mais longo; os meios de ação são diferentes e apropriados à natureza das dificuldades; mas, nas flutuações da opinião, sente-se que essa massa se abala sob o machado dos Espíritos que a atinge, sem cessar, de mil maneiras. O progresso, por ser menos aparente, não é menos real; é como o de uma construção que se eleva com rapidez, e que parece parar quando se trabalha no interior.

Quanto aos Espíritas, o primeiro momento foi o de entusiasmo; mas um estado de superexcitação não pode ser permanente; ao movimento expansivo exterior, sucedeu um

estado mais calmo: a fé é tão viva, mas é mais fria, mais raciocinada, e, por isto mesmo, mais sólida. A efervescência deu lugar a uma satisfação íntima mais doce, cada dia melhor apreciada, pela serenidade que proporciona a inabalável confiança no futuro.

Hoje, pois, o Espiritismo começa a ser julgado de um outro ponto de vista; não se o acha mais tão estranho e tão ridículo, porque se o conhece melhor; os Espíritas não são mostrados mais ao dedo como animais curiosos; se muitas pessoas repelem ainda o fato das manifestações que não podem conciliar com a ideia que se fazem do mundo invisível, elas não contestam mais a importância filosófica da Doutrina; que sua moral seja velha ou nova, por isto não é menos uma doutrina moral, que não pode excitar ao bem aqueles que a professem; é o que reconhece quem julga com conhecimento de causa. Tudo o que se censura agora aos Espíritas é crer na comunicação dos Espíritos; mas se lhe passa essa pequena fraqueza em favor do resto. Sobre este ponto os Espíritos se encarregarão de mostrar se existem.

O artigo do Sr. Bertram, de Bruxelas, reportado acima, parece-nos ser a expressão do sentimento que tende a se propagar no mundo dos precedentemente zombadores, e se desenvolverá à medida que o Espiritismo for mais conhecido. O artigo seguinte está no mesmo sentido, mas revela uma convicção mais completa. Ele foi extraído do *Soleil* de 5 de maio.

"Ao mesmo tempo que aparecem os *Apóstolos,* do Sr.

Ernest Renan, o Sr. J.-B. Roustaing, adepto esclarecido do Espiritismo, publicou pela Livraria central uma obra considerável intitulada: *Os Quatro Evangelhos,* seguidos dos mandamentos explicados em espírito e em verdade pelos evangelistas ajudados pelos apóstolos.

"A massa dos Parisienses quase não conhece, em fato de Espiritismo, senão as frustrações de alguns escamoteadores que tentaram em vão abusar da credulidade de um público incrédulo. Esses charlatães foram vaiados, o que é muito bem-feito; mas os Espíritas, cheios de ardor e de fé, por isso não continuaram menos suas experiências e sua propaganda rápida.

"As coisas mais sérias são tratadas em Paris, do mesmo modo do que as mais fúteis. Assim é que se pergunta, o mais frequentemente, se se tem negócio com um deus, uma mesa ou uma pequena bacia. As experiências sumárias, tentadas entre duas taças de chá por algumas mulheres adúlteras e alguns jovens pretensiosos, bastaram à curiosidade dos Parisienses. Se a mesa aparentasse girar, ria-se muito; se, ao contrário, a mesa não mexesse, ria-se ainda mais forte; e é assim que a questão se achava aprofundada. Isto era de outro modo entre a população mais refletida da província. O menor resultado animava os prosélitos, excitava seu ardor; o Espírito de seus próximos respondia à sua espera; e cada um deles, conversando com a alma de seu pai e de seu irmão defuntos, estava convencido de ter levantado o véu da morte que, doravante, não podia ter terror para ele.

"Se jamais houve uma consoladora doutrina, é certamente esta: a individualidade conservada além do túmulo, a promessa formal de uma outra vida que é realmente a continuação da primeira. A família subsiste, a afeição não morre com a pessoa; não há separação. Cada noite, no sul e no oeste da França, as reuniões de espíritas atentos se tornam mais numerosas. Ora-se, evoca-se, crê-se. Pessoas que não sabem escrever, escrevem; sua mão é tomada pelo Espírito.

"O Espiritismo é sem perigo social; também o deixa estender-se sem lhe opor barreiras. Se o Espiritismo fosse perseguido, teria seus mártires como o Babismo, na Pérsia.

Ao lado das respostas medianímicas mais sérias se acham indicações e conselhos que chamam o sorriso. O autor dos *Quatro Evangelhos,* Sr. Roustaing, advogado na corte imperial de Bordeaux, antigo chefe da ordem dos advogados, não é um ingênuo – não mais do que um enganador – e, em seu prefácio, se acha a comunicação seguinte:

"Chegou o momento em que deves pôr em situação de entrega à publicidade esta obra; não fixamos limites; emprega com sabedoria e medida tuas horas, a fim de poupar tuas forças… A publicação pode ser começada a contar do mês de agosto próximo; a partir dessa época, trabalha o mais prontamente possível, mas sem ultrapassar as forças humanas; de tal modo que a publicação esteja terminada no mês de agosto de 1866."

"Assinado: MOISÉS, MATEUS, MARCOS, LUCAS, -JOÃO,
Assistidos pelos Apóstolos."

"O leitor está surpreso de não ver Moisés, Mateus, Lucas e João levarem até o fim seu conselho e acrescentar: Farás imprimir a obra na casa Lavertujon, 7, rua dos Treilles, e, Bordeaux e fá-la-ás aparecer na Livraria central, bulevard dos Italianos, em Paris.

"Detém-se também um instante nessa passagem, que disse ao autor *não ultrapassar as forças humanas.* O autor deve, pois, tê-las ultrapassado, sem essa paternal palavra dos senhores Moisés, Mateus, Marcos e João?

"O Sr. Renan, sem tocar de início no Espiritismo, faz numerosas alusões a essa nova doutrina da qual parece não desconhecer a importância. O autor de *Apóstolos* lembra (página 8) uma passagem capital de São Paulo que estabelece: 1º a realidade das aparições; *2°* a longa duração das aparições. Uma única vez, no curso de sua obra, o Sr. Renan prende os Espíritas na armadilha. Ele disse, na página 22, segunda nota:

"Para conceber a possibilidade de semelhantes ilusões, basta se lembrar das cenas de nossos dias, onde pessoas reunidas reconhecem unanimente ouvir ruídos sem realidade, e isto, com uma perfeita boa-fé. A espera, o esforço da imaginação, a disposição de crer, às vezes as complacências inocentes, explicam aqueles desses fenômenos que não são o produto direto da fraude. Essas complacências vêm, em

geral, de pessoas convictas, animadas de um bom sentimento, não querendo que a sessão acabe mal, e desejosas de tirar do embaraço os senhores da casa. Quando se crê no milagre, se o ajuda sempre sem disso se aperceber. A dúvida e a negação são impossíveis nessas espécies de reunião. Cria-se dificuldade àqueles que creem e àqueles que vos convidaram. Eis porque essas experiências, que se reúnem diante de pequenas comissões, fracassam comumente diante de um público pagante, e falham sempre diante das comissões científicas."

"Aqui, como em outra parte, o livro do Sr. Renan carece de boas razões. De um estilo doce e encantador, substituindo a lógica pela poesia, os *Apóstolos* deveriam se intitular os *Últimos Abencérages.* As remessas a documentos inúteis, as falsas provas das quais a obra está sobrecarregada lhe dão todas as aparências da puerilidade com a qual foi concebida. Nisso não há do que se enganar.

"O Sr. Renan conta que Maria de Magdala, chorando na beira do sepulcro, teve uma visão, uma simples visão. – O que lhe foi dito? – Ela acreditou ouvir uma voz. – Como sabe que ela não foi realmente ouvida? – Todas as afirmações contidas na obra são quase da mesma força.

"Se os Espíritas não têm quase nada a oferecer senão sua boa-fé por explicação, o Sr. Renan não tem mesmo esse recurso.

"Não podemos aqui senão contar o livro do Sr.

Roustaing; não temos o direito de discuti-lo, não mais do que o dever onde nos leva. De resto, esse não seria o lugar de entrar em considerações que o leitor não procura em nossas colunas. A obra é séria, o estilo é claro e firme. O autor não caiu no erro comum dos comentaristas que, frequentemente, são mais obscuros do que o próprio texto que querem esclarecer.

"O Espiritismo, que tinha seu catecismo, terá doravante seus códigos anotados e seu curso de jurisprudência. Não lhe faltará senão a prova do mártir."

AURÉLIEN SCHOLL.

(p. 269-274).

Os fenômenos apócrifos

O fato seguinte foi narrado pelo *Événement* de *2* de agosto de 1866:

"Há vários dias, os habitantes do quarteirão vizinho da igreja Saint-Médard estavam postos em grande emoção pelo fato singular, misterioso, que deu lugar aos comentários e aos relatos mais lúgubres.

"As demolições se fazem ao redor dessa igreja; a maioria das casas abatidas foram levantadas sobre o local de um cemitério ao qual se liga a história dos pretensos milagres que, no começo do século dezoito, motivaram uma ordem do governo que ordena, em 27 de janeiro de 1733, o fechamento desse cemitério, sobre cuja porta se encontrou

no dia seguinte este epigrama:

Da parte do rei… proíbe a Deus

Fazer milagre neste lugar.

Ora, as casas respeitadas pelo martelo do demolidor eram, cada noite, assoladas por uma saraivada de pedras, frequentemente muito grandes, que quebravam os vidros das janelas e caíam sobre os telhados, que elas danificavam.

"Apesar das mais ativas procuras, ninguém pôde descobrir de onde vinham esses projéteis.

"Não se deixou de dizer que os mortos do cemitério, perturbados em seu repouso pelas demolições, manifestavam assim seu descontentamento. Mas pessoas menos crédulas, pensam bem que essas pedras que continuavam a cair todas as noites eram lançadas por um ser vivo, foram reclamar a intervenção do Sr. Cazeaux, comissário de polícia, que fez organizar uma vigilância por agentes.

"Enquanto eles vigiavam, as pedras não apareciam, mas desde que cessavam, elas caíam ainda com mais abundância.

"Não se sabia o que fazer para penetrar esse mistério, quando a senhora X…, proprietária de uma casa da rua Censier, veio declarar ao comissário que assustada pelo que se passava, ela tinha ido dartros uma sonâmbula.

"Ela me revelou, disse a declarante, que as pedras eram lançadas por uma jovem afetada de um mal na cabeça.

Precisamente minha boa Félicie F…, com a idade de dezesseis anos, foi atingida de impingem sobre essa parte do corpo.

"Se bem que não ligando nenhuma importância a essa indicação, o comissário consentiu, no entanto, em interrogar Félicie, e obter-lhe confissões completas. Agindo sob a inspiração de um Espírito que lhe apareceu, ela via, há vários meses, amontoado em um celeiro, uma quantidade considerável de pedras, e, cada noite, ela levava para ali lançar uma parte – pela janela desse celeiro – sobre as casas vizinhas.

"Na presunção de que essa jovem podia ser alienada, o comissário a enviou à Prefeitura, para que ali fosse examinada por médicos especiais."

Esse fato prova que é preciso guardar-se de atribuir a uma causa oculta todos os fatos desse gênero, e que, quando uma causa material existe, chega-se sempre a descobri-la, o que não prova nada contra a possibilidade de uma outra origem, em certos casos, os quais não se pode julgar senão pelo conjunto das circunstâncias, como em Poitiers. A menos que a causa oculta não seja demonstrada pela evidência, a dúvida é o partido mais sábio; convém, pois, manter-se em reserva. É preciso, sobretudo, desconfiar das armadilhas estendidas pela malevolência tendo em vista se dar o prazer de mistificar os Espíritas. A ideia fixa da maioria dos antagonistas é de que o Espiritismo está inteiramente nos efeitos físicos, e não pode viver sem isto; que a fé dos Espíritas não tenha outro objetivo é porque imaginam matá-lo

desacreditando seus efeitos, seja que os *façam simular,* seja que os *inventem* em condições ridículas. Sua ignorância do Espiritismo faz que, sem disso se aperceberem, firam ao lado da questão capital, que é o ponto de vista moral e filosófico.

Alguns, no entanto, conhecem muito bem esse lado da Doutrina; mas como ele é inatacável, se atiram sobre o outro, mais vulnerável, e que se presta mais facilmente à fraude. Eles gostariam, a todo preço, fazer passar os Espíritas por admiradores crédulos e supersticiosos do fantástico, aceitando tudo de olhos fechados. É para eles um grande desapontamento não vê-los se extasiarem ao menor fato tendo algum colorido de sobrenatural, e de achá-los, em relação a certos fenômenos, mais céticos do que aqueles que não conhecem o Espiritismo; ora, é precisamente porque o conhecem, que sabem o que é possível e o que não o é, e não veem por toda a parte a ação dos Espíritos.

No fato acima reportado, é bastante curioso ver a verdadeira causa revelada por uma sonâmbula. É a consagração do fenômeno da lucidez. Quanto à jovem que disse ter agido sob o impulso de um Espírito, é certo que não foi o conhecimento do Espiritismo que lhe deu essa ideia. De onde ela lhe veio? É muito possível que ela se achasse sob o império de uma obsessão que se tomou, como sempre, por loucura. Se assim for, não é com remédio que se a curará. Em semelhante caso, muitas vez esse têm visto pessoas f alar espontaneamente dos Espíritos, porque os veem, e se diz então que estão alucina-as. Nós a supomos de boa-fé, porque

não temos nenhuma razão de suspeitá-la; mas há infelizmente fatos desnaturados para fazer nascer a desconfiança. Lembramo-nos de uma mulher que simulou a loucura ao sair de uma reunião espírita onde tinha sido admitida às suas *instâncias, a única à qual ela tinha assistido;* conduzida imediatamente a uma casa de alienados, ela confessou depois que tinha recebido cinquenta francos para desempenhar essa comédia. Era na época em que se procurava acreditar a ideia de que as casas de loucos regurgitavam de Espíritas. Essa mulher se deixou seduzir pelo engodo de algum dinheiro, outros podem ceder a outras influências. Não pretendemos que tenha sido assim com a jovem; quisemos simplesmente mostrar que quando se quer denegrir uma coisa, todos os meios são bons; é, para os Espíritas, uma razão a mais de se manterem em guarda e tudo observar escrupulosamente. De resto, se tudo o que se trama por baixo do pano prova que a luta não terminou, *e* que é preciso redobrar a vigilância e a firmeza, é igualmente a prova de que todo o mundo não considera o Espiritismo como uma quimera.

Ao lado da guerra surda, há o da guerra a céu aberto, mais geralmente feita pela incredulidade zombeteira; esta evidentemente está modificada. Os fatos que se multiplicam, a adesão de pessoas das quais não se pode suspeitar a boa-fé nem a razão, a imparcialidade dos Espíritas, sua calma e sua moderação em presença das tempestades que se levantam contra eles, deram a refletir. A imprensa registra cada dia

fatos espíritas; se, em seu número, houve verdadeiros, outros são evidentemente inventados para as necessidades da causa da oposição. Não se negam mais os fenômenos, mas se procura torná-los ridículos pelo exagero. É uma tática bastante inofensiva, porque não é difícil hoje fazer, nessas matérias, a parte da inverosimilhança. Os jornais da América, de resto, não são invenções sob esse aspecto, e os nossos se apressam em repeti-los. Foi assim que a maioria reproduziu a história seguinte, no decorrer de março último:

"ESTADOS UNIDOS – Executou-se em Cleveland (Ohio) um homem, o doutor Hughes, que, no momento de morrer, fez um discurso atestando um espírito de firmeza e de lucidez extraordinário. Ele aproveitou a ocasião para fazer, sobre *a* utilidade e a justiça da pena de morte, uma dissertação que não durou menos do que meia hora. Essa penalidade da morte, disse ele, é muito simplesmente ridícula. Qual vantagem há em tomar a minha vida? Nenhuma. Certamente não é meu exemplo que desviará outros do crime. É que me lembro de ter atirado esse tiro de pistola? Do todo, disso não tenho, mesmo hoje, a menor lembrança. Posso admitir que a lei de Ohio me fere justamente, mas digo ao mesmo tempo que ela é louca e vã.

"Se pretendeis que, porque essa corda vai ser atada ao redor do meu pescoço, e apertada até que a morte se siga, ela terá por efeito prevenir o assassinato, digo que vosso pensamento é louco e vão; porque, na situação de espírito em que estava John W. Hughes quando assassinou,

não há exemplo sobre a Terra que tenha podido impedir um homem, qualquer que fosse, de fazer o que eu fiz. Inclino-me diante da lei do país com o pensamento de que é um homicídio inútil, tanto quanto cruel, de tomar a minha vida. Espero que meu suplício não fique como um exemplo da pena de morte, mas como um argumento que lhe prova a inutilidade.

"Hughes, em seguida, fez um exame de consciência e se estendeu longamente sobre a religião e sobre a imortalidade da alma. Suas doutrinas, nessas graves matérias, não são positivamente ortodoxas; mas elas atestam ao menos um sangue frio singular. Também falou do Espiritualismo, ou antes do Espiritismo. "Eu sei, disse ele, por minha própria experiência, que há, entre aqueles que saem da vida e aqueles que ficam, comunicações incessantes. Vou hoje sofrer a suprema penalidade legal, mas, ao mesmo tempo, estou seguro de que estarei convosco depois de minha execução como o estou agora.

"Meus juízes e meus carrascos me verão sempre diante de seus olhos, e vós mesmos que viestes aqui para me ver morrer e não há um de vós que não me reveja em carne e em osso, vestido de negro como estou, levando meu próprio luto prematuro, durante seu sono como durante as horas de suas ocupações diárias. – Adeus, senhores, espero que nenhum de vós fará o que fiz; mas se houver qualquer um que se encontre no estado mental em que eu mesmo estava, quando cometi o crime, seguramente não será pela

lembrança deste dia que se o impedirá. Adeus."

"Depois dessa arenga, o alçapão caiu, e o doutor Hughes ficou dependurado. Mas suas palavras tinham produzido uma profunda impressão sobre seu auditório, e disto resultou singulares efeitos. Eis o que encontramos hoje, a esse respeito, no *Herald,* de Cleveland:

"O doutor Hughes, estando sobre o cadafalso com a corda no pescoço, disse que estaria com aqueles que o ouviriam tão bem depois quanto antes de sua morte, e se disse que tomou a peito ter sua palavra. Entre as pessoas que o tinham visitado em sua cela antes da execução, se achavam honesto açougueiro alemão. Este homem, depois de sua entrevista com o condenado, não tem mais do que o doutor Hughes no cérebro. Ele tem, sem cessar, diante dos olhos, a noite, o dia, a toda hora, prisões, forca, homens dependurados. Ele não dorme mais, não come mais, não tem mais na cabeça sua família nem seus negócios, e ontem à noite essa visão quase o matou.

"Ele veio de entrar em sua estrebaria para cuidar dos animais, quando viu de pé, perto de seu cavalo, o doutor Hughes, vestido com as mesmas roupas negras que trazia antes de deixar nosso planeta, e parecendo gozar de uma excelente saúde. O pobre açougueiro lançou um grito agudo, um uivo do outro mundo, e caiu de costas.

"Acudiram levantaram-no; seu olhar estava desvairado, sua face lívida, seus lábios trêmulos, e com uma

voz palpitante, perguntou, quando retomou o conhecimento, se o doutor Hughes estava ainda ali. Acabara de ver, dizia, e, se não estava mais na estrebaria, não poderia estar longe. Foi com todas as dificuldades do mundo que se o acalmou e que se o arrastou para sua casa. A visão o perseguia sempre, e nas últimas notícias ainda, ele estava num estado de agitação que nada podia acalmar.

"Mas eis o que é mais curioso ainda. O açougueiro não é o único a quem o doutor Hughes apareceu depois de sua morte. No segundo dia depois da execução, todos os detentos o viram, viram com seus olhos, entrar na prisão e percorrer os corredores. Ele tinha o ar perfeitamente natural: estava vestido de negro, como sobre o cadafalso; passava frequentemente sua mão ao redor de seu pescoço, ao mesmo tempo deixava escapar, de sua boca, um som gutural que assobiava entre seus dentes. Subiu as escadas que conduziam à sua cela, ali entrou, sentou-se, e se pôs a escrever versos. Eis o que contaram os detentos, e nada no mundo os teria persuadido de que tinham sido o joguete de uma ilusão".

Este fato não deixa de ter seu lado instrutivo pelas palavras do paciente; é verdadeiro quanto ao assunto principal; mas como este acreditou dever, em sua última alocução, falar do *Espiritualismo* ou *Espiritismo,* o narrador achou bom enriquecer seu relato com as aparições, que não existiram senão na ponta de sua caneta, salvo a primeira, a do açougueiro, que parece ser real.

– *Tom, o cego,* não é um conto de fantasma, mas um fenômeno de inteligência estranho. Tom é um jovem negro de dezessete anos, cego de nascença, supostamente dotado de um instinto musical maravilhoso. O *Harpes Weekly,* jornal ilustrado de Nova Iorque, consagrou-lhe um longo artigo, do qual extraímos as passagens seguintes:

"Não havia dois anos que ele traduzia, pelo canto, tudo o que feria seu ouvido, e tal era a justeza e a facilidade com a qual agarrava um motivo, que, ouvindo as primeiras notas de um canto, ele podia executar a sua parte. Logo começou a acompanhar fazendo os segundos, se bem que não tivesse jamais ouvido, mas um instinto natural lhe revelava que alguma coisa de semelhante deveria se cantar.

"Com a idade de quatro anos ouviu pela primeira vez um piano. À chegada do instrumento, ele estava, segundo seu hábito, se divertindo no pátio; a primeira vibração dos toques atraiu-o ao parlatório (o salão). Foi-lhe permitido passear seus dedos sobre as teclas, simplesmente para satisfazer sua curiosidade, e não lhe foi recusado o inocente prazer de fazer um pouco de barulho. Uma vez, depois da meia-noite, pôde permanecer no parlatório onde tinha sabido penetrar. O piano não tinha sido fechado, e as jovens senhoritas da casa foram despertadas pelos sons do instrumento. Para seu grande espanto, elas ouviram Tom tocando um de seus trechos, e, pela manhã elas o encontraram ainda ao piano. Foi-lhes permitido então tocar quanto lhe aprouvesse; ele fez progressos tão rápidos e tão

espantosos que o piano se tornou o eco de tudo o que ele ouvia. Desenvolveu assim novas e prodigiosas faculdades, desconhecidas, até então, ao mundo musical, e das quais parece que Deus reservou o monopólio a Tom. Tinha menos de cinco anos quando, depois de uma tempestade, dela fez um que intitulou: *O que me dizem o vento, o trovão e a chuva.*

"Setenta professores de música, em Filadélfia, espontaneamente cobriram com sua assinatura uma declaração que termina assim: "De fato, sob toda forma de exame musical, execução, composição e improvisação, ele mostrou um poder e uma capacidade que o classificam entre os mais espantosos fenômenos dos quais a história da música guardou a lembrança. Os abaixo-assinados pensam que é impossível explicar esses prodigiosos resultados por algumas das hipóteses que podem fornecer as leis da arte ou da ciência".

"Hoje ele toca a mais difícil música dos grandes autores com uma delicadeza de toque, um poder e uma expressão que foram raramente ouvidos. É na primavera próxima que ele deve ir para a Europa.

Eis a explicação dada a esse respeito por intermédio do Sr. Morin, médium, numa reunião espírita de Paris, na casa da princesa O….., em 13 de março de 1866, e à qual assistimos. Ela pode servir de guia em todos os casos análogos.

"Não vos apresseis muito em crer na vinda do famoso músico negro cego; suas aptidões musicais são exaltadas pelos grandes vendedores de novidades, que não são avaros de fatos imaginários destinados a satisfazer a curiosidade dos assinantes. É preciso desconfiar muito das reproduções, e sobretudo dos empréstimos reais ou supostos que fazem vossos jornalistas aos seus confrades de além-mar. Se bem que balões de ensaio são lançados com objetivo de fazer os Espíritas caírem numa cilada, e na esperança de arrastar o Espiritismo e seus adeptos para o domínio do ridículo. Portanto, mantende-vos em guarda, e não comenteis jamais um fato sem, preliminarmente, estardes bem informados, e sem ter pedido a opinião de vossos guias.

"Não podeis imaginar todas as astúcias empregadas pelos grandes fanfarrões das ideias novas, para chegar a surpreender um equívoco, uma falta, um absurdo palpável, cometido pelos Espíritas ou seus muito confiantes prosélitos. De todos os lados as *armadilhas aos Espíritas são* estendidas; todos os dias as aperfeiçoam; pequenos e grandes estão à espreita, e no dia em que puderem surpreender o chefe em falta, as mãos no saco do ridículo, seria o mais belo de sua vida. Têm uma tal confiança neles, que disso se regozijam por antecipação; mas há um velho provérbio que diz: "Não é preciso vendera pele do urso antes detê-lo matado;" ora, o Espiritismo, coisa que se detesta, está ainda de pé, e poderia bem lhes fazer usar seus calçados antes de se deixar atingir. Envergonhados, virão um dia queimar o incenso diante do

altar da verdade que, num tempo próximo, será reconhecido por todo o mundo.

"Em vos aconselhando para vos manter reservados, não pretendo que os fatos e gestos atribuídos a esse cego sejam impossíveis, mas não é preciso crer nele antes de tê-lo visto, e sobretudo ouvido."

EBELMANN.

Um tal prodígio, mesmo fazendo uma larga parte ao exagero, seria o mais eloquente discurso de defesa em favor da reabilitação da raça negra, num país onde o preconceito da cor está tão enraizado; e, se não pode ser explicado pelas leis conhecidas da ciência, o será de maneira mais clara e mais racional pela da reencarnação, não de um negro num negro, mas de um branco num negro, porque uma faculdade instintiva tão precoce não poderia ser senão a lembrança intuitiva de conhecimentos adquiridos numa existência anterior.

Mas, então, dir-se-á, isso seria uma queda do Espírito de passar da raça branca para *a* raça negra? Queda de posição social, sem dúvida, o que se vê todos os dias, quando, de rico se nasce pobre, ou de senhor servidor, mas não retrocesso do Espírito, uma vez que teria conservado suas aptidões e suas aquisições. Essa posição seria para ele uma prova ou uma expiação; talvez mesmo uma missão, a fim de provar que essa raça não está votada pela Natureza a uma inferioridade absoluta. Raciocinamos aqui na hipótese da

realidade do fato, e pelos casos análogos que poderiam se apresentar.

Os dois fatos seguintes são da mesma fábrica, e não têm necessidade de outro comentário do que aquilo que vem de ser dito. O primeiro, reportado pelo *Soleil* de 19 de julho, e considerado de origem americana; o segundo, tirado de *o Evénement* do mês de abril, deve crer-se parisiense. Incontestavelmente, são os Espíritas que se mostrarão os incrédulos mais endurecidos; quanto aos outros, a curiosidade poderia bem levá-los mais de um a conhecer a coisa que se diz produzir tantas maravilhas.

"Os Espíritos batedores e outros parecem eleger domicílio em Taunton, e ter escolhido, para teatro de suas proezas, a casa de um infeliz doutor dessa cidade. A adega, os corredores, os quartos, a cozinha e até o celeiro do nobre são assombrados durante a noite pelas sombras de todos aqueles que ele mandou para um mundo melhor. São gritos, lamentos, imprecações, ironias sangrantes, segundo o espírito das sombras, que não têm algumas vezes a sombra de espírito.

– Tua última porção me matou, disse uma voz cavernosa.

– Alopata, exclama uma voz mais jovem, não vales mesmo uma homeopatia.

– Sou tua vítima duzentos e noventa e nove, a última de todas, canta tristemente uma outra aparição. Trate ao

menos de fazer uma crer quando estiveres na de número trezentos.

"E assim por diante. A vida do infortunado doutor não é mais sustentável."

A outra anedota é também espirituosa:

"É domingo à noite, durante essa tempestade espantosa da qual os jornais de ontem enumeraram os estragos. Uma charrete descia através da chuva e os relâmpagos a avenida de Neuilly; no interior se encontravam quatro pessoas; elas tinham jantado juntas em 6 uma muito amável e muito hospitaleira casa, perto do parque de Neuilly, e alegres por essa noite agradável, os quatro viajantes, descuidados da tempestade, se entregavam a uma conversa um pouco leviana.

"Falavam das mulheres, se as maldizia, se as caluniava mesmo um pouco. O nome de uma jovem foi posto sobre o tapete e alguém emitiu dúvidas sobre a nacionalidade da vítima, insinuando que seguramente não foi em Nanterre que ela viu a luz.

"De repente, um acontecimento imprevisto fez estremecer as portas, um clarão iluminou toda a viatura e a chuva fustigou os vidros para quebrá-los. Ao clarão do raio, os quatro viajantes *viram,* então, de pé, diante deles, na viatura, um quinto viajante, ou antes, uma viajante – era uma mulher, vestida de branco, um espectro, um anjo. A aparição se desvaneceu com o relâmpago, depois, como se o

fantasma quisesse protestar contra a calúnia que *se* dirigia contra a jovem ausente, uma chuva de flores de laranjeira caiu sobre os quatro companheiros de caminho e os cobriu de uma neve perfumada.

"Havia, na verdade, um médium entre os quatro viajantes. "Nada vos força a dar fé a essa história inverossímil, e não creio nela, por minha parte, uma palavra traiçoeira. Foi um dos quatro viajantes que ma contou e me afirmou. Ela me pareceu original, eis tudo!"

(p. 275-284).

Revista Espírita de dezembro 1866

Revista dos artigos publicados pela imprensa com relação ao Espiritismo

O que quer que se diga e o que quer que se faça, as ideias espíritas estão no ar; elas aparecem de mil maneiras sob a forma de romances ou sob a de pensamentos filosóficos, e a imprensa as acolhe contanto que a palavra *Espiritismo* não seja pronunciada. Não nos bastaríamos para citar todos os pensamentos que ela registra cada dia, fazendo assim do Espiritismo sem sabê-lo. Que importa o nome, se a coisa ali está! Um dia, esses senhores ficarão admirados de ter feito do Espiritismo, como o Sr. Jourdain o fez falando em prosa. Muitas pessoas costeiam o Espiritismo sem disto desconfiar; estão sobre os limites, quando se creem bem longe. À exceção dos materialistas puros que são certamente em minoria, pode-se dizer que as ideias da filosofia espírita

correm o mundo; o que muitos repelem ainda, são as manifestações medianímicas, uns por sistema, outros, porque tendo mal observado, tiveram decepções; mas como as manifestações são fatos, será preciso, cedo ou tarde, aceitá-las. Eles se recusam ser Espíritas, unicamente pela ideia falsa que ligam a esta palavra. Que aqueles que não o alcançam pela porta direta a ele cheguem por uma porta desviada, o resultado é o mesmo; hoje o impulso está dado, e o movimento não saberá deter-se.

Por outro lado, assim como está anunciado, uma multidão de fenômenos se produzem, que parecem se afastar das leis conhecidas e desafiam a ciência naquela em que se procura em vão a explicação; silenciar sobre eles quando têm uma certa notoriedade, seria coisa difícil; ora, esses fenômenos, que se apresentam sob os aspectos mais variados, à força de se multiplicarem, acabam por despertar a atenção e pouco a pouco familiarizam com a ideia de uma força espiritual fora das forças materiais. É sempre um meio de chegar ao objetivo; os Espíritos batem de todos os lados e de mil maneiras diferentes, de sorte que as pancadas levem sempre sobre uns ou sobre os outros.

Entre os pensamentos espíritas que encontramos em diversos jornais, citaremos os seguintes:

No discurso pronunciado, a 11 de novembro último, pelo Sr. d'Eichthal, um dos redatores do *Temps,* sobre o túmulo do Sr. Charles Duveyrier, o orador se exprime assim:

"Duveyrier morreu numa calma profunda, cheio de confiança em Deus, de fé na eternidade da vida, orgulhoso de seus longos anos consagrados à elaboração e ao desenvolvimento de uma crença que deve resgatar todos os homens da miséria, da desordem e da ignorância, certo de ter pago sua dívida, de ter dado à geração que o segue mais do que havia recebido daquela que o tinha precedido; deteve-se como um obreiro valente, a sua tarefa acabada, deixando aos outros o cuidado de prossegui-la.

"Se seu despojo mortal não atravessou os templos consagrados para chegar ao campo de repouso, não foi por um injusto desdém para com imortais crenças, mas é que nenhuma das fórmulas que teriam sido pronunciadas sobre o seu despojo daria a ideia que se fazia da vida futura. Duveyrier não desejava, não acreditava ir para o céu, gozar sem fim de uma beatitude pessoal, enquanto que a maioria dos homens estaria condenada a sofrimentos sem esperança; pleno de Deus e vivendo em Deus, mas ligado à Humanidade, é no seio da Humanidade que espera reviver para concorrer eternamente esta obra de progresso que a aproxima incessantemente do ideal divino." – (O *Temps,* 14 de novembro de 1866.)

O Sr. Duveyrier tinha feito parte da seita são-simoniana é a crença da qual é falado acima, e ao desenvolvimento da qual ele tinha consagrado vários anos de sua vida; mas suas ideias sobre o futuro da alma se aproximavam muito, como se vê, daquelas que a Doutrina

Espírita ensina. No entanto, não seria preciso inferir destas palavras: "É no seio da Humanidade que ele espera reviver," que ele acreditava da reencarnação; não tinha, sobre este ponto, nenhuma ideia combinada; ele entendia por aí que a alma, em lugar de se perder no infinito, ou de se absorver numa beatitude inútil, permaneceria na esfera da Humanidade, ao progresso da qual concorreria por sua influência. Mas esta ideia é precisamente a que ensina o Espiritismo; é a do mundo invisível que nos cerca; as almas vivem no nosso meio, como vivemos no meio delas. O Sr. Duveyrier estava, pois, contradizendo a maioria de seus confrades da imprensa, não só profundamente espiritualista, mas os três quartos espírita; que lhe faltava para sê-lo completamente? Provavelmente de ter sabido o que era o Espiritismo, porque dele possuía as bases fundamentais: a crença em Deus, na individualidade da alma, sua sobrevivência e sua imortalidade; em sua presença no meio dos homens depois da morte, e sua ação sobre eles. Que diz a mais o Espiritismo? Que estas mesmas almas revelam a sua presença por uma ação direta, e que estamos incessantemente em comunhão com elas; vêm provar por fatos o que não estava no Sr. Duveyrier, e em muitos outros, senão no estado de teoria e de hipótese.

Concebe-se que aqueles que não creem senão na matéria tangível rejeitem tudo, mas é mais surpreendente ver espiritualistas rejeitarem o que faz o fundo de sua crença. Aquele que exponha assim os pensamentos do Sr. Duveyrier

sobre o futuro da alma, o Sr. d'Eichthal, seu amigo e seu correligionário em são-simonismo, que, provavelmente, partilhava até um certo ponto as suas opiniões, não é por isto um adversário menos declarado do Espiritismo; ele pouco desconfiava que o que dizia em louvor do Sr. Duveyrier era muito simplesmente uma profissão de fé espírita.

As palavras seguintes, do Sr. Louis Jourdan, do *Siècle*, a seu filho, foram reproduzidas pelo *Petit Journal* de 3 de setembro de 1866.

"Eu te sinto vivo, de uma vida superior à minha, meu Prosper, e quando soara minha última hora, consolar-me-ei de deixar aqueles que amamos juntos, pensando que vou te reencontrar e nos unir de novo. Sei que este consolo não me virá sem esforços; sei que será preciso conquistá-lo corajosamente para minha própria melhoria, como a dos outros; farei pelo menos tudo o que estiver em meu poder fazer para merecer a recompensa que ambiciono: reencontrar-te. Tua lembrança é o farol que nos guia e o ponto de apoio que nos sustenta através das trevas que nos envolvem. Percebemos um ponto luminoso para o qual caminhamos resolutamente; este ponto é aquele em que tu vives, meu filho, junto daqueles que amei neste mundo e que partiram antes de mim para *a* sua vida nova."

O que de mais profundamente espírita do que estas doces e tocantes palavras! O Sr. Louis Jourdan está ainda mais perto do Espiritismo do que o Sr. Duveyrier, porque há muito tempo ele crê na pluralidade das existências terrestres,

assim como se pode ver pela citação que fizemos na Revista de dezembro de 1862, página 374. Ele aceita a filosofia espírita, mas não o fato das manifestações, que não rejeita absolutamente, mas sobre o qual não está suficientemente esclarecido. É, no entanto um fenômeno bastante grave, quanto às suas consequências, uma vez que só ele pode explicar tantas coisas incompreendidas que se passam sob nossos olhos, para merecer ser aprofundado por um observador tal como ele; porque se as relações entre o mundo visível e o mundo invisível existem, é toda uma revolução nas ideias, nas crenças, na filosofia; é a luz lançada sobre uma multidão de questões obscuras; é o aniquilamento do materialismo; é, enfim, a sanção de suas mais caras esperanças a respeito de seu filho. Que elementos os homens que se fazem os campeões das ideias progressivas e emancipadoras hauririam na Doutrina se soubessem tudo o que ela encerra para o futuro! Deles surgirão, isto não é duvidoso, que compreenderão a força desta alavanca e saberão aproveitá-la.

O *Evénement* de 4 de novembro último reportou a historieta seguinte concernente ao célebre compositor Glück. Quando da primeira representação de *Iphigênie,* em 19 de abril de 1774, à qual assistiam Louis XVI e a rainha Marie-Antoinette, esta quis coroar, ela mesma, seu antigo professor de música. Depois da representação, Glück, mandado ao camarote do rei, ficou de tal modo emocionado que não pôde proferir uma palavra e teve apenas a força de agradecer à

rainha pela atenção. Percebendo Marie-Antoinette, que trazia nessa noite um colar de rubis, Glück se endireitou: Grande Deus! exclamou, salvai a rainha! salvai a rainha! do sangue! do sangue! – Onde? exclamam de todos os lados. – Do sangue! do sangue! no pescoço! grita o músico. – Marie-Antoinette estava trêmula. Depressa um médico, disse ela, meu pobre Glück ficou louco. – O músico estava caído numa poltrona. Do sangue! do sangue! murmurava ele… Salvai a arquiduquesa Marie… salvai a rainha! – O infeliz maestro toma o vosso colar por sangue, disse o rei à Marie-Antoinette; ele tem febre. – A rainha leva a mão ao seu pescoço; ela arranca o colar, e, tomada de terror, lançou-o longe dela. Levam Glück desfalecido.

O autor do artigo termina assim:

Eis, caro leitor, a história que me contou na Ópera o músico alemão, e que reli no dia seguinte numa biografia do imortal autor de *Alceste.* Ela é verdadeira? É fantasia? Eu o ignoro. Mas não seria possível que os homens de gênio, cujo espírito elevado plana acima da Humanidade, tivessem, em certas horas de inspiração, *esta faculdade misteriosa que se chama a segunda vista*? (Albert Wolff.)

O Sr. Albert Wolff disparou mais de uma flecha no Espiritismo e nos Espíritas, e ei-lo que, por si mesmo, admite a possibilidade da segunda vista, e, o que é mais, da previsão pela segunda vista. Ele não desconfia, provavelmente a que consequências leva o reconhecimento de uma tal faculdade. Ainda um que costeia o Espiritismo, sem disto se aperceber,

sem talvez ousar confessá-lo, e que não lhe lança menos a pedra. Se se lhe dissesse que é Espírita, ele saltaria de indignação exclamando: Eu! crer nos irmãos Davenport! porque para a maioria desses senhores, o Espiritismo está inteiramente no torneio de cordas. Não nos lembramos senão de um deles, a quem um correspondente censurava por falar do Espiritismo sem conhecê-lo, respondeu em seu jornal: "Vós vos enganais; estudei o Espiritismo na escola dos irmãos Davenport, e a prova é que isto me custou 15 francos". Cremos ter citado o fato em alguma parte da *Revista.* Que se lhe pode pedira mais? Dele não sabem nada.

O *Siècle,* de 27 de agosto de 1866, citou as palavras seguintes da senhora George Sand, a propósito da morte do Sr. Ferdinand Pajot:

"A morte do Sr. Ferdinand Pajot é um fato dos mais dolorosos e dos mais lamentáveis. Este jovem dotado de uma beleza notável e pertencendo a uma excelente família, era, além do mais, um homem de coração e de ideias generosas. Fomos capazes de apreciá-lo cada vez que invocamos a sua caridade para os pobres de nossa companhia. Ele dava largamente, mais largamente talvez do que seus recursos o autorizavam fazê-lo, e dava com espontaneidade, com confiança, com alegria. Era sincero, independente, bom como um anjo. Era casado há pouco tempo com uma encantadora jovem, e será lamentado como o merece. Tenho a dar-lhe, depois desta cruel morte, uma terna e maternal bênção: ilusão se se quer, mas creio que entramos melhor na vida que

segue esta quando ali chegamos escoltados da estima e da afeição daqueles que acabamos de deixar."

A senhora Sand é mais explícita ainda em seu livro *Mademoiselle dela Quintinie.* Lê-se, página 318: "Senhor abade quando quereis que façamos um passo para a vossa igreja, começais por nos fazer ver um concílio reunido decretando, de mentira e de blasfêmia, o inferno das penas eternas, e tereis o direito de nos gritar: 'Vinde a nós, vós todos que quereis conhecer Deus".

Página 320: "Pedir a Deus para estender nossos sentidos, endurecer nosso coração, nos tornar odiosos os laços mais sagrados, é pedir-lhe para negar e destruir sua obra, retornar sobre seus passos nos fazendo retornar nós mesmos, nos fazendo retrogradar para as existências inferiores, abaixo do animal, abaixo da planta, talvez abaixo do mineral".

Página 323: "Qualquer que seja, no entanto, vossa sorte entre nós, vereis claro um dia além do túmulo, e, como não creio mais nos castigos sem fim do que nas provas sem fruto, vos anuncio que nos reencontraremos em alguma parte, onde nos entenderemos melhor, e onde nos amaremos em lugar de nos combater; mas, não mais do que vós, não creio na impunidade do mal e na eficácia do erro. Creio, pois, que expiareis o endurecimento de vosso coração pelo dilaceramento de vosso coração em alguma outra existência".

Ao lado destes pensamentos eminentemente espíritas

aos quais não falta senão o nome que se obstina em lhe recusar, se encontra deles outros, um pouco menos sérios, que lembram o bom tempo das zombarias mais ou menos espirituosas sob a qual se pensava abafar o Espiritismo. Pode-se julgar, pelas amostras seguintes, que são como os foguetes perdidos do fogo de artifício.

O Sr. Ponson du Terrail, em seu *Dernier mot de Rocambole,* publicado em folhetim no *Figaro,* assim se exprime:

"No entanto, os Ingleses deram exemplo aos Americanos em matéria de superstições. As mesas girantes, antes de fazerem entre nós a alegria de *cem mil imbecis,* passaram várias estações em Londres e ali receberam uma hospitalidade das mais corteses. Pouco a pouco o relato do coveiro tinha passeado por Hampstead, cidade célebre por seus asnos e seus condutores, e as pessoas importantes do lugar não tinham hesitado um só instante para decidir que a pequena casa de campo era, à noite, assombrada por Espíritos".

O Sr. Ponson du Terrail, que concede, tão generosamente um diploma de imbecilidade a cem mil indivíduos, crê naturalmente ter mais espíritos do que eles, mas não crê ter um Espírito nele, sem isto é provável que não o enviaria ao país dos asnos.

Mas, que relação, dir-se-á sem dúvida, pode haver entre as mesas girantes e os sublimes pensamentos que

citastes ainda há pouco? Há, respondemos, a mesma relação que existe entre vosso corpo quando valsa e seu Espírito que o faz valsar; entre a rã que dançava no prato de Galvani, e o telégrafo transatlântico; entre a maçã que cai e a lei da gravitação que rege o mundo. Se Galvani e Newton não tivessem meditado sobre esses fenômenos tão simples e tão vulgares, não teríamos hoje tudo o que a indústria, as artes e as ciências deles tiraram. Se cem mil imbecis não tivessem procurado a causa que faz girar as mesas, ignoraríamos ainda hoje a existência e a natureza do mundo invisível que nos cerca; não saberíamos de onde viemos antes de nascer, e onde vamos em morrendo. Entre estes cem mil imbecis, talvez muitos creram ainda nos demônios cornudos, nas chamas eternas, na magia, nos feiticeiros e nos sortilégios. As mesas girantes são para os pensamentos sublimes sobre o futuro da alma o que o germe é para a árvore que dele saiu: são os rudimentos da ciência do homem.

Lê-se no *Echo d'Oran* de 24 de abril de 1866:

"Vem de se passar em El-Afroun um fato que afetou penosamente a nossa população. Um dos mais antigos habitantes de nossa aldeia, o Sr. Pagès, acaba de morrer. Sabemos que estava imbuído das ideias, – eu ia dizer das loucuras, – do Sr. Allan Kardec, e que fazia profissão de Espiritismo. Fora deste capricho extravagante, era um perfeito homem honesto, estimado por todos aqueles que o conheciam. Também, ficou-se admirado de saber que o Sr. cura tinha recusado enterrá-lo, sob pretexto de que o

Espiritismo é contrário ao cristianismo. Não há no Evangelho: "Restituí o bem pelo mal," *e* se esse pobre Sr. Pagès é culpado por ter acreditado no Espiritismo, não era uma razão a mais para orar por ele!"

O Sr. Pagès, que conhecemos por correspondência há muito tempo, nos escreveu isto:

"O Espiritismo fez de mim um outro homem; antes de conhecê-lo, eu era como muitos outros; não acreditava em nada, e, no entanto, sofria ao pensamento de que, morrendo tudo está acabado para nós. Com isto experimentava às vezes um profundo desencorajamento, e me perguntava de que serve fazer o bem. O Espiritismo me fez o efeito de uma cortina que se levanta para nos mostrar uma decoração magnífica. Hoje vejo claro; o futuro não é mais duvidoso, e com isto sou muito feliz; dizer-vos a felicidade que sinto com isto me é impossível; parece-me que sou como um condenado à morte a quem se vem dizer que não morrerá, e que vai deixar sua prisão para ir a um belo país viver em liberdade. Não é, caro senhor, senão o efeito que isso deve fazer? A coragem me retornou com a certeza de viver sempre, porque compreendi que o que adquirimos em bem não é uma pura perda; compreendi a utilidade de fazer o bem; compreendi a fraternidade e a solidariedade que ligam todos os homens. Sob o domínio deste pensamento, esforcei-me por melhorar-me. Sim, posso vos dizer, sem vaidade, corrigi-me de muitos defeitos, embora deles me restem ainda muitos. Sinto agora que morrerei tranquilo, porque sei que

não farei senão mudar um mau hábito que me dificulta, contra um novo no qual estarei mais à vontade".

Eis, pois, um homem que, aos olhos de certas pessoas, era razoável, sensato quando não acreditava em nada, e que é tachado de louco apenas sobre o fato de ter acreditado na imortalidade de sua alma, pelo Espiritismo; e são essas mesmas pessoas, que não creem nem na alma nem na prece, que atiraram a pedra por suas crenças, quando vivo, e o perseguem com os seus sarcasmos até depois de sua morte, que invocam o *Evangelho* contra o ato de intolerância e a recusa de preces da qual foi objeto, ele que não acreditou no Evangelho e na prece senão pelo Espiritismo!

(p. 379-386).

Santo Agostinho acusado de cretinismo

Sob o título de *Cretinismo, a Vedette du Limbourg,* jornal de Tongres, na Bélgica, de 1º de setembro de 1866, contém o artigo seguinte, reproduzido segundo a *Gazette de Huy:*

"Um livro, dado como prêmio num pensionato de religiosas, nos caiu na mão. Abrimo-lo, e o acaso nos fez ler, entre outras curiosas passagens, a seguinte, bem digna, nos parece, de ser posta sob os olhos do leitor. A questão do papel desempenhado pelos anjos. Quem quer que a percorra, certamente, não deixará de se perguntar como é possível que uma obra contendo semelhantes absurdos possa encontrar

um editor. Na nossa opinião, aquele que imprime semelhantes asneiras é tão culpado quanto aquele que as escreve. Sim, não tememos afirmá-lo, autor e impressor devem ser considerados mestres em cretinismo por ousarem lançar semelhantes desafios à razão, à ciência, que dizemos! ao mais vulgar bom senso. Eis a passagem da qual se trata:

"Segundo Santo Agostinho, o mundo visível é governado por criaturas invisíveis, por puros Espíritos, e há mesmo anjos que presidem a cada coisa visível, a todas as espécies de criaturas que estão no mundo, quer sejam animadas, quer sejam inanimadas.

"Os céus e os astros têm seus anjos motores; as águas têm um anjo particular, como está narrado no Apocalipse; o ar tem seus anjos que governam os ventos, como se vê no mesmo livro, que nos ensinam além disto que o elemento do fogo tem também os seus. Os reinos têm seus anjos; as províncias os têm também que as guardam, como se observa na Gênese, porque os anjos que apareceram a Jacó eram os guardiões das províncias por onde ele passava, etc."

"Pode-se julgar por esta amostra do gênero de leitura que faz a juventude educada nos conventos. É possível conceber, – se nos passará a expressão, – alguma coisa de mais profundamente estúpida?

"Para encher a medida, o editor faz preceder a obra de uma advertência onde se podem ler estas linhas: "Em seu

livro, que não convém menos aos eclesiásticos do que aos laicos, o autor desdobra uma força de razão e de estilo que esclarece e segura o espírito; de sua pena decorre uma unção que penetra e ganha o coração. É a obra de um homem profundamente versado na espiritualidade."

"Nós dizemos, nós: é a obra de um homem tornado louco do ascetismo, muito mais a lamentar do que a censurar."

Até o presente Santo Agostinho foi respeitado por aqueles mesmos que não partilhavam suas crenças. Apesar dos erros manifestos que tinham no estado dos conhecimentos científicos do seu tempo, ele é universalmente considerado como um dos gênios, uma das glórias da Humanidade, e eis que uma tirada de caneta, um obscuro escritor, um desses jovens que se creem a luz do mundo lança a lama sobre este célebre secular, pronuncia contra ele, por sua alta razão, a acusação de cretinismo, e isto porque Santo Agostinho acreditava nas criaturas invisíveis, nos puros Espíritos presidindo a todas as coisas visíveis. Nessa conta, quantos cretinos não há entre os literatos contemporâneos mais estimados! Não nos surpreenderíamos em ver um dia acusar de cretinismo Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, George Sand e tantos outros. Eis a escola que aspira a regenerara sociedade pelo materialismo; também pretende ela que a Humanidade volte à demência; mas pode-se estar tranquilo, seu reino, se jamais chegar, será de curta duração. Ela sente bem a sua fraqueza contra a opinião geral que a

repele, é porque se agita com uma espécie de frenesi.

(p. 386-387).

Revista Espírita de janeiro 1867

Golpe de vista retrospectivo sobre o movimento do Espiritismo

Não é duvidoso para ninguém, muito mais para os adversários do que para os partidários do Espiritismo, que esta questão agita, mais do que nunca, os espíritos. Esse movimento é, como alguns afetam dizê-lo, um fogo de palha? Mas esse fogo de palha dura há quinze anos, em lugar de se extinguir, a sua intensidade não faz senão crescer ano a ano; ora, não está aí o caráter das coisas efêmeras e que não se dirigem senão à curiosidade. O último levante geral sob o qual esperava-se abafá-lo, não fez senão reavivá-lo superexcitando a atenção dos indiferentes. A tenacidade desta ideia nada tem que possa surpreender quem sondou a profundeza *e* a multiplicidade das raízes pelas quais ela se liga aos mais sérios interesses da Humanidade. Aqueles que se espantam com isto dele não viram senão a superfície; a maioria mesmo não o conhece senão pelo nome, mas não lhe compreende nem o objetivo, nem a importância.

Se uns combatem o Espiritismo por ignorância, outros o fazem precisamente porque lhe sentem toda a importância, que nele pressentem o futuro e nele veem um poderoso elemento regenerador. É preciso muito se persuadir de que certos adversários se converteram. Se eram menos

convencidos das verdades que ele encerra, não lhe farão tanta oposição. Sentem que a garantia de seu futuro está no bem que ele faz; fazer ressaltar esse bem aos seus olhos, longe de acalmá-los, é acrescentar à causa de sua irritação. Tal foi, no século XV, a numerosa classe dos escreventes copistas que teriam de boa vontade feito queimar Gutenberg e todos os impressores; assim não teria sido em lhes demonstrando os benefícios da imprensa, que ia suplantá-los, que os teria apaziguado.

Quando uma coisa está na verdade e que o tempo de sua eclosão chegou, apesar de tudo ela caminha sozinha. A poderosa ação do Espiritismo está atestada pela sua expansão persistente, apesar do pouco esforço que fez para se difundir. É um fato constatado, que *os adversários do Espiritismo dispensaram mil vezes mais força para abatê-lo, sem a isto chegar, do que seus partidários não o empregaram para propagá-lo.* Ele avança por assim dizer sozinho, semelhante a um curso de água que se infiltra nas terras, e abre uma passagem à direita se se o detém à esquerda, *e* pouco a pouco mina as pedras mais duras e acaba por fazer desmoronar as montanhas.

Um fato notório é que, *em seu conjunto,* a marcha do Espiritismo não sofreu nenhum tempo de parada; ela pôde ser entravada, comprimida, abrandada em algumas localidades pelas influências contrárias; mas, como o dissemos, a corrente, barrada em um ponto, se divide em uma multiplicidade de filetes. No entanto, à primeira vista dir-

se-ia que a sua marcha é menos rápida do que o foi nos primeiros anos; disto é preciso inferir que se a desampara, que encontra menos simpatias? Não, mas simplesmente que o trabalho que se realiza, neste momento, é diferente, e, por sua natureza, menos ostensivo.

Desde o início, como já dissemos, o Espiritismo reuniu nele todos os homens nos quais estas ideias, de alguma sorte, estavam em estado de intuição; ele bastou se apresentar para ser compreendido e aceito. Imediatamente, ele recolheu abundantemente por toda a parte onde encontrou o terreno preparado. Feita esta primeira colheita, restavam os terrenos incultos que necessitaram de mais trabalho. Agora, é através das opiniões refratárias que ele deverá mostrar-se, e é o período em que nos encontramos. Semelhante ao mineiro que ergue sem dificuldade as primeiras camadas de terra móvel, ele chegou à rocha que é preciso cortar, e no seio da qual não pode penetrar senão pouco a pouco. Mas não há rocha, tão dura que seja, que resista indefinidamente a uma ação dissolvente contínua. Sua marcha é, pois, ostensivamente menos rápida, mas se, num tempo dado, não reúne também grande número dos adeptos francamente devotados, não abala menos as convicções contrárias, que caem, não de repente, mas pedaço a pedaço, até que a passagem seja feita. É o trabalho ao qual assistimos, e que marca a fase atual da Doutrina.

Esta fase é caracterizada por sinais inequívocos. Examinando-se a situação, torna-se evidente que a ideia

ganha a cada dia terreno, que ela se aclimata; encontra menos oposição; dela se ri menos, e aqueles mesmos que não a aceitam ainda, começam a lhe conceder o direito de burguesia entre as opiniões. Os Espíritas não são mais mostrados ao dedo como outrora e considerados como animais curiosos; é o que, sobretudo, aqueles que viajam estão em condições de constatar. Por toda a parte encontram mais simpatia, ou menos antipatia pela coisa. Não se pode negar que não esteja aí um progresso real.

Para compreender as facilidades e as dificuldades que o Espiritismo encontra em seu caminho, é preciso se representar a diversidade das opiniões através das quais ele deve abrir uma passagem. Não se impondo jamais nem pela força nem pelo constrangimento, mas unicamente pela convicção, encontrou uma resistência mais ou menos grande, segundo a natureza das convicções existentes, com as quais podia mais ou menos facilmente assimilar, das quais umas o receberam de braços abertos, ao passo que outras o repeliram com obstinação.

Duas grandes correntes de ideias dividem a sociedade atual: o Espiritualismo e o materialismo; embora este último forme uma incontestável minoria, não se pode se dissimular que haja tomado uma grande extensão há alguns anos. Um e o outro se fracionam em uma multidão de nuanças que podem se resumir nas principais categorias seguintes:

1º *Os fanáticos* de todos os cultos, – 0.

2º *Os crentes satisfeitos,* tendo convicções absolutas, fortemente atrasadas e sem restrição, embora sem fanatismo, sobre todos os pontos do culto que professam e que com eles estão satisfeitos. Esta categoria compreende também as seitas que, por isto mesmo que elas fizeram cisão e operaram reforma, se creem na posse de toda a verdade, e são, às vezes, mais absolutas que as religiões mães. – 0.

3º *Os crentes ambiciosos,* inimigos das ideias emancipadoras que poderiam lhes fazer perder o ascendente que exercem sobre a ignorância. – 0.

4º *Os crentes pela forma,* que, por interesse, simulam uma fé que não têm, e quase sempre se mostram mais rígidos e mais intolerantes do que os religiosos sinceros. – 0.

5º *Os materialistas por sistema,* que se apoiam sobre uma teoria raciocinada e da qual muito se obstinam contra a evidência, por orgulho, para não confessar que puderam se enganar; eles são, na maioria, tão absolutos e tão intolerantes em sua incredulidade quanto os fanáticos religiosos o são em sua crença. – 0.

6º Os *sensualistas,* que repelem as doutrinas espiritualistas e espíritas com medo que venham lhes perturbar em seus gozos materiais. Fecham os olhos para não ver. – 0.

7º *Os negligentes,* que vivem o dia a dia sem se preocupar com o futuro. A maioria não saberia dizer se são espiritualistas ou materialistas; o presente é para eles a única

coisa séria. – 0.

8º *Os panteístas,* que não admitem uma divindade pessoal, mas um princípio espiritual universal no qual se confundem as almas, como as gotas de água no oceano, sem conservar a sua individualidade. Esta opinião é um primeiro passo para a espiritualidade, e, consequentemente, um progresso sobre o materialismo. Embora um pouco menos refratários às ideias espíritas, aqueles que a professam são em geral muito absolutos, porque é, neles, um sistema preconcebido e racional, e que muitos não se dizem panteístas senão para não se confessarem materialistas. É uma concessão que fazem às ideias espiritualistas para salvar as aparências. – 1.

9º *Os deístas,* que admitem a personalidade de um Deus único, criador e soberano senhor de todas as coisas, eterno e infinito em todas as suas perfeições, mas rejeitam todo culto exterior. – 3.

10º *Os espiritualistas sem sistema,* que não pertencem, por convicção, a nenhum culto, sem repelir nenhum deles, mas que não têm nenhuma ideia decretada sobre o futuro. – 5

11º Os *crentes progressistas,* ligados a um culto determinado, mas que admitem o progresso na religião, e o acordo das crenças com o progresso das ciências. – 5.

12º *Os crentes não* satisfeitos, em que a fé é indecisa ou nula sobre os pontos de dogmas que não satisfazem

completamente a sua razão, e que a dúvida atormenta. – 8.

13º Os *incrédulos por falta de melhor,* cuja maioria passou da fé à incredulidade e à negação de tudo, por falta de ter encontrado nas crenças, nas quais foram embalados, uma sanção satisfatória para a sua razão, mas nos quais a incredulidade deixa um vazio que ficariam felizes em ver preenchido. – 9.

14º Os *livres pensadores,* nova denominação pela qual se designam aqueles que não se sujeitam à opinião de ninguém em matéria de religião e de espiritualidade, que não se creem ligados pelo culto onde o nascimento os coloca sem seu consentimento, nem obrigados à observação de quaisquer práticas religiosas. Esta qualificação não especifica nenhuma crença determinada; ela pode se aplicar a todas as nuanças do espiritualismo racional, tão bem quanto à incredulidade mais absoluta. Toda crença eclética pertence ao livre pensamento; todo homem que não se guia na fé cega é, por isto mesmo, livre pensador; a esse título, os Espíritas são também livres pensadores. Mas para aqueles que se podem chamar os radicais do livre pensamento, esta designação tem uma acepção mais restrita e, por assim dizer, exclusiva; para eles, ser livre pensador não é somente crer naquilo que se vê, é não crer em nada; é libertar-se de todo o freio, mesmo do temor de Deus e do futuro; a espiritualidade é uma tortura, e não a querem. Sob o símbolo da emancipação intelectual, procuram dissimular o que a qualidade de materialista e de ateu tem de repulsiva para a opinião das massas; e, coisa

singular, é que em nome deste símbolo, que parece ser o da tolerância por todas as opiniões, atiram a pedra a quem não pense como eles. Há, pois, uma distinção essencial a fazer entre aqueles que se dizem *livres pensadores,* como entre aqueles que se dizem *filósofos.* Eles se dividem naturalmente em:

Livres pensadores incrédulos, que entram na 5ª categoria. – 0.

Livres pensadores crentes, que pertencem a todas as nuanças do espiritualismo racional. – 9.

15º Os *Espíritas de intuição,* aqueles em que as ideias espíritas são inatas, e que as aceitam como uma coisa que não lhes é estranha. -10.

Tais são as camadas de terreno que o Espiritismo deve atravessar.

Lançando um golpe de vista sobre as diferentes categorias acima, é fácil de ver as que junto às quais ele encontra um acesso mais ou menos fácil, e as que contra às quais se choca a picareta contra o granito. Ele não triunfará destas senão com ajuda dos *novos elementos* que a renovação trará à Humanidade: esta é a obra Daquele que dirige tudo e que faz surgir os acontecimentos de onde deve sair o progresso.

As cifras colocadas em seguida de cada categoria indicam aproximadamente a proporção do número de adeptos, sobre 10, que cada uma forneça ao Espiritismo.

Admitindo-se, em média, a igualdade numérica entre essas diferentes categorias, vê-se que a parte refratária, pela sua natureza, abarca quase a metade da população. Como ela possui a audácia e a força material, não se limita a uma resistência passiva: é essencialmente agressiva; daí uma luta inevitável e necessária. Mas este estado de coisas não pode ter senão um tempo, porque o passado se vai e o futuro chega; ora, o Espiritismo caminha com o futuro.

É, pois, na outra metade que o Espiritismo deve recrutar, e o campo a explorar é muito vasto; é ali que deve concentrar seus esforços e que verá seus limites recuarem. No entanto, essa metade longe de lhe ser inteiramente simpática, ali encontra resistências renitentes, mas não insuperáveis, como na primeira, e cuja maioria prende-se a prevenções que se apagam à medida que o objetivo e as tendências da Doutrina são melhor compreendidas, e que desaparecerão com o tempo. Podendo-se admirar de uma coisa, é que, apesar da multiplicidade dos obstáculos que encontra, das armadilhas que se lhe estende, tenha podido chegar, em alguns anos, ao ponto onde está hoje.

Um outro progresso, não menos evidente, é o da atitude da oposição. À parte as invectivas lançadas, de tempo em tempo, por uma plêiade de escritores, *quase sempre os mesmos,* que não veem por toda a parte senão a matéria para rir, que ririam mesmo de Deus, e cujos argumentos se limitam a dizer que a Humanidade torna-se demente, muito surpreende que o Espiritismo haja caminhado sem sua

permissão, e é muito raro ver a Doutrina implicar com uma polêmica séria e firme. Em lugar disto, como já fizemos notar em um precedente artigo, as ideias espíritas invadem a imprensa, a literatura, a filosofia; não se as apropria sem confessá-las: é porque vê-se, a cada instante, surgirem nos jornais, nos livros, nos sermões, no teatro, pensamentos que se diria hauridos na própria fonte do Espiritismo. Seus autores, sem dúvida, protestariam contra a qualificação de Espíritas, mas com isto não sofreriam menos a influência das ideias que circulam e que parecem justas. É que os princípios sobre os quais repousa a Doutrina são de tal modo racionais, que fermentam numa multidão de cérebros e brilham com o seu desconhecimento; eles tocam a tantas questões, que é, por assim dizer, impossível entrar no caminho da espiritualidade sem fazer involuntariamente o Espiritismo. Foi um dos fatos mais característicos que marcaram o ano que acaba de se escoar.

É preciso concluir disto que a luta está terminada? Seguramente não, e devemos, ao contrário, mais do que nunca nos manter em guarda, porque teremos assaltos de um outro gênero a sustentar; mas, em esperando, as fileiras se reforçam, e os passos dados para a frente são tanto mais ganhos. Guardemo-nos de crer que certos adversários se deem por batidos, e de tomar seu silêncio por uma adesão tácita, ou mesmo pela da neutralidade. Persuadamo-nos bem que certas pessoas não aceitarão *jamais,* nem abertamente nem tacitamente, o Espiritismo enquanto viverem, como há

os que não aceitarão jamais certos regimes políticos; todos os raciocínios para a ele conduzi-los são impotentes, porque não o querem a nenhum preço; sua aversão pela Doutrina cresce em razão dos desenvolvimentos que ela toma.

Os ataques a céu aberto tornaram-se mais raros, porque se lhes reconheceu a inutilidade; mas não se desespera em vencer com a ajuda de manobras tenebrosas. Longe de dormir numa enganosa segurança, é preciso mais do que nunca desconfiar dos falsos irmãos que se insinuam em todas as reuniões para espiar, e em seguida *travestir o* que se disse e se fez; que semeiam por mão oculta os elementos de desunião; que, sob a aparência de um zelo factício e algumas vezes interessado, procuram levar o Espiritismo para fora dos caminhos da prudência, da moderação e da legalidade; que provocam em seu nome atos repreensíveis aos olhos da lei. Não tendo conseguido torná-lo ridículo, porque, por sua essência, é uma coisa séria, seus esforços tendem a *comprometê-lo* para torná-lo suspeito à autoridade, e provocar contra ele e seus adeptos as medidas de rigor. Desconfiemos, pois, dos beijos de Judas e daqueles que querem nos abraçar para nos sufocar.

É preciso se figurar que estamos em guerra e que os inimigos estão à nossa porta, prestes a agarrar a ocasião favorável, e que manejam as inteligências no lugar.

Nesta ocorrência, o que há a fazer? Uma coisa muito simples: se conter estritamente no limite dos preceitos da Doutrina; se esforçar por mostrar o que ela é por seu próprio

exemplo, e declinar toda solidariedade com o que poderia ser feito em seu nome e seria de natureza a desacreditá-la, porque isto não saberia ser o fato de adeptos sérios e convictos. Não basta se dizer Espírita; aquele que o é de coração o prova por seus atos. A Doutrina não pregando senão o bem, o respeito às leis, a caridade, a tolerância e a benevolência para todos, repudiando toda violência feita à consciência alheia, todo charlatanismo, todo pensamento interessado no que concerne às realizações com os Espíritos, e todas as coisas contrárias à moral evangélica, aquele que não se afasta da linha traçada não pode incorrer nem em censura fundada, nem em perseguições legais; bem mais, quem toma a Doutrina por regra de conduta, não pode senão se conciliar à estima e à consideração das pessoas imparciais; diante do bem a própria incredulidade zombeteira se inclina, e a calúnia não pode sujar o que é sem mancha. É nestas condições que o Espiritismo atravessará as tempestades que se acumularem em seu caminho, e que sairá triunfante de todas as lutas.

O Espiritismo não pode mais ser responsável pelos erros daqueles a quem agrada se dizer espíritas, e a religião não o é dos atos repreensíveis daqueles que não têm senão a aparência da piedade. Antes, pois, de fazer recair a censura de tais atos sobre uma doutrina qualquer, é preciso saber se ela contém alguma máxima, algum ensino, que possa autorizá-los ou mesmo desculpá-los. Se, ao contrário, ela os condena formalmente, é evidente que a falta é toda pessoal e

não pode ser imputada à doutrina. Mas é uma distinção que os adversários do Espiritismo não se dão ao trabalho de fazer; são muito felizes, ao contrário, de encontrar uma ocasião de desacreditá-lo certo ou errado, sem se fazerem escrúpulo de lhe atribuírem o que não lhe pertence, envenenando as coisas mais insignificantes antes que procurar-lhes as causas atenuantes.

Há algum tempo as reuniões espíritas sofreram uma certa transformação. As reuniões íntimas e de família estão consideravelmente multiplicadas em Paris e nas principais cidades, em razão da própria facilidade que encontraram para se formarem pelo crescimento do número dos médiuns e dos adeptos. No princípio, os médiuns eram raros; um bom médium era quase um fenômeno; era, pois, natural que se agrupassem ao seu redor; mas à medida que esta faculdade se desenvolveu, os grandes centros se f racionaram, como enxames, numa multidão de pequenos grupos particulares, que encontram mais facilidade para se reunir, mais intimidade e mais homogeneidade em sua composição. Este resultado, consequência da própria força das coisas, era previsto. Desde a origem, assinalamos os escolhos que, inevitavelmente, deveriam encontrar as sociedades numerosas, necessariamente formadas de elementos heterogêneos, abrindo a porta às ambições, e, por isto mesmo, alvo das intrigas, das cabalas, das surdas manobras da malevolência, da inveja e do ciúme, que não podem emanar de uma fonte espírita pura. Nas reuniões íntimas,

sem caráter oficial, se é mais senhor de si, conhece-se melhor, e se recebe quem se quer; o recolhimento ali é maior, e sabe-se que seus resultados são mais satisfatórios. Conhecemos bom número de reuniões deste gênero, cuja organização não deixa nada a desejar. Há, pois, tudo a ganhar com esta transformação.

O ano de 1866, além disso, viu realizar as previsões dos Espíritos sobre vários pontos interessantes para a Doutrina, entre outros sobre a extensão e os novos caracteres que a mediunidade deveria tomar, assim como sobre a produção de fenômenos de natureza a chamar a atenção sobre o princípio da espiritualidade, se bem que, em aparência, estranho ao Espiritismo. A mediunidade curadora se revelou à luz nas circunstâncias mais próprias para fazer sensação; ela germina em muitas outras pessoas. Em certos grupos viram-se manifestar numerosos casos de sonambulismo espontâneo, de mediunidade falante, de segunda vista e de outras variedades da faculdade medianímica que puderam oferecer úteis assuntos de estudo. Estas faculdades, sem serem precisamente novas, estão ainda no estado nascente numa multidão de indivíduos; elas não se mostram senão em casos isolados e se ensaiam, por assim dizer, na intimidade; mas com o tempo adquirirão mais intensidade e se vulgarizarão. É sobretudo quando se revelam espontaneamente nas pessoas estranhas ao Espiritismo que elas chamam mais fortemente a atenção, porque não se pode supor de conivência, nem admitir a influência de ideias

preconcebidas. Limitamo-nos assinalar o fato, que cada um pode constatar, e cujo desenvolvimento necessitaria de detalhes mais extensos. Aliás, teremos ocasião de a isto retornar em artigos especiais.

Em resumo, se nada de mais estrondoso assinalou *a* marcha do Espiritismo nestes últimos tempos, podemos dizer que ela prossegue nas condições normais traçadas pelos Espíritos, e que não temos senão que nos felicitar pelo estado das coisas.

(p. 2-11).

Revista Espírita de fevereiro 1867

O livre pensamento e a livre consciência

Num artigo de nosso último número (página 6), intitulado: *Golpe de vista retrospectivo sobre o movimento do Espiritismo,* fizemos duas classes distintas dos livres pensadores: os incrédulos e os crentes, e dissemos que, para os primeiros, ser livre pensador não é somente crer naquilo que se quer, mas não crer em nada: é se libertar de todo freio, mesmo do medo de Deus e do futuro; para os segundos, é subordinar a crença à razão e se libertar do jugo da fé cega. Estes últimos têm por órgão de publicidade a *Livre consciência,* título significativo; os outros, o jornal *o Livre pensamento,* qualificação mais vaga, mas que se especializa pelas opiniões formuladas, e que vêm, de todos os pontos, corroborar a distinção que fizemos. Ali lemos no *nº 2*

de 28 de outubro de 1866:

"As questões de origem e de fim preocuparam até aqui a Humanidade, a ponto, frequentemente, de perturbar sua razão. Estes problemas que se qualificaram de terríveis, e que cremos de importância *secundária,* não são do domínio imediato da ciência. Sua solução científica não pode oferecer senão uma meia certeza. Tal qual é, no entanto, ela nos basta, e não tentaremos completá-la por argúcias metafísicas. O nosso objetivo é, aliás, de não nos ocuparmos senão dos assuntos abordáveis pela observação. Entendemos permanecer sobre a Terra. Se, às vezes, dela nos afastamos para responder aos ataques daqueles que não pensam como nós, a excursão fora do real será de curta duração. Teremos sempre presente ao pensamento este sábio conselho de Helvétius: "É preciso ter a coragem de ignorar o que não se pode saber."

"Um novo jornal, *a Livre consciência,* nossa primogênita de alguns dias, como o fez notar, nos deseja a boa vinda em seu número de amostra grátis. Nós lhe agradecemos pelo modo cortês pelo qual usou de seu direito de primogenitura. Nosso confrade pensa que, apesar da analogia dos títulos, não estaremos sempre em "completa afinidade de ideias." Nós, depois da leitura de seu primeiro número, disto estamos certos; não compreendemos mais a livre consciência do que o livre pensamento com um limite dogmático assinalado antecipadamente. Quando sede clara claramente discípulo da ciência e campeão da livre

consciência, é irracional, em nossa opinião, colocarem seguida como um dogma uma crença qualquer, impossível de provar cientificamente. A liberdade limitada da sorte não é a liberdade. De nosso turno, desejamos as boas-vindas à *Livre consciência,* e estamos dispostos a ver nela uma aliada, uma vez que declara querer combater por todas as liberdades… menos uma".

É estranho ver considerar a origem e o fim da Humanidade como questões secundárias próprias para perturbar a razão. Que se diria de um homem que, vivendo o dia a dia, não se inquietasse de como viverá amanhã? Passaria por um homem sensato? Que se pensaria daquele que, tendo uma mulher, filhos, amigos, dissesse: Que me importa que amanhã estejam mortos ou vivos! Ora, o dia seguinte da morte é longo; não é preciso, pois, se admirar que tanta gente com isto se preocupe.

Se se fizesse a estatística de todos aqueles que perdem a razão, ver-se-ia que o maior número está precisamente do lado daqueles que não creem nesse dia seguinte ou que dele duvidam, e isto, pela razão muito simples de que a grande maioria dos casos de loucura é produzida pelo desespero e a falta de coragem moral que faz suportar as misérias da vida, ao passo que a certeza desse dia seguinte torna menos amargas as vicissitudes do presente, e as faz considerar como incidentes passageiros, cujo moral não se afeta senão mediocremente ou nada se afeta. Sua confiança no futuro lhe dá uma força que jamais

terá aquele que não tem por perspectiva senão o nada. Ele está na posição de um homem que, arruinado hoje, tem a certeza de ter amanhã uma fortuna superior àquela que acaba de perder. Neste caso, toma facilmente seu partido, e permanece calmo; se, ao contrário, ele nada espera, se desespera e sua razão pode sofrer com isto.

Ninguém contestará este princípio: saber dia por dia de onde se vem e para onde se vai, o que se fez na véspera e o que se fará amanhã, não seja uma coisa necessária para regular os negócios diários da vida, *e* que ela não influi sobre a conduta pessoal. Seguramente o soldado que sabe para onde se o conduz, que vê seu objetivo, marcha com mais firmeza, com mais vivacidade, mais entusiasmo do que se o conduzisse às cegas. Ocorre assim do pequeno ao grande, da individualidade ao conjunto; saber de onde se vem e para onde se vai não é menos necessário para regular os negócios da vida coletiva da Humanidade. No dia em que a Humanidade inteira tiver a certeza de que a morte é sem saída, ver-se-á uma confusão geral, e os homens se lançarem uns sobre os outros, dizendo: Se não deveremos viver senão um dia, vivamos o melhor possível, não importa às expensas de quem!

O jornal o *Livre pensamento* declara que entende permanecer sobre a Terra, e que, se disto sai às vezes, é para refutar aqueles que não pensam como ele, mas que suas excursões fora do real serão de curta duração. Compreenderíamos que assim o fosse com o jornal

exclusivamente científico, tratando de matérias especiais; é evidente que seria intempestivo falar de espiritualidade, de psicologia ou de teogonia a propósito de mecânica, de química, de física, de cálculos matemáticos, de comércio ou de indústria; mas desde que faz entrar em seu programa a *filosofia,* não poderia enchê-la sem abordar as questões metafísicas. Se bem que a palavra *filosofia* seja muito elástica, e que haja sido singularmente desviada de sua acepção etimológica, implica, por sua própria essência, pesquisas e estudos que não são exclusivamente materiais.

O conselho de Helvétius: "É preciso ter a coragem de ignorar o que não se pode saber," é muito sábio, e se dirige sobretudo aos sábios presunçosos que pensam que nada pode ser ocultado ao homem, e o que não sabem ou não compreendem não deve existir. Seria mais justo, no entanto, dizer: "É preciso ter a coragem de *confessara sua ignorância* sobre o que não se sabe." Tal como está formulado, se poderia traduzi-lo assim: "É preciso ter a coragem *de conservara sua ignorância,"* de onde esta consequência: "É inútil procurar saber o que não se sabe." Sem dúvida, há coisas que o homem não saberá jamais enquanto estiver sobre a Terra, porque, qualquer que seja a sua presunção, a Humanidade está ainda no estado de adolescência; mas quem ousaria pôr limites absolutos àquilo que pode saber? Uma vez que se sabe disto infinitamente mais hoje do que os homens dos tempos primitivos, porque, mais tarde, não se saberia mais disto do que se sabe agora? É o que não podem

compreender aqueles que não admitem a perpetuidade e a perfectibilidade do *ser espiritual.* Muitos dizem a si mesmos: Estou no cume da escala intelectual; o que não vejo e não compreendo, ninguém pode vê-lo e compreendê-lo.

No parágrafo reportado acima e relativo ao jornal a *Livre consciência,* está dito: "Não compreendemos mais a livre consciência que o livre pensamento com um limite dogmático assinalado antecipadamente. Quando se declara discípulo da ciência, é irracional colocar como um dogma uma crença *qualquer* impossível de se provar cientificamente. A liberdade limitada da sorte não é a liberdade."

Toda doutrina está nestas palavras; *a* profissão de fé é limpa e categórica. Assim, porque Deus não pode ser demonstrado por uma equação algébrica, que a alma não é apreensível com a ajuda de um reativo, é absurdo crer em Deus e na alma. Todo discípulo da ciência deve, consequentemente, ser ateu e materialista. Mas, por não sair da materialidade, a ciência é sempre infalível em suas demonstrações? Não se a tem, muitas vezes, visto dar por verdades o que mais tarde foi reconhecido ser erros, *e vice-versa?* Não foi em nome da ciência que o sistema de Fulton foi declarado uma quimera? Antes de conhecer a lei da gravitação, não demonstrou ela cientificamente que não podia haver antípodas? Antes de conhecer a da eletricidade, não demonstrou ela por *a* mais *b* que não existia velocidade capaz de transmitir um despacho a quinhentas léguas em alguns minutos?

Tinha-se muito experimentado a luz, e, no entanto, há poucos anos ainda, quem teria suspeitado os prodígios da fotografia? No entanto, não foram os sábios oficiais que fizeram esta prodigiosa descoberta, não mais do que as do telégrafo elétrico e das máquinas a vapor. A ciência conhece ainda hoje todas as leis da Natureza? Sabe ela somente todos os recursos que se podem tirar das leis conhecidas? Quem ousaria dizê-lo? Não se pode que um dia o conhecimento de novas leis torne *a* vida extracorpórea tão evidente, tão racional, tão inteligente quanto a dos antípodas? Um tal resultado interrompendo todas as incertezas, seria, pois, a desdenhar? Seria menos importante, para a Humanidade, do que a descoberta de um novo continente, de um novo planeta, de um novo engenho de destruição? Pois bem! esta hipótese se tornou realidade; é ao Espiritismo que se o deve, e é graças a ele que tantas pessoas que acreditavam morrer uma vez por todas, estão agora certas de viverem sempre.

Falamos da força da gravitação, essa força que rege o Universo, desde o grão de areia até os mundos; mas quem a viu, quem a pode segui-la, analisá-la? Em que consiste ela? Qual é a sua natureza, a sua causa primeira? Ninguém o sabe, e, no entanto, ninguém dela duvida hoje. Como se a reconheceu? Por seus efeitos; dos efeitos se concluiu a causa; fez-se mais: calculando a força dos efeitos, calculou-se a força da causa que jamais se viu. Ocorre o mesmo com Deus e com a vida espiritual que se julga também por seus efeitos, segundo este axioma: "Todo efeito tem uma causa. Todo

efeito inteligente tem uma causa inteligente. A força da causa inteligente está em razão da grandeza do efeito." Crerem Deus e na vida espiritual não é, pois, uma crença puramente gratuita, mas um resultado da observação tão positiva quanto aquela que faz crer na força da gravitação.

Depois, na falta de provas materiais, concorrentemente a estas, a filosofia não admite as provas morais que, às vezes, têm tanto e mais valor do que as outras? Vós, que não tendes por verdadeiro senão o que é provado materialmente, que diríeis se, estando injustamente acusado de um crime do qual todas as aparências seriam contra vós, assim como se vê frequentemente a injustiça, os juízes não tivessem em nenhuma conta as provas morais que seriam em vosso favor? Não serieis o primeiro a invocá-las? a fazer valer sua preponderância sobre os efeitos puramente materiais que podem iludir? a provar que os sentidos podem enganar os mais clarividentes? Se, pois, admitis que as provas morais devem pesar na balança de um julgamento, não serieis consequente convosco mesmo negando-lhes o valor quando se trata de fazer uma opinião sobre as coisas que, pela sua natureza, escapam à materialidade.

O quede mais livre, de mais independente, de menos apreensível por sua própria essência, do que o pensamento? E, no entanto, eis uma escola que pretende emancipá-lo acorrentando-o à matéria; que avanço, em nome da razão, que o pensamento circunscrito sobre as coisas terrestres é mais livre do que aquele que se lança no infinito, e quer ver

além do horizonte material! Tanto valeria dizer que o prisioneiro que não pode dar senão alguns passos em seu cárcere é mais livre do que aquele que corta os campos. Se, crer nas coisas do mundo espiritual que é infinito, é não ser livre, vós o sois cem vezes menos, vós que vos circunscreveis no limite estreito do tangível, que dizeis ao pensamento: Tu não sairás do círculo que te traçamos, e se t u dele sais não és mais o pensamento sadio, mas a loucura, a tolice, o disparate, porque só a nós pertence discernir o falso do verdadeiro.

A isto o espiritualismo responde: Nós formamos a imensa maioria dos homens da qual sois apenas a milionésima parte; com que direito vos atribuís o monopólio da razão? Quereis, dizeis, emancipar nossas ideias em nos impondo as vossas? Mas não nos ensinais nada; sabemos o que sabeis; cremos sem restrição em tudo o que credes: na matéria e no valor das provas tangíveis, e mais do que vós: em alguma coisa fora da matéria; numa força inteligente superior à Humanidade; em causas inapreciáveis pelos sentidos, mas perceptíveis pelo pensamento; na perpetuidade da vida espiritual que limitais à duração da vida do corpo. Nossas ideias são, pois, infinitamente mais amplas do que as vossas; ao passo que circunscreveis vosso ponto de vista, o nosso abarca os horizontes sem limites. Como aquele que concentra seu pensamento sobre uma ordem determinada de fatos, que coloca assim um ponto de parada aos seus movimentos intelectuais, às *suas investigações,* talvez

pretender emancipar aquele que se move sem entraves, e cujo pensamento sonda as profundezas do infinito? Restringir o campo de exploração do pensamento é restringir a sua liberdade, e é o que fazeis.

Quereis, dissestes ainda, arrancar o mundo do jugo das crenças dogmáticas; fazei pelo menos uma distinção entre estas crenças? Não, porque confundis na mesma reprovação tudo o que não é do domínio exclusivo da ciência, tudo o que não se vê pelos olhos do corpo, em uma palavra, tudo o que é de essência espiritual, por consequência Deus, a alma e a vida futura. Mas se toda crença espiritual é um entrave à liberdade de pensar, ocorre o mesmo com toda crença material; aquele que crê que uma coisa é vermelha, porque a vê vermelha, não é livre para crê-la verde. Desde que o pensamento é detido por uma convicção qualquer, ele não é mais livre; para ser consequente com a vossa teoria, a liberdade absoluta consistiria em nada crer do todo, mesmo na sua própria existência, porque isto seria ainda uma restrição; mas então em que se tornaria o pensamento?

Considerado deste ponto de vista, o livre pensamento seria um contrassenso. Ele deve se entender num sentido mais amplo e mais verdadeiro; quer dizer, do uso livre que se faz da faculdade de pensar, e não na sua aplicação em uma ordem qualquer de ideias. Ele consiste, não em crer numa coisa antes do que numa outra, nem em excluir tal ou tal crença, mas na *liberdade absoluta de escolha das crenças.* É, pois, abusivamente que alguns dele fazem a aplicação

exclusiva às ideias antiespiritualistas. Toda ideia racional, que não é nem imposta, nem encadeada cegamente à de outrem, mas que é voluntariamente adotada em virtude do julgamento pessoal, é um pensamento livre, quer seja religioso, político ou filosófico.

O livre pensamento, na sua acepção mais ampla, significa: livre exame, liberdade de consciência, fé raciocinada; ele simboliza a emancipação intelectual, a independência moral, complemento da independência física; ele não quer mais escravos do pensamento do que escravos do corpo, porque o que caracteriza o livre pensador é que ele pensa por si mesmo e não pelos outros, em outras palavras, que sua opinião lhe pertence particularmente. Pode, pois, haver livres pensadores em todas as opiniões e em todas as crenças. Neste sentido, o livre pensamento eleva a dignidade do homem; dele faz um ser ativo, inteligente, em lugar de uma *máquina de crer.*

No sentido exclusivo que alguns lhe dão, em lugar de emancipar o espírito, ele restringe a sua atividade, faz dele escravo da matéria, os fanáticos da incredulidade fazem, num sentido, o que os fanáticos da fé cega fazem num outro; quando estes dizem: Para ser segundo Deus é preciso crer em tudo o que nós cremos; fora de nossa fé não há salvação, os outros dizem: Para ser segundo a razão, é preciso pensar como nós, não crer senão no que cremos; fora dos limites que traçamos à crença, não há nem liberdade nem bom senso, doutrina que se formula por este paradoxo: Vosso

espírito não é livre senão com a condição de não crer naquilo que quer, o que vem a dizer a um indivíduo: Tu és o mais livre de todos os homens, com a condição de não ir mais longe do que o fim da corda à qual vos prendemos.

Seguramente não contestamos aos incrédulos o direito de não crer em nada senão na matéria, mas convir-se-á que há singulares contradições em sua pretensão de se atribuir o monopólio da liberdade de pensar.

Dissemos que pela qualidade de livre-pensador certas pessoas procuram atenuar o que a incredulidade absoluta tem de repulsivo para a opinião das massas; suponhamos, com efeito, que um jornal se intitule abertamente: *o Athée, o Incredule ou o Matérialiste,* pode-se julgar da impressão que esse título faria sobre o público; mas que abrigue estas mesmas doutrinas sob a capa do *livre pensador,* a esta bandeira se diz: É a bandeira da emancipação moral; deve ser o da liberdade de consciência e sobretudo da tolerância; vejamos. Vê-se que não é preciso sempre reportá-lo à etiqueta.

Estar-se-ia em erro, de resto, assustando-se além da medida das consequências de certas doutrinas; elas podem momentaneamente seduzir alguns indivíduos, mas jamais seduzirão as massas que lhe são opostas pelo instinto e pela necessidade. É útil que todos os sistemas se mostrem à luz, para que cada um possa deles julgar o forte e o fraco, e, em virtude do direito de livre exame, possa adotá-los ou rejeitá-los com conhecimento de causa. Quando as utopias forem

vistas em ação, e que terão provado sua impotência, elas cairão para não mais se levantar. Por seu próprio exagero, elas movimentam a sociedade e preparam a renovação. Está ainda aí um sinal dos tempos.

O Espiritismo é, como alguns o pensam, uma nova fé cega substituindo a uma outra fé cega; de outro modo dito, uma nova escravidão do pensamento sob uma nova forma? Para crê-lo é preciso ignorar-lhe os primeiros elementos. Com efeito, coloca como princípio que antes de crer é preciso compreender; ora, para compreender é preciso fazer uso de seu julgamento; eis porque ele procura se dar conta de tudo antes de nada admitir, em saber o porquê e o como de cada coisa; também os Espíritas são mais suscetíveis do que os outros com relação aos fenômenos que saem do círculo das observações habituais. Ele não repousa sobre nenhuma teoria preconcebida e hipotética, mas sobre a experiência e a observação dos fatos; em lugar de dizer: "Crede primeiro, e compreendais em seguida, se o puderdes," ele diz: Compreendei primeiro e crereis em seguida se o quiserdes." Ele não se impõe a ninguém; diz a todos: "Vede, observai, comparai e vinde a nós livremente se isto vos convém." Assim falando, ele se candidata e corta as chances da concorrência. Se muitos vão a ele, é que os satisfaz muito, mas ninguém o aceita de olhos fechados. Àqueles que não o aceitam, ele diz: "Sois livres, e não vos quero; tudo o que vos peço, é de deixar-me a minha liberdade, como vos deixo a vossa. Se procurais me afastar, pelo medo de que vos

suplante, é que não estais muito seguros de vós."

O Espiritismo não procurando afastar nenhum dos concorrentes na liça aberta às ideias que devem prevalecer no mundo regenerado, e nas condições do verdadeiro livre pensamento; não admitindo nenhuma teoria que não esteja fundada sobre a observação, ele está, ao mesmo tempo nas do mais rigoroso positivismo; tem, enfim, sobre seus adversários de duas opiniões contrárias extremas, a vantagem da tolerância.

Nota. Algumas pessoas nos censuraram pelas explicações teóricas que, desde o princípio, procuramos dar dos fenômenos espíritas. Essas explicações, baseadas sobre uma observação atenta, remontando dos efeitos à causa, provavam, de uma parte, que queríamos nos dar conta e não crer nelas cegamente; de outra, que queríamos fazer do Espiritismo uma ciência de *raciocínio e* não de *credulidade.* Por essas explicações que o tempo desenvolveu, mas que consagrou em princípio, porque nenhuma foi contraditada pela experiência, os Espíritas acreditaram porque compreenderam, e não é duvidoso que é a isto que se deve atribuir o crescimento rápido do número dos adeptos sérios. É a essas explicações que o Espiritismo deve por ter saído do domínio do maravilhoso e de estar ligado às ciências positivas; por elas demonstrou aos incrédulos que isto não é uma obra de imaginação; sem elas estaríamos ainda para compreender os fenômenos que surgem a cada dia. Era urgente colocar, desde o princípio, o Espiritismo sobre o seu

verdadeiro terreno. A teoria fundada sobre a experiência foi o freio que impediu a credulidade supersticiosa, tanto quanto a malevolência, de fazê-lo desviar de seu caminho. Porque aqueles que nos censuram por termos tomado a iniciativa, não a tomaram eles mesmos?

(p. 33-41).

O abade Lacordaire e as mesas girantes

Extrato de uma carta do abade Lacordaire à senhora Swetchine, datada de Flavigny, em 29 de junho de 1853, tirada de sua correspondência, publicada em 1865.

"Vistes girar e ouvistes falar as mesas? – Eu desdenhei devê-las girar, como uma coisa muito simples, mas eu as ouvi e *fiz falar.* Elas me disseram coisas bastante notáveis sobre o passado e sobre o presente. Por extraordinário que isto seja, é para um cristão, que crê nos *Espíritos,* um fenômeno muito vulgar e muito pobre. Em todos os tempos, houve modos mais ou menos bizarros para *comunicar-se com os Espíritos;* somente antigamente, fazia-se mistério desses procedimentos, como se fazia mistério da química; a justiça, por execuções terríveis, fazia entrar na sombra essas estranhas práticas. Hoje, graças à liberdade dos cultos e à publicidade universal, o que era um segredo se tornou uma fórmula. Talvez também, por essa divulgação, Deus quer proporcionar o desenvolvimento das forças espirituais ao desenvolvimento das forças materiais, a fim de que o homem não esqueça, em presença das maravilhas da mecânica, que

há dois mundos incluídos um no outro: o *mundo dos corpos e o mundo dos Espíritos.*

"É provável que esse desenvolvimento paralelo irá crescente até o fim do mundo, o que causará um dia o reino do anticristo, onde severa, de uma parte e de outra, para o bem e o mal, o emprego de armas sobrenaturais, e de prodígios assustadores. Com isto não concluo que o Anticristo esteja próximo, porque as operações das quais somos testemunhas, salvo a publicidade, nada têm de mais extraordinário do que o que se via antigamente. Os pobres incrédulos devem estar bastante inquietos com sua razão; mas têm o recurso de tudo crer para escapar à verdadeira fé, e nisto não faltarão. A profundeza dos julgamentos de Deus!"

O abade Lacordaire escreveu isto em 1853, quer dizer, quase no início das manifestações, numa época em que esses fenômenos eram muito mais um objeto de curiosidade do que um assunto de meditações sérias. Se bem que então não estivessem constituídos nem em ciência nem em corpo de doutrina, tinha-lhe entrevisto a importância, e longe de considerá-los como uma coisa efêmera, previa-lhe o desenvolvimento no futuro. Sua opinião sobre a existência e a manifestação dos Espíritos é categórica; ora, como ele é geralmente tido, por todo o mundo, como uma das altas inteligências deste século, parece difícil alinhá-lo entre os loucos depois de tê-lo aplaudido como homem de grande senso e de progresso. Pode-se, pois, ter o senso comum e crer nos Espíritos.

As mesas falantes são, disse ele, "um fenômeno muito vulgar e muito pobre;" muito pobre, com efeito, quanto ao meio de comunicar com os Espíritos, porque se não se tivessem tido outros, o Espiritismo não teria avançado pouco; então conheciam-se apenas os médiuns escreventes, e não se supunha o que iria sair desse meio em aparência tão pueril. Quanto ao reino do Anticristo, Lacordaire não parece se assustar muito com ele, porque não o vê chegar logo. Para ele essas manifestações são *providenciais;* elas devem *perturbar e confundir os incrédulos;* ele admira a profundeza dos julgamentos de Deus; não são, pois, a obra do diabo que deve levar a negar a Deus e a não reconhecer o seu poder.

O extrato acima da correspondência de Lacordaire foi lido na Sociedade de Paris, na sessão de 18 de janeiro; nessa mesma sessão, o Sr. Morin, um de seus médiuns habituais, adormeceu espontaneamente sob a ação magnética dos Espíritos; era a terceira vez que esse fenômeno se produzia nele, porque habitualmente não dormia senão pela magnetização comum. Em seu sono falou sobre diferentes assuntos, e de vários Espíritos presentes dos quais nos transmitiu o pensamento. Disse entre outras coisas o que se segue:

"Um Espírito que todos vós conheceis, e que eu conheço também; um Espírito de grande reputação terrestre, elevado na escala intelectual dos mundos, está aqui. Espírita antes do Espiritismo, eu o vi ensinando a Doutrina, não mais como encarnado, mas como Espírito. Eu o vi pregando com a

mesma eloquência, com o mesmo sentimento de convicção íntima, de quando era vivo, o que, certamente, não teria ousado pregar em púlpito abertamente, mas ao que conduziam seus ensinos. Eu o vi pregar a Doutrina aos seus, à sua família, a todos os seus amigos. Eu o vi enfurecer-se, se bem que no estado espiritual, quando encontrava um cérebro refratário, ou uma resistência obstinada às inspirações que ele soprava; sempre vivo e petulante, querendo fazer penetrar a convicção nas inteligências, como se faz penetrar na rocha viva o cinzel empurrado por um vigoroso golpe de martelo. Mas isto não entrava tão depressa; no entanto a sua eloquência com isto converteu a mais de um. Este Espírito é o do abade Lacordaire.

"Ele pede uma coisa, não por Espírito de orgulho, não por um interesse pessoal qualquer, mas um interesse de todos e para o bem da Doutrina: a inserção na Revista, daquilo que escreveu há treze anos. Se eu peço esta inserção, diz ele, é por dois motivos; o primeiro é que mostrareis ao mundo que, como o dissestes, pode-se não ser um tolo e crer nos Espíritos. O segundo é que a publicação dessa primeira citação fará descobrir em meus escritos outras passagens que vos serão assinaladas, como estando de acordo com os princípios do Espiritismo."

(p. 43-45).

Refutação da intervenção do demônio

Pelo Mons. Freyssinous, bispo de Hermopolis.

Em resposta à opinião que atribui a uma esperteza do demônio as transformações morais operadas pelo ensino dos Espíritos, dissemos muitas vezes que o diabo seria bem pouco hábil se, para chegar a perder o homem, começasse por tirá-lo do lamaçal da incredulidade e conduzi-lo a Deus; que esta seria a conduta de um tolo, de um simplório. A isto se objeta que está precisamente aí a obra-prima da malícia desse inimigo de Deus e dos homens. Confessamos não compreendera malícia.

Um de nossos correspondentes nos dirige, em apoio de nosso raciocínio, as palavras adiante do Mons. de Freyssinous, bispo de Hermopolis, tiradas de suas *conferências sobre a religião,* tomo II, página 341; Paris, 1825.

"Se Jesus Cristo tivesse operado seus milagres pela virtude do demônio, o demônio teria, pois, trabalhado para destruir seu império, e teria empregado sua força contra si mesmo. Certamente, um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude, seria um estranho demônio. Eis porque Jesus, para repelir a absurda acusação dos Judeus, lhes disse: "Se eu opero prodígios em nome do demônio, o demônio está, pois, dividido consigo mesmo; ele procura, pois, se destruir," *resposta que não sofre réplica".*

Agradecemos ao nosso correspondente por ter consentido em nos assinalar esta importante passagem da qual nossos leitores tirarão seu proveito se possível.

Agradecemos também a todos aqueles que nos transmitem o que encontram, em suas leituras, de interessante para a Doutrina. Nada está perdido.

Todos os eclesiásticos, como se vê, estão longe de professar, sobre a doutrina demoníaca, opiniões tão absolutas quantos certos membros do clero; o Mons. de Hermopolis é, nestas matérias, uma autoridade da qual não se saberia recusar o valor. Seus argumentos são precisamente os mesmos que os Espíritas opõem àqueles que atribuem ao demônio os bons conselhos que recebem dos Espíritos. Que fazem, com efeito, os Espíritos, se não é destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude? de conduzir a Deus aqueles que o desconhecem e o negam? Se tal fossem a obra do demônio, ele agiria como um ladrão profissional que restituísse o que roubou, e convidaria os outros ladrões a se tornarem pessoas honestas. Então, seria preciso felicitá-los pela sua transformação. Sustentar a cooperação *voluntária* do Espírito do mal para produzir o bem, é não só um contrassenso, mas é negar a mais alta autoridade cristã: a do Cristo.

Que os Fariseus do tempo de Jesus tenham acreditado nisto de boa-fé, poder-se-ia concebê-lo, porque então não se estava mais esclarecido sobre a natureza de Satã do que sobre as de Deus, e que entrou na teogonia dos Judeus deles fazer duas forças iguais. Mas hoje uma tal doutrina, que é tão inadmissível quanto à que atribuía a Satã certas invenções industriais, como a imprensa, por exemplo; aqueles mesmos

que a defendem são talvez os últimos a nela crerem; ela já cai no ridículo e não assusta ninguém, e antes de que seja por muito tempo não se ousará mais invocá-la.

A Doutrina Espírita não admite potência rival à de Deus, e ainda menos poderia admitir que um ser decaído, precipitado por Deus num abismo, pudesse ter recobrado bastante poder para contrabalançares seus desígnios, o que roubaria a Deus a sua onipotência. Segundo essa doutrina, Satã é *a personificação alegórica* do mal, como entre os Pagãos Saturno era a personificação do tempo, Marte a da guerra, Vênus a da beleza.

Os Espíritos que se manifestam são as almas dos homens, e entre eles há, como entre os homens, os bons e os perversos, avançados e atrasados; os bons dizem boas coisas, dão bons conselhos; os perversos dizem as más, inspiram maus pensamentos, e fazem o mal como faziam sobre a Terra; vendo a maldade, a patifaria, a ingratidão, a perversidade de certos homens, reconhece-se que não valem mais do que os maus Espíritos; mas, encarnados ou desencarnados, esses maus Espíritos chegarão um dia a se melhorar, quando forem tocados pelo arrependimento.

Comparai uma e a outra doutrina, e vede a que é mais racional, a mais respeitosa para com a divindade.

(p. 46-47).

Revista Espírita de março 1867

Exploração das ideias Espíritas

A propósito dos relatórios de Mirette

Vários jornais deram conta, com elogio, do romance de *Mirette,* do qual falamos n Revista de fevereiro de 1867. Não podemos senão felicitar os escritores que não detiveram as ideias contidas nesta obra, embora contrárias às suas convicções. É um progresso, porque houve um tempo em que somente a cor espírita teria sido um motivo de reprovação. Viu-se com que parcimônia e com que extensão embaraçada os próprios amigos de Théophile Gautier falaram de seu romance, de *Spirite.* É verdade que, fora o que toca ao mundo espiritual, o caráter essencialmente moral de *Mirette,* pouco flanco presta à zombaria. Por cético que se seja, não se ri do que tem por consequência o bem.

A crítica tem se dirigido principalmente sobre este ponto: Por que misturar o sobrenatural a um simples relato? Era útil à ação se apoiar sobre fatos de visões e de aparições? Que necessidade tinha o autor de transportar seus heróis no *mundo imaginário da* vida espiritual para chegarão cumprimento da reparação decretada pela Providência? Não temos milhares de histórias muito edificantes sem o emprego de semelhantes recursos?

Seguramente, isso não era necessário; mas diremos a esses senhores: se o Sr. Sauvage tivesse feito um romance católico, lhe faríeis, céticos como sois, uma censura por empregar como recurso de ação o inferno, o paraíso, os

anjos, os demônios, e todos os símbolos da fé? Perfazer intervir os deuses, as deusas, o Olimpo e o Tártaro num romance pagão? Por que, pois, achar mau que um escritor, que seja Espírita ou não, utilize os elementos que lhe oferece o Espiritismo, que é uma crença como uma outra, tendo seu lugar ao sol, se esta crença se presta ao seu assunto? Com menos forte razão pode-se censurá-lo se, em sua convicção, ali vê os meios providenciais para chegarão castigo dos culpados e à recompensa dos bons.

Se, pois, no pensamento do escritor essas crenças são verdadeiras, porque não as exporia num romance tão bem quanto numa obra filosófica? Mas há mais: é que, como dissemos muitas vezes, essas mesmas crenças abrem à literatura e às artes um campo vasto e novo de exploração, de onde tirarão a mancheias quadros impressionantes e as situações mais atraentes. Vede o partido que tirou dele Barbara, todo incrédulo que era, em seu romance do *Assassinat du Pont-Rouge. (Revista* de janeiro de 1867, página 14). Somente como o foi com a arte cristã, aqueles que tiver uma fé, as aproveitarão melhor; nele encontrarão motivos de inspiração que jamais terão aqueles que não fazem senão obras de fantasia.

As ideias espíritas estão no ar; elas são abundantes, como se sabe, na literatura atual; os escritores mais céticos nelas têm recursos sem disto desconfiar, levados, pela própria força do raciocínio, a empregá-los como explicações ou meios de ação. Foi assim que, muito recentemente, o Sr.

Ponson du Terrail, que mais de uma vez alegrou-se às expensas do Espiritismo e de seus adeptos, num romance folhetim, intitulado Mon *Village,* publicado *no Moniteur,* da noite (7 de janeiro de 1867), assim se exprimiu:

"Estas duas crianças já se amavam, e talvez não ousaram jamais dizê-lo entre si.

"O amor, às vezes, é instantâneo, e creriam de boa vontade na transmissão das almas e na *pluralidade das existências.* Quem sabe? Essas duas almas que tremem ao primeiro contato, e que, recentemente, se acreditavam desconhecidas uma da outra, *não foram elas irmãs outrora?*

"E, como chegaram na Grand'Rue de Saint-Florentin, cruzaram com um homem que caminhava muito rapidamente e que, à sua visão, sentiu uma espécie de comoção elétrica. Este homem era o Mulot, que saía do café do Univers. Mas o Sr. Anatole e Mignonne não o viram. Recolhidos e silenciosos, viviam por assim dizer neles mesmos, *suas almas estavam longe, sem dúvida, desta Terra que eles pisavam."*

O autor viu, pois, no mundo, situações semelhantes àquelas que ele quer pintar, e que são um problema para o moralista; ali não encontra solução lógica se não em admitindo que essas duas almas encarnadas, solicitadas uma para outra por uma irresistível atração, puderam ser irmãs numa outra existência. Onde hauriu ele este pensamento? sem dúvida, isto não foi nas obras espíritas que provavelmente não leu, assim como o provam os erros de

fato que ele comete cada vez que fala da Doutrina. Ele o tirou nessa corrente de ideias que atravessa o mundo, às quais os próprios incrédulos não podem escapar, e que creem de boa fé tirar de seu próprio fundo. Tudo em combatendo o Espiritismo, trabalham, sem o querer, para lhe acreditar os princípios. Pouco importa a via pela qual esses princípios se infiltram; mais tarde se reconhecerá que não lhe falta senão o nome.

Sob o título de *Conto de Natal, o Avenir National de* 25 de dezembro de 1866, publicou um artigo do Sr. Taxile Delort, escritor muito pouco espírita, como se sabe, no qual o autor supõe um jornalista sentado, na véspera de natal, perto do fogo, perguntando a si mesmo em que tinha se tornado a boa nova que os anjos, em semelhante dia, tinham vindo, há dois mil anos, anunciar ao mundo. Como ele se entregava às suas reflexões, o jornalista ouviu uma voz firme e doce que lhe dizia:

"Eu sou o Espírito; o da Revolução; que fortalece os indivíduos e os povos; trabalhadores, de pé! o passado conserva ainda um sopro de vida, desafia o futuro. O progresso, mentira ou utopia, se vos exclama; não escuteis essas vozes enganosas; para tomar forcas e caminhar avante, olhai um momento atrás de vós.

"O progresso é invencível; ele se serve mesmo daqueles que lhe resistem para avançar."

Não seguiremos o jornalista e o Espírito no diálogo que

se estabeleceu entre eles, e no qual este último desenrolou o futuro, porque eles caminham num terreno que nos está interditado; somente faremos notar que meio empregou o autor para chegar aos seus fins. Este meio, aos seus olhos, é de pura fantasia, mas não ficaríamos surpresos que um verdadeiro Espírito haja soprado a frase acima, que sublinhamos.

Desempenha-se neste momento, no teatro do Ambigu, um drama dos mais emocionantes, intitulado *Maxwel*, pelo Sr. Jules Barbier, e eis aqui em duas palavras o nó da intriga.

Um pobre tecelão, de nome Butler, é acusado do assassínio de um gentil homem, e todas as aparências são de tal modo contra ele que é condenado pelo juiz Maxwel a serem forcado. Só um homem poderia justificá-lo, mas não se sabe o que lhe aconteceu. No entanto, a mulher do tecelão, num acesso de sono sonambúlico, viu esse homem e o descreveu; poder-se-ia, pois, reencontrá-lo. Um bom e sábio doutor que crê no sonambulismo, amigo do juiz Maxwel, veio informá-lo desse incidente, a fim de obter um adiamento da execução; mas Maxwel, cético com relação às faculdades que considera sobrenaturais, mantém a sua sentença, e a execução tem lugar. Há algumas semanas daí, esse homem reaparece e conta o que se passou. A inocência do condenado é demonstrada, e a visão da sonâmbula justificada.

No entanto, o verdadeiro assassino permaneceu desconhecido. Quinze anos se passam, durante os quais se verifica uma multidão de incidentes. O juiz, acabrunhado de

remorso, devota sua vida à procura do culpado. A viúva de Butler, que é expatriada levando sua filha, morre na miséria. Mais tarde essa filha se torna cortesã na moda, sob um outro nome. Uma circunstância fortuita coloca-lhe nas mãos a faca que tinha servido ao assassino; como sua mãe, ela entra em sonambulismo, e este objeto, como um fio condutor, retornando-a ao passado, ela conta todas as peripécias do crime e revela o verdadeiro culpado que não é outro senão o próprio irmão do juiz Maxwel.

Não é a primeira vez que o sonambulismo é posto em cena; mas o que distingue o drama novo *é* que ali *é* representado sob uma luz eminentemente séria e prática, sem nenhuma mistura de maravilhoso, e em suas consequências mais graves, uma vez que ele serve de meio de protesto contra a pena de morte. Em provando que o que os homens não podem ver pelos olhos do corpo, não está escondido aos da alma, é demonstrar a existência da alma, e a sua ação independente da matéria. Do sonambulismo ao Espiritismo a distância não é grande, uma vez que se explicam um pelo outro; tudo o que tende a propagar um, tende igualmente a propagar o outro. Os Espíritos não se enganaram quando anunciaram que a ideia espírita brilharia por todas as espécies de caminhos. A dupla vista e a pluralidade das existências, confirmadas pelos fatos, e acreditadas por uma multidão de publicações, entram cada dia mais diante das crenças, e não se admira mais; são duas portas completamente abertas ao Espiritismo.

(p. 70-74).

Revista Espírita de julho 1867.

Illiers e os espíritas

Sob este título, o *Journal de Chartres,* de 20 de maio último, continha a correspondência seguinte:

"Illiers, 20 de maio de 1867.

"Estamos no mês de maio ou no carnaval? Acreditei-me nesta última época no último domingo. Como atravesso Illiers, pelas quatro horas da tarde, encontrei-me em face de um ajuntamento de sessenta, oitenta, cem moleques talvez, seguidos de uma multidão numerosa gritando a plenos pulmões, à luz dos Lampiões: Lá vai o feiticeiro! lá vai o feiticeiro! lavai o cão louco! lá vai Grezelle! e acompanhando de vaias um bravo e plácido camponês, de olhar desvairado, com ar espantado, que ficou muito feliz em encontrar uma mercearia para lhe servir de refúgio. É que, depois dos cantos e das vaias, vinham as injúrias e voavam as pedras, e o pobre-diabo, sem esse asilo, talvez tivesse um mau partido.

"Perguntei a um grupo que ali se encontrava o que isso queria dizer; foi-me contado que, há algum tempo, todas as sextas-feiras havia uma reunião de Espíritas na Sorcellerie, comuna de Vieuvicq, à porta de Illiers. O grande Pontífice que presidia essas reuniões era um maçom chamado Grezelle, era esse infeliz que vinha de se ver tão maltratado. É que, dizia-se, há alguns dias, tinham se passado coisas muito

esquisitas. Ele teria visto o diabo, teria evocado as almas que lhe teriam revelado coisas pouco lisonjeiras para certas famílias.

Breve, várias mulheres teriam se tornado loucas, e certos homens caminharam sobre seus traços; parece mesmo que o Pontífice abre a caminhada; sempre que uma jovem de Illiers perdeu totalmente a cabeça. Ter-lhe-iam dito que, por certas faltas, lhe seria preciso que fosse ao purgatório. Sexta-feira, ela dava seus adeuses a todos os seus parentes e vizinhos, e sábado, depois de ter feito seus preparativos de partida, ela ia se jogar no rio; felizmente foi vigiada e chegaram bastante a tempo para retardar a viagem.

"Compreende-se que este acontecimento tenha emocionado a opinião pública. A família dessa jovem tinha se exaltado, e vários membros armados de um bom chicote foram levá-lo ao Pontífice, que teve a felicidade de escapar de suas mãos. Ele queria deixar a Sorcellerie de Vieuvicq para vir estabelecer sua algazarra em Illiers, em lugar dito a Folie-Valleran. Disseram que dois bravos pais de família que lhe serviam de meninos de coro pediram-lhe para não vir para Ia Folie, é a loucura que irá nele; falou-se também que a polícia dele iria se ocupar.

"Deixai, pois, os moleques de Illiers se divertirem. Eles bem saberão dele triunfar. Há dessas coisas que morrem aniquiladas pelo ridículo.

"LÉON GAUBERT."

O mesmo jornal, em seu número de 13 de junho de 1867, contém o que se segue:

Em resposta a uma carta trazendo a assinatura do Sr. Léon Gaubert, publicada em nosso número de 26 de maio último, recebemos a comunicação seguinte, à qual conservamos, escrupulosamente, a sua originalidade:

"La Certellerie, 4 de junho de 1867.

"Senhor Redator,

"Em vosso jornal de 26 de maio, tornastes pública uma carta na qual vosso correspondente me aniquila para vos fazer ver como fui maltratado em Illiers. Pedreiro e pai de família, tenho o direito de reparação depois de ter sido tão violentamente atacado, e espero que venhas a consentir em conhecer a verdade depois de deixar propagar o erro.

"É bem verdade, como essa carta o diz, que as crianças da escola e muitas pessoas que estimava, me perseguem cada vez que passo por Illiers. Duas vezes, sobretudo, deixei de sucumbir aos golpes de pedras, de bastões e outros objetos que se lançaram sobre mim, e hoje ainda, se fosse a Illiers onde sou muito conhecido, seria cercado, ameaçado, maltratado. Além dos materiais que chovem, enche-se o ar de injúrias: *louco, feiticeiro, espírita,* tais são as doçuras mais comuns com que me regalam. Felizmente, nada há de verdadeiro nisso, tudo o que vosso correspondente vos *escreveu* (o texto traz: tudo o que vosso correspondente acrescenta), é falso e jamais existiu senão na

imaginação das pessoas que procuraram amotinar a população contra nós.

"O Sr. Léon Gaubert, que assinou vossa carta, é completamente desconhecido na região; disseram-me que é um anônimo, se bem retive a palavra. Eu digo que se se esconde, é que se sente que não se faz bem; diria, pois, com toda a franqueza, ao Sr. Léon Gaubert: Fazei como eu, colocai o vosso verdadeiro nome.

"O Sr. Léon Gaubert disse que uma senhora, em consequência de excitações e de práticas espíritas, tornou-se louca e quis se afogar. Não sei se realmente ela quis se afogar; muitas pessoas me dizem que isso não é verdadeiro, mas, quando mesmo o fosse, com isso não tenho absolutamente nada. Essa mulher é uma revendedora, sua reputação está feita aqui há muitíssimo tempo, e não se falava ainda de Espiritismo quando já era *como aqui* (o texto traz *conhecida aqui),* como ela o é nesta hora. Suas irmãs a ajudam a perseguir-me. Eu vos declaro que ela jamais se ocupou de Espiritismo: seus instintos a levam numa direção contrária. Ela jamais assistiu às nossas reuniões, e jamais colocou os pés na casa de nenhum Espírita da região.

"Porque, pois, dir-me-eis, vos querela, e porque se vos quer tanto em Illiers? É um enigma para mim; não percebi senão uma coisa, é que muitas pessoas, antes que a primeira cena aparecesse, disso pareciam instruídas antecipadamente, e nesse dia, quando entrei nas ruas de Illiers, notei bem o povo nas portas e nas janelas.

"Sou um trabalhador honesto, Senhor; ganho honradamente o meu pão. O Espiritismo não me impede de nenhum modo de trabalhar, e se alguém tiver a menor censura séria a me dirigir, que nada tema. Nós temos leis, e, nas circunstâncias em que me encontro, o primeiro que peço é que as leis do país sejam bem observadas.

"Quanto a ser Espírita, disto nada escondo; é muito verdadeiro, sou Espírita. Meus dois rapazes, jovens ativos, organizados e florescentes, ambos são médiuns. Um e o outro amam o Espiritismo e, como seu pai, creem, oram, trabalham, se melhoram e tratam de se elevarem. Mas, que mal haveria aí? Quando a cólera me diz para me vingar, o Espiritismo me detém e me diz: Todos os homens são irmãos; faze o bem àqueles mesmos que te fazem o mal, e me encontro mais calmo, mais forte.

"O cura me recusou o confessionário, porque sou Espírita; se eu viesse carregá-lo com todos os crimes possíveis, ele me absolveria; mas Espírita, crendo em Deus e fazendo o bem segundo o meu poder, não encontro graça aos seus olhos. Muitas pessoas de Illiers não fazem de outro modo, e tal de nossos inimigos que, nessa hora, me lança a pedra porque sou Espírita, faria melhor me absolvendo, e me aplaudiria o dia em que me encontrasse numa orgia."

Nota. Este parágrafo entre aspas, que estava na carta original, foi suprimido pelo jornal.

"Para agradar, eu não saberia dizer negro quando vejo

branco; tenho convicções; o Espiritismo é para mim a mais bela das verdades; que quereis? Se quer me forçar a dizer o contrário daquilo que penso, de tudo que vejo, e quando se fala tanto de liberdade, é preciso que seja suprimida na prática?

"Vosso correspondente disse que eu queria deixar a Sorcellerie para ir estabelecer minha feitiçaria na Folie-Valleran. Ao ver o Sr. Léon Gaubert inventar tantas palavras desagradáveis, verdadeiramente, dir-se-ia que ele está possuído da raiva de dar, sobre a cabeça de todo o mundo, os mais desajeitados golpes com colher de pedreiro. O Sr. Valleran é um dos proprietários mais respeitáveis da região, e, levantando uma construção magnífica, fez ganhar dinheiro a muitos obreiros por um trabalho honesto e lucrativo. Tanto pior para aquele que nisto está vexado ou não o imitaria senão com recuos.

"Sede bastante bom, Senhor, para fazer parte de minha carta aos vossos leitores, e desenganar como justas as pessoas que, na primeira carta publicada por vós, induziram ao erro.

"Aceitai, etc.

"GREZELLE."

O redator do jornal disse que conserva *escrupulosamente* essa carta em sua originalidade; sem dúvida, ele quer dizer por aí a forma do estilo que, num pedreiro da aldeia, não é a de um literato. É provável que

num estilo mais incorreto ainda, esse pedreiro tivesse escrito contra o Espiritismo, não se o teria achado ridículo. Mas uma vez que se prendia tão escrupulosamente em conservar a originalidade da carta, por que suprimir um parágrafo? Em caso de inexatidão a responsabilidade recairia sobre seu autor. Para estar rigorosamente no verdadeiro, o jornal deveria acrescentar que tinha primeiro recusado a publicação dessa carta, e que não cedeu senão diante da iminência de perseguições judiciárias, cujas consequências eram inevitáveis, uma vez que se tratava de um homem estimado, atacado pelo próprio jornal, em sua honra e sua consideração.

O autor da primeira carta, sem dúvida, pensou que a deturpação burlesca dos fatos não bastaria para lançar o ridículo sobre os Espíritas; acrescentou uma grande malícia, transformando o nome da localidade, que é *la Certellerie* no de *la Sorcellerie; é* talvez mais espirituoso para as pessoas que gostam do sal grosso, mas não do sal ático, e ainda menos o requerido; este gênero de ridículo nunca matou nada.

É preciso considerar esses fatos como lamentáveis? Eles o são, sem dúvida, para aqueles que lhes foram as vítimas, mas não para a Doutrina, à qual não podem senão aproveitar.

De duas coisas uma: ou as pessoas que se reúnem nessa localidade se entregam a uma indigna comédia, ou são pessoas honradas, sinceramente Espíritas. No primeiro caso,

é prestar um grande serviço à Doutrina desmascarando aqueles que dela abusam ou que misturam seu nome a práticas ridículas. Os Espíritas sinceros não podem senão aplaudir a tudo o que tende a desembaraçar o Espiritismo dos parasitas de má-fé, sob qualquer forma que se apresentem, e jamais tomaram fato e causa pelos escamoteadores e pelos charlatães. No segundo, ele não pode senão ganhar pela ressonância que lhe dá uma perseguição apoiada sobre fatos controversos, porque ela excita as pessoas a se perguntarem daquilo que é; ora, o Espiritismo não pede senão ser conhecido, sendo bem certo que um exame sério é o melhor meio de destruir as prevenções naqueles que não o conhecem. Não estaríamos, pois, surpresos que essa empresa frustrada não tenha um resultado diferente daquele que dela esperavam aqueles que a provocaram, e que ela não seja a causa de uma recrudescência no número dos adeptos da localidade. Assim o foi por toda parte onde uma oposição um pouco violenta se manifestou.

Que fazer, então, dir-se-ão os adversários? Se deixarmos fazer, o Espiritismo caminha; se agirmos contra, ele caminha mais depressa. – A resposta é muito simples: reconhecer que o que não se pode impedir está na vontade de Deus, e que o melhor a fazer é deixá-lo passar.

Dois de nossos correspondentes, estranho um ao outro, nos transmitiram, sobre esses fatos, notícias precisas e perfeitamente concordantes. O Sr. Quômes d'Arras, um deles, homem de ciência e escritor distinto, no primeiro relato

desses acontecimentos, reportou que o jornal de Chartres, ignorando a causa do conflito, não quis se apressar em tomar a defesa dos fatos nem das pessoas que abandonou à severidade da crítica se as merecessem; mas tomou a do Espiritismo. Numa carta cheia de moderação e de conveniência dirigida ao jornal, se prende a demonstrar que, se os fatos fossem tais quanto eram reportados pelo Sr. Léon Gaubert, o Espiritismo nisso não estava por nada quando o mesmo se pudesse ter lhe tomado o nome. Toda pessoa imparcial teria considerado como um dever dar lugar a uma retificação tão legítima. Isto não foi assim, e as reiteradas instâncias não levaram senão a uma recusa formal. Isto se passava antes da carta de Grezelle, que, assim como se viu, deveria ter a mesma sorte. Se o jornal temesse levantarem suas colunas a questão do Espiritismo, não deveria admitir a carta do Sr. Gaubert; se reservar o direito de atacar, e recusar o da defesa, é um meio fácil, mas pouquíssimo lógico, de se dar razão.

O Sr. Quômes d'Arras, a fim de se dar conta, por si mesmo, do estado das coisas, foi para os lugares. Consentiu em nos enviar um relatório detalhado de sua visita; lamentamos que a extensão desse documento, não nos permita publicá-lo neste número, onde já tudo o que deveria nele estar não pôde encontrar lugar; resumimos suas consequências principais. Eis o que aprendi em Illiers, junto de diferentes pessoas honradas, estranhas ao Espiritismo.

Grezelle é um excelente pedreiro, proprietário de La

Certellerie. Longe de disparatar, todos aqueles que o conhecem não podem senão prestar justiça ao seu bom senso, aos seus hábitos de ordem, de trabalho, de regularidade. É um bom pai de família; todo o seu erro é o de inquietar os materialistas e os indiferentes da região, por suas afirmações enérgicas, multiplicadas, sobre a alma, sobre suas manifestações depois da morte, e sobre nossos destinos futuros. Ele está longe de ser, na região, o único partidário do Espiritismo que ali conta, em Brou, sobretudo, adeptos numerosos e devotados.

Quanto às mulheres que, segundo o *Journal de Chartres,* o Espiritismo teria tornado loucas, ou arrastado para atos culpáveis, é uma pura invenção. O fato ao qual faz alusão é o de uma revendedora muito conhecida em Illiers, dada à bebida, e cuja razão sempre foi f raça. Ela zangou-se com Grezelle e disse mal dele, não se sabe por quê. Como as ideias espíritas circulam na região, deve delas ter ouvido falar, e as misturou aos seus propósitos incoerentes, mas delas jamais se ocupou seriamente. Quanto ao ter querido se afogar, este pensamento não teria nada de impossível, tendo em vista seu estado habitual: mas o fato parece controvertido.

Dali, o Sr. Quômes d'Arras foi para La Certellerie, a cinco quilômetros além de Illiers. "Chegando, disse ele, perguntei pela casa da senhora Jacquet, da qual se me havia dito o nome em Illiers. Ela estava no jardim, com o seu filho, no meio das flores, ocupada com os trabalhos de agulha.

Logo que soube o motivo de minha viagem, conduziu-me à sua casa, onde fomos logo reunidos por sua criada, jovem de vinte anos, médium falante e Espírita fervorosa, por Grezelle e seu filho primogênito, com a idade de vinte anos. Não foi necessário conversar por muito tempo com esse grupo de pessoas para se perceber que se achava em relação, não com espíritos agitados, pesarosos, singulares, exaltados ou fanáticos, mas com pessoas sérias, razoáveis, benevolentes, de uma sociabilidade perfeita; franqueza, limpidez, simplicidade, amor ao bem, tais eram os traços salientes que se pintavam em seu exterior, em suas palavras, *e,* eu o confessarei à minha confusão, não me esperava tão bem.

"Grezelle tem quarenta e cinco anos, é casado e tem dois rapazes; ambos são médiuns escreventes, assim como ele. Ele me contou com calma os sofrimentos que suportou e as astúcias das quais foi objeto. A senhora Jacquet me disse também que na região muitas pessoas alimentam contra eles os piores sentimentos porque são Espíritas. Aos meus olhos pareceu muito provável, e na sequência adquiri a mais completa certeza, que essas diversas famílias são tranquilas, benevolentes para com todo o mundo, incapazes de fazer o mal a alguém, sinceramente presas a todos os seus deveres; admiro, e disto rendo graças ao céu, a firmeza, a força de caráter, a solidez das convicções, o profundo apego ao bem dessas excelentes pessoas que, no campo, sem grande instrução, sem encorajamentos e sem recursos visíveis, cercadas de inimigos e de zombadores, mantêm alto, há

quatro anos, seus princípios, sua fé, suas esperanças; elas têm para defender a sua bandeira contra os risos uma coragem que, infelizmente, muito frequentemente, faz falta ainda aos nossos sábios das cidades, e mesmo a muitos Espíritas avançados.

"Grezelle, o único que foi positivamente maltratado, embora faça três anos que é Espírita, tem todo o fervor de um neófito, todo o zelo de um apóstolo, e também toda a atividade exuberante de uma natureza pronta, enérgica e empreendedora. Em razão de seus negócios, está continuamente misturado à população da região, e, cheio de Espiritismo, o amam mais do que a vida, não pode se impedir de dele falar, de fazê-lo ressaltar, e de mostrar-lhe as belezas, as grandezas, as maravilhas de uma palavra realmente esmagadora e forte, ele produz no meio dos indiferentes que o cercam o efeito do fogo sobre a água. Como não leva em conta nem o tempo, nem as circunstâncias contrárias, poder-se-ia dizer que peca um pouco por excesso de zelo, e talvez, também, por falta de prudência".

No dia seguinte, ao anoitecer, o Sr. Quômes assistia, na casa de Grezelle, a uma sessão espírita composta de dezoito a vinte pessoas, entre as quais se encontravam o prefeito, as notabilidades do lugar, as pessoas de uma honradez notória, que, certamente, não foram a uma assembleia de loucos e de iluminados. Tudo ali se passou na mais perfeita ordem, com o mais perfeito recolhimento, e sem o menor vestígio das práticas ridículas de magia e de

feitiçaria. Começa-se pela prece, durante a qual todo o mundo se coloca de joelhos. Às preces tiradas do Evangelho Segundo o Espiritismo, acrescentam-se a prece da noite e outras, tiradas do ritual comum da Igreja. "Nossos detratores, sobretudo os eclesiásticos, acrescenta o Sr. Quômes, não tivessem talvez notado, sem embaraço e sem admiração, o fervor dessas almas sinceras, e sua atitude recolhida denotando um sentimento religioso profundo. Ali havia seis médiuns, dos quais quatro homens e duas mulheres, entre as quais a criada da senhora Jacquet, médium falante e escrevente. As comunicações são, em geral, fracas de estilo, as ideias nelas são diluídas e sem encadeamento; algumas manias mesmo aparecem no modo de comunicação; mas, em suma, nada há de mau, de perigoso, e tudo o que se obtém edifica, fortalece, traz o espírito ao bem ou o eleva a Deus.

O Sr. Quômes encontrou, entre os Espíritas, a sinceridade e um devotamento a toda a prova, mas também uma falta de experiência à qual se esforçou para suprir por seus conselhos. O fato essencial que ele constatou é que nada, na sua maneira de agir, justifica o quadro ridículo que dele faz o *Journal de Chartres.* Os atos selvagens que se passaram em Illiers foram, pois, evidentemente suscitados pela malevolência, e parecem ter sido premeditados.

De nossa parte, estamos felizes que isso seja assim, e felicitamos nossos irmãos do cantão de Illiers dos excelentes sentimentos que os animam.

As perseguições, como dissemos, são a lei inevitável

de todas as grandes ideias novas, que todas têm tido mártires; aqueles que os suportam serão felizes um dia por haverem sofrido pelo triunfo da verdade. Que perseverem, pois, sem desanimar e sem se enfraquecer, e serão sustentados pelos bons Espíritos que os observam; mas também que não renunciem jamais à prudência que comanda as circunstâncias, e que evitem com cuidado tudo o que poderia dar presa aos nossos adversários; é no interesse da Doutrina.

(p. 201-208).

Revista Espírita de outubro 1867

O Espiritismo por toda a parte

A propósito das poesias do Sr. Marteau

É uma coisa verdadeiramente curiosa ver aqueles mesmos que repelem o nome do Espiritismo com maior obstinação, semear suas ideias em profusão. Não há dia que, na imprensa, nas obras literárias, na poesia, nos discursos, nos próprios sermões, não se encontrem pensamentos pertencentes ao mais puro Espiritismo. Perguntai a esses escritores se são Espíritas, eles responderão com desdém que disto se guardam bem; se lhes disserdes que o que escreveram é do Espiritismo, responderão que isto não pode ser, porque não é a apologia dos Davenport e das mesas girantes. Para eles, todo o Espiritismo está ali, e dali não saem, e não querem sair; eles decidiram: seu julgamento é sem apelação.

Ficariam muito surpresos, no entanto, se soubessem que fazem, a cada instante, Espiritismo sem o saber, que o acotovelam sem desconfiar que dele estão tão perto! Mas que importa o nome se as ideias fundamentais são aceitas! Que faz a forma do arado, contanto que ele prepare o terreno? Em lugar de chegar toda de uma vez, a ideia chega por fragmentos, eis toda a diferença; ora, quando, mais tarde, virem que esses fragmentos reunidos não são outra coisa que o Espiritismo, voltarão forçosamente à opinião que se tinham feito dele. Os Espíritas não são bastante pueris para ligar mais importância à palavra do que à coisa; é porque eles se felicitam em ver suas ideias se difundirem sob uma forma qualquer.

Os Espíritos que conduzem o movimento se dizem: Uma vez que não querem da coisa sob este nome, vamos lhes fazer aceitar em detalhes sob uma outra forma; crendo-se os inventores da ideia, eles mesmos dela serão os propagadores. Faremos como com os doentes que não querem certos remédios e que se o faz tomar sem que disto desconfiem, mudando-lhes a cor.

Os adversários conhecem em geral tão pouco o que constitui o Espiritismo, que colocamos como fato que o Espírita mais fervoroso, que não fosse conhecido por tal, poderia, com a ajuda de algumas precauções oratórias, e contanto sobretudo que se abstenha de falar dos Espíritos, desenvolver os princípios mais essenciais da Doutrina, e se fará aplaudir por aqueles mesmos que não o teriam deixado

tomar a palavra, se tivesse se apresentado como adepto.

Mas de onde vêm essas ideias, uma vez que aqueles que a emitem não as hauriram na Doutrina que não conhecem?

Já dissemos várias vezes: quando uma verdade chegou a termo, é que o espírito das massas está maduro para assimilá-la, a ideia germina por toda a parte; ela está no ar, levada sobre todos os pontos pelas correntes fluídicas; cada um dela aspira algumas parcelas, e as emite com se fossem eclodidas em seu cérebro. Se alguns se inspiram da ideia espírita sem ousar confessá-lo, é certo que entre muitos ela é espontânea. Ora, o Espiritismo se achando entre a coletividade e a coordenação dessas ideias parciais, pela força das coisas será, um dia, o traço de união entre aqueles que as professem; é uma questão de tempo.

Há que se notar que quando uma ideia deve tomar lugar na Humanidade, tudo concorre para lhe abrir o caminho; ocorre assim com o Espiritismo. Observando-se no mundo neste momento, os acontecimentos grandes e pequenos que surgem ou se preparam, não há um Espírita que não se diga que tudo parece feito de propósito para aplainar as dificuldades e facilitar o seu estabelecimento; seus próprios adversários parecem levados por uma força inconsciente a limpar o caminho, e a cavar um abismo sob seus passos, para melhor fazer sentir a necessidade de enchê-lo.

E que não se creia que os contrários sejam nocivos; longe disto. Jamais a incredulidade, o ateísmo e o materialismo levantaram a cabeça tão ousadamente, e fixaram suas pretensões. Não são mais opiniões pessoais, respeitáveis como tudo o que é da alçada da consciência íntima, são doutrinas que se quer impor, e com ajuda das quais pretende-se governar os homens malgrado seu. O exagero mesmo dessas doutrinas é o seu próprio remédio, porque se pergunta o que seria da sociedade, se nunca viessem a prevalecer.

Seria preciso este exagero para melhor fazer compreender o benefício das crenças que podem ser a salvaguarda da ordem social.

Mas cegueira estranha! ou para melhor dizer, cegueira providencial! aqueles que querem se substituir ao que existe, como aqueles que querem se opor às ideias novas, no momento em que as mais graves questões se agitam, em lugar de atrair a eles, de se conciliar as simpatias pela doçura, a benevolência e a persuasão, parecem tomar a tarefa de tudo fazer para inspirara repulsa; eles não encontram nada melhor do que se imporem pela violência, de comprimiras consciências, de melindrar as convicções, de perseguir. Singular meio de se fazerem bem-vindos das populações!

No estado atual de nosso mundo, a perseguição é o batismo obrigatório de toda crença nova de qualquer valor. O Espiritismo recebendo o seu, é a prova da importância que

ligam a ele.

Mas nós o repetimos, tudo isso tem sua razão de ser e sua utilidade: é preciso que seja assim para preparar os caminhos. Os Espíritas devem se considerar como soldados num campo de batalha; eles se devem à causa, e não podem esperar o repouso senão quando a vitória for alcançada. Felizes aqueles que terão contribuído para a vitória ao preço de quaisquer sacrifícios!

Para o observador que contempla de sangue-frio o trabalho de criação da ideia, é alguma coisa de maravilhoso ver como tudo, mesmo o que, à primeira vista, parece insignificante ou contrário, converge em definitivo para o mesmo objetivo; de ver a diversidade e a multiplicidade dos meios que as forças invisíveis colocam em jogo para atingir esse objetivo; tudo lhes serve, tudo é utilizado, mesmo o que nos parece mau.

Não há, pois, que se inquietar com as flutuações que o Espiritismo pode sentir no conflito das ideias que estão em fermentação; é um efeito da própria efervescência que produz na opinião, onde não pode encontrar simpatia por toda a parte; é preciso esperar nessas flutuações que o equilíbrio seja restabelecido. À espera, a ideia caminha, é o essencial; e, como dissemos no começo, ela se faz luz por todos os poros; todos, amigos e inimigos, nela trabalham com valentia, e não é duvidoso que sem a ativa cooperação involuntária dos adversários, os progressos da Doutrina, que jamais fez reclames para se fazer conhecer, não teriam sido

tão rápidos.

Crê-se abafar o Espiritismo proscrevendo-lhe o nome; mas como ele não consiste nas palavras, fechando-lhe a porta por causa de seu nome, ele penetra sob a forma impalpável da ideia. E o que há de curioso é que muitos daqueles que o repelem não o conhecem, não querem conhecê-lo, ignorando, por conseguinte, seu objetivo, suas tendências e seus princípios mais sérios, aclamando certas ideias, que às vezes são as suas, sem desconfiar que, frequentemente, elas fazem parte essencial e integrante da Doutrina. Se o soubessem é provável que se abstivessem.

O único meio de evitar o equívoco seria estudar a Doutrina afundo, para saber o que ela diz e o que ela não diz. Mas, então, surgiria um outro embaraço: o Espiritismo toca em tantas questões, as ideias que se agrupam a torno dele são tão múltiplas, que querendo-se abster de falar de tudo o que a ele se liga, frequentemente, encontrar-se-ia singularmente impedido, e, frequentemente mesmo, detido nos impulsos de suas próprias inspirações; porque se convenceria, por esse estudo, que o Espiritismo está em toda a parte e por toda a parte, este ficaria surpreso por encontrá-lo entre os escritores mais acreditados; bem mais, se surpreenderia em si mesmo, em muitas circunstâncias, fazendo-o querer; ora, uma ideia que se torna o patrimônio comum é imperecível. Várias vezes já reproduzimos os pensamentos espíritas que se encontram em profusão na imprensa e nos escritos de todos os gêneros, e nós

continuaremos a fazê-lo, de tempo em tempo, sob este título: *o Espiritismo por toda a parte.* O artigo seguinte vem sobretudo em apoio das reflexões acima; foi extraído *do Phare de la Manche,* jornal de Cherbourg, de 18 de agosto de 1867.

O autor ali dá conta de uma coletânea de poesias do Sr. Amédée Marteau [22], e a esse respeito se exprime assim:

"Há dois mil anos, algum tempo antes do estabelecimento do Cristianismo, a casta sacerdotal dos druidas ensinava aos seus adeptos uma doutrina estranha. Ela dizia: Nenhum ser acabará jamais; mas todos os seres, exceto Deus, tiveram um começo. Todo ser é criado no mais baixo grau da existência. A alma, no início, não tem consciência de si mesma; submetida às leis invariáveis do mundo físico, espírito escravo da matéria, força latente e obscura, ela sobe fatalmente os degraus da natureza inorgânica, depois da natureza organizada. Então o relâmpago tomba do céu, o ser se conhece, ele é homem.

"A alma humana começa numa meia-luz as provas de seu livre-arbítrio; ela faz o destino dela mesma, avança de existência em existência, de transmigração em transmigração, para a liberdade que lhe dá a morte; ou bem, ela gira sobre si mesma, cai de degrau em degrau, se ela não mereceu se elevar, sem que nenhuma queda, no entanto, seja jamais irreparável.

---

22 *Espoirs et Souvenirs,* casa Hachette, 77, boulevard Saint– Germain.

"Quando a alma chegou ao mais alto grau de ciência, de força, de virtude, cuja condição humana é suscetível, ela escapa do círculo das provas e das transmigrações, atinge o termo da felicidade: o céu. Uma vez chegada a esse termo, o homem não cai mais; ele sobe sempre, se eleva para Deus por um progresso eterno, sem, no entanto, jamais se confundir com ele. Bem longe de perder no céu sua atividade, sua individualidade, é lá que cada alma lhes adquire a plena posse, com memória de todos os estados anteriores pelos quais passou. Sua personalidade, sua natureza própria se desenvolvem cada vez mais distintas, à medida que ela sobe numa escala infinita, cujos degraus não são senão as realizações da vida, que não são mais separadas pela morte.

"Tal era a concepção que o druidismo fazia da alma e de seus destinos. Era a ideia pitagórica aumentada, tornada dogma e aplicada ao infinito.

"Como esta opinião, depois de ter dormido tantos séculos nos limbos da inteligência humana, se reanima hoje? talvez tenha a sua razão de ser na revolução que, depois de Galileu, se operou no sistema astronômico; talvez deva a ela a sua ressurreição às sedutoras perspectivas que apresenta aos sonhos dos filósofos e dos pensadores; ou, enfim, a essa curiosidade natural que impele, sem cessar, o homem para o desconhecido.

O que quer que seja, Fontenelle foi o primeiro cuja pena espírita renovou essas questões em seu encantador gracejo sobre a pluralidade dos mundos.

"Da habitabilidade dos mundos à transmigração das almas a inclinação é escorregadia, e nosso século a isso se deixa arrastar. Apoderando-se desta ideia, e, ajudando-a com a astronomia, ele tentou elevá-la à altura de uma ciência. Jean Reynaud a desenvolveu, sob uma forma magistral em *Ciel et Terre;* Lamennais a adota e a generaliza no *Esquisse d'une philosophie;* Lamartine e Hugo a preconizam; Maxime Ducamp a popularizou num romance; Flammarion publicou um livro em seu favor; e, enfim, o Sr. Amédée Marteau, numa obra poética, que lemos com o mais vivo interesse reveste das cores de sua paleta sedutora a essa vasta e magnífica utopia.

"O Sr. Marteau é o poeta da ideia nova; ele é um crente entusiasmado e devotado da transmigração das almas nos corpos celestes, e é preciso convir que ele conseguiu tratar com mão de mestre este esplêndido assunto. Deus, o homem, o tempo, o espaço são os inspiradores de sua musa. Abismos vertiginosos, elevações incomensuráveis, nada não o detém, nada o amedronta. Ele se joga na imensidade, costeia sem enfraquecer as margens do infinito, ele viaja nos astros, como uma águia sobre os altos cimos. Ele descreve numa linguagem harmoniosa, com uma precisão matemática, suas cores, seus contornos."

Depois de ter citado um fragmento de uma das odes da coletânea, o autor do artigo acrescenta:

"O Sr. Marteau não é somente um poeta de uma alta distinção, é, além disto, um filósofo e um sábio. A astronomia

lhe é familiar; ele matiza sua poesia com a poeira de ouro que faz cair das esferas siderais. Não saberíamos dizer o que mais nos cativou, ou o interesse da dicção, ou a originalidade do pensamento. Tudo isso se ajusta, se coordena de maneira tão limpa, tão clara, tão natural, que se permanece como fascinado sob o encanto.

"Não conhecemos o Sr. Marteau; mas pensamos que, se para compor um livro como este é preciso ser dotado de um grande talento, é preciso também ser dotado de um grande coração; porque, neste autor, tudo respira o amor do homem e o amor de Deus.

"Também não podemos muito obrigar todos aqueles que não absorvem os cuidados e os interesses materiais, a lançar um golpe de vista sobre as obras do Sr. Marteau. Nelas encontrarão consolações e esperanças, sem contar os gozos intelectuais que a leitura de uma poesia generosa faz sentir, rica de concepções, ideal, e destinada, disto não duvidamos, a um brilhante sucesso."

DIGARD.

O exposto da doutrina druida sobre os destinos da alma, pelo qual começa o artigo, é, como se vê, um resumo completo da Doutrina Espírita sobre o mesmo assunto. O autor o sabe? É permitido disto duvidar, de outro modo seria estranho que tivesse se abstido de citar o Espiritismo, a menos que não tivesse medo de lhe fazer uma parte dos elogios que prodigalizou às ideias do autor. Não lhe faremos a

injúria supondo-lhe esta pueril parcialidade; gostamos mais, pois, de acreditar que ignore até a sua existência. Quando ele se pergunta: "Como esta opinião, depois de ter dormitado tantos séculos nos limbos da inteligência humana, se reanima hoje?" se tivesse estudado o Espiritismo, o Espiritismo lhe teria respondido, e teria visto que essas ideias são mais populares do que se crê.

"O Sr. Marteau, disse, é o poeta da ideia nova; é um crente entusiasmado e devotado da transmigração das almas nos corpos celestes, e é preciso convir que ele triunfou tratando com mão de mestre esse esplêndido assunto." Mais adiante, acrescenta: "Se, para compor um livro como este é preciso ser dotado de um grande talento, é preciso também ser dotado de um grande coração, porque, nesse autor, tudo respira o amor do homem e o amor de Deus." O Sr. Marteau não é, pois, um louco por professar semelhantes ideias? Jean Reynaud, Lamennais, Lamartine, Victor Hugo, Louis Jourdan, Maxime Ducamp, Flammarion não são, pois, loucos por tê-los preconizado? Fazer o elogio dos homens não é fazer o elogio de seus princípios? E, aliás, pode-se fazer um maior elogio de um livro do que dizer que os leitores ali haurirão esperanças e consolações? Uma vez que estas doutrinas são as do Espiritismo, não é acreditá-las na opinião?

Assim eis um artigo onde dir-se-ia que o nome do Espiritismo foi omitido de propósito, e onde se lhe aclamam as ideias que professa sobre os pontos mais essenciais: a pluralidade das existências e os destinos da alma.

(p. 289-295).

Revista Espírita de dezembro 1867

Algumas palavras à Revista Espírita

pelo jornal L'exposition populaire illustrée.

O *Exposition populaire illustrée* contém, em seu trigésimo quarto número, o artigo seguinte, a respeito das reflexões com as quais fizemos seguir os dois artigos, de nosso último número, sobre o cura Gassner e os prognósticos, que havíamos emprestado a este jornal:

"Revista Espírita é um jornal especial mensal que, há dez anos, sustenta corajosamente a luta contra a numerosa classe dos escritores e dos homens superficiais que tratam, à porfia um dos outros, os adeptos da fé nova "de iluminados, de alucinados, de tolos, de loucos, de impostores, de charlatães, enfim, de cúmplices de Satã." Vedes que certos escritores gostam mais de insultar, ultrajar do que discutir.

"Ó meu Deus! todo esse vocabulário foi esgotado há trinta e cinco, a trinta e seis anos, contra os SAINT-SIMONIANOS, e, se não erramos, a eloquência do Parquet se coloca à parte, e nos parece que o PAI, e um de seus ardentes discípulos, foram atingidos por uma condenação que os deixou livres para dirigir grandes administrações, ter assento no Instituto, serem elevados à dignidade de senador, de levara *tiracolo as* insígnias de diversas condecorações, a cruz de honra contida, mas que não lhes permite sentar no

Conselho municipal de sua aldeia, mas ainda de usar do direito cívico do voto. "Vede bem que o ultraje não significa grande coisa; contudo, também, vedes sempre que dele resta alguma coisa; – é uma espécie de calúnia; ora, a calúnia, se disse bem muito tempo antes de nós, *quando ela não queima, enegrece.*

"Retornemos aos Espíritas; quem sabe o que está reservado aos homens da escola espírita? Talvez os vejamos um dia fazendo curta escada para chegar às sumidades do poder, assim como o fizeram os Srs. saint-simonianos.

"Sempre é que eles progridem (os Espíritas), que engrossam suas fileiras com homens sérios e inteligentes, magistrados reputados em suas corporações.

"Nós falamos hoje da REVISTA ESPÍRITA, porque a *Revista Espírita* consentiu em se ocupar de nós em seu último número (o de novembro)… Ela reproduziu diversas passagens de nosso vigésimo quarto número, relativo a *uma correspondência sobre os taumaturgos, e* se apressou em *protestar* contra a qualificação de taumaturgo que demos, em diversos outros artigos, ao *curador Jacob e aos curadores passados, presentes e futuros,* quando eles curam fora da terapêutica científica.

"A *Revista Espírita* protesta contra esta palavra TAUMATURGO, pela razão de que *ela não admite que nada se faça fora das leis naturais…',* mas me parece que é o que o nosso pequeno jornal já disse mais de vinte vezes.

"Não há nada, nada, nada, fora das leis naturais. "Tudo o que é, tudo o que advém, tudo o que se produz, é a resultante de leis naturais, de fenômenos naturais CONHECIDOS OU DESCONHECIDOS.

"Sim, mil vezes sim, "os fenômenos que pertencem à ordem dos fatos *espirituais* não são mais *miraculosos* do que os fatos materiais, tendo em vista que o ELEMENTO espiritual é uma das forças da Natureza, tão bem quanto o ELEMENTO material," dissestes!

"Sim, senhores, mil vezes sim, nós partilhamos vossos sentimentos; mas *protestamos* contra essa expressão *elemento,* tanto quanto haveis protestado contra *a qualificação de taumaturgo dada* por nós a um *Espírita consciente* ou *inconsciente.*

"A palavra *taumaturgo* vos choca; dai-me uma outra, racional, lógica, compreensível… eu aceitarei.

"Por consequência lógica, a palavra milagre deve vos chocar; – dai-nos uma outra para representar, para exprimir o que representa, o que exprime a palavra *milagre, e eu a* adotarei.

"Mas enquanto o vosso, o nosso dicionário não for conhecido, é preciso *recorrer ao dicionário da Academia;* verdadeiramente, senhores Espíritas, não é preciso outorgara pretensão de ter um outro vocabulário quanto *os Srs. Quarenta.*

"Linguisticamente, academicamente falando, o que é

um taumaturgo? um fazedor de milagres.

"O que é um milagre? – Um ato do poder divino, contrário às leis *conhecidas da* Natureza.

"Portanto, Srs. curadores, os Hohenlohe, os Gassner, os Jacob, são *taumaturgos, fazedores de milagres,* porque agem fora das leis *conhecidas da* Natureza.

"Inventai, criai, dai, promulgai uma nova palavra e nós a adotaremos; mas, até lá, permiti-nos conservar o velho vocabulário e a ele nos conformar até nova instrução, não podemos fazer de outro modo.

"Sabeis como age Jacob? dizei-o; – se não o sabeis, fazei como nós, reconheçais que age fora das leis conhecidas da Natureza, portanto é um taumaturgo.

"Por nossa conta, protestamos, como dissemos, contra a palavra *elemento,* por uma razão muito simples, é que declaramos ignorar completamente qual é e o *que é o elemento espiritual,* não mais do que não sabemos *o que é o elemento material.*

"Com respeito *ao elemento espiritual,* não reconhecemos senão o elemento criador: *Deus…* – Com toda humildade, com toda veneração, curvamos a cabeça e respeitamos o inexplicável mistério *da encarnação do sopro de Deus em nós…* nos limitando a repetir o que dissemos: *"há em nós um desconhecido que somos nós, que ao mesmo tempo comanda o nosso eu matéria e lhe obedece."*

"Para o que é do elemento *material,* proclamamos com

toda força de nossa sinceridade que não estamos menos embaraçados… a criação do primeiro homem, da primeira mulher, enquanto seres *materiais,* é um mistério tão inextricável quanto o da espiritualização desse ser criado.

"Véu de trevas, segredo do criador que não é permitido levantar, penetrar.

"O elemento primitivo é Deus ou está em Deus… não procuremos, e dizemos com o mais sábio dos doutores da Igreja: "Não procureis penetrar esse mistério, vos tomareis louco."

"Agora, perguntaremos aos senhores da Revista *Espírita,* aqueles que creem *na dupla vista,* na *visão espiritual,* por que se levantam *contra os fenômenos físicos considerados como prognósticos de acontecimentos felizes ou infelizes.*

"Estes fenômenos, dizeis, não têm em geral nenhuma ligação com as coisas que parecem pressagiar. Podem ser os precursores de efeitos físicos dos quais são a consequência, como um ponto negro no horizonte pode pressagiar, ao marinheiro, a tempestade, ou certas nuvens anunciarem a chuva de granizo, mas o significado desses fenômenos, para as coisas de ordem moral, deve, acrescentai, ser alinhado entre as crenças supersticiosas que não se poderiam combater senão com muita energia.

"Explicai-vos um pouco melhor, senhores, porque tocais aqui uma das graves questões das ciências cabalísticas,

das previsões proféticas.

"Dizei-nos francamente, lealmente, em qual categoria classificais as *influências numéricas;* vós as negais, as contestais, credes nelas?… Jamais refletistes sobre estas perguntas?

"Ficai em guarda; tudo se encadeia nos mistérios da criação, no segredo das correlações dos mundos, das correlações planetárias. Credes em vós mesmos, em vosso eu espiritual, *em vosso Espírito encarnado,* e credes também nos *Espíritos desencarnados:* portanto, aos Espíritos que estiveram *encarnados* e que, depurados de sua *encarnação* precedente, esperam uma *encarnação,* não dizemos mais celeste, mais divina, mas mais angélica… eis vossa fé; e depois, detereis a matemática divina, e vos direis: não creio nessa presciência regular que atingiria meu livre-arbítrio; não creio nesses cálculos de detalhe… Limitai-vos a duvidar, senhores; mas não negais.

"Se estudásseis a história da Humanidade tomando por guia as *concordâncias numéricas,* ficaríeis derrotados e não ousaríeis mais dizer que não poderiam combater essa crença supersticiosa com muita energia.

"Podemos colocar, sob vossos olhos, mais de QUATRO MIL concordâncias numéricas, históricas, indiscutíveis. Fazei chegar um acontecimento, nascer ou morrer um ano antes ou mais tarde, e a concordância cessa… Que lei as rege?… Mistério de Deus, – segredo desconhecido da criatura…; – e,

como tudo se liga e se encadeia, ousai, vós que, em vossa qualidade de Espírita, deveis crer no magnetismo, na *sono-atividade,* no sonambulismo; vós que deveis crer no AGENTE (e não ELEMENTO) ESPIRITUAL, como podereis NEGAR as leis desconhecidas que regem as relações dos mundos entre eles? … Credes nas relações dos Espíritos ENCARNADOS com os Espíritos DESENCARNADOS! Sede, pois, lógicos e não recueis diante de nenhuma possibilidade oculta ainda nas trevas do desconhecido.

"Retornaremos a esta questão, que não é nova, mas que sempre permaneceu nos LIMBOS DA CIÊNCIA. (Servimo-nos desta palavra intencionalmente.)".

RESPOSTA.

As razões pelas quais o Espiritismo repudia a palavra *milagre,* pelo que lhe concerne em particular, e, em geral, pelos fenômenos que não saem das leis naturais, foram muitas vezes desenvolvidas, seja nas obras sobre a Doutrina, seja em vários artigos da *Revista Espírita.* Elas estão resumidas na passagem seguinte, tirada do número de maio de 1867, página 132:

"Em sua acepção usual, a palavra *milagre* perdeu seu significado primitivo, como tantas outras, a começar pela palavra *filosofia* (amor à sabedoria), da qual se serve hoje para exprimir as ideias mais diametralmente opostas, desde o mais puro espiritualismo, até o materialismo mais absoluto. Não é duvidoso para ninguém que, no pensamento das

massas, *milagre* implica a ideia de um fato extranatural. Perguntai a todos aqueles que creem nos milagres se os consideram como efeitos naturais. A Igreja está de tal modo fixada sobre este ponto, que ela anatematiza aqueles que pretendem explicar os milagres pelas leis da Natureza. A própria Academia definiu esta palavra*: Ato do poder divino, contrário às leis conhecidas da Natureza. – Verdadeiro, falso milagre. – Milagre averiguado. – Operar milagres. – O dom dos milagres.*

"Para ser compreendido de todos, é preciso falar como todo o mundo; ora, é evidente que, se tivéssemos qualificado os fenômenos espíritas de *miraculosos,* o público teria menosprezado seu verdadeiro caráter, a menos de empregar cada vez uma circunlocução e dizer que são milagres que não são milagres como se o entende geralmente. Uma vez que a generalidade liga-lhe a ideia de uma derrogação das leis naturais, e que os fenômenos espíritas não são senão a aplicação dessas mesmas leis, é bem mais simples, e sobretudo mais lógico, decididamente: Não, o Espiritismo não faz milagres.

"Desta maneira, não há nem desprezo, nem falsa interpretação. Do mesmo modo que o progresso das ciências físicas destruiu uma multidão de preconceitos, e fez reentrar na ordem dos fatos naturais um grande número de efeitos considerados outrora como miraculosos, o Espiritismo, pela revelação de novas leis, vem restringir ainda o domínio do maravilhoso; dizemos mais: ele lhe dá o último golpe, é

porque não está, por toda parte, com odor de santidade, não mais que a astronomia e a geologia".

De resto, a questão dos milagres está tratada de maneira completa, e com todos os desenvolvimentos que ela comporta, na segunda parte da nova obra que publicamos sob o título de a *Gênese, os milagres e as predições, segundo o Espiritismo.* A causa natural dos fatos reputados *miraculosos,* no sentido vulgar da palavra, é explicada. Se o autor do artigo acima se der ao trabalho de lê-la, verá que as curas do Sr. Jacob, e todas as do mesmo gênero, não são um problema para o Espiritismo que, há muito tempo, sabe a que se pegar sobre este ponto; é uma questão quase elementar.

A acepção da palavra *milagre,* no sentido de fato sobrenatural, está consagrada pelo uso; a Igreja a reivindica, por sua conta, como parte integrante de seus dogmas; parece-nos, pois, difícil fazer retornar esta palavra à sua acepção etimológica sem expor a quiproquós. Seria preciso, disse o autor, uma palavra nova; ora, como tudo o que não está fora das leis da Natureza é natural, nisto não encontramos outra podendo abarcá-los todos senão a *de fenômenos naturais.*

Mas os fenômenos naturais, reputados miraculosos, são de duas ordens; uns dependem das leis que regem a matéria, os outros das leis que regem o princípio espiritual. Os primeiros são da alçada da ciência propriamente dita, os segundos estão mais especialmente no domínio do Espiritismo. Quanto a estes últimos, como eles são, para a

maioria, uma consequência dos atributos da alma, a palavra existe; são chamados *fenômenos psíquicos,* e, quando são combinados com os efeitos da matéria, poder-se-ia chamá-los *psico-materiais* ou *semi-psíquicos.*

O autor critica a expressão de *elemento espiritual,* pela razão, diz ele, que o único elemento espiritual é Deus. A isto, a resposta é muito simples. A palavra *elemento* não é tomada aqui no sentido de *corpo simples, elementar, de moléculas primitivas,* mas no de parte *constituinte de um todo.* Neste sentido, pode-se dizer que *o elemento espiritual* tem uma parte ativa na economia do universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento militar* figuram por tal proporção na quantidade de uma população; que o *elemento religioso* entra na educação; que, na Argélia, há o *elemento árabe* e o *elemento europeu,* etc. A nosso turno, diremos ao autor que, na falta de uma palavra especial para esta última acepção da palavra *elemento,* é-se forçado dela se servir. De resto, como estas duas acepções não representam ideias contraditórias, como a da palavra *milagre,* não há confusão possível, sendo a mesma a ideia radical.

Se o autor se der ao trabalho de estudar o Espiritismo, contra o qual constatamos com prazer que ele não tem uma posição de negação, nele encontrará a resposta às dúvidas que parecem exprimir algumas partes de seu artigo, no que toca à maneira de encarar certas coisas, salvo, todavia, no que concerne à ciência das concordâncias numéricas das quais jamais nos ocupamos, e sobre a qual,

consequentemente, não poderíamos ter uma opinião definida.

O Espiritismo não tem a pretensão de ter a última palavra sobre todas as leis que regem o universo, por isto jamais *disse: Nec plus ultra.* Pela sua própria natureza ele abre o caminho a todas as novas descobertas, mas até que um princípio novo seja constatado, não o aceita senão a título de hipótese ou de probabilidade.

(p. 373-379).

Revista Espírita de janeiro 1868

**O Espiritismo diante da história e diante da Igreja, sua origem,
sua natureza, sua certeza, seus perigos.**

pelo abade Poussin,

professor do Seminário de Nice.

Esta obra é uma refutação do Espiritismo do ponto de vista religioso; sem contradita, é uma das mais completas e das mais bem-feitas que conhecemos. Ela está escrita com moderação e conveniência, e não sai pelos epítetos grosseiros aos quais nos habituaram a maioria dos controversistas do mesmo partido; lá, nada de declamações coléricas, nada de personalidades ultrajantes: é o próprio princípio que é discutido. Pode-se ser da opinião do autor, achar que as conclusões que ele tira de suas premissas são de uma lógica contestável; dizer que depois de ter demonstrado, por exemplo, peças na mão, que o sol brilha ao meio-dia, tem o erro de concluir que deve fazer noite, mas não se lhe

censurará pela falta de urbanidade na forma.

A primeira parte da obra está consagrada à história do Espiritismo na antiguidade e na idade média; esta parte é rica em documentos tirados dos autores sacros e profanos, que atestam laboriosas pesquisas e um estudo sério. É um trabalho que nos propúnhamos fazer um dia, e estamos felizes que o Sr. abade Poussin nos tenha poupado esse trabalho.

Na segunda parte, intitulada: *Parte doutrinária,* o autor, discutindo os fatos que vem de citar, ali compreendidos os fatos atuais, conclui, segundo a infalibilidade da Igreja e seus próprios argumentos, que todos os fenômenos magnéticos e espíritas são obra do demônio. É uma opinião como uma outra, e respeitável quando ela é sincera. Ora, cremos na sinceridade das convicções do Sr. Poussin, embora não tenhamos a honra de conhecê-lo. O que se pode lhe censurará de não invocarem favor de sua tese senão a opinião dos adversários conhecidos do Espiritismo, assim como as doutrinas e alegações que ele desaprova. Procurar-se-ia em vão, nesse livro, a menção das obras fundamentais, não mais do que uma refutação direta das respostas que foram feitas às alegações contraditórias. Em uma palavra, ele não discute a doutrina propriamente dita; não lhe toma os argumentos corpo a corpo para esmagá-los sob o peso de uma lógica mais rigorosa.

Pode-se, além disso, achar estranho que o Sr. abade Poussin se apoie, para combater o Espiritismo, sobre a

opinião de homens conhecidos por suas ideias materialistas, tais como os Srs. Littré e Figuier; ele faz, sobretudo a este último, que mais brilhou por suas contradições do que por sua lógica, numerosos empréstimos. Esses senhores, combatendo o princípio do Espiritismo, negando a causa dos fenômenos físicos, negam, por isto mesmo, o princípio da Espiritualidade; solapam, pois, a base da religião pela qual não professam, como se sabe, uma grande simpatia. Invocando sua opinião, a escolha não é feliz; poder-se-ia mesmo dizer que ela é inábil, porque é motivar os fiéis a lerem os escritos que não são nada menos ortodoxos. Vendo-o tirar de tais fontes, poder-se-ia crer que ele não julgou as outras bastante preponderantes.

O Sr. abade Poussin não contesta nenhum dos fenômenos espíritas; com isto prova virtualmente a existência pelos fatos autênticos que cita, e que tira indiferentemente na história sagrada e na história paga. Aproximando uns dos outros, não se pode impedir de reconhecer sua analogia; ora, em boa lógica, da semelhança dos efeitos deve-se concluir com a semelhança das causas. No entanto, o Sr. Poussin conclui que os mesmos fatos são miraculosos e de fonte divina em certos casos, e diabólicos em outros.

Os homens que professam as mesmas crenças que o Sr. Figuier têm também, sobre esses mesmos fatos, duas opiniões: negam-nos decididamente e os atribuem ao malabarismo; quanto àqueles que são averiguados, se esforçam em ligá-los unicamente às leis da matéria.

Perguntai-lhes o que pensam dos milagres do Cristo: eles vos dirão que são fatos lendários, contos inventados para as necessidades da causa, ou produtos de imaginações superexcitadas e em delírio.

O Espiritismo, é verdade, não reconhece aos fenômenos psíquicos um caráter sobrenatural; ele os explica pelas faculdades e pelos atributos da alma, e como a alma está na Natureza, eles consideram como efeitos naturais se produzindo em virtude de leis especiais, até então desconhecidas, e que o Espiritismo faz conhecer. Esses fenômenos cumprindo-se sob nossos olhos, em condições idênticas, acompanhados das mesmas circunstâncias, e por intermédio de indivíduos que nada têm de excepcional, disto conclui na possibilidade daqueles que se passaram em tempos mais recuados, e isto pela mesma causa natural.

O Espiritismo não se dirige às pessoas convencidas da existência desses fenômenos, e que são perfeitamente livres de ver neles milagres, se tal é a sua opinião, mas àqueles que os negam precisamente por causa do caráter miraculoso que se lhes quer dar. Provando que esses fatos não têm de sobrenatural senão a aparência, fá-los aceitar por aqueles mesmos que os repeliam. Os Espíritas foram recrutados, em imensa maioria, entre os incrédulos, e, no entanto, hoje não há um único deles que negue os fatos realizados pelo Cristo; ora, o que vale mais crer na existência desses fatos, sem o sobrenatural, ou de neles não crer totalmente? Aqueles que os admitem a título qualquer não estão mais perto de vós do

que aqueles que os rejeitam completamente? Desde o instante em que o fato é admitido, não resta mais senão provar-lhe a fonte miraculosa, o que deve ser mais fácil, se esta fonte for real, do que quando o próprio fato é contestado.

O Sr. Poussin, se apoiando, para combater o Espiritismo, sobre a autoridade daqueles que repelem até o princípio Espiritual, seria daqueles que pretendem que a incredulidade absoluta é preferível à fé adquirida pelo Espiritismo?

Citamos integralmente o prefácio do livro do Sr. Poussin, que faremos seguir de algumas reflexões:

"O Espiritismo, é preciso bem reconhecê-lo, *envolve como numa imensa rede a sociedade inteira,* e por seus profetas, por seus oráculos, por seus livros e por seu jornalismo, se esforça para minar surdamente a Igreja católica. Se ele nos *prestou o serviço de derrubar as teorias materialistas do século dezoito,* nos dá em troca uma revelação nova, que solapa pela base todo o edifício da revelação cristã. E, no entanto, por um fenômeno estranho, ou melhor, em consequência da ignorância e da fascinação que desperta a curiosidade, quantos católicos brincam cada dia com o Espiritismo sem se preocuparem em nada com seus perigos! É bem verdade que os espíritos estão ainda divididos sobre a essência e mesmo sobre a realidade do Espiritismo, e é provavelmente por causa dessas incertezas, que a maioria crê poder se formar a consciência e usar do Espiritismo como

de um curioso divertimento. No entanto, no fundo dessas almas timoratas e delicadas se manifesta uma grande ansiedade. Quantas vezes ouvimos estas perguntas incessantes: "Dizei-nos bem a *verdade.* O que é o Espiritismo? Qual é sua origem? Credes nessa genealogia que gostaria de ligar os fenômenos do Espiritismo à magia antiga? Admitis os fatos estranhos do magnetismo e das mesas girantes? Credes na intervenção dos Espíritos e na evocação das almas; no papel dos anjos ou dos demônios? É permitido interrogar as mesas girantes, consultar os Espiritistas? Que pensam sobre todas estas perguntas os teólogos, os bispos?… A Igreja romana deu algumas decisões, etc., etc." – Estas perguntas, que ressoam ainda aos nossos ouvidos, inspiraram o pensamento deste livro, que tem por objetivo responder a todas no limite de nossas forças. Também, para estar mais seguros e convencidos, jamais afirmaremos nada, sem uma autoridade *séria,* e não decidiremos nada que os bispos e Roma não tenham decidido. – Entre aqueles que estudaram especialmente essas matérias, uns rejeitam em massa todos os fatos *extraordinários* que o Espiritismo se atribui. Outros, fazendo em tudo uma larga parte às alucinações e ao charlatanismo, reconhecem que é impossível não admitir certos fenômenos inexplicáveis e inexplicados, tão inconciliáveis com os ensinos gerais das ciências naturais, quanto confundidos pela razão humana; no entanto, procuram interpretá-los, ou por certas leis misteriosas da fisiologia, ou bem pela intervenção da grande alma da Natureza, da qual a nossa não é senão uma emanação, etc.

Vários escritores católicos, forçados a admitir os fatos, achando a solução natural às vezes impossível, e a explicação panteísta absurda, não hesitam em reconhecer em certos fatos do Espiritismo a intervenção direta do demônio. Para estes, o Espiritismo não é senão a continuação dessa magia paga que aparece em toda a história, desde os mágicos de Faraó, à pitonisa de Endor, os oráculos de Delfos, as profecias das sibilas e dos adivinhos, até as possessões demoníacas do Evangelho e aos fenômenos extraordinários e constatados do magnetismo contemporâneo. A Igreja não se pronunciou sobre as discussões *especulativas;* ela abandona a questão histórica das origens do Espiritismo e a questão psicológica de seus agentes misteriosos, à vã disputa dos homens. Os teólogos sérios, os bispos e os doutores particulares sustentaram estas últimas opiniões; *oficialmente* Roma não as aprova nem as censura. Mas se a Igreja guardou prudentemente o silêncio sobre as teorias, ela levantou a voz nas questões práticas, e em presença das incertezas da razão, ela assinala os perigos para a consciência. Uma ciência séria e mesmo inocente em si, pode, por causa dos abusos frequentes, se tornar uma fonte de perigos; também Roma condenou como perigosas para os costumes, certas práticas e certos abusos do magnetismo, dos quais os próprios Espíritas não dissimulam os graves inconvenientes. Bem mais, os bispos acreditaram dever interditar, em suas dioceses, e em toda hipótese, como *supersticiosos* e *perigosos para os costumes e para a fé,* não só os *abusos* do magnetismo, mas o uso de *interrogar as mesas girantes.*

"Para nós, na questão *especulativa,* posta em presença daqueles que veem o demônio por toda parte a daqueles que não o veem em toda nenhuma parte, nós quisemos, mantendo-nos à distância dos dois escolhos, estudar as origens históricas do Espiritismo, examinar a certeza dos fatos e discutir imparcialmente os sistemas psicológicos e panteístas pelos quais se quer tudo interpretar. Evidentemente, quando refutamos vários desses sistemas, não pretendemos impor a ninguém nossos próprios pensamentos, embora as autoridades sobre as quais nos apoiamos nos pareçam da mais alta seriedade. Separando das opiniões livres tudo o que é de *fé,* como a existência dos anjos e dos demônios, as possessões e as obsessões demoníacas do Evangelho, a legitimidade e a força dos exorcismos na Igreja, etc., deixamos a cada um o direito, não de negar o comércio voluntário dos homens com o demônio, o que seria *temerário,* disse o P. Perronne, e conduziria ao pirronismo histórico; mas reconhecemos a todo católico o direito de não ver no Espiritismo a intervenção do demônio, se nossos argumentos parecem mais especiosos do que sólidos, e se a razão e o estudo mais atento dos fatos provam o contrário.

"Quanto à questão *prática,* não nos reconhecemos o direito de absolver o que Roma condena, e se algumas almas hesitam ainda, nós as reenviaremos simplesmente às decisões romanas, às interdições episcopais e mesmo às decisões teológicas que reproduzimos inteiramente.

"O plano deste livro é muito simples: a primeira parte, ou *parte histórica,* depois de ter dado o ensino das santas Escrituras e a tradição de todos os povos sobre a existência e o papel dos Espíritos, iniciamos nos fatos mais salientes do Espiritismo ou da magia, desde a origem do mundo até nossos dias.

"A segunda parte, ou parte *doutrinária,* expõe e discute os diversos sistemas imaginados para descobrir o agente verdadeiro do Espiritismo; depois de ter precisado de nosso melhor, o ensino da teologia católica sobre a intervenção geral dos Espíritos, e dado livre curso a opiniões livres sobre o agente misterioso da magia moderna, assinalamos aos fiéis os perigos do Espiritismo para a fé, para os *costumes e* mesmo para a saúde ou para a vida.

"Possam essas páginas, em mostrando o perigo, acabar o bem que outras começaram!… Inútil acrescentar, que filhos dóceis da Igreja, condenamos antecipadamente tudo o que Roma poderia desaprovar."

O Sr. abade Poussin reconhece duas coisas: 1° que o Espiritismo envolve, como numa imensa rede, a sociedade inteira; 2° que prestou à Igreja o serviço de derrubar as teorias materialista do século dezoito. Vejamos que consequências ressaltam desses dois fatos.

O Espiritismo, como dissemos, é na grande maioria recrutado entre os incrédulos; com efeito, perguntai aos nove décimos dos adeptos em que acreditavam antes de serem

Espíritas; eles responderão que não acreditavam em nada, ou, pelo menos, que duvidavam de tudo; a existência da alma era para eles uma hipótese, sem dúvida, desejável mas incerta; a vida futura uma quimera; o Cristo um mito ou, pelo menos, um filósofo; Deus, se existisse, deveria ser injusto, cruel e parcial, era porque eles gostavam mais de crer que ele não existia.

Hoje eles creem e sua fé é inabalável, porque ela está assentada sobre a evidência e a demonstração, e satisfaz sua razão; o futuro não é mais uma esperança, mas uma certeza, porque eles veem a vida espiritual se manifestar sob seus olhos; dele não duvidam mais como não duvidam do levantar do sol. É verdade que não creem nem nos demônios, nem nas chamas eternas do inferno, mas em troca acreditam firmemente em um Deus soberanamente justo, bom e misericordioso; não creem que o mal venha dele, que é a fonte de todo o bem, nem dos demônios, mas das próprias imperfeições do homem; que o homem se reforme, e o mal não mais existirá; vencer a si mesmo *é* vencer o demônio; tal é a fé dos Espíritas, e a prova de seu poder, é que se esforçam por se tornarem melhores, de domarem seus maus pendores, e de pôr em prática as máximas do Cristo, olhando a todos os homens como irmãos sem exceção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, restituindo o bem pelo mal, ao exemplo do divino modelo.

Sobre quem o Espiritismo devia ter o mais fácil acesso? não é sobre aqueles que tendo a fé e a quem essa fé

bastava, que não pediam nada e não tinham necessidade de nada; mas sobre aqueles a quem a fé faz falta. Como o Cristo, ele foi aos doentes e não às pessoas que se acham bem; àqueles que têm fome e não àqueles que estão saciados; ora, os doentes são aqueles que são torturados pelas angústias da dúvida e da incredulidade.

E que fez para conduzi-los a ele? Foi à força de reclames? Foi indo pregara Doutrina nas praças públicas? Foi *violentando* as consciências? De nenhum modo, porque esses meios são os da fraqueza, e, se os tivesse usado, teria mostrado que duvidava de sua força moral. Ele tem por regra invariável, conforme a lei de caridade ensinada pelo Cristo, de não constranger ninguém, de respeitar todas as convicções; ele contentou-se em anunciar os seus princípios, de desenvolverem seus escritos as bases sobre as quais estão assentadas as suas crenças, e deixou vir a ele aqueles que quisessem; se vieram muitos, é que convenceu a muitos, e que muitos encontraram nele o que não tinham encontrado em outra parte. Como ele recrutou principalmente entre os incrédulos, se, em alguns anos, enlaçou o mundo, isto prova que os incrédulos e aqueles que não estão satisfeitos com aquilo que se lhes dá são numerosos, porque não se é atraído senão para lá onde se encontre alguma coisa melhor do que a que se tem. Dissemos cem vezes: Querem combater o Espiritismo? Que deem melhor do que ele.

Reconheceis, senhor abade, que o Espiritismo prestou à Igreja o serviço de derrubar as teorias materialistas; é um

grande resultado, sem dúvida, e do qual se glorifica; mas como o obteve? precisamente com ajuda desses meios que chamais diabólicos, das provas materiais que dá da alma e da vida futura; foi com as manifestações dos Espíritos que confundiu a incredulidade, e que triunfará definitivamente. E dissestes que esse serviço é a obra de Satã? Mas, então, não deveríeis tanto isto querer-lhe, uma vez que ele mesmo destrói a barreira que retinha aqueles que havia açambarcado. Lembrai-vos da resposta do Cristo aos Fariseus que lhe tiveram exatamente a mesma linguagem, acusando-o de curar os doentes e de expulsar os demônios pelos demônios. Lembrai-vos também desta palavra do Mons. Freyssinous, bispo de Hermopolis, a esse respeito, em suas conferências sobre a religião: "Certamente, um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude seria um estranho demônio, porque se destruiria a si mesmo".

Se esse resultado obtido pelo Espiritismo foi a obra de Satã, como ocorre que a Igreja disto lhe tenha deixado o mérito e que não haja obtido ela mesma; que tenha deixado a incredulidade invadir a sociedade? No entanto, esses não são os meios de ação que lhe faltaram; não tem ela um pessoal e recursos materiais imensos? as pregações desde as capitais até as menores aldeias? a pressão que ela exerce sobre as consciências pela confissão? o terror das penas eternas? a instrução religiosa que segue a criança durante todo o curso da sua educação? o prestígio das cerimônias do

culto e os de sua antiguidade? Como ocorre que uma Doutrina *apenas eclodida,* que não tem sacerdotes, nem templos, nem culto, nem pregações; que é combatida com todo o exagero pela Igreja, caluniada, perseguida como o foram os primeiros cristãos, haja reconduzido, então pouco tempo, à fé e à crença na imortalidade um tão grande número de incrédulos? No entanto, a coisa não era muito difícil, uma vez que basta à maioria ler alguns livros para ver desaparecerem suas dúvidas.

Tirai daí todas as consequências que quiserdes; mas convinha que se for a obra do diabo, ela fez o que vós não pudestes fazer, vós mesmos, e que se desobrigou de vosso trabalho.

O que testemunha contra o Espiritismo, direis sem dúvida, é que ele não emprega, para convencer, os mesmos argumentos vossos, e que, se triunfa da incredulidade, é que não a conduz completamente a vós.

Mas o Espiritismo não tem a pretensão de caminhar nem convosco, nem com ninguém; ele mesmo faz seus negócios e como o entende. De boa fé, credes que, se a incredulidade foi refratária aos vossos argumentos, o Espiritismo tenha dela triunfado em se servindo deles? Se um médico não cura um doente com um remédio, um outro médico o curará empregando o mesmo remédio?

O Espiritismo não procura mais conduzir os incrédulos ao regaço absoluto do catolicismo do que ao de qualquer

outro culto. Fazendo-lhe aceitar as bases comuns a todas as religiões, destrói o principal obstáculo, e manda lhes fazer a metade do caminho; a cada uma de fazer o resto, no que lhe concerne; as que fracassam dão uma prova manifesta de impotência.

Desde o instante em que a Igreja reconhece a existência de todos os fatos de manifestação sobre os quais se apoia o Espiritismo; que ela os reivindica por si mesma, a título de milagres divinos; que há entre os fatos, que se passam nos dois campos uma completa analogia quanto aos efeitos, analogia que o Sr. abade Poussin demonstrou com a última evidência e peças de apoio colocando-as em frente, toda questão se reduz, pois, a saber se é Deus que age de um lado e o diabo do outro; é uma questão de pessoa; ora, quando duas pessoas fazem exatamente a mesma coisa, disto se conclui que elas são tão poderosas uma quanto a outra; toda a argumentação do Sr. Poussin leva, assim, a demonstrar que o diabo é tão poderoso quanto Deus.

De duas coisas uma, ou os efeitos são idênticos, ou não o são; se são idênticos, é que provêm de uma mesma causa, ou de duas causas equivalentes; se não o são, mostrai em que eles diferem. É nos resultados? Mas, então, a comparação seria em vantagem do Espiritismo, uma vez que ele conduz a Deus aqueles que nele não acreditavam.

É, pois, bem entendido, conforme a decisão formal das autoridades competentes, que os Espíritos que se manifestam não são, e não podem ser, senão os demônios. Convinde, no

entanto, senhor abade, que se esses mesmos Espíritos, em lugar de contradizer a Igreja sobre alguns pontos, tivessem tido em tudo a sua opinião, se tivessem vindo apoiar todas as suas pretensões temporais e espirituais, a provar sem restrição tudo o que ela disse e tudo o que fez, ela não os chamaria de demônios, mas bem de Espíritos angélicos.

O Sr. abade Poussin escreveu seu livro tendo em vista, disse ele, premunir os fiéis contra os perigos que sua fé pode correr, pelo estudo do Espiritismo. É testemunhar pouca confiança na solidez das bases sobre as quais essa fé está assentada, uma vez que pode ser abalada tão facilmente. O Espiritismo não tem o mesmo medo. Tudo o que se pôde dizer e fazer contra ele não o fez perder uma polegada de terreno, uma vez que o ganha todos os dias, e, no entanto, o talento não tem faltado a mais de um de seus adversários. As lutas que se têm empenhado contra ele, longe de enfraquecê-lo, o fortaleceram; elas contribuíram poderosamente para difundi-lo mais prontamente quanto não o teria feito sem isto; de tal sorte que a rede que, em alguns anos, envolveu a sociedade inteira, é em grande parte a obra de seus antagonistas. Sem nenhum dos meios materiais de ação que fazem os sucessos neste mundo, não se propagou senão pela força da ideia. Uma vez que os argumentos com a ajuda dos quais se o combateu não o derrubaram, é, aparentemente, que foram achados menos convincentes do que os seus. Quereis ver o segredo de sua fé? Ei-lo: é que antes de crer, eles compreendem.

O Espiritismo não teme a luz; ele a chama sobre suas doutrinas, porque quer ser aceito livremente pela razão. Longe de temer, pela fé dos Espíritas, a leitura das obras que o combatem, diz: Lede tudo; o pró e o contra, e fazei a escolha com o conhecimento de causa. É por isto que assinalamos, à sua atenção, a obra do Sr. abade Poussin ([23]).

Damos adiante, sem comentários, alguns fragmentos tirados da primeira parte.

1. – Certos católicos, mesmo piedosos, têm em matéria de fé singulares ideias, resultado inevitável do ceticismo ambiente que, com seu desconhecimento, os domina e dos quais sofrem a deletéria influência. *Falai de Deus, de Jesus Cristo, eles aceitam tudo no instante; mas se tentais lhes falar do demônio e sobretudo da intervenção diabólica na vida humana, eles não vos entendem mais.* Como nossos racionalistas contemporâneos tomam voluntariamente o demônio por um mito ou por uma personificação fantástica do gênio do mal, os êxtases dos santos por fenômenos de catalepsia, e as possessões diabólicas, mesmo as do Evangelho, senão por epilepsia, pelo menos por parábolas. Santo Tomás, em sua linguagem precisa, responde em duas palavras a esse perigoso ceticismo: "Se a facilidade em ver falar do demônio, disse ele, procede da ignorância das leis da Natureza e da credulidade, a tendência geral a não ver sua ação em nenhuma parte, procede da irreligião e da incredulidade." Negar o demônio é

[23] Um vol. in-12; preço, 3 fr. Casa Sarlit, livraria, 25, rua Saint-Sulpice, Paris.

negar o cristianismo e negar Deus.

2. – A crença na existência dos Espíritos e sua intervenção no domínio de nossa vida, bem mais, o próprio Espiritismo ou a prática da evocação dos Espíritos, almas, anjos ou demônios, remontam à mais alta antiguidade, e são tão antigas quanto o mundo. – Interroguemos primeiro, sobre a existência e o papel dos Espíritos, nossos livros santos, os mais antigos e os mais incontestáveis livros da história, ao mesmo tempo que são o código divino de nossa fé. O demônio seduzindo, sob uma forma sensível, Adão e Eva no Paraíso; os querubins que lhe guardam a entrada; os anjos que visitam Abraão e discutem com ele a questão da salvação de Sodoma; os anjos insultados na cidade imunda, arrancando Lot ao incêndio; o anjo de Isaac, de Jacob, de Moisés e de Tobias; o demônio que mata os sete maridos de Sara; o que tortura a alma e o corpo de Job; o anjo exterminador dos Egípcios sob Moisés, e dos Israelitas sob Davi; a mão invisível que escreveu a sentença de Baltazar; o anjo que fere Heliodore; o anjo da Encarnação, Gabriel, que anuncia São João e Jesus Cristo; o que é preciso mais para mostrar a existência dos Espíritos e a crença na intervenção desses Espíritos, bons ou maus, nos atos da vida humana? Deus fez os Espíritos seus embaixadores, disse o Salmista; são os ministros de Deus, disse São Paulo; São Pedro nos ensina que os demônios rodam, sem cessar, ao nosso redor, como leões rugidores; São Paulo, tentado por eles, nos declara que o ar deles está cheio.

3. – Anotemos aqui que as tradições pagas estão em perfeita harmonia com as tradições judias e cristãs. O mundo, segundo Tales e Pitágoras, está cheio de *substâncias espirituais,* todos esses autores as dividem em Espíritos bons e maus; Empédocles disse que os demônios são punidos pelas faltas que cometeram; Platão fala de um príncipe, de uma natureza malfazeja, preposto a esses Espíritos expulsos pelos deuses e caídos do céu, disse Plutarco. Todas as almas, acrescenta Porfírio, que têm por princípio a alma do universo, governam os grandes países situados sob a lua: são os bons *demônios* (Espíritos); e, estejamos disto bem convencidos, eles não agem senão no interesse de seus administrados, seja no cuidado que tomam dos animais, seja que velam sobre os frutos da Terra, seja que presidem às chuvas, aos ventos moderados, ao bom tempo. É preciso ainda alinhar na categoria dos bons *demônios* aqueles que, segundo Platão, estão encarregados de levar aos deuses as preces dos homens, e que relatam aos homens as advertências, as exortações, os oráculos dos deuses.

4. – Os Árabes chamam o chefe dos demônios Aba; os Caldeus com eles enchem o ar; enfim, Confúcio ensina absolutamente a mesma doutrina: "Que as virtudes dos Espíritos são sublimes! dizia ele; se os olha e não se os vê; se os escuta e não se os ouve; unidos à substância das coisas, não podem delas se separar; são causa que todos os homens em todo o universo se purifiquem e se revistam de roupas de festa para oferecer sacrifícios; estão esparramados como as

ondas do Oceano acima de nós, à nossa esquerda e à nossa direita."

O culto de Manitu, difundido entre os selvagens da América, não é senão o culto dos Espíritos.

5. – Os Pais da Igreja, de seu lado, interpretaram admiravelmente a doutrina das Escrituras sobre a existência e a intervenção dos Espíritos: Não há nada neste mundo visível que não seja regido e disposto pela criatura invisível, disse São Gregório. Cada ser vivo tem neste mundo um anjo que o rege, acrescenta Santo Agostinho. Os anjos, disse São Gregório de Nazianze, são os ministros da vontade de Deus; eles têm, naturalmente e para comunicação, uma força extraordinária; percorrem todos os lugares e se acham por toda parte, tanto para a prontidão com a qual exercem seu ministério quanto pela leveza de sua natureza. Uns estão encarregados de velar sobre alguma parte do universo que lhes é marcada por Deus, de quem eles dependem em todas as coisas; outros estão na guarda das cidades e das igrejas; eles nos ajudam em tudo o que fazemos de bem.

6. – Com relação à razão fundamental, Deus governa imediatamente o universo; mas relativamente à execução, há coisas que ele governa por outros intermediários.

7. – Quanto à própria *evocação* dos Espíritos, almas, anjos ou demônios e a todas as práticas da magia, das quais o Espiritismo não é senão uma forma, mais ou menos envolvida de charlatanismo, é uma prática tão antiga quanto

a crença nos próprios Espíritos.

8. – São Cipriano explica assim os mistérios do Espiritismo pagão:

"Os demônios, disse ele, se introduzem nas estátuas e nos simulacros que o homem adora; são eles que animam as fibras das vítimas, que inspiram com seu sopro o coração dos adivinhos e que dão uma voz aos oráculos. Mas, como podem eles curar? *Loedunt primo,* disse Tertuliano, *postque Ioedere desinunt, et curasse creduntur.* Eles ferem primeiro, e, deixando de ferir, passam por curar".

Na índia, são os Lamas e os Brahamites que, desde a mais alta antiguidade, têm o monopólio dessas mesmas evocações que ainda continuam. "Eles fazem comunicar o céu com a Terra, o homem com a divindade, absolutamente como nos *médiuns* atuais. A origem desse privilégio parece remontará própria Gênese dos Hindus e pertencer à casta sacerdotal desses povos. Saída do cérebro de Brahma, a casta sacerdotal deve permanecer mais perto da natureza desse deus criador e entrar mais facilmente em comunicação com ele, do que a casta guerreira, nascida de seus braços, e, com mais forte razão, do que a casta dos Párias, formada do pó de seus pés."

9. – Mas o fato mais interessante e mais autêntico da história, sem contradita, é a evocação de Samuel pelo *médium* da Pitonisa de Endor, que interroga Saul: "Samuel estava morto, diz as Escrituras; toda Israel o havia chorado,

e o havia enterrado na cidade de Ramatha, lugar de seu nascimento. E Saul tinha expulsado os mágicos e os adivinhos de seu reino. Os Filisteus, estando, pois, reunidos, vieram acampar em Sunam; Saul, de seu lado, reuniu todas as tropas de Israel, e veio a Gelboé. E tendo visto o exército dos Filisteus, foi tomado de espanto, e o medo o tomou até o fundo de seu coração. Ele consultou o Senhor; mas o Senhor não lhe respondeu nem em sonhos, nem por sacerdotes, nem pelos profetas. Então, ele disse aos seus oficiais: "Procurai-me *uma mulher que tenha um Espírito de Piton, a* fim de que eu vá encontrá-la, e que, por seu meio, possa consultá-la." Seus servidores lhe disseram: "Há em Endor uma mulher que tem um Espírito de Piton." Saul se disfarça, pois, muda de roupa, e dali se vai, acompanhado somente de dois homens. À noite, ele foi a casa dessa mulher, e lhe disse: "Consultai por mim o Espírito de Piton, e evocai-me aquele que eu vos direi." Essa mulher lhe respondeu: "Sabeis tudo o que Saul fez, e de que maneira ele exterminou os mágicos e os adivinhos de todas suas terras. Porque, pois, estendei-me uma armadilha para me perder?" Saul lhe jurou pelo Senhor, e lhe disse: "Viva o Senhor! e não vos chegará dele nenhum mal." A mulher lhe disse: "Que quereis ver?" Ele lhe respondeu: "Fazei-me vir Samuel." A mulher tendo visto Samuel, lançou um grande grito, e disse a Saul: "Por que me enganastes? porque sois Saul." O rei lhe disse: "Não temais. O que vistes? – *Eu vi*, disse-lhe ela, *um deus que saía da terra."* Saul lhe disse: "Como ocorre?" – "É, disse ela, um velho coberto de um manto." Saul reconheceu, pois, que era

Samuel; e lhe fez uma profunda reverência, abaixando-se até a terra. Samuel disse a Saul: "Por que perturbastes meu repouso fazendo-me evocar?" Saul lhe respondeu: "Estou numa estranha extremidade. Os Filisteus me fazem a guerra e Deus se retirou de mim; ele não me quis responder nem pelos profetas nem em sonhos. Foi porque vos fiz evocar, a fim de que me ensineis o que devo fazer." Samuel lhe disse: "Por que vos dirigis a mim, uma vez que o Senhor vos abandonou, e que passou ao vosso rival? Por que o Senhor vos tratará como eu vos disse de sua parte. Ele dividirá vosso reino de vossas mãos para dá-lo a Davi, vosso genro, porque nem obedecestes à voz do Senhor, nem executastes o decreto de sua cólera contra os Amalecistas. É por isto que o Senhor vos envia hoje o que sofreis. Ele entregará mesmo Israel convosco nas mãos dos Filisteus. *Amanhã estareis comigo e vossos filhos;* e o Senhor abandonará aos Filisteus o próprio campo de Israel." Saul caiu logo, e permaneceu estendido sobre a terra, porque as palavras de Samuel o tinham apavorado; e as forças lhe faltaram, porque não tinha ainda comido naquele dia. A maga veio a ele na perturbação em que estava, e ela lhe disse: "Vês que vossa serva vos obedeceu, que expus *minha vida por vós,* e que me entreguei ao que desejáveis de mim".

"Eis *quarenta anos que faço profissão de evocar os mortos* ao serviço dos estranhos, disse Filon em consequência desse relato; mas jamais vi semelhante aparição. O Eclesiastes está encarregado de nos provar que se trata de

uma verdadeira aparição e não de uma alucinação de Saul: "Samuel *depois de sua morte falou ao rei,* disse o Espírito Santo, lhe predisse o fim de sua vida *e, saindo da terra,* elevou sua voz para profetizara ruína de sua nação, por causa de sua impiedade".

(p. 5-18).

Revista Espírita de fevereiro 1868

Resumo da Doutrina Espírita

por Florent Loth, de Amiens ([24]).

Este livro, que não pudemos anunciar em nosso último número, é um resumo dos princípios mais essenciais da Doutrina Espírita; ele se compõe, na maior parte, de citações textuais tomadas às obras fundamentais, e de exemplos tirados do *Ciel et Enfer,* próprios a dar, sobre as consequências da maneira pela qual se emprega a vida, uma ideia mais justa, mais racional, mais impressionante, e sobretudo mais conforme a justiça de Deus, do que a doutrina das chamas eternas. O autor não faz, de seu livro, nem uma questão de amor-próprio nem uma questão de interesse; Espírita fervoroso e devotado, o publicou tendo em vista sobretudo propagar a Doutrina nos campos de seu departamento; a modéstia de seus objetivos não impede que este pequeno livro não possa ser muito útil em outras partes.

[24] Brochura pequena, in-8° de 150 páginas, preço 1 fr. 25 c. – Pelo correio, 1 fr. 50 c. – Amiens, nas principais livrarias. Pode-se também procurá-la no escritório da *Revista Espírita*

Eis a apreciação que *o Journal d'Amiens,* de 29 de dezembro de 1867, deu deste opúsculo. Nós a fazemos seguir da carta dirigida, a respeito dessa apreciação, pelo Sr. Loth, ao autor do artigo, e que o mesmo jornal publicou em seu número de 17 de janeiro.

RESUMO DA DOUTRINA ESPÍRITA

Eis um pequeno livro bastante curioso, escrito por um camponês de Saint-Sauflieu. É verdade que o autor habitou Paris por muito tempo e que foi nessa cidade que ele pôde se colocar em relação com os apóstolos do Espiritismo.

Como temos interesse em todas as publicações de nosso país, quisemos dar conhecimento desta obra. Foi-nos dito que a obra do Sr. Florent Loth tinha sido posta no *Index* das comunas vizinhas de sua aldeia; essa novidade picou nossa curiosidade, e nos decidimos a ler o *Resumo da Doutrina Espírita.* Gosta-se tanto do fruto proibido.

Quanto a nós, que não temos nenhum interesse em censurar ou aprovara obra do autor, diremos francamente, para nos colocarmos à vontade, que não cremos no Espiritismo, que não ligamos nenhuma fé às mesas girantes ou falantes, porque nossa razão repugna admitir que objetos materiais possam estar dotados da menor inteligência. Não cremos mais no dom da segunda vista, ou, dizendo melhor, na faculdade de ver através de separações espessas, ou de distinguir a grandes distâncias o que se passa ao longe, quer dizer, a várias centenas de léguas. Enfim, para continuar

nossas declarações preliminares, declaramos que não juntamos nenhuma fé aos Espíritos dos fantasmas, e que o homem, mais ou menos inspirado, não tenha o poder de evocar, e sobretudo de fazer falar, as almas dos mortos.

Isto dito, para separar o terreno de tudo que não entra em nossos objetivos, reconhecemos que o livro do Sr. Florent Loth não é um mau livro. A moral nele é pura, o amor ao próximo ali está recomendado, a tolerância para com as crenças ali está defendida: isto explica a venda dessa obra. Mas dizer que os adeptos convictos da doutrina espírita, *com todas as suas partes admitidas,* se formarão em consequência da leitura da obra de nosso compatriota, isto seria avançar um fato que não se realizará. No que nos parece razoável e, decidamos a palavra, ter o senso comum, segundo a melhor acepção destes termos, nela há excelentes coisas. Assim, certos abusos são repelidos com razões claras, limpas e precisas, e se o autor procura convencer, é sempre pela doçura e pela persuasão.

Portanto, deixando de lado tudo o que se prende às *práticas materiais* do Espiritismo, prática às quais não cremos de nenhum modo, poder-se-á retirar da leitura do livro em questão muito boas noções de moral, de tolerância e de amor ao próximo. Sob estes pontos de vista, aprovamos inteiramente o Sr. Florent Loth, e não compreendemos a proibição lançada contra seu opúsculo.

O *Resumo da Doutrina Espírita* será proibido um dia pela congregação do *Index,* cuja sede está em Roma? É uma

questão ainda não resolvida, porque esse pequeno livro não está destinado a ultrapassar as nossas fronteiras picardas. Se, no entanto, esse fato ocorrer, o Sr. Florent Loth, por sua obra, recolheria uma notoriedade com a qual jamais sonhou.

Quanto às *experiências físicas* do Espiritismo, cremos dever deixar falar aqui o Sr. Georges Sauton, um de nossos confrades, o qual, no *Liberte,* de quarta-feira, 11 de setembro de 1867, assim se exprimiu sobre uma sessão espírita que ocorrera na casa de um doutorem medicina em Paris:

"O doutor F… amontoou uma certa fortuna. Ele a gasta dando saraus de Espiritismo que lhe custam muito caro em velas e em médiuns.

"Ontem à noite, convidou a imprensa à sua reunião mensal. Os espíritos deveriam ser interrogados sobre a conta do zuavo Jacob, e dizer seu modo de pensar com respeito a esse interessante militar. O Sr. Babinet, do Instituto, – perdoai o pouco! – tinha prometido honrar a reunião com sua presença; pelo menos o anfitrião, nas cartas de convite, tinha deixado entender. "Albert Brun, Victor Noir e eu, fomos à casa do doutor. Nada do Sr. Babinet senão sobre a mão, como se diz.

"Dez pessoas ao redor de uma mesa faziam esse móvel girar, que gira mal; trinta outras, entre as quais muitos ornamentados, os olhavam.

"Os Espíritos, sem dúvida, mal dispostos, cederam com dificuldade para falar. Apenas dignaram-se imitar o grito

da serra, dos martelos do toneleiro e do ferreiro batendo sobre os tonéis ou sobre a bigorna. Foi pedido para cantar *la Femme à barbee J'ai du bom tabac,* que não cantaram. São intimados a fazer saltar no ar uma pera, e a pera não salta".

Não acrescentaremos nada a este pequeno e espirituoso relato.

Terminamos por um extrato do prefácio do autor, no qual a *parte moral de* suas ideias esta exposta:

"O Espiritismo não tem a pretensão de impor sua crença; é unicamente pela persuasão que ele espera chegarão seu objetivo, que é o bem da Humanidade. Liberdade de consciência: assim, eu creio firmemente na existência da alma e na sua imortalidade; creio nas penas e nas recompensas futuras; creio na manifestação dos Espíritos, quer dizer, nas almas daqueles que viveram sobre esta Terra ou em outros mundos; creio nisto em virtude do direito que meu vizinho tem de não o crer; mas me é tão fácil provar-lhe minha afirmação, quanto lhe é impossível provar-me a sua negação, porque a negação dos incrédulos não tem uma prova. O fato, dizem eles, contraria as leis conhecidas. Pois bem! é que repousa sobre uma lei desconhecida: não se podem conhecer todas as leis da Natureza, porque Deus é grande e tudo pode!…

"Pessoas malévolas fizeram correr o boato de que o Espiritismo era um obstáculo aos progressos da religião; essas pessoas, mais ignorantes do que verdadeiramente

piedosas, não conhecendo de nenhum modo a Doutrina, não podem nem apreciá-la nem julgá-la.

"Dizemos, nós, e além disto provamos que o ensino dos Espíritos é muito cristão, que se apoia sobre a imortalidade da alma, as penas e as recompensas futuras, a justiça de Deus e a moral do Cristo."

A citação desta profissão de fé, pelo autor, será suficiente para fazer conhecer sua maneira de ver. Cabe ao leitor apreciar a obra da qual falamos.

Fazendo este relatório, quisemos somente constatar um fato, é que em nossa província de Picardie, o Espiritismo tinha encontrado um defensor fervoroso e convicto.

Não admitimos todas as ideias do autor. Esperamos que, em virtude de sua doçura, não se irrite com a nossa franqueza. Enquanto a paz pública não for perturbada por doutrinas ímpias, enquanto a ordem social não for abalada por máximas subversivas, nossa tolerância fraterna nos fará dizer o que dizemos aqui do livro do Sr. Florent Loth:

Paz às consciências! Respeito às crenças do próximo!

SR. A. GABRIEL REMBAULT.

"SENHOR DIRETOR,

"Eu vos serei grato em consentir inserir, em vosso jornal, a minha resposta à crítica do Sr. Gabriel Rembault, sobre o meu *Resumo da Doutrina Espírita,* artigo que apareceu em 29 de dezembro último.

"Não quero levantar polêmica entre o Sr. Gabriel Rembault e mim; não estou à altura de seu talento de escritor, talento incontestável e que todos lhe reconhecem; mas que me permita demonstrar-lhe as razões que me fizeram escrever meu livro.

"Devo reconhecer, antes de tudo, que a crítica do Sr. Gabriel Rembault é cortês e polida; ela emana de um homem convicto, mas não irritado. Ai! não posso dizê-lo tanto de outros críticos que lançam o anátema aos Espíritas por insultos e palavras grosseiras! Não compreendo nada desse desdobramento de ódio e de injúrias dessas palavras malsonantes de loucos e de patifes que nos lançam à face e que não inspiram às pessoas honestas senão um profundo desgosto. Esses homens intolerantes sabem, no entanto, bem que, segundo os princípios de nossa sociedade moderna, todas as consciências são livres e têm direito a um respeito inviolável.

"Perdoai-me esta digressão, senhor Diretor, como perdoo esses insultadores; eu os perdoo de todo o meu coração e peço a Deus que se digne esclarecê-los sobre a caridade. Eles deveriam praticar melhor esta virtude evangélica para com seu próximo.

"Retorno ao meu assunto:

"Foi pelo estudo, pela meditação e sobretudo pela prática, que adquiri a prova de certos fatos físicos considerados até aqui como sobrenaturais; é pelo fluido

universal que se podem explicar os fenômenos do magnetismo. Esses fenômenos, hoje, não podem mais ser contestados seriamente; é graças ao mesmo fluido que o Espírito atravessa o espaço, que possui a dupla vista, que está dotado da penetração etérea, à qual não poderia se opor a opacidade dos corpos. Esses fenômenos não são outros senão a libertação momentânea do Espírito. A incredulidade, é verdade, não quer admitir esses fenômenos, mas constatações autênticas e numerosas não podem mais colocá-los em dúvida.

"Assim, todas as maravilhas das quais se acusam o magnetismo e o Espiritismo não são simplesmente senão efeitos cuja causa reside nas leis da Natureza.

"E, uma vez que o Sr. Gabriel Rembault citou um artigo do jornal a *Liberte,* permitir-me-ei, a meu turno, citar um extrato de um livro muito novo (*La Raison du Spiritisme*), fruto de longos estudos de um honrado magistrado; ele disse à página 216:

"Deus jamais derrogou as leis que instituiu para levar sua obra a bons fins? Aquele que tudo previu não proveu a tudo? Como admitiríeis pretender que a mediunidade, a comunicação dos Espíritos não esteja conforme às leis da natureza do homem? E se a revelação é a consequência necessária da mediunidade, porque diríeis que ela é uma derrogação da lei de Deus, então que ela entrasse ostensivamente nos objetivos da Providência e da economia humana?"

"Detenho-me depois desta citação; é um argumento no sentido oposto às ideias do Sr. Gabriel Rembault, e que submeto à apreciação de vossos leitores.

"Em resumo, estou de acordo com ele quando disse: "Paz às consciências! respeito às crenças do próximo!

"Recebei, senhor Diretor, minhas civilizadas amabilidades."

"FLORENT LOTH.

"Saint-Sauflieu, 16 de janeiro de 1868".

Ressalta do relatório acima que o autor do artigo não conhece a primeira palavra da Doutrina; julgou-a, como tantos outros, sobre o ouvir-dizer, sem se dar o trabalho de irão fundo da questão, e de levantar o manto do ridículo com o qual uma crítica malevolente, ou mais ou menos interessada, pôde vesti-la. Fez como o macaco da fábula que rejeitou a noz, porque não tinha mordido senão a casca verde. Se dela tivesse conhecido os primeiros elementos, não teria suposto os Espíritas bastante simples para crerem na inteligência de uma mesa, não mais do que ele mesmo não crê na inteligência de uma pena que, entre suas mãos, transmite os pensamentos de seu próprio espírito; não mais que ele os Espíritas não admitem que objetos materiais possam estar dotados da menor inteligência; mas, como ele, sem dúvida, admitem que esses mesmos objetos podem ser instrumentos ao serviço de uma inteligência. O livro do Sr. Loth não o convenceu, mas lhe mostrou o lado sério e as

tendências morais da Doutrina, e isto basta para fazê-lo compreender que a coisa tinha de bom e merecia ao menos o respeito devido às crenças do próximo. Ele deu prova de uma louvável imparcialidade inserindo imediatamente a retificação que lhe foi dirigida pelo autor.

O que o tocou, não foram os fatos de manifestações, dos quais, de resto, são pouca questão nesse livro, foram as tendências liberais *e* ante retrógradas, o espírito de tolerância e de conciliação da Doutrina; tal é, com efeito, a impressão que ela produzirá sobre todos aqueles que se derem ao trabalho de estudá-la. Sem aceitar sua parte experimental que, para os Espíritas, é a prova material da verdade de seus princípios, nela verão um auxiliar poderoso para a reforma dos abusos contra os quais se levantam cada dia. Em lugar de fanáticos de um novo gênero, verão, em todos os Espíritas, cujo número aumenta sem cessar, um exército que combate pelo mesmo objetivo, com outras armas, é verdade; mas que lhes importam os meios, se o resultado é o mesmo?

Sua ignorância das tendências do Espiritismo é tal que não sabem mesmo que é uma doutrina liberal, emancipadora da inteligência, inimiga da fé cega, que vem proclamar a liberdade de consciência e o livre exame como base essencial de toda crença séria. Não sabem mesmo que o primeiro escreveu sobre sua bandeira esta imortal máxima: Fora *da caridade não há salvação,* princípio de união e de fraternidade universais, o único que pode pôr um termo aos antagonismos dos povos e das crenças; quando o creem puerilmente

absolvido por uma mesa que gira, não desconfiam de que a criança deixou o brinquedo pela armadura, que cresceu e que abarca agora todas as questões que interessam o progresso da Humanidade. Não falta, aos seus adversários, *desinteressados e de boa fé* senão conhecê-lo para julgá-lo de outro modo que não o fazem. Se refletissem na rapidez de sua propagação, que ninguém pôde entravar, eles se diriam que isso não pode ser o efeito de uma ideia completamente aprofundada e que, não encerrasse senão uma única verdade, se essa verdade é capaz de abalar tantas consciências, ela merece ser tomada em consideração; se causa tanto temor num certo mundo, é que não se a considera ali como uma vã fumaça.

O artigo reportado acima constata, por outro lado, um fato importante, que é a proibição lançada contra esse pequeno livro, pelo clero dos campos, serviu para propagá-lo, o que não poderia deixar de acontecer, possuindo tanto atrativo do fruto proibido. O autor do artigo pensou, com razão, que se fora condenado pela congregação do *Index* que tem sede em Roma, ele adquiriria uma notoriedade à qual o Sr. Loth não deveu pretender. Ele ignora que as obras fundamentais da Doutrina tiveram este privilégio, e que foram os raios lançados contra a Doutrina, em nome desse *Index*, que esses livros deveram ser procurados nos meios onde eram desconhecidos. Faz-se esta reflexão muito natural de que, quanto mais forte troveja, mais a coisa deve ser importante; foram lidos primeiro por curiosidade, depois,

como nele se encontraram coisas boas, foram aceitos. Esta é a história.

(p. 57-63).

Revista Espírita de abril 1868

A intolerância e a perseguição em relação ao Espiritismo

O fato seguinte nos foi assinalado por um de nossos correspondentes. Calamos, por conveniência, o nome do lugar onde se passou, mas, caso necessário, temos a peça justificativa nas mãos.

O cura de…, tendo sabido que uma de suas paroquianas tinha recebido *O Livro dos Espíritos,* veio procurá-la em sua casa e lhe fez uma cena escandalosa em apostrofando-o de epítetos muito pouco evangélicos; ameaçou-a, além disto, de não enterrá-la quando ela morresse, se ela não acreditasse no diabo e no inferno; depois, apoderando-se do livro, levou-o.

Alguns dias depois, essa senhora, que aquele insulto havia muito pouco tocado, foi à casa do padre pedir-lhe seu livro, dizendo a si mesma que, se não o restituísse, não era difícil de se proporcionar um outro, e que ela saberia muito bem colocá-lo em lugar seguro.

O livro foi restituído, mas num estado que provava que uma santa cólera tinha se descarregado sobre ele. Estava maculado de rasuras, de anotações, de refutações, onde os

Espíritos eram tratados de mentirosos, de demônios, de estúpidos, etc. A fé dessa senhora, longe de ser abalada, não ficou senão mais fortalecida. Prende-se, diz-se, mais moscas com mel do que com vinagre; o padre lhe apresentou o vinagre, ela preferiu o mel, e disse a si mesma: Perdoai-lhe, Senhor, porque ele não sabe o que faz. De que lado estava o verdadeiro cristianismo?

As cenas dessa natureza eram muitos frequentes há sete ou oito anos, e tinham, às vezes, um caráter de violência que tendia ao burlesco. Recorda-se aquele missionário que espumava de raiva pregando contra o Espiritismo, e se agitava com tanto furor que se temia um instante que caísse no púlpito. E esse outro pregador que convidava todos os detentores de obras espíritas a trazê-las para colocá-las no fogo, na praça pública. Infelizmente para ele não lhe foi levada nenhuma, e se as indenizava queimando no pátio do seminário todas aquelas que se pôde proporcionar nas livrarias. Hoje que disso se reconheceu a inutilidade e os inconvenientes, essas demonstrações excêntricas são muito raras; a experiência provou que elas mais desviaram da Igreja do que do Espiritismo.

O fato acima narrado tem um caráter de uma gravidade particular. O padre, em sua igreja, em sua casa, sobre seu terreno; dar ou recusar preces segundo a sua consciência, está em seu direito, dele usa, sem dúvida, às vezes, de maneira mais nociva do que útil à causa que defende, mas, enfim, ele está em seu direito, e achamos

ilógico que pessoas que são, de pensamentos senão de fato, separadas da Igreja, que não cumprem nenhum dos deveres que ela impõe, tenham a pretensão de constranger um padre afazer o que, certo ou errado, ele considera como contrário à sua regra. Se não credes na eficácia de suas preces, por que isto exigir dele? Mas, pela mesma razão, ele ultrapassa o seu direito quando se impõe àqueles que não o pedem. No caso de que se trata, que direito tinha esse padre de ir violentar a consciência dessa senhora em seu próprio domicílio, e ali fazer uma visita inquisitorial, e se apoderar daquilo que não lhe pertencia? O que ganha a religião com esses excessos de zelo? Os amigos inábeis são sempre nocivos.

Esse fato, em si mesmo, é de pouca importância, e não é, em definitivo, senão um aborrecimento que prova a estreiteza das ideias de seu autor; não teríamos dele falado, se não se ligasse a fatos mais graves, às perseguições propriamente ditas, cujas consequências são mais sérias.

Estranha anomalia! Qualquer que seja a posição de um homem, oficial ou subordinado a um título qualquer, não se lhe contesta o direito de ser protestante, judeu ou mesmo nada de todo; ele pode ser abertamente incrédulo, materialista ou ateu; pode preconizar tal ou tal filosofia, mas não tem o direito de ser Espírita. Se ele for suspeito de Espiritismo, como outrora se era suspeito de jansenismo, ele é suspeito; se a coisa for confessada, ele é olhado obliquamente por seus superiores quando estes não pensam como ele, considerado como um perturbador da sociedade,

ele que abjura toda ideia de ódio e de vingança, que tem por regra conduzir a caridade cristã em sua mais rigorosa acepção, a benevolência para todos, a tolerância, o esquecimento e o perdão das injúrias, em uma palavra, todas as máximas que são a garantia da ordem social, e o maior freio das más paixões. Pois bem! o que, de todos os tempos e entre todos os povos civilizados, é um título à estima das pessoas honestas, se torna um sinal de reprovação aos olhos de certas pessoas que não perdoam a um homem *ter se tornado melhor pelo Espiritismo!* Quaisquer que sejam suas qualidades, seus talentos, os serviços prestados, se não é independente, se sua posição não é invulnerável, uma mão, instrumento de uma vontade oculta, pesa sobre ele, o fere, podendo atingi-lo em seus meios de existência, em suas afeições mais caras, e até em sua consideração.

Que coisas semelhantes se passem nas regiões onde a fé exclusiva erige a intolerância em princípio como sua melhor salvaguarda, isso nada tem de surpreendente; mas que tenham lugar num país onde a liberdade de consciência está inscrita no Código das leis como um direito natural, se o compreende mais dificilmente. É preciso, pois, que se tenha muito medo desse Espiritismo que se afeta, no entanto, de apresentar como uma ideia vazia, uma quimera, uma utopia, uma coisa frívola que um sopro da razão pode abater! Se esta luz fantástica não está ainda extinta, no entanto, isso não é por falta de ter soprado em cima. Soprai, pois, soprai sempre: há chamas que se atiçam em soprando em lugar de

extingui-las.

No entanto, dirão alguns, o que se pode censurar naquele que não quer e não pratica senão o bem; que cumpre os deveres de sua responsabilidade com zelo, probidade, lealdade e devotamento; que ensina a amar a Deus e a seu próximo; que prega a concórdia e convida todos os homens a se tratarem como irmãos, sem acepção de cultos nem de nacionalidades? Não trabalha ele para o apaziguamento das desavenças e dos antagonismos que causaram tantos desastres? Não é o verdadeiro apóstolo da paz? Reunindo em seus princípios o maior número possível de adeptos, por sua lógica, pela autoridade de sua posição, e, sobretudo, por seu exemplo, não previne dos conflitos lamentáveis? Se, em lugar de um, fossem dez, cem, mil, sua influência salutar não seria nisso muito maior? Tais homens são auxiliares preciosos; jamais o serão bastante; não se deveria encorajá-los, honrá-los? A doutrina que faz penetrar esses princípios no coração do homem pela convicção, apoiada sobre uma fé sincera, não é uma garantia de segurança? Onde se viu, aliás, que os Espíritas fossem turbulentos e causadores de perturbação? Não são eles, ao contrário, sempre e por toda a parte apontados como pessoas pacíficas e amigas da ordem? Todas as vezes que foram provocados por atos de malevolência, em lugar de usar represálias, não evitaram com cuidado o que teria podido ser uma causa de desordem? A autoridade teve que maltratá-los por algum ato contrário à tranquilidade pública? Não, porque

um funcionário, encarregado de manter a ordem, disse recentemente que se todos os seus administradores fossem Espíritas, ele poderia fechar a sua repartição. Há uma homenagem mais característica prestada aos sentimentos que os animam? E a que palavra de ordem eles obedecem? unicamente à de sua consciência, uma vez que não salientam nenhuma personalidade patente ou oculta na sombra. Sua doutrina é sua lei, e essa lei lhe prescreve fazer o bem e evitar o mal; por seu poder moralizador, ela conduziu à moderação homens exaltados, não temendo nada, nem Deus nem a justiça humana, e capazes de tudo. Se ela fosse popular, com que peso não pesaria nos momentos de efervescência e nos centros turbulentos? Em que, pois, esta Doutrina pode ser um motivo de reprovação? Como pode ela chamar a perseguição sobre aqueles que a professam e a propagam?

Admirai-vos que uma doutrina que não produziu senão o bem tenha adversários! Mas não conheceis, pois, a cegueira do espírito de partido? É que jamais considerou o bem que uma coisa pode fazer quando ela é contrária às suas opiniões ou aos seus interesses materiais? Não vos esqueçais de que certos oponentes o são *por sistema* bem mais do que *por ignorância.* Será em vão que esperareis conduzi-los a vós pela lógica de vossos raciocínios, e pela perspectiva dos efeitos salutares da Doutrina; eles sabem disto tão bem quanto vós, e é precisamente porque o sabem que não o querem; quanto mais essa lógica é rigorosa e irresistível,

mais ela os exaspera, porque ela lhes fecha a boca. Quanto mais se lhes demonstra o bem que o Espiritismo produz, mais eles se irritam, porque sentem que ali está a força; também, devendo salvar o país de maiores desastres, eles o repeliriam apesar de tudo. Vós triunfareis de um incrédulo, de um ateu de boa fé, de uma alma viciosa e corrompida, mas de pessoas deliberadas, nunca!

O que esperam eles com a perseguição? Deter o voo das ideias novas pela intimidação? Vejamos, em algumas palavras, se esse objetivo pode ser alcançado.

Todas as grandes ideias, todas as ideias renovadoras, tanto na ordem científica quanto na ordem moral, receberam o batismo da perseguição, e isto deveria ser, porque elas feriam os interesses daqueles que viviam das velhas ideias, dos preconceitos e dos abusos. Mas, desde que essas ideias constituíram verdades, é que jamais se viu que a perseguição tenha lhes detido o curso? A história de todos os tempos não está aí para provar que elas, ao contrário, cresceram, que elas se consolidaram, propagadas pelo efeito da própria perseguição? A perseguição foi o estimulante, o aguilhão que as impulsionou para a frente, e fez avançar mais rápido superexcitando os espíritos, de sorte que as perseguições trabalharam contra si mesmas, e não ganharam senão serem estigmatizadas pela posteridade. Não se perseguiram senão as ideias às quais via-se um futuro; as que julgavam sem consequência, se as deixaram que morressem de morte natural.

O Espiritismo, também ele, é uma grande ideia; deveria, pois, receber seu batismo como seus predecessores, porque o espírito dos homens não mudou, e com ele ocorrerá o que ocorreu aos outros: um crescimento de importância aos olhos da multidão, e, consequentemente, uma maior popularidade. Quanto mais as vítimas estão em evidência, pela sua posição, mais haverá ressonância em razão da própria extensão de suas relações.

A curiosidade é tanto mais superexcitada quanto mais a pessoa é cercada de mais estima e de mais considerações; todos querem saber o porquê e o como; conhecer o fundo dessas opiniões que levantam tanta cólera; interroga-se, lê-se, e eis como uma multidão de pessoas, que jamais teriam se ocupado do Espiritismo, são levadas a conhecê-lo, a julgá-lo, a apreciá-lo e a adotá-lo. Tal foi, sabe-se, o resultado das declamações coléricas, das interdições pastorais, das diatribes de toda espécie; tal será o das perseguições; elas fazem mais: elevam-no à classe das crenças sérias, porque o bom senso diz que não se bate em coisas vãs.

A perseguição contra as ideias falsas, errôneas, é inútil, porque estas se desacreditam e caem por si mesmas; ela tem por efeito criar partidários e defensores, e retardar-lhe a queda, porque muitas pessoas as consideram boas, precisamente porque são perseguidas. Quando a perseguição ataca ideias verdadeiras, ela vai diretamente contra seu objetivo, porque lhe favorece o desenvolvimento: é, pois, em todos os casos, uma imperícia que se volta contra aqueles

que a cometem.

Um escritor moderno lamentou que não se tivesse queimado Lutero, a fim de destruir o protestantismo em sua raiz; mas, como não se teria podido queimá-lo senão depois da emissão de suas ideias, se o tivesse feito, o protestantismo, talvez, teria se propagado duas vezes mais do que não o foi. Queimou-se a João Huss; mas que ganhou com isto o concílio de Constança? de se cobrir com uma mancha indestrutível; mas as ideias do mártir não foram queimadas; elas foram um dos fundamentos da reforma. A posteridade concedeu a glória a João Huss e a vergonha ao concílio. *(Revista Espírita,* agosto de 1866, página 236.) Hoje, não queimam mais, mas perseguem de outras maneiras.

Sem dúvida, quando uma tempestade estoura, muitas pessoas se colocam ao abrigo; as perseguições podem, pois, ter por efeito um impedimento momentâneo à livre manifestação do pensamento; os perseguidores, crendo tê-lo abafado, adormecem numa segurança enganosa; mas o pensamento nela não subsiste menos, e as ideias comprimidas são como as plantas em estufa; elas produzem mais depressa.

(p. 117-122).

Revista Espírita de agosto 1868

O jornal *La Solidarité*

O jornal *La Solidarité,* do qual falamos na Revista de

junho de 1868, página 176, continua a se ocupar do Espiritismo, com o tom de discussão séria que caracteriza essa folha eminentemente filosófica.

Sob o título de: *Pesquisa psicológica a propósito do Espiritismo,* o número de 1° de julho contém um artigo do qual extraímos as passagens seguintes:

"Há bem poucos jornais que possam se dizer independentes. Ouvi falar de uma verdadeira independência, aquela que permite tratar um assunto sem preocupação de partido, de Igreja, de escola, de faculdade, de academia; melhor que isto: sem preocupação do público, de seu próprio público de leitores e de assinantes, e não se inquietando senão de procurar a verdade e dizê-la. La *Solidarité* tem esta vantagem muito rara de desafiar mesmo a suspensão de assinaturas, – porque ele não vive senão de sacrifícios, – e de estar colocado muito alto nas regiões do pensamento para ter medo das flechas do ridículo.

"Tratando-se do Espiritismo, sabíamos que não satisfaríamos a ninguém, nem os crentes, nem os incrédulos; ninguém, se esses não são talvez as pessoas que não têm nenhum partido tomado sobre a questão. Aqueles sabem que não sabem. Esses são os sábios; são pouco numerosos."

O autor descreve em seguida o fenômeno material das mesas girantes, que explica pela eletricidade humana, declarando nada tendo a ver ali que acuse uma intervenção estranha. É o que dissemos desde o começo. Ele continua:

"Tanto que não se tenha senão a explicar o movimento automático dos objetos, não se tem necessidade de ir além daquilo que é adquirido nas ciências físicas. Mas a dificuldade aumenta quando se chega aos fenômenos de natureza intelectual.

"A mesa, depois de ser contentada de dançar, se coloca logo a responder às perguntas. Desde então, como duvidar que ali não houvesse uma inteligência? A crença vaga nos Espíritos havia suscitado o movimento dos objetos materiais, porque é evidente que, sem esse *a priori,* jamais não se estaria avisado de fazer as mesas girarem. Esta crença, encontrando-se confirmada pelas aparências, deveria levar a dar um passo a mais. Sendo dado o Espírito como causa do movimento das mesas, deveria vir o pensamento de interrogá-lo.

"As primeiras manifestações inteligentes, disse o Sr. Allan Kardec, ocorreram por meio das mesas se levantando e batendo com um pé um número determinado de pancadas, e respondendo, assim, *por sim* ou por *não,* segundo a convenção, a uma pergunta colocada. Obteve-se em seguida respostas mais desenvolvidas pelas letras do alfabeto: o objeto móvel batendo um número de pancadas correspondentes ao número de ordem de cada letra, chegou-se assim a formular palavras e frases respondendo às perguntas colocadas. A justeza das respostas, sua correlação excitaram a admiração. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que ele

era *Espírito* ou *Gênio,* se dá um nome e fornece diversas informações por sua conta."

"Esse meio de correspondência era longo e incômodo, como o observa muito justamente o Sr. Allan Kardec. Não tardou a substituir a cestinha, depois a prancheta. Hoje, esses meios estão geralmente abandonados, e os crentes se reportam ao que escreve maquinalmente a mão do *médium,* sob o ditado do Espírito.

"É difícil saber qual é a parte do médium nos produtos mais ou menos inspirados de sua pena; não é mais fácil do que determinar o grau de automatismo de uma cestinha ou de uma prancheta, quando estes objetos são colocados sob mãos vivas. Mas a correspondência pela mesa, se ela é lenta e pouco cômoda, permite constatar a passividade do instrumento. Para nós, a relação intelectual por meio da mesa está tão bem estabelecida quanto a da correspondência telegráfica. O fato é real. Somente trata-se de saber se o correspondente de além-túmulo existe. Há um Espírito, um ser invisível com o qual se corresponde, ou bem os operadores são vítimas de uma ilusão e não estão em relação senão consigo mesmos? Tal é a questão.

"Atribuímos à eletricidade emitida pela máquina humana os movimentos mecânicos das mesas, não procuramos em outra parte senão na alma humana o agente que imprime, a esses movimentos, um caráter inteligente. Em se representando a eletricidade como um fluido elástico de extrema sutileza, que se interpõe entre as moléculas dos

corpos e as rodeia como a de uma atmosfera, pode-se muito bem compreender que a alma, graças a esse envoltório, faça sentir sua ação sobre todas as partes do corpo, sem nele ocupar um lugar determinado, e que a unidade do *eu* esteja por toda a parte ao mesmo tempo onde pode chegar a sua atmosfera. A ação por contato ultrapassa, então, a periferia do corpo, e as vibrações etéreas ou fluídicas, em se comunicando de uma atmosfera à outra, podem produzir, entre os seres em relação, efeitos à distância. Aí está todo um mundo a estudar. As forças neles se influenciam e se transformam segundo as leis dinâmicas que nos são conhecidas, mas seus efeitos variam com o ritmo dos movimentos moleculares e segundo esses movimentos se exerçam por vibração, ondulação ou oscilação. Mas, quaisquer que sejam essas teorias que estão longe de atingir a positividade necessária para tomar lugar na ciência, nada se opõe a que consideremos o *eu* humano como estendendo à mesa a ação de sua espontaneidade, dela se servindo como de um apêndice ao seu sistema nervoso, para manifestar os movimentos voluntários.

"O que mais frequentemente ilude nessas espécies de correspondências telegráficas, é que o *eu* de cada assistente não pode mais se reconhecer na resultante da coletividade. A representação subjetiva que se faz no espírito do médium pelo concurso dessa espécie de fotografia pode não se assemelhar a nenhum dos assistentes, se bem que a maioria, sem dúvida, disso tenha fornecido alguns traços. No entanto,

é raro, observando-se com cuidado, que não se encontra mais particularmente a imagem de uns dos operadores que foi um instrumento passivo da força coletiva. Não é um Espírito ultra-mundano que fala na sala, é o espírito do médium, mas o espírito do médium duplicado talvez do espírito de tal assistente que o domina, frequentemente com o desconhecimento de um e do outro, e exaltado pelas forças que lhe vêm, como de diversas correntes eletromagnéticas, do concurso dado pelos assistentes ([25]).

"Vimos muitas vezes a personalidade do médium se trair por faltas de ortografia, por erros históricos ou geográficos que ele comete habitualmente e que não podem ser atribuídos a um *Espírito* verdadeiramente distinto de sua própria pessoa.

"Uma coisa das mais comuns nos fenômenos dessa natureza é a revelação de segredos que o interrogador não acredita conhecidos de ninguém; mas ele esquece que esses segredos são conhecidos daquele que interroga, e que o médium pode ler em seu pensamento. É preciso para isto uma certa relação mental; mas essa relação se estabelece por uma derivação da corrente nervosa que envolve cada indivíduo, quase como se poderia desviar a centelha elétrica interceptando a linha telegráfica e nela substituindo um novo fio condutor. Uma tal faculdade é muito mais rara do que se pensa. A comunicação de pensamento é um fato admitido por

[25] Ver, para a resposta à várias proposições contidas neste artigo, O Livro dos Médiuns, cap. IV, Sistemas. – Introdução de O Livro dos Espíritos. – O que é o Espiritismo? cap. l, Pequena conferência.

todas as pessoas que se ocupam do magnetismo, e é fácil, a cada um, se convencer da frequência e da realidade do fenômeno.

"Somos obrigados a deslizar sobre essas explicações muito imperfeitas. Elas não bastam, nós o sabemos, para infirmar a crença dos Espíritos naqueles que creem ter provas sensíveis de sua intervenção.

"Não podemos lhes opor provas da mesma natureza. A crença nas individualidades espirituais não só nada tem de irracional, mas não a temos por muito natural. Nossa convicção profunda, sabe-se, é que o *eu* humano persiste em sua identidade depois da morte, e que ele se reencontra, depois de sua separação do organismo terrestre, com todas as suas aquisições. Que a pessoa humana, então, esteja revestida de um organismo de natureza etérea, é o que nos parece perfeitamente provável. O *perispírito* desses senhores, portanto, não nos repugna. O que é, pois, que nos separa? Nada de fundamental. Nada, se isso não é a insuficiência de suas provas. Não achamos que as relações espíritas entre os mortos e os vivos sejam constatadas pelos movimentos das mesas, pelas correspondências, pelos ditados. Cremos que os fenômenos físicos se explicam fisicamente, e que os fenômenos psíquicos são *causados* pelas forças inerentes à alma dos operadores. Falamos daquilo que vimos e estudamos com muito cuidado. Não conhecemos nada até aqui entre as inspirações dos médiuns que não tenha sido podido produzir por um cérebro vivo sem o concurso de

alguma força celeste, e a maioria de suas produções estão abaixo do nível intelectual do meio em que vivemos.

"Num próximo artigo, examinaremos as doutrinas filosóficas e religiosas do *Espiritismo,* e notadamente aquelas das quais o Sr. Allan Kardec apresentou a síntese em seu último volume, intitulado *A Gênese Segundo o Espiritismo."*

Sem dúvida, haveria muitas coisas a se responder sobre este artigo; no entanto, não o refutaremos, porque isso seria repetir o que muitas vezes escrevemos sobre o mesmo assunto. Estamos felizes em reconhecer, com o autor, que a distância que o separa ainda de nós é pouca coisa: não é senão o fato material das relações diretas entre o mundo visível e o mundo invisível; e, no entanto, essa pouca coisa é muito pelas suas consequências.

De resto, há se anotar que, se ele não admite essas relações, não as nega, não mais, de maneira absoluta; não repugna mesmo à sua razão conceber-lhe a possibilidade; com efeito, esta possibilidade decorre muito naturalmente daquilo que ele admite. O que lhe falta, disse ele, são as provas do fato das comunicações. Pois bem! essas provas lhe chegarão cedo ou tarde; ele as encontrará, seja na observação atenta das circunstâncias que acompanham certas comunicações medianímicas, seja na inumerável variedade das manifestações espontâneas que se produziram antes do Espiritismo, e se produzem ainda nas pessoas que não o conhecem ou não creem nele, e nas quais, consequentemente, não se poderia admitir a influência de

uma ideia preconcebida. Seria preciso ignorar os primeiros elementos do Espiritismo para crer que o fato das manifestações não se produzem senão entre seus adeptos.

À espera, e então mesmo que ali deveria se deter a sua convicção, seria a desejar que todos os materialistas o fossem nesse ponto; devemos, pois, nos felicitar de contá-lo entre os homens de valor pelo menos simpáticos à ideia geral, e dever um jornal recomendável por seu caráter sério e sua independência, combater conosco a incredulidade absoluta em matéria de espiritualidade, tão bem quanto os abusos que fizeram do princípio espiritual. Caminhamos para o mesmo objetivo por caminhos diferentes, mas convergindo para um ponto comum e se aproximando cada vez mais as ideias; algumas dissidências sobre as questões de detalhe não devem nos impedir de nos estendermos a mão.

Neste tempo de efervescência e de aspiração para um melhor estado de coisas, cada um traz a sua pedra na edificação do mundo novo; cada um trabalha de seu lado, com os meios que lhes são próprios; o Espiritismo traz o seu contingente que não está ainda completo; mas como ele não é exclusivo, não rejeita nenhum concurso; aceita o bem que pode servir à grande causa da Humanidade, de qualquer parte que venha, fosse mesmo da de seus adversários.

Assim como dissemos em começando, não empreendemos refutar a teoria exposta no *Solidarité* sobre *a* fonte das manifestações inteligentes, dela não diremos senão poucas palavras.

Essa teoria não é outra, como se vê, senão um dos primeiros sistemas eclodidos na origem do Espiritismo, quando a experiência não tinha ainda elucidado a questão; ora, é notório que essa opinião está hoje reduzida a algumas raras individualidades. Se ela estivesse com a verdade, por que não teria prevalecido? Como se daria que milhões de Espíritas, que experimentam há quinze anos no mundo inteiro em todas as línguas, que se recrutam em maioria na classe esclarecida, que contam em suas fileiras homens de saber e de incontestável valor intelectual, tais como os médicos, os engenheiros, os magistrados, etc., tenham constatado a realidade das manifestações, se ela não existisse? Pode-se, razoavelmente, admitir que todos se tenham iludido? Que não se tenham encontrado entre eles homens dotados de muito bom senso e de perspicácia para reconhecer a verdadeira causa? Essa teoria, como dissemos, não é nova, e não passou desapercebida entre os Espíritas; ao contrário, ela foi seriamente meditada e explorada por eles, e é precisamente por que foi desmentida pelos fatos, impossibilitada de explicá-los todos, que ela foi abandonada.

É um grave erro crer que os Espíritas vieram com a ideia preconcebida da intervenção dos Espíritos nas manifestações; se foi assim com alguns, a verdade é que a maioria não chegou à crença senão depois de ter passado pela dúvida ou pela incredulidade.

É igualmente um erro crer que, sem o *a prior!* da crença nos Espíritos jamais se teria achado em fazer girar as

mesas. O fenômeno das mesas girantes e falantes era conhecido do tempo de Tertuliano, e na China de tempo imemorial. Na Tartária e na Sibéria, conheciam as *mesas voadoras* ([26]). Em certas províncias da Espanha, servem-se de peneiras mantidas suspensas pelas pontas de tesouras. Aqueles que interrogam creem que são os Espíritos que respondem? De modo algum; perguntai-lhes o que é, disto nada sabem: é a mesa, é a peneira dotadas de um poder desconhecido; eles interrogam esses movimentos como os de uma varinha mágica, sem irem além do fato material.

Os fenômenos Espíritas modernos não começaram pelas mesas, mas por pancadas *espontâneas,* batidas nas paredes e nos móveis; esses ruídos espantaram, surpreenderam; seu modo de percussão tinha alguma coisa de insólita, um caráter intencional, uma persistência que parecia chamar a atenção sobre um ponto determinado, como quando alguém bate para advertir. Os primeiros movimentos das mesas ou outros objetos foram igualmente espontâneos, como o são ainda hoje em certos indivíduos que não têm nenhum conhecimento do Espiritismo. É aqui como na maioria dos fenômenos naturais que se produzem naturalmente, e passam, no entanto, desapercebidos, ou cuja causa permanece ignorada, até o momento em que os observadores sérios e mais esclarecidos lhes prestam sua atenção, os estudam e os exploram.

Assim, de duas teorias contrárias, negadas na mesma

[26] Revista Espírita, de outubro de 1859, página 279.

época, uma cresce com o tempo em consequência da experiência, se generaliza, ao passo que a outra se extingue; em favor da qual há presunção de verdade e de sobrevivência? Não damos isto como uma prova, mas como um fato que merece ser levado em consideração.

O Sr. Fauvety se apoia sobre que nada encontrou nas comunicações medianímicas que ultrapasse a capacidade do cérebro humano; está ainda aí uma velha objeção cem vezes refutada pela própria Doutrina Espírita. É que o Espiritismo jamais disse que os Espíritos fossem seres fora da Humanidade? Elevem, ao contrário, *destruir o preconceito,* que faz deles seres excepcionais, anjos ou demônios, intermediários entre o homem e a divindade, espécie de semideuses.

Ele repousa sobre este princípio de que os Espíritos não são outros senão os homens despojados de seu envoltório material; que o mundo visível se derrama incessantemente no mundo invisível pela morte, e este no mundo carnal pelos nascimentos.

Desde que os Espíritos pertencem à Humanidade por que gostar-se-ia que tivessem uma linguagem sobre-humana? Sabemos que alguns dentre eles dela não sabem mais, e, frequentemente, muito menos do que certos homens, uma vez que se instruem com estes últimos; aqueles que não eram capazes de fazer obras-primas quando vivos, não as farão mais como Espíritos; o Espírito de um Hotentote não falará como um acadêmico, e o Espírito de um

acadêmico, que não é senão um ser humano, não falará como um deus.

Não é, pois, na excentricidade de suas ideias e de seus pensamentos, na superioridade excepcional e de seu estilo, que se deve procurar a prova da origem espiritual das comunicações, mas nas circunstâncias que atestam que, numa multidão de casos, o pensamento não pode vir de um encarnado, fosse ele mesmo da última trivial idade.

Desses fatos ressalta a prova da existência do mundo invisível no meio do qual vivemos, e por isto os Espíritos do mais baixo estágio o provam tão bem quanto os mais elevados. Ora, a existência do mundo invisível em nosso meio, parte integrante da Humanidade terrestre, escoadouro das almas desencarnadas, e fonte das almas encarnadas, é um fato capital, imenso; é toda uma revolução nas crenças; é a chave do passado e do futuro do homem, que procuraram em vão todas as filosofias, como os sábios procuraram em vão a chave dos mistérios astronômicos, antes de conhecerem a lei de gravitação. Que se siga a fieira das consequências forçadas deste único fato: a existência do mundo invisível ao nosso redor, e se chega a uma transformação completa, inevitável, nas ideias, à destruição dos preconceitos e dos abusos que deles decorrem, e, consequentemente, a uma modificação das relações sociais.

Eis para onde tende o Espiritismo. Sua doutrina é o desenvolvimento, a dedução das consequências do fato principal que vem revelar a existência; estas consequências

são inumeráveis, porque, passo a passo, elas tocam a todos os ramos da ordem social, ao físico tanto quanto ao moral. É o que compreendem todos aqueles que se deram ao trabalho de estudá-lo seriamente, e que se o compreenderá, ainda mais, mais tarde, mas não aqueles que, não lhe tendo visto senão a superfície pensam que está inteiramente numa mesa que gira ou nas pueris questões de identidade de Espíritos.

Para maior desenvolvimento sobre certas questões tratadas neste artigo, remetemos ao primeiro capítulo de A Gênese: *Caráter da revelação espírita.* ([27]).

(p. 232-240).

Perseguições

Pelo fim de 1864, uma perseguição foi pregada contra o Espiritismo, em diversas cidades do Sul, e seguida de alguns efeitos. Eis um extrato de um desses sermões que nos foi enviado na época, com todas as indicações necessárias para constatar-lhe a autenticidade; apreciar-se-á nossa reserva em não citar nem os lugares, nem as pessoas.

"Fugi, cristãos; fugi desses homens perdidos, e essas mulheres más que se dão a práticas que a Igreja condena! Não tenhais nenhum comércio com esses loucos e essas loucas; abandonai-os a um isolamento absoluto. Fugi deles ou de pessoas perigosas. Não os suporteis ao vosso lado, e expulsai-os do lugar santo, cuja indignidade lhes interdita o acesso.

[27] Publicado em brochura separada; preço 15, pelo correio 20 c.

"Vede esses homens *perdidos* e essas mulheres más que se escondem na sombra, e que se reúnem em segredo para propagarem suas ignóbeis doutrinas; segui-os comigo em seus *antros;* não se diriam os conspiradores de baixa condição social divertindo-se nas trevas para ali formar seus infames complôs? Eles conspiram claramente, com efeito, com a ajuda de Satã, contra nossa santa mãe, a Igreja que Jesus estabeleceu para reinar sobre a Terra. Que fazem ainda esses homens ímpios e essas mulheres sem vergonha? Eles *blasfemam Deus;* negam as sublimes verdades que, durante os séculos, inspiraram o mais profundo respeito aos seus ancestrais; eles se enfeitam de uma falsa caridade da qual não conhecem senão o nome, e que lhes serve de manto para esconder sua *ambição! Eles se introduzam, como os lobos raptores, em vossas residências para seduzir vossas filhas e vossas mulheres e querem vos perder a todos sem retorno;* mas vós ex-pulsareis de vossa presença como seres malfazejos!

"Compreendestes, cristãos! quem são aqueles que eu assinalo à vossa reprovação! São os *Espíritas!* E por que eu não os nomeei? É tempo de repeli-los e de maldizer as suas doutrinas infernais!"

Os sermões deste gênero estavam na ordem do dia naquela época. Se exumamos este documento de nossos arquivos, depois de quatro anos, foi para responder à qualificação de *partido perigoso,* dada nestes últimos tempos aos Espíritas por certos órgãos da imprensa. Na circunstância

precitada, de que lado foi a agressão, a provocação, em uma palavra, o espírito de partido? Podia-se levar mais longe a excitação ao ódio dos cidadãos uns contra os outros, à divisão das famílias? De tais pregações não lembram as da época desastrosa em que essas mesmas regiões foram ensanguentadas pelas guerras de religião em que o pai estava armado contra o filho, e o filho contra o pai? Não os julgaremos do ponto de vista da caridade evangélica, mas no da prudência. É bem político excitar assim as paixões fanáticas numa região onde o passado é ainda tão vivo? onde a autoridade, frequentemente, tem dificuldade em prevenir os conflitos? É prudente ali passear novamente os brandões da discórdia? Querer-se-ia, pois, renovar ali a cruzada contra os Albigenses e a guerra dos Cévennes? Quantos sermões semelhantes foram pregados contra os protestantes, e as represálias sangrentas eram inevitáveis. O mesmo se faz hoje ao Espiritismo, porque não tendo ainda existência legal, se crê tudo permitido a seu respeito.

Pois bem! qual foi, em todos os tempos, a atitude dos Espíritas em presença dos ataques dos quais foi objeto? A da calma e da moderação. Não se deveria abençoar uma doutrina cuja força é bastante grande para pôr um freio às paixões turbulentas e vingativas? Observai, no entanto, que os Espíritas n ao formam em nenhuma parte um corpo constituído; que não são arregimentados em congregações obedecendo a uma palavra de ordem; que não há entre eles nenhuma filiação patente ou secreta; eles sofrem muito

simplesmente e individualmente a influência de uma ideia filosófica, e esta ideia, livremente aceita pela razão e não imposta, basta para modificar suas tendências, porque têm a consciência de estar na verdade. Eles veem essa ideia crescer sem cessar, se infiltrar por toda a parte, ganhar terreno cada dia; eles têm fé em seu futuro, porque ela está segundo os princípios da eterna justiça, responde às necessidades sociais, e se identifica com o progresso, cuja marcha é irresistível; é porque são calmos diante dos ataques dos quais ela é objeto; creriam dar uma prova de desconfiança em sua força, se a sustentassem pela violência e por meios materiais. Eles se riem desses ataques, uma vez que eles não chegaram senão a propagá-la mais rapidamente, atestando a sua importância.

Mas os ataques não se limitam à ideia. Se bem que a cruzada contra os Espíritas não seja mais abertamente pregada, como o era há alguns anos, seus adversários não se lhes tornaram mais benevolentes, nem mais tolerantes; a perseguição que não lhes é menos exercida sendo possível e de mão oculta contra os indivíduos que ela atinge, não somente na liberdade de sua consciência, que é um direito sagrado, mas mesmo em seus interesses materiais. Na falta de raciocínio, os adversários do Espiritismo esperam ainda derrubá-lo pela calúnia e pela compressão; eles se enganam, sem dúvida, mas à espera há algumas vítimas. Ora, não é preciso dissimular que a luta não está terminada; os adeptos devem, pois, se armar de resolução para caminhar com firmeza no caminho que lhes está traçado.

Não foi somente em vista do presente, mas sobretudo em previsão do futuro, que acreditamos dever reproduzir a instrução adiante, sobre a qual chamamos a séria atenção dos adeptos. Ela é, além disto, um desmentido dado àqueles que procuram apresentar o Espiritismo como um partido perigoso para ordem social. Queira Deus que todos os partidos não obedeçam senão a semelhantes inspirações: a paz não tardaria a reinar sobre a Terra.

(Paris, 10 de dezembro de 1864; méd. Sr. Delanne.)

Meus filhos, estas perseguições, como tantas outras, cairão e não podem ser nocivas à causa do Espiritismo; os bons Espíritos velam pela execução das ordens do Senhor: nada tendes a temer; no entanto, é uma advertência para vos manter em guarda e agir com prudência. É uma tempestade que estoura, como *é* preciso esperar ver estourar muitas outras, assim como vos anunciamos; porque não se deve crer que os vossos inimigos se darão facilmente por batidos; não, eles lutarão pé a pé até que estejam convencidos da impossibilidade. Deixai-os, pois, lançar seu veneno sem vos inquietar do que possam dizer, uma vez que sabeis bem que nada podem contra a doutrina que deve triunfar assim mesmo; eles bem o sentem, e está aí o que os exaspera e redobra o seu furor.

Deve-se esperar que, na luta, farão algumas vítimas, mas aí está a prova pela qual o Senhor reconhecerá a coragem e a perseverança de seus verdadeiros servidores. Que mérito teríeis em triunfar sem dificuldade? Como

valentes soldados, as feridas serão as mais recompensadas; e que glória para aqueles que saírem da refrega mutilados e cobertos de honrosas cicatrizes! Se um povo inimigo viesse invadir vosso país, não sacrificaríeis os vossos bens, a vossa vida por sua independência? Porque, pois, os lamentaríeis por alguns salpicos que recebeis numa luta da qual conheceis o resultado inevitável, e onde estais assegurados da vitória? Agradecei, pois, a Deus por vos ter colocado na primeira linha, para que sejais os primeiros a recolherem as palmas gloriosas que serão o prêmio de vosso devotamento à santa causa. Agradecei aos vossos perseguidores que vos dão a oportunidade de mostrar a vossa coragem e de adquirir mais mérito. Não vades à frente da perseguição, nem a procureis; mas se ela vem, aceitai-a como uma das provas da vida, porque é uma delas, e uma das mais proveitosas para o vosso adiantamento, segundo a maneira pela qual a suportardes. Ocorre com esta prova como todas as outras: pela vossa conduta, podeis fazer que ela seja fecunda ou sem fruto para vós.

Vergonha para aqueles que tiverem recuado e que tiverem preferido o repouso da Terra ao que lhes estava preparado, porque o Senhor levará em conta seus sacrifícios! Ele lhes dirá: "Que pedis, vós que nada perdestes, nada sacrificastes; que não renunciastes nem a uma noite de vosso sono, nem a um pedaço de vossa mesa, nem deixado uma parte de vossas vestes no campo de batalha? Que fizestes durante esse tempo? enquanto os vossos irmãos corriam

diante do perigo? Vós vos mantivestes afastados para deixar passar a tempestade e vos mostrar depois do perigo, ao passo que os vossos irmãos estavam resolutamente lutando."

Pensai nos mártires cristãos! Eles não tinham como vós as comunicações incessantes do mundo invisível para reanimar a sua fé, e, no entanto, não recuavam diante do sacrifício nem de sua vida, nem de seus bens. De resto, o tempo dessas cruéis provas passou; os sacrifícios sangrentos, as torturas, as fogueiras não se renovarão mais; as vossas provas são mais morais do que materiais; por conseguinte, serão menos penosas, mas nem por isto serão menos merecedoras, por que tudo é proporcional ao tempo. Hoje é o espírito que domina; é porque o espírito sofre mais do que o corpo. A predominância das provas espirituais sobre as provas materiais é um indício do adiantamento do espírito. Sabeis, aliás, que muitos daqueles que sofreram pelo cristianismo vêm concorrer ao coroamento da obra, e são aqueles que sustentam a luta com mais coragem; eles acrescentam assim uma palma àquelas que já conquistaram.

O que vos digo, meus amigos, não é para vos convidar a vos lançardes de cabeça baixa na luta; eu vos digo ao contrário: Agi com prudência e circunspecção, no próprio interesse da Doutrina, que perderia com um zelo irrefletido; mas se um sacrifício *é* necessário, fazei-o sem reclamar, e pensai que uma perda temporária nada é junto da compensação que disso recebereis.

Não vos inquieteis com o futuro da Doutrina; entre

aqueles que a combatem hoje, mais de um lhe será defensor amanhã. Os adversários se agitam; num momento dado, eles quererão se reunir para dar um grande golpe e derrubar o edifício começado, mas os seus esforços serão vãos, e a divisão se dará em suas fileiras. Os tempos se aproximam em que os acontecimentos favorecerão a eclosão daquilo que semeais. Considerai a obra na qual trabalhais, sem vos preocupar do que se pode dizer ou fazer. Vossos inimigos têm tudo o que podem para vos empurrar fora dos limites da moderação, a fim de poderem dar um pretexto à suas agressões; seus insultos não têm outro objetivo, mas a vossa indiferença e a vossa paciência os confundem. À violência continuai a opor, pois, *a* doçura e a caridade; fazei o bem àqueles que vos querem o mal, a fim de que, mais tarde, possam distinguir o verdadeiro do falso. Tendes uma arma poderosa: a do raciocínio; servi-vos dela, mas não a mancheis jamais pela injúria, o supremo argumento daqueles que não têm boa razão para dar; esforçai-vos, enfim, pela dignidade de vossa conduta, em fazer respeitar em vós o título de Espírita.

São Luís.

(p. 242-247).

Carta do Sr. Monico

Ao jornal de Mahouna, de Guelma (Argélia)

O jornal *la Mahouna,* de 26 de junho de 1868, publicou a carta seguinte, que reproduzimos com *prazer,* endereçando

ao autor as nossas mais sinceras felicitações.

"Senhor diretor,

"Venho de ler um artigo no *Indépendant,* de Constantinopla, de 20 do corrente, apreciando o papel pouco delicado que teria desempenhado um certo Sr. Home, segundo este jornal (na Inglaterra), iniciando por estas linhas: "Os Espíritas, sucessores dos feiticeiros da idade média, não se limitam mais a indicar aos *imbecis,* seus adeptos, os tesouros ocultos, eles se arranjam para descobri-los em seu proveito." Segue apreciação, etc…

"Permiti-me, senhor redator, servir-me de vosso honrado jornal para protestar energicamente contra o autor dessas linhas tão pouco literárias e tão ofensivas para os adeptos dessas novas ideias, ideias muito certamente desconhecidas, uma vez que são tão falsamente apreciadas.

"O Espiritismo sucede aos feiticeiros, como a astronomia sucedeu aos astrólogos. Quer dizer que esta ciência, tão difundida hoje, que esclareceu o homem fazendo-o conhecer as imensidades siderais que *as* religiões primitivas tinham conformado ao seu ideal e para servir aos seus interesses, esposou todas as elucubrações fantásticas e grosseiras dos astrólogos de outrora?

"Não o pensais.

"Do mesmo modo, o Espiritismo, tão depreciado por aqueles que não o conhecem, vem destruir os erros dos feiticeiros e revelar uma ciência nova à Humanidade. Ele vem

explicar esses fenômenos até aqui incompreendidos, que a ignorância popular atribuía *ao milagre.*

"Longe de esposar as superstições de uma outra época, que os feiticeiros, os mágicos, etc., toda essa multidão de párias rebeldes à civilização, empregando esses meios a fim de explorar a ignorância e de especular sobre os vícios, ele vem, digo eu, destruí-los e ao mesmo tempo trazer a serviço do homem uma força imensa bem superior a todas aquelas trazidas pelas filosofias antigas e modernas.

"Essa força é esta: *conhecimento do passado e do futuro* reservado ao homem, respondendo a estas perguntas: De onde venho? Para onde vou? "Essa dúvida terrível, que pesava sobre a consciência humana, o Espiritismo vem explicá-la; não só teoricamente e por abstração, mas materialmente, quer dizer, por *provas acessíveis aos nossos sentidos, e* fora de todo aforismo e sentença teológica.

"As antigas opiniões, frequentemente nascidas da ignorância *e* da fantasia, desaparecem pouco a pouco para darem lugar a convicções novas, fundadas sobre a observação, e cuja realidade é das mais manifestas; a marca dos velhos preconceitos se apaga, e o homem mais refletido, estudando com mais atenção esses fenômenos reputados *sobrenaturais,* neles encontrou o *produto de uma vontade se manifestando fora dele.*

"Pelo fato dessa manifestação, o universo aparece, para o Espírita, como mecânico conduzido por um número

infinito de inteligências, um imenso governo onde cada ser inteligente tem a sua parte de ação sob o olhar de Deus, seja no estado de homem, seja no estado de alma ou Espírito. A morte para ele não é um espantalho fazendo tremer, nem o nada; ela não é senão o ponto extremo de uma fase do ser e o começo de uma outra, quer dizer, muito simplesmente uma transformação.

"Eu me detenho, não tendo a pretensão de fazer um curso de Espiritismo, ainda menos a de convencer o meu adversário; mas não posso deixar ofender urna doutrina proclamando por princípio *a liberdade de consciência e as máximas do Cristianismo mais depuradas,* sem protestar de toda a minha alma.

"O Espiritismo tem por inimigo aqueles que não o estudaram, nem a sua parte filosófica, nem a sua parte experimental; é por isto que qualquer um, sem se dar ao trabalho de se esclarecer, se arroga o direito, *a priori,* de tratá-lo de absurdo.

"Mas, infelizmente para o homem, isto tem sido sempre assim cada vez que uma nova ideia surgiu; aí está a história para prová-lo.

"O Espiritismo estando em acordo com as ciências de nossa época (ver *a Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo),* seus representantes mais autorizados, e todos os escritos saídos do seu seio, declararam que estava pronto para aceitar *todas as ideias*

baseadas nas verdades científicas e rejeitar aquelas que seriam reconhecidas estarem *manchadas de erro;* em uma palavra, que ele quer caminhar à frente do progresso humano.

"Os adeptos desta Doutrina, em lugar de se esconderem na sombra e de reunirem nas catacumbas, procedem de todo outro modo; é em plena luz e publicamente que emitem as suas ideias e se exercitam na prática de seus princípios. A opinião espírita está representada na França por cinco revistas ou jornais; na Inglaterra, na Alemanha, na Itália e na Rússia por quinze folhas hebdomadárias; nos Estados Unidos da América, esse país de liberdade e de progresso de todo gênero, por numerosos jornais ou revistas, e os adeptos do Espiritismo se contam nesse país por milhões, que involuntariamente e sem reflexão o autor do artigo do *Indépendant* trata de *imbecis.*

"Nossa época tão distante dos atos de intolerância religiosa, e das excomunhões do Vaticano, deveria melhor inspirar o respeito às opiniões contrárias.

"Aceitai, etc.

"JULES MONICO."

O mesmo jornal, de 17 de julho, contém um outro artigo do Sr. Monico, que anuncia dever nele publicar uma série em resposta a alguns ataques dos antagonistas do Espiritismo. Nele vemos igualmente anunciada, como estando no prelo, uma brochura do mesmo autor, intitulada: *a*

Liberdade de consciência e devendo aparecer na primeira quinzena do mês de agosto. Preço: 1 franco.

(p. 254-256).

Revista Espírita de janeiro 1869

Do Espiritismo do ponto de vista católico

Extrato do Journal *le Voyageur de commerce,* de 22 de novembro de 1868 ([28]).

Algumas páginas sinceras sobre o Espiritismo, escritas por um homem de boa fé, não poderiam ser inúteis nesta época, e é talvez tempo que a justiça e a luz se façam sobre uma questão que, se bem que contando hoje no mundo inteligente adeptos numerosos, não é por isso menos renegada no domínio do absurdo e do impossível por espíritos levianos, imprudentes e pouco se importando com o desmentido que o futuro possa lhes dar.

Seria curioso interrogar hoje esses pretensos sábios que, do alto de seu orgulho e de sua ignorância, decretavam, há pouco tempo ainda, com um desdém soberbo, a loucura desses homens gigantes que procuravam, ao vapor e à eletricidade, aplicações novas. A morte felizmente os poupou dessas humilhações.

---

[28] O *Voyageur de commerce,* aparece todos os domingos. – Secretaria: 3, bairro Saint-Honoré. Preço: 22 fr. por ano; 12 fr. por seis meses; 6 fr. 50 por três meses.

Do fato de que esse jornal publicou o artigo que se vai ler, que é a expressão do pensamento do autor, com isto não prejulgamos nada sobre suas simpatias pelo Espiritismo, porque nós não o conhecemos senão por esse número que consentiram em nos remeter.

Para colocar nitidamente a nossa situação, faremos ao leitor uma profissão de fé de algumas linhas:

Spirite, Avatar, Paul d'Apremont nos provam incontestavelmente o talento de Théophile Gautier, esse poeta que o maravilhoso sempre o atraiu; esses encantadores livros são de pura imaginação e se estaria errado em ali procurar outra coisa; o Sr. Home era um prestidigitador hábil; os irmãos Davenport charlatães inábeis.

Todos aqueles que quiseram fazer do Espiritismo um assunto de especulação são da alçada, em nossa opinião, da polícia correcional ou do tribunal criminal, e eis porque: Se o Espiritismo não existe, são impostores passíveis da penalidade infligida ao abuso de confiança; se existe, ao contrário, é na condição de ser a coisa sagrada por excelência, a mais majestosa manifestação da divindade. Admitindo-se que o homem, passando por cima do túmulo, pode penetrar com os próprios pés na outra vida, corresponder com os mortos e ter assim a única prova irrecusável, – porque ela seria material, – da imortalidade da alma, não seria um sacrilégio entregar a saltimbancos o direito de profanar os mais santos dos mistérios, e de violar, sob a proteção dos magistrados, o segredo eterno dos túmulos? O bom senso, a moral, a própria segurança dos cidadãos exigem imperiosamente que esses novos ladrões sejam expulsos do templo, e que nossos teatros e nossas praças públicas sejam fechadas a esses falsos profetas que lançam nos espíritos fracos um terror do qual a loucura muito

frequentemente foi a consequência.

Isto posto, entremos no próprio coração da questão.

Ao ver as escolas modernas que fazem tumulto ao redor de certos princípios fundamentais e de certezas adquiridas, é fácil compreender que o século de dúvida e de desencorajamento em que vivemos está tomado de vertigem e de cegueira.

Entre todos esses dogmas, o que foi o mais agitado, foi, sem contradita, o da imortalidade da alma.

É que com efeito tudo está lá: é questão por excelência, é o homem todo inteiro, é seu presente, é seu futuro; é a sanção da vida, é a esperança da morte; é a ela que vem se ligar todos os princípios da existência de Deus, da alma, da religião revelada.

Admitida esta verdade, não é mais a vida que deve nos inquietar, mas o fim da vida; os prazeres se apagam para deixar lugar ao dever; o corpo não é mais nada, a alma é tudo; o homem desaparece e só Deus reluz em sua eterna imensidade.

Portanto, a grande palavra da vida, a única, é a morte ou antes, a nossa transformação. Estando chamados a passar sobre a Terra como fantasmas, é para esse horizonte que se entreabre do outro lado que devemos levar nossos olhares; viajantes de alguns dias, é na partida que convém nos informar sobre o objetivo de nossa peregrinação, de pedir à vida o segredo da eternidade, de colocar os primeiros passos

de nosso caminho, e, passageiros da morte para a vida segurar com mão segura o fio que atravessa o abismo.

Pascal disse: "A imortalidade da alma é uma coisa que nos importa tão grandemente e que nos toca tão profundamente, que é preciso ter perdido todo sentimento para estar na indiferença de saber o que ela é. Todas as nossas ações, todos os nossos pensamentos devem tomar caminhos diferentes, segundo o que haverá a esperar bens eternos a esperar ou não, que é impossível fazer uma tentativa com sentido e julgamento senão em se regulando pela visão desse plano que deve ser nosso primeiro objeto".

Em todas as épocas, o homem teve por patrimônio comum a noção da imortalidade da alma, e procurou se apoiar sobre provas dessa ideia consoladora; acreditou encontrá-la nos usos, nos costumes de diferentes povos, nos relatos dos historiadores, nos cantos dos poetas; sendo anterior a todo sacerdote, a todo legislador, a todo escritor, não tendo saído de nenhuma seita, de nenhuma escola, e existindo entre os povos bárbaros, como entre as nações civilizadas, de onde viria ela, se não é de Deus que é a verdade?

Ai! essas provas que o medo do nada se criou não são pelo fato que as esperanças de um futuro construído sobre uma praia de areia e cascalho incerta, sobre uma areia movediça; e as deduções da lógica mais rigorosa jamais chegarão à altura de uma demonstração matemática.

Esta prova material, irrecusável, justa como um princípio divino e como uma adição ao mesmo tempo, se encontra inteiramente no Espiritismo e não poderia se encontrar em outra parte. Considerando-a desse ponto de vista elevado, como uma âncora de misericórdia, como a tábua suprema de salvação, pode se dar uma conta mais fácil do número de adeptos que esse novo altar, todo católico, agrupou ao redor de seus degraus; porque não é preciso nisso se enganar, é lá e não em outra parte que é preciso procurar a origem do sucesso que essas novas doutrinas fizeram nascer junto aos homens que brilham na primeira classe da eloquência sagrada ou profana, e cujos nomes têm uma notoriedade merecida nas ciências e nas letras.

O que é, pois, o Espiritismo?

O Espiritismo, na definição mais ampla, é a faculdade, que certos indivíduos possuem, de entrarem relação, por meio de um intermediário ou médium, que não é senão um instrumento em suas mãos, com o espírito de pessoas mortas e habitando um outro mundo. Este sistema, que se apoia, dizem os crentes, sobre um grande número de testemunhos, oferece uma singular sedução, menos ainda por seus resultados do que por suas promessas.

Nesta ordem de ideias, o sobrenatural não *é* mais um limite, a morte não é mais uma barreira, o corpo não é mais um obstáculo à alma, que dele se desembaraça depois da vida, como, durante a vida, dele se desembaraça momentaneamente no sonho. Na morte, o Espírito está livre;

se for puro, ele se eleva às esferas que nos são desconhecidas; se for impuro, ele erra ao redor da Terra, põe-se em comunicação com o homem, que ele trai, que ele engana e que ele corrompe. Os espíritas não creem nos bons Espíritos; o clero, conformando-se ao texto da Bíblia, não crê igualmente senão nos maus, e os encontra nesta passagem: "Tomai guarda, porque o demônio roda ao vosso redor e vos espreita como um leão procurando sua presa, quoerens quem devoret".

Assim, o Espiritismo não é uma descoberta moderna. Jesus expulsava os demônios do corpo dos possessos, e Diodore de Sicile fala dos fantasmas; os deuses lares dos Romanos, seus Espíritos familiares, que eram pois?

Mas, então, por que repelir de partido tomado e sem exame um sistema, perigoso certamente do ponto de vista da razão humana, mas cheio de esperanças e de consolações? A noz vômica sabiamente administrada é um de nossos mais poderosos remédios; porque ela é um veneno violento nas mãos dos inábeis, isso é uma razão para proscrevê-la do Códex?

O Sr. Baguenault de Puchesse, um filósofo e um cristão, de cujo livro fiz numerosos empréstimos, porque suas ideias são as minhas, disse, em seu belo livro da *Immortalité,* a propósito do Espiritismo: "Suas práticas inauguram um sistema completo que compreende o presente e o futuro, que traça os destinos do homem, lhe abre as portas da outra vida, e o introduz no mundo sobrenatural. A alma sobrevive ao

corpo, uma vez que ela aparece e se mostra depois da dissolução dos elementos que o compõem. O princípio espiritual se liberta, persiste e, por seus atos, afirma sua existência. Desde então o materialismo está condenado pelos fatos; a vida de além-túmulo se torna um fato certo e como que palpável; o sobrenatural se impõe assim à ciência e, em se submetendo ao seu exame, não lhe permite mais repeli-lo teoricamente e declará-lo, em princípio, impossível".

O livro que assim fala do Espiritismo está dedicado a uma das luzes da Igreja, a um dos mestres da Academia francesa, a uma ilustração de cartas contemporâneas, que respondeu:

"Um belo livro, sobre um grande assunto, publicado pelo presidente de nossa Academia de Sainte-Croix, será uma honra para vós e para a nossa academia inteira. Não poderíeis escolher uma questão mais alta nem mais importante para estudar na hora presente… Permiti-me, pois, senhor e querido amigo, vos oferecer, pelo belo livro que dedicais à nossa Academia e pelo bom exemplo que nos dais, todas as minhas felicitações e todos os meus agradecimentos, com a homenagem de meu religioso e profundo devotamento.

"FÉLIX, *bispo de Orléans."*

"Orléans, 28 de março de 1864."

O artigo está assinado por *Robert de Salles.*

O autor, evidentemente, não conhece o Espiritismo senão de maneira incompleta, como o provam certas

passagens de seu artigo; no entanto, considera-o como uma coisa muito séria, e, com algumas exceções, os espíritas não podem senão aplaudir o conjunto de suas reflexões. Ele está, sobretudo, no erro quando diz que os espíritas não creem nos bons Espíritos, e também na definição que dá como a mais larga expressão do Espiritismo; é, diz ele, a faculdade que possui certos indivíduos, de entrar em relação com o Espírito de pessoas mortas.

A mediunidade, ou a faculdade de se comunicar com os Espíritos, não constitui o fundo do Espiritismo, sem isto, para ser espírita, seria preciso ser médium; não está ali senão um acessório, um meio de observação, e não a ciência que está toda inteira na doutrina filosófica. O Espiritismo não está mais enfeudado nos médiuns do que a astronomia o está numa luneta; e a prova disto é o que se pode fazer do Espiritismo sem médiuns, como se o fez da astronomia muito tempo antes dos telescópios. A diferença consiste em que, no primeiro caso, faz-se da ciência teórica, ao passo que a mediunidade é o instrumento que permite assentar a teoria sobre a experiência. Se o Espiritismo estivesse circunscrito na faculdade mediúnica, sua importância seria singularmente diminuída e, para muitas pessoas, se reduziria a fatos mais ou menos curiosos.

Lendo esse artigo, pergunta-se se o autor crê ou não no Espiritismo; porque não o coloca, de alguma sorte, senão como uma hipótese, mas como uma hipótese digna da mais séria atenção. Se é uma verdade, diz ele, é uma coisa

sagrada por excelência, que não deve ser tratada senão com respeito, e cuja exploração não poderia ser difamada e perseguida com muita severidade.

Não é a primeira vez que essa ideia é emitida, mesmo pelos adversários do Espiritismo, e há que se notar que é sempre o lado pelo qual a crítica crê colocar a doutrina em falta, em atacando aos abusos do tráfico quando para isso encontra ocasião; é que ela sente que esse seria o lado vulnerável, e pelo qual poderia acusá-lo de charlatanismo; eis porque a malevolência se obstina em abraçar os charlatães, os ledores de sorte e outros industriais da mesma espécie, esperando por esse meio dar a mudança e tirar-lhe o caráter de dignidade e de seriedade que faz a sua força. O levante geral contra os Davenport, que tinham acreditado poder impunemente colocar os Espíritos em cena nos teatros, prestou um imenso serviço; em sua ignorância do verdadeiro caráter do Espiritismo, a crítica, então, acreditou feri-lo de morte, ao passo que ela não desacreditou senão os abusos contra os quais todos os espíritas sinceros têm protestado.

Qualquer que seja a crença do autor, e apesar dos erros contidos em seu artigo, devemos nos felicitar de ver a questão ali tratada com a seriedade que o assunto comporta. A imprensa tem raramente ouvido falar num sentido tão sério, mas há começo para tudo.

(p. 10-15).

Processo das envenenadoras de Marseille

O nome do Espiritismo se acha incidentalmente misturado a esse deplorável assunto; um dos acusados, o herborista Joye, disse que dele tinha se ocupado, e que interrogou os Espíritos; isto prova que fosse Espírita e pode-se disso inferir alguma coisa contra a Doutrina? Sem dúvida, aqueles que querem desacreditá-la não deixarão de procurar um pretexto de acusação; mas se as diatribes da malevolência foram até este dia sem resultado, é que sempre foram levadas em falso, e o mesmo se dá aqui. Para saber se o Espiritismo incorre em alguma responsabilidade nesta circunstância, o meio é bem simples: é de se perguntar da *boa fé,* não nos adversários, mas na própria fonte, do que ele prescreve e do que ele condena; não há nada de secreto; seus ensinos estão à luz e cada um pode controlá-los. Se, pois, os livros da Doutrina não encerram senão instruções de natureza a levar o bem; se condenam de maneira explícita e formal todos os atos desse homem, as práticas aos quais se entregou, o papel ignóbil e ridículo que atribui aos Espíritos, é que nele não retirou suas inspirações; não é um homem imparcial que lhe convenha e não declara o Espiritismo fora de causa.

O Espiritismo não reconhece por seus adeptos senão aqueles que colocam em prática os seus ensinos, quer dizer, que trabalham pela sua própria melhoria moral, porque é o sinal característico do verdadeiro Espírita. Ele não tem mais responsabilidade de seus atos do que aqueles que se comprazem em dizer-se espíritas, do que a verdadeira ciência

não é do charlatanismo dos escamoteadores que se intitulam *professores de física,* nem a sã religião dos abusos cometidos em seu nome.

A acusação disse, a propósito de Joye: "Encontrou-se em sua casa um registro que dá uma ideia de seu caráter e de suas ocupações. Cada página teria sido escrita, segundo ele, sob o ditado dos Espíritos, e ele é todo cheio de suspiros ardentes por Jesus Cristo. A cada folha trata-se de Deus, e os santos são invocados. Ao lado, pode-se dizer, estão os escritos que podem dar uma ideia das operações habituais do herborista:

"Por *Espiritismo,* 4 fr. 25. – Doentes, 6 fr. – Cartas, 2 fr. – Malefícios, 10 fr. – Exorcismos, 4 fr. – Varinha divinatória, 10 fr. – Malefícios para tirara sorte, 60 fr." E muitas outras designações, entre as quais se encontram malefícios à saciedade e que terminam por esta menção: "Fiz em janeiro 226 fr. Os outros meses foram menos rendosos."

Já se viu nas obras da Doutrina Espírita a apologia de semelhantes práticas, nem o que quer que seja para provocá-las? Não se vê nela, ao contrário, que repudia toda solidariedade com a magia, a feitiçaria, os sortilégios, os tiradores de carta, adivinhos, ledores de sorte, e todos aqueles que têm o ofício de comerciar com os Espíritos, em pretendendo tê-los às suas ordens a tanto por sessão?

Se Joye tivesse sido espírita, teria primeiro considerado como uma profanação fazer os Espíritos

intervirem em semelhantes circunstâncias; por outro lado, ele teria sabido: que os *Espíritos não estão às ordens de ninguém* e que não vêm nem sob comando, nem por influência de algum sinal cabalístico; que os Espíritos são as almas dos homens que viveram sobre a Terra ou em outros mundos, nossos parentes, nossos amigos, nossos contemporâneos ou nossos ancestrais; que foram homens como nós, e que depois de nossa morte seremos Espíritos como eles; que os gnomos, duendes, demônios são criações de pura fantasia e não existem senão na imaginação; que os Espíritos são livres, mais livres do que quando estavam encarnados, e que pretender submetê-los aos nossos caprichos e à nossa vontade, fazê-los agir e falar à nossa maneira para nosso divertimento ou nosso interesse, é uma ideia quimérica; que eles vêm quando querem, da maneira que querem, e que isto lhe convenha; que o objetivo providencial das comunicações com os Espíritos é a nossa instrução e a nossa melhoria moral, e não nos ajudar nas coisas materiais da vida que podemos fazer ou encontrar nós mesmos, e ainda menos de servir à cupidez; enfim, que, em razão de sua própria natureza, e do respeito que se deve às almas daqueles que viveram, é também irracional quanto imoral ter escritório aberto de consultas ou de exibições dos Espíritos. Ignorar essas coisas, é ignorar o a *b* c do Espiritismo; e quando a crítica o confunde com a cartomancia, a quiromancia, os exorcismos, as práticas com os feitiços, malefícios, encantamentos, etc., ela prova que não sabe dele a primeira palavra; ora, negar ou condenar uma doutrina que não se

conhece é faltar à lógica mais elementar; emprestar-lhe ou lhe fazer dizer precisamente o contrário daquilo que ela diz, é da calúnia ou da parcialidade.

Uma vez que Joye misturava aos seus procedimentos o nome de Deus, de Jesus e a invocação dos santos, podia muito bem ali misturar o nome do Espiritismo, o que não prova mais contra a Doutrina, quanto seu simulacro de devoção não prova contra a sã religião. Ele não era, pois, mais espírita, porque interrogava supostamente os Espíritos, quanto as mulheres Lamberte e Dye não eram verdadeiramente piedosas, porque faziam queimar as velas, à *Bonne-Mère,* Notre-Dame-de-la-Garde, para o sucesso de seus envenenamentos. Aliás, se tivesse sido Espírita, não seria mesmo para lhe vir o pensamento de fazer servir à perpetração do mal, uma doutrina cuja primeira lei é o amor ao próximo, e que tem por divisa: Fora da *caridade, não há salvação.* Se se imputasse ao Espiritismo a incitação a semelhantes atos, poder-se-ia, sob o mesmo título, fazer-lhe cair a responsabilidade sobre a religião.

Eis, a esse respeito, algumas reflexões do *Opinion nationale,* de 8 de dezembro:

"*Le monde* acusa *le Siècle*, os maus jornais, as más reuniões, os maus livros, a cumplicidade no assunto das envenenadoras de Marseille.

"Lemos, com uma curiosidade dolorosa, os debates deste estranho negócio; mas não vimos em nenhuma parte

que o feiticeiro Joye ou a feiticeira Lamberte tenham sido subscritores ao *Siècle*, ao *Avenir ou* ao *Opinion.* Encontrou-se um único jornal na casa de Joye: era um número do *Diable, Journal de l'enfer.* As viúvas que figuram nesse amável processo estão bem longe de ser livres pensadoras. Elas fazem queimar as velas à boa Viagem, para obter de Notre-Dame a graça de envenenar tranquilamente seus maridos. Encontra-se no negócio todo velho atrativo da Idade Média: ossos de morto recolhidos no cemitério, *encantamento,* que não é outro senão os atos de feitiçaria do tempo da rainha Margot. Todas essas senhoras foram educadas, não nas escolas Elisa Lemonnier, mas na das boas irmãs. Juntai às superstições católicas as superstições modernas, espiritismo e outros charlatanismos. Foi o absurdo que conduziu essas senhoras ao crime. É assim que na Espanha, perto das bocas do Ebro, vê-se, na montanha, uma capela levantada à Notre-Dame dos ladrões.

"Semeai a superstição, colhereis o crime. É por isto que pedimos que se semeie a ciência. "Esclarecei essa cabeça do povo, disse Victor Hugo, não tereis mais necessidade de cortá-la." – J. Labbé.

O argumento, tirado do fato de que os acusados não eram assinantes de certos jornais, não é exato, porque sabe-se que não é necessário ser assinante de um jornal para lê-lo, sobretudo nessa classe de indivíduos. O *Opinion nationale* teria, pois, podido se encontrar nas mãos de alguns dentre eles, sem que se fizesse disso direito de se tirar alguma

consequência contra esse jornal. Que teria ela dito se Joye tivesse pretendido estar inspirado nas doutrinas desta folha? Ela teria respondido: Lede-a, e vede se nela encontrareis uma única palavra própria para superexcitar as más paixões. O padre Verger tinha certamente em sua casa o Evangelho; bem mais: pela sua condição deveria estudá-lo; pode-se dizer que seja o Evangelho que o impeliu ao assassinato do arcebispo de Paris? Foi o Evangelho que armou o braço de Ravaillac e de Jacques Clément? que acendeu as fogueiras da Inquisição? E, no entanto, foi em nome do Evangelho que todos esses crimes foram cometidos.

O autor do artigo diz: "Semeai a superstição, e colhereis o crime;" ele tem razão, mas onde há de errado é confundir o abuso de uma coisa com a própria coisa; se se quisesse suprimir tudo do que se pode abusar, não se vê muito o que escaparia da proscrição, sem dela isentara imprensa. Certos reformadores modernos se assemelham aos homens que queriam cortar uma árvore por dar alguns frutos bichados.

Ele acrescenta: "É por isto que pedimos que se semeie a ciência." Ele tem ainda razão, porque a ciência é um elemento de progresso, mas ela basta para a moralização completa? Não se veem homens pôr o seu saber a serviço das más paixões? Lapommeraie não era um homem instruído, um médico formado, gozando de um certo crédito, e, além disto, um homem do mundo? Ocorreu o mesmo com Castaing e tantos outros. Pode-se, pois, abusar da ciência; disto é

preciso concluir que a ciência é uma coisa má? E do fato que um médico faliu, a falta deve recair sobre todo o corpo médico? Por que, pois, imputar ao Espiritismo a de um homem a quem aprouve se dizer espírita, e que não o era? A primeira coisa, antes de fazer um julgamento qualquer, era se perguntar se tinha podido encontrar na Doutrina Espírita máximas de natureza a justificar seus atos. Porque a ciência médica não é solidária com crime de Lapommeraie? Porque este último não pôde haurir nos princípios dessa ciência a incitação ao crime; ele empregou para o mal os recursos que ela fornece para o bem; e, no entanto, era mais médico do que Joye era espírita. É o caso de se aplicar o provérbio: "Quando se quer matar seu cão, diz-se que ele está raivoso".

A instrução é indispensável, ninguém o contesta; mas, sem a moralização, não é senão um instrumento, muito frequentemente improdutivo para quem não sabe regular o seu uso tendo em vista o bem. Instruir as massas sem moralizá-las é colocar em suas mãos uma ferramenta sem lhes ensinar a dela se servirem, porque a moralização que se dirige ao coração não segue necessariamente a instrução que não se dirige senão à inteligência; a experiência aí está para prová-lo. Mas, como moralizar as massas? É do que se tem menos ocupado, e não será certamente nutrindo-as da ideia de que não há nem Deus, nem alma, nem esperança, porque todos os sofismas do mundo não demonstrarão que o homem que crê que tudo, para ele, começa e acaba com o seu corpo, tem mais poderosas razões de se constranger para se

melhorar, do que aquele que compreende a solidariedade que existe entre o passado, o presente e o futuro. No entanto, é nessa crença no nada que uma certa escola de supostos reformadores pretende impor, à Humanidade, como elemento por excelência do progresso moral.

O autor, em citando Victor Hugo, esquece, ou melhor, não desconfia que este último tem abertamente afirmado, em muitas ocasiões, sua crença nos princípios fundamentais do Espiritismo; é verdade que não é do Espiritismo à maneira de Joye; mas quando não se sabe, pode-se confundir.

Por lamentável que seja o abuso que foi feito do nome do Espiritismo nesse processo, nenhum espírita se emocionou com as consequências que poderiam dele resultar para a Doutrina; é que, com efeito, sua moral sendo inatacável ela não pode sofrer nenhum ataque; a experiência prova, ao contrário, que não há uma única das circunstâncias que se fez ressoar o nome do Espiritismo que não haja voltado em seu proveito por um crescimento do número de adeptos, porque o exame que a ressonância provoca não pode ser senão em sua vantagem. Há que se notar, no entanto, que neste caso, com muito pouca exceção, a imprensa se absteve de todo comentário a respeito do Espiritismo; há alguns anos ela lhe teria franqueado suas colunas durante dois meses, e não teria deixado de apresentar Joye como um dos grandes sacerdotes da doutrina. Pôde-se notar, igualmente, que nem o presidente da Corte, nem o procurador-geral em seu requisitório, não pesaram sobre essa circunstância e dela não

tiraram nenhuma indução. Só o advogado de Joye fez seu ofício de defensor como pôde.

(p. 15-20).

Revista Espírita de fevereiro 1869

Estatística do Espiritismo

Apreciação pelo jornal *la Solidarité* ([29])

O jornal *la Solidarité,* de 15 de janeiro de 1869, analisa a *estatística do Espiritismo que* publicamos em nosso precedente número; se dela critica alguns números, estamos felizes de sua adesão ao conjunto do trabalho que aprecia nestes termos:

"Lamentamos não poder reproduzir, por falta de espaço, as reflexões muito sábias com as quais o Sr. Allan Kardec faz seguir essa estatística. Limitar-nos-emos a constatar com ele que há espíritas em todos os graus da escala social; que a grande maioria dos espíritas se encontra entre as pessoas esclarecidas e não entre os ignorantes; que o Espiritismo se propagou por toda a parte do alto a baixo da escala social; que a aflição e a infelicidade são os grandes recrutadores do Espiritismo, em consequência das consolações e das esperanças que dá àqueles que choram e lamentam; que o Espiritismo encontra um mais fácil acesso entre os incrédulos em matérias religiosas do que entre as pessoas que têm uma fé estagnada; enfim, que depois dos

[29] O jornal la Solidarité aparece duas vezes por mês. Preço: 10fr. Por ano. Paris, livraria das ciências sociais, rue des Saints-Pères, n°. 13.

fanáticos, os mais refratários às ideias espíritas são as pessoas das quais todos os pensamentos são concentrados sobre a posse e os gozos materiais, qualquer que seja, aliás, a sua condição".

É um fato de capital importância que esteja constatado que, por toda a parte, "a grande maioria dos espíritas se encontra entre as pessoas esclarecidas e não entre os ignorantes." Em presença deste fato material, em que se torna a acusação de estupidez, ignorância, loucura, inépcia, lançada tão estouvadamente contra os espíritas pela malevolência?

O Espiritismo se propagando do alto a baixo da escala, prova além disso que as classes favorecidas compreendem a sua influência moralizadora sobre as massas, uma vez que se esforçam por fazê-lo nele penetrar. É que, com efeito, os exemplos que se tem sob os olhos, embora parciais e ainda isolados, demonstram de maneira peremptória que o espírito do proletariado seria diferente se estivesse imbuído dos princípios da Doutrina Espírita.

A principal objeção de *la Solidarité,* e ela é muito séria, se dirige sobre o número dos espíritas do mundo inteiro. Eis o que diz a esse respeito:

"A *Revista Espírita* se engana de muito quando não estima senão em seis ou sete milhões o número dos espíritas pelo mundo inteiro. Ela esquece, evidentemente, de contar a Ásia.

"Se, pela palavra espírita, entendem-se as pessoas que creem na vida de além-túmulo e nas relações dos vivos com a alma das pessoas mortas, é por centenas de milhões que é preciso contá-los. A crença nos espíritos existe em todos os sectários do budismo, e pode-se dizer que ela faz o fundo de todas as religiões do extremo Oriente. Ela é sobretudo geral na China. As três antigas seitas que há muito tempo dividem as populações no império do Meio, acreditam nos manes, nos Espíritos, e deles professam o culto. – Pode-se mesmo dizer que lá está para eles um terreno comum. Os adoradores do *Tão e* de *Fo* se encontram com os sectários do filósofo *Koung-fou-tseu.*

Os sacerdotes da seita de Lao-Tseu, e particularmente os Tao-Tse, ou doutores *da Razão,* devem às práticas espíritas uma grande parte de sua influência sobre as populações. – Esses religiosos interrogam os Espíritos e obtêm respostas escritas que não têm nem mais nem menos valor do que as de nossos médiuns. São conselhos e avisos considerados como sendo dados aos vivos pelo Espírito de um morto; encontram-se aí revelações de segredos conhecidos unicamente pela pessoa que interroga, algumas vezes predições que se realizam ou não se realizam mas que são de natureza a tocar os ouvintes e a estimular bastante seus desejos para que se encarreguem de *cumprirem,* eles mesmos, o *oráculo.*

"Essas correspondências se obtêm por procedimentos que não diferem muito daqueles de nossos espíritas, mas

que, no entanto, devem ser mais aperfeiçoados considerando-se a longa experiência dos operadores que as praticam tradicionalmente.

"Eis como nos foram descritas por uma testemunha ocular, o Sr. D…, que mora na China há muito tempo e que é familiar com a língua do país.

"Uma vara de pescar, de uns 50 a 60 centímetros, é mantida em suas duas extremidades por duas pessoas, das quais uma é o médium e a outra o interrogador. No meio dessa vara, teve-se o cuidado de chumbar ou amarrar uma pequena varinha do mesmo material, bastante semelhante a um lápis pelo comprimento e espessura. Abaixo desse pequeno aparelho, encontra-se derramada uma camada de areia, ou uma caixa contendo milho miúdo. À varinha, em passeando *maquinalmente* sobre essa areia ou sobre esses grãos, traça os caracteres. Estes caracteres, à medida que se formam, são lidos e reproduzidos imediatamente sobre o papel por um letrado presente à sessão. Disto resultam frases e escritos mais ou menos longos, mais ou menos interessante, mas tendo sempre um valor lógico.

"Se se acredita nos Tao-Tse, esses procedimentos lhes vêm do próprio Lao-Tseu. Ora, se, segundo a história, Lao-Tseu viveu no sexto século antes de Jesus Cristo, é bom lembrar que, segundo a lenda, ele é como o *Verbo* dos cristãos, anterior ao *começo* e contemporâneo da grande *não-entidade,* como se expressam os doutores *da Razão.*

"Vê-se que o Espiritismo remonta a uma bastante bela antiguidade.

"Isso não prova que seja verdadeiro? – Não, sem dúvida, mas, se basta a uma crença ser antiga para ser venerável, e de ser forte pelo número de seus partidários para ser respeitada, não conheço nenhuma delas que tenha mais títulos ao respeito e à veneração de meus contemporâneos".

Vai sem dizer que aderimos completamente a essa retificação, e estamos felizes que ela emane de uma fonte estranha, porque isto prova que não temos procurado inflar o quadro. Nossos leitores apreciarão, como nós, a maneira pela qual esse jornal, que se recomenda por seu caráter sério, considera o Espiritismo; vê-se que, de sua parte, é uma apreciação motivada.

Sabíamos bem que as ideias espíritas estão propagadas entre os povos do extremo Oriente, e se não os fizemos entrar em linha de conta, foi que, em nossas avaliações, não nos propusemos apresentar, assim como o dissemos, senão o movimento do Espiritismo moderno, reservando-nos fazer mais tarde um estudo especial sobre a anterioridade dessas ideias. Agradecemos muito sinceramente ao autor do artigo de nos ter antecedido.

Aliás, ele disse: "Cremos que essa incerteza (sobre o número real dos espíritas, sobretudo na França) prende-se primeiro à ausência de declarações positivas da parte dos

adeptos; em seguida, ao estado flutuante das crenças. Existe, – e poderíamos disto citar em Paris numerosos exemplos, – uma multidão de pessoas que creem no Espiritismo e *que disto não se gabam."*

Isto é perfeitamente justo; também não falamos senão dos espíritas de fato; de outro modo, como o dissemos, se se compreendessem os espíritas de intuição, só na França seriam contados por milhões; mas preferíamos estar abaixo do que acima da verdade para não ser tachado de exagero. No entanto, é preciso que o crescimento seja muito sensível, para que certos adversários o tenham levado a números hiperbólicos, como o autor da brochura: *le Budget du Spiritisme,* que, sem dúvida, vendo os espíritas com uma lente crescente, os avalia, em 1863, em vinte milhões para a França *(Revista Espírita* de junho de 1863, página 175).

A propósito da proporção dos sábios oficiais, na categoria do grau de instrução, o autor diz: "Gostaríamos muito de ver a olho nu esses 4 p. 100 de sábios oficiais: 40.000 para a Europa; 24.000 só para a França; são muitos sábios, e ainda oficiais; 6 p. 100 de iletrados, isto não é quase nada."

A crítica seria fundada se, como o supõe o autor, se tratasse de 4 p. 100 sobre o número aproximado de seiscentos mil espíritas na França, o que faria efetivamente vinte e quatro mil; isto seria muito, com efeito, porque ter-se-ia dificuldade para encontrar esse número de sábios oficiais em toda a população da França. Sobre uma tal base, o

cálculo seria evidentemente ridículo, e poder-se-ia dizê-lo igualmente dos iletrados. Essa avaliação não tem, pois, por objetivo estabelecer o número efetivo dos sábios oficiais espíritas, mas a proporção relativa na qual se encontram com relação aos diversos graus de instrução, entre os quais estão em minoria. Em outras categorias, limitamo-nos a uma simples classificação, sem avaliação numérica a tanto por cento. Quando usamos este último procedimento, não foi para tornar a proporção mais sensível.

Para melhor definir o nosso pensamento, diremos que, por sábios oficiais não entendemos todos aqueles cujo saber é constatado por um diploma, mas unicamente aqueles que ocupam posições oficiais, como membros da Academia, professores de Faculdade, etc., que se acham assim mais em evidência, e dos quais, por esse motivo, o nome faz autoridade na ciência; nesse ponto de vista, um doutor em medicina pode ser muito sábio, sem ser um sábio oficial.

A posição oficial influi muito sobre a maneira de encarar certas coisas; disto citaremos, como prova, o exemplo de um médico distinguido, morto há vários anos, e que conhecemos pessoalmente. Ele era, então, grande partidário do magnetismo, sobre o qual tinha escrito, e isso fez que nos colocássemos em relação com ele. Sua reputação aumentando, ele adquiriu sucessivamente várias posições oficiais. À medida que ele subia, seu fervor pelo magnetismo abaixava; tão bem que, quando ele foi ao mais alto da escala, ele caiu abaixo de zero, porque negava abertamente as suas

antigas convicções. Considerações da mesma natureza podem explicar o lugar de certas classes no que concerne ao Espiritismo.

A categoria dos aflitos, pessoas sem inquietação, felizes do mundo, sensualistas, fornecem ao autor do artigo a seguinte reflexão:

"É pena que aí esteja a pura fantasia. Nada de sensualistas, isso se compreende; Espiritismo e materialismo se excluem. Sessenta aflitos sobre cem espíritas, isto se compreende ainda. É para aqueles que choram que as relações com o mundo espiritual são preciosas. Mas trinta pessoas sobre cem sem inquietação, é muito bonito! Se o Espiritismo opera tais milagres, fará muitas outras conquistas. Ele as fará sobretudo entre os *felizes do mundo,* que são também, quase sempre, os mais inquietos e os mais atormentados".

Há aqui um erro manifesto, porque pareceria que esse resultado é o fato do Espiritismo, ao passo que é ele que haure, nessas categorias, mais ou menos adeptos segundo as predisposições que nelas encontre. Esses números significam simplesmente que ele encontra mais adeptos entre os aflitos; um pouco menos entre as pessoas sem inquietação; menos ainda entre os felizes do mundo, e nada entre os sensualistas.

É preciso primeiro entender-se sobre as palavras. Materialismo e sensualismo não são sinônimos e nem

caminham sempre a par; porque veem-se pessoas, espiritualistas por profissão e por dever, que são muito sensuais, ao passo que há materialistas muito moderados em sua maneira de viver; o materialismo, frequentemente, não é para eles senão uma opinião que abraçaram por falta de encontrarem uma mais racional; é por isso que, quando reconhecem que o Espiritismo enche o vazio feito em sua consciência pela incredulidade, eles o aceitam com alegria: os sensualistas, ao contrário, lhe são os mais refratários.

Uma coisa bastante bizarra é que o Espiritismo encontra mais resistência entre os panteístas em geral, do que entre aqueles que são francamente materialistas. Sem dúvida, isto se prende a que o panteísta quase sempre cria um sistema; ele tem alguma coisa, ao passo que o materialista não tem nada, e que esse vazio o inquieta.

Pelos felizes do mundo, nós entendemos aqueles que passam por tais aos olhos da multidão, porque podem se dar largamente todos os gozos da vida. É verdade que, frequentemente, são os mais inquietos e os mais atormentados; mas de quê? dos cuidados que lhes causam a fortuna e a ambição. Ao lado dessas preocupações incessantes, as ansiedades da perda ou do ganho, da confusão dos negócios para uns, dos prazeres para os outros, e lhes resta pouco tempo para se ocuparem do futuro.

Não podendo ter a paz da alma senão com a condição de renunciarem ao que lhes faz o objeto de suas cobiças, o Espiritismo pouco lhes toca, filosoficamente falando. Com

exceção das penas do coração que não poupam ninguém, a não ser os egoístas, os tormentos da vida estão para eles, o mais frequentemente, nas decepções da vaidade, do desejo de possuir, de brilhar, de comandar. Pode-se, pois, dizer que se atormentam a si mesmos.

A calma, a tranquilidade, ao contrário, encontram-se mais particularmente nas posições modestas, quando o bem-estar da vida ai está assegurado. Aí não há senão pouco de ambição; contentam-se com o que têm, sem se dar os tormentos de aumentá-lo correndo as probabilidades incertas da agiotagem ou da especulação. São aqueles a quem chamamos sem *inquietude,* relativamente falando; por pouco que haja neles da elevação no pensamento, ocupam-se de boa vontade de coisas sérias; o Espiritismo lhes oferece um atraente assunto de meditação, e o aceitam mais facilmente do que aqueles a quem o turbilhão do mundo dá uma febre contínua.

Tais são os motivos dessa classificação que não é, como se vê, tão fantasiosa quanto o supôs o autor do artigo. Nós lhe agradecemos por nos ter fornecido ocasião de reabilitá-lo dos erros que outros poderiam ter cometido, por falta, para nós, de ter sido bastante explícito.

Em nossa estatística, omitimos duas funções importantes por sua natureza, e porque elas contam com um número bastante grande de adeptos sinceros e devotados; são os *prefeitos* e os juízes *de paz,* que estão no quinto lugar com os bedéis e os comissários de polícia.

Uma outra omissão contra a qual ele reclamou com justiça e que se nos pede com instância reparar, é a dos Poloneses, na categoria dos povos. Ela é tanto mais fundada quanto o Espiritismo conta nessa nação numerosos e fervorosos adeptos desde a origem. Como posição, a Polônia vem em quinto, entre a Rússia e a Alemanha.

Para completar a nomenclatura, seria necessário nela compreender outros países como a Holanda, por exemplo, que viria depois da Inglaterra; e Portugal, depois da Grécia; as províncias Danubianas onde há também espíritas, mas sobre os quais não temos dados bastante positivos para assinalar-lhes uma classificação. Quanto à Turquia, a quase totalidade dos adeptos se compõe de Franceses, Italianos e de Gregos.

Uma classificação mais racional e mais exata do que a por regiões territoriais, seria a por raças ou nacionalidades, que não são confinadas nos limites circunscritos, e levam por toda a parte onde estão espalhados sua aptidão mais ou menos grande para assimilar as ideias espíritas. Desse ponto de vista, num mesmo país, haveria, frequentemente, várias distinções a fazer.

A comunicação seguinte foi dada num grupo de Paris, a propósito da classe que ocupam os alfaiates entre as profissões industriais.

(Paris, 6 de janeiro de 1869, grupo Desliens; méd. Sr. Leymarie.)

Criastes as categorias, caro mestre, à frente das quais colocastes certos ofícios. Sabeis, em nossa opinião, o que leva certas pessoas a se fazerem espíritas? São as mil perseguições que sofrem em suas profissões. Os primeiros dos quais falais devem vir da ordem, da economia, do cuidado, do gosto, ser um pouco artistas, e depois ainda ser pacientes, saber esperar, escutar, sorrir e saudar com uma certa elegância. Mas segundo essas pequenas convenções, mais sérias do que se pensa, é preciso ainda calcular, ordenar sua caixa por deve e haver, e sofrer, sofrer continuamente.

Em contato com os homens de todas as classes, cometendo as queixas, as confidências, as velhacarias, as caras falsas, eles aprendem muito! em conduzindo essa vida múltipla, sua inteligência se abre pela comparação; seu espírito fortifica-se pela decepção e o sofrimento; e eis porque certas corporações compreendem e aclamam todos os progressos; elas gostam do teatro francês, a bela arquitetura, o desenho, a filosofia; muito a liberdade e todas as suas consequências. Sempre adiante e à espreita daquilo que consola e faz esperar, elas se dão ao Espiritismo que lhes é uma força, uma promessa ardente, uma verdade que engrandece o sacrifício, e, mais do que acreditais, a parte cotada como n° l em vida de sacrifícios.

SONNET.

(p. 33-40).

O poder do ridículo

Lendo um jornal, encontramos esta frase proverbial: Na *França, o ridículo mata sempre.* Isto nos sugeriu as seguintes reflexões:

Porque na França antes do que outro lugar? é que aí, mais que em outro lugar, o espírito é ao mesmo tempo astuto, cáustico e jovial; compreende à primeira vista o lado cômico ou ridículo das coisas; ele o procura por instinto, sente-o, adivinha-o, fareja-o, por assim dizer; ele descobre onde outros não os percebem, e o coloca em relevo com jeito. Mas o espírito francês quer antes de tudo o bom gosto, a urbanidade até na zombaria; ele ri com boa vontade de um gracejo fino, delicado, espirituoso sobretudo, ao passo que as caricaturas sem sal, a crítica pesada, grosseira, à queima-roupa, semelhante à pata do urso ou ao soco do camponês, lhe repugna, porque tem uma repulsa instintiva pela trivialidade.

Talvez, dir-se-á que certos sucessos modernos parecem desmentir essas qualidades. Haveria muito a dizer sobre as *causas* dessa adivinhação que não é senão muito real, mas que não é senão parcial, e não pode prevalecer sobre o fundo do caráter nacional, assim como o demonstraremos algum dia. Diremos somente, de passagem, que esses sucessos que espantam as pessoas de bom gosto, são em grande parte devidos à curiosidade muito viva também no caráter francês. Mas escutai a multidão ao sair de certas exibições; o julgamento que domina, mesmo na boca do povo, se resume nestas palavras. É enfadonho! e, no

entanto, ali se foi, unicamente para poder dizer que se viu uma excentricidade; ali não se retorna mais, mas, à espera que a multidão dos curiosos tenha desfilado, o sucesso está feito, e é tudo o que se lhe pede. Ocorre o mesmo com certos sucessos supostamente literários.

A aptidão do espírito francês em agarrar o lado cômico das coisas faz do ridículo uma verdadeira força, maior na França do que em outros países; mas é exato dizer que ele mata sempre?

É preciso distinguir o que se pode chamar o ridículo *intrínseco,* quer dizer, inerente à própria coisa, e o ridículo *extrínseco,* vindo de fora, e derramado sobre uma coisa. Sem dúvida, este último pode ser lançado sobretudo, mas não fere senão o que é vulnerável; quando se ataca uma coisa que não lhe dá nenhum ponto de apoio, ele desliza sem lhe levar nenhum insulto. A caricatura mais grotesca de uma estátua irrepreensível não lhe tirará nada de seu mérito, e não a faz decair na opinião, porque cada um pode apreciá-la por si mesmo.

O ridículo não tem força senão quando toca justo, que faz ressaltar com espírito *e* fineza os defeitos reais: é então que ele mata; mas quando cai no falso, não mata nada de todo, ou antes ele mata a si mesmo. Para que o adágio acima seja completamente verdadeiro, é preciso dizer: "Na França, o ridículo mata sempre o *que é ridículo."* O que é realmente verdadeiro, bom e belo jamais é ridículo. Que se ridicularize uma personalidade notoriamente respeitável, o cura Viannet,

por exemplo, se inspirará mágoa, mesmo aos incrédulos, tanto é verdade que o que é respeitável em si é sempre respeitado pela opinião pública.

Todo o mundo não tendo nem o mesmo gosto nem a mesma maneira de ver, o que é verdadeiro, bom e belo para uns, pode não sê-lo pá rã outros; quem, pois, será juiz? O ser coletivo que se chama todo o mundo, e contra as decisões da qual as opiniões isoladas protestam em vão. Algumas individualidades podem ser momentaneamente extraviadas pela crítica ignorante, malevolente ou inconsciente, mas não as massas, cujos julgamentos acabam sempre por triunfar. Se a maioria dos convivas em um banquete encontra uma comida de seu gosto, tivésseis querido dizer que é má, não os impediríeis de comê-la, ou, pelo menos, dela gostar.

Isso nos explica porque o ridículo, derramado em profusão sobre o Espiritismo, não o matou. Se não sucumbiu, não foi por falta de ter sido revirado em todos os sentidos, travestido, desnaturado, grotescamente vestido por seus antagonistas; e, no entanto, depois de dez anos de uma agressão obstinada, está mais forte do que nunca, é que ele é como a estátua da qual falamos há pouco.

Em definitivo, sobre o que o sarcasmo é particularmente exercido, a propósito do Espiritismo? Sobre o que se presta realmente o flanco à crítica: os abusos, as excentricidades, as exibições, as explorações, o charlatanismo sob todas as suas faces, as práticas absurdas, que não lhe são senão a paródia, da qual o Espiritismo sério jamais tomou

a defesa, mas que, ao contrário, sempre desaprovou. O ridículo não tem, pois, atingido, e não pôde corroer senão sobre o que era ridículo na maneira da qual certas pessoas, pouco esclarecidas, concebem o Espiritismo. Se não matou ainda inteiramente esses abusos, dirigiu-lhes um golpe mortal, e era justiça.

O Espiritismo verdadeiro, portanto, não pôde senão ganhar ao ser desembaraçado da praga de seus parasitas, e foram os seus inimigos quem disto se encarregaram. Quanto à doutrina propriamente dita, há que se notar que, quase sempre, ficou fora do debate; e, no entanto, é a parte principal, a alma da causa. Seus adversários compreenderam bem que o ridículo não poderia roçá-lo; sentiram que a fina lâmina da zombaria espirituosa deslizaria sobre essa couraça, foi porque o atacaram com a clava da injúria grosseira, e o soco do camponês, mas com tão pouco sucesso.

Desde o princípio, o Espiritismo pareceu a certos indivíduos sem mais expedientes, uma mina fecunda para explorar por sua novidade; alguns, menos tocado da pureza de sua moral do que das chances que nele entreviam, se puseram sob a égide de seu nome na esperança de dele se fazer um meio; são aqueles que se podem chamar *espíritas de circunstância.*

O que teria se tornado esta doutrina, se ela não tivesse usado de toda sua influência para frustrar e desacreditar as manobras da exploração? Ter-se-iam visto os charlatães pululare m de todas as partes, fazendo uma

mistura sacrílega do que há de mais sagrado; o respeito dos mortos, com a arte pretensiosa dos feiticeiros, adivinhos, tiradores de cartas, ledores de boa sorte, suprindo pela fraude aos Espíritos, quando estes não vêm. Logo ter-se-iam visto as manifestações levadas nos teatros de feiras, unidas nos torneios de escamoteação; os gabinetes de consultas espíritas publicamente ostentados, e revendidos, como agências de empregos, segundo a importância da clientela, como se a faculdade medianímica pudesse se transmitir à maneira de um fundo de comércio.

Por seu silêncio, que teria sido uma aprovação tácita, a doutrina se teria tornado solidária, dizemos mais: cúmplice desses abusos. Então, a crítica teria tido sorte, porque ela teria podido com direito implicar a doutrina que, por sua tolerância, teria assumido a responsabilidade do ridículo, e, consequentemente, da justa reprovação derramada sobre os abusos, talvez tivesse ela tido mais de um século antes de se levantar desse fracasso. Seria preciso não compreender o caráter do Espiritismo, e ainda menos seus verdadeiros interesses, para crer que tais auxiliares possam ser úteis à sua propagação, e sejam próprios para fazê-lo considerar como uma coisa santa e respeitável.

Em estigmatizando a exploração como o fizemos, temos a certeza de ter preservado a doutrina de um verdadeiro perigo, perigo maior do que a má vontade de seus antagonistas confessos, porque não haveria nada menos do que seu descrédito; ela lhes teria, por isso mesmo, oferecido

um lado vulnerável, ao passo que se detiveram diante da pureza de seus princípios. Não ignoramos que suscitamos contra nós a animosidade dos exploradores, e que hostilizamos seus partidários; mas que nos importa! nosso dever é tomarem mãos a causa da doutrina e não seus interesses; esse dever, nós o cumpriremos com perseverança e firmeza até o fim.

Não era uma pequena coisa senão de lutar contra a invasão do charlatanismo, num século como este, sobretudo de um charlatanismo secundário, frequentemente suscitado pelos mais implacáveis inimigos do Espiritismo; porque, depois de ter fracassado pelos argumentos, compreenderam que o que poderia lhe ser o mais fatal, era o ridículo; por isto, o meio mais seguro era fazê-lo explorar pelo charlatanismo, a fim de desacreditá-lo na opinião.

Todos os espíritas sinceros compreenderam o perigo que assinalamos, e nos secundaram em nossos esforços, reagindo de seu lado contra as tendências que ameaçavam se desenvolver. Não são alguns fatos de manifestações, em os supondo reais, dados em espetáculo, como isca à minoria que fazem ao Espiritismo os verdadeiros prosélitos, porque, em tais condições, autorizam a suspeição. Os próprios incrédulos são os primeiros a dizer que se os Espíritos se comunicam verdadeiramente, isso não pode ser para servir de comparsas a tanto por sessão; eis porque disso se riem; acham ridículo que a essas cenas se misturem nomes respeitáveis, e têm cem vezes razão. Por uma pessoa que seria levada ao

Espiritismo por esse caminho, sempre em supondo um fato real, haveria cem que dele se desviariam sem mais querer ouvir dele falar. A impressão é diferente nos meios onde nada de equivocado pode fazer suspeitar da sinceridade, da boa fé e do desinteresse, onde a honradez notória das pessoas impõe o respeito. Se dali não se sai convencido, pelo menos não se leva a ideia de um malabarismo.

O Espiritismo, portanto, nada tem a ganhar, e não teria senão a perder, apoiando-se sobre a exploração, ao passo que seriam os exploradores que se beneficiariam de seu crédito. Seu futuro não está na crença de um indivíduo, a tal ou tal fato de manifestação; está inteiramente no ascendente que tomará pela sua moralidade; foi por aí que ele triunfou, e será por aí que triunfará ainda das manobras de seus adversários. Sua força está em seu caráter moral, e é o que não se poderá lhe tirar.

O Espiritismo entra numa fase solene, mas onde terá ainda grande lutas a sustentar; é preciso, pois, que ele seja forte por si mesmo, e, para ser forte, é preciso que seja respeitável. Cabe aos seus adeptos devotados fazê-lo respeitar, primeiro empregando eles mesmos por palavras e por exemplo, e, em seguida, em desaprovando, em nome da doutrina, tudo o que poderia prejudicá-la à consideração da qual deve estar cercada. É assim que poderá desafiar as intrigas, a zombaria e o ridículo.

(p. 40-44).

Revista Espírita de março 1869.

Conferência sobre o Espiritismo

Sob o título de: O *Espiritismo perante a ciência,* uma conferência pública, pelo Sr. Chevillard, havia sido anunciada na sala do bulevar dos Capucines, para 30 de janeiro último. Em que sentido o orador deveria falar? É o que todo o mundo o ignorava.

O anúncio parecia prometer uma discussão *ex-profesSo* de todas as partes da questão. No entanto, o orador fez completamente abstração da parte mais essencial, a que constitui, propriamente falando, o Espiritismo: a parte filosófica e moral, sem a qual, seguramente, o Espiritismo não estaria hoje implantado em todas as partes do mundo, e não contaria seus adeptos por milhões. Desde 1855, já se deixaram das mesas girantes; certamente, se lá se tivesse se limitado o Espiritismo, há muito tempo dele não se falaria mais; sua rápida transformação data do momento em que se viu dele sair alguma coisa de sério e de útil, onde nele se viu um objetivo humanitário.

O orador, portanto, limitou-se ao exame de alguns fenômenos materiais; porque nem mesmo falou dos fenômenos espontâneos tão numerosos, que se produzem fora de toda crença espírita; ora, anunciar que vai tratar uma questão tão vasta, tão complexa em suas aplicações e em suas consequências, e deter-se em alguns pontos da superfície, é absolutamente como se, sob o nome de Curso de

literatura, um professor se limitasse a explicar o alfabeto.

Talvez o Sr. Chevillard, dissesse a si mesmo: "Porque falar da doutrina filosófica! Desde que essa doutrina se apoia sobre a intervenção dos Espíritos, quando eu tiver provado que esta intervenção não existe, todo o resto desmoronará." Quantos, antes do Sr. Chevillard, gabaram-se de ter dado o último golpe no Espiritismo, sem falar do inventor do famoso músculo estalante, o doutor Jobert (de Lamballe), que enviou sem piedade todos os espíritas ao manicômio, e que, dois anos mais tarde, ele mesmo morria numa casa de alienados! No entanto, apesar de todos esses fanfarrões, ferindo de espada e de faca, que parecem não ter senão que falar para reduzi-lo a pó, o Espiritismo viveu, cresceu, e ele vive sempre, mais forte, mais vivaz do que nunca! Está ai um fato que tem bem seu valor. Quando uma ideia resiste a tantos ataques, é que ela tem alguma coisa.

Não se viram outrora os sábios se esforçarem para demonstrar que o movimento da Terra era impossível? E, sem remontar tão ao longe, este século não nos mostrou uma corporação ilustre declarar que a aplicação do vapor à navegação era uma quimera? Um livro curioso a ser feito seria a coletânea dos erros oficiais da ciência. Isto é simplesmente para chegar à conclusão de que: quando uma coisa é verdadeira, ela caminha apesar da opinião contrária dos sábios; ora, se o Espiritismo caminhou apesar de todos os argumentos que lhe opuseram a alta e a baixa ciência, é uma presunção em seu favor.

O Sr. Jobert (de Lamballe) tratou sem cerimônia todos os espíritas de charlatães e de escroques; é preciso prestar essa justiça ao Sr. Chevillard, que não lhe censura senão por se enganar sobre a causa. De resto, os epítetos malsãos, além de que nada provam, acusam sempre uma falta de saber viver, e teriam estado muito deslocados diante de um auditório onde deveriam necessariamente se encontrar muitos espíritas. A cátedra evangélica é menos escrupulosa; aqui se disse isto muitas vezes: "Fugi dos Espíritas como da peste, e persegui-os"; o que prova que o Espiritismo é alguma coisa, uma vez que dele se tem medo, porque não se disparam tiros de canhão contra moscas.

O Sr. Chevillard não nega os fatos, ao contrário; ele os admite, porque os constatou; somente os explica à sua maneira. Traz pelo menos algum argumento novo em apoio de sua tese? Pode-se julgar.

"Cada homem, diz ele, possui uma quantidade mais ou menos grande de eletricidade animal, que constitui o fluido nervoso. Esse fluido se liberta sob o império da vontade, do desejo de fazer mover uma mesa; ele penetra a mesa, e a mesa se move; as pancadas na mesa não são outra coisa senão descargas elétricas provocadas pela concentração do pensamento". Escrita mecânica: a mesma explicação.

Mas como explicar as pancadas nas paredes, sem a participação da vontade, entre pessoas que não sabem o que é o Espiritismo, ou que nele não creem? Superabundância de eletricidade que se libera dela mesma e produz as descargas.

E as comunicações inteligentes? Reflexo do pensamento do médium. – E quando o médium obtém, pela tiptologia ou escrita, coisas que ele ignora? Sabe-se sempre alguma coisa, e se não está no pensamento do médium, pode estar no dos outros.

E quando um médium escreve, inconscientemente, coisas que lhes são pessoalmente desagradáveis, é o seu próprio pensamento? Desse fato, não mais do que muitos outros, não faz questão. No entanto, uma teoria não pode ser verdadeira senão com a condição de resolver todas as fases de um problema; se um único fato escapa à explicação, é que ela é falsa ou incompleta; ora, de quantos fatos esta está impossibilitada em dar a solução! Seríamos muito desejosos de saber como o Sr. Chevillard explicaria, por exemplo, os fatos reportados acima, concernentes à senhorita Chilly, o aparecimento do jovem Édouard Samuel, todos os incidentes do que se passou na ilha Maurice; como ele explicaria, pelo desprendimento da eletricidade a escrita nas pessoas que não sabem escrever; pelo reflexo do pensamento; o fato dessa doméstica que escreveu, diante de toda uma sociedade: "Eu roubo a minha patroa?".

Em resumo, o Sr. Chevillard reconhece a existência dos fenômenos, o que é alguma coisa, mas nega a intervenção dos Espíritos. Quanto à sua teoria, ela não oferece absolutamente nada de novo; é a repetição do que foi dito, há quinze anos, sob todas as formas, sem que a ideia tenha prevalecido. Será mais feliz do que seus

predecessores? é o que o futuro provará.

É verdadeiramente curioso ver os expedientes aos quais recorrem aqueles que querem tudo explicar sem os Espíritos! Em lugar de ir direto ao que se apresenta diante deles na forma mais simples, vão procurar causas tão desordenadas, tão complicadas, que não são inteligíveis senão para eles. Deveriam dizer ao menos, para completar sua teoria, o que, na sua opinião, se tornam os Espíritos dos homens depois da morte, porque isto interessa a todo o mundo, e provar como esses Espíritos não podem se manifestar aos vivos; é o que ninguém ainda fez, ao passo que o Espiritismo prova como eles podem fazê-lo.

Mas tudo isso é necessário; é preciso que todos esses sistemas se esgotem e mostrem sua incapacidade. De resto, a um fato notório, é que toda essa ressonância dada ao Espiritismo, todas as circunstâncias que o colocaram em evidência, sempre lhe foram proveitosas; e, o que é digno de nota, é que quanto mais os ataques foram violentos, mais ele progrediu. É que não é preciso, a todas as grandes ideias, o batismo da perseguição, não fosse senão o da zombaria? E, por que ele não sofreu? A razão é muito simples: foi porque, fazendo-o dizer o contrário do que ele diz, o apresentam diferente do que é, corcunda quando é direito, e não pode senão ganhar a um exame sério e consciencioso, e que aqueles que quiseram atingi-lo, sempre atingiram ao lado da verdade. (Ver a *Revista* de fevereiro de 1869, página 40: *Poder do ridículo*).

Ora, quanto mais as cores sob as quais o apresentam são negras, mais se excita a curiosidade. O partido que lutou para dizer que era o diabo, lhe fez muito bem, porque, entre aqueles que não tiveram ainda a ocasião de ver o diabo, a muitos foi bem cômodo saber como ele é feito, e não o encontraram tão negro quanto se havia dito. Dizei que há, numa praça de Paris, um monstro horrendo, que vai empestar toda a cidade, e todo o mundo correrá para vê-lo. Não se viram autores fazer colocar nos jornais crítica de suas próprias obras, unicamente para delas poder falar? Tal foi o resultado das diatribes coléricas contra o Espiritismo; elas provocaram o desejo de conhecê-lo, e mais o serviram do que o prejudicaram.

Falar do Espiritismo, não importa em que sentido, é fazer da propaganda em seu proveito; a experiência aí está para prová-lo. Deste ponto de vista, é preciso se felicitar da conferência do Sr. Chevillard; mas, apressemo-nos em dizê-lo em louvor do orador, ele encerrou-se numa polêmica honesta, leal e de bom gosto. Emitiu a sua opinião: é seu direito, embora ela não seja a nossa, não temos do que disso nos lamentar. Mais tarde, sem nenhuma dúvida, quando o momento oportuno chegar, o Espiritismo terá também os seus oradores simpáticos; somente nós lhe recomendaremos para não caírem na má direção dos adversários; quer dizer, estudar a fundo a questão, a fim de não falar senão com perfeito conhecimento de causa.

(p. 83-87).

Revista Espírita de abril 1869

As conferências do Sr. Chevillard

Apreciadas pelo jornal Paris

(Ver a *Revista Espírita* de março de 1869, página 83)

Leu-se no jornal *Paris,* de 7 de março de 1869, a propósito das conferências do Sr. Chevillard, sobre o Espiritismo:

"Lembram-se que ruído fez, há alguns anos, no mundo, o fenômeno das mesas girantes.

"Não havia família que não possuísse sua mesinha *animada,* não havia círculo que não houvesse seus *Espíritos familiares;* gastava-se o dia para fazer a mesa girar, como se encontra hoje para uma *dança de pulos* um instante a curiosidade pública (reavivada pelo clero assustando as almas tímidas pelo espectro *abominável* de Satã), não conheceu mais limites, e as mesas estalavam, batiam, dançavam, do subsolo à água-furtada, com uma obediência das mais meritórias.

"Pouco a pouco a febre caiu, o silêncio se fez, a moda encontra outros *divertimentos,* quem sabe? Os *quadros vivos,* sem dúvida.

"Mas em se afastando, a multidão deixa imóvel alguns teimosos, ligados apesar de tudo a essas manifestações singulares. Insensivelmente uma espécie de laço misterioso se estendia correndo de um ao outro. Os isolados da véspera

se contavam no dia seguinte; logo uma vasta associação não fazia mais, desses grupos esparsos, senão uma única família caminhando, sob a divisa de uma crença comum, à procura da verdade pelo Espiritismo.

"A esta hora, parece, o exército conta bastantes soldados aguerridos para que se façam as honras do combate; e o Sr. Chevillard, depois de ter apresentado a *solução* DEFINITIVA *do problema espírita,* não hesitou em prosseguir seu assunto numa nova conferência: *As ilusões do Espiritismo.*

"De outra parte, o Sr. Desjardin, depois de ter falado dos inovadores em medicina, ameaçou de chocar proximamente as teorias espíritas. Os crentes replicarão sem dúvida, – os Espíritos não poderiam encontrar uma melhor ocasião de se afirmar. – É, pois, um sonho, uma luta que se empenha.

"Hoje os espíritas são mais numerosos na Europa do que se supõe. São contados por milhões, sem falar daqueles que creem e *não se gabam disto.* O exército recruta todos os dias novos adeptos. O que de espantoso? Não são cada vez mais numerosos aqueles que choram e pedem as comunicações de um mundo melhor, a esperança do futuro?

"As discussões sobre este assunto parece dever ser séria. Não é sem interesse tomar algumas notas desde o primeiro dia.

"O Sr. Chevillard é generoso, ele não nega os fatos; –

afirma a boa fé dos médiuns com os quais se pôs em relação; não sente nenhum embaraço em declarar que *ele mesmo* produziu os fenômenos dos quais fala. Os espíritas, eu aposto, não se encontraram jamais em semelhante festa, e não deixarão de tirar partido de tais concessões, – se puderem opor, ao Sr. Chevillard, outra coisa além da sinceridade de sua convicção.

"Não nos cabe responder, mas simplesmente separar desse conjunto de fatos algumas das leis magnéticas que compõem a teoria do conferencista. "As vibrações da mesa, disse ele, são produzidas pelo pensamento interno voluntário do médium, ajudado pelo desejo dos assistentes crédulos, sempre numerosos." Assim se acha formalmente indicado o fluido nervoso ou vital, com o qual o Sr. Chevillard estabeleceu a solução DEFINITIVA do problema espírita. "Todo fato espírita, acrescentou mais longe, é uma sucessão de movimentos produzidos sobre um objeto inanimado por um magnetismo inconsciente".

"Enfim, resumindo todo o seu sistema numa fórmula abstrata, ele afirma que "a ideia da ação voluntária mecânica se transmite, pelo fluido nervoso, do cérebro até o objeto inanimado, que executa a ação em qualidade de órgão ligada pelo fluido ao ser que deseja, seja a ligação por contato ou à distância; mas o ser não tem a percepção de seu ato, porque ele não o executa por um esforço muscular".

"Esses três exemplos bastam para indicar uma teoria, que aliás não temos a discutir, e sobre a qual talvez

retornaremos mais tarde; mas, lembrando de uma lição do Sr. E. Caro, da Sorbonne, de bom grado censuraríamos ao Sr. Chevillard o próprio título de sua conferência. Ele perguntou, de início, se nessas questões que escapam ao controle, à prova matemática, -que não se pode julgar senão por deduções, – a procura das causas primeiras não é incompatível com a ciência?

"O Espiritismo deixa uma porta muito larga à liberdade de raciocínio para poder realçar a ciência propriamente dita. Os fatos que se constatam, maravilhosos sem dúvida, mas sempre idênticos, escapam a todo controle, e a convicção não pode nascer senão da multiplicidade das observações.

"A causa, o que quer que dela digam os iniciados, permanece um mistério para o homem que, friamente, pesa esses fenômenos estranhos, e os crentes neles estão reduzidos a fazer votos para que, cedo ou tarde, uma circunstância fortuita rasgue esse véu que esconde aos nossos olhos os grandes problemas da vida, e nos mostre radioso o deus desconhecido.

"PAGÊS DE NOYEZ."

Demos a nossa apreciação sobre a importância das conferências do Sr. Chevillard em nosso número precedente, e seria supérfluo refutar uma teoria que, como o dissemos, nada tem de novo, o que quer que dela pense o autor. Que ele tenha seu sistema sobre a causa das manifestações, é seu direito; que o creia justo, é muito natural; mas que tenha a

pretensão de dar só a ele a solução *definitiva* do problema, é dizer que só a ele foi dada a última palavra dos segredos da Natureza, e que além dele, nada mais há a ver, nem nada a descobrir. Qual foi o sábio que jamais pronunciou o *nec pius ultra* nas ciências? Há coisas que se podem pensar, mas que não se tem sempre o direito de dizer muito alto.

De resto, não vimos nenhum espírita se inquietar com a pretensa descoberta do Sr. Chevillard; todos, ao contrário, fazem votos para que prossiga a sua aplicação até seus últimos limites, sem omitir nenhum dos fenômenos que se lhe poderiam opor; sobretudo, gostaríamos de vê-lo resolver *definitivamente* estas duas questões:

Em que se tornam os Espíritos dos homens depois da morte?

Em virtude de qual lei esses mesmos Espíritos, que agitam a matéria durante a vida no corpo, não *podem mais* agitá-la depois da morte e se manifestarem aos vivos?

Se o Sr. Chevillard admite que o Espírito é distinto da matéria, e que este Espírito sobrevive ao corpo, ele deve admitir que o corpo é o instrumento do Espírito nos diferentes atos da vida; que obedece à vontade do Espírito. Uma vez que ele admite que, pela transmissão do fluido elétrico, as mesas, lápis e outros objetos se tornam apêndices do corpo e obedecem assim ao pensamento do Espírito encarnado, por que, por uma corrente elétrica análoga, não poderia obedecer ao pensamento de um Espírito desencarnado?

Entre aqueles que admitem a realidade dos fenômenos, quatro hipóteses foram emitidas sobre sua causa, a saber: 1° A ação exclusiva do fluido nervoso, elétrico, magnético ou qualquer outro; 2° O reflexo do pensamento dos médiuns e dos assistentes, nas manifestações inteligentes; 3° A intervenção dos demônios; 4° A continuidade das relações dos Espíritos humanos, desligados da matéria, com o mundo corpóreo.

Essas quatro proposições, desde a origem do Espiritismo, foram preconizadas e discutidas sob todas as formas, em numerosos escritos, por homens de um valor incontestável. A luz da discussão, portanto, não faltou. Como ocorre que, desses diversos sistemas, o dos Espíritos encontrou mais simpatias; que só ele haja prevalecido, e seja hoje o único admitido pela imensa maioria dos observadores em todos os países do mundo; que todos os argumentos de seus adversários, depois de quinze anos, não tenham podido dele triunfar, se são a expressão da verdade?

É ainda uma interessante questão a resolver.

(p. 108-111).

Obras Póstumas

Curta resposta aos detratores do Espiritismo

O direito de exame e de crítica é um direito imprescritível, ao qual o Espiritismo não tem a pretensão de se subtrair, como não tem a de satisfazer todo o mundo.

Cada um, pois, está livre para aprová-lo ou rejeitá-lo; mas ainda seria necessário discuti-lo com conhecimento de causa; ora, a crítica não tem senão, muito frequentemente, provado a sua ignorância de seus princípios mais elementares, fazendo-lhe dizer precisamente ao contrário do que ele diz, atribuindo-lhe o que nega, confundindo-o com as imitações grosseiras e burlescas do charlatanismo, dando, enfim, como a regra de todos, as excentricidades de alguns indivíduos. Muito frequentemente, também, a malevolência quis torná-lo responsável por atos repreensíveis ou ridículos, onde seu nome foi misturado incidentemente, e disso faz uma arma contra ele.

Antes de imputar a uma doutrina a incitação a um ato repreensível qualquer, a razão e a equidade querem que se examine se essa doutrina contém as máximas próprias para justificarem esse ato.

Para conhecer a parte de responsabilidade que incumbe ao Espiritismo numa dada circunstância, há um meio muito simples, que é o de inquirir *de boa fé*, não entre os adversários, mas na própria fonte, o que ele aprova e o que ele condena. A coisa é tanto mais fácil que nada tem de secreto; seus ensinos são públicos, e cada um pode controlá–los.

Se, pois, os livros da Doutrina Espírita condenam de maneira explícita e formal um ato justamente reprovado; se não encerram, ao contrário, senão instruções de natureza a levar ao bem, é que o indivíduo culpado da má ação nele não

hauriu suas inspirações, tivesse mesmo esses livros em seu poder.

O Espiritismo não é mais solidário com aqueles que se comprazem em dizer-se espíritas, do que a medicina não o é com os charlatães que a exploram, nem a sã religião com os abusos, ou mesmo crimes, cometidos em seu nome. Não reconhece por seus adeptos senão aqueles que colocam em prática os seus ensinos, quer dizer, que trabalham para o seu próprio adiantamento moral, esforçando-se por vencer as suas más inclinações, serem menos egoístas e menos orgulhosos, mais dóceis, mais humildes, mais pacientes, mais benevolentes, mais caridosos para com o próximo, mais moderados em todas as coisas, porque são os sinais característicos do verdadeiro espírita.

O objeto desta curta notícia não é o de refutar todas as falsas alegações dirigidas contra o Espiritismo, nem de desenvolvê-lo ou provar-lhe todos os princípios, e ainda menos procurar converter, às suas ideias, aqueles que professam opiniões contrárias, mas de dizer, em algumas palavras, o que é e o que não é, o que admite e o que reprova.

Suas crenças, suas tendências e seu objetivo se resumem nas proposições seguintes:

1º *O elemento espiritual* e *o elemento material* são os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza se completando uma pela outra, e reagindo incessantemente

uma sobre a outra, ambas indispensáveis ao funcionamento do mecanismo do Universo.

Da ação recíproca desses dois princípios nascem fenômenos que, cada um deles, isoladamente é incapaz de se explicar.

A ciência, propriamente dita, tem por missão especial o estudo das leis da matéria.

O Espiritismo tem por objeto o estudo do *elemento espiritual* em suas relações com o elemento material, e encontra, na união desses dois princípios, a razão de uma multidão de fatos até então inexplicados.

O Espiritismo caminha de acordo com a ciência no terreno da matéria: admite todas as verdades que ela constata; mas onde se detêm as investigações desta, prossegue as suas no terreno da espiritualidade.

2º Sendo o elemento espiritual um estado ativo da Natureza, os fenômenos que se ligam a ele estão submetido a leis, e, por isso mesmo, tão naturais quanto aqueles que têm sua fonte na matéria neutra.

Certos fenômenos foram reputados *sobrenaturais* pela ignorância das leis que os regem. Em consequência desse princípio, o Espiritismo não admite o caráter maravilhoso atribuído a certos fatos, de tudo constatando a realidade ou a possibilidade. Para ele não há *milagre*, enquanto derrogação das leis naturais; de onde se segue que os espíritas não fazem, milagres, e que a qualificação de taumaturgos, que

alguns lhe dão, é imprópria.

O conhecimento das leis que regem o princípio espiritual, se liga, de maneira direta, à questão do passado e do futuro do homem. Sua vida é limitada à existência atual? Entrando neste mundo, saiu do nada, e em que se torna deixando-o? Já viveu e viverá ainda? *Como viverá e em que condições?* Em uma palavra, de onde vem e para onde vai? Por que está sobre a Terra e por que nela sofre? Tais são as perguntas que cada um se coloca, porque são para todos de um interesse capital, e que nenhuma doutrina não lhe deu ainda solução racional. A que o Espiritismo lhe dá, se apoia sobre fatos, satisfazendo às exigências da lógica e da justiça mais rigorosa, é uma das principais causas da rapidez de sua propagação.

O Espiritismo não é nem uma concepção pessoal, nem o resultado de um sistema preconcebido. É a resultante de milhares de observações feitas em todos os pontos do globo, e que convergiram para o centro que as coligiu e coordenou. Todos esses princípios constituintes, sem exceção, são deduzidos da experiência. A experiência sempre precedeu a teoria.

O Espiritismo encontrou, assim, desde o início, raízes por toda a parte; a história não oferece nenhum exemplo de uma doutrina filosófica ou religiosa que haja, em dez anos, reunido um tão grande número de adeptos; entretanto não empregou, para se fazer conhecer, nenhum dos meios vulgarmente em uso; propaga-se por si mesmo, pelas

simpatias que encontrou.

Um fato não menos constante é que, em nenhum país, a Doutrina não nasceu na camada baixa da sociedade; por toda a parte, ela se propagou de alto a baixo da escala social; é nas classes esclarecidas que está ainda quase exclusivamente difundida, e as pessoas iletradas nela estão em ínfima minoria.

Está ainda averiguado que a propagação do Espiritismo seguiu, desde a origem, uma marcha constantemente ascendente, apesar de tudo o que se fez para entravá-la e desnaturar-lhe o caráter, tendo em vista desacreditá-lo na opinião pública. Há mesmo a se anotar que, tudo o que se fez com esse objetivo, favoreceu-lhe a difusão; o ruído que se fez a seu propósito levou-o ao conhecimento de pessoas que dele jamais ouviram falar; quanto mais o difamaram ou ridicularizaram, mais as invectivas foram violentas, mais estimulou a curiosidade; e como não pode senão ganhar ao exame, disso resultou que os seus adversários dele se fizeram, sem o querer, os ardentes propagadores; se as diatribes não lhe trouxeram nenhum prejuízo, foi porque estudando-o em sua fonte verdadeira, o encontraram diferente do que havia sido representado.

Nas lutas que teve de sustentar, as pessoas imparciais se deram conta de sua moderação; jamais usou de represálias contra os seus adversários, nem restituiu injúria por injúria.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica que tem consequências religiosas, como toda doutrina espiritualista; por isso mesmo toca forçosamente às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura; mas não é, uma religião constituída, tendo em vista que não tem nem culto, nem rito, nem templo, e que, entre os seus adeptos, nenhum tomou ou recebeu o título de sacerdote ou de sumo-sacerdote. Essas qualificações são pura invenção da crítica.

É-se espírita somente porque se simpatiza com os princípios da doutrina, e que com ela se conforma a sua conduta. É uma opinião como uma outra, que cada um deve ter o direito de professar, como se tem o de ser judeu, católico, protestante, fourierista, sansimonista, voltairiano, cartesiano, deísta e mesmo materialista.

O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como um direito natural: reclama-a para os seus, como para todo o mundo. Respeita todas as convicções sinceras, e pede para si a reciprocidade.

Da liberdade de consciência decorre o direito de *livre exame* em matéria de fé. O Espiritismo combate o princípio da fé cega, como impondo ao homem a abdicação de seu próprio julgamento; diz que toda fé imposta é sem fundamento. Por isso inscreveu, entre as suas máximas: "Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade."

Consequente com os seus princípios, o Espiritismo não

se impõe a ninguém; quer ser aceito livremente e por convicção. Expõe suas doutrinas e recebe aqueles que vêm a ele voluntariamente.

Não procura desviar ninguém de suas convicções religiosas; não se dirige àqueles que têm uma fé, e a quem essa fé basta, mas àqueles que, não estando satisfeitos com aquilo que se lhe deu, procuram alguma coisa melhor.

(p. 249-254).

Conclusão

Esperamos que esse trabalho possa despertar nos espíritas que o leram um sentimento de solidariedade para com Kardec, e com isso passe a defender a Doutrina Espírita dos insanos ataques dos detratores. Nada mais a acrescentar, por ser completamente desnecessário e até mesmo por ser uma afronta a sua inteligência, caro leitor.

Referências bibliográficas

KARDEC, A. Revista Espírita 1858, vol. I, Araras, SP: IDE, 2001.
KARDEC, A. Revista Espírita 1859, vol. II, Araras, SP: IDE, 1993.
KARDEC, A. Revista Espírita 1860, vol. III, Araras, SP: IDE, 2000.
KARDEC, A. Revista Espírita 1861, vol. IV, Araras, SP: IDE, 1993.
KARDEC, A. Revista Espírita 1862, vol. V, Araras, SP: IDE, 1993.
KARDEC, A. Revista Espírita 1863, vol. VI, Araras, SP: IDE, 2000.
KARDEC, A. Revista Espírita 1864, vol. VII, Araras, SP: IDE, 1993.
KARDEC, A. Revista Espírita 1865, vol. VIII, Araras, SP: IDE, 2000.
KARDEC, A. Revista Espírita 1866, vol. IX, Araras, SP: IDE, 1993.
KARDEC, A. Revista Espírita 1867, vol. X, Araras, SP: IDE, 1999.
KARDEC, A. Revista Espírita 1868, vol. XI, Araras, SP: IDE, 1993.
KARDEC, A. Revista Espírita 1869, vol. XII, Araras, SP: IDE, 2001.
KARDEC, A. Obras Póstumas, Araras, SP: IDE, 1993.
KARDEC, A. Viagem Espírita 1862. Matão, SP: O Clarim, 2000d.

Paulo da Silva Neto Sobrinho, é natural de Guanhães, MG.

Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG).

Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais.

Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em alguns sites Espíritas na Internet, entre eles:

- O Portal do Espírito: www.portalespirito.com/
- Grupo de Apologética Espírita: www.apologiaespirita.org
- Panorama Espírita: www.panoramaespirita.com.br

Autor dos livros: *A Bíblia à Moda da Casa, Alma dos animais: estágio anterior da alma humana? Espiritismo, princípios, práticas e provas* e *Os Espíritos comunicam-se na Igreja Católica*.

Belo Horizonte, MG

www.paulosnetos.net

e-mail: paulosneto@gmail.com

Tel: (31) 3296-8716